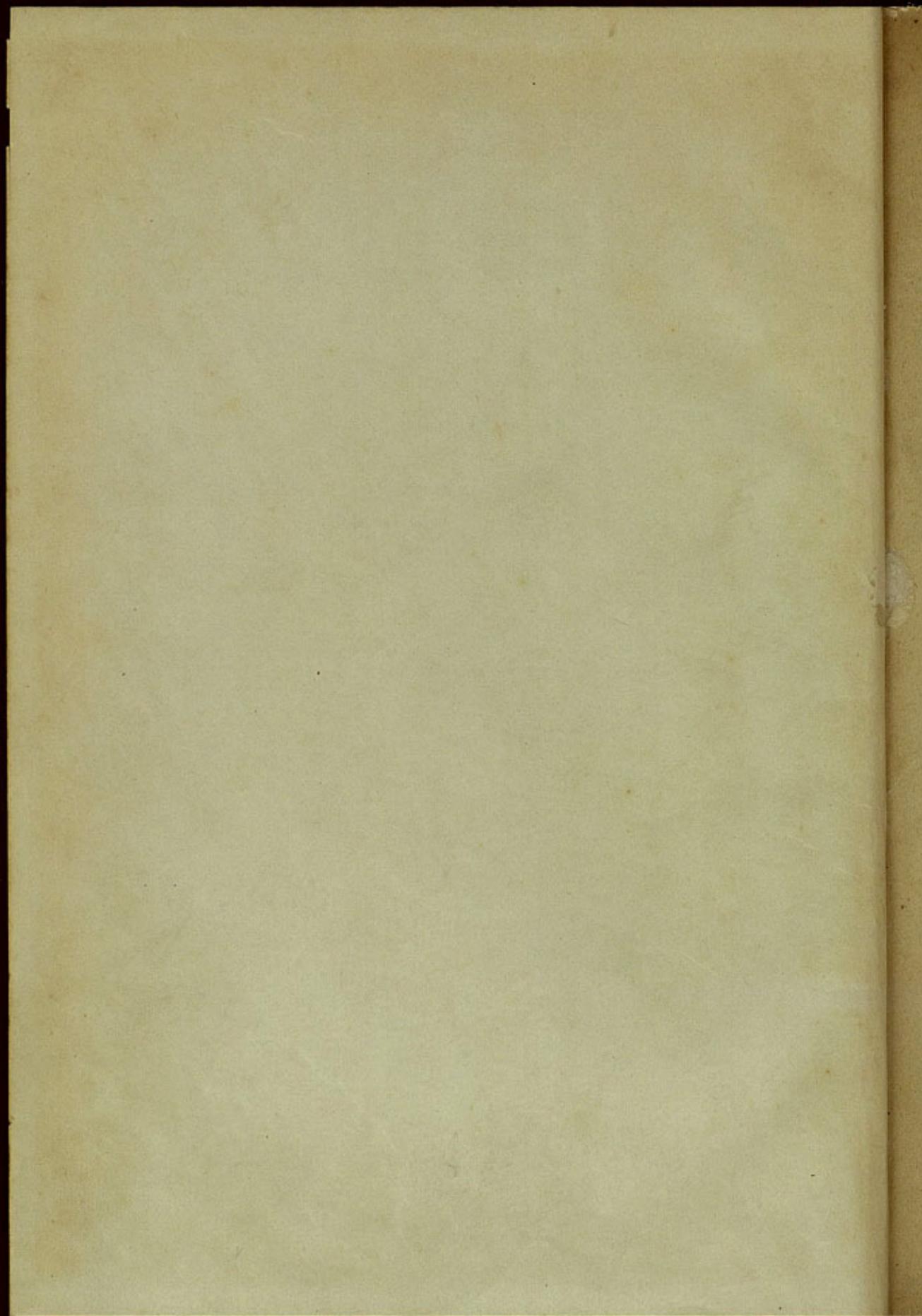


RP

8

12



ARTE & VIDA

REVISTA D'ARTE, CRITICA E SCIENCIA

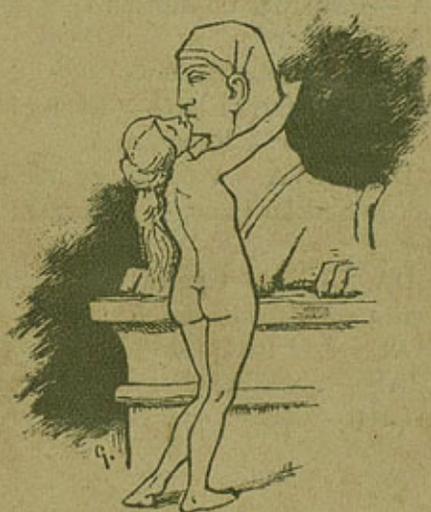
L'art c'est toute la vie.

JULES L. SPORGUE.

DIRECTORES :

MANOEL DE SOUSA PINTO

JOÃO DE BARROS



N.º 1

NOVEMBRO — 1904



8648 - c

ADMINISTRADOR — J. MOURA MARQUES

Livraria Academica, Editora — R. Ferreira Borges, Coimbra

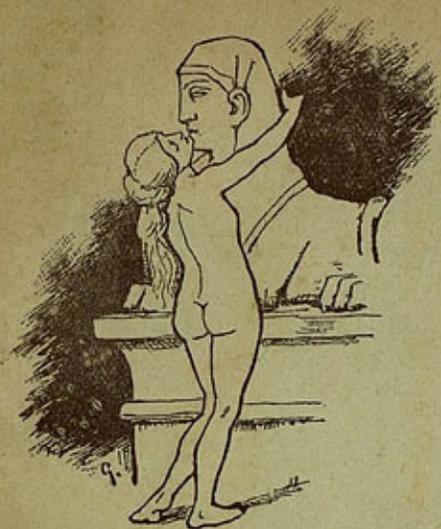
1904

LIVROS RECENTES:

- OLAVO BILAC — Critica e Fantasia
COELHO DE CARVALHO — Casamento de conveniencia
ROMUALDO FIGUEIREDO — Alguma coisa sobre o theatro portuguez
ANTONIO D'ALBUQUERQUE — Maria Telles
GUILHERME ENNES — Os amigos das creanças
MARIO MONTEIRO — Aldeia em festa
FORJAZ DE SAMPAIO — Ao cahir da folha
CESAR DO INSO — Guerra á guerra
WENCESLAU DE MORAES — Cartas do Japão
COELHO NETTO — A bico de penna
JAYME DE MAGALHÃES LIMA — Via Redemptora
SOFIA DA SILVA — Motête a duas vozes
JOÃO D'ANDRADE — Avós illustres
NUNES DA ROSA — Pastoraes do Mosteiro
ANTONIO VALENTE — Dôr
JOÃO DE BARROS — Caminho do amôr
EMYGDIO DE BRITO MONTEIRO — Evolução da arte christã desde os tempos primitivos á Renascença
ANTONIO JOSÉ DA SILVA — Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança — *prefaciada e revista por Mendes dos Remedios*
ANTONIO JOSÉ DA SILVA — Guerras do Alecrim e Mangerona — *prefaciada e revista por Mendes dos Remedios*
DELFIN GUMARAES — O Rosquêdo
MARIANO GRACIAS — Saudades de Portugal
LADISLAU BATALHA — O Japão por dentro — *prefaciado por Theophilo Braga*

TRADUCCÕES:

- LEÃO TOLSTOI — A Adolescencia — *trad. de Joaquim Leitão*
FRANÇOIS COPPÉE — O Pater — *trad. de Margarida de Sequeira*
HERBERT SPENCER — Da liberdade á escravidão — *trad. prefaciada por Julio de Mattos*
ESTAUNIER — O vinco jesuitico — *trad. de Anthero de Seabra*
FELICIEN CHAMPSAUR — A orgia latina — *trad. de Carlos Elias Rodrigues dos Santos*
NAVERY — Luta suprema — *trad. livre de Carrasco Guerra*
MAXIMO GORKY — Os vagabundos.



N.º 1

NOVEMBRO — 1904



ARTE & VIDA

SUMMARIO

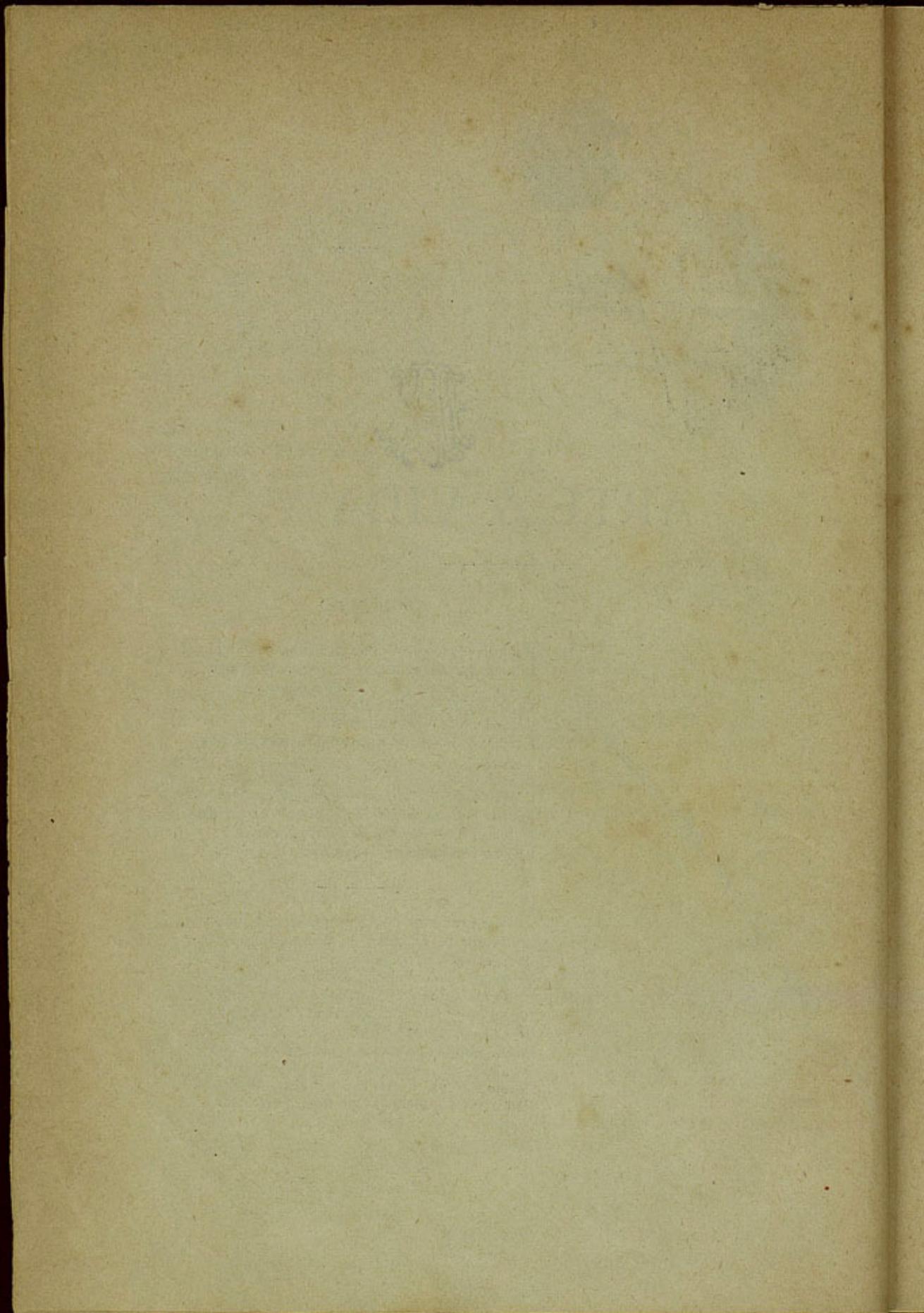
- Rosa Damasceno — *Teixeira de Carvalho*.
Industrias portuguezas — *Manoel Monteiro*.
Notas da decadencia — *Padre Manso*.
Carta lyrica — *Silvio Rebello*.
Cidade nova — *Fernando Reis*.
Cartas ao Bispo de Roma — *Thomaz da Fonseca*.
A architectura d'hoje — *Alvaro de Castro*.
Carta a João de Barros — *João de Deus Ramos*.
Factos — *João de Barros e Alvaro de Castro*.
Kalendarío — *Manoel de Souza Pinto*.
Livros — *Manoel de Sousa Pinto e J. de B.*

Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Nunes Claro, Thomaz da Fonseca, João Prezado, Silvio Rebello, Carlos Amaro, etc.

Prosa de Mayer Garção, Manuel da Silva Gayo, Fernando Reis, Annibal Soares, Alvaro de Castro, Campos Lima, Manoel de Souza Pinto, Manoel Monteiro, Teixeira de Carvalho, João de Barros, Gomes da Silva, Luiz da Camara Reys, Fernando de Utra Machado, Padre Manso, Manoel Laranjeira, etc., etc.

Manoel de Souza Pinto





ARTE & VIDA

REVISTA D'ARTE, CRITICA E SCIENCIA

L'art c'est toute la vie.

JULFS LAFORGUE.

Ao restricto publico que, em Portugal, se interessa por coisas litterarias e artisticas vimos annunciar o apparecimento de uma nova revista mensal *Arte & Vida*, que incluê na sub-rubrica — *arte, critica e sciencia*.

Não seguiremos a velha norma de annunciar secções nem collaboradores; não lavraremos pomposamente o programma habitual. Considerámos d'uma provadissima inutilidade, compromettedora e enervante, o alarde costumado d'um programma em arte.

Essas considerações preliminares e essas promettedoras phrases, com que se encharca sempre a pagina inicial d'uma qualquer revista, parecem propositadamente forjadas para darem o resultado triste de desdizer, a breve trecho, o promettido e o realizado.

Como todo o projecto, esses que se estampam á guisa de prologo teem na deslumbrante teia o fio doirado e tenue da phantasia que brilha, mas que nunca resiste ao uso continuado. Chega-se por isso facilmente ao deshonesto final de trahir publicamente a palavra dada. A intenção é boa; a obra, ás vezes, é pessima. Querendo conseguir-se que a obra e o plano sigam de mãos dadas a mesma rota, cahe-se no abuso litterariamente incorrecto d'esse acerto geometrico de duas linhas parallelas, talvez muito rectas ambas, inimisando-se mutuamente ao longo da sua jornada inconciliavel até ao infinito. É que todo o programma, devendo ser uma synthese conscienciosa, arrisca-se a falhar quando os materiaes para essa construcção são ainda ineditos e futuros.

Por tudo isto, nós limitamo-nos a dizer, como prefacio, que esta revista se esforçará por ir construindo em cada numero o seu verdadeiro programma. E se ao traçarmos estas linhas preferissemos indicar

uma orientação — diríamos que o nosso mensario honestamente se abriga sob esse vasto e intrahível lemma, que triumphá e brilha como o maior elemento vital das consciencias e das boas obras: *a verdade*.

*

Apenas temos a acrescentar que nos disvellaremos em fazer justiça, que fallaremos a linguagem clara dos sinceros, que mantemos no convívio das mesmas paginas a mais completa liberdade d'opinião e que, dentro da polemica elevada, permittiremos o combate aos proprios irmãos d'armas. Renegamos absolutamente o anonymato e o pseudonymo. Offerecemos desde já a nossa publicação a todos aquelles que luctam obscuramente e ignoradamente trabalham sem que tenham uma columna exigua onde estampar os escriptos.

Emfim, sem odios nem expedientes, com convicções e responsabilidade, desassombradamente apreciaremos e diremos o que entendermos sem respeito a idolos nem insultos a pessoas. Os nomes que discutirmos serão apenas para nós os auctores, nunca os homens.

*

Trabalhando pela *Arte* tentaremos tambem semear a nossa aspiração d'uma *Vida* mais consciente e mais bella em que todos, sobretudo a legião enorme dos que labutam pelo pão, saibam e possam buscar nas sensações elevadas um refrigerio calmo, quando a *Arte* se torne um mais intenso agente da *Vida*.

ROSA DAMASCENO

Porque gostava eu da Rosa?

Rosa Damasceno não era na verdade a actriz moderna como ella anda nas phrases feitas dos jornaes.

Não afixava perversões sexuaes no exhibicionismo caro á arte moderna. Os seus gestos, as suas attitudes, a sua marcha eram simples, sem os esbôços convulsivos que denunciam as taras degenerativas.

O seu jôgo de scena vivo e animado, conservava-se todavia sempre numa nota de simplicidade exagerada, sem o cuidado do detalhe e da minucia fatigante que hoje se impõe como grande arte á ingenuidade complicada das almas simples.

As sedas de que vestia eram das côres singelas das flôres; o azul claro, o branco, a côr do seu nome.

Os tons modernos, estudados nos vitraes, nas tintas a morrer das tapessarias, os tons aprendidos na admiração das côres velhas dos quadros antigos, tudo o que indica numa actriz de hoje a preocupação de andar na corrente da esthetica do ultimo figurino, nunca ninguem o viu no trajar de Rosa Damasceno.

Ninguem lhe viu nunca as toilettes caras que tornam tão discutidas as peças em que entra a actriz Lucilia Simões.

E todavia encantava a sua voz, o seu gesto; impunha-se a elegancia do seu trajar e das suas attitudes.

Porque?

Ando ha tempo a pergunta-lo a mim mesmo, no embaraço de escrever este artigo.

E' sempre assim.

O trabalho de critica d'arte é para mim complicado; porque a emoção artistica é tão irrefletida, inconsciente e dominadora que eu tenho de perguntar a mim mesmo o motivo dos meus enthusiasmos ou das minhas desillusões para os fazer sentir aos outros.

E é tão grande a vibração em que me deixa ás vezes um detalhe sentido de uma obra d'arte, que ella me apparece no conjuncto com a perfeição que apenas existia no detalhe que tão fundamente me impressionou.

E' necessario tempo de reflexão para eu ter noção perfeita do trabalho do artista, e por vezes, mesmo nas mais fundas emoções artisti-

cas, eu só com esforço, pela analyse demorada das minhas emoções consigo demonstrar a sua legitimidade.

Sinto muito como artista, e fui levado a escrever criticas d'arte apenas pelo desejo de gritar os meus enthusiasmos ou as desillusões que me deixaram as obras d'arte.

Foi o meu espirito de combatividade que me fez entregar á critica d'arte, não para combater artistas ou para os deificar, mas para fazer sentir aos outros a emoção artistica que as suas obras despertaram em mim.

Os artistas não apparecem ao meu espirito como animaes em estudo, com caracteres rigorosamente estabelecidos de classificação inalteravel. O nome d'um artista evoca para mim todas as obras que me comoveram, não me suggere a imagem graphica d'uma classificação zoologica.

A analyse das obras d'arte faço-a algumas vezes, mas muitas eu conto apenas as minhas emoções, sem tentar justifica-las com principios ou leis de esthetica bem determinada.

E, apesar de tudo, agrada-me a critica d'arte, faço sempre com prazer a analyse das minhas emoções, e encanta-me ver como a emoção que me tomou tão depressa deante de uma obra d'arte, e me parecera d'um mecanismo tão simples, provém ás vezes da associação inconsciente de observações pequenas e subtis.

Mas a falta de necessidade critica, ligada intimamente ao meu temperamento de artista, faz com que ás vezes eu não possa justificar os meus enthusiasmos, quando está distante já a impressão que os fez nascer.

A emoção artistica não está só dependente da obra d'arte e do individuo que a sente, depende tambem do meio.

Todas as vezes que não posso evocal-o a emoção artistica fica para mim sem explicação.

E como era desagradavel para mim aquelle meio em que representava a Rosa, aquelle theatro D. Amelia, com os seus dourados esverdeados d'ouro falso, as infantilidades decorativas com que se impõe a arte dos confeiteiros nas cartonagens caras dos bonbons, aquelle publico a simular distincção de côrte com a impertinencia formalista dos mercieiros condecorados.

Como a Rosa passava sem perder nada da sua elegancia e da sua distincção suprema naquelle meio falso!

Como encantava ve-la representar serenamente, sem a preocupação de repetir um gesto aprendido, uma attitude roubada a outra actriz que fosse a preocupação do momento...

E andava sempre na admiração dos novos como na dos mais velhos.

Rosa Damasceno foi prejudicada sempre pela admiração em que prendeu a todos mal appareceu em scena.

Os homens da minha geração encontraram formado o culto da grande atriz.

E Rosa Damasceno morreu nova ainda, na posse plena dos seus recursos scenicos.

A sua velhice era feita pela mocidade esvaída das senhoras da sua idade: nunca nenhuma lhe perdeu a longa mocidade, a voz de creança a desinvoltura do gesto, a elegancia do andar.

Representava ainda, como no começo: era uma ingenua perfeita. Nascera grande artista e conservou-se até ao fim fiel ao culto da grande arte que lhe mereceu os triumphos ruidosos do começo da sua vida de atriz.

De uma intuição artistica excepcional, Rosa Damasceno empregou sempre a sua intelligencia rara, em conservar a distincção de gesto e de dizer, a ingenuidade como lh'a haviam admirado, e ensinado a admirar, os que guiaram em scena a sua mocidade inexperiente.

Nunca se perdeu a imitar o gesto, a graça exotica, no cabotismo que anda nas phrases feitas dos criticos de reportagem.

Viveu, como triumphara, na naturalidade da graça e distincção, na florascão primaveril da sua mocidade.

E era bem difficil triumphar.

Rosa Damasceno teve de vencer a lucta com que cada um de nós recebia a opinião estabelecida do seu talento, porque todos tinhamos aprendido a admira-la sem a ver, ás primeiras palavras que nos ensinavam sobre a arte de representar.

E a nossa admiração era feita de coisas imprecisas, como a dós contos de fadas em que cada um cria terras e palacios encantados sem nunca ter saído da sua pequena aldeia.

E que deliciosos são os palacios encantados criados pela nossa imaginação de creanças...

Ha jardins que ainda hoje admiramos, sem os podermos descrever.

Quem não sentiu nunca na vida longa o desejo de fazer reviver imagens antigas que nos parecem ter a frescura, com que frei Angelico pintava longe do mundo a virgem e os anjos que sonhava?

Nada do que vimos nos reproduz as criações da nossa mocidade, quando não conheciamos nem a terra nem as paixões.

E é assim que para muitos fica, toda a vida, bem pequeno o mundo.

Para se chegar a admirar Raphael e Miguel Angelo, em cujo culto todos fomos ensinados, leva-se mais tempo do que para comprehender a obra d'um pintor de que não aprendemos o nome em creança.

O nosso espirito tem de luctar contra a impressão indeterminada, mas funda, que deixou no nosso cerebro a admiração dos mestres que nos ensinaram e cujas opiniões partilhamos sem as comprehender.

Nunca ninguem achou o mar tão grande como o imaginara em creança.

E só os annos longos conseguem dar-nos a noção da grandeza tragica do mar.

E' por isso que a primeira vez que se via a Rosa, a sua voz não parecia ter o timbre da prata, do ouro e do chrystal, é por isso que nos parecia de menos mocidade o seu gesto, o seu andar, a sua attitude.

Um dia porém, essa impressão passava, e, de repente, numa abstracção de momento, um gesto breve, uma entoação fugitiva de voz, a suspensão do corpo na vivacidade reprimida do seu andar, dava claramente em toda a mocidade a figura que Rosa Damasceno encarnara e fazia-nos soltar um grito involuntario de admiração.

Desde então era certo o triumpho de Rosa Damasceno.

Desde então a sua intelligencia sabia sempre fazer impôr os seus defeitos como admirar as suas excepçoes qualidades de comediante.

E neste ponto são d'um parallelo flagrante as figuras artisticas de Rosa Damasceno e de Augusto Rosa.

Ambos teem a voz falsa, de entoações comicas, uma voz caricatural em fim.

Ambos a souberam impôr, dando-lhe Rosa Damasceno o impreciso da mocidade, Augusto Rosa a modalidade mordente da ironia.

E desde que o publico acceitou aquellas vozes, a intelligencia destes dois grandes artistas fez-se, como de justiça, applaudir sempre.

Ambos adquiriram um grande conhecimento da scena e aprenderam a sublinhar com um gesto uma ironia, e apagar com uma entoação uma phrase pouco para pensar.

Cada um creou um genero em que é grande e se fez inesperadamente applaudir em papeis de character bem differente. A todos lembra a fórma superior porque Rosa Damasceno fazia a scena da loucura no *Hamlet*, a tristeza d'aquelle veu preto e esfarrapado, cahindo em desalinho sobre o vestido branco, os pobres cabellos lisos despenteados, as flores sêccas do toucado, o seu fallar desconnexo cortado por rizadas a partir como chrystal.

N'O *que morreu d'amor* achou notas de gravidade e colera que não pareciam as da voz argentina da sua mocidade.

Mas, apesar de tanta criação artistica diversa, Rosa Damasceno fará sempre lembrada a mocidade das ingenuas que encarnou.

Ellas ficarão muito tempo na saudade de uma admiração, ou fossem as simples raparigas do campo, ou as collegiaes dizendo o amor de cór pelos livros classicos de estudo.

Como ninguem, sabia encarnar uma mulher de raça, na manifestação natural da graça e da elegancia e a sua distincção de dizer e de gesto estava bem longe do que se costuma admirar naquelle palco do theatro D. Amelia, em que é tão vulgar vêr impôr como elegancia os gestos e dizeres das meninas viciosas que perderam a educação nos collegios.

Rosa Damasceno sabia evocar, como ninguém, essas figuras de mulher, que não occupam logar na vida e parecem feitas apenas para alegria dos olhos e encanto dos ouvidos.

Personagem que fizesse, vivia-o todo o seu corpo, que parecia saltar de mocidade, vibrar de malícia.

No palco, via-se bem que era a sua carne que representava e não as sedas e os veludos que algumas actrizes dobram em prégas elegantes, ou fazem viver da vida da côr em movimentos e attitudes estudados com cuidado.

Ao ver Rosa Damasceno, não se tinha a impressão que nos deixam os movimentos estudados d'essas actrizes cujo corpo flexuoso ondula em movimentos rythmicos na elegancia da prega, na ostentação da côr, arte um pouco comparavel ao saber com que os caixeiros de lojas de modas fazem sobresahir a belleza dos estofos que vendem.

Com Rosa Damasceno era bem a carne que cantava a alegria e o triumpho da mocidade; a sua distincção não andava á flôr do corpo na elegancia das sedas caras, no espumar florido das rendas; a sua elegancia passava escondidamente no gesto, na ondulação do andar, nas inflexões delicadas da sua voz.

Tinha a distincção verdadeira, a que distingue as familias e se recebe como herança, a distincção de todas as palavras de todos os gestos, de todas as attitudes.

Quando representava ninguém via senão a ella e todos julgavam applaudir a sua ingenuidade, a sua graça, a sua distincção, a sua mocidade.

A admira-la, envelheceram nossos paes e nós aprendemos a admira-la ao envelhecer.

Porque?

Sei lá!...

TEIXEIRA DE CARVALHO.

INDUSTRIAS POPULARES

Duas ordens de factores condicionam aceleradamente a ruina das industrias tradicionais que, entre nós, resistiram até hoje. Por um lado, a falta de educação artistica, o influxo desastroso da modernice, a invasão do estrangeirismo; por outro, a perda de intima solidariedade, a indiferença corrosiva e dissolvente e o ingrato desrespeito por esses legados, que, promanando de ancestraes distantemente apagados e esquecidos, nos foram transmittidos, com inteireza fiel e piedosa, pelo laço indefinido das gerações, que nos precederam.

Perdem umas o caracter, e os seus productos redundam em aberrações cafreanas; morrem outras em resignada agonia pelo seu abandono e desuso, ou pela concorrência do fabrico mechanico; certas, desaparecem pela substituição do exotismo congenere e ainda pela simultanea convergencia da indisciplina esthetica que as subalterniza.

Magôa e contrista a extinção e definhamento d'essas vetustas fontes de energia, credoras do nosso mais enternecido reconhecimento, porque nas manufacturas derivadas da sua transformação productora exhibia-se a expressão concreta das mais excellentes qualidades, que podem relevar e distinguir um povo: — originalidade inventiva, temperamento excepcional de assimilação, fina intuição de relativos principios de belleza. Alem de que traduziam o impressivo relato da mais edificante e instructiva lição moral, hoje tão desprezada e aviltada: — a consistencia admiravel do instituto familiar, perpetuamente avigorada pelas virtudes do trabalho domestico.

Impunha-se com urgencia inadiavel a reconstituição escrupulosa d'essa desbaratada herança e não só conserval-a com honestidade, mas enriquecel-a, aperfeçoando-a logicamente com a diffusão e applicação pratica do ensino artistico-industrial (1).

Com esse alento e resurgimento teriamos a satisfação de vincular a este solo bemdito, porventura ainda nosso, as manifestações mais peculiar e genuinamente nacionaes da actividade portugueza. Realisar-

(1) Não nos demoramos a este respeito. Levantada e proficiente foi a apostolisação d'algumas individualidades superiores. Citaremos, entre outras, as dos Srs. Joaquim de Vasconcellos, Antonio Augusto Gonçalves, Fialho d'Almeida, Rocha Peixoto e Ramalho Ortigão.

se-hia ainda a commovida obra de afirmação de venerada sympathia pelo passado de cujo brilho vivemos, mas que tanto postergamos, pela fallencia dos caracteres, pela dissolução dos costumes e pela incapacidade das iniciativas.

Fazendo um leve *remember* das industrias caseiras mais docemente cariciosas e que mais suggestivamente nos fornecem elucidaciones interpretativas da demopsychologia lusitana indicar-se-ha um novo e proveitoso filão a explorar e a seguir.

*

Pela sua latitude e pela sua importancia tem a primazia a profissão ideal, de amassar e modelar a argilla.

A ceramica rustica, que exposições, relatorios e estudos scientificos (1) patentearam entre nós como um repositorio opulentissimo e inacreditavel de formas, é fabricada ainda, immutavelmente, pelos processos barbaros, que a prehistoria destrinça e aponta nos despojos olaricos da humanidade primeva, ou pelos que a investigação historica das origens da arte assignala entre o antigo egypcio, o persa e o chaldeu, desenvolvidos ao deante pelo grego, que os deixou ao etrusco e ao romano.

Umás olarias pelo preparo grosseiro da pasta, pela cocção em covas, ou na *soenga* (como se diz no Marão) (2) e pela singeleza e rude ornamentação das galbas representam inamovivelmente a industria incipiente do periodo neolithico; outras, pelos progressos accusados sobre aquellas no arranjo material e pelo schema dos vasos como que denunciavam a subsistencia procedente da ceramica da antiguidade classica.

Mas, não obstante esses meios de factura tão archaicos e remotos, o nosso oleiro, ignorante, e illetrado, conseguiu organizar a mais inexprimivel variedade de formas laboradas n'uma ponderosa correlação com a potencia morphologica da massa, conjugando se com a reflectida adaptabilidade ao seu destino.

Da sua observação e cotejo derivam conclusões eloquentes a registrar as aptidões, tradicionalmente innatas do ceramista aldeão muralhado no ambito d'uma absoluta incultura. Desde logo se nos revelam, com surpresa, a logica architectural na variante indefinida da curva, a

(1) Especialmente: *Ceramica Portuguesa*, 1.^a e 2.^a serie por Joaquim de Vasconcellos; *Revista da Exposição Districtal de Coimbra*, por A. A. Gonçalves; *As Olarias de Prado*, por Rocha Peixoto; *Estudo Chimico e Technologico da Ceramica Portuguesa Moderna*, por Charles Lepierre.

(2) Manuel Monteiro in *Primeiro de Janeiro*, 16-VIII-1903.

pureza da linha geradora e a espessura das paredes, estruturalmente, ajustada á conveniente resistencia da materia prima e respectiva estabilidade da vasilha. Certas loiças offerecem uma precisa eurythmia de linhas, um modelado perfeitissimo, as proporções mais admiravelmente sentidas, e n'ellas se vislumbra e revivescem esses typos em que a divina Grecia para sempre fixou a mais alta belleza das formas.

Pois bem. Alem da não interferencia d'uma instrucção sensata a corrigir e a aperfeiçoar as faculdades do oleiro com os devidos conhecimentos technicos acontece que elle, por sua parte, tem vindo a adulterar, da maneira mais funesta, a maravilha formal do seu velho patrimonio pela macaqueação inconsciente de artefactos hybridos e inverosimeis com que defronta dia a dia pela crescente facilidade de communicações e pelo alastramento commercial cada vez mais intenso. Basta citar os exemplos de Extremoz e Miranda do Corvo cujos productos olaricos, jamais excedidos em elegancia, formosura e equilibrio, se vão abastardando e deformando pelos enxertos illogicos de innovações abominaveis.

E a aggravar este desvario accresce a obsessiva propensão do ceramista rustico para a plastica, que, pelo seu completo desconhecimento e incomprehensibilidade dos mais rasteiros rudimentos de anatomia, resulta n'uma bonecada horrivel só comparavel á dos mais barbaros manipanços, e recordando estadios d'arte ante-historicos.

Esta profunda vesania da imitação, segundo um inquerito directo, e, relativamente, largo, que fizemos, provém de inconsideradas e erroneas razões economicas, que a dura violencia d'uma constringente miseria, por infelicidade, impõe. Todos sabem, por tão divulgados esses factos, da mesquinhissima remuneração e do penoso viver d'esse humilde e infortunado artifice, supportando a crueza da sua sorte com a passiva malleabilidade da argilla que trabalha.

Melhorar as condições materiaes e intellectuaes do loiceiro e acudir a esses desatinos, eis uma patriotica medida governativa de prestimo insuperavel, pois que assim se lhe reconstituiria, beneficiada e polida, a sua magnifica aptidão, assaz acclamada, de amassar o barro e de exumar da amorphia da massa, como o creador nos bemaventurados dias do paraizo, as mais bellas e definidas conformações.

A industria caseira dos tecidos deperece e morre pelo desuso dos seus productos que os mechanicos absorventemente substituem.

Organisando-se atravez do paiz na sua complexa differenciação apresentam um acabamento acurado e solida consistencia e ainda, cer-

tos, a mais flagrante harmonia com as condições climatericas da região de procedencia ou destino.

Uma ligeira armação de madeira, a que se dá o nome de tear de *cruz*, ou *ramada*, erguendo-se em qualquer compartimento da casa, juncto d'uma janella abrigada, as mais das vezes, pela sombra amiga d'uma arvore, e que deita para a horta, para a leira ou para os campos onde o sol aviva o matiz da vegetação, eis a recatada officina e o seu mecanismo que uma gracil figura de mulher vivifica e movimenta. Quasi que as mesmas obreiras nos mesmos teares (1) tecem a sargaço grosseira, o briche denso e sombrio, o linho rugoso e claro, as mantas de farrapos, os cobertores espessos e coloridos, as cobertas lisas, ou d'ornatos *riçados*, os pannos de phantasia, os lenços de ramagens...

Tudo isso para sempre finda n'uma trucidação lenta.

Pelo habito arraigado, na familia provinciana e, sobretudo, rural, de possuir a *limpeza* (2) dimanada da terra, onde virgilianamente se colhe a fartura do pão, conservar-se-ha como episodio o textil correspondente, mas para os outros a epocha da subversão integral não vem longe. Sobre dois d'elles, que apparentam uma possante vitalidade, pesa ha muito o rebate da ruina.

São o burel e os tecidos do districto de Vianna.

O burel e o *fulado* (3), tão rijos e impenetraveis, que outr'ora vestiam todo o serrano e pastor casando a sua côr pardacenta e monachal á tonalidade soturna e severa da montanha cessam de os abrigar e defender dos desabridos rigores das altitudes pela insensata aquisição da fancaria citadina, que os centros populosos espalham e intróduzem (4).

A tecelagem da seriguilha e pannos polychromados do Minho definha e exhaure-se. Nada mais doloroso para os olhos esthetas que a extinção d'esta manufactura adoravel pelo seu colorido (5) d'um brilho tão vivo e habilmente combinado nas suas nuances. Enroupando com gala gentil as anatomias femininas assume, n'esse delicioso tracto do solo portuguez o aspecto d'um elemento componente do chronismo d'essa paisagem luxuriosa e estonteante.

(1) Os teares são, dentro das duas especies alludidas, iguaes uns aos outros, divergindo apenas nas dimensões, conforme o tecido.

(2) Significa a roupa branca de uso domestico.

(3) E' o burel submettido ao fulão ou pisão hoje ainda raramente em uso em povoações serranas.

(4) São verdadeiramente adoptados, nos nossos dias, os pannos citados, no planalto de Barroso, na região mirandesa, nas montanhas afastadas da Beira e do Sul. O problema physio-anthropologico a que dá logar já o esboçamos a proposito da serra do Marão in *Primeiro de Janeiro* de 9 e 16-VIII-1903.

(5) A tecedeira prepara a materia prima desde que a recebe em bruto até que a transforma em tecido.

Os padrões do desenho são de numero restricto e este é d'uma simplicidade e d'uma penuria, accentuadamente, populares: a linha recta ou quebrada, os *chevrons*, os losangos, os circulos, caracteres alfabeticos, corações, assumptos floricos ou da fauna. Exgotados estes recursos rotineiros não se desvia para alem a imaginativa inculta das tecedeiras. Todavia o que a estas se não pode deixar de admirar é a sensação intuitiva e a perceptiva subtil na disposição e consonancia ineffavel dos tons para o effeito deslumbrante do conjuncto.

E essa combinação irisante que, por exemplo n'uma saia de luxo ou n'um avental de *topes*, ascende da barra até á cinta parece não se destinar mais do que á decoração triumphal das letras iniciaes, que, bordadas no alto, relembram o nome querido, ou do ornato cordiforme que affectivamente symbolisa o amor.

Se não fôra a desnacionalisação, que nos enerva e corrompe, facil seria de conseguir o rejuvenescimento vigoroso e florescente d'esta industria encantadora.

Continúa.

MANU' L. MONTEIRO.

NOTAS DA DECADENCIA

O CULTO DA MENTIRA

No Chiado abriu ha tempos uma fulgente e polychroma loja de brilhantes e pedras falsas que é já uma tentação para todos os donzeis e donzellas, sujeitos maduros e madamas ventradas, vegetes e velhas gaiteiras que queiram figurar na feira das vaidades com os seus corpinhos inuteis e inesthetics, entrajados e decorados com essa elegancia barata e desgraciosa, que encanta e perturba as gentes que o destino escolheu para pasto do ridiculo e da pelintrice pretenciosa. Milhares e milhares de olhos lançam os seus mais agudos raios de cubiça ás joias expostas em pyramides de espavento e reclamo, as quaes entontecem as cabeças que o desejo, sempre vivaz e desperto, traz á razão de juro por essas montras em que se expõem coisas de enganar e de engalanar. Passam virgens, jovens imberbes e olheirentos, senhoraças e militarões, cavalheiros lustrosos e mães virtuosas e nem um só deixa de fitar enfeitado, com deslumbramentos e apetites desvairados, esses brilhos provocantes e seductores, mui proprios para acordar gulas em creaturas que, pelos passeios e *trottoirs*, gostam de offerecer-se á curiosidade banal e bocejante dos sujeitos que lhes admiram os ouuropeis e os pechisqueques. «Aj, como brilham!...» — exclamam elles e ellas em frente aos anneis e braceletes, luminosos como estrellas e tentadores como o Demo, prevendo a hypothese feliz de poderem ornar os seus gargalos, os seus braços, os seus dedos e os seus collos com essas faúlhas mentirosas, essas scintillas phantasticas, de maneira a terem a impressão de copiar o luxo, genuino e sem contrafacção, que os ricassos perdularios engastam no seu dispendioso viver. E extasiam-se e deliciasem-se embevecidamente na contemplação das ficticias gemmas de Bera, inventadas muito a proposito para alimentar o culto da mentira, da *patine* e da intrujice com que as gerações d'agora procuram encobrir o vazio das almas e remediar as deformidades do corpo.

Porque a realidade, a contundente e mordente realidade, é que actualmente, quer os nossos musculos quer os nossos pensamentos, o nosso phisico e o nosso moral, os nossos orgãos e as nossas faculdades, os nossos nervos e as nossas volições não estão em condições de saude e força para darem á nossa pessoa aquella supremacia e soberbia que é um dom das raças fortes, operosas e morigeradas; — e como, por falta de tão indispensaveis condições nós não conseguimos encarrear-nos na vida que não seja oscillante e miserrimamente, recorre-se então a todas as falcatruas, macaquices, trucs, arrebiques e falsificações que possam, ao menos por um momento, salvaguardar as apparencias sob

que se occultam as nossas miserias, aleijões, defeitos e rombos de caracter e dignidade.

Procura-se encobrir uma derrocada e uma fallencia organica, uma derrota e um descalabro ethico com o disfarce reles do ôcre e das pinturas ephemeras. Aquella gentinha que se accumula convulsa e sacudida diante das maravilhas da loja do Chiado, deixando medrar na phantasia o sonho doentio de se apparellhar com cravejações hypocritas, bem mostra a necessidade, que o homem moderno experimenta, de exteriormente se compor e enfeitar, para mascarar a decadencia da sua vitalidade interior e profunda. Trata-se de evitar que nós, procedendo a minucioso exame da nossa escavacada personalidade, não caiamos no terror e no horror do nosso proprio ser: utilisam-se modas e sophismas, pingentes e subterfugios, erros e engastes falsos de molde a tapar todos os furos e buracos da nossa ruina, corporea e psychica. Fugimos da Verdade porque a verdade seria a comprehensão da nossa queda. Queremos a illusão, a esperanza vaga, as fanfarras de rhetorica, a barulheira ensurdecadora e os berros desentoados porque nos desvia de encontros terriveis com nós mesmo. Para não sermos victimas da nossa consciencia, fazemos como esse enigmatico passeante de Edgar Poë, o qual se embrenhava no meio das turbas, para escapar ao tedio que ameaçava subverte-lo. Nem sequer temos a coragem de Hamlet: não ousamos encarar a sombra dos nossos espectros. Vivemos, por instincto de conservação, uma existencia inteiramente ruidosa e berrante, futil e esteril, superficial e fementida — paradoxos, blagues, gestos oratorios, emphase e pose, embustes e pantomimices. No amor busca-se a febre sensual, na moral o triumpho dos egoismos, na religião a degola da sinceridade crente, na arte o engodo do publico e no vestuario e na joalheria a linha que corrige e o fulgor que engana. Sementes de dedicacão e de amor ás coisas sanctas ninguem as lança no solo social. Envenenam-se as palavras simples e deturpam-se as boas intenções, porque tanto umas como outras visam a despojar a sociedade da sua carapaça de postigos e remendos, para a mergulharem nas aguas lustraes da purificação e da libertação. Tartufo e La Peyrade, o manhoso advogado de Balzac, sentem-se á vontade, movendo-se como em casa sua. Quem tentar promover a rehabilitação da pessoa humana é, quando menos, amordaçado. Todavia dá-se um phenomeno interessante: toda a gente sabe que a Verdade é melhor do que a Mentira. Ainda não ha muito que eu ouvi alguém, exclamando boquiaberto, diante dos brilhantes de Bera: «Até parecem verdadeiros!...» Parecem, mas não são, porque, se o fossem, nem seriam tão abundantes nem se offereceriam tão ardidosamente aos olhos do publico comprador. A Verdade não é abundante, poisque só brota dos labios dos Justos, nem ardidosa, porque se deixa matar como timida ovelha.

PADRE MANSO.

CARTAS LYRICAS

IV

No domingo de Paschoa, na Avenida,
sob as acacias brancas a florir,
eu reatei o fio d'esta vida
que uma ausencia tamanha quiz partir.
Pudéra vê-la apenas de relance
— dias antes — na rua do Alecrim.
Não me reconheceu... Porém descance
que o mesmo me ia succedendo a mim.
Porque a lembrança que eu de si guardára,
por exacta e por nitida que fosse,
era vulgar ao lado d'essa rara
perfeição de belleza, triste e doce.
E do gesto ondulante de ternura
cuja harmonia sinto sem fixar
— ficou-me na alma apenas a frescura
que uma nuvem do céu deixa ao passar.
Aquella que accendia o meu desejo,
que eu tratava por tu de tanto a querer,
era imperfeita ao lado da que vejo
hoje, depois de a ter tornado a vêr;
e a lembrança que tenho sempre amado
— é isso que me alcança o meu perdão —
fez-se tão linda, que eu não sou culpado
de me ter enganado o coração.

Ora este idyllio doloroso (é isto
que a mim me encheu de fé e de alegria!)
veio a resuscitar no mesmo dia
em que a igreja resuscita Christo.
E sem imagens lyricas, sem phrases,
e simplesmente, só por ter sabido
voltar assim no tempo dos lilazes,
— fico-lhe eternamente agradecido.

Mas, como lhe dizia, foi domingo
que eu a tornei a vêr; e na verdade,
basta-me bem; que eu num instante vingo
todos os longos mêses de saudade.
E d'olhos fitos no perfil airoso
que eu tinha á esquerda, quasi que a dois passos
— ah que prazêr amargo e glorioso!
tê-la ao alcance e longe dos meus braços!
O que eu ousei pensar!... Se lh'o dissesse
decerto nunca m'o perdoaria:
tanta coisa e tão pouca que me esquece
o que eu ousei pensar naquelle dia.
A sua nuca já não tem segredos,
o seu puro perfil está violado,
e sei de cór um certo abrir de dedos
como um harpejo largo e compassado.
Na inclinação graciosa da cabeça
vi-a uma vez — foi a primeira — a rir;
e, se uma rosa abrisse tão depressa,
o seu sorriso era uma rosa a abrir.
E, como se quedasse distrahida
velando com as palpebras o olhar,
na archi-banalidade da Avenida
sentiu-se a Primavera soluçar.
Os olhos amorosos dos que d'antes
mal se fitavam, timidos vencidos,
— fallaram claro por alguns instantes
... e andaram cheios de subentendidos.
Naquellas virgens sêcas e vaidosas
parou a fealdade numa pausa:
quantos canteiros floresceram rosas
e quanta gente amou — por nossa causa!
E quantos, na alegria de viver
que a Primavera a todos communica,
perceberam que é o beijo da mulher
á luz do sol que faz a noiva rica.
E que, embora a que amamos tenha alguém
que lhe dê o seu braço e o seu nome,
verdadeira justiça é a de quem
entrega a terra ao que tiver mais fome.
Ora, ao que monda o campo e sacha a vinha,
se não bebe e só tem bôca que grite,
hei-de mostrar-lhe que essa terra é minha
pelo meu formidavel apetite!

— D'este exagêro peço-lhe perdão...
Se a minha phrase a perturbou, descance
que isto é como quem diz: — os astros são
para o olhar que tiver maior alcance.
Mas, perdoando o exagêro, pense-o
e repense-o; e calcule que decerto
muito mais lhe fallou o meu silencio
nesse domingo em que estivemos perto.
Que, dos meus olhos, permanentemente,
como uma força muda e soberana,
nascia aquelle enleio que se sente
e não tem nome na palavra humana.
E, de entre aquella multidão variada,
pretenciosa, anonyma e banal,
alguem erguia uma alma immaculada
ao alto, p'ra perder de vista o mal.

Desde que a vi subir fiquei á espera
(tanto faz uma vida ou uma hora!)
— conto comsigo como conto agora
que, para o anno, volte a Primavera.
E se ella não voltar, essa que ergui
para ser livre acima das estrellas,
— anda no mundo muito milhar d'ellas
para eu saber chorar o que perdi...

CIDADE NOVA

CAPITULO X DA PRIMEIRA PARTE

Maria era a melhor amiga de Judith, a sua unica amiga, a unica companheira que lhe restava do collegio. Filha d'um antigo continuo de repartição, fallecido pobre ha poucos annos, trabalhava com a mãe em roupas brancas para as lojas, e vivia parcamente n'uma agua furtada esconsa. A mãe estremezia a filha, e esta por seu turno pagava, em egual moeda, o amor da mãe.

Só de mezes a mezes havia um dia raro de liberdade para a alegre rapariga que o aproveitava quasi sempre em companhia da sua amiga; e nesse dia, esquecendo a brutalidade do destino, as suas palavras imitavam, pelo jubilo infantil de que se revestiam, o entusiasmo d'um passarinho fugido da gaiola.

Ambas novas, quando se juntavam, — a Judith e a Maria, punham-se a conversar sobre todas as cousas, desde a trivialidade das modas até ao delirio dos sonhos, confessando mutuamente segredos e intenções. Fallavam de prazeres, phantasias, namoros, memorias d'outro tempo, sempre numa harmonia de inseparaveis amigas, quasi irmãs pelo coração e pela idade.

Ah! mas a Maria, como ella dizia, já não pensava em casar, porque as vicissitudes da sua vida, devidas á sua pobreza, lhe tinham trancado no peito, como affirmava, aquelle ideal de felicidade das raparigas baseado num amor d'homem que lhe quizesse a valer. Por isso os seus sonhos, mal os architectava, desfaziavam-se logo, desmoronados pela realidade má da sua existencia.

Ella era pobre e agora os homens, segundo dizia, já não queriam senão mulheres ricas para casar. Se algumas vezes ainda chegava a crêr num futuro melhor, é que a Esperança illude tanto que consegue até, por momentos, desmentir a Verdade. Tinha vint'annos, a Maria, e já se confessava velha.

De estatura magra e baixa, a côr morena, os olhos pretos, o cabello preto, o corpo airoso, as sobranceiras carregadas, as mãos mimosas picadas da agulha, o nariz aquilino, quasi uma boneca, tinha uns longes de madona de retabulo santo. A mãe revia-se na filha considerando-a linda, um pouco parecida com o pae, um santo homem, bondoso e bonito, o *seu Francisco* que a morte desapiedada levava, um triste dia,

porque Deus chama de preferencia os bons, e um pouco parecida com ella quando fôra nova.

Maria ao entrar no quarto de Judith, batia as palmas d'alegria.

— D'esta vez a minha visita é até á noute, porque a mamã só vem buscar-me mais tarde.

— Ainda bem! exclamou a Judith, puxando-lhe pela mão. Estou morta por conversar contigo; tenho muito que te dizer. Senta-te.

E indicou-lhe uma cadeira.

— Bravo! tens agora o quarto num luxo! Elle é guarda-vestidos novo, toucador novo, mesa de costura nova! Bravo, sim senhor. Olha, sabes? já tinha saudades tuas.

Dizendo isto, a Maria sentou-se na cama desfeita.

— Não te sentes ahí; toma lá uma cadeira, disse a amiga, juntando a acção á palavra. Tira o chapéo e a capa.

— Porque é que não queres que eu me sente na tua cama? Tem pulgas? Ou queres fazer cerimonia commigo?

— Não; não é bonito. Anda, tira o chapéo para conversarmos mais á vontade.

A outra tirou, cautelosamente, a capa e o chapéo que entregou a Judith, imitando, por brincadeira, um gesto de grande dama.

— Prompto. A criada é tão grave e a ordem tão peremptoria, que eu não resisto!

— Agora vae conversando enquanto eu acabo de me pentear, respondeu a Judith, depois de guardar tudo, e dirigindo-se para o *toilette*.

Enlevada ainda no conforto do quarto, a Maria passeava os olhos admirados por todos os cantos. De repente, interrogou:

— Levantaste-te agora, Judith?

— Não, mas tenho estado arrelhada, de maneira que não tenho tido tempo de fazer nada.

— Hum! Fortes arrelias devem ser as tuas...

— Parece-te! Quiz pentear-me quando me levantei e não tive pachorra. Já vês...

E interrompendo-se em meio do penteado que estava a fazer, voltou-se rapida para a Maria, censurando:

— Mas, ouve cá, ó Maria! Tu sempre tens sido muito mandriona. Ha bem trez mezes que cá não vinhas...

— Sim, tu fallas de cadeira. Sempre te queria vêr nos meus casos. Tu, que não tens obrigações, não appareces; censuras-me então de eu cá não vir. Hein! Que tal está a menina! E porque não vaes tu lá a casa, agora pergunto eu?

A Judith calou-se continuando a pentear-se.

— Se é por nós sermos pobres! continuou a outra, despeitada.

Então a amiga, franzindo a testa, ralhou:

— Não digas isso, Maria, que eu não t'o mereço. Bem sabes que eu não saio sózinha, e que meu pae é raro ir á Baixa sem ser para os seus negocios. Minha mãe tambem quasi nunca sae; como queres tu que eu fôsse visitar-te?

— Ora, ora... Quando se quer sempre ha meio.

— Pois sim, rematou a Judith sentenciosa. Fallemos d'outra cousa, que é o melhor.

E, por momentos, as duas amuadas, não disseram palavra. Por fim a Maria, risonha, rompeu o silencio:

— Teu pae tem-se dado bem com a loja?

A outra respondeu, encolhendo os hombros:

— Tem, creio eu. Isso é lá com elle, é cousa que eu não lhe pergunto.

Depois de se pentear, deitou agua na bacia das mãos para se lavar.

Nessa occasião mudando de assumpto, inquiriu:

— E tua mãe como vae, ó Maria? Ainda não me fallaste d'ella. Está com certeza mais rabujenta, não?

— Bôa de saude está, volveu a Maria, levantando-se, rapidamente, da cadeira. Mas, mais rabujenta tambem é verdade que está. Logo a verás, que ella vem buscar-me. Agora, o que sobretudo a apoquenta é eu não casar, porque, diz ella, se morre sem me vêr amparada por um homem que me estime, é uma desgraça para mim. Coitada, são manias da velhice!

— E tu porque não casas?

— Por que não tenho com quem. Quem eu quero não me quer a mim; quem me quer não quero eu. Mas, emfim, eu não admiro porque sou pobre; tu, que és rica, porque é que ainda não casaste?

E, depois de se ter mirado, minuciosamente, ao espelho do guarda-vestidos, a Maria sentou-se numa cadeira, proseguindo:

— E' verdade, e o Souza! Como vae elle?

A Judith fingiu não ter ouvido.

— Tu não ouves, Judith? Como vae o João de Souza?

— Ao certo não te posso dizer, respondeu então a Judith, entristecendo. Elle é tão doente que nunca se sabe ao certo quando está bom.

— Quê! não o tens visto? Estão mal?

— Mal, não. Ainda hontem o vi. Isso é uma grande historia que fica para logo.

A Maria, cheia de curiosidade, exclamou:

— Tu fallas a serio ou a brincar! Uma historia?!...

E, levantando-se lépida, dirigiu-se para a amiga, supplicante:

— Não, lá isso não. Has-de contar agora. Essas cousas nunca se guardam para logo. Eu gosto tanto de ouvir arrufos de namorados!

A outra affirmou que não eram arrufos.

— Mas é cousa parecida, com certeza...

A Judith continuava na sua *toilette*, tirando d'um cabide uma saia e um corpete de cassa que começou a vestir. A Maria, vendo-se sem resposta, insistiu:

— Vamos, falla, dize lá que historia é essa...

Porém, a nada a outra se movia, continuando a preparar-se, serenamente, sem responder. Então, a Maria saccudiu-a por um braço.

— Oh! Judith, tu estás muda? Não ouves que estou a fallar contigo?

Aquella sorriu, pretendendo mudar de conversação:

— Já almoçaste? Olha, almoças connosco, que nós almoçamos ás onze.

— Não, não quero almoçar contigo. Ficamos mal se não me contares a tal historia. Anda, vá...

E, sem obter solução á sua supplica, dirigiu-se muito despeitada para a cadeira, onde, novamente, se sentou de repellão.

A Judith franziu a testa, zangada.

— Apre que és teimosa! Já te disse que logo; ha-de ser logo.

A Maria, rangendo o pé no chão, conservava-se de costas voltadas para a amiga.

Então, a outra riu, vindo pé ante pé por detraz d'ella, e, mais forte, voltou-a, pondo-se na sua frente:

— Agora que tal me achas? Estou mais bonita, ou mais feia? Se fosses homem, casavas commigo?

Desconcertada da partida e do inesperado da pergunta, a Maria sorriu tambem:

— Casava. Isso é que casava. E era para já. Havia de ser dito e feito.

— Pois eu já não caso, retorquiu a Judith, tristemente.

— Tu?! Ora adeus. O que devò dizer eu que sou pobre! Ainda assim sabes lá as apoquentações que tenho quando saio á rua. Os homens são muito tolos, e como não sabem, assim á primeira vista, se uma rapariga é pobre ou rica, atiram-se a todas; mas a mamã, que quer que eu case, e não gosta que eu namore, faz cada cara e passalhes cada sarabanda que é um louvar a Deus. Ella diz que os namoros da rua não servem para nada, que não dão resultado nenhum, que foi a experiencia que lh'o demonstrou, e não ha meio de a convencer do contrario. Ora, se eu não namorar as vezes que saio, em casa tambem não tenho quem namore, porque só vivemos as duas, a mamã e eu; já vês que não posso casar. Aqui tens a minha situação. Ainda assim, no outro dia um rapaz que, por signal, era muito bem parecido, veio atraz de nós umas poucas de noutes quando iamos levar obra á loja. Mas a mamã ia furiosa, ralhando que eu é que tinha a culpa, porque lhe dava attenção, senão elle não nos seguia tantas vezes a fio, e vae d'ahi mudámos as horas de sair.

A Judith, depois de ouvir com muito interesse a narração, objectou, astuciosa:

— E tu, já se vê, ias á janella vê-lo...

— Qual! A mamã desconfiou e não consentiu.

— Pois foi o mal que tu fizeste. Mas elle ainda assim devia teimar.

— Parece que se aborreceu...

— Tolo! Eu no caso d'elle insistia. Sempre queria vêr quem levava a melhor.

De subito, como se uma idéa differente a tivesse dominado, calou-se, pensativa, de olhos em alvo.

— Que é isso, Judith? gritou a Maria, sacudindo-a.

A amiga acordou e riu, olhando fito para ella. Ao reparar no vestido da Maria, já muito senhora de si, num jubilo infantil, exclamou:

— Olá, olá! Vestido novo. Viva o luxo!...

E chegando-se mais perto entrou a examinar.

— Foste tu que o fizeste, Maria?

Esta, para melhor ser admirada, levantou-se sacudida, num pulo.

— Fui. E a blusa tambem. Estreei tudo hoje para te vir visitar...

— E' ainda para te agradecer mais a visita. Mas sabes? Tu para mim estás sempre bem, com fato novo ou com fato velho.

— Que tal achas a minha obra? Dize lá.

A Judith elogiou muito. Parecia tudo feito por uma modista de primeira ordem.

A Maria, envaidecida, agradeceu e entrou em explicações. A fazenda da saia tinha-a comprado a oito tostões o metro. Era um *armure* que fazia vista e não tinha nada de caro. O feitiço era da ultima moda. A sêda da blusa havia sido um retalho que tambem comprara barato. Assim se enfeitava com pouco dinheiro.

— Já vê, não temos remedio senão procurar as pechinchas, para nos ficarem as cousas mais em conta.

A outra, gravemente, confirmava:

— Eu, se andasse pela Baixa, tambem havia de escogitar muito bem, porque, podendo a gente comprar mais barato, é tolice gastar rios de dinheiro.

Então, a Maria interrogou:

— E tu, Judith, não mandaste fazer vestido este verão?

A Judith disse que não. Tinha apenas feito um arranjo.

— Olha, queres vêr? Vem cá.

Dirigiram-se ambas para o guarda-vestidos, mas a Maria, ladina, numa brincadeira, poz a mão sobre a fechadura, não deixando abrir.

— Onde ellas se fazem, ahí se pagam. Ha pouco pedi-te para me contares a tua historia com o Souza, e tu não quizeste; agora, não te deixo mostrar os teus vestidos. Anda, que é para não seres má...

A filha do sr. Antonio deu uma gargalhada.

— Deixal-o! O peor é para ti que não vês.

— E para ti, também, que não podes mostrar nada.

— Fica descansada que eu logo te conto tudo. Agora, mesmo que quizesse, não tinha tempo. Devem estar a cair as onze, e d'aquí a pouco vamos almoçar.

— Também não te deixo almoçar, bradou a Maria com firmeza.

Nova gargalhada foi a resposta de Judith, que abraçou, com carinho, a sua amiga, abrindo emfim o guarda-vestidos.

Depois, ambas se entretiveram sobre modas, enfeites, e arrebiques, perguntando uma, a cada momento, pela historia promettida, e affiançando outra que logo lh'a contaria, até que o sr. Antonio, ao entrar em casa, sabedor da visita, bateu á porta, para a cumprimentar, e offerecer-lhe o almoço.

A Maria, affirmou que já tinha almoçado, mas sentaram-se todos á mesa, rindo, contentes, as duas inseparaveis amigas que aliás um destino desigual separava na vida, e, sobre uma toalha, muito fina e muito branca, tilintavam as melhores louças que a sr.^a Marianna tirára de proposito, porque havia visitas.

FERNANDO REIS.

Do romance *Cidade Nova*, no prélo.

CARTAS AO BISPO DE ROMA

VI

24 de junho.

Hoje, beatíssimo padre, funebre como as coisas mortuarias.

A tristeza desceu, como uma nuvem negra, ao meu coração despedaçado, onde tudo me fala das saudades que nelle choram e das ternuras que nelle cantam.

Vinte e quatro de junho... Bate o luar no meu telhado e o seu clarão na minha cela. A natureza vestiu as suas galas, a mocidade pôz o seu sorriso.

Canções longinhas, vibradas por finissimas gargantas, vem despertar a minha carne adormecida, falar-lhe de coisas que passaram em dias venturosos, dias belos como para mim não voltam mais.

Atraz de mim fechou-se a porta rutila da esperança.

Meu coração está fechado entre dois muros e o meu olhar embaçado pela sombra que nunca foge da solidão d'estas abobadas.

No entanto, hoje lá fóra o mundo fôlga e ri, na liberdade plena dos seus nervos, na santa comunhão do seu amor.

Vinte e quatro de junho... Ah! bem me lembro: dia de S. João; dia de festa para o mundo, dia de tristeza para mim. E' hoje o anniversario dos pequenos, a romagem dos sem pão e sem patria.

O seu lar neste dia é em toda a parte onde se possa erguer uma fogueira e entoar uma canção d'amor, ao saudoso gemer dos violões, ao trémulo suspirar da flauta solitaria.

Dias e dias sem um pão, noites e noites sem um encosto, mas que importa, — tudo se esquece nesta noite de junho, rumorosa como o ciciar de beijos, quente como um ninho d'amantes.

A alma popular expande o seu contentamento, a sua ancia d'amar e ser feliz.

E' bem o que diz a canção :

O' guitarra, geme, geme,
Tu, coração, bate, bate...

E é em frente d'este oceano d'almas luminosas, palpitantes, que eu, beatissimo padre, tenho de suffocar o meu desejo. E' á vista d'essa mocidade ruidosa e tentadora que eu tenho de mergulhar no esquecimento da oração e dos jejuns a impetuosa anciedade do meu ser — este sangue latejante de vida, esta carne picada de desejos.

*

Ah! como tudo hoje me lembra e me entristece!

Aquelles olhos claros, aquellas bocas rubras dos dias da minha mocidade, tão cheias de luz e de alegria, que eu sinto, ao evocal-os, uma doce nuvem passar sobre os meus olhos tibios.

Todos os annos, neste dia, pastores, ceifeiras e boieiros, iam em romagem, esquecer os tormentos passados na dureza dos campos, tormentos que voltariam ao outro dia, é certo, mais rudes, mais esmagadores, mas que a alegria ruidosa d'algumas horas de inconsciencia e de loucura faziam esquecer inteiramente.

Na dulcissima visão do meu passado fulge, sobretudo, o bando esplendido e bucolico de raparigas fortes, amestradas, que ceifavam comigo a mesma esteva, revolviam comigo a mesma leiva, a meu lado sachando a mesma herdade, descansando comigo á mesma hora, sob a mesma ramagem, indo depois beber á mesma fonte.

Eu tinha por ellas a meiguice infantil dos pequeninos, a suprema adoração que porventura possam ter as bôas mães, deante d'um pequenino filho adormecido.

Vivacidade, candura, esplendidez! Eu perdia-me no redemoinho das suas saias multicores, deslumbrado, acariciante, sem outros desejos que os de as ver alegres e felizes, ali, sob a bençãam do meu olhar tranquillo, ao contacto da minha carne, inda innocente, inda a florir.

Desejos, não; ancias de conseguir para ellas mais dias rutilantes como aquelle, cheios de sol e de vestidos ondulando á mansa viração da tarde, sobre a montanha radiante pelo brilho dos seus olhos, paradisiaca pela onda harmoniosa das canções que nasciam espontaneas, anciosas, d'aquellas bocas sempre vivas, sempre quentes, abertas para o amor, como botões de rosas para o sol.

Sinto pender a minha mão, na certeza que tenho de não poder dar sequer a imagem d'essa vida cantante, esplendorosa...

Minhas bôas irmãs, minhas bôas amigas, tranquillisaes-vos: eu não farei o attentado.

Não devo profanar tanta innocencia. Porque vos sinto palpitar ainda, ouço as vossas canções, vejo ainda e sempre as vossas dansas e as vossas romarias onde vossos corpos formavam cadeias ondulantes e

vós dansaveis tumultuariamente, doidamente, como um bando de pom-bas scintilantes, espanejando as azas ao clarão da luz!

Loucas!

E não obstante, beatissimo padre, não obstante tanta vivacidade e esplendidez, essas creaturas tão simples, tão alegres, são consideradas pelos teus canons como seres immundos, bichos perniciosos que usam saias e desenrolam tranças, indignas, por isso, da nossa consideração e do nosso affecto, sobretudo.

Que importa que ellas hoje sejam mães, tenham gerado vidas preciosas, creado lares esplendidos, rumorosos de vida e de alegria, se para ti e para a tua religião não passam de creaturas abominaveis?

Para os que entram ao teu serviço a primeira condição que se lhes impõe é renegarem de si a mulher, seja ella quem fôr, irmã ou mãe, pois está escripto que nenhuma mulher entre o limiar da tua porta.

E' tua mãe? Embora: baixa os olhos e reza, porque estás em presença d'um foco de peccado. Concebeu-te, pariu-te e tanto basta.

E' tua irmã? Que importa isso tambem, se veio, como as mais, da iniquidade e da luxuria?

Longe de Deus, longe da igreja, o halito sensual d'essas bocas ideaes que ciciam amôr, concordia, juventude, que sabem aplanar todos os obstaculos, amenisar todas as dores.

Na tua igreja ha este principio assente: *a mulher é uma coisa que serve para fazer filhos.*

Graças a este principio, que os teus padres proclamam e observam religiosamente, o mundo está cheio de mães lançadas para a margem com filhos que não teem pae, em plena miseria e abandono.

D'onde vem? E' muito simples: do fundo do presbiterio, onde ha um abbade que engorda dentro d'um monstro que ceva os seus instinctos lubricos nas carnes virgens, palpitantes, das suas ovelhas mais formosas, a quem passado um mez, passado um anno, conforme o seu poder genesico, se lhes abre a porta e manda tocar para longe.

Para longe: eis o destino. Em nome de Deus: eis o preceito.

Isto, porque a mulher — o canon diz e tu o confirmas — é ainda e sempre incompativel com a divindade, e tu e os teus são filhos legitimos e queridos do Eterno, irmãos gemeos dos anjos e por isso incorruptiveis, gloriosos, unicos!

Isto é assim, beatissimo padre, isto succede assim. Sabe-lo tu, sabem-no todos os que, como eu, um dia viveram e sentiram a alma da igreja, em todos os seus ramos de actividade social.

Agora pergunto: a mulher será, na realidade, esse fardo abominavel que pesa sobre vós como uma maldição?

Eu acho que o vosso canon se contradiz nesta passagem.

Na verdade, eu vejo-vos todos os dias beijando mãos de cortezãs, adulando rainhas, requestando marquezas, condessas, titulares...

Se a vossa aversão á mulher é tão profunda e manifesta, para que accetaes o que vem das suas mãos impuras, cheirando a carne e a peccado?

Porque a vossa maior força, a renda principal da vossa seita, chega-vos d'ella, que é ainda, desgraçadamente, a mais supersticiosa por ser a mais ignorante.

O vosso dominio sobre as multidões provem exclusivamente da sua intervenção nos negocios da vida, que vós levaes depois a intervir nos negocios da morte.

O tu seres ainda chefe d'um bando tão formidavel é a ella que o deves.

Sem ella não haveria mais religiões e o Vaticano onde dormes ainda tranquillo, seria ha muito um hospital ou um asylo, e todas as egrejas do universo, valiosas fabricas e officinas, de todos os tamanhos e para todas as industrias.

Com effeito, a mulher desde o seu apparecimento no mundo social, cahiu sobre a nossa fraqueza como um sereno astro luminoso: dispersando a tristeza, rasgando a nevoa densa da nossa solidão.

De resto, quem ha ahi que viva em paz e na abundancia, longe do seu olhar, sem o seu amor e o seu carinho?

A tua igreja, não, pois rasteja sob o seu manto, mina debaixo dos seus pés.

Bastava ella calcar um pouco mais para que tu e os teus rebentassem como sapos debaixo d'uma roda que passa.

Pois bem, não obstante toda esta generosidade, tu és sempre o seu primeiro inimigo.

Todas as vezes que se levanta a velha questão do feminismo, procura deshonral-a, forjando os mais duros e humilhantes argumentos para a excluir da vida racional, como um ser sem actividade nem consciencia, digno, quando muito, da nossa compaixão.

Proclamas em toda a parte e por todos os modos a sua inferioridade moral, intellectual e physica, evocando as origens humanas, com os livros do propheta abertos em tua frente.

Deus creou Adão... Sabes: o velho e estafado thema biblico — essa monstruosidade...

(Do Evangelho d'um Seminarista).

THOMAZ DA FONSECA.

A ARCHITECTURA D'HOJE

Por banal e profusamente espalhado pelas massas menos cultas da população, não mereceria a pena abrir este artigo dizendo: a civilização portugueza é, n'este seculo e n'este canto da Europa, a digna representante da immovel civilização chinesa — se não sentisse, no meu espirito, a forte necessidade de o dizer e affoitamente o mostrar para, pela repetição d'esta mesma trivialidade, fazer assomar as energias adormecidas, marasmadas, e podermos verificar se este estado representa um esparso passageiro ou uma condição inevitavel da nossa raça. Creio bem que não.

Atravessamos decerto um largo periodo de modorra, um hyato obscuro, e vamos ainda estonteados, tacteando, como quem acorda extremunhado. Todas as nações latinas vão resuscitando: a Italia pela sciencia, a Hespanha pela arte — e assim fazem letra morta das theorias que marcavam para já a derrocada final. Portugal caçado, rôido por mil vicios, esteve largos annos apagado como nacionalidade. Hoje, parece-me, começa-se fazendo um resurgimento, uma ideia de vida agita toda a alma portugueza; mas, ainda no estonteamento do somno, mal enxerga o que faz: vae, como quem recorda na nublose sombria da ideia, tempos passados, reproduzindo sem sentido e sem alma o que já sentiu e já amou n'uma vida anterior.

O espirito, n'esta meia luz que o illumina, não traz, ao trabalho mental um sentimento de originalidade e o calor d'uma ideia: como na somnolencia que succede ao somno repete inconscientemente actos anteriores. E' este o estado em que estamos como alguém que, de olhos virados para o caminho andado, não visse o terreno que pisa.

A nossa architectura actual nasceu d'este estado de espirito. Como uma canção que se cantou durante muito tempo se trauteia depois sem nexo e sem calor, a nossa architectura d'hoje é uma fôrma inerte que nada representa, porque morreram as ideias e as crenças que a animavam. Os architectos, depois de largo esquecimento, começaram a tirar do olvido a fabrica gloriosa dos Jeronymos e cheios d'um vivo amor pelas glorias passadas copiaram-na e recopiaram-na, sem criterio, para toda a especie de edificios.

Erigiram o estylo manuelino em nacional e, como se ainda vivessemos no reinado de D. Manuel, lá se levanta uma estação manuelina e passado pouco tempo um hotel manuelino! E essa forma tão gentil

do estylo ogival assim grotescamente parodiado, dá logar ao trocadilho de Junqueiro chamando-lhe — estylo manuelsingho.

Os architectos estudaram com a regua e com o compasso esse bello monumento do passado e só viram linhas geometricas; passaram d'alto sobre o seu valor moral e artistico. Um estudo profundo seria proveitoso se se demonstrasse que a architectura manuelina representa as raizes da nossa arte architectural. Então sim. Mas creio bem que não. Os Jeronymos, áparte umas variantes, são como todos os monumentos d'essa epocha. Talvez se encontre alguma coisa puramente nossa vendo, com olhos de ver, certos pontos onde a mão do artista rude e ignorante, com a liberdade dada pelo architecto n'aquelles tempos, traçou em arabescos rendilhados, em figuras de santos, n'algun pedaço mais querido a sua alma saudosa pelos que partiram para a grande viagem. Mas isto, de valor para a arte d'ornamentação, só o daria um estudo intelligente onde entrasse mais o artista que o geometra.

Assim não. Chega o architecto: mede, copia torreão d'ali, corucheo d'acolá, um friso, um baldaquino e reunindo tudo, segundo uma linha geometricamente harmonica, fez uma coisa para todas as necessidades provaveis — estação, hotel, escola, tumulo.

De maneira que estamos no estado curioso de vivermos hoje e pensarmos como os que descobriram as Indias. Com este nosso modo de ver só as exterioridades, sem penetrarmos o espirito das coisas, admiramos com interjeições eguaes os Jeronymos, a caixa cubica do Rocio e o hotel monumental. Temos o ecletismo do ignorante. Quando se inquirir, n'um futuro remoto, da herança do nosso tempo a historia terá de passar um traço sobre um periodo que se encontra repetido.

Todas estas palavras são ditas olhando o grande hotel monumental do Bussaco por ser o que mais de perto procura reconstituir o estylo antigo. E que pouco senso e criterio artistico em fazer d'essa obra da crença e do sonho d'um povo a banalidade d'um hotel! Architectura para cathedraes, de grimpas altas, elevando-se como um sonho, arcarias primorosas de minucioso detalhe; chamando á oração o contemplativo e o crente, abrigando o resonar alto do touriste e as comesainas de brasileiros valetudinarios!

E' o mesmo que mandar fazer uma sala de jantar em formas e com ornamentos tumulares. São desvios do senso critico d'um espirito que não desce á essencia das coisas.

Cada ideia tem a sua representação material de linhas geraes imutaveis e sahir d'ella baralhando tudo e trocando-lhe os papeis é fazer um pandemonio indiscriptivel.

Este amor demasiado á arte do passado applicando-a sem nexo a tudo faz-me lembrar o côrvo de Edgar Poë que tudo sublinha com o inconsciente — *Never more*; ou esses individuos que teem um bordão na linguagem e a tudo o applicam sem consciencia. Conheci um sujeito que tinha por habito dizer — Ora ainda bem.

Participavam-lhe um casamento d'um amigo — Ora ainda bem. — Davam-lhe nota d'um casamento — Ora ainda bem. — Tristemente alguém lhe dizia : morreu-me meu pae — Ora ainda bem. — E sempre, sempre a tudo applicava a sua phrase de bom humor, como o corvo de Poë, inconscientemente. E é isto que me lembra tambem quando vejo esse estylo medievo a servir de estação, de hotel e escola.

Mas ha mais.

Em toda a parte hoje se procura modificar a arte de construcção, adaptando-a aos novos materiaes que a industria fornece, dando-lhe as formas que a arte decorativa vem produzindo com cuidado pela hygiene e sempre em harmonia com o espirito especulativo d'hoje. Agora que já não ha razões para construir cathedraes, mortas as velhas crenças, deixa-se para os estudiosos e archivistas as velhas formas de architectura impropriias para servirem a nossa vida agitada, rapida, egoista e repartida por mil occupações.

Quer-se simplicidade, sobriedade; requer-se que no menos espaço possivel possa haver commodidade e arte. A nossa educação que não foi feita no tempo de D. Manuel, mas hoje, não nos preparou o espirito para essas formas do gloriôso estylo ogival. Admiramo-la como uma obra d'outras eras que seria barbaro sacrilegio profanar com a nossa vida comestina de todos os dias nunca amoldada ás sumptuosidades da construcção.

E francamente, tentar hoje a reconstituição d'um estylo é a ideia mais phantastica que se pode imaginar.

E' necessario caminhar para a frente, abandonar esta preguiça, tentar produzir alguma coisa puramente nossa baseando-se nos sentimentos e ideias que hoje nos agitam. Fundamentar a obra d'arte, seja qual fôr, no nosso sentir intimo.

Que nós e tudo que nos rodeia tenhamos a mesma alma commum.

Só assim se conseguirá fazer alguma coisa util e digna, capaz de nos afirmar como nacionalidade.

ALVARO DE CASTRO.

CARTA ABERTA

Meu querido João de Barros.

Vou escrever-te sôbre o assumpto d'uma das tuas publicações que — entre as que tens de incontestavel valor — me parece a unica má e impropria do teu bello talento. Farei uma ligeira apreciação sob o ponto de vista artistico e moral.

E tu, se julgares esta carta digna de publicidade, dá-lhe o ultimo logar no primeiro numero da tua revista.

*

Aquelles versos *A' Virgem*, que o anno passado publicaste em folheto, achei-os tão fóra de proposito como se alguém apparecesse, fôsse onde fôsse, a dizer que o Adamastor não é mais que o cabo tormentorio, uma rocha enorme sôbre o mar.

Deram-me a impressão de que tivesses erguido os braços para o céo no intento de encobrir uma estrélla, ou de que, numa antipathia arrebatadora, num impulso anti-artistico, pretendesses rasgar um quadro antigo, uma tela preciosa, sem pensar um só instante em suster a mão... que traçou estas palavras:

«Já não és nada que mereça culto,
«Tens a apparencia velha e adormecida.»

Ora eu que admiro com enthusiasmo a tua alma de poeta; eu que sei bem quanta razão tens em querer que a luz, que illumina o cérebro, se não desperdice em phantasias inuteis e prejudiciaes, comprehendi-te; mas fiquei triste!

Quem possue, como tu, um sem numero de poesias de elevadissima grandeza moral, tem feita a sua profissão de fé. E alli, n'aquelles versos, parecete-me um apóstata da Arte!

*

A imagem é uma necessidade do espirito. Se não dermos *aspecto, fôrma plastica* ás nossas ideias, estas serão abstractamente inacessiveis e absolutamente vãs. Ninguem as supportará, nem poderá guardar dentro de si para as sentir como suas.

Tu mesmo — no impeto de destruir — foste pegar numa d'essas detestaveis esculpturas que os catholicos, uns cegos de crença, outros cegos de estupidez e, ainda, outros cegos de indifferentismo, conservam sôbre os altares.

E a imagem da Virgem não é, decerto, aquella ridicula figura de madeira que

«De tanto se cobrir e esconder
«Cai de caruncho, ha muito tempo já!»

*

A imagem da Virgem é a personalisação ideal do amor puro, *impeccavelmente honesto*, na donzella, na esposa e na mãe!

Na pureza do sentimento está a virgindade. E nem a virgindade seria coisa alguma apreciavel se não significasse a pureza do sentimento!

Por isso se diz da Mãe do Christo, — uma das mais admiraveis figuras da religião — que ficou sempre virgem, ou *igualmente* pura, sem que pelo mais leve pensamento affectasse nada contra a natureza, antes do parto, no parto, e depois do parto, isto é, quando mulher amada, quando esposa e quando mãe!

Foi a creação d'um genio, que não pode ser mais idealmente artistica, nem mais proficuamente moral!

E que prejuizo haverá em se acreditar que tenha havido uma mulher — com o coração de tão fino oiro e d'alma de crystal —, que permanecesse pura, simples e ingenua depois de esposada, como o fôra antes — virgem?!

Pois não convirá que exista no espirito publico esse modelo de perfeição moral para exemplo das mulheres, e em correspondencia a essa vulgar phase platonica da vida do homem, que é tão util e tão educadora?

*

Seja como fôr, meu João, os teus versos *A' Virgem* apenas esfarrapam uma esculptura d'um mau santeiro. E foi d'essa esculptura que tu levantaste os olhos para olhar o passado a muitos seculos de distan-

cia, e te convenceres de que lá — para onde olhaste — se não distingue ninguém que mereça o culto da Mãe de Deus! E foi nessa persuasão que resolveste dar uma impressão, defeituosamente humana, exagerando a animalidade e pondo em relevo o instinto carnal com todos os seus ávidos sentidos.

«... dize as horas de anciedade, os dias
 «Febris em que esperaste o teu noivado,
 «Em que morrias, em que revivias
 «Na ancia de entregar-te ao desposado.

.....

«Põe no céu um azul intenso e forte,
 «Na vida um sôpro de volupia, e os beijos
 «Parecem dados a temer que a Morte
 «Venha esfriar a febre dos desejos!»

Ora o que estes versos teem de antipathico são os traços firmes da sensualidade. Isso que nos quadros mais vulgares da vida, ainda que seja uma verdade, reclama decencia!

Meu João, meu poeta! Bem se vê que os versos *A' Virgem* não fazem parte das tuas preciosas «Palavras Sãs!» E que ficaram para traz e bem longe do teu orientado «Caminho do Amor!»

Os livros que tens publicado, quasi todos, são d'um alcance social e moralizador como pouquissimos poderão andar nas mãos do publico.

Recorda aquelle teu extraordinario soneto:

«Amor! Amor! E esta palavra tem
 «A fôrça redemptora de Jesus...

 «Que vence o tempo e desafia a Morte
 «E torna bons os corações dos maos!»

E quantas outras poesias perfectas na fôrma, mas ainda mais perfectas pela ideia, pela grande fôrça moral que incutem!

A característica da tua poesia é, deixa-me dizer assim, a *humanisação* de todos os sentimentos, particularmente dos religiosos, cuja phantasmagoria tens combatido com muitissima energia, talento e Arte.

Teu do coração

JOÃO DE DEUS RAMOS.

FACTOS

O intempestivo discurso do sr. dr. Callixto, a fingir de resposta á **Oração de Sapiencia** que o sr. dr. Bernardino Machado pronunciou este anno, no dia 16 de outubro — sob os pesados tectos da Sala dos Capellos e entre a immobilidade sonsa dos retratos reaes — deveria ter determinado um duplo movimento de protesto, da parte dos professores e da parte dos estudantes; movimento que, significando uma aspiração de liberdade e mostrando o amor e a comprehensão das modernas theorias pedagogicas, fosse um desmentido, claro e franco, á rethorica balôfa e reaccionária do sr. dr. Callixto.

Dos professores, só um deu signal de si: o sr. dr. Sousa Refoios que, n'um artigo vibrante e ponderado, sereno e logico, publicado no n.º 13 do *Movimento Medico*, defendeu o seu direito e o dos seus collegas; os outros caláram-se, depois do vago annuncio de um *claustró pleno* — annuncio em que pouca gente acreditou; e os estudantes continuaram a exhibir pelas ruas de Coimbra a elegancia das suas gravatas e a serenidade de quem, não tendo consciencia, não lhe dá pela falta. E no entretanto — os professores tinham a absoluta necessidade de mostrar publicamente que a ninguém admittiriam a condemnação das suas doutrinas pedagogicas, quando alguma vez as viessem proclamar d'aquella mesma tribuna d'onde o dr. Bernardino Machado nos disse a sua opinião sobre o Ensino Portuguez; e os discipulos bem podiam ter reparado em que a *Oração de Sapiencia* defendia, mais do que tudo, os seus interesses.

Mas ninguém viu nada; ninguém quiz mostrar que prezava a sua dignidade. E isto prova, de maneira flagrante e significativa, a ignorancia, o rebaixamento, a indifferença do espirito publico por tudo que diga respeito ás questões de instrucção e de educação. E em Coimbra, onde parece natural que ellas preoccupassem a maior parte da gente — nem levantadas pela voz persuasiva d'esse professor illustre, que sempre as estudou com tanto interesse, conseguem apaixonar o corpo docente da Universidade que, aproveitando a occasião, magnifica e talvez unica, que se lhe offereceu, devia ter promovido uma affirmacão de principios e methodos pedagogicos, e uma divisão, sincera e livre, de opiniões.

A verdade, porém, é que se não manifestou.

Francaamente — chego a julgar que toda a poeira dos Geraes, das aulas e da Sala dos Capellos, caindo sobre os professores durante os annos precisos para alcançar a cathedra, os immobilisou n'aquelles mesmos gestos que tão ridiculos eram para os seus olhos de estudantes!

Houve excepções, é claro. Mas o sr. dr. Sousa Refoios constitue a unica excepção publica. E ainda que houvesse mais conhecidas, o facto é que a collectividade ficaria do mesmo modo n'uma situação deprimente.

E não me queiram agora persuadir de que a *Oração de Sapiencia* foi um discurso politico, como tantos me declararam, offendidos.

Não o foi. As ideias que defendeu o dr. Bernardino Machado são meras ideias pedagogicas, já realisadas na Inglaterra e na Allemanha e que muito preocupam a França moderna. São ideias conhecidas e defendidas pelos maiores pedagogistas. E os senhores que são tão reaccionarios, sabem onde é que a independencia dos estabelecimentos de ensino em relação ao Estado, que o dr. Bernardino Machado proclamou, encontra mais seguras provas de que é justa e boa? Nas Escolas Congreganistas francezas, como o podem ver na *Psychologie de l'Education* de Gustave Le Bon!

*

Antes de acabar — e por causa da imbecilidade com más intenções que por ahi enxameia —: — não se julgue que eu, dizendo que o sr. dr. Bernardino Machado não espalhou senão ideias conhecidas lá fora, acho ás suas palavras menos merecimento ou originalidade do que realmente têm. Elle mostrou que sabia adaptar ao seu paiz os processos pedagogicos que no estrangeiro provaram sobejamente a sua efficácia; quer dizer, mostrou que os sentira de novo, como portuguez que ama o seu paiz e o quer ver engrandecido. E eu penso que o sentimento é mais que bastante para dar novidade e belleza ás obras dos homens.

E depois, o que é mais para louvar n'essa *Oração de Sapiencia*, não são propriamente as ideias que ella expandiu, mas o desassombro, a serenidade com que foi dicta, n'um meio de gente que lhe era hostil, por temperamento e por educação. Gente que, n'um visivel contraste com o orador, mostrou que não era portugueza, nem sequer *gente*: são todos de pedra, como a estatua da rua dos Grillos; e, como ella, têm sempre aberto na mesma pagina o mesmo livro que nunca lêem.

SOARES DOS REIS

No dia 3o de outubro inaugurou-se em Villa Nova de Gaya a estatua de Soares dos Reis — trabalho de Teixeira Lopes, o escultor da *Viuva*.

Ficou assim, na sua terra e por um seu discipulo, o bronze memorando do que foi em Portugal o maior temperamento artistico da sua epocha.

A sua obra é curta e luminosa como o clarão do relampago rasgando as trevas sombrias. Toda ella, triste e melancolica, condensando a ancia d'um alto espirito asphixiado hora a hora na queda das illusões, é um commentario emocionante á sua attribulada vida de artista.

A *Saudade*: uma elegia magoada lembrando o mundo ideal onde viveu; o *Desterrado*: o desalento final da sua vida.

A alma quebrantada que anima o *Desterrado* e o faz viver, torna o bloco inerte de marmore uma extraordinaria auto-psychologia. Aquelle homem que chora, confundindo as suas lagrimas com os lamentos do largo oceano, tem a alma d'esse vulto triste que se chamou Soares dos Reis: parece descobrir-se n'esse olhar, que sonha e chora, a pertinaz e mansa loucura do suicidio.

Na obra curta de Soares dos Reis ha um mundo immenso de estudo. Trabalhos como o d'elle são o orgulho d'uma nação e o desespero dos que enveredam para a mesma carreira. E agora, que se lhe ergueu uma estatua, não se descuidem os que a veem: estudem-no com carinho, piedosamente, para aprenderem a fazer do friável marmore o arcaboço d'uma ideia.

A. C.

KALENDARIO

16 de Novembro — 1900

Morre CYRIACO DE CARDOSO.

A sua musica quasi sempre linda, feita umas vezes d'inspirações, outras de reminiscencias, entrou no ouvido da geração que o applaudiu; e elle foi, recompensadamente, o musico d'uma epocha.

É que Cyriaco de Cardoso tinha o segredo de dar ás suas fusas ternas, ás suas colcheias faceis o dom alegre da sympathia.

Com Gervasio Lobato, o gordo jocosos das gargalhadas fartas, com D. João da Camara, o idyllico feitor dos *Ramirinhos* e dos *Fifis*, foi Cyriaco de Cardoso que coloriu com as pautas amenas das suas partituras ligeiras esses quadritos leves do *Solar dos Barrigas*, do *Burro do Sr. Alcaide*, do *Valete de Copas*, do *Cóco*, *Reineta e Facada* (depois o *Bêbê*), do *Testamento da Velha*, etc.

Elle possuia a arte de colher e estylisar no palco as canções populares e o seu nome é toda uma evocação de descantes e de amores em que ha meirinhos esguios e raparigas namoradas, velhotes birrentos e carcassas lubricas.

Parece que ainda na morte lhe esfusiaram aos ouvidos os foguetes da *Manoela*:

Tenho cá no repertorio
Um grandioso foguetorio;
Faltam bombas, mas que importa?
Se essa falta a coisa entorta
E' bater á minha porta
P'ra foguetes basta eu só.

*

28 de Novembro — 1888

Morre ANTONIO FOGAÇA.

Foi um dos muitos d'essa ala dos poetas menores de Portugal que, sem se elevarem nunca aos altos cimos da arte, viveram comtudo, honestamente e sentidamente, versos agradaveis e doirados que, mais que os perfeitos, sobrenadam na memoria dos que os lêram ou ouviram,

porque mais facilmente correspondem á maneira media do sentimento geral.

Com Hamilton d'Araujo, esse improvisador generoso, José Duro que a poucos passos da morte publicou o *Fel*, Pereira Pinto, o da musa sensual, apenas lembrado nas *Posthumas*, e tantos outros que o tempo vae levando, Fogaça foi um d'esses cedo-mortos que tiveram unicamente na arte como na vida, paginas de mocidade.

*

A poesia de Antonio Fogaça é quasi sempre risonha de prazer, voluptuosa, quente d'amor, languida e macia, como essas peçasinhas que elle dóba para as suas amadas que, mesmo morrendo, ficam vivas para elle:

Se julgam que morreste,
é bem melhor... Só vives para mim,

A prova é que não chóro...
que tenho como então cantos dispersos...
que és inda, alma que adoro,
o sonho, a vida e a gloria dos meus versos!...

E' toda essa poesia fresca e moça que para se conseguir:

basta encarar o Sol e ter feito vinte annos.

E se lá uma vez ou outra a phrase entristece e chora, não é de cuidar que a alma do poeta se turvasse:

Póde um verso ser triste e hilariante a Canção!

A obra de Fogaça é quasi sómente constituída pelos *Versos da Mocidade*, publicado em 1887 e que houve, o anno passado, o bom gosto de reeditar.

Esse livro abraçado por duas datas visinhas — 1883 a 1887 — resume tudo o que o auctor fez e dá a exacta medida da sua força poetica.

Ha numa quadra sua linhas que o definem:

Só para que ella saiba quanto existe
em minh'alma de aneio e febre e abysmo,
rendilho um verso voluptuoso e triste
— arte de luxo e flaccido humorismo.

E' d'essa arte ligeira e galante que o livro é feito. Encetam-no as *Orações do amor*, composições miudas, um tudo nada mysticas na forma, ladainha de louvores e benções a essa

mulher suave
alma ingenua de lyrio,
seio alvissimo d'ave.

Vem depois o segundo livro — *Magua e Risos* — que abre pela de-feza do poeta contra os que o increparam de melancholico e sombrio, o que elle repelle com toda a vida que lhe vae n'alma.

Não pode ser! Eu sinto a perola brilhante
da alegria — a rolar dentro do coração.
.....
Nunca senti ninguem trahir-me no seu beijo.
Não sou dos que na luz andam na rectaguarda,
nem visto ao pensamento a respeitosa farda
que acompanha, em silencio, os carros funerarios.

E em todas as paginas seguintes a sua musa canta e ri, ora saty-rica como no *Frade* e no *Novo Visconde*, ora sensual e ardente como nessas estancias *No quarto de Laís*, em que elle diz á mulher:

tens uns veios asues como se andasse
uma saphira a percorrer-te o sangue.

Enternecido ou arrebatado, o seu lyrismo expande-se á larga no *Cofre Natural*, por exemplo, e a sua arte é muito pura no bello trecho d'*A mulher-estatu*a, uma das suas melhores coisas:

Manso amor, quando a admira e vê, como se a morte,
beijando-a, congellasse a belleza inconsciente,
vibra em nós, em delirio, extraordinariamehte,
sequioso e fatal como os ventos do Norte.

As inevitaveis quadras lá surgem tambem *Para a guitarra* com o o simples tom popular:

Vão as pombas pelo céo,
vão as canções pelo ar,
vae na dança, junto ao meu,
o coração do meu par.

Na *Phantasia nostalgica* ha alguns versos bons :

Desfolho em sonho a flor do desvario...
Vem surgindo a manhã. Cantam as festas
que hão de alastrar-se pelo azul sombrio,
doirando a Sol os ninhos e as florestas.

A segunda parte é toda preenchida por sonetos leves e suaves, muito correctos alguns, como *Sonhada esposa* e *Inconsciencia*.

A technica de Fogaça é em algumas producções segurissima e inovadora; é preciso considera-lo, quando se tratar de estudar, como merecem, os processos da moderna poesia portugueza. Fogaça foi, por exemplo, um dos que renegou em absoluto esse systema absurdo de iniciar todos os versos por maiusculas.

Os *Versos da Mocidade*, esse livro pequeno e agradável, foram a unica coisa que nos ficou de Fogaça, que ha deseseis annos se finou na sua casita da Couraça de Lisboa, em Coimbra, quando estudava o seu terceiro anno de Direito.

E lá morreu para a vida e quasi para a lembrança Antonio Maria Gomes Machado Fogaça, o Fogaça das cantigas e das serenatas, que da sua aldeia minhota de tão lindo nome — *Villa Frescainha* — viera a Coimbra para ser bacharel e sobretudo para ser trovador.

Em epitaphio podiam dizer-se esses seus versos da *Aria do Luto*:

Eu adorei as pallidas imagens,
as vozes ideaes do sentimento
e a açucena azulada d'esta vida.
Vi no deserto o quadro das miragens...
e decantei balladas ao relento
sob o balcão da triste Margarida.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

LIVROS

HERBERT SPENCER. — *Da liberdade á escravidão* — traducção prefaciada por Julio de Mattos.

O Sr. Dr. Julio de Mattos, com o prestigio inegavel do seu nome, consagrado em trabalhos de folego, derivou ultimamente para a traducção e prefaciação d'obras inferiores ao renome de tão illustre psychiatra.

Ha meses traduziu e prologou largamente a obra mediocre do Barão Garofalo — *A superstição socialista*, com a aggravante pesada de discordar em absoluto de certas ideias nella expressas, o que realmente faz pensar para que servirá tentar divulgar uma obra com que se não concorda, quando quem a apresenta ao publico tem as responsabilidades d'um passado brilhante e gosa do poderio que impõe, ás multidões indiscriminadoras, um nome aureolado!

Garantida pela firma acreditada do Dr. Julio de Mattos, *A superstição socialista* foi a principio julgada uma obra digna, e dolorosa foi a surpresa ao vêr-se que se tratava apenas do balofo libello d'um reaccionario.

Pouco tempo volvido vem o folheto de Spencer, a que já se alludia naquelle prefacio; pela proximidade das datas e pela semelhança das duas introducções parece deduzir-se que o Sr. Dr. Julio de Mattos, afivelando escudos estranhos, está disposto a romper bravamente a campanha anti-socialista em Portugal — um dos paizes em que o socialismo verdadeiro e organizado não existê.

Ninguém tem o direito de o censurar por essas suas recentes ideias, mas pelo respeito que merece a mentalidade que decidiu empenhar-se nessa lucta, preciso é dizer qualquer coisa sobre o importante caso.

*

Abstrahindo por completo de partidarismos e seitas, ninguem pôde negar a importancia crescente e progressiva do socialismo.

Pela sua historia, pelas suas tendencias, pelo movimento intenso que elle tem provocado no campo scientifico, politico, industrial, commercial, litterario e até artistico, o socialismo constituiu-se num grande factor do progresso actual.

A sua bibliographia é immensa e incessante, os seus adeptos constituem legiões e sobretudo nessa bibliographia e nesses adeptos conta o socialismo — muito acima dos *mèneurs* que o Sr. Dr. Julio de Mattos vê da sua janella — nomes prestigiosissimos e insuspeitos que numa porfia incessante e desapaixonada, serenos e methodicos como sabios que são, têm enriquecido d'obras magistraes, não só a grande bibliotheca socialista, mas os gabinetes de todos os que pensam e estudam.

Bastará citar Enrico Ferri, o grande criminalista da Italia moderna.

Ora quando uma seita ou uma escola se alarga d'este modo e pode depôr na balança da civilisação bagagem de tal peso, é indesculpavel, porque é pueril, pretender critica-la com meia duzia d'arrasoados apressados e furibundos ou com panaceias religiosas como furiosamente apregôa o barão Garofalo.

*

Claro que o Sr. Dr. Julio de Mattos pode absolutamente discordar do socialismo, considera-lo falso, pernicioso, retrogrado — seria até muito interessante uma obra sua nesses termos — mas o que o Sr. Dr. Julio de Mattos não devia fazer era limitar-se a traduzir obras fracas e antecede-las com afirmações ditas de tão alto e com asia.

O que eu ambicionava, por isso mesmo que não concordo em muitissimos pontos com o criterio socialista, era uma obra seria, larga, reflectida, como o Sr. Dr. Julio de Mattos as sabia e, provavelmente ainda, quando quizer, sabe fazer; em que, desprezando uma cabala diminuta que nada representa e tanto o afflige, o sabio que se hospeda no Dr. Julio de Mattos estudasse a fundo, com factos, com documentos, com estudo todo esse vasto cosmorama socialista. E então admittiria eu que, depois da cabal demonstração da sua inanidade e inconveniencia, se exterminasse de vez o socialismo sob as patas vingadoras d'um burguez feito heroe.

*

Para que se não apóde esta critica de suspeita ou infundada vou extractar, com a indeclinavel rapidez, algumas das afirmações do traductor.

Começa o prefacio por afirmar que o folheto de Spencer ha de *desgostar profundamente os empreiteiros portuguezes das queixas e reivindicações proletarias.*

D'onde se vê que não é contra o *socialismo-ideia* que o prefactor combate, mas contra o *socialismo-mania*, o que é pena não venha especificado.

Depois descompõe-se bravamente o *egoista e auctoritario proletario com a sua alma duplice de tyranno e de escravo.* Feroz tyranno esfomeado, que sua um dia inteiro para ganhar uma codea!

Continua, em seguida, a objurgatoria aos *méneurs* socialistas, *paladinos da plebe* e entre outras opiniões barbaras posso citar estas:

Entretanto, clamorosamente vam pedindo ao Estado, de joelhos ou de chapau na cabeça, segundo as circumstancias, que remedeie o pauperismo, creando asylos e impondo a taxa dos indigentes (o que nunca fez senão accrescentar o numero dos ociosos e dos parasitas); que estabeleça creches para servir a proliferação desbordante do proletario (o que não consegue senão afrouxar progressivamente os laços de familia pelo abandono temporario dos filhos); que multiplique as obras publicas para entreter os operarios sem trabalho (do que apenas resulta uma despropositada carestia e uma pessima execução de todas as construcções, como demais o sabem, engenheiros e architectos); etc.

Raciocinando da mesma fórmula poderíamos tirar mais as seguintes conclusões: a abolição completa de asylos, hospícios, creches, etc. e, por maioria de razão, dos hospitaes (que nunca fizeram senão acrescentar o numero de doentes e ociosos); das

prisões e penitenciarias (que não conseguem senão affrouxar progressivamente a dignidade moral e aumentar portanto a cifra de vadios e criminosos); e até dos manicômios (que só servem para propagar os loucos e os maniacos)...

Passado o draconiano invectivar dos humildes e dos miseros, atira-se-lhes á cara os favôres e as esmolos dos ricos *que lhes pagam escolas, asylos, albergues, hospitaes, etc.* e a generosidade dos opulentos que *com o seu luxo mantem especiaes industrias* (o lenocinio, por exemplo) e dispendem rios de dinheiro em beneficencia e ensino.

Em Portugal é esta ultima affirmacão uma verdade... gôrda, se abstrahirmos do sugadoiro do clericalismo.

O Sr. Dr. Julio de Mattos entra a seguir na apreciaçãõ da litteratura e a sua prosa é toda censura:

Com estes revoltosos de grosseira cerebração collaboram na Europa latina os fasedores d'essa luxuriante e monstruosa litteratura, que na vida dos infimos elementos sociaes encontra o motivo sentimental das suas obras.

O Sr. Dr. Julio de Mattos não cita nomes e é pena, porque realmente nos custa a admittir que elle considere como *aduladores litterarios da plebe* todos os escriptores que no baixo povo se inspiram.

Serão para sua ex.^a simples *fasedores*: Zola, Blasco Ibañez, Pio Baroja, Ada Negri e tantos outros?

Fallando depois em Tolstoï e Dostoiewsky, o prefactor parece inclinado a admittir nelles as *tendencias regressivas niveladoras do collectivismo*.

Em Tolstoï ainda vá; mas em Dostoiewsky, o grande, o extraordinario artista! E' uma falta inlavavel inclui-lo nesse sol da *lamuriante e monotona litteratura*. Dostoiewsky, o perturbador por excellencia, esse epiletico genial cuja obra toda é uma convulsão admiravel de nervos em delirio! Dostoiewsky o sublime psychologo doloroso do *Crime e castigo* e dos *Irmãos Karomasoff*, cuja leitura hoje apellidada de *nevrosigena* se prohibe aos fracos de espirito!

O Sr. Dr. Julio de Mattos exorbitou na sua critica ou leu Dostoiewsky ha muito tempo. E depois era favor que nos indicasse em que pagina da sua vasta obra fez esse escriptor primacial uma affirmacão socialista?

Basta ler o *Jornal d'um escriptor*, ultimamente divulgado em francez, para se ficar plenamente convencido de que elle nunca foi um socialista.

O congresso socialista d'Amsterdã mereçe ao Sr. Dr. Julio de Mattos o epitheto de *selvagens e de philantropos de pacotilha*.

Basta de citações—que quem leu as que ahi ficam deve estar plenamente identificado com o prefacio em questãõ.

Apenas accrescentarei que as responsabilidades scientificas do Dr. Julio de Mattos o obrigam a, querendo vulgarisar Spencer, não o fazer por esse pretexto mesquinho, mas a traduzir na integra a obra volumosa do philosopho de Derby, os seus *Principios fundamentaes*; e então comprehender-se-hia a necessidade d'um grande nome portuguez na testeira d'esses volumes ferteis. E o Sr. Dr. Julio de Mattos faria assim, em Portugal, a obra seria e scientifica que tem feito em Italia o Dr. Guglielmo Salvadori e em França Caselles, Bilot, Gerschel, Burdeau, etc.

Vida, por ISAAC MUNOZ. — Granada — 1903.

Livro d'um mystico, que ama a Natureza como Santa Thereza de Jesus adorava Christo. Querendo ser o estudo d'uma alma jovem e desilludida — que só na Natureza encontra a Vida energica e forte que em toda a parte procurara — não tem psychologia nenhuma. Mas a prosa é rythmica e sonora; as imagens, por vezes, novas e bellas; e uma grande revoada de lyrismo anima as paginas d'esse pequeno volume — que nos promete muito do talento do seu auctor, desde que elle se contente (o que já não é pouco) em *cantar e descrever* o que vê, sem preoccupações de psychologo.

J. DE B.

OLAVO BILAC. — *Critica e fantasia*. — Livraria classica editora de A. M. Teixeira. Lisboa, 1904.

COELHO NETTO. — *A bico de penna*. — Livraria Chardron — Lello & Irmão, editores. Porto, 1904.

Com a novidade d'uma corrente d'aguas vivas que num arremesso fecundo e ondeado, batendo a quilha d'um barco estacionado, o agitasse e o impellisse para uma rota segura e perfeita, vieram estes dois livros dos mais aprimorados artistas brasileiros trazer ao mercado meio cento de paginas agradabilissimas.

E' o Brasil novo que nos vem saudar, que nos entra glorioso pela barra da litteratura, agitando galhardo num mastro bem erguido o pavilhão triumphante da sua moderna geração.

Bem acolhidos serão neste caes habituado ao desembarque de bellezas forasteiras e não deve moderar-se o elogio aos editores, que, ainda que bem recompensado pelo exito, encetaram e proseguiram as lusas edições de bons auctores d'alem-mar.

Vae-se cumprindo assim o dever sagrado, que a arte ordena, da mais inteira confraternisação entre patrias artisticas diversas. Dever que, se não cumprido, toma para nós o nome de ingrato crime, quando ha, num outro ponto d'esta pequena terra em que vivemos, uma outra população de artistas que fallam e trabalham a nossa mesma lingua.

Se o intermedio côxo da traducção se aconselha sempre para a infugivel communhão mundial das litteraturas, muito mais se impõe este facil processo de avishnação entre dois povos que se entendem no original.

E' absolutamente preciso que os nossos livreiros nos tragam a nossa America, por isso que a America portuguesa (no sentido linguistico) é talvez a que guarda hoje a mais original e abundante das litteraturas ultramarinas.

A America ingleza, a dos *yankees* e dos prodigios falha muito mais na produção artistica. E comtudo as relações entre esse imperio gigantesco d'actividade e a insular e velha avó britannica são estreitissimas.

Mama-se lá muito a teta litteraria d'Albion e na Inglaterra têm alguns americanos cartas de naturalisação: Emerson, Mack Twain, etc.

Com a America hespanhola outro tanto não succede. A nossa vizinha Hespanha — que forma com este pouco extenso Portugal a tartaruga gigante que nos mappas

hiberna ao fundo da Europa o seu somno de indolencia — a Hespanha descursa muito a aproximação artistica com as suas numerosas republicas do ultramar. Lá lêem os continentaes, mas estes pouco cuidam da litteratura dos hespanhoes de lá, e apenas um ou outro se divulga — Ruben Dario, Risal e mais alguns que se installaram no continente.

E' pois de inadiavel pressa que se apague esse traço de separação que o grande mar parece riscar entre as duas patrias irmãs — Portugal e Brasil — por isso que acima das barreiras politicas e do dominio das bandeiras, brilha numa mesma idealisação a mesma litteratura apenas tocada pelas distincções com que meios diversos a colorem.

*

Estes dois livros que eu abraço na mesma critica trazem as duas maiores chancellas do Brasil artistico — a do seu mais requintado e consagrado poeta — Olavo Bilac, e a do maior dos prosadores sul-americanos — Coelho Netto.

O livro de Olavo Bilac — *Critica e fantasia*, em que ha paginas brilhantes como as dos *Lazaros*, *Braç-Bocó*, *Laus Veneris*, *A Rainha Draga* e outras, é, devo confessa-lo, prejudicado pela primasia que o artista da *Via lactea* — *O suave Bilac*, como lhe chama Coelho Netto no trecho — *O Passado* — merece como poeta.

Elle é por temperamento, por processos e até pelo logar que a sua bella obra lhe talhou, um poeta magnifico. D'ahi que este seu livro, que acreditaria um nome, só consiga incorporar-se na base do seu pedestal. São pedaços de collaboração jornalistica, trechos d'acaso em que a inspiração constante vae commentando casos, notas diarias e apressadas onde o seu espirito tão rapido pouisa que mal logra fixar-se. O livro abre por uma serie de prosas — *Em Minas* — bucolicos e tristonhos retalhos de contemplações ambulantes pelos velhos sitios da provincia.

Seguem-se as *Chronicas Fluminenses* — diversas e variadas, cheias algumas de um notavel saber de chronista elegante. Vêm depois as *Notas Diarias* — e a fechar, um discurso *Na Academia* que é moldado na forma castiça e rija dos elogios academicos, cortada, de vez em quando, pela originalidade do espirito que o compoz e disse.

*

O *A bico de penna* de Coelho Netto melhor se chamaria *A ponta de buril* se admittindo a velha phrase, se quizesse dar a ideia do extraordinario, arrendado, preciosissimo lavôr d'aquella prosa por vezes assombrosa.

Coelho Netto — o magistral firmadôr do *Sertão* — é, na verdade, um dos mais prodigiosos e opulentos lavrantes da moderna palavra portugueza.

Não é só o seu apurado instincto d'artista que tão bem ajunta os termos, é a sua privilegiada emotividade verbal, o seu farto e recheiado vocabulario, a sua inequalavel sciencia rythmica que, ás vezes, lhe permittem conseguir ineditismos raros de palavras, cambiantes novas e difficilimas de expressão.

A sua prosa se vale como documentação d'um artista magno, marca-se tambem como uma das grandes tentativas de renovação de linguagem, como uma grande

cunha que forçada por mão forte, vae alargando, num esforço bem succedido, a tola avelhentada da, até ha pouco, apertadissima prosa portugueza.

Neste opulento volume de *fantasias, contos e perfis* — é difficil escolher, para apartar, as melhores coisas. Vem logo esse soberbo trecho — *O Paradoxo Contemporaneo* — que eu, ha muito, guardava avaramente numa tira de jornal. Ha outros pedaços primorosos como *Um convento fluctuante*, que não tem perigo de ser *excedido*, *Emmanuel*, delicioso e sentido depoimento d'um artista sobre o grande mestre, *O Luar*, perfeito e imaginoso trabalho, etc.

A prosa de Coelho Netto sendo, só pela sua forma, um primôr, é ainda mais notavel porque não é feita para disfarçar aleijões nem encobrir a seccura d'um cerebro: é farta de bellezas, de imagens, de ideias. Leiam o *Violino* e ficarão convencidos.

Citarei estas linhas do *Luar*:

A tarde ia muito fresca, muito dôce, toda azul, sem nevoas. Já o sol mergulhara por traz dos cerros que resplandeciam como zimbórios e cuspides d'uma rica cidade de lenda, toda d'ouro puro, sob velarios tendidos de purpuras attalicas e os ultimos raios solares abriam-se em leque flammejante sobre as lombadas accesas.

A lua nascia cedo e era de lá que ella devia surgir como um grande passaro que alli tivesse o seu ninho macio e sahisse, pela hora da noite, remontando silenciosamente aos ares, todo branco na escuridão ferruginea. Morcegos esvoaçavam aos trissos rispidos, passavam d'esfusio confundindo-se com as ultimas andorinhas.

Digam lá se não ha aqui toda a perfeição d'um talento fulgurante? no embalo d'essa cadencia que é prosa e côr e sons, pensa-se nos grandes magos da arte de escrever, em Flaubert, em Eça, em Anatole...

*

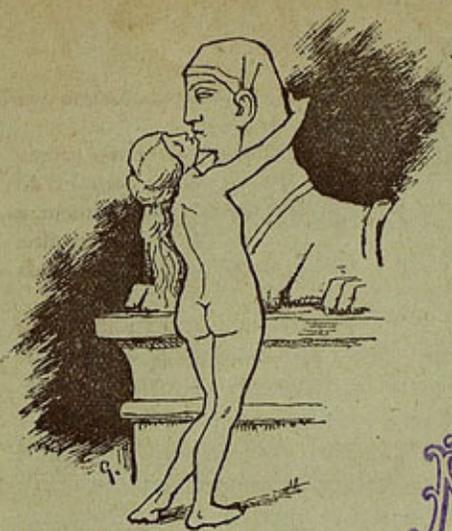
Estes dois volumes offerecem tambem um outro ponto interessante — o confronto entre os dois artistas que se encontram em ambos os volumes apreciando os mesmos factos. De bom grado eu frisaria aqui certas características e maneiras de cada um, se o espaço me não fosse marcado. Mas quem quizer dar-se a essa agradavel tarefa leia, por exemplo, os trechos:

A direcção do balão, Apologia, Palavras de um stegomya de Coelho Netto; e os seguintes de Olavo Bilac:

Santos Dumont, Salamina, Capitulo dos mosquitos. E percorrendo os dois volumes mais lhe apparecerão para completar o confronto.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

No proximo numero começará a publicar-se a secção **Theatros**.



N.º 2

DEZEMBRO — 1904



ARTE & VIDA

SUMMARIO

- Mounet-Sully no «Rei Oedipo» — *Manuel Laranjeira.*
Cartas a um irmão mais novo — *Luiz da Camara Reys.*
A uma «Nossa Senhora» grávida — *Affonso Lopes Vieira.*
Ninho desfeito — *Campos Lima.*
O Sol — *Nunes Claro.*
Notas da decadencia — *Padre Manso.*
Industrias populares — *Manoel Monteiro.*
A sorte grande — *E. Sanches da Gama.*
Kalendario — *Manoel da Silva Gavo.*
Movimento artistico — *Manoel de Souza Pinto.*
Theatros — *Manoel de Sousa Pinto.*
Livros — *João de Barros e Manoel de Sousa Pinto.*

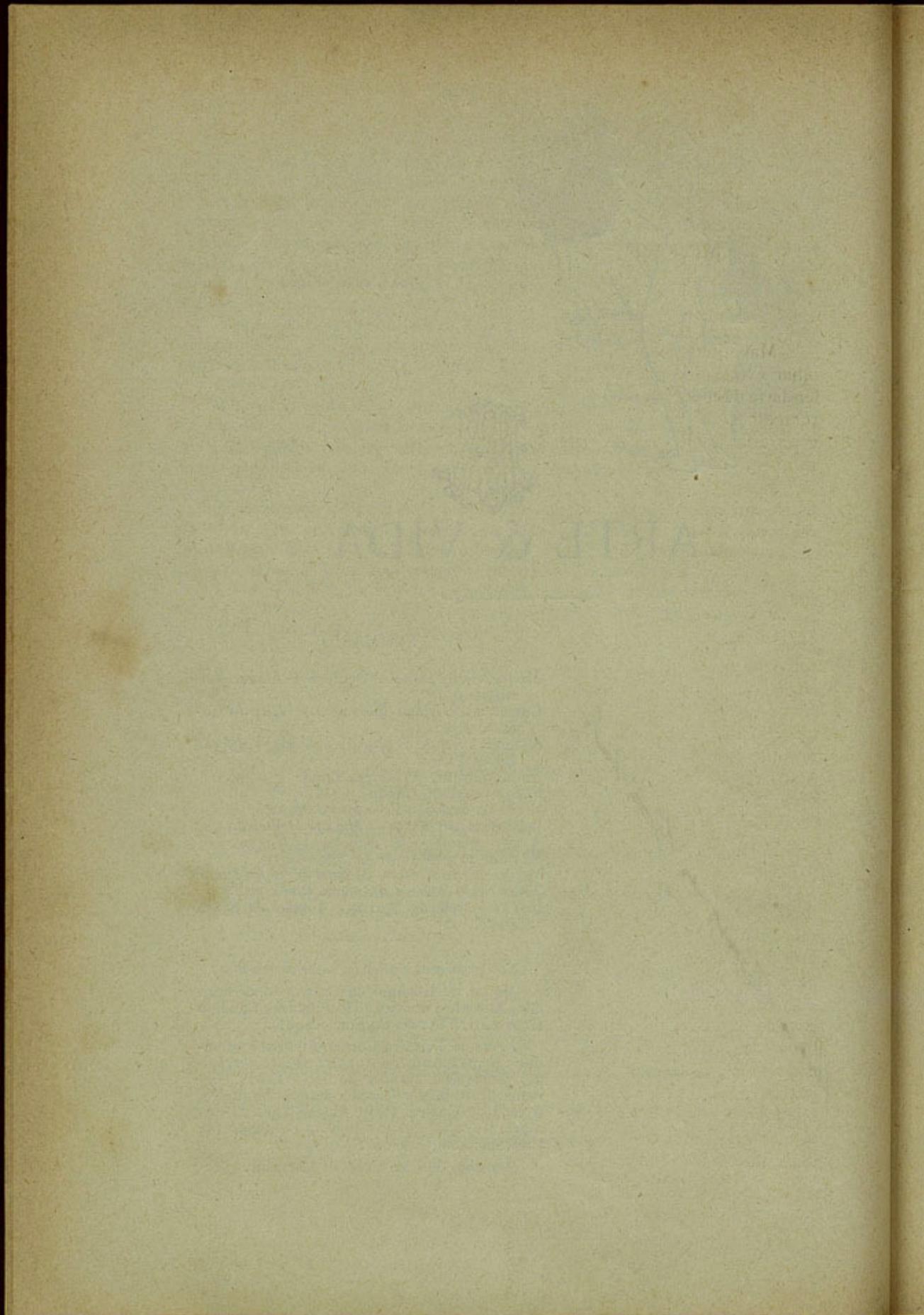
Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Antonio Patricio, João Prezado, Candido Guerreiro, Thomaz da Fonseca, etc.

Prosa de Teixeira Gomes, Annibal Fernandes Thomaz, Antonio Augusto Gonçalves, Lopes d'Oliveira, Manoel da Silva Gavo, Fernando Reis, Mayer Garção, Manoel Monteiro, Alvaro de Castro, Padre Manso, Luiz da Camara Reys, Homem Christo, Fernando de Utra Machado, Annibal Soares, etc.

Desenhos de Christiano de Carvalho.

Manoel de Souza Pinto





MOUNET-SULLY NO "REI OEDIPO,"

Mal sonhára eu que ainda um dia poderia ver mover-se ante o meu olhar extasiado, resuscitada, viva, essa Grecia da idade de ouro, essa lendaria Hellade da Belleza, que a minha imaginação evocava ao contemplar a divina eurythmia, flexuosa e forte, das suas estatuas nuas, e a minha phantasia adivinhava nas hieraticas figuras das suas tragedias sombrias como as mais tenebrosas vias do inexoravel destino.

E contudo essa resurreição estupenda, que parece refractaria aos mais supremos esforços da plasticidade humana, inconcebivel quasi, realisa-a Mounet-Sully, harmoniosa, quente, integra, na sua plenitude de expressão, ao fazer fluminar e viver no seu corpo todo o sangue, toda a alma, toda a vida, todo o crime, todo o incesto, todo o horror, toda a desgraça, do rei Oedipo.

São prodigiosos os recursos da plasticidade d'esse homem. Elle petrifica attitudes; elle coalha expressões inolvidaveis; elle dá ao corpo todas as ondulações sobrias e classicas dos marmores quentes e sensuaes; elle reflecte, como num espelho magico, a infinita variedade dos sentimentos e das paixões — o terror sagrado, a duvida fugitiva, a altivez magestática, a serenidade olympica, a dôr fatidica das victimas do destino, a supplica angustiosa que abranda pedras e não commove deuses, o amor paternal e doloroso, a anciedade da desgraça mysteriosa, o asco de si mesmo, tudo o que ha de fragil e grandioso no barro da natureza humana; elle faz da sua carne a greda maleavel e maravilhosa com que, sem desmanchar uma vez sequer a pureza hellenica das linhas, exprime todas as modulações, variadas até ao infinito, d'essa lingua viva do movimento, inegualavel no rythmo, que, no dizer justo de Mathias Duval, constituia para os gregos como que uma segunda lingua materna. Quando se ergue e apruma, lembra o vulto heroico e esculptural dos deuses immortaes; quando cahe, é uma estatua derrubada pela mão impiedosa do destino.

E, quando elle, escorraçado pelos deuses irritados, os olhos sangrando expiação, pregados com a fixidez da cegueira no abysmo tenebroso das suas recordações amargas, abominaveis, vergado pela fatalidade impassivel, tacteando, doloroso e incerto, o chão, abandona o solo da patria, guiado pela mão piedosa de Antigona, o meu olhar hallucinado continua a vel-o ainda, errante pelas campinas ondulosas, pelos silvedos das collinas banhadas d'uma luz doce e oriental agonisando na tranquillidade da tarde melancholica; emoldurado nas columnatas dos porticos;

rojando-se pelos templos, a mendigar a misericórdia dos deuses que o expulsam sem treguas; morto de cansaço nas pedras á orla dos bosques sagrados ou dos caminhos silenciosos; arrastando-se sempre, perseguido por todos, pelos filhos ambiciosos, pelas sombras do seu crime e do seu incesto; expiando a ignominia da sua raça, como alguém que fugisse de si mesmo...

E, como esse velho thebano, que, na hora angustiosa do exílio, ao offerecer ao seu rei despenhado o amparo d'um cajado, lhe beija a mão, religiosamente, na commoção supersticiosa do seu affecto, eu senti impetos de ir lá dentro e beijar tambem a mão do assombroso artista, numa effusão de agradecimento.

*

Mounet-Sully não realisa apenas a attitude d'um typo humano em face da vida e do destino. Realisa mais: realisa a alma d'uma raça inteira. E não é por um trabalho, obtido á custa de intuição apenas, que elle consegue ser grego até á medula da alma. Ha ali o estudo cheio de culto e affecto, o esforço pertinaz, a paciencia inexgotavel, do homem que passou horas e horas a decifrar a alma d'um povo extinto nas linhas sobrias das suas estatuas, na simplicidade austera, harmoniosa, dos seus templos, dos seus palacios, da sua architectura toda, a descerrar as dobras hieraticas das mortalhas enigmaticas dos seus tumulos, a desvelar o segredo terrivel dos fados na face mysteriosa das esphynges. Ha a reconstituição mental d'um mundo, a resurreição plastica, perante a visão do seu espirito genesiaco, d'essas gerações que formaram o mais bello povo da terra.

E, se ha alguma coisa que melhor defina o character d'esse povo, d'essa raça privilegiada, é a sua esculptura, é o seu carinho pela belleza plastica, por essa segunda lingua materna, sadia e pagan como a alma da terra. Os seus dramas são esculpturas, as suas figuras estatuas animadas, a sua vida é uma esculptura viva, as suas poesias lyricas lembram as pregas onduladas, suaves, esculpturaes, das suas tunicas. Os seus porticos, os seus templos, os seus amphitheatros, toda essa maravilhosa architectura, que parece rebentar expontanea da terra e erguer-se para a claridade limpida do céu azul, luxuriosa como uma floresta petrificada num mar de luz, como um bosque de marmore adormecido á tarde na transparencia da atmosphaera quieta, são apenas fundos grandiosos para as estatuas dos seus deuses, dos seus mythos, dos seus heroes, que parecem surgir do solo como arvores nativas e se envolvem no ambiente harmonioso da paysagem socegada, sob a mesma luz que inunda e funde tudo na mesma radiosa unidade.

Tudo isso o artista reconstruiu na mente, fragmento a fragmento, linha a linha, plano a plano, gesto a gesto, movimento por movimento,

vagarosamente, com a difficuldade dolorosa da lentidão creadora. Depois, estatuario de si mesmo, argilla d'um povo, a obra que o seu espirito laboriosamente modelava numa gestação silenciosa, um dia irrompeu, nua, quente, viva, divinamente proporcionada, como um marmore antigo.

Um trabalho de intuição é sempre um trabalho de jacto. E', por exemplo, o que fez Adelina Abranches, num vôo d'arte raras vezes attingido e nunca ultrapassado, realisando esse symbolo de desgraça e soffrimento, de miseria e prostituição, contorcido e mutilado, da Maslowa.

Oedipo, todavia, para a plastica dos homens d'hoje, nervosa e destroçada, constitue um typo desaparecido, que antes de tudo é preciso modelar, a traço forte e definitivo, no espirito. E, se concebello em imaginação, evolucionando vagamente atravez do trama inteiro da espantosa tragedia e adentro do ambiente hellenico, é apenas um trabalho de evocação, moldal-o no espirito e realisal-o com os recursos da plastica d'hoje, deformada e tão diversa da antiga, constitue um prodigio de estudo, de paciente elaboração, que parece inatingivel pelos esforços humanos, porque é uma resurreição.

E o trabalho de Mounet-Sully não é outra coisa, senão — toda uma resurreição de perfeição integral.

Dezembro — 1904.

MANUEL LARANJEIRA.

CARTAS A UM IRMÃO MAIS NOVO

I

Ha quinze dias, nas ferias do Natal, em que matámos saudades das nossas palestras pelas tardes de setembro, pediste-me que te enviasse, de semana a semana, uma carta sem a fórma banal de chapa, pedindo noticias da saude e enviando saudades... Eu applaudi e agradei a ideia. Foi quando fundamentaste então largamente a proposta, como nos parlamentos, com um relatorio de lamurias sobre essa rotineira, enclausurada e asphixiante vida de lyceu que por desgraça arrastará mais alguns mezes.

Ainda me lembro bem, querido Alberto, do bife mastigado a correr, o galgar do caminho até ao Carmo em dois minutos e as fastidiosas, interminaveis cinco horas de banca, digerindo mal o almoço e as noções massudas de algebra, historia, latim, allemão e litteratura patria! Depois aquelle immoral systema de terror pela nota, que nos fazia emborcar de afogadilho a lição; o pateo lugubre e enlameado nos dias de chuva; a face não menos enlameada e lugubre dum professor que tinha tido contrariedades; e o largo com o seu chafariz ennodado de gallegos, vergavam-me numa melancolia negra de mocinho enfezado, que eu não sabia sacudir.

E' esta a impressão que debes ter tambem approximadamente. E, quando saes de lá, á tarde, com as mãos viscosas de inacção, o olhar amortecido e a physionomia engelhada, ao desceres o Chiado a procurar na rua um pouco de côr e de alegria, a par do vago pavor e espanto que invade um penitenciario atirado para a onda d'uma multidão, sentes decerto o acabrunhamento humilhante dum ser franzino esmagado pelos livros que lhe encham as mãos, pela sciencia mal ruminada que lhe acotovella o cerebro e pelo peso que lhe ficou no peito de cinco horas dobrado sobre uma carteira.

Sim, meu querido irmão, na idade em que o ar e a luz são mais precisos e sabem melhor, quando para a menor alegria ha sempre risadas francas e para a menor contrariedade rios de lagrimas, quando os nossos pobres arcaboços em formação querem alargar-se, os musculos enrijarem, a energia afirmar-se; quando o fragil barro humano é mais moldavel, de modo que qualquer perfeição ou deformação ficam para sempre; é que legisladores, pedagogos e amigos das crianças nos tritu-

ram num regimen brutal de clausura, de oppressão e de falta de liberdade!

Eu não te quero relembrar esse typo admiravel do collegial portuguez, que Ramalho traçou magistralmente, com os seus labios e as gengivas exangues, os cantos da bocca feridos, o olhar moribundo, a carne pallida e molle, as feições espapaçadas, as unhas crescidas e a cabelleira monstruosa derreada sobre a nuca, num desesperado esforço para o ideal elegante dos barbeiros! Tu vives no meio dos desgraçados que obedecem a este typo, sentes-lhes o cheiro da roupa pouco ensaboadada, o aspecto piolhoso e mal amanhado da toilette, vês-lhes o gesto das mãos sujas, o casaco polvilhado bastamente de caspa. Conheces-lhes o moral perverso, as leituras deleitosas do infamissimo Alfredo Gallis, os vicios secretos, as pontas chupadas no esconderijo das latrinas. E todo esse bando lamentavel de anemicos, em que raro sobresaie uma phisionomia altaneira, vae espigando em monstruosos abortos de animaes, para gerarem outros abortos mais repulsivos; de modo que, de geração em geração, peorando o mal, augmenta atterradoramente essa galeria de anthropoides que o lapis de Bordallo tem annotado aqui, além, á medida que os tópa.

Tu, felizmente, nunca te afogueaste de desejos lendo o torpe Gallis; preferes o romantismo sadio e ingenuo de Herculano, ás graciosidades subtis de Garrett e, como aquelle rapaz, de que Anatole France falla no *Chat maigre, piochait déjà son Tacite*, tambem ja vaes *piochant* o teu Eça de Queiroz, com um respeito de crente arabe, sacudindo a poeira das sandalias á porta do grande templo.

Esse incomparavel e macabro Eça é um escriptor perigosissimo de que um dia te hei de fallar, com impressões muito pessoaes, de intimo para intimo. Eu gostaria que os teus quinze annos se limitassem por ora á leitura dos *Contos*. Para as tuas primeiras velleidades litterarias bastarão essas maravilhosas paginas de estylo, com as suas castellãs, os seus bandidos, as suas torres para namorados e o seu Jesus lendario, lançando na pagina final uma benção de perdão e amor aos humildes.

Mas de que te fallava eu? já me iam esquecendo as aulas!... Assim todo o teu esforço deve tender para sacudires o mais possivel esse pesadello continuo e irremediavel. Evidentemente não podes dar muitas faltas, porque lá está a mão paterna, inconscientemente egoista e deploravel, a suster-te os impetos de liberdade. Já o profundo Stendhal dizia: «Os nossos peores inimigos são os paes». Não devemos tomar a phrase no sentido perverso desse litterato malandrim e depravado, mas como a expressão triste duma triste verdade. E' effectivamente essa a primeira e enorme difficuldade, a resistencia de nosso pae a todas as tentativas de regeneração physica. Inconscientemente a sua vaidade burgueza leva-o a desprezar tudo que não diga respeito a um augmento de honrarias, distincções, acanhados e tacanhos elogios de mestres a um trabalhinho, a uma liçõesinha, a uma migalha de espe-

teza espremida numa hora feliz!... Eu sei o que são essas pequeninas humilhações e perdôo-lh'as, porque, dentre esse egoísmo todo, uma ternura transparece, luminosa. E tu também lhe deves perdoar, resistindo. Resistindo, passeando quando te lembras de sair e elle te diz: «Se não tens que estudar!...»; resistindo, dedicando duas ou tres horas por semana a remar; procurando um tennis; procurando parceiros para todos os jogos que te enrijeçam a carne e engrossem os ossos...

Principiar por ser um bom animal, aconselhava Emerson. E, para o conseguir, pôr tudo de parte: preconceitos, resistencias, indolencias criminosas. Cada mez de exercicio physico areja-te mais amplamente esses pulmões.—E eu que te ia fazendo perder o folego com esta carta!...

Teu irmão amigo

Antonio.

LUIZ DA CAMARA REYS.

A UMA "NOSSA SENHORA,, GRAVIDA

(NUM MUSEU)

Humano o artista casto e criador
Que em seu sonho fixou, largo e fecundo,
Esta imagem que traz consigo o amor,
Esta mãe que vai dar seu filho ao mundo!

Ao mundo, *á luz*, que a luz precisa e quer
Para ser luz, para um crescente brilho,
Que alvoreça na entranha da mulher,
Perennemente, a consciencia, o filho.

Das impossiveis nuvens apeando-a,
Á Virgem doce, para a amar tambem,
O esculptor produziu, maternizando-a,
Mais do que a Virgem: a Verdade — a Mãe.

Mãe de Deus? Mãe! Eis tudo. Eis, afinal,
A immaculada Vida que produz
Por um beijo de amor mais um natal,
E por cada natal mais um Jesus.

Não batem azas, pelo azul disperso,
Os anjos, não a adoram de joelhos;
Mas mais tarde virão, p'ra ao pé do berço:
Serão, apenas, os irmãos mais velhos.

Já para o esposo ha de inclinar, sorrindo,
O seu rosto; e, tremente, ella lhe ha de
Dizer como *o* sentiu, fundo, subindo
Do nada obscuro p'ra a maternidade;

Como *o* sentiu desagregar-se, quando
Da sua propria vida outra nascia,
Seu coração enchendo e desfibrando...
Salvê, mulher ditosa! Ave, Maria.

Momento enorme, esse de Amor e Graça,
Maior que todos, d'elles tão diverso,
Em que num ventre de mulher perpassa
Um pouco de infinito e de universo!

E em que juntamos esta vida anciada
De mundo obscuro pelo espaço a rastros,
Á vida eterna e sempre realizada,
Á vida das sementes e dos astros.

Com tuas mãos, oh santa, protegendo
O fructo do teu ser já povoado,
Por elle és santa, porque o estás vivendo,
Divino é o fructo, porque foi criado.

Por cada novo fructo é já mais pura
A Vida, e males, duvidas se somem.
Fecunda seja toda a criatura!
Bemdita seja toda a mãe de um homem!

NINHO DESFEITO

«...l'amour doit être considéré dans le monde moderne comme un élément de trouble».

CHARLES ALBERT—*L'Amour Libre.*

A loja era numa rua soturna d'um antigo bairro da cidade. Pouco frequentada, quasi sempre silenciosa. De largo em largo alguém entrava, perguntava um preço. Ronceiro, o Almeida despegava do banco, erguia a cabeça, mirava o freguez, fazia a venda, mexia em dinheiro e apreguiçadamente vinha até á porta. E era preciso outro comprador chegar, fazê-lo voltar dentro para algum troco, para elle retomar o banco, acotovelar-se sobre o taboleiro do mostrador, afocinhar de novo no seu livro predilecto, que tam longas e meditadas leituras lhe merecera sempre, a *Historia de Carlos Magno e dos doze pares de França*.

Este Almeida, de lunetas fumadas, grande gaforina crespa e grisalha, enfardado num amplo casaco côr de café, vivia alli mettido naquelle cubiculo havia bem uns doze annos e era conhecido em todo o bairro pelo ar tranquillo e satisfeito com que ia atravessando a vida, que elle considerava um doirado sonho de venturas principalmente longe das garras das mulheres. Porque elle, celibatario, com algumas libras, com estar alli aferrado á chafarrica, não era um homem infeliz. Embora todos os seus prazeres se resumissem nas leituras carlovingias, num passeio ao campo e num domingo de theatro de longe a longe, elle soubera manter sempre, atravez esta via dolorosa que é a vida d'hoje, a attitude do homem que vê d'alto a miseria humana. Sem desejos, nem largos sonhos, honesto e trivial, nunca conhecera as torturantes exaltações da carne, o desolamento d'um ideal derrubado, a hallucinação de quem succumbe. Para elle não havia crises de nervos, revoltas de dignidade e sobretudo faltas de dinheiro.

Methodico, abria inalteravelmente a porta ás oito; á uma hora corria a cortina do pequeno biombo ao fundo e jantava á pressa uma parca refeição de casa d'hospedes; ao cahir da tarde tagarellava com dois ou trez amigos que lhe frequentavam a loja; depois, já com a porta meia cerrada, ceava. Nem uma pessoa de familia. A creada, que lhe arrumava o quarto e lhe ia buscar a comida, mal trocava com elle duas palavras por dia. Um isolamento se lhe fazia em volta, separando-o da

vida, de que lhe vinha um vago rumor numa local confusa das gazetas ou no decorrer das suas conversas habituaes.

Mas não vam agora pensar que o Almeida lia com cuidado o seu jornal e palestrava profundamente no remanso das tardes quietas, revolvendo os grandes problemas. Não: dos jornaes via só o que por acaso encontrava em algum amarrotado periodico dos comprados a peso para os embrulhos da loja; e as suas conversas travava-as elle as mais das vezes com uns modestos operarios da fabrica ao fundo da rua e que á ida ou volta do trabalho faziam poiso por alli, attrahidos pelo ar bondoso do velho e conchego da quitanda. Porém, para o balanço do que ia lá por fóra — a decomposição da sociedade, não seria preciso talvez andar muito em dia com a imprensa: o esgoto era sempre o mesmo, com a sua inextinguivel torrente de infamias, suicidios, coleras rugidoras e implacaveis. E nas conversas com os operarios, se bem que uma ou outra vez a seus olhos surgissem as grandes e tumultuosas verdades, apenas confusamente as comprehendia e quasi não chegava a interessar-se nos assumptos ante elle discutidos e a que ficava como que estranho.

Se ajuntarmos que o Almeida nunca se embebedara, não fumava e todo o seu vicio era o encerrar-se naquella logita de capellista, exigua, mal illuminada, esquecida alli ao canto da rua, teremos completado o esboço d'este bom homem tranquillo, que as linguas da visinhança respeitavam. Um monstro, ó bohemios!

Mas eu vos socego, ó vós que seguis descompassadamente a vida, remessados ao tumultuar das paixões, calcando preconceitos e regras, despreocupados e alegres, eu vos socego, na vossa irritação contra esse homem feliz todo regularidade, contando-vos o caso grave que veiu quebrar essa existencia pautada, que se não podia bem dizer vivida, mas executada, em que aquelle abrir da porta a hora certa, o jantar, o cavaco de seguida, a ceia e o deslisar subtil para o quarto em cima ao bater das nove, tudo, até o ar sereno dos pintalgados objectos, caixinhas, macetes sobre as prateleiras, tinham a apparencia d'uma verdadeira instituição com codigos e tradições. Um dia tudo isso desandou, cahiu, foi esmagado, num formidando baque do acaso. Eu conto.

Muito das sympathias do Almeida, o Domingos demorava com o logista todos os dias uns momentos á hora da vinda do jantar e á bocca da noite. Era um rapaz forte, d'hombros largos e peito alto. A cabeça, firmemente lançada, lembrava antigas esculpturas d'Hercules. Pelas mãos, de dedos amarellos e unhas roidas, adivinhava-se o operario chappelleiro. Era da *Fidelidade*, a grande empreza industrial em que havia dezenas d'annos vinham enriquecendo umas duas gerações de patrões á custa de muitas mãos assim callosas e roidas.

De entrada, o Domingos gritava:

— Viva o amigo Almeida!

O outro levantava a cabeça, resplandecia todo num sorriso e, amavel, estendendo a mão, apertando a do operario:

— Como vae isso?

Depois vinham os dois para junto da porta, para uma restea de sol escassamente côada do alto para a rua estreita. Diziam então coisas simples da vida quotidiana: um carro que ia passando, os dias que estavam mais pequenos, como o sol era agradável. . .

Ora por alli passava áquellas mesmas horas, á ida ou á vinda do trabalho, uma costureirita de lindos cabellos aloirados e olhos vivos. E até ao longe á volta da esquina, d'elles não despegava os seus o moço operario, enlevado e sorridente.

Nesse momento a conversa interrompia-se e o bom do Almeida sublinhava a perturbação do outro quasi invariavelmente por estas palavras:

— Cuidado, ó Domingos. . . Você não se case. . .

De certo dia em diante o operario deixou de dissimular para com o logista os seus amores, e á passagem da linda rapariga, arriscava já uma phrase ingenua de galanteio. Pelo seu lado a Maria do Carmo olhava-o, entre perturbada e ousada, esboçando um principio de sorriso. Para o fim já o Almeida se mettia reservadamente para o fundo da loja, ao lobrigá-la ao longe. E a costureirita de lindos cabellos aloirados abrandava o passo em frente á porta.

Por esse tempo o Domingos nas conversas com o velho começou a fallar muito na vida no campo. Uma casinha na aldeia tinha sido sempre a sua grande ambição! O trabalho da fabrica, estúpido, num grande salão quasi sem luz, feito sem liberdade, só para conquistar a feria ao sabbado, moía-o. O que elle faria bem de gosto era lavrar umas terras, cuidar dos bois, viver com muito ar, distante d'aquella miseria da cidade. E descrevia ao Almeida o horror da fabrica, a infamia dos patrões, o quanto os operarios soffriam. Depois declarava a grande revolta e indignação que ia lavrando em todos e fallava cheio de fé no dia da revolução dos opprimidos. Ah, como ella era necessaria e justa! Os ricos e os poderosos viviam parasitariamente á custa dos humildes. Para uns era todo o luxo, todos os prazeres, horas passadas quieta-mente numa preguiça satisfeita e inutil, e para os outros, os miseraveis sem pão e sem lar, toda a desfortuna d'uma vida cruel, os trabalhos penosos, a fome e o frio. Ah, como seria bello o dia em que acabasse toda essa odiosa desigualdade! A Revolução? o sangue a jorros pelas calçadas, as mulheres e as creanças em lagrimas, a devastação, a morte? E porque não? se d'esse sangue e d'essas lagrimas iria surgir, purificada, engrandecida, feliz, uma humanidade nova?

— O senhor mesmo, Almeida, — accrescentava — deve dar-me razão: o senhor que leva p'r'ahi uma vida sem divertimentos, aborrecido emquanto outros teem todo o tempo occupado no prazer, diga-me se não acharia justo que isto fosse repartido com egualdade?

O outro calava sombriamente. Mas a sua curiosidade augmentava sempre ao ouvir estas palavras estranhas que agora, nessas conversas intimas, cresciam em anciedade e o começavam a perturbar e a vencer. Ante o caso pessoal d'aquelle homem, por quem sentia uma amizade muito viva, atirado assim para o horror d'um trabalho de escravo e tam mal retribuido que quasi o não livrava da fome, elle começava a ver, nitido, o reflexo da má organização social, a grande e revoltante injustiça. E sem saber como, pensando muito nuns pacotinhos de libras que elle vinha ajuntando ha uns annos no fundo d'uma gaveta lá em cima no seu quarto, entrou pouco a pouco a sentir-se responsavel, elle mesmo tambem, pelo mal de todos os que soffriam, os fracos, os miseraveis, os opprimidos. «O senhor que leva p'r'ahi uma vida sem divertimentos, aborrecido enquanto outros teem todo o tempo occupado no prazer, diga-me se não acharia justo que isto fosse repartido com egualdade?» Mas afinal elle não se divertia porque não queria. Era tambem como os mais! E ouvindo essas palavras o bom do velho concentrava-se como se alguma coisa o mortificasse. E era só passado tempo que, quasi distrahido, dizia num murmurio:

— Sim senhor, deve-se repartir igualmente!

Claro, ninguem tinha o direito de tomar aquillo de que não tivesse necessidade, continuava ainda o Domingos. A verdadeira lei da vida era a fraternisação e essa só se daria quando se acabasse com as supremacias do dinheiro e as distincções de classes. A cada um segundo o que precisasse. Mas o que fosse além, porque assim iria lezar outros, seria um verdadeiro criminoso.

O Almeida concentrava-se. Limpava ao lenço as lunetas, collava-as de novo ao nariz. Corria as mãos pelos botões do collete, agitava os berloques da corrente do relógio. E pondo a mão no hombro do Domingos confirmava perturbado:

— E ha outros, sem filhos, que vivem com grandes economias e estam a guardar o que teem para depois vir o diabo e levar-lh'o...

Um sabbado á noite disse-lhe, com ares mysteriosos:

— Quer vir amanhã ver uma terra que eu tenho a uma legua de caminho? Podemos ir mesmo a pé. Leva-se alguma coisa de comer. Quer?

Como o operario acceitasse, partiram ao outro dia, sob um sol consolador, pela estrada branca, com um saquitel a tiracollo e grossos sapatões ferrados. E á medida que se iam distanciando da cidade, o Domingos entrava pouco a pouco numa grande alegria expansiva. Tudo para elle eram pretextos para tagarellar, fallar das flores, do azul do ceu, dos olhos das raparigas que passavam. A certa altura porém o Almeida atalhara-o nas suas divagações:

— Conte cá, ó Domingos, você sempre quer a pequenota? Desembuche. Preciso de saber isso. Vá, quando é que temos essas bodas?...

Então o outro, mais do que nunca, poz diante do velho bem nitida a sua situação. Vontade de o fazer tinha e muita; porém que iria ser dos dois votados em seguida á miseria. E rematando:

— Não, isso nunca. Se um homem gosta d'uma rapariga, não deve ser tam infame que a tome para si sabendo que a ha de ver depois á mingua, miseravel.

— Não, não é tanto assim — contrariou o Almeida. Você ganha uns tostões e ella, como trabalha, podia ainda ajudar. . .

— E as doenças? e as faltas de trabalho? Depois eu se me jun-tasse com uma mulher não era para andar cada qual por seu lado. Queria-a em casa, só para mim e para os filhos. Muitas vezes tenho eu pensado commigo, mas não ha volta, é isto. Já agora. . .

E considerando assim, cheio de amargura e desolação, espriando toda a historia infeliz da sua vida d'escravo quasi sem aspirações, o Domingos deixara-se apossar d'um commovido enternecimento. Dizia então como elle amava essa loirita, tam gentil, a sua linda Maria do Carmo. Como elle seria ditoso com ella se a vida, como a concebia, não fosse uma coisa só dada a raros. E a voz tremia-lhe, as palavras sahiam com esforço, pausadamente, sob a oppressão da grande magua evocada.

Assim chegaram ao termo do caminho. A terra do lojista era um rectangulo d'alguns hectares, com uma casinha caiada, rente ao muro alto e longo.

O Almeida puxou do chavão e fez correr a lingueta de fechadura.

— Ora estamos no sitio, faça favor de entrar.

Fechada a porta nas costas dos dois e desembaraçados dos embrulhos, subiram a abrir as janellas.

— Ha um mez que isto não vê sol. P'ráqui tudo fechado até se estraga.

— Então os caseiros, senhor Almeida?

— Não arrendei este anno. O ultimo caseiro que tive embarcou para o Brazil. Uma occasião pensei em vir viver para a aldeia, depois fui-me descuidando e foi ficando isto assim. . .

E enquanto dizia isto o Almeida debruçara-se no peitoril d'uma das janellas, olhando o espriado das campinas e dos casaes, batido tudo de luz e de côr.

— Como isto é bello! — disse enlevado o Domingos.

Desceram, contornaram a casa, viram o poço, asseguraram-se do oxigenado do ar. Depois o Almeida parando ao pé d'um bacello, com certo embaraço, murmurou vagarosamente:

— Você não queria viver num sitio como este?

— Oh se queria! Mas lá está a fabrica para me castigar este corpo!

O Almeida teve ainda uma hesitação, depois espaçando as palavras, continuou:

— Pois eu, se o amigo não levasse a mal, queria pedir-lhe que me viesse para aqui tomar conta d'isto. Está tudo abandonado, pouco proveito posso d'aqui tirar a não ser vinho, umas tres a quatro pipas por anno. Assim você vinha para aqui, tractava d'isto tal qual como seu, fazia-me presente d'uma pinga pró meu jantar e do resto não queria eu nada. Que diz a isto, Domingos?

— O senhor Almeida está a caçoar ou falla serio?

— Fallo serio, homem.

— Então lá vae: não acceito.

Um silencio cahiu pesadamente. E ambos, contrafeitos ao lado um do outro, foram descendo ao longo do muro, olhando, para o longe, com um ar distrahido, o céu liso e claro. Uma brisa suave punha uma ligeira ternura na ramagem das arvores e no alto a passarada chilreava a sua alegria na plena liberdade da natureza. A distancia, no escarpado d'uma serra, avistava-se um rebanho de cabras e uma pastorinha ingenua cantava um rimance bucolico, d'uma saudade lendaria, cheio de sonho e amor.

O Almeida, desolado, considerava:

— Tem razão, eu sou um tolo em pensar nisso. Você não está habituado a coisas do campo. Afinal vinha a aborrecer-se. Tem razão...

E como o Domingos explicasse que não, que não era aquillo, o seu unico receio era prejudicá-lo, elle protestou logo como d'aquella ideia fizera o seu sonho doirado, como havia umas tres semanas não pensava noutra coisa. Demais a mais elle que lhe dizia gostar tanto do campo! Imaginasse o Domingos que era filho d'elle. Prejudicá-lo! Mas elle não via que afinal maior prejuizo era o que elle Almeida fazia aos outros, retendo nas suas mãos o superfluo, aquillo exactamente de que não precisava! Acceitava, pois não era verdade?

Ao Domingos surprehendia-o a revelação d'aquella mudança nas ideias do velho. Sentia nelle a influencia das suas palavras de revolta, e tinha escrupulos em aproveitar-se agora em beneficio proprio da nova maneira de encarar as coisas que no outro elle fizera despertar, pensando sempre menos em si do que nos mais, todos esses desgraçados, a humanidade que soffria, sem paz nem contentamento, a miseria da vida. E foi indeciso, tremulo, que balbuciou:

— Veremos...

Mas já o outro o abraçava, gritando-lhe numa grande commoção:

— Juro-lhe que era o maior favor que me fazia.

E tam sincero foi o tom d'estas palavras, por tal forma se patenteava a intenção de realizar um acto de justiça, que o Domingos não teve animo de resistir:

— Pois bem: tudo se ha de arranjar, meu amigo.

O Almeida empurrou-o então com alvoroço para a casa, esquadri-nhou com elle todos os compartimentos, deu-lhe instrucções sobre tudo. Depois, na sala de jantar, abancando á mesa, com o seu magnifico

apetite, foram delineando os preparativos d'uma installação, pequeninos arranjos domesticos, a compra d'alguns utensilios de lavoura, reparos no telhado que mettia agua num quarto. E a refeição acabou alegremente, regada a copitos de vinho tinto muito fresco e saboroso.

Assim se foram fazendo horas de retirar. Desceram. A' sahida houve uma pequena altercação: o Almeida queria por força que o outro guardasse a chave, teimava, berrava e por fim metteu-lh'a no bolso, brigando.

E foi assim que o Domingos, operario da *Fidelidade*, mudou de vida, abalando da fabrica d'ahi a poucos dias.

O Almeida arrumára de vez a *Historia de Carlos Magno*. Abria irregularmente a loja. Tinha occasiões em que fechava ao meio da tarde. E, durante horas seguidas, um desasocego continuo o fazia cortar o soalho em passadas freneticas, resmungando meias phrases.

Houve quem o visse um dia a contar rolinhos de libras, num grande tilintar metallico. E a inveja dos visinhos, agora aguçada, poz pela primeira vez neste homem honesto o labéu: «Mais avarento do que aquelle diabo nunca se viu!...» Outra occasião uns homens de cara suja e modos bruscos vieram conferenciar com elle e sahiram a fallar de dinheiro. E os visinhos accrescentaram: «Alli ha talvez negocio de dinheiro falso!».

A verdade é que o Almeida tratára naquella semana da compra d'uns bois. Era uma surpresa que preparava ao Domingos. O caso do pobre rapaz tinha-se convertido para o Almeida numa preocupação. Era o seu pensamento constante. Mais conhecedor agora da revoltante injustiça social, concertára com o seu coração e a sua consciencia empenhar-se em remediar o mal que podesse. E porque lhe sobrava, era já um velho, não tinha filhos, estava firmemente resolvido a ceder o que não lhe fizesse falta. Sentia já, com uma grande tristeza, o conflicto angustioso naquella vida negra d'operario, tendo de sacrificar os seus annos, os mais bellos impulsos do seu coração, em face do espectro da miseria futura. Sim, o Domingos era bem o homem digno do seu apoio: e enternecia-se ao pensar que seria elle quem ia fazer entrar naquella alma um raio de felicidade. E em vez das imagens dos filhos rotos e sujos, amarellecidos pelas privações, o pobre operario poderia idealisar agora o alto sonho d'uma familia feliz. Elle bem o via, na verdade: o amor com todas as suas alegrias ardentes, o amor que era a mais legitima expressão da vida, não podia deixar de ser para um operario um ideal distante e inatingido. E elle que se conservára sempre, numa prudente reserva, afastado do casamento, media agora toda a sublimidade da ligação d'um homem e d'uma mulher para a obra fecunda e eterna da natureza. E no grande arrependimento da sua vida inutil considerava, cheio de tristeza, como seria bom ter agora um filho que lhe fizesse companhia e o ajudasse na velhice, até ao resvalar para a morte:

Enternecido, querendo vêr no Domingos esse filho que não tinha, emprehendera faze-lo feliz, salva-lo, ser para elle o pae carinhoso que teria sido para o outro. Nesta resolução imaginára ceder-lhe a terra de que o operario tanto precisava para a sua felicidade, na sua aspiração pela vida livre dos campos e pela realização do seu amor. Por isso o tinha levado naquelle passeio á aldeia... Mas não lh'o dissera, nem lh'o diria ainda, temendo excitar o seu orgulho. Fa-lo-hia pouco a pouco. E tinha sido cheio de inquietações que fizera aquella compra dos bois. Se o Domingos recusasse, se se oppozesse? Procurara um meio de encobrir os seus projectos, disfarçar aquelle novo offerecimento: — Ora! dir-lhe-hei que nisto dos bois vamos de sociedade. E se elle havia de ir pedir o dinheiro a outro...

E uma grande satisfação lhe vinha da certeza do dever cumprido. Sentiu subir-lhe ao coração uma alegria enternecida e paternal, agora que o Domingos já deveria ter sido colhido pela sua surpresa. Porque nesse dia logo de manhã elle tivera o cuidado de lhe enviar aquelle bello presente, sem mais explicações, como se de ha muito um com o outro aquillo viesse sendo tratado. E num magnifico desprendimento, elle que até alli tinha feito a vida do pequeno commercio, com discussão de preços por differenças de dez réis, punha-se imaginar agora liberalmente o que seria preciso ainda na aldeia, concertos a realizar, utensilios de lavoura, uma renovação de esteios na latada. Sorvia então, a grandes haustos, a doce felicidade de se sentir util, e o rosto illuminava-se-lhe numa alegria forte e sã.

E' bem verdade que por vezes elle sentia passar uma sombra, annuviando aquella limpida serenidade de consciencia. Era quando se punha a pensar no tempo que todo o seu dinheiro andára preciosamente resguardado, em castellinhos brilhantes, sempre intactos, sem vêr a luz do sol e correr a acudir ás necessidades dos outros. Horrorisava-se á ideia da fome que as suas libras poderiam ter evitado. E em todo o seu ser uma revolução se operava, acordando um sentimento novo para elle.

Mas a lembrança da felicidade que preparava ao Domingos, ao honesto Domingos, restituiu-o bem depressa ao entusiasmo com que iria pôr d'ahi em diante a sua vida ao serviço d'uma obra justa. E ia cortando o pavimento da loja, com passos satisfeitos e felizes.

Foi numa d'estas occasiões que da porta surgiu, forte e espaduado, o proprio Domingos:

— Ora viva o amigo Almeida!

— Oh! você por cá?

E o operario contou que tinha vindo, cheio de pressa, trocar com elle rapidamente umas palavras, vêr se elle lhe concedia uma licença para uma coisa.

Mas o Almeida embarçava-o com pequenas chalaças, pondo-lhe amigavelmente a mão no hombro, inquirindo da «saudinha» e que tal se dava «o lavrador» lá pelo campo. O Domingos ia respondendo dis-

trahidamente, e, como o logista o puxasse a abancar entre o desvão das portas, fez um gesto de escusa:

— Ah nem sequer me sento; eu não posso demorar-me. Se me consentir o que eu quero, tenho que ir a correr fallar com outra pessoa, não vá não a encontrar já em casa.

— Que afflicção homem, parece que já lhe aborrece a minha loja. Ou é da cara do velho?

— E' que se me faz tarde, sr. Almeida.

O logista transigiu:

— Bom, bom, lá a sua vida. Então que é? Quer botar lá abaixo alguma coisa? endireitar o muro? que é? Faça tudo á vontade. Trate aquillo como seu. Eu agora não quero saber mais d'essas coisas. Já lh'o disse. E o dinheiro que precisar...

— Não é nada d'isso. Eu lhe explico, senhor Almeida. E' que eu lá não chego para tudo. O trabalho é muito. Um homem só, bem vê...

— Ah, é isso? Metta jornaleiros, homem; quaesquer tres tostões por dia chegam, mulheres a doze vintens. E no tempo de pouca faina ainda fica mais barato. Metta gente, prompto, acabou. Que tenho eu agora com essas coisas, faz o favor de me dizer? E era para isto que você me veio fallar, ora esta!...

— Ora isso é que eu não quero. Para exploração basta a que me tem feito a mim. Eu sei bem o que isso custa e não tenho coração de o fazer aos outros. Não, senhor Almeida, eu não quero jornaleiros a tres tostões, ou doze vintens, porque isso é infame, mas um amigo, um homem de trabalho que me ajude e com quem eu reparta irmãmente o que a terra dér. Venho pedir-lhe que me consinta isto.

O Almeida ficou calado e pensativo. Com o seu acto de abnegação em favor do outro, quasi chegara a julgar que cumpria assim o seu dever e saldava a grande divida para com os desgraçados. E vinha agora o Domingos com aquellas palavras duras mostrar-lhe o quanto elle via ainda imperfeitamente o caminho a seguir. Sentia vergonha d'aquelles horriveis doze vintens que elle sorrindo lembrara ao rapaz. E na ancia de reparar de prompto aos olhos do outro a sua culpa, mais do habito enraizado das actuaes relações entre os homens do que do seu intimo, gritou-lhe, sem mesmo vêr que lhe não dera resposta ainda:

— Você recebeu lá os bois? Linda côr. E bons para o trabalho. Depois compram-se uns bezerritos para crear, que lhe parece?

— Mas não, não me appareceram lá bois nenhuns. Eu estou na cidade desde manhã.

— Que diabo, só agora então é que apparece?

O outro perturbou-se.

— Fui á fabrica, a fallar lá com uns companheiros.

— Eu faço ideia. A fabrica onde você foi é aqui para este lado do largo... Isso continúa, hein? E mesmo na fabrica, aposto que não poz lá os pés.

— Não, isso... — protestou o Domingos. Fui lá fallar com um amigo, o Manoel. Fui-lhe propôr o nosso negocio. Elle está por tudo, com a condição de que o deixem levar a mãe, uma pobre velha que o acompanha para toda a parte. Que me diz?

— Isso é lá com você: parece que não quer perceber, o diabo do homem. Já lhe expliquei que aquillo é como se fosse seu. Faça o que quizer, metta lá quem quizer, e não me torne a pedir licenças, que ficamos de mal. Quero lá saber d'essas coisas. E olhe lá, isso dos bois? não ficou em casa quem tomasse conta d'elles?

— E' verdade, os bois. Como se lembrou d'isso? Qualquer dia vinha eu cá fallar-lhe nisso mesmo, para fazermos uma combinação. Lembrou-se antes de lh'o dizer, mais obrigado lhe fico. Quanto custaram?

O Almeida agitou as lunetas, puxou do relógio olhando distrahidamente as horas e disse, com embaraço:

— Já me não lembra! Você não precisa saber: os bois dou-lh'os eu de presente.

Então o Domingos abriu muito os olhos, de surprezo, deante d'aquelle homem que lhe offerecia assim uns bois, naturalmente, com a mesma indiferença com que via as horas no relógio! Teve uma suspeita; encarou o Almeida, aproximou-se d'elle, estudou-o. Que diabo, estranhava-o ha uns tempos: queria vêr que o pobre homem tinha alguma perturbação de juízo... Já aquella historia do campo lhe fizera impressão: e vinha agora aquillo...

— Eu qualquer dia vou lá um pedaço, ouviu? Ha de ser no domingo que vem. Tenha-me lá uma arrosada de frango e vae vêr o que é um valente. Você não calcula como eu gosto de arroz de frango. Valeu?

Era uma derivante. Porém o Domingos insistiu:

— E isso dos bois combina-se lá?

— Isso o quê?

— O dinheiro c'os diabos, o contracto!

O Almeida esquivava-se:

— Ora, isso já está tratado. Eu depois explico-lhe.

E perguntou de novo se lá tinha deixado alguem que tomasse conta... Como o Domingos não tivesse effectivamente ninguem, e só esperasse que algum visinho lh'o tivesse feito, não quiz demorar a altercação com o Almeida. De resto elle teria tempo de deslindar mais tarde aquelle caso obscuro, que o começava a preoccupar. E cheio de receios, depois d'um forte aperto de mão, abalou.

O SOL

A SOUSA PINTO

Hontem, depois de levantar-me — cedo
E, como sempre, minha grande Irmã! —
(Porque preciso para um dia quedo
Ser teu amigo logo de manhã)

Fui á janella do meu quarto olhar
Atravez da distancia á tua porta
A casa onde eu te comecei a amar
— E aonde a tua mãe estava hontem morta.

E, pensando na dor d'esse teu dia,
Eu vi que emquanto dentro se chorava,
Formidavel e bom o Sol batia
Na janella do quarto onde ella estava!

E que no céo azul, grande e profundo
Havia tanta paz e tanta aurora,
Como se abaixo d'elle houvesse um mundo
Em que ninguem chorasse áquella hora.

Eu vi que estavas só e que, por traz
Da tua dor, a Vida não sentia
Mais que a serena e inviolavel paz
Da Terra satisfeita n'esse dia.

Para fóra de ti tudo cantava ;
Só dentro em tua casa, só, escondida,
— Como temendo o Sol que te espreitava —
É que uma dor desafiava a Vida!

Quantos, passando ahi, riram decerto
Em frente do teu grande coração?
Comtudo o nosso amor estava tão perto!
Comtudo a tua dor tão rente ao chão!

— Como se chora e como uma janella
Póde estar tão fechada, tão erguida
Que não se possa ouvir atravez d'ella
Os passos d'esses doidos pela vida! —

*

Em vão choraste todo o dia; em vão,
Ao pé da morta e abraçada a ella,
Hontem tinhas fechada essa janella
P'ra o Sol te não bater no coração.

Elle lá estava; e barbaro e perfeito
— Loiro dos trigos, forte dos pinhaes —
Elle batia no teu grande peito,
Elle chegava ao coração dos mais.

Por mais que te tivesses escondido,
Por muito que estivesses a chorar
Havias de o escutar no teu ouvido,
Havias de o sentir no teu olhar.

E tanto o havias de sentir, tão forte,
Se ouvia a voz dos doidos, pelo ar,
Que nem na sombra dada pela morte
Impedias o Sol de te chegar!

Essa de quem tu choras a desgraça
De estar de labios mudos, estendida,
Cahiu tão longe d'onde a Vida passa
Que não pode parar a marcha á Vida.

Ninguem a ouviu morrer: corpo cahido
De pouca altura e a pouco e pouco ao chão.
— Não poderia ouvir esse ruido
Uma Terra que tem de crear pão.

D'aquí a pouco, entrando no teu lar,
— A cuja porta nem sequer bati —
Quatro homens brutaes hão de a levar
Para ella não ficar junto de ti.

Para ella não ficar entre os teus passos
Eternamente, inutilmente morta,
A Vida irá tirar-t'a d'esses braços,
A Vida a levará da tua porta.

Deixa-a ir, deixa-a ir ! Pelos caminhos
Onde a morta passar no seu caixão,
O Sol irá enchendo-a de carinhos
Que ella inda julgará da tua mão !

Deixa ir quem morreu serenamente
Ao pé de ti ; deixa-a ir — a tua mãe !
O Sol é um grande amigo que não mente,
E a Terra nunca trata mal ninguém.

Das rosas com que tu lhe encheste o leito
E dos beijos — que são os seus irmãos —
Beijos hão de se abrir dentro em seu peito,
Rosas hão de florir nas suas mãos.

Porque essa clara e forte natureza
É verdadeira mãe cariciosa,
Que em toda a sua triumphal grandeza
Não pisa um beijo, nem murcha uma rosa.

E o Sol, ó minha Irmã, que hontem batia
Continuamente, intensamente, ahí,
E que deixou que fosse um lindo dia
Esse que foi tão triste para ti.

Nunca transige e nunca se esqueceu
Da flôr mais simples e do amor mais chão :
Seja qual fôr a voz que emudeceu,
Seja qual fôr que chore o coração.

Podem teus olhos cheios de pureza
Cerrar-se sobre a tua mocidade
Que o mesmo Sol, na mesma natureza,
Ha de ter sempre a mesma claridade.

Nunca em frente d'um teu desolamento
Poderá descançar o Sol fecundo,
— Nem um minuto só, um só momento —
De fazer cravos e florir o mundo.

E enquanto o teu olhar, tão triste ainda,
Se esconde á Luz, se fecha á Vida e ao pão,
Elle lá vae tornando a Terra linda,
— Por saber que os teus olhos a verão.

Elle lá vae formando, ao verdadeiro
Alento do seu braço creador,
Folha por folha, todo um campo inteiro,
Beijo por beijo, todo um grande amor.

— Quem sabe mesmo até, se todo o dia
De hontem não fosse o sol aparecer,
Quanto cravo que nunca se abriria
E quanto amor ficava por nascer? —

*

E eu que sei quem tu és e que sei quanto
Tu és serena, boa, enternecida,
E que não quererias que o teu pranto
Podesse, uma hora só, chegar á Vida,

Eu sei que, mesmo tu, hoje, amanhã
— Quando puderes ouvir o que te digo —
Has de sentir que a tua dor foi vã
E que o Sol nunca foi tão teu amigo.

Has de sentir, se um dia o teu olhar
Vir peitos cheios e rosas em flor,
Como a Terra fez bem em não parar
Em frente d'uma tão pequena dor.

E uma linda manhã cheia de aurora,
N'um futuro momento de alegria
— Tu has de ver as rosas d'essa hora,
Has de beijar os filhos d'esse dia...

NOTAS DA DECADENCIA

SOBRE MOTIVOS DO DIA 8 DE DEZEMBRO

Desillusão e escarneo! É extraordinaria a porção de decepções a que se expõem as ingenuidades credulas e as almas simples que julgam encontrar em nossa vida social, palpavelmente verificaveis, as acquisições e os valores, as ideias e os principios, os caracteres e as pessoas, que os livros e os manuaes, que alimentam as nossas curiosidades de saber, nos dão como a mola da economia moral, mental, artistica e politica das sociedades. Procura-se um orador no parlamento e caricaturalmente topa-se um cortiço de homemsinhos mais ou menos espevitados que confundem a arte de fallar, essa terrivel eloquencia que abala e electriza os auditorios anciosos, com a verborrea, prolixa e vasia, dos que fazem da palavra um tapume para encobrir pobresa de pensamento. Procura-se uma estatua, acha-se um manipanço de feições cafreaes; deseja-se um bom livro e acha-se um livro que podia ter sido bom, não se publicando.

Os pantheons são armazens de caixotes com ratos á mistura; os genios são meninos de mama, insuflados pelo espirito de suas amas, quando se não dá o caso de serem carecas notorios, carpindo-se na solidão dos males do seculo. Se se indaga do canteiro ou boscagem em que a virtude alenta os raros, isolados peitos que nella creem, votando-lhe o melhor das suas energias cultuaes, outra coisa se não descobre a não ser um d'esses alegretes enfermicos em que, por engenhosos processos chimicos, duas florinhas, esmaecidas no topo de suas hastes, mostram esses tons doentes da floricultura moderna. Quando alguém espera ver engastada em rudes almas uma sequer d'essas inflexiveis qualidades com que nossos avoengos se enrijeciam para as batalhas da existencia, outra coisa não verão seus olhos que não seja a mentira da hypocrisia, encobriendo fallencias pessoaes e intimas. Desillusão e escarneo!

*

De liberdade ouço eu fallar desde que me conheço, mas ou porque eu seja tão espessamente peccador que não possa lograr a sua doce visão ou porque ella seja de sua natureza invisivel e immaterial, a verdade é que até ao momento em que estamos ainda não avistei

rastos de seus passos. Debalde a tenho procurado nos artigos da Carta Constitucional, na prosa dos jornaes, nas arengas de todos os Demosthenes de Portugal, nas festas civicas, nos centenarios, na sociedade de geographia, no museu das Janellas Verdes, etc.... Pois em nenhum d'estes veneraveis e acatados sitios me tem sido dado lobriga-la ou, pelo menos, descobrir vereda que me leve ao seu desconhecido paradeiro. Tenho observado todos os mostruarios em que se exhibem retalhos e farrapos da coisa publica, espiando não vá ella alapardar-se em qualquer recanto mais escuro, mas declaro que sem successo. Nos jornaes, que ultimamente teem praticado com mór fructo o systema amavel e instructivo dos *interviews*, costume aproveitar os informes e notas até de menor importancia, afim de apurar elementos que me orientem a respeito do local em que a celebre deosa se arrecada para evitar as quisilias e petulancias dos atrevidos e curiosos. Na rua, quando oiço o povinho gritar vivas a qualquer philisteu de apotheose e cortejo ou quando os clamores exasperados das plebes, erguendo nas praças gestos de destruição, me chegam aos ouvidos, corro prestes a pesquisar o vulto estatuariamente altivo da Liberdade, entre os guerreiros do berro e do viverio. Se me dizem que em S. Bento alguns Catões mais fogosos se preparam para atirar ao despotismo dos governos metaphoras e ameaças rechinantes, desses que trespassam como dardos as pansas mais bojudas e tyrannas, lá estou caído nas galerias á espreita do seu perfil energico e suave, em que, conforme me contam, ha linhas duma perfeição toda hellenica e se admira uma expressão com forte vinco romano. Pacientemente, benedictinamente tenho decifrado os textos confusos em que calligraphias gothicas, gagosas e intrincadas, referem as primeiras dores dos burgos, das communas e das cidades burguezas para conquistarem as suas franquias e a sua independencia. Hoje mesmo, oito de dezembro, eu fiz o percurso do Rocio ás Picoas, passando pela Rotunda, pois me haviam garantido que teria alfim o alto prazer de fixar a Suspirada dos povos, surprehendendo-a num dos seus gestos mais bellos, numa das suas feições mais dominadoras. Nada vi, porém, excepto rebanhos desgarrados e macios de homens, arrastando sob um ceu chuvoso e minaz uma somnolencia morbida de noctambulos, em que se lia claramente o desgosto de haverem sido chamados á vida — a essa dura vida que demanda nas creaturas pulsos de ferro, corações magnanimos, audacias largas, coleras leoninas e amores e dedicações immaculadas.

*

Depois de tão longas, penosas indagações, buscas e pesquisas com o fito de contemplar essa que todos dizem possuir, mas que não podem apresentar nem sequer indicar quando lh'o exigem, começou a entrar por mim dentro insensivelmente, como a agua que vai percorrendo os

fios de um tecido, a convicção de que isso de Liberdade, sobretudo em sua fugaz forma de entidade de codigos e constituições, grupos, partidos e seitas, é um dos taes embustes, adrede lançados para engodar as multidões faceis e suggestionaveis. Não será preferivel admittir que a conquista da Liberdade é um negocio individual e não um desses phantasiosos arranjos collectivos e legislativos, como é costume suppor-se? Quem sabe se nós fazendo surdir do nosso espirito, dos nossos musculos e das nossas faculdades, da nossa consciencia e do nosso brio, todas as forças, capacidades, energias e fluidos nelles armazenados, nós não alcançariamos promptamente aquillo que ha tanto tempo nos promettem sem grande resultado? Façamos a experiencia e veremos como facilmente se obtem o que parece intangivel e remoto. Libertemos a nossa pessoa pelo nosso proprio esforço e seremos autonomos. Quem queira independencia, tire-a de si mesmo, aconselhando os outros a fazer outro tanto. Quem queira mandar nos seus actos estabeleça-se como seu unico dono e senhor. Quem queira ser rei da sua palavra, destrave o seu pensamento. Assim a Liberdade perderá o apparatus que os chamados paes liberaes lhe consagram em suas allegorias mentirosas e falsas, mas tornar-se-ha pratica e util como o fato que nos veste e a bengala com que passeamos. Nunca se perderá porque se vinculará ao nosso sangue, nervos, ideias e desejos. Viveremos nella e ella em nós. Tel-a-hemos sempre á mão, quer para resistir ao mandão que nos queira sabrear o dorso, quer para defender os nossos direitos, quando alguém os usurpe. Será o nosso bordão inseparavel.

PADRE MANSO.

INDUSTRIAS POPULARES

(Continuação do n.º 1)

A afamada industria da renda de bilros ainda subsiste, mas quão definhada vae a sua productividade, mercê da concorrência estrangeira e mechanica!

Floresceu com viçosa exuberancia em toda a orla do paiz banhada pelo Atlantico (1).

Em Olhão, Setubal, Cezimbra, Constança, Peniche, arrabaldes do Porto, Villa do Conde e Vianna (2) encontrou esta industria mimosa, discreta, e para nós de tão enleada seducção, o terreno proprio para se radicar fundamente e desenvolver com vigor.

Mas lento e lento abatida e exaurindo-se irreprimivelmente á falta d'um serio, embora insignificante, auxilio do Estado vegeta apenas em Peniche, Villa do Conde e talvez em Vianna. Nas outras localidades quasi que não passa d'um episodio sobrevivente.

D'onde procederá a sua localisação exclusiva entre as populações maritimas?

Presumivel é que, provocadas quaesquer determinantes do substratum ethnico, surgisse em outras epochas mais venturosas, pela influencia e incitamento dos grandes centros rendeiros d'outr'ora, Veneza sobretudo, com quem mantivemos estreitas e prosperas relações maritimo-commerciaes (3).

Na vida de vasta permuta mercantil que se estabelece, por exemplo, entre esta famosa cidade do Adriatico e Portugal quasi ao rematar a sua empreza gloriosamente épica, mas cruel e desenganosa, das descobertas e conquistas, é natural que os nossos mareantes importassem de lá essa manufactura galante da renda, que adornava então com abusivo requinte e luxo immoderado os *costumes* femininos a ponto de ser objecto de energicas medidas repressivas (4).

(1) Joaquim de Vasconcellos in *Commercio do Porto*, n.º 151, de 1884, a proposito da Exposição Industrial de Guimarães d'esse mesmo anno.

(2) Joaquim de Vasconcellos — *A Reforma do Ensino de Bellas Artes*, III. Nota (2), pag. 197.

(3) Joaquim de Vasconcellos — Obr. cit. Nota (2), pag. XVIII e *Archeologia Artistica*, vol. I, fasc. IV.

(4) Pierre Gusman — *Venise — Les Villes d'Art celebres* — pag. 147.

Além de que, parece averiguado ter sido a renda de bilros originada na Italia do Norte e provavelmente em Veneza ao findar do seculo XV (1). Até ahí não era conhecida. E á falta de documentação elucidante sobre a sua genése obscura e enigmatica, o espirito poetico e fecundo da imaginação popular elaborou a lenda suggestiva e tocante, que a diz inventada por uma pescadora, no intento esforçado e amovel de procurar perpetuar, num tecido rendado, a configuração d'uma alga bizarramente linda, que o marido extrahira da profundidade mysteriosa das aguas pouco depois do seu doce noivado (2). Em 1536, e derivada de Veneza pela via mercante, fixava-se na Allemanha a primorosa industria (3). Em França já era conhecida nos meados do seculo XVII, mas só d'aqui em diante pela interferencia protectora de Colbert se alastra e divulga com o ensino de Madame Gilbert que n'aquella cidade aprendera o processo da factura (4).

A não ser, pois, que tambem ali a fossem buscar no seu trafico os ousados homens da nossa costa, seduzidos com a galancia d'essa nobre confecção, importada por elles proprios, ou adquirida dos astutos e activos mercadores venezianos, é necessario admittir uma acção espontanea e caprichosa da phantasia feminina sobre a tessitura singela, hirta e angulosa da rede, minusculisando-lhe a urdidura e a malha, e enriquecendo-a decorativamente com motivos onde transparece o encurvamento irrequeto da onde e a floccosidade desvanecente da espuma a afagar, circundante, a rude e acanhada expressão symbolica da sua enternecida e ingenua ideação.

Nasceria, porém, a manufactura rendeira na cabana do pescador?

A mais sabia e auctorisada competencia do nosso paiz inclina-se a crer que ella se gerasse n'essa humilde choça do littoral (5).

Chegando a irradiar ligeiramente para o interior — de Villa do Conde para Guimarães em virtude da constante e directa procura da materia prima, a famosa *linha* — (6) o certo é que essa industria domestica de tão delicada e aristocratica execução não teve, entre nós, mãos mais habéis e mais dextas do que as das mulheres habituadas ao convivio inquieto e fascinante do velho oceano. E' celebre a presteza da gymnastica manual com que piparotam, agitam e barálham o montão

(1) Ernest Lefebure — *Broderie et Dentelles (La dentelle aux fuseaux)*, pag. 250 e seg.

(2) Ernest Lefebure — Obr. cit.

(3) Ernest Lefebure — Obr. cit.

(4) *La Grande Encyclopedie* v. Alençon; Joaquim de Vasconcellos na annotação eruditissima feita ao *Discurso* de Duarte Ribeiro de Macedo — *Sobre a Introdução das Artes neste Reino*, 1675, pag. 260 do vol. 3.º da *Rev. da Socied. de Instrução do Porto*; Ernest Lefebure, obr. cit.

(5) Joaquim de Vasconcellos no *Commercio do Porto* n.º 151 de 1884 já citado.

(6) Um dos artigos do *Jornal do Commercio* de Lisboa a proposito da Exposição Industrial de Guimarães de 1884.

de bilros que entrelaçam os fios cobrindo com elles, segundo as balisas dos alfinetes firmados na almofada, os traços dos *piques*. E toda esta confusa barafunda se effectua irreprehensivelmente, n'uma brusqueria arhythmica, sob a aguda vigilancia d'uma perspicacissima retina. Nenhuma outra tambem possuiram innatamente, e em mais elevado grau, os requisitos de inabalavel perseverança, de applicada solitudine e aperfeiçoada minucia, que a sua laboração professional demanda e exige.

Sómente a cercear e a falhar a plenitude dos extranhos dotes d'estas rendeiras accusa-se a inferioridade e incorrecção do desenho. O apprendizado adquire-se por um empirismo detestavel n'uma absoluta sequestração ás noções mais elementares do ensino intellectual e artistico. A rendeira portanto, apesar das qualidades singulares acima exaradas, não passa de um verdadeiro automato, que se subordina, n'uma subserviencia completa, aos piques contendo composições bisonhas, barbaras e antiquadas que as *picadeiras* fornecem, ou a outros organizados com copias de illustrações incaracteristicas e pavorosas que o acaso depara.

Pela falta da instrucção e do desenho a suscitar o debucho original, ou, pelo menos, a determinar uma orientação de bom gosto na escolha e destrição dos modelos a reproduzir, a renda nacional não tem a *réussite* desejada, pois não supporta um leve cotejo na sua penuria esthetica com a estrangeira. Por outro lado a concorrência da machina desbarata e torna fruste a mais empenhada energia d'essas pobres operarias.

Todos sabem que a renda fabricada á mão, pelo seu acabamento, solidez e perfeição de contextura, tem incalculaveis vantagens sobre a mechanica; mas esta pela sua barateza e pela sua affluencia invasora e inundante triumphava desventuradamente d'aquella.

Eis as causas que promovem o atrophiamiento d'esta industria domestica sobre que recae, como n'outras, a extorsão parasitaria e tyrannica do intermediario que mais lhe difficulta a existencia.

Era possivel porém o seu restabelecimento, além de facil, pois que reúne e dispõe d'alguns dos elementos indispensaveis para o exito pleno. Bastaria avigoral-a com o ensino do desenho, depurando com rigorosa fiscalisação os assumptos a fixar, e dar-lhe um caracter accentuadamente portuguez, de fórma que tornasse inconfundivel a sua nacionalisação. Não temos ahi o exemplo modelar e radioso da escola de Peniche dirigida pela Senhora D. Maria Bordallo Pinheiro? Desgraçadamente teve a vida das rosas. A banalidade que, em regra, se encontra sempre á frente dos poderes dirigentes não soube aproveitar esta iniciativa fecunda e notabilissima, que vinha dar a essa industria sympathica e fecundante os mais remocados alentos e simultaneamente lhe preparava o mais largo futuro.

Tinham-se substituido os piques monstruosos e inexpressivos, que as rendeiras seguiam num servilismo illimitado e inamovivel, por outros

com composições originaes da illustre e benemerita artista exhumadas d'um naturalismo comesinho, mas com um fundo ornamental indiscutivelmente rico e inexgotavel suggerindo, palpitante, o meio em que a renda florescia, ou inspiradas na magnificencia de linhas, quer essenciaes, quer decorativas ou accessorias, da nossa sumptuosidade architectural.

Nada mais acolhedor... mas uma negra fatalidade pésa sobre esta malfadada nacionalidade.

Continúa.

MANUEL MONTEIRO.

A SORTE GRANDE

No lar ha festa consoladora: —
Na rua o frio é glacial.
O vento e a chuva bramem lá fóra,
E o velho cégo lá vae gritando,
 Apregoando:
A sorte-grande para o Natal !...

Sendo tão velho, céguinho e pobre,
Traz a Fortuna no seu bernal...
Quer da-la aos outros, com mão tão nobre,
Sem ter inveja... nada esperando...
 Apregoando:
A sorte-grande para o Natal !

Não vêr os traços d'um rosto amado...
Ha lá no mundo tristeza igual!...
Porisso o velho, tão desgraçado,
Nesta miseria, vae-se arrastando,
 Apregoando:
A sorte-grande para o Natal! —

Roto e descalço, talvez com fome,
Mostra um sorriso bom e leal:
Mas a desgraça tanto o consóme,
Que a voz parece que vae chorando,
 Apregoando:
A sorte-grande para o Natal !

Até que um dia o Deus-Menino
Compadecido de tanto mal
Lhe dê por findo o cruel destino,
E a um outro mundo o vá guiando
 Apregoando:
A sorte-grande do seu Natal !

KALENDARIO

30 de Dezembro — 1896.

Morre MONIZ BARRETO.

Faz hoje oito annos que morreu em Paris Guilherme Moniz Barreto.

Esta data pouco ou nada significará para a maioria da gente portugêsa e dos leitores distrahidos. E, no entanto, corresponde ella a uma perda grave no activo, já minguido, da moderna mentalidade nacional.

Eu não sei se Moniz Barreto, tendo vivido e continuando a viver — nos viria a dar uma obra de larga architectura, uma obra volumosa e cheia. Elle era sobretudo um escriptor de revista, e um certo manejador de opusculo, com seguro poder de condensação e resumo, de que sabia usar sempre que quizesse, concentrando, carregar de sentido cada phrase viva.

A par de taes qualidades, e como condição para as affirmar, possuía em grau raro uma robusta agilidade e rigor de forma.

Mas talvez mesmo por ser principalmente um escriptor de paginas intensamente concisas devamos nós sentir mais a sua falta, n'este momento historico, escasso de pacientes vagares, incapaz de attenção longamente contida e, assim, necessitado de uma obra multipla e rapida — de critica e de conselho — no campo do pensamento e da arte, e tambem no da acção e da vida social.

E' certo que elle nada faria da maioria da gente portugêsa, no sentido de orientar espiritos e de erguer almas. Tambem é certo todavia que nunca se perde de todo a mancheia de boa semente, de ideia ou acção, por mais secco e duro que seja o torrão onde ella tombe. Algum grão pegará e germinará sempre.

Mas viria elle a dar-nos ainda trabalhos seus, e a orientar trabalhos alheios, depois de ter soffrido tanto do seu paiz de adopção e de remota origem?

Não estaria desilludido de todo?

Assim parecia estar e assim se confessava nos ultimos tempos. Comtudo — devido talvez á vaccina da sua alta e justa cultura de espirito — não teria a fundo entrado com elle essa especie de pessimismo que corroe de todo as energias fecundas.

Com isto e com a transformação que se dera no seu espirito durante os ultimos annos da estada em Portugal — não é absurdo suppôr

que tivesse vencido a depressão de desilludido, e voltasse a interessar-se pela vida, a iniciar e a cooperar em obras resgatadoras.

Elle, que revelára sempre uma alta feição moral altruista, e nutria sempre a crença na efficacia das ideias affirmadas — chegára já ao ponto em que essa crença e feição se conjugam para se communicarem sympathicamente, sob qualquer forma de intervenção.

Tudo o que de então escreveu e tentou revestiu mesmo logo um communicativo caracter de *verbo*.

Essas duas qualidades — feição moral altruista e crença nas ideias affirmadas — tinham quasi feito do philosopho um apostolo de ensinamento social e patriótico, uma *voz*.

Não lhe bastava já *pensar* tudo, e *pensar* e sentir bem. Queria transmittir e espalhar, para bem influir.

As suas chronicas internacionaes, os seus commentarios criticos, os seus folhetos, como a *Carta a El-Rei* — bem manifestaram essa phase communicativa da sua vida, já precaria.

Ora quando um grande espirito entra nesta phase de acção, ainda virtual ou já effectiva, em que espera ir vêr vivas e em movimento as ideias queridas, não lhe será facil apagar em si um tal sulco de derivação e expansão, uma vez tomado.

Era o que parecia dar-se com elle. E por isso eu disse que talvez a desillusão, mais do que justificada, não fosse incuravel, e o não entorpecesse de todo.

Ainda um terceiro motivo faria com que não visse inerte, postado na margem, os redemoínhos da actual vida portugêsa.

Esse motivo vinha da sua fé consoladora e viva num futuro, mais ou menos proximo, de prosperidade e salvação nacional, para o qual não devia ser a ninguem indifferente trabalhar e contribuir.

Portugal, o restricto Portugal que ainda pense e queira pensar, não contaria, pois, em Moniz Barreto apenas um grande prosador e um critico superior.

Teria nelle uma *alma*, um núcleo de luz e vida, cujo calor e cujo brilho aviventariam outras almas.

Tudo o que elle poderia fazer — e seria muito ou muito pouco conforme quem visse e julgasse — nos foi roubado com a sua morte prematura, devida talvez, em grande parte, ás actuaes circumstancias de um paiz a bem dizer só pródigo de beneficios para os charlatães audazes.

Os homens como Moniz Barreto não têm, em geral, biographia fóra da sua obra; aos poucos que, no entanto, quizerem conhecer essa existencia isenta e pura de pensador e de laborioso — atrevo-me a indicar o livro que dediquei a Moniz Barreto, e cujo titulo consta do seu proprio nome.

Para cá desse livro, só tenho a contar-lhes que Moniz Barreto, estando em Lisboa, de volta do estrangeiro, veio pela primeira e ultima vez a Coimbra passar uns dias comigo, no verão de 1895.

Chegou aqui ainda mais debilitado e sumido de corpo do que d'antes. Mas, um pouco reanimado, voltou a falar em planos de trabalho e de vida, rematando quasi sempre, no entanto, com uma interrogação desanimada, ao ver como as coisas corriam por Portugal, e como os espiritos vagueavam desorientados. Era, comtudo, tão vivo nelle o novo espirito de curiosidade altruista, que a cada momento revelava o seu impulso de descenção sympathica e irresistivel — das alturas do pensamento puro para o meio da existencia e das agitações dos homens.

Dizia-me até, um dia, a quebrar a desillusão por vezes manifestada:

—«Como deve ser bella a existencia de um verdadeiro homem de acção, a dos bons, a dos Santos! Era o que eu hoje mais queria ser!»

Depois da estada em Coimbra, nunca mais o vi. Foi ao Brazil e de lá para Pariz, como correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio.

Morreu com trinta e três annos incompletos. Nascera na India portugûsa em 15 de março de 1863.

«Descendente de visos-reis e capitães do mar» — escrevi eu já — viveu pobre e humilde.

Philosopho e publicista — não pode influir com a sua orientação superior na nossa desvairada gente politica.

Critico — não foi escutado nem attendido.

Português de coração — foi ferido brutalmente pelo seu paiz, que servia, e morreu num hospital de França.

«Uma verdadeira desgraça», como Antonio Feijó rematava a carta em que me noticiava a sua morte.

Se morreu num hospital de Paris — nesse hospital de S. João de Deus, que ainda lhe recordaria Portugal — e se alli nada lhe faltou — foi isso devido á piedade d'alguns amigos, entre os quaes avultou, no carinho e na generosidade, o dr. Antonio Bartholomeu Ferreira — secretario da nossa legação em França.

Foi tambem devido á intervenção deste grande amigo, acompanhado de mais três admiradores e amigos de Moniz Barreto — que se evitou serem os seus ossos despejados na valla commum, quando terminou o prazo do aluguel do tumulo, onde o tinham depositado no cemiterio de Bagneux.

Alli ficará ainda, até janeiro de 1909 — em virtude da renovação da concessão tumular.

Mas enquanto corre este novo periodo de cinco annos, não poderiamos, e não deveriamos — nós todos, homens de letras e artistas,

trabalhar por alcançar um logar seguro de repouso para os nossos camaradas mortos no estrangeiro? E, restringindo por agora o alvitre á colonia portugueza de França — nada faremos neste intuito piedoso?

Não me parece absolutamente difficil que o governo portuguez faça a aquisição d'alguns metros de terreno num dos cemiterios de Pariz. E seria tocante, e ao mesmo tempo justo, que os nossos architectos e esculptores, pensionados em França — collaborassem num monumento votivo, a erguer nesse cemiterio.

O que dizem?

Coimbra, 30 de dezembro de 1904.

MANUEL DA SILVA GAYO.

MOVIMENTO ARTISTICO

Os projectos do templo á Immaculada. — Se fosse precisa uma prova á irrefutavel affirmação de que o sentimento religioso — bastardo do progresso — já não pôde inspirar a arte, bastaria tirar-se quemquer dos seus cuidados e visitar num relance essas tres frias salas da Academia de Bellas-Artes, onde se penduraram os projectos apresentados para a grande igreja á Senhora da Conceição — iniciativa descabida do aristocratico luxo devoto que arrasta num estertôr hereditario frangalhos de crença e assim quer manchar com a retrograda e desagradavel architectura d'um templo o desafogado traçado das novas avenidas da cidade.

O concurso, a que concorreram varios artistas, creio que emancipados de tutellas de sachristia, foi a mais cabal demonstração do conflicto aberto entre a nossa epocha e a scisma templaria.

Não podendo conceber a seu modo uma nova casa para Deus, os concorrentes limitaram-se a cerzir e a aproveitar todas as velhas formulas consagradas em que abunda gloriosamente a tradição religiosa.

A pedra foi o material escolhido, segundo a lição d'outras edades.

Faltou a coragem para propôr sensatamente uma completa reforma na habitação sagrada, que, á laia de solar para avoengos, parece necessitar da fria immobildade da pedra trabalhosa e das galas mais sedições.

Nem sequer o tijolo combinado com o ferro e com o vidro se experimentou, como ha tempo se fez em Hespanha, numa d'essas maniacas erecções de igrejas novas.

Comtudo se não fosse esse preconceito secular que só admite o bafio dos velhos casarões fradescos como propicio ao recolhimento da prece e á pompa do culto e se não houvesse, e é o principal, latente-mente em todos os espiritos o presentimento de que a religião é apenas uma sobrevivencia e o culto externo uma superstição condemnada, que como mumia insepulta precisa, para seu abrigo, da vetusta configuração d'um sepulchro pharaonico — muita inovação se poderia ter introduzido na edificação sagrada.

Se nos crentes vicejasse a certeza da apregoada eternidade da sua obra, e com ella o reconhecimento de que o ritualismo, não passando d'um spectaculo, se conciliava com as novas conquistas que a arte e a industria teem trazido aos chamados recintos publicos, de obter seria um mais logico e moderno estylo templar.

Mas felizmente ninguem pensa isso e de tal modo se desassociou a industria recente da religião já cachetica, que nem o vapor lhe presta o calor das suas correntes ou a energia da sua força, nem a electricidade a magica scintillação dos seus effeitos, nem a scenographia e a perspectiva a enganadora seducção dos seus segredos, nem a acustica a sonoridade crescente dos seus achados, nem as artes do conforto a calma tranquillidade dos seus meios, nem o aço a arrojada ligeireza das suas barras, nem, emfim, as mil facilidades e seguranças de que o homem tem dotado a vida, se empregam ainda nos templos.

E *felizmente*, porque indirectamente ha uma formidavel accusação do christianismo na arte medjeval de que ha seculos se alimenta.

Ficou-lhe apenas, como a casmurros sonogados á luz, a pedra pesada cujo labor se perdeu, a serralheria e a marcenaria classicas para lhe fazer as portas e as grades e a prehistorica habilidade dos armadores para lhe enfeitar os muros com brocados funebres e *pastas* idiotas.

*

Nos trabalhos apresentados ao concurso alludido, ha essa falta de originalidade e de modernismo; não são projectos para uma igreja nova, são novos projectos para uma igreja velha.

Nesses grandes quadros, alguns bellamente alçados e deduzidos, lindamente aguarellados com meninos de côro e padres revestidos, sobrepõe-se o mais colossal accumulado de estylos e modulos que os inventarios d'arte fornecem.

Aquillo não é positivamente architectura é uma miscellanea petrea dos mais incompativeis motivos. Ha alli tudo, desde o portal gothico e geminado, ás absides romanas, aos modilhães renascença, ás velhas lucarnas, ás rosaceas manuelinas, ás cruces de Christo, que de emblema d'uma ordem passaram a formulas decorativas. As gallilés complicam-se; houve quem numa volta da abside abrisse uma grinalda de galeria; ha um templo que rompe por um guarda-vento de pedra que lembra S. Carlos. As naves conjugam-se e estendem-se: ha um transepto que divide ao meio o templo como em certos mostrengos dos jesuitas, de quem aliás se copiaram os infindos altares ao comprido das naves, nos topos do cruzeiro, etc., para favorecer essa curiosa e feroz agglomeração de santos que se disputam os freguezes, como histriões visinhos em campo de feira grande.

As ogivas, as gargulas, as misulas, os tympanos, os vitraes — oh! ós vitraes, que polychromaticos e luminosos, a fingirem esses crystaes bordados a chumbo por onde se infiltrou sol velho.

Emfim uma rapsodia variada sobre os tratados antigos, e todos os bocetos encimados por zimbórios rotundos como sinos ou alongados como balas, sustentando todos a estatua dominante da Virgem que os

homens d'outr'ora veneraram sem o dogma e de quem os homens d'hoje descreem, por esse triste destino do mundo que é desprezar sempre as pobres réis de tribunal quer culpadas, quer absoltas, por isso a maioria olhou logo com maus olhos essa virgem authenticada que sahia do Vaticano... com um attestado na mão.

A capa dos «Serões».— Para o concurso aberto por esta revista, que breve reaparece, apresentaram-se varios trabalhos. Foi classificado em merito absoluto o projecto com o lemma *Portugal*; dado este por inadequavel ao destino proposto, foi escolhido outro com a divisa *Senefelder*, executado pelo sr. Roque Gameiro.

Exposição garretteana.— No dia 9 d'este mez abriu em commemoração da morte de Garrett, uma modestissima exposição bibliographica, organisada pelo sr. Dr. Xavier da Cunha, numa salinha da Bibliotheca.

Premio Nobel.— Este premio foi dispensado este anno ao rançoso dramaturgo hespanhol José Echegaray e ao enternecido felibrista Mistral, o auctor da *Mireille*.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

THEATROS

A temporada estrangeira. — No *D. Amelia* — sortido mostruario da arte lá de fóra — começou o mez passado a farandola das *celebridades* que romperam com elegancia, Jane Hading, um nada succumbida aos seus quarenta e três, Le Bargy, loiro irreprehensivel, bem disposto e bem vestido, Grand ainda verde no seu novo officio de *celebre* e toda uma *troupe* aturavel em que se manifestaram, por vezes, bellas aptidões; depois o *doyen*, o velho Mounet-Sully de envolta com uma feroz *menagerie* de titeres inferiores que comprometteram, com denodo, as peças do repertorio importante e, a fechar esta primeira dose de Pariz ao domicilio, o grotesco Polin com o seu lenço e Paulette Darty num lote de valsas melodiosas.

Tudo isto numa successão contrastante dos mais variados generos, ao som do violino subtil de Kubelik que os ligou a todos num friso inolvidavel de harmonia como se á sua evocação genial os *lutins* de Bazini encarnassem em *comicos*.

~ O grupo Hading — Le Bargy apresentou o moderno repertorio, abrindo com a canalhice de Donnay e despedindo-se com a desconchavada lastima de Capus — *La Chatelaine*.

Foram portanto frequentes as noites em que vimos colorido, perfumado, requintado, o adulterio para rir — gasta e poida teia do theatro francez, que não sahe d'essas peças feitas por *causeurs* e em que collaboram fartamente as modistas.

Le Retour de Jerusalem, fructo mediocre do occasionismo dramatico, sem arte, sem força, com torpezas nem sequer serviu para dar a exacta nota do valor dos interpretes; apenas Hading encantou em certas scenas e numa d'ellas salientou-se M.^{me} Verneuil.

A *Sapho* de Daudet e Bellot que é quando muito, uma maneira amena de nos aconselhar o romance, deu asos a Hading fazer bellas coisas e a Le Bargy se evidenciar num episodico. Para desamargar a bocca serviram-nos *Le Luthier de Cremona* de Coppée — nem bom nem mau — em que Le Bargy, demonstrou que não é feito para corcundas, e a seguir *Le Marquis de Priola* de Lavedan, magistral e completissimo trabalho do actor para quem foi feito.

Le Bargy foi primoroso e é difficil ver dar tamanho relevo a um personagem. A peça ajusta-se-lhe maleadamente, como era de esperar

da thesoura de Lavedan que talhou para Le Bargy o dandysmo de Priola; como theatro é apenas uma modernisação dos *D. Juan* hespanhoes, admiravel e esfusiantemente dialogada, em que para seguir á risca o modelo se fez o 3.º acto do castigo, substituindo a religião que condemnou Marañá pela sciencia que sentença Priola.

A quarta recita fez-se com *Il ne faut jurer de rien* de Musset, para Le Bargy se mostrar aperaltadamente delicioso no seu estremecido papel de *Valentin* e com *Une visite de noces* de Dumas filho, dada com uma scintillante, galante e risonha interpretação que nos preparou para a maneira sensata e ligeira com que os eximios comediantes representaram o *Demi-Monde*. E' aquelle sem duvida o unico desempenho adequado a Dumas filho — salientar sobretudo o dialogo brilhante e aligeirar as situações fortes com um polvilho brando de comedia. Para despedida representaram *La Chatelaine* em que Jane Hading, sua creadora, foi d'uma finura e mestria talentosas e Grand, contente de adregar na ultima recita papel do seu feitio, mostrou que é um correctissimo actor.

~ Mounet-Sully numa revelação brusca que chocou desorientadamente o publico rotineiro, inaugurou as suas recitas com essa colossal tragedia de Sophocles — *Edipo-rei*.

Nunca em palcos portuguezes soara o cothurno grego, nunca se vira uma peça d'essas, com figuração, altar, gestos cadenciados, strophes e anti-strophes e quasi todos, ao principio ficaram ás aranhas.

Mas felizmente a força extraordinaria d'esse poderosissimo theatro, que foi um dos maiores fulgores da rutila civilisação hellenica, d'essa arte formidavel em que palpita fatal, genial, divinamente o grande espirito arycó, como o affirmou Burnouf, impoz-se e conseguiu espremer de muitos cerebros, entre o aperto titanico das suas tenazes de dôr e vingança, um succo de enthusiasmo.

Com um scenario fraco, umas massas idiotas de apalermados, Mounet-Sully poude comtudo erguer, desde o côro supplice do 1.º acto á sahida lancinante e fatidica do ultimo, a gigantea figura do malfadado Edipo.

Algo envelhecido na voz e no vigôr foi, no entretanto, um admiravel filho de Hellade, abrindo no palco os gestos adejantos e rythmados da hieratica tragedia e remexendo como um torniquete que girasse numa chaga, a gama acerba e infinda das agonias que aniquilam.

Grandioso, theatral, cheio de attitudes e academias mereceu muito pela rara sensação d'alta arte que nos deu e que tocou a mais sublime prova na scena capital, quando os olhos se lhe volvem duas pustulas sangrentas ás picadas doidas da fibula de Jocasta e que elle sahe, pausado e cego, levado pelo tino amoravel do corpito puro da sua fiel Antigone.

Na segunda noite *Hernani*, em que todas as maculas que o tempo irrespeitoso acumulou no velho tragico se conjugaram para desfeioarem o seu trabalho e na terceira, o *Hamlet* com genio e originalidade que eu apenas comentarei com as palavras d'um actor austriaco do *Burg-Theater*, citadas por Duquesnel a seu respeito: *Je crois, ce soir, avoir vu jouer Hamlet pour la première fois.*

~ Polin e Paulette deram cinco recitas esticando demasiadamente a massa das suas creações que não passam para o primeiro do eterno *piou-piou* com a sua graça de esquadrao e para a segunda d'um cantarolar afinado e sentido de walsas donairosas que se esquecem.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

LIVROS

JOÃO PENHA. — *Novas Rimas* — França Amado, editor — Coimbra, 1904.

Dá-se com o sr. João Penha um curioso caso de immobilidade mental : emquanto os seus contemporaneos de Coimbra — Gonçalves Crespo, Conde de Monsaraz, Guerra Junqueiro — aproveitam a technica parnasiana para maiores vôos do pensamento, para mais completa expressão do sentimento, elle fica na adoração exclusiva d'essa mesma technica e no que ella tem de menos artistico e profundo. Isto é — nem sequer tentou harmonisar a fórmula do verso com o que desejava fazer-nos sentir ; contentou-se (pelos menos assim o parece) em não escrever versos errados. E, francamente, contentou-se com pouco. Todos os seus collegas de Coimbra desejaram e conseguiram mais. E nem fallo em Cesario Verde que, partindo do mesmo ponto de vista parnasiano, creou uma poesia nova.

Para o sr. João Penha tanto faz cantar o amor como qualquer facecia. A fórmula é sempre a mesma : correcta, indifferente e fria. Os seus versos parecem feitos á machina. Elle bem nos quer persuadir, pelos titulos das suas poesias, que celebra a natureza, a paixão, a saudade — todos os grandes temas que os Poetas amam. Mas a sua arte é tão monotona, tão mechanica, tão exclusivamente metrificadora — que me dá sempre a impressão d'uma céga-réga.

Veja-se esse soneto, intitulado *Morta* e que pertence á elegia *Corôa de Perpetuas* :

«Como ao sôpro de horrendos vendavaes
«Os lirios cáem, sobre o pó, sem vida,
«Assim ella cahiu ! Inda illudida,
«A sorrir entre os goivos sepulcraes !

«Agora é tudo findo ! Ai ! nunca mais,
«Nunca mais a verei ! Dôr insoffrida,
«Que só vejo uma lugubre jazida
«E sombras entre os astros immortaes !

«Mas, caso horrivel, de pavor, que impresso
«Me ficará na mente a vida inteira :
«Deus me avisou do tragico successo !

«Eu sonhei, n'essa noite, a derradeira,
«Que ao espelho corria, e doudo, e oppresso
«Vi, em vez do meu rosto, uma caveira !»

O primeiro terceto é característico da arte do sr. João Penha : — aquelle «*caso horrivel, de pavor, que impresso me ficará na mente a vida inteira*» é absolutamente inexpressivo. Não se sabe se o auctor nos quer impressionar ou fazer rir ; e quem tiver lido as *Novas Rimas* comprehenderá bem esta impressão, vendo que elle usa da mesma adjectivação, das mesmas exclamações, do mesmo processo, emfim, para contar os casos picarescos que tanto ama e para chorar as suas dôres.

Onde está, no soneto que citei, a nota que dê a impressão d'uma grande amargura ? Onde se adivinha — tremendo sob a rigidez da fórma, como acontece muitas vezes com as poesias de Gonçalves Crespo — o coração do poeta ? Em parte alguma.

E dá-se o mesmo com quasi todo o livro. D'elle só se salvam as composições que não querem ser senão comicas — como o soneto *O Brito*. Ellas confirmam o que eu, em 1902, disse na *Resistencia*, fallando da homenagem da *Chronica* ao sr. João Penha :

«... alguma coisa ha que explica, sem a justificar, a admiração que muita gente lhe tem : é a sua vida de Coimbra... com *piadas* academicas que todos sabiam de cór ; isto creou em volta d'elle uma lenda sympathica, á sombra da qual se fez o seu bom nome litterario...».

Nas *Novas Rimas* só o que póde ser attribuido a ironia de estudante gaiato, se lê com agrado. O resto — são simples exercicios de metrificacão.

E quem vir o livro — em que pela primeira vez se vê bem aproveitado na capa o detestavel papel marmore, e cuja edição é original e perfeita — lembra-se do dictado : *por fóra — cordas de viola : por dentro — pão bolorento*.

CARDOSO MARTO. — *Sonetos* — Typographia Popular — Figueira, 1904.

Livro d'um principiante que, apesar de sê-lo, tem uma certa segurança de verso e rima. Em quasi todos os sonetos se nota a influencia de Anthero — cuja leitura bem interpretada, só póde ser muito salutar para o novo Poeta, a quem falta a originalidade de pensamento precisa para encher uma fórma quasi perfeita.

LADISLAU PATRICIO. — *Livro Simples* — Moura Marques, editor — Coimbra, 1904.

Fallei ha pouco de Cesario Verde — e agora tenho de novamente me referir a elle. E isto porque o sr. Ladislau Patricio procura ser discipulo do grande Artista morto. Diga-se desde já que não consegue o seu intento. — E porque ?

Porque não comprehendeu que interpretar a Vida não é copiar onomatopaicamente os seus ruidos — como o faz na poesia *Em viagem* — ou descrever minuciosissimamente os seus casos, como noutras composições. O proprio auctor concordará commigo quando riler, por exemplo, aquelle seu verso em que quiz imitar o barulho d'um comboio (*tan-tan, tan-tan, tan-tan, tan-tan, tan-tan*), verso que parece feito por troça, para não dizer que dá vontade de rir.

Ora Cesario Verde serve-se da descripção detalhada da paisagem para melhor vincar a sua observação da vida. Descrever é, para elle, apenas um *meio* — original e novo, pela maneira como é usado, mas que tira toda a sua força do fim a que se

destina : dar-nos a sensação forte do Artista em face da natureza. O sr. Ladislau Patricio empregou o meio, sem conseguir mostrar-nos o fim que se propunha. Sinceramente o lamento, tanto mais que tem qualidades de poeta, como se verifica na segunda parte do seu livro — *Vida de Sonho* — em que ha lindas e delicadas lyricas, como esta :

«O coração ainda é bem distante
«Dos olhos — e o caminho é a subir.
«As lagrimas, por si, não vão ávante
«Se o coração não as fizer lá ir.

«Se o coração não fosse tão distante
«Chorava a gente quasi sem sentir».

A edição, da Livraria Academica, é correcta e simples.

JOÃO DE BARROS.

No proximo numero fallaremos do *Eu* do sr. Alfredo Pimenta.

JOÃO CHAGAS. — *Homens e Factos 1902-1904* — França Amado, editor. — Coimbra, 1905.

Numa d'essas appetitosas edições a que nos traz costumados pelo contraste com a rotina uniforme d'outras typographias, publicou a casa França Amado um interessante volume das chronicas de João Chagas.

E' de louvar a empreza pois que a prosa d'esse captivante escriptor, se nasce para o ephemero... jornalístico, archiva-se com gosto na duração do livro.

João Chagas é um chronista brilhante e tem sobretudo esta grande qualidade : escreve bem.

Escrever bem, em Portugal, é o bastante para se recommendar calorosamente um auctor, neste meio em que, ao invéz dos francezes, quasi todos escrevem mal.

Isto de escrever bem é para a litteratura o mesmo que a calligraphia aprimorada é para a escripturação. Ter boa prosa é sem duvida tão difficil como ter boa letra... e muitos dos nossos escriptores, como os petizes da escola, mal sabem *fazer pausinhos*. Escrever bem é, além d'isso, o melhor meio conhecido de se fazer lêr e portanto de collocar ideias. Nanja que eu queira agora sustentar que João Chagas seja algum reservatorio de ideias. Não é, nem o podia ser, pois que a profundeza lhe difficultaria a rapidez das suas vistas.

Mas se lhe faltam *ideias*, no plural, sobeja-lhe ess'outra força miuda e rarissima cá — tem *ideia*, imaginação, phantasia, paradoxologia, se quizerem admittir o termo que um inglez outro dia empregava num caso analogo.

E' um chronista primoroso e toda a sua organização litteraria pende para ahi — a chronica é assim uma especie de flôr que nasce num repente, alegre durante a tarde uma lapella e no dia seguinte cahe por si se não a tiram antes.

E' essa a sua arte : num viço tentador de linguagem, um claro tinir de ditos felizes, á volta d'um facto ou sobre um homem. Preciso é ter uns dedos agilissimos

e atinados para conseguir entre dois periodos armar uma figura ou reconstituir uma scena. E' como um d'esses jogos de creança que completos parecem facilimos e depois de desmanchados levam horas a combinar.

E' esse o segredo e a mestria de João Chagas — o brilho, o espirito, a facilidade, a graça.

*

Todo este volume é portanto uma perfumada e amavel exposição d'essas rosas d'um dia que se lêem e esquecem, esquecimento que é já o desejo da nova colheita do rosal sempre activo.

E' um livro gentil, ameno, desamuador...

FLEXA RIBEIRO. — *Episodio tragico* (acção exodica em versos) — Livraria Classica, editora, de A. M. Teixeira — Lisboa, 1905.

O auctor d'esta centena de disticos é um moço brasileiro que promette para breve um livro — *Sol* — em que, segundo declara, estes versos não tinham *assento propicio*.

São, como diz ainda o auctor, *versos occasionaes* sobre um episodio de estiagem desoladora.

Teem todos os defeitos d'uma estreia antecipada : o abuso de palavras sonoras e algumas raras, e sobretudo a pobreza de rimas como estas : *fulge—refulge, etc.*

Além d'isso nota-se a inexperiencia do artifice ao encher versos com repetições forçadas : *o sol do céu, a Luz tem tanta luz*, e outras de deploravel effeito.

Citarei alguns versos para amostra :

«E' plena madrugada; o dia já alvorece...

«A Natureza acorda, e estremece, estremece...

«Das serras, por detraz, a claridade emerge,

«E o Sol, com seu hyssope, em derredor asperge...»

Sentindo não podermos por enquanto saudar no sr. Flexa Ribeiro, um novo Poeta, e agradecendo a amabilidade da sua offerta, limitamo-nos a esperar o seu livro, que oxalá desvaneça a impressão que d'este nos ficou : a d'uma compromettedora precipitação.

THOMAZ DA FONSECA. — *Biblia do Povo* — I — EVANGELHO D'UM SEMINARISTA. Coimbra. — 1905.

Com o alarme sincero da minha sympathia pelo auctor, acolhi este livro de Thomaz da Fonseca que é quasi impossivel apreciar em poucas phrases.

Os livros como os quadros, como especialmente a musica, valem ás vezes, não pelo que apresentam á primeira vista, mas pelo que desvendam.

São muitos d'elles brancos e mudos caixilhos de pedra fria que no emtanto contêm, no perimetro do seu alcance, assombrosos panoramas de côr, de som, de vida.

O *Evangelho d'um seminarista* é principalmente isto: um transparente descolrido e baço que no emtanto, fustigado por uma projecção forte pode deslimbar para nós perspectivas risonhas.

E' preciso não buscar nelle nem a obra d'arte, nem a maneira do texto; urge perfurar a pagina, espreitar pelo rasgão a alma que a traçou e indagar o que representam na vida d'esse homem essas cartas desprentenciosas e convictas.

Não é um livro feito para publico com intuitos d'arte, é um depoimento sentido e vivido d'um cerebro que desperta.

Como livro é talvez falho, desigual, monotono, mas como acto — esse gesto vigoroso d'um escravo que se emancipa — é soberbo de força, de dignidade, de hombridade, já que só existe este palavirão para designar as grandes afirmações do caracter d'um homem.

E' este o unico modo de comprehender e estimar tal livro que é a historia real d'uma conversão á verdade. Não são paginas d'arte, são trechos d'uma vida.

Thomaz da Fonseca communicara-me, ha tempos — foi nesse violento ladeirão do Norte que como Via d'Amargura contorna o calvario de Minerva — o seu projecto de divulgar as cartas que no seminario escrevera contra a tyrannia catholica que succudira e em que fremente de coragem, elle traçara, indignado, os soliloquios amargurados da sua consciencia encarcerada, os deleitosos raciocinios do seu espirito maravilhado e irrigado de chôfre pelas obras luminosas dos pensadores e dos pagãos.

São essas cartas que elle agora enfeixou no *Evangelho d'um seminarista*.

Irregulares, desconexas, pueris até algumas pela lealdade gasta em discutir com certos *pachydermes da estupidez*, para me servir d'uma phrase muito querida de Laurent Tailhade, se não são a obra d'um grande escriptor, nem do bello poeta que é o auctor do *Dôr e Vida*, são o grito magnifico d'um grande coração revoltado.

E' realmente surprehendente a rapida transformação d'esse seminarista que, a dentro da enxovia viciosa e aniquilante d'um redil de *formigões*, consegue por seu esforço instruir-se e libertar-se, passando num desliz da ignorancia da crença ás crenças do progresso.

*

Começarei a ligeira critica que preciso reduzir, por discordar da inclusão do livro nesse titulo generico — *Biblia do Povo* — primitivo chrisma dos versos que todos esperam com ancia. O *Evangelho d'um seminarista* marca um momento occasional da vida do poeta e não pode portanto manter unidade com os volumes que vierem.

Censurarei tambem — ainda que a epocha em que foi feito attenua as faltas do livro — certos defeitos salientes de expressão. Imagens como estas: *madrugadas brumosas como a consciencia do assassino; era um dia d'inverno tempestuoso como o remorso d'um patibular* — não se perdoam a ninguem e ainda menos ao artista que, a seu lado, sabe com um laconismo lapidar dizer coisas como esta: *Era a luz que descia lentamente ao fundo d'uma consciencia. Começava o degelo; ou esta outra que é d'uma nitidez darrepio: Sofre-se como se toma o ar: naturalmente.*

Na *Carta IV* ha uma scena de invectiva á particula eucharistica que é pena não seja tratada com o poder que a blasphemia em arte requer sempre. Esse monologo do seminarista desafiando a hostia que emudece e se deixa devorar, para dar uma impressão d'arte, precisava do calor d'uma prosa hallucinadora e vigorosissima que

infelizmente Thomaz da Fonseca não soube dar. Assim é um pedaço banalissimo que só a nota final do lenço olhado, á cata de sangue, pule um pouco.

Ainda não appareceu — e sente-se no ar a sua annunciação — o novo artista que fazendo da blasphemia um processo (Richepin para o caso não se conta) e do sacrilegio um estylo, nos trace a colossal tragedia do deus calcado pelo homem, a flamejante tarde da victoria jubilosa de Prometheu sobre Zeus. A proposito direi que creio ser este o thema da nova obra de Élémir Bourges — *La Nef*, que ainda não tive ensejo de lêr.

Entre todas essas cartas que não posso apreciar mais detidamente, destacarei como mais bella a VI — que os nossos leitores conhecem em parte. E' deliciosa de força e de bom senso, tocada d'um communicativo agrado que lhe vem da normalissima aspiração que a dita.

A quinta carta é talvez entre todas a mais artistica. Aquella figura do Emilio tem pinceladas de mestre. A scena do silvado em que esse desgraçado ouve espicaçado de dôr, impassivel de cobardia, a brutal violação de Maria Candida pelo padre, é d'um alto poder dramatico. Toda a historia d'esse misero é tocada d'essa simplicidade assustadora dos russos e toda a prosa barbara e compassiva do auctor faz vibrar sem interrupção a tensidade da situação.

Thomaz da Fonseca tem nesta carta um brilhante documento da sua habilidade de narrador. Gorki não engeitaria essa parte do livro e muito principalmente, esse dantesco achado do *cinto redemptor* cujos tres furos marcavam o primeiro a abundancia, o segundo a fome e o terceiro a miseria absoluta.

Dentro da nossa litteratura dos ultimos dias é esse episodio pungente da vida de Emilio, que aliás se copiou da realidade, uma das mais fortes e violentas impressões.

Apenas direi mais que a orthographia de Thomaz da Fonseca abundante de excentricidades pouco justas, junta com a descuidada revisão do livro, prejudicam muito a parte material que se deve sempre zelar.

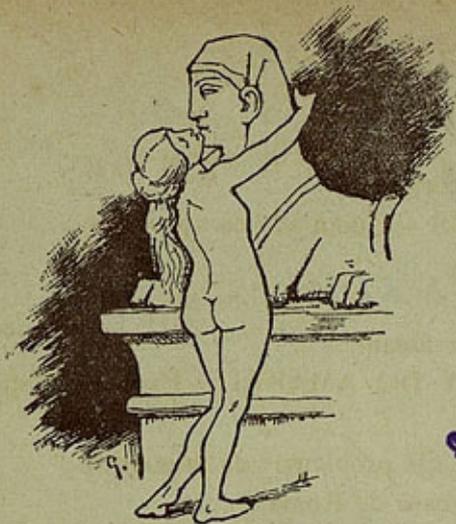
MANOEL DE SOUSA PINTO.

CORREIO

Para quando os nossos filhos tiverem 18 annos. — Tal é o titulo d'um folheto de prophylaxia sexual que o sr. Dr. Virgilio Baptista traduziu com esmero. A obra é devida a Alfred Fournier cuja auctoridade no assumpto nos dispensa de maior referencia.

Passatempo. — Agradecemos reconhecidamente a este nosso collega as immedecidas e entusiasticas referencias feitas á *Arte & Vida*.

No proximo numero responderá João de Barros á carta de João de Deus Ramos, publicada no 1.º numero.



N.º 3

JANEIRO — 1905



ARTE & VIDA

SUMMARIO

- Carta a João Grave — *M. Teixeira Gomes*.
A uma fonte — *Julio Brandão*.
Excerpto — *Annibal Soares*.
Industrias populares — *Manoel Monteiro*.
Pela vida... — *J. Sant'Iago Presado*.
A Arte e a Vida — *Fernando de Utra Machado*.
Movimento artistico — *Manoel de Sousa Pinto*.
Kalendario — *João de Barros e M. S. P.*
Theatros — *M. S. P.*
Livros — *Manoel de Sousa Pinto e João de Barros*.
Dois desenhos de *Christiano de Carvalho*.

Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Thomaz da Fonseca, Silvio Rebello, Nunes Claro, Candido Guerreiro, Manuel da Silva Gayo, etc.

Prosa de Antonio Augusto Gonçalves, Annibal Fernandes Thomaz, Lopes d'Oliveira, Mayer Garção, Alvaro de Castro, Homem Christo, Luiz da Camara Reys, Padre Manso, etc.

Desenhos de Christiano de Carvalho.

Manoel de Sousa Pinto e João de Barros



ART & VIDA



CARTA A JOÃO GRAVE

Granada (Alhambra, «Peinador de la Reina»), abril, 1904.

Meu querido camarada:

Julgo eu que no mundo inteiro não haja palacio comparavel á Alhambra. A architectura — arte soberana — expurgando-se de quantos elementos lhe são estranhos, creou aqui uma serie de eurythmias que exauriram toda a phantasia da linha. Supponha um variadissimo poema onde o conceito, a côr e o rythmo brotassem do valor musical da palavra sem o auxilio grosseiro da imagem.

Palacio de sonho ou de magia, por certo, palacio sem fachada, encerrado, para encarecer o assombro, a surprehendente revelação, em muralhas de fortaleza, transpostas as quaes os porticos d'entumescidas curvas entoam hymnos de triumpho, as salas recebem-nos com festivaes aclamações d'apothese e onde na obscuridade das alcovas se distilla o incoercivel perfume dos jardins «em nocturno».

Mas triumpho nada guerreiro, apothese sensual e echos fugitivos de languidos suspiros em que se extinguem as voluptuosas caricias.

Intimamente e profusamente suggestivo no seu arranjo, bastam os soluços da agua murmurando em fios de cristal pelos regos abertos no lageado alabastrino para evocar a vida que houve aqui: quantos pés d'ambar nelles se refrescaram pela calma dormente das tardes d'estio e quantas nevadas mãos d'açucena, mas lascivas mãos em delirio, calcinando-se, pelos demorados interludios do amor, ao desespero da hora que não chega ou que passou, nelles mitigaram a febre que as abrazava!

Horas de luxuria aqui passaram como ainda outras não arderam em lampada mais rendilhada; quem as podesse reviver em vocabulos que se queimassem como um puro oleo sem residuos!

Sob o embaciado céu do hammâm e á meia luz luarenta do gynecceo que opalisa a tez morena, amimando-a com lactescencias de lirios e jasmims, as ondeadas fórmulas nuas avultavam no marmore liso ou d'elle se levantavam, tão niveas como se a pedra, fecundada, a cada instante lhes desse vida, ou se desentranhasse em fórmulas novas.

Os corpos arrastavam-se sobre os tapetes na flexura dos movimentos ophidíneos e era de bruços que as captivas adolescentes aspiravam o aroma das viçosas laranjeiras, perpetuamente geadas de botões, ao recortado balcão que se chama hoje de Lindaraja.

Nenhuma impressão molesta de «grandioso» perturba a graça com que nas paredes arrendadas poisam, em cupula, os favos d'alveolos e pingentes — obra de colmeias; e esse mesmo «Pateo dos Leões», com as suas frageis columnatas de pallido marmore polido, sustendo leves calotas marchetadas não passa de um jogo d'alvos dedos de damas brincando com dedaes filigranados.

Eu não sei como a lenda conseguiu enraizar neste recinto a lembrança de episódios tragicos vertendo sangue que não borbulhasse nos desvarios da concupiscencia. Pelos recantos que se cavam na espessura das paredes, em docelados nichos, ha largos divans de penumbra onde ainda se estorcem as sombras amorosas de corpos enlaçados!

Eu vim aqui realisar um sonho prodigioso, ler neste scenario «As mil e uma noites» na versão que o dr. Mardrus, por legitimo escrupulo de arabista, emenda: «O livro das mil noites e uma noite» mihrab occelado de todas as gemmas da poesia, concentrando no movimento eterno das suas curvas luminosas a esphera plenaria dos possiveis e impossiveis deleites. O desmazelo, a timidez pudibunda, a ignorancia e a inaptidão esthetica dos outros traductores reservaram ao trabalho do sabio e subtil francez a gloria de nos offerecer as primicias de uma flor esplendida, nunca suspeitada, cuja belleza, tão alta como requintada e suave, escapára á profanação da gente barbara.

A sua leitura, dentro d'este palacio, como Bagdad não teve igual mesmo quando ali reinava Harun-Al-Rachid, dá realidade palpavel áquillo que é do exclusivo dominio da ficção e melhor do que em nenhuma outra parte, atravez d'estas galerias miudamente lavradas, cuja melodiosa elegancia frangivel desapparecerá breve como se esvai a flora de um sonho deslumbrante, eu penetro o encanto da poesia oriental, a sua graça voluptuosa, alada e fugaz, cantando o goso do momento actual ao abrigo dos terrores que o futuro mysterioso porventura encerre... O «sentido mystico» dos poetas persas que as «mil noites e uma noite» transcrevem a cada passo, desvenda-se facilmente neste recinto, ao influxo da arte que o ornou, sob as volutas de inapaziguavel lubricidade em que se envolvem e no seu acompanhamento de deliciosos risos indecentes...

Esta leitura de que o meu espirito se não sacia provoca-me transportes adoraveis e é justamente no embevecimento de similhante beatitude que eu chamo á reflexão do meu espirito as claridades de outros espiritos que mais o levantaram.

Entre elles sobresahe essa cariciosa alma de poeta piedoso e sensualissimo que é para mim, que só o conheço pelos seus escriptos, a fórma do João Grave.



Decerto não encontraria ponto mais do que este levantado ou donde com melhores motivos mais inspiradamente lhe escrevesse. E com grande escandalo de uns andaluzes desengonçados e suspicazes, ostentando negrissimas barbas de naires — d'esses que em tudo enxergam a patria postergada e vendida a estrangeiros — obtive dos empregados da Alhambra a mercê de ficar fechado esta manhã no «Toucador da Rainha» airoso pavilhão isolado no cimo de uma quadrada torre alta e abrindo para todos os lados, d'onde me parece que naturalmente communico e discorro com os espiritos da minha eleição.

D'aqui lhe escrevo pois.

Aqui a ciosa Aicha, a intrepida mãe do tortuoso e molle Boabdil, debalde inventava e provava louçanias com que suplantasse a feliz rival e foi para comprazer ao capricho da mais culta e formosa infanta portugueza que o pavilhão tomou, ao gosto da Renascença, a sua fórma actual revestindo-se de graciosissimos frescos em quadros miudinhos — pelo molde das «loggie» do Vaticano, mas de assumpto exclusivamente pagão e hellenico.

Pinturas ainda hoje encantadoras na sua decrepitude accelerada pelas intemperies e conspurcada pelas irremediaveis provas de selvageria moderna — todo o seculo XIX — grandemente expressa nos mil e mil emblemas e disticos torpes, boçaes, ou «espirituosos», entalhados a ponta de canivete ou de prego por onde os espaços melhor se prestavam: seios, ventres, nadegas e côxas das divindades mal vestidas.

Foi na Alhambra que a idolatrada esposa de Carlos V levou os melhores dias da sua existencia — uma lua de mel de muitos mezes — cujo goso nem ao pavor dos terremotos se empanou e foi pela ascensão do seu chimerico sonho de grandezas que o Cesar, ardente no apaixonado empenho de lhe dar realidade, arrancou ao genio architectonico da Italia o plano de um palacio inconfrontavel — o seu palacio — todo engendrado na grave harmonia de uma elipse colossal.

E deram-se a maxima pressa em lhe executar o traçado para que ao pé do eximio padrão da gloria sarracena, a Alhambra, surgisse a prova inamovivel de um poder mais forte casado ás pompas de uma arte mais viril.

Mas escasseava o espaço e, no seu implacavel rigor geometrico, a prodigiosa curva de pedra, ao fechar, abriu no flanco das delicadas construcções arabes irreparaveis brechas: vandalismo para ser eternamente abominado!

A obra ficou em meio e desde logo sumptuosa ruina, cercando a hiante elipse central do pateo immenso — dentado todo em volta por columnas monolithicas.

Não urge desvendar o historico segredo que baldou aquelle assombroso esforço material e artistico; tal como está, na esterilidade da sua

esplendida nudez, impõe-se á veneração esthetica — se esterilidade pode haver no que é bello.

«A thing of beauty is a joy for ever!»

E assim como está, aguarda talvez o acaso de uma coincidência imprevista que lhe dê definitivo sentido; agora é apenas moldura maravilhosa para quadros de pura imaginação, mas a Natureza pode inesperadamente encontrar-lhe mais idoneo destino. Nada tão doidamente absurdo como as «capellas imperfeitas» da Batalha: eu já as vi povoadas por um bando de pavões que abriam ao sol, entre as arcarias d'oiro recortadas no azul ferrete do firmamento, as caudas faustuosas e achei-as «perfeitissimas».

O palacio de Carlos V não se completou por instigação da Imperatriz subitamente assustada, — embora a grande distancia — com a frequencia dos inoffensivos tremores de terra a que a cidade de Granada parecia então sujeita. Outro e bem diverso foi o motivo suspeitado o qual, a ser verdadeiro, mais enaltece o character da mulher cuja fé na grandeza do proprio destino se formara á incitação da gloria sempre crescente do reinado de seu pae, o «rei venturoso».

Interessante figura a d'esta princesa, tão mal estudada ou completamente por estudar, pois que os chronistas e investigadores da nossa historia só colheram minudencias, por onde os prendessem á realidade do seu meio, nas vidas façanhudas ou rapinantes dos heroes do sexo forte. Nos fastos nacionaes de alguns seculos, as mulheres pouco mais conservaram do que a vacillante memoria dos seus nomes apontados «ás seccas».

Esta foi uma rara princesa virtuosa que de muito nova attingira a consciencia plena dos seus extremadissimos dotes intellectuaes e moraes e se conservara sempre de «tão altos pensamentos que presuppoz de não casar senão com o mor senhor da christandade».

Eu imagino-a de nobilissimas maneiras, muito entendida em musica, airosa e perfeita bailarina, educada, consoante os preceitos do «Instituto delle donne», no conhecimento do Dante e do Petrarca, notavel humanista, lendo Virgilio e Seneca, e versada tambem no que as sciencias offereciam de noções positivas, reputadas então como inestimavel riqueza para quem as possuia.

Tão bella, intelligente e sabia, e incomparavelmente mais poderosa do que a sua celebre contemporanea, a ideal Joanna d'Aragão, faltou-lhe o genio de um Nifo para inspirar outro ainda mais subtil tratado do que o «do amor e da belleza» por onde os amavios da italiana nos embellezam hoje e irão deliciando eternamente as gerações d'artistas.

Como Joanna d'Aragão o corpo da princeza Izabel parecia conformado, em estricte obediencia aos sagrados canones da estatuaria grega, no completo equilibrio das proporções harmoniosas e era «nem gordo nem magro mas replecto de seiva: *succulento*».

Mas ninguem lhe fixou por lyricas hyperboles o encanto da voz melodiosa e cadenciada, nem a frescura do halito suave, nem a doçura da pelle branca e tepida, nem esse perfume tão diverso e caracteristico em cada mulher formosa e, mais intimamente, em cada um dos canteiros do seu corpo. «O delicado aroma de pecego que lhe exhalavam os seios» diz, se bem me lembrø, o philosopho Nifo d'aquella que elle estudou como impeccavel modelo.

Meu amigo, leia esse estranho tratado «do Amor e da Belleza» e diga-me se quem o escreveu não foi pëcursor genial de tantas theorias ousadas e argutas sobre as quaes outros esthetas ergueram, seculos depois, os monumentos das proprias famas.

O idealismo de Platão, que excluia do mundo externo a Belleza e a restringia á refinada concepção intellectual, fõra adoptado pela Renascença como inatacavel dogma. Quando muito, e exceptuados á villeza dos mais sentidos, podiam os olhos auxiliar a percepção do Bello. Nifo, insurgindo-se contra uma doutrina que infamava o tacto, o olfato, o gosto, o ouvido, mostra como estes sentidos, a par da vista, transmittem ao cerebro a belleza esparsa pelo mundo organico e põe-se a fornecer provas, olhando, escutando, saboreando, cheirando e apalpando tudo quanto no acervo de perfeições que constituiam o corpo da excellente Joanna d'Aragão se prestasse a experiencias peremptorias. Depois, generalizando, esclarece o modo como qualquer sensação pôde alcançar, filtrada pelo sentimento e pela intelligencia, a graça esthetica.

A filha de D. Manuel não encontrou panegyrista que a sugeitasse a methodo, assim infallivel, d'investigação e das suas prendas resam sómente em breves phrases resequidas alguns chronistas mazorros. «De peregrina belleza e tão intelligente como isenta de sua condição» dizem elles; mas já dizem excepcionalmente muito.

E não é de pasmar que tantas qualidades concorressem em quem foi de pae e mãe consanguinea d'essa feissima e brutissima fera o Senhor nosso rei D. João 3.º? Irmã de João 3.º de Portugal e mãe de Felipe 2.º de Castella!

Sobretudo quando se lhe destrinça a bondade, transparecendo a cada momento, a temperar a sanha das perseguições religiosas ou politicas nos periodos turvos que empeçonharam o reinado do marido, bondade logo brilhantemente assignalada quando, apoz o casamento que se effectuara em Sevilha, os monarchas vieram a Granada para dar solução á crise mourisca, ao tempo agudissima.

A imperatriz aproveitou as boas disposições que trouxera ao animo do Cesar a vista de um tão prodigioso conjuncto de maravilhas, exta-

siado no qual elle exclamara, talvez involuntariamente: «Desgraçados aquellos que tanto perderam!» e emquanto a conselho da junta dos theologos — alcateia de bispos — se mandava trasladar aqui a inquisição de Jaen e se promulgavam atrocissimas leis d'exterminio contra os infieis renitentes, D. Izabel acolhia na Alhambra e logo á intimidade da côrte as mais prendadas meninas das principaes familias muçulmanas.

Então os moiros organizaram festas, em honra dos monarchas, de um esplendor tal que a todos os christãos traziam deslumbrados. Executaram-se durante o verão, nos umbrosos jardins da Alhambra, lindissimas «leylas» onde figuravam as moiras escolhidas entre as mais formosas e ricas, ataviadas luxuosamente e com esse donairoso garbo oriental que tanto realça a delicadeza feminina.

A côrte andava enlevada naquellas dulcissimas toadas, variações infinitas de uma musica toda em suspiros e soluços, matizada por timbres e rhythmos que o tom menor melancolisava, e enebreava-se na voluptuosidade das tão diversas e novissimas danças exteriorizando milagrosamente os fundos mysterios do amor pela arte suprema das attitudes elegantes e castas.

Mau grado a Inquisição e as hyenas da «Junta theologica» os moiros conservaram ainda algum tempo o uso da sua lingua, dos seus trajas e das suas praticas hygienicas entres as quaes, á porcalheira catholica escandalisada, o banho é que mais intoleravel se fazia.

A rainha influiu na magnanimidade de taes concessões que o Cesar sancionou mediante a somma pavorosa — o irrefutavel argumento de todas as edades — de oitenta mil ducados pagos de contado pela moirama estarecida. D. Izabel, sempre desvelada por attenuar o mal, conseguiu do marido que destinasse parte dessa quantia a obras de caridade — continuando os trabalhos do immenso hospital para dementes, fundado pelos Reis Catholicos — e mais ainda, depois, muito longe de Granada, quando para obter novas extorsões os delegados da corôa advogavam a urgencia de supprimir aquellas regalias, lembrava-lhe ella, com relativo exito, a palavra real empenhada e por que preço o fôra.

Não é pois trivial essa figura d'imperatriz e a par de tanta princeza ignara, cruel ou simplesmente viciosa, a virtude, nos tempos em que viveu deu-lhe exquisito relevo. E desempenharia decerto papel preponderantissimo na historia se a extrema fecundidade, que a paixão inapaziguavel do marido exacerbava, exhaustando-a a não mallograsse.

A sua alma compassiva é para ser evocada no ambiente affagoso d'este palacio de fadas e, melhor, o seu corpo na plenitude soberba dos vinte annos, quando ella sahia deste mesmo pavilhão, constellada a firmas de pedraria e os cabellos entrançados nos fios preciosissimos de volumosas perolas brancas — essas perolas cingalezas, exsudando brilho, arrancadas aos thesouros dos rajahs e que entre as joias do seu assombroso enxoval eram a «via lactea» de uma estrellada noite ma-

labar. D'aqui baixava ella a presidir ás famosas justas de Bimbar-rambla nas quaes o Cesar, por seu turno, estreou alguns dos seus mais ricos arnezes, repuxados e burilados em Augsburgo ou tauxiados em Milão — os mesmos que deram origem á maravilhosa «Armeria» hoje orgulho de Madrid.

Seria para entorpecer a penna do artista melhor dotado, qualquer tentativa de resurreição ou reconstituição colorida, ou o simples esboço historico dos quadros que se desenrolaram pela cidade durante a assistencia do Imperador e da côrte competindo galas com a civilisação arabe ainda no apogeu da sua pompa.

Mas o parallelo entre o fabuloso fausto de então e a miseria actual é que supera na phantasia do artista o desejo de reviver o passado, trocando-o pela melancolia de um tão desolado presente. E seria o con-frangimento, originado na contemplação de ruinas incaracteristicas, semeadas por entre escombros, que conviria exprimir se eu cuidasse em dar-lhe ideia da Granada monumental de hoje.

A obra catholica foi aqui mais damninha do que em qualquer das outras grandes cidades arrancadas pelos hespanhoes ao dominio muçulmano. E fallo da obra catholica porque nas povoações da Asia menor e em todo o norte d'Africa onde os seus flagellos não chegaram ou não persistiram, a ruina fez-se progressivamente, pela decandencia de uma civilisação enferma — como no Cairo ou em Tunis — sem sobresaltos ou substituições desacertadas que mais pesam talvez do que a assolação completa.

De nada valeu aos vencidos de Granada o direito de gosar mais tempo a grave compostura do turbante ou o desafogo da ampla alge- revia ou o hammâm pullulante de delicias, para que delles restasse mais accendida lembrança; fóra da Alhambra extinguiram-se quasi por completo quaesquer vestigios incontestaveis da passagem do arabe por esta região e no cunho ethnico em balde até buscaríamos pela gente do povo uma physionomia de raça berbere ou semita bem frequentes no resto da Andaluzia.

Christianisadas seculos antes, Sevilha pela disposição das suas ca- sas e Alicante pelo perfil dos seus habitantes, são mil vezes mais sar- racenas do que Granada onde á esthetica muçulmana se oppôz sem transição gothica — plausivel — a architectura neo-grega e o ornato plateresco.

Mas ficou, para lhe perpetuar a memoria, a Serra Nevada e os seus inexauriveis mananciaes d'aguas correntes que o engenho arabe encaminhara para a veiga infinita, hortando-a como o paraizo mahome- tano de flores e fructos. Esse puro sentimento de bucolismo artistico a que o hespanhol é geralmente alheio, transmittiu-se aqui do arabe ao ibero, e como em Valencia ou em Murcia, o camponio, na esteira dos seus iniciadores, continua cultivando a rosa ao pé do limoeiro.

Porque a característica dos jardins arabes está nessa propositada confusão de fructas e flores, que arredonda sobre leiras de jacintos a romanseira de sanguíneos calices de cera, a esbagoar-se mais tarde em rubis sumarentos, e genuinamente orientaes essas inesperadas, estranhas applicações á planta superflua ou de luxo, de que os antigos portuguezes referem o curioso exemplo na Damasco cercada de um triplice sebe secular de rescendentes jasmineiros, impenetraveis que nem muralhas fortificadas.

A tradição da cultura arabe persistiu e ainda faz a alegria d'estes campos, d'esta infinda planicie azulada e levemente undosa como um mar de verão.

Entre a veiga e as montanhas, que reluzem muito proximas nas suas coiraças de gelo, espargindo as claridades d'apothese que envolvem Granada, o casario da cidade, antes de se derramar na planicie, suspende-se em montões de bagos mal seguros a quatro serros d'abruptos perfis — quartos irregulares de uma romã titanica, aberta e sulcada por torrentes que espumam enfurecidas na estreiteza dos leitos profundos.

Os inglezes ás ordens de Wellington encheram-lhe as rapidas encostas dos apertados valles de alamos negros, trazidos expressamente das florestas irlandezas, arvores que prosperaram e hoje attingem alturas excessivas: trinta metros e mais. Toda a immensa ravina que liga a cidade á Alhambra está coberta d'essas arvores, esfusiando agora em inverosimeis columnas escuras atravez da sua generosa vegetação de um tão mimoso e tenro verde que commove.

A solitaria ascensão ao palacio sob o docel de frondosa seda e entre agitados mantos de folhagem translucida, escutando o murmurio cantante das fontes e o concerto de gorgeios e trillos desfiados em gotas de cristal pela passarinhada ebria de primavera, é um trecho vivido de epica ballada, nalgum lance mais peregrino de mysterio e de encantamento.

A meio da ravina o caminho das carruagens abre em rotunda sobre a qual se inclinam de todos os lados as altissimas arvores, com a magestade propria de uma architectura de basilica, infundindo não sei que sentimento de especção e de esperanza lyrica: é na manhã clara e fria a argentina trompa de Roldão prestes a soar, e quando se aproxima a noite como ali vibra, ardente,

Le cri walkyrien des paons au crépuscule!

Pelos retalhos ajardinados, no labyrintho de corpos independentes que compõem a Alhambra, floresce agora quasi exclusivamente o lilaz, dentro das molduras reverdecidas em humido sinople do buxo aparado de fresco. Efflorescencia prodiga e desvairada e casta!

Se o jacintho é uma flor de carne adolescente e lasciva o lilaz é vicejante synesthesia de graças infantis! Lilazes com grinaldas aerea-mente soltas, em cachos melindrosos de carmin desvanecido, em festões violetas de tenra polpa maguada pelo frio, em miudinhas gottas de leite gelado, em penachos de botões erecteis e jocundos!

A vegetação contrariada pelo rigoroso inverno tarde começa a expandir-se este anno; nas alturas do palacio mal os lirios rôxos entrea-rem, junto ás moitas de lilazes, os seus calices de velludo — profundas caçoilas de perfume assucarado. Mas nalgum recanto de ruínosa cisterna, ou, abrigando-se do norte, pelos fossos da «torre da Vela» já vae desabrochando uma ou outra rosa de aroma obstinado que se nos prende á roupa como a sua essencia nos bazares levantinos. Eu presumo serem estas rosas da Alhambra da mesma casta das rosas de Ispahan cujo olor activissimo se exacerba ainda ao morrer.

Era de rosas mortas a fragancia que ha pouco, junto á igreja por onde vim, se casava com o cheiro da cera e do incenso e repassava o adro de effluvios de maio catholico — mez da hecatombe inutil da flor soberana.

Mas acima da Alhambra, intactos, ainda no seu primitivo plano, os aereos jardins lendarios do Generalife, vastos, irregulares, accidentados, mysteriosos e surprehendentes, architectados como um serralho em recamaras de verdura immarcessivel e extensas galerias de cyprestes e salões de cristal aberto nas arcarias dos repuxos: os poetas cantaram-os já, imperfeitamente, em todas as linguas.

Em baixo, a cidade rasga-se numa vastissima avenida de platanos seculares, perpendicularmente ao Genil, e continua assim, ladeando o ribeiro, por alamedas de platanos e alamos negros nos passeios pomposos do «Salon» e da «Bomba» com uma faixa lateral cerrada em magnolias, olaias, acacias e mimosas, agora mais essencialmente perfumada pelos canteiros de goivos brancos.

Ha dentro d'este jardim um refugio adoravel, frequentado especialmente por creancinhas: um banco circular de madeira ao abrigo dos fartissimos festões de buganvis de um rôxo episcopal e ao meio um monstruoso pinheiro parasol, com pedaços de tronco descascados de fresco, ulcerados, resinosos e côr de carne inflammada — o impassivel martyr da endiabrada chusma infantil.

*

Fallar de uma cidade hespanhola, mesmo de leve, sem alludir aos seus templos seria extravagancia propositada. Mas não julgue que lhe vou impingir em descriptivos floreados as contestaveis maravilhas da cathedral hybrida, nem o incontestavel prodigio de graças enthesoura-

das que é a «Capilla real» com os seus sarcophagos luxuriantes e o recheio de pinturas raras e ainda mais raras esculpturas. Abriria gostosa excepção, quanto aos monumentos classicos, encalamistrando phrases a favor do convento de S. Jeronymo — pantheon «del Gran Capitan», obra prima de Diogo de Siloë e portanto, talvez tambem, da phantasia plateresca, a cujo templo o decorrer dos seculos accrescentou belleza, envelhecendo, fundindo ornamentos e côr numa grave, consoladora harmonia — se a patria dos Abencerragens, e nisso se avantajava ella a todas as outras povoações da península, não estivesse inçada de egrejas churriguerescas, acoitando grupos e imagens terrificantes em camarins cuja barbara riqueza excede quanto se conta dos pagodes asiaticos.

Era mais louvavel e curioso e preferivel forragear em campina de tão farto pittoresco.

Não sei se a padroeira de Granada é a «Virgem das angustias» mas as «pietá», multiplicadas até as obsidiantes phantasmagorias do delirio, parecem obedecer aqui a uma cruenta aspiração paroxismal, no desabrimento do horrivel chagoso e grangrenado. Senhoras d'olhos purulentos e faces esphacelladas, com pasmosas corôas de cinco andares enfiadas na cabeça — os corpos hirtos mettidos em mantos pedrados d'ouro e aljofar — sustendo no colo os Christos dobrados em arco, desarticulados e sobrenaturalmente escorchados.

A imaginação torturada por um mysticismo que exige representações da mais sordida idolatria entregou-se aqui durante os seculos XVII e XVIII a toda a casta de desatinos.

E agora, esse mesmo instincto grosseiro, encanado pelo jesuitismo á esthetica arrebicada e lambida, continua dando-se largas na profanação das igrejas primitivas, em restaurações indecorosas e substituindo á surrelfia as lindas imagens da Renascença por esses bonecos de marmelada — ou excrementicios — que a França industriosa á compita com a Allemanha sabichona fabricam e exportam.

Conhece a especialidade, os Sãos Josés e os Santos Antoninhos de confeitaria e fecalidades? Como se percebe que as devotas, chupando aquelles dedos ou lambeando aquellas faces, travam ao prazer mystico da prova estercoraria, grata aos martyrios canonisados, a illusão celesstial de chuchar paus de chocolate!

Mais valia, decerto, a completa ruina (tudo tem fim!) do que as malvadas reparações como aquella que dias atraz examinei na igreja de San Juan de los Reys, raro especimen de linhas gothicas e romanicas archaicamente adoptadas na sua maxima simplicidade — quando a Renascença italiana dava leis — talvez para comprazer á população arabe, a que o plateresco era odioso, que alli tivera a sua mais antiga mesquita.

Nella estão agora installados os frades Redemptoristas — ordem fundada por São Affonso Maria de Ligorio, varão admiravel que foi

acolhido no ceu com estas carinhosas palavras da Virgem: «Don Alfonso Maria tome V. asiento». Tal e tão lisongeira familiaridade amou alguns santos de polpa, patriarchas e doutores da Igreja, condemnados a permanecer de pé toda a maçadora eternidade, contava-me o fetido frade que me serviu de guia e ajuntava, no seu legitimo jubilo, que isso em nada perturbara o incremento dos Redemptoristas para os quaes «nunca faltava obra». Até já estão estabelecidos ahi junto do Porto onde grangearam promptamente numerosa clientela.

As veneraveis cantarias de San Juan de los Reys foram escrupulosamente rebocadas e depois ornadas a arabescos d'abobora-menina em fundo «café com leite» e os seus altares povoados pelas chorumentas imagens de França; o campanillo arabe, ainda visivel na minha ultima visita a Granada, desapareceu demolido ou entaipado.

Perguntei por elle explicando ao frade que nesse velho minarete, reliquia sagrada para as corporações clericas, o almunhaden chamara durante seculos o povo á oração. «Por isso mesmo o suprimimos» — contestou com especioso criterio.

E para me resarcir da auzencia do minarete mostrou-me na sacristia a singular «curiosidade» do convento, um grande quadro da peor pintura do seculo XVIII onde a Virgem de teta de fóra esguicha um jorro de leite para a bocca de S. Francisco d'Assis que o saboreia com esgares de espasmo sexual. — «Passagem por certo, da desregrada vida que o santo levou antes da conversão», commentei honradamente e o frade, conciliador, obtemperou: — «Coisas dos bons tempos que já não volvem...»

Os frades prosperam e alastram, como a grama em terreno inculto, por esta população de jornaleiros famelicos, e proprietarios opulentissimos que vêem nos claustros os especificos respiradoiros da miseria opprimida. Para a gente rica não ha «anjo da guarda» que valha um frade na faina de a proteger contra as reivindicações do povo.

E os frades são exclusivamente «povo», pois é natural e racional que o homem ignorante mas solerte prefira ás agonias da vida rigorosa, que espera o desvalido, a panria do convento onde até o uranismo proveitosamente suppre, na mais aprazivel e imperterrita das funcções organicas, a falta de mulheres e a coberto das molestias e responsabilidades appensas á procreação.

E' o torpe frade, paladino interessado ou convicto da ordem social estabelecida, que no afan de attrahir o beaterio igualmente nescio, perpetra maior numero destas infames restaurações ou levanta de seu pé vastissimas basilicas d'architectura idoneamente ignobil.

Porque é de notar, sobretudo em paiz onde tanto abundam tão espaçosas e monumentaes igrejas, sufficientes para conter a massa compacta dos fieis — com infieis á mistura — o beaterio não concorre ás grandes cathedraes antigas, os sublimes padrões d'arte. Dir-se-hia que

Deus e Arte se tornaram incompatíveis ou, melhor, que onde transluz resquício de Arte deserta Deus. O que importa, a bem da fé embotada, é trasladar aos templos a esthetica dos bordeis, em capellinhas novas, com invocações, ritos e idolatrias suaves ao paladar de fregonas e rameiras.

Além da obrigação imposta ao frade e ao padre de tomarem a miudo banho — olhe que o irmão redemptorista de San Juan de los Reys, na sua percuciente resumbrancia fetida, era ainda assim modesto especimen em comparação ás esterqueiras andantes que formam habitualmente a espiritual milicia monastica — duas medidas governativas tinham agora todo o cabimento em Hespanha: prohibir a construcção de mais igrejas e crear nos seminarios cadeiras de esthetica e museus do nu, onde os futuros sacerdotes largassem algo da sua nativa e bronca bestialidade.

Na sacristia da cathedral em Senna, o grupo antigo, o celebre, o immorredoiro, das «tres Graças» — as tres appetitosas adolescentes nuas, de seios levantados, ligadas pelo gracioso encanastrado dos braços — ergue-se, em branco marmore que o tempo sensualmente penetrou de tons de carne, sobre uma pia baptismal, sem escandalisar ninguem.

Poisque a riqueza artistica da Hespanha esteja quasi na sua totalidade dentro das igrejas e dos conventos e portanto entregue a padres e frades, e que essa riqueza seja incalculavel mal presumindo elles do seu valor estimativo, não se afigurará essencial preparal-os d'alguma forma á iniciação do Bello? Quantos irreparaveis attentados em restaurações e substituições malignas se teriam assim evitado!

Emtanto as cathedraes se vão aluindo e se desmoronam os mais formosos templos — não ha actualmente na riqueza humana cabedal bastante á reparação completa e artistica d'aquillo que em Hespanha ameaça ruina — em vez de conservar melhor ou peor o que já existe, frades e padres arrancam ao fanatismo do beaterio hypnotizado e á plutocracia calculista, dinheiro para edificações novas e estupidas, as quaes não constituem exclusivamente uma affronta á esthetica mas talvez mais principalmente ainda um attentado social de previstas consequencias horrorosas.

Em Granada, se algum edificio de vastas proporções surge por entre as ruinas dos bairros leprosos é infallivelmente igreja ou convento; o mesmo ou quasi o mesmo succede nas mais cidades hespanholas e até a fabril Barcelona, parodeando a tibetana Lhassa, viu nos ultimos annos encherem-se-lhe as alturas de Sarriá, como outra Potala, de novissimos Escoreaes, competindo em dimensões com o pavoroso modelo e d'elle apenas differindo na indigencia esthetica do plano e da ornamentação interna.

Essas construcções custosas, indecentes e tão sómente aproveitaveis a uma escassa minoria de ociosos ignaros, constituem permanente

provocação, sobretudo em centros assim miseráveis como Granada, ao proletário normal, de cujas necessidades ninguém cuida por faltarem os recursos que sobram para erguer coios de preguiça e de porcaria.

E nas horas tenebrosas ou radiantes, das justas ou injustas represalias, lá vão a ferro e fogo, e de cambalhada, a obra má dos Redemptoristas, Esculapios e Lazaristas, e as gloriosas creações onde um Diogo de Siloë ou um Alonso Cano puzeram o melhor do seu genial engenho.

Mas legislar na península em capitulo que toque nos nossos senhores padres e frades é utopia de uma originalidade tal, á mistura com uma tão espantosa — ia dizer ecclesiastica — procacidade que eu mesmo me fico a rir da lembrança e d'ella lhes peço a elles, frades e padres, perdão se por acaso estas linhas chegarem ao conhecimento d'alguns, supplicando-lhes humildemente que as não almagrem com vista á Santa Inquisição.

Fallo serio. Eu acredito nos maleficios da sinistra, seva irmandade: A Santa Inquisição! que outro nome houve nunca, para portuguezes assim prehadissimo d'ameaças, d'iniquidades e de villezas...

Mas eu descarrilei, não resta duvida, e com tão má sorte que vim esbarrar nesse potente bastião da Igreja Catholica: o Santo Officio. E' o justo castigo de quem se desorientou a ponto d'empachar o seu regalado scepticismo com veleidades de reformador.

Leio a miudo nos jornaes de ideias avançadas que a Igreja Catholica é uma «força morta» e lembro-me, por contraste dos hollandezes a chamarem delicadamente aos quadros de «naturezas mortas» «vidas mudas». Eu desvario de pavor perante a probabilidade de incorrer nas iras d'essa «força morta» que nem mesmo á custa de subtilzas bysantinas se poderia nunca dizer «força muda» pois berra e brame diariamente pela bocca de milhares de energumenos desencabrestados e creia que se não fosse a minha illimitada confiança na sua discreção já ia re-ler quanto escrevi para bifar qualquer irreverencia puxada pela rethorica ao bizzo da penna.

E á cautela sempre me penitencio, ainda preso do assombro que me causam estas audacias confidenciaes... Como guisei eu semelhante refugado moralista com o seu atrabiliario molho amaro aos innocentes irmanitos em Nosso Senhor Jesus Christo e como veio tudo isto á balha dentro do «Peinador de la Reina» aonde se alguma ambição me trouxesse não iria além da gloria vã de fixar, por vocabulos sufficientes á comprehensão mundana, sensações ineditas ou que fluctuassem indecisas, na sua ineffabilidade, pela imaginação dos poetas?!

E era assim que eu appeteceria escrever-lhe em troco á munificencia com a qual agasalhou o meu «Agosto Azul». Quando penso na profusão de flores que sobre elle espalhou o genio de João Grave e o considero assim enfeitado — o meu pobre livro — já me não parece o

mesmo e fico perplexo na surpresa do pae da pastora que subitamente visse a filha coroada rainha pelo capricho de um principe. Ah! como eu desejaria merecer a constancia do seu louvor e como é grande o meu receio de que elle não fosse para o «Agosto Azul» mais do que o capricho de um principe inconstante!

M. TEIXEIRA GOMES.

A UMA FONTE

Em pequeno, a escutar-te, evoquei mysteriosas
Historias infantis, uma chuva de rosas
Que se espalhavam na minha alma... (o luar, mais brando,
Enchia o céu d'amor, e a fonte ia contando...)
Eram fulvos heroes, e moiras encantadas,
Pobresinhos que vão a pedir nas estradas,
Com barbas a ondular, e cajados, saccolas,
E o pão que se lhes dava, e as nossas esmolas,
Como em Santa Izabel, transformavam-se em flores...
Era a lenda sem fim de belleza e fulgores,
A apotheose da humildade e da virtude,
Que a fonte me contava em sua voz d'alaúde,
Sob o céu a estrellar-se, — emquanto uma fragrancia
De cravos, embalava a minha linda infancia...

Depois, ao pé de minha Mãe, ambos sentados
Junto da fonte, como ingenuos namorados,
Emquanto eu fui crescendo, a fonte foi contando
Como a estrada da vida é para andar penando!...
Depois... o vendaval tempestuoso e rude
Desfolhou-me illusões e rosas; a saúde
Fugiu do nosso lar; as arvores seccaram;
Nunca mais, junto á fonte, os rouxinoes cantaram...
A alegria vestiu de viuvez e luto,
Cada olhar que eu amei nunca mais foi enxuto
De lagrimas de dôr...

Eu parti do meu lar!
E a fonte, desde então, começou a chorar!...

Fonte d'amores e de lagrimas perdidas,
Ainda escuto de longe as vozes doloridas
Da tua agua gemente, ó fonte da Saudade,
Que ficaste a carpir na minha velha herdade
Os bandos aureareaes de sonhos que fugiram,
Os castellos d'amor que os olhos nunca viram,
A graça de quem traz, em meio da procella
Um coração fulgente e simples de novella!...

Quando para o passado ás vezes me debruço,
Oíço ainda a tua voz, escuto o teu soluçô !
Na fonte do meu horto a agua limpida canta
Como um poeta, que traz um sonho na garganta,
A cantar, a cantar, e sem enrouquecer !
Ó fonte do meu horto, ensina-me a soffrer,
E a carpir docemente as minhas elegias ;
E emquanto vejo voar todas as alegrias
Como um bando a emigrar para um paiz de flores,
Ensina-me a chorar, ó fonte dos amores ! . . .

JULIO BRANDÃO.

EXCERPTO

.....
Com as entradas de dezembro, o tempo andava sorumbático, borrascoso, e então d'um frio que retalhava a carne e fazia uivar lamentosamente os cães de guarda, pelo montado. O céu revoltado, carregado, baço, parecia ter accidentes, montanhas, profundezas de valles, largos planaltos d'uma côr terrosa. A própria chuva era glacial, cada pingo penetrava como um fio d'aço as faces incoiradas, as mãos duras, nodosas, desformes, dos camponios.

— Isto é neve derretida... — alvitravam.

— Apanhou esta friura na serra.

E punham-se a soprar rapidamente nos dedos, puxavam para as orelhas os garruchos de lã grossa, debruados a vermelho.

Esse dia, por excepção, lá se conservára sêcco; mas mal entardeceu a agua sorna, teimosa, recomeçou implacavel, agora impellida pelas lufadas de vento que varriam de léo a léo a povoação e vinham quebrar-se assobiando, dolorosamente, contra os musgosos braços dos carvalhos, todos nús, erguidos para o alto em gestos tragicos, quasi humanos, de revolta. Os visinhos tinham revestido de matto as duas ruas, ensopadas d'uma lama negra e branda — mas essa providencia em vez de remediar o mal aggravava-o, a cada passo se topava uma ratoeira, e os pés atolavam-se na lodo fétido das poças, que a custo um sol tardio, de março ou d'abril, havia de enxugar completamente.

Tambem, dadas as oito, pelo inverno, quasi todo o povoado dormia a somno solto: só nessa noite os postigos das casinhas luziam a alta hora, embora nem viv'alma se aventurasse a pisar, pelo vendaval, os beccos apertados, infectos, que cortavam tortuosamente a aldeia. De quando a quando, apenas, ouvia-se por detraz de muros um suino que roncava, ageitando-se na palha humida do cortêlho. As levadas golfavam pelos desfiladeiros da serra, com o seu ruido caracteristico, desigual mas monotono, semelhante ao d'um trovão que não findasse. Lá fóra, nalgum quinteiro, um gallo estremunhado puzera-se a cantar da sua capoeira, espaçando os gritos, repetindo-os, desgarrados, sem resposta. Por fim, mais para o longe, outra voz muito fina acudiu, replicou, esganiçada, remota; e o duetto continuou assim, regular, na noite de invernã, apenas uma vez cortado por brados, na povoação, de casa a casa:

— Eh, Antonio! E ós'pois?

— Diz que mal!

— Raio!

Sómente na Casa da Moira, encavallada ao cimo do covão onde se acoitava a aldeia, se viam perpassar alguma vez, atravez os vidros, sombras indecisas.

Era um predio enorme, d'um só andar, pesado, granítico, ostentando á frente uma quantidade de janellas quadradas, d'encaixe, desiguaes, distribuidas sem methodo, a capricho, e grossos portaes solidos, soturnos, de carvalho lavrado, reforçados pelas trancas de madeira que se introduziam em ranhuras praticadas na parede, a picareta. Houvera ao lado uma capella nobre, onde nos tempos do esplendor se tinham feito com pompa as grandes ceremonias cultuaes da familia, e ácerca da qual corria entre o povo a lenda inverosimil de nella ter vindo Pedro Cru sagrar com a morta os seus frios esponsaes. Hoje, não restavam d'essa faustuosa habitação de Deus mais que as paredes arruinadas, comidas de musgo, e lá dentro, tombada a um canto, uma velha imagem de S. Braz, deŝnarigada, sem pernas, erguendo num gesto vago as suas mãos vermelhas, que o bicho ia pouco a pouco desfazendo, vorazmente.

A escadaria da casa, de pedra mal trabalhada, era exterior, seguia de lado ao longo da fachada, obstruindo o postigo d'uma loja, e terminava em cima num balcão telhado, com bancos de pedra rasgados no parapeito e grandes vasos de barro, toscos, aos cantos, plantados de craveiro de todo-o-anno. Depois era o corredor, extenso, especie de tunnel que se abria ao fundo para a quinta; e d'ambos os lados ficavam as salas, os aposentos de dormir, no fim a cosinha, tudo com portas baixas, largas, fortes, tectos apainelados e divisorias de paredes mestras que davam ao casarão um ar massiço, de fortaleza.

A sala de trabalho estava á entrada, olhando sobre a rua. Era uma quadra pequena, de duas janellas de frente, e sombria, porque o tecto, as guarnições, as portadas, sem pintura, haviam escurecido com o tempo e casavam-se com o tom pesado dos cadeirões de coiro, amplos, distribuidos com rigida symetria ao longo das paredes.

Antigamente, quando ainda a familia habitava o predio todo, era no outro extremo, para o lado da serra, na vasta sala nobre do poente, que a gente da Casa da Moira passava os ociosos serões. Certo verão, porém, a D. Joanna do Espirito Santo — bonissima senhora a quem os seus setenta e cinco annos feitos não tiravam que o povo a conhecesse pelo carinhoso diminutivo de D. Joanninha — ali fallecera repentinamente, d'um flato no coração, estando a copiar do *Manual do Perfeito Cosinheiro* uma receita de bolos d'amendoa á antiga portugueza, que lhe fôra reclamada urgentemente, para a festa de Nossa Senhora do Carmo, pelas primas do Alto de S. Romão. A porta do aposento enorme fechou-se para sempre, na hora em que a transpoz, nos braços de dois criados, o cadaver ainda quente da proecta D. Joanninha. Depois (porque a Margarida fôsse uma criança e andassem por mãos mercenarias

os cuidados da casa) aquella parte occidental do edificio arruinou-se pouco a pouco, a mesma superstição da morte que guardava a entrada do salão foi conquistando gradualmente essa ala inteira, e por fim toda a vida da familia se concentrou nos aposentos mais reparados que enfrentavam com a rua.

Era ali, naquella salêta da entrada, que o velho Thiago via ha dez annos suavemente escoar-se-lhe a existencia monotona, na saudade da esposa que, mercê dos seus cinco lustros d'avançaço, mais fôra para elle uma amoravel mãe, cheia de cuidados para os seus achaques como para o seu bragal, governando a casa com rigores d'economia aburguezada que assustavam os serviçaes, e no fim preferindo sempre a perda d'um bom negocio — d'aquelles negocios sobre terras a que obrigava a decadencia progressiva da casa — ao risco d'uma viagem do fidalgo, pelo mau-tempo, quando os caminhos estavam cobertos de neve e elle sentia assanhar-se-lhe, temerosamente, a sua bronchite chronica.

Thiago esperava para cada instante a morte, com a serenidade de quem não tem no seu passado o motivo d'um remorso, com a amarga impassibilidade, tambem, de quem não sente raiz forte que o prenda mais á terra e lhe dê seiva, frémittos, ancias largas, desesperadas, de viver. Porquê, se para povoar o ninho lhe fôra necessario, até, ir buscar aos dos mais azas implumes que dessem á sua existencia uma razão de ser? Porquê? As coisas do mundo succediam-se, e havia guerras, revoluções, nascia-se, morria-se, cumpriam-se destinos humanos, toda a gente vinha d'algures, ia para qualquer parte, agia, soffria, gosava, e só elle ali, immovel, inabalavel, inerte, como esquecido na transformação e na renovação constante de tudo o que é creado...

Todos os annos, a sua janella mostrava-lhe surpresas. D'uma vez, era o filho da Engracia que deixára de jogar a telha no adro da igreja, para ir d'oravante com os mais homens, sacho ao hombro, jaqueta ás costas, tratar de fazer vida pelas cavas. Depois era o garoto do barbeiro, que inda hontem andava de calção rachado, atraz das saias da mãe, e já agora todas as manhãs passava, quando luzia a aurora, com a sua cabrinha para o monte, abrindo muito as pernitas, negras da torreira do sol e do ar frio lá de cima, merenda a tiracollo, num saquitel, e grande ar de quem entrou no desempenho d'um dever.

— Andam-me a empurrar do mundo, estes rapazes! — commentava o velho.

E punha-se a fitar o céo distante.

.....

(D'um livro em preparação).

INDUSTRIAS POPULARES

(Continuação do n.º 2)

Tambem ainda sobrevive, arrastada e debil, a industria da filigrana que por laços remotos se prendeu a este paiz através de toda a sua evolução historica. Não quer isto dizer que ella seja sómente e especialmente portugueza (1).

Tem todavia uma tradição hieratica e provém d'uma origem nobre e grandiosa.

No veneravel espolio retirado da vasta necropole das civilisações antigas se encontra a sua ascendencia. Talvez da India e da Assyria e com certeza da Grecia e da Etruria (2) vem esse labor singularissimo dos metaes preciosos, fazendo lembrar o artificio maravilhoso das fadas dos contos populares.

Pelo arabe decerto foi introduzida na Peninsula essa arte de tenuisar ao seu maximo a solidez resistente da prata e do ouro e organizar com as linhas d'esses metaes, d'uma espessura quasi imperceptivel, os preciosos objectos da sumptuaria religiosa e civil. Aquella primeiro, esta depois (3). A mais antiga joia filigranada, que nós sabemos, existente no paiz é o calice romanico — do meado do seculo XII — do riquissimo thesouro da Sé de Coimbra. N'esta peça de valor excepcional o nó está envolvido no tecido enredoso do argenteo fio doirado.

Esta especialidade de fabrico havia de acompanhar nas suas vicissitudes a grande industria da ourivesaria que se concentrou em povoações importantes do norte desde os tempos medievos. Coimbra e Guimarães foram os centros aurifactores mais consideraveis de Portugal. Aquelle perdeu-se em beneficio d'este. «Pela dispersão dos *lavrantes judeus*, incursos nas leis de excepção com que, entre nós, se inicia a reacção anti-semita dos começos do seculo XVI (desde 14-VI-1532 até 16-VII-1537) todo o movimento artistico d'este genero se centralisa em Guimarães em manifesto prejuizo de Coimbra d'onde quasi subitamente desappa-

(1) Louis Knab — *La Grande Encyclopedie*. V. *Filigrane*; Joaquim de Vasconcellos *Ref. cit.* Nota (3) a pag. 120.

(2) Daremberg et Saglio — *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines* — Verb. *Caelatura*, pag. 795, Tom. I. Parte 2.ª

(3) Joaquim de Vasconcellos — *Ourivesaria Religiosa* — *Thesouro da Sé de Coimbra* in *Arte e Natureza em Portugal*. N.º 40.

rece. Por um momento os *oureyseiros* da formosa Villa do Valle da Vizella ousam competir com os melhores artistas lombardos e francezes de Milão e de Limoges no que diz respeito a decoração de *filigranas e esmaltes*, em todos os estylos e em todos os desenhos» (1).

Com effeito, echoante renomeada, ainda não morta, avultou e memorou no evolver dos seculos a ourivesaria Vimaranense. Desde longe, porém, decresceu esbatida, e houve que partilhar essa aura com o Porto, e talvez com Braga. Mas, com a extincção das corporações d'artes e officios, esta industria, como todas as outras, immobilisára-se n'um archaismo degenerado e pelintra. Sem apprendizado methodico, sem educação technica profissional e no regimen livre começou a dissolver-se n'uma ruina deploravel, que se completou com a violenta irrupção da ourivesaria estrangeira de innegavel superioridade sobre a nossa pelas vantagens economicas e pelos recursos de novidade e attracção, que abruptamente offerecia para as rapidas acquisições do mercado.

Salvo raras excepções, o nosso ourives em face d'este perigo, ficou desleixadamente insensivel, não se instruiu. D'aqui resultou que o seu artefacto crystallisava, dentro em pouco, n'uma simiesca imitação de tudo o que vinha lá de fóra. Sem criterio, pela integra deficiencia de cultura, e racional ensino pratico, declinou a produzir monstruosidades inconcebiveis, quando entregue á sua independencia de saber. Basta aqui assignalar um facto em demasia edificante: o duma salva de prata, em estylo renascença, pertencente a um amigo nosso e que um ourives copiou d'outro exemplar authenticico deixando n'ella estampada a sua tremenda ignorancia e inexcedivel imbecilidade pois substituiu um dos assumptos decorativos do modelo por um vapor da Mala Real Ingleza, fumegando, impavido, sobre a revolta das ondas bravias! Faz lembrar a capacidade do architecto restaurador da igreja da Madre de Deus, em Lisboa, mandando esculpir na restauração da architectura do seculo XVI uma locomotiva arrastando o comboio para um tunnel! Equivalem-se.

O nosso ourives, além de educar-se, devia revigorar a sua profissão dilatando-lhe o seu campo d'acção com a escolha dos elementos populares e tradicionaes — manancial fertilissimo onde poderiam saciar-se todas as energias, que tivessem o intuito patriotico d'uma regeneração da arte nacional. (2)

(1) José Caldas — *Guimarães in Arte e Natureza em Portugal* — N.º 14.

(2) Basta recordar o que o sr. Ramalho Ortigão escreveu n' *O Culto da Arte em Portugal* e o sr. Joaquim de Vasconcellos na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*, na *Reforma do Ensino das Bellas Artes*, etc., etc., e a proposito de filigrana a nota (3) de pag. 120 a esta ultima obra em que refere o successo de Castellani em Roma na reconstituição dos adereços gregos e etruscos feita pelos filigraneiros obscuros das aldeias que tinham ficado fieis a esta profissão.

Mas não. Penuria conceptiva, technica não disciplinada, subserviencia depravante... e além d'estas e outras causas funestas e sinistras, haveria que citar a fraude execranda e a ganancia mercantil promovidas pela força da competencia que avassala toda a morbidez degenerescente e improgressiva.

A filigrana na sua subordinação e dependencia sumiu-se, desde logo, com a modernisação exotica, que a foi banindo gradualmente dos mercados fixos e periodicos.

E o nosso povo, d'então para cá, ao formar o seu thesouro peculiar teve de o constituir não com as arrecadas d'outr'ora, que faziam a ufanía desvanecida de seus maiores, mas com essa *bijouterie* barata por falsificada e banal.

Já em 1884, a proposito da Exposição Industrial realisada pela Sociedade Martins Sarmiento, se lamentava o completo deperecimento da filigranagem em Guimarães, e que ali era apenas representada por um unico expositor do concelho!

A sua productividade, tão intensa antes e tão diminuta hoje, restringe-se á labuta obstinada d'algumas familias rusticas da freguezia de Travassos, concelho da Povoá de Lanhoso, districto de Braga, e do concelho de S. Cosme de Gondomar, districto do Porto, que no seu modesto isolamento proseguiram no mesmo trilho percorrido pelos seus antepassados.

Só pelo animo e satisfação moral que advem da consciencia de se perpetuar a mesma força activa e geradora, que outros nos legaram, se comprehende o afincó inquebrantavel com que esses pobres filigranistas, a despeito de tudo, e simplesmente escudados no parco ensino herdado, persistem na, aliás nobilitante, occupação avoenga.

Esta industria domestica, que poderia adquirir uma supremacia prodigiosa, rasteja pois, com custo, na primitividade dos seus processos technicos e na producção exigua dos poucos artigos preferidos na sumptuaria popular. Seria assombroso o seu desenvolvimento economico se a instrucção correspondente a retemperasse e lhes desvendasse a inexaurivel applicabilidade dos seus artefactos.

A technica porém é d'uma singelleza insuperavel pelo que diz respeito ao arranjo, soldadura e esmalte; as faculdades creadoras são de uma indizível penuria em contraste afflictivo com o esplendor dos seculos idos.

Qualquer peça filigranada, todavia, offerece um effeito admiravel e gracioso no seu conjuncto, quando não passa d'uma paciente e minuciosa disposição do delgadissimo fio, com a espessura reduzida ao minimo, e que ondula, espirala e recurva em delineamentos elementares, que successivamente se circumscrevem.

E' na verdade com esta indigencia de modalidades lineares que se tece a leve gaze, a delicadissima teia de trama sinuosa, destinada a

preencher os espaços vazios, compreendidos entre as nervuras estruturales, que formam o mioposo arcaboço das futuras joias.

Estas reduzem-se approximadamente aos *brincos á mourisca e á rainha*, ás *cruzes de Malta*, como na Noruega, (1) e aos *corações*.

Tudo o mais foi cahindo em desuso, restando estas pelo que traduzem do commentario caseiro e fiel ao subjectivismo do povo portuguez: — os primeiros alludem á influencia sarracena; as cruzes dizem a sua religiosidade christã e fetichistamente material; os ultimos representam o seu ardente sentimento amoroso.

Eis aqui concretisado o temperamento do lusitano: indolente, submisso e affectivo.

O coração, porém, é o emblema, por excellencia, querido do nosso povo. Já um escriptor insigne resumiu a trivialidade do seu emprego no esbelto e breve relevo d'uma phrase: «o symbolo amoroso não deixaria de ostentar-se, ornamenta os jugos e as rocas, as loiças e os tecidos; é amuleto e é joia...» (2)

Com effeito é, com a cruz, um dos ornatos de mais vulto nos grandes jugos lavrados e polychromados do Minho, assim como nos fustes das rocas que os namorados dão ás amadas fiandeiras, para os ruidosos *serões* de alegria e volupia das noites de setembro; apparece tambem no bojo do vasilhame pintado e envernizado de Prado, ou no da loiça fosca de Miranda do Corvo em brunido ou por incrustação; com vaidade e presumpção o exhibem as mulheres nos aventaes e nas saias, nos colletes e camisas dos trajes domingueiros, e ainda nos lenços de renda que são dadiua dos noivos; pendura-se o objecto cordiforme ao pescoço das creanças para que se eximam ao maleficio dos maus olhados, e ao feitiço mortifero das bruxas; por ultimo, é como joia a mais appetecida, que se mostra com orgulho sobre a curva sensual do peito, brilhando no seu fulvo hieratismo entre a côr gritante e viva dos grandes lenços de ramagens, no scenario tumultuoso das feiras e romarias...

Perder-se-ha para sempre esta industria cariciosa e subtil?

Continúa.

MANUEL MONTEIRO.

(1) Louis Knab — *La grande encyclopedie* — V. *Filigrane*.

(2) Rocha Peixoto: *Iconographia popular em azulejos in Portugalia*. Tom. 1 fasc. 3.º pag. 585-590.

PELA VIDA . . .

Um fel me seca os labios. Solitario
Olho do monte a estrada, sucumbindo,
por onde torturado vim subindo
como Christo subindo p'ro Calvario.

E' a estrada que trilham os sem-ventura
que passam pelo mundo, alucinados,
com a tristeza fatal dos condemnados
num sorriso de fel e de doçura.

O fio da meada d'esta vida,
como um fio de seda, tenue e fino,
vem traçando e mostrando o meu destino
por esta asperrima e arida subida.

A vida ! . . . A minha vida ! . . . A que eu vivi
ficou-me para traz, morta, impotente . . .
— Ah ! E' agora só, baldadamente,
que eu choro a vida inutil que perdi !

E' preciso lutar ! E d'esta sorte
que em nossos peitos cante a luz da aurora.
— Nós lutaremos pelo mundo fóra
com o corpo forte e com a alma forte.

E' preciso dar vida aos membros lassos
e ainda mais á alma ; e irmos avante
sem olharmos a sombra vacilante
que vem seguindo a traz dos nossos passos.

Eu afundei na minha propria dôr
— que dôr é esta ? donde é que ella vem ? —
Eu afundei-me nella, como quem
desce a um poço de treva e de pavor.

—E' a dôr... a Dôr da Vida! — a sombra vaga...
a arvore do mal!... Sombra que se estende
Sobre nós; e arvore donde pende
o fructo que envenena e que embriaga...

... Eu afundei-me nella!... E pelo mar
onde a vista se perde e a alma se expande,
por tudo quanto é largo e vasto e grande
e onde haja vida e seiva a palpar...

por todo aquelle immenso mar, eu ouço
um fremito de força num assomo
surgir da terra, e libertar-se como
um jorro de agua a rebentar de um poço.

O fogo, que destroe, ateia a braza.
Num eco de revolta ou soffrimento
ha a mesma acção e força e movimento
que eleva um mundo ou faz erguer uma aza.

Deus concedeu o grito ao opprimido
e é esse grito que nos guia e leva,
— como um rutilo sol rompendo a treva,
— como um clarim chamando o adormecido.

A ARTE E A VIDA

A arte deve começar por tornar bello o povo.

RUSKIN.

Devemos fazer da nossa vida uma obra d'arte.

ANNUNZIO.

«Na realidade o homem é um corpo activo e sensível, dotado de pensamento e vontade; a vida, essa consiste em sessenta ou setenta annos decorridos entre os vagidos da infancia e o silencio do tumulo. Tratemos de tornar o corpo o mais agil, forte, bello e são que fôr possível, busquemos desenvolver o pensamento e a vontade em todo o ciclo das acções viris, procuremos adornar a vida com todas as bellezas que os sentidos apurados, um espirito sagaz e uma alma enthusias-tica e altiva podem crear e apreciar» — taes são as grandes palavras que o luminoso espirito de Taine põe na bocca de um grego dos bons tempos antigos. Na sua simplicidade ellas contem uma verdadeira moral estetica que nunca como agora teve tanta applicação á vida e ao trabalho, que as funestas e artificiaes condições da vida moderna parecem transformar num caminhar precipitado para a Morte pelo precoce esgotamento de forças.

Com effeito, a vida contemporanea offerece-nos o espectaculo mais triste e lamentoso que imaginar-se poderia. Parece que o homem foi dotado de intelligencia apenas para melhor poder comprehender a sua imperfeição e fealdade. Atrofiados os corpos, amachucadas as almas pela secular e atavica tirania mental das religiões, o homem pallido e miseravel vagueia á luz do sol indeciso e falto de direcção. Perdida a Fé religiosa busca em vão alguma outra coisa que a substitua, que lhe satisfaça a sede inexplicavel e mysteriosa de Ideal, sem a qual não comprehende nem pode amar a Vida. A Sciencia frigida, geometrica, inflexivel o não pode satisfazer sob esse ponto de vista. Capaz de lhe augmentar as condições de bem estar pelo desenvolvimento da industria não consegue organizar uma *moral* que, dado o seu character scientifico, teria de basear-se em principios absolutos e verdadeiros. Ora a sciencia na sua predominante orientação positivista não se preoccupa com a Verdade suprema. O seu fim é modificar de certa maneira o

curso dos acontecimentos, é *prever* para *poder* actuar sobre os phenomenos. Nada mais; por isso ella é incapaz de produzir uma *moral* no momento actual da evolução.

A Arte, porém, talvez nos permita, ainda que provisoriamente, satisfazer a incontestavel necessidade de uma Ideia dominante, illuminando a Vida como o Sol a terra, orientando-a como a estrella ao navegador. Essa ideia seria a Belleza, o Bello, como o fim principal das acções humanas; mas, responder-se-ha: a Belleza, o Bello? velhos, enigmaticos palavrões metaphysicos arrumados para todo o sempre nas estantes poeirentas das bibliothecas... Como mover o Homem por meio de incompreensiveis termos abstractos?

A isto responderemos: o ideal, o objectivo de Belleza que nos propomos definir vae buscar força na sua união com a Vida. Esta lhe dará o sopro creador que lhe permittirá, actuando no Sêntimento, mover os homens. Elles amarão a Arte, porque esta se lhes mostrará principalmente sob o prisma da vida bella que cada um se proporá realisar. A Arte alargando o ambito da sua esphera de acção, depois de elevar o Homem, ensinando-o a amar a Natureza, ensina-lo-ha a cooperar por sua parte na grande actividade da Vida com Alegria e Felicidade. Aprenderá a amar a Belleza plastica, a fazer do seu *home* um pequeno templo de Arte, aprenderá a ser feliz. A mulher será a sua intelligente auxiliar nesta grande obra de reconstrucção, liberta da sua absurda educação em que o pudor era a exigencia unica, que durante seculos a deprimiu e inutilisou.

A Vida, voltando o ter habitos simples, readquirirá o encanto perdido. A Arte o conseguirá na estreita collaboração de todas as artes que deve ser a Arte do futuro. Os absurdos casarões — depositos que se chamam *museus* — desaparecerão, dispersas de uma maneira logica as obras primas que conteem em centros de convivio social, cada um dos quaes terá o seu pequeno mas simples, *sobrio*, admissivel templo de arte. O Homem liberto do asphixiante peso de longas eras de sofrimento voltará a face illuminada para o Sol. O amor, liberto de preconceitos absurdos, será mais humano, isto é, menos impuro. E a Arte illuminará com toda a sua claridade serena esta Humanidade bem-aventurada... mas distante...

Novembro — 1904.

FERNANDO DE UTRA MACHADO.

MOVIMENTO ARTISTICO

Monumento a Eduardo Coelho.— Horrivelmente situado, no desafogado miradouro de S. Pedro d'Alcantara, entre a taça do lago e um kiosque d'allivio, entalado com arvores e candieiros, voltando a cara ao deslumbrador panorama d'esse alto afamado, ficou o mez passado erguido no seu pedestal o busto de Eduardo Coelho, fundador do *Diario de Noticias*.

Foi esse o titulo da sua gloria, é como *benemerito da imprensa popular* que uma das inscrições o consagra, e realmente é essa a unica nota perduravel do seu registo na historia.

O litterato que elle foi, as suas tentativas de romance e de theatro, morreram com elle; toda a sua corajosa mocidade de miseria e esforço se apagou tambem e elle hoje só se faz lembrar como proprietario e organisador do primeiro grande jornal barato e informativo.

Como tal o consagraram publicamente, escolhendo com acerto para symbolisar a sua obra, um dos seus fructos — o rapaz dos jornaes. Na verdade, foi do rolante machinismo, entre o gemido afflictivo dos prélos, do beijo apressado d'um boato e d'uma chronica, que um dia viu a luz esse endiabrado e lépido typo de garôto que correndo, gritando, voando, espalha por Lisboa o seu pregão vibrante — filho legitimo do jornal moderno, como o annuncio ou como o *reporter*.

*

O monumento é formado por um pedestal complicado de optima execução e pessimo gosto artistico.

O trabalho de cantaria é do sr. Moreira Rato e o risco do architecto sr. Alvaro Machado. Desde o envasamento ao capitel ha uma preocupação extraordinaria de complicação e ornato, no gosto d'isso que hoje em esculptura se denomina com nitidez: *pastelaria*. E aquella linda pedra, melhor de *lizo* do Pero Pinheiro, alvinitente e luzidia, d'uma pureza fria grata á luz, dispensava bem esse esforço inutil e quasi inesthetico de tanto *folhado*.

As saliencias horisontaes são quasi todas almofadadas e macias, o que dá sempre uma pessima incisão luminosa e uma imponencia pesada.

Sobre a base da columna, na raiz das columnetas quadruplas das faces, pozeram-se, por exemplo, uns ornamentos rotundos e lavrados, a modo de *regalos*, em que se pregaram grinaldas pendentes que allias condizem com o lavor do capitel e do tambor cheios de vegetação estylisada.

Como remate ostenta-se o busto em bronze de Eduardo Coelho, em ampliação, obra rasoavel do esculptor Costa Motta a quem se deve tambem o garoto dos jornaes que destaca fortemente na frente do monumento. Assente sobre um sócco bem estirado, a figura em bronze do vendedor de jornaes, toma um relevo vigoroso e sahe com perspectiva.

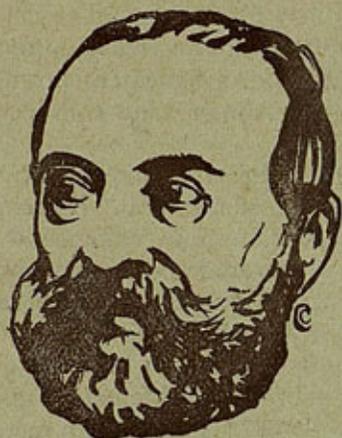
E' tambem trabalho de Costa Motta, tem bastante movimento e expressão, mas pecca talvez pela reduzida dimensão natural. E' comtudo uma figurinha interessante e bem lançada d'um petiz esfomeado e rachitico, algo esqueletico demais no busto e sobretudo no pescoço que olhado a trez quartos se adelgaça em excesso. Para ser completo registarei que lhe serviu de modelo o vendedor João Maria da Costa—*O Mortagua*, que assim goza, até certo ponto, as delicias do bronze...

E' tambem de Costa Motta o pequeno bronze emblematico que repouisa nas costas do monumento—jornaes, livros, papeis sob um ramo de loiro, d'uma factura indistincta e inqualificavel á primeira vista.

O monumento é cercado d'uma grade de sobrio e lindo desenho moderno, que limita com gosto o espaço arrelvado. Foi desenhada pelo sr. Alvaro Machado que tem alli uma bella demonstração de que a simplicidade original é cem vezes superior ao arrebicado classico que domina no pedestal.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

KALENDARIO



11 de Janeiro — 1896

Morre JOÃO DE DEUS.

A JOÃO DE DEUS RAMOS

Toda a frescura e toda a graça honesta
Das hervas e das plantas ribeirinhas,
Toda a esvelteza, candida e modesta,
Do vôo juvenil das andorinhas;

Toda a paixão que assim que é manifesta
Sabe fugir das tentações mesquinhas,
Toda a tristeza que requeima e cresta
As vidas lastimosas e sósinhas;

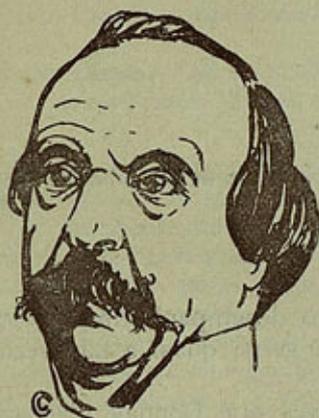
E todo o amor do amor, toda a saudade
Por um perdido bem, e essa verdade
Que sae de tudo que é humano e forte,

Cantam nos versos d'esse que morreu
Tão vivamente e claramente, — que eu
Ao lê-los vejo quanto é fraca a morte!

JOÃO DE BARROS.

12 de Janeiro — 1890.

Suicida-se JULIO CESAR MACHADO.



Entre a pleiade reduzida dos humoristas portuguezes em que figuram — sem fallar em Eça de Queiroz, o mestre — Guilherme de Azevedo, Beldemonio, Faustino Xavier de Novaes e poucos mais, avulta com destaque a figura insinuante de Julio Cesar Machado cuja obra vasta é quasi toda feita de uma alegria viva, scintillando com espirito e facilidade.

Foi o primeiro dos folhetinistas portuguezes e era essa a sua principal característica; como contista cerziu tambem numerosas paginas muito inferiores, no emtanto, á sua obra de chronista.

A sua vida parecia a todos um espelho da sua obra ligeira, risosna, cheia de momento e de paixão — elle parecia ser o homem dos ditos, das aneddotas, dos folhetins, o entusiasta das cantôras, o amigo dos bohemios e foi por isso muito mais dolorosa, por incalculavel, essa tragedia feroz de sangue e desespero que lhe coroou a existencia.

Sob o seu espirito de facéas e graças havia um coração amoroso de pae que vivia para um filho.

Esse filho, num dia tôrvo, busca na morte uma solução, e privado d'esse grande motivo do seu carinho á vida, Julio Cesar Machado decide seguir com a esposa o escuro e irregressavel atalho por onde o filho se embrenhára.

Toda essa agoniosa dôr que envolveu na morte esses dois grandes namorados d'uma creança — pae e mãe viuvos do seu maior affecto, — essa destruição completa e sanguinea d'um lar onde quasi com o berço entrára a tumba, é de uma commoção tal que, annos passados, ainda late na memoria dos que a sabem, a hallucinadora hora d'esse suicidio doloroso que engolphou num sinistro duas almas d'amôr.

M. S. P.

THEATROS

peça em 4 actos de
Maurice Donnay e
A Clareira Lucien Descaves, *Theatro D. Amelia.* 1.ª, 22 de dezembro de 1904.
traducção de Celia
Roma.

E' curioso como uma má traducção e um desempenho improprio, podem a tal ponto estragar uma peça que a gente quasi a não reconheça.

A solida e interessante acção de Descaves que Donnay dialogou com viveza, ainda que um pouco destoante do entrecho, como acontece sempre na collaboração d'estes dois escriptores, cuja ultima amostra é a peça — *Oiseaux de passage*, de tal modo se agouo numa prosasinha vertida á letra e tão desastradamente a enguiçaram quasi todos os interpretes que os quatro actos, a que se reduziu o original, tiveram um ar delongado e titubeante, sem calor nem convicção.

Não é aquella a maneira de representar taes peças, cheias de movimento e actividade em que as replicas se precipitam numa illusão forte de vida, o que é absolutamente o invez da recitação lenta e mal sabida á espera do ponto.

No desempenho apenas se salvaram, em parte, Adelina Abranches ainda assim pouco segura do papel e em certos bocados Josepha d'Oliveira que forçou talvez a nota comica.

E basta esta referencia, á *Clareira* que nos deram, que a outra, a vigorosa *Clairière* de Donnay e Descaves não é nada aquillo...

M. S. P.

Por absoluto impedimento dos collaboradores d'esta secção, não se publicam n'este numero as criticas ao *Rei Lear* de Julio Dantas e ao *Avó* de Peres Galdós.

LIVROS

PAULO OSORIO. — *Aguilhadas* — 1.^a serie — Junho de 1903 a Agosto de 1904 — 1 vol.

PAULO OSORIO. — *Na casa de Garrett — Os grandes e horriveis crimes da arte nacional* — Tavares Martins, editor — Porto, 1905.

Das *Aguilhadas* dispensa-nos de fallar a pouca actualidade do volume, formado pela collecção dos pamphletos de critica que o auctor publica ha tempos.

Na casa de Garrett é um pequeno folheto de 55 pag. em que o sr. Paulo Osorio discorre ligeiramente sobre o estado do theatro portuguez nos ultimos tempos, concluindo pela affirmacão de que *nunca como hoje se escreveu e representou tão mal nos nossos theatros serios.*

E' escripto na maneira costumada do auctor e pécca pela rapidez com que se tocou tão capital assumpto que ha muito reclama uma documentadissima e completa esfrega com alma e... potassa.

AFFONSO LOPES VIEIRA. — *Conto do Natal* — Tavares Cardoso, editor — Lisboa, 1905.

Aproveitando o eterno thema natalicio, que sempre inspirou poetas, publicou o sr. Lopes Vieira esta sua *plquette.*

E' uma obrasinha ligeira, sem pretensões, que marca comtudo no auctor uma nova phase. O sr. Lopes Vieira andava perdido no lyrismo estreito dos trovadores namorados, nas cantiguinhas patrioticas do fado, sem querer sentir a nova corrente humana e vigorosa que tem, por ahi fóra, rejuvenescido a poesia. Por esta obra nova parece finalmente decidido a entrar numa orientacão, baixou da sua torre aristocratica e veio ouvir pulsar no rumor da vida, o soffrimento, a dôr dos humildes:

Oh! desgraçado do mendigo triste
Que na cidade pede esmola e existe!

A arrogancia petulante do burguez enriquecido já o revoltou:

E o sol amadureceu o pão que é meu,
Que apenas para mim floriu, cresceu.

Estes versos pelo tom, que não pelo sentido, fazem lembrar outros, os poderosissimos versos da *Oração da Fome* de Nunes Claro, uma das obras mais significadoras da moderna geração.

O conto é todo feito em distichos, bellamente trabalhado alguns. Vêde esta deliciosa impressão :

Vinha de longe um halito — rumor
Que era perfume e aragem, que era amor :

Talvez um vôo de ave que impelisse
O cheiro de uma flôr que á noite abrisse.

Ou esta poderosa descripção nocturna da cidade :

A alcateia das casas, monstruosa,
Negra na noite cava e tenebrosa,

Empurrava-se com odio ou com enfado
Num movimento vivo e atropelado,

Disputa-se feroz um palmo escasso
Do mais humilde e reduzido espaço.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA. — *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança.* — Opera jocosa. Prefaciada e revista por Mendes dos Remedios. França Amado, editor — Coimbra, 1905.

A' interessantissima collecção de *Obras d'auctores portuguezes*, editada por França Amado, sob o criterio e escolha do Dr. Mendes dos Remedios, pertence este volume do *Judeu*, alta e pittoresca figura do nosso theatro, victima gloriosa do furôr inquisitorial.

Esta edição popular e vulgarisadora d'uma velha obra injustamente esquecida vem a publico numa data favoravel. Em Maio d'este anno celebra a Hespanha o centenario do seu *Quixote* e Portugal o 2.º centenario de Antonio José.

O prefacio que abre o volume é um notavel documento de independencia e de justiça serena que honra um espirito livre. E para quem saiba o sr. Dr. Mendes dos Remedios possuidor d'um capello branco de theologo, mais valor ganha esse depoimento insuspeito e digno.

E' pena que, servindo-se dos seus conhecimentos no assumpto, o Dr. Mendes dos Remedios não fôsse mais profundo no seu estudo e não quizesse embrenhar-se no intrilhado campo da nossa historia do theatro, elucidando varias questões que a proposito das representações do Bairro-Alto se levantam, como, por exemplo, o discutido thema dos interpretes do theatro do *Judeu*. Querem alguns que fossem já actores, outros sustentam que eram apenas bonifrates ou fantoches os animadores d'essas scenas. Sobre o assumpto ha apenas ligeirissimos commentarios como aliás, sobre todos os pontos, quer litterarios, quer principalmente scenicos, da historia do theatro em Portugal e por isso mais se lastima a falta da opinião do Dr. Mendes dos Remedios.

Não vem para aqui a apreciação da opera de Antonio José, que por afinidades especiaes de publico e inspiração não se critica com dois adjectivos.

Não quero terminar sem incitar o director e o editor a que enriqueçam com frequencia a sua preciosa bibliothecinha com as cêntenas d'obras esquecidas e ignoradas que ha por ahi e de que o Dr. Mendes dos Remedios possui avultada copia na Bibliotheca da Universidade que tão intelligentemente dirige.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

ALFREDO PIMENTA. — *Eu* — 1904.

Estreia do auctor, este livro tem todos os defeitos d'uma estreia: — influencias varias (de Guerra Junqueiro, Cesario Verde, Gomes Leal) tornam-no pouco original; a *Falla das Prostitutas*, por exemplo, parece tirada do *Fim d'um mundo*; a poesia *A terra* podia filiar-se na serie de *Orações* de Junqueiro; e as *Phantasias* — guardadas as devidas distancias — parecem escriptas por Cesario Verde.

E' claro que não ha plagiato; mas uma tão completa assimilação da *maneira* d'esses diversos escriptores, que quasi não se conhece no livro o que pertence exclusivamente ao sr. Alfredo Pimenta. A's vezes, suspeita-se que o auctor tenha talento; mas é tão espessa a camada da poesia alheia, que a suspeita desvanece-se.

No entanto, o auctor chega a escrever lindas coisas quando se esquece de ser como os outros. Veja-se esta quadra:

«E as tuas mãos, esguias, desmaiadas,
Onde poiso meus beijos sem alento,
Parece que soffreram o tormento
De estarem n'uma cruz crucificadas.»

E' isso que me faz esperar que o livro annunciado do sr. A. Pimenta realise mais completamente o desejo que elle tem, decerto, de fazer uma obra original e forte. Desde já lhe peço que a não macule com algum pedaço de prosa como o da *Nota final* do *Eu*, — em que tão injustamente e inultimente aggride o poeta Eugenio de Castro, um dos poucos que tem sabido realisar uma obra honesta e segura.

A edição, na capa, imita o *Só* de Antonio Nobre.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA. — *Via Redemptora* — 1905.

Impressões e ideias que um mesmo espirito, profundamente e invencivelmente christão, liga e approxima n'um equal desejo de amor evangelico pelos homens e

pelas coisas. O auctor dá as plantas, á terra, á natureza toda, os anseios da sua alma, o seu desejo de perfeição, a sua resignada humildade; tudo vive uma vida christã, em tudo ha uma alma mystica. Assim a neve é «santidade, apostolo do Deus que nos ensina a redempção em luz pelo martyrio». Uma rosa é «missionaria e martyr». E os salgueiros têm uma «paciente caridade».

Não me parece ser este o melhor modo de olhar a natureza e a vida. O ponto de vista christão é interesseiro, porque quer sempre encontrar motivos para dar graças ao Creador. Humanisa demais a paysagem. E em vez de arvores e de rios, de fontes e de hervinhas, de rosas e cannaviaes, que os nossos olhos vêem e cuja belleza amam, vamos encontrar uma floresta de sentimentos ou uma fonte de illusões.

Mas isto é uma simples questão de orientação que nada pode prejudicar um livro — quando elle seja interessante como o do sr. Jayme de Magalhães Lima.

A *Via Redemptora* tem duas partes: *Veredas floridas* e *Sendas agrestes*. Em ambas se nota a mesma preocupação de tirar das coisas que vê conclusões humanas. Ora na alegria, ora na tristeza, nunca os seus olhos se contentam com ver: quiz o seu espirito ansioso interpretar o que contemplava, e em tudo achou justificações para a sua crença, e uma mais profunda certeza para o pensamento e para o coração. Isto é muito curioso, e dá a este livro qualidades que os romances do sr. Magalhães Lima não deixavam prever no auctor. A prosa da *Via Redemptora* é serena e clara e, por vezes, tão rythmica que chega a parecer verso. Veja-se este começo da *Argila e o lenho*:

«No primeiro crystallisar da materia ignea, o globo foi um deserto incendiado.

«Depois, os diluvios bemfazejos converteram a rocha em pó subtil e, então, a dureza do marmore e do basalto abdicou do esplendor rígido, austero, desfez-se, e renunciando ao orgulho esteril, preferiu-lhe as profundezas ferteis das argilas.

«Depois ainda, o Sol beijou a argila humida da torrente, onde se diluíram triturados os diamantes limpídos do vulcão, e, onde ella foi beijada, nasceu a arvore, testemunho do amor. E o Sol tanto lhe quiz que, desvanecido, ali encarcera seus fogos e calor.»

.....
 Como estes periodos são quasi todos os da *Via Redemptora*.

Não é uma prosa forte e intensa; mas, na sua serenidade, no seu movimento compassado, na sua palpação discreta, — doce e cheia d'encanto.

Depois, a *maneira de ver* do sr. Magalhães Lima é sempre original e nova. As suas imagens e os seus symbolos — justos e ineditos. E reconhece-se em todo o pequeno livro uma grande sinceridade, que me faz perdoar ao auctor o seu demasiado christianismo.

A edição, da casa França Amada, é d'uma simplicidade elegante e cuidada.

ANNIBAL FERNANDES THOMAZ. — *O falso Ex-Libris de D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra*. — Figueira — 1904 — Typographia Popular.

O illustre bibliographo, o sr. Annibal Fernandes Thomaz, acaba de publicar n'um pequeno folheto, com o titulo citado, a sua resposta ao redactor do *Archivo*

do ex-libris portuguezes. Da questão nada posso dizer, porque nada sei de bibliographia. Mas da prosa do folheto, direi que é mordente e viva, sem o mais leve vestigio da poeira dos livros velhos entre os quaes deve ter sido escripta.

A edição é muito correcta e nitida.

JUAN R. JIMENEZ. — *Rimas* — 1902 — Madrid — Libreria de Fernando Fé.

Livro antigo de dois annos, que só agora me chega ás mãos.

O seu auctor é um moço poeta hespanhol, cuja musa triste e delicada gosta das formas *decadentes*. Parece que a vida lhe pesa; e as *Rimas* dão-me por vezes uma impressão de profunda e irremediavel dôr. Será esta sincera, ou puramente litteraria? E' o que os versos, correctos e quasi sempre lindos, de Juan R. Jimenez não deixam perceber nitidamente. No entanto, parece-me muitas vezes que a sua melancolia, o seu desespero intenso, não são mais do que creações litterarias do Poeta.

A ser assim, tomo a liberdade de lhe dizer que a alegria — desde que, na phrase d'um escriptor conhecido, foi rehabilitada por Nietzsche, o hallucinado do Sol e da Vida — não envergonha ninguem. E está destinada a dar á litteratura e á arte os motivos novos que virão substituir os velhos themes da tristeza e da amargura, e todas desgraças que os Poetas costumam inventar para arranjar imagens e rimas.

Ser alegre é, agora, ser quasi original.

Amar o vida, querê-la nobre e bella, deseja-la serena e limpida como os rios que correm para o mar sem nada que lhes estorve a corrente, sem nada que lhes ennodoe a agua immaculada, é encontrar um perpetuo motivo de inspiração.

Não o entendeu assim o poeta das *Rimas*. E logo nas primeiras paginas do seu livro diz-nos :

¿ para qué hé-de rir por la mañana
Si sé que por la tarde he-de chorar ?

Todo o resto do livro observa á risca esta triste axioma. E', decerto, por causa d'elle que o poeta vê na sua frente :

. . . «una mistica senda
«que corre entre arboles aureos,
«cuyas ramas estan llenas
«de melancholicas flores
«de lagrimas que tiemblan.»

Sinceramente desejo que a sua Arte tome um novo rumo; e que ao segui-lo não encontre nas arvores do caminho essas melancholicas flores; mas sim os primeiros rebentos, verdes e cheios de seiva, da Primavera que começa.

A edição é feia de mais para um livro de versos.

JOÃO DE BARROS.

CORREIO

Mocidade. — Recebemos o 3.º numero d'esta Revista litteraria, em que ha a destacar uns versos do sr. Alfredo Pimenta *Luctando*, que finalmente nos mostram, despedido de alheias vestes, o talento do auctor.

O summario é o seguinte :

Antonio Gomes da Silva. — *Damião Pires.*

Alfredo Pimenta. — *Luctando.*

Campos Lima. — *Cartas a um fraco.*

A. Ramada Curto. — *Amor d'outomno.*

Boletim de dezembro :

Theatros. — D. Amelia. — *Mounet Sully.*

C. R. — *Publicações rcebidas.*

Deposito : — *Livraria Ferreira*, Rua do Ouro, 132 — Lisboa. — Preço, 100 réis.

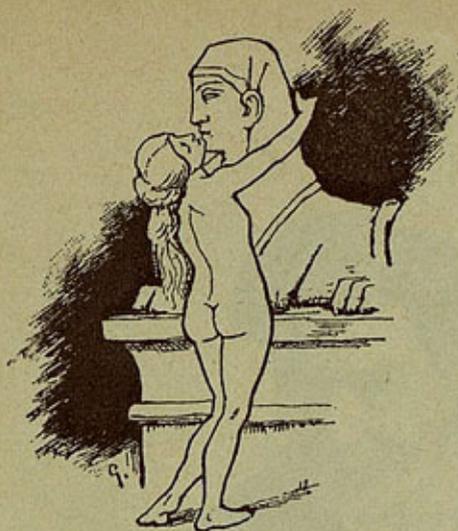
Da *Livraria Tavares Cardoso*, recebemos e agradecemos os seguintes livros de que fallaremos no proximo numero :

O Rama Sutra — traducção de E. Noronha.

Os Claudios — de Ernest Eckestein — traducção de Annibal d'Azevedo.

Rei Lear — de Julio Dantas.

Magalhães Lima. — *O Congresso de Roma.* — Recebemos um exemplar da conferencia que com este titulo realisou o sr. dr. Magalhães Lima. Agradecimentos.



N.º 4

FEVEREIRO — 1905

ARTE & VIDA

SUMMARIO

Raphael Bordallo Pinheiro — *Manoel de Sousa Pinto.*

Ninho desfeito — *Campos Lima.*

A arte e a vida de um caricaturista — *Teixeira de Carvalho.*

Kalendario — *João de Barros e Alvaro de Castro.*

Theatros — *Fernando Reis e Manoel de Sousa Pinto.*

Um desenho de *Rogue Gameiro*; trez de *Christiano de Carvalho.*

Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Thomaz da Fonseca, Silvio Rebello, Nunes Claro, Candido Guerreiro, Manuel da Silva Gayo, etc.

Prosa de Antonio Augusto Gonçalves, Anibal Fernandes Thomaz, Rocha Peixoto, Basilio Telles, Lopes d'Oliveira, Alvaro de Castro, Homem Christo, Luiz da Camara Reys, Padre Manso, etc.

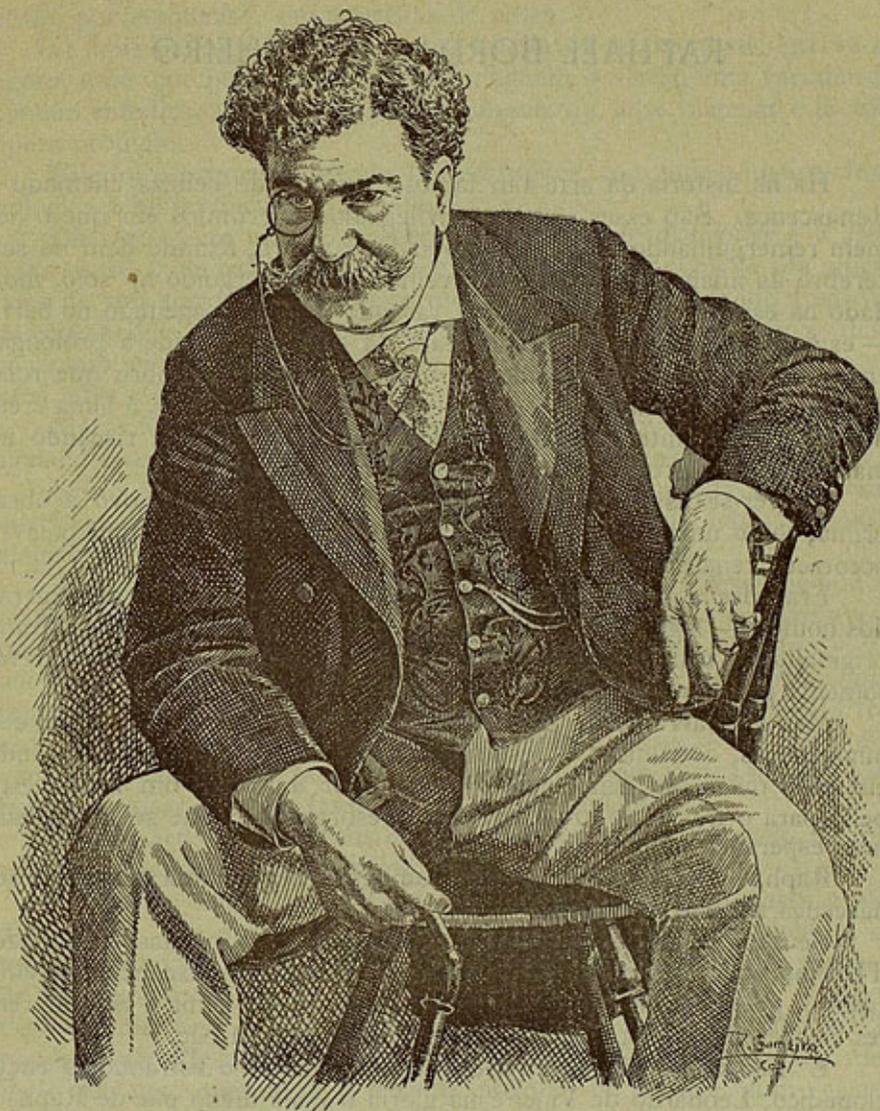
Desenhos de Christiano de Carvalho.



ARTE & VIDA

CONTENIDO

El arte en la vida — Introducción —
I. El arte en la vida — Introducción —
II. El arte en la vida — Introducción —
III. El arte en la vida — Introducción —
IV. El arte en la vida — Introducción —
V. El arte en la vida — Introducción —
VI. El arte en la vida — Introducción —
VII. El arte en la vida — Introducción —
VIII. El arte en la vida — Introducción —
IX. El arte en la vida — Introducción —
X. El arte en la vida — Introducción —



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Ha na historia da arte um famoso periodo de belleza chamado a Renascença. São esses seculos privilegiados e fecundos em que o homem remergulhando no paganismo sadio e alegre, fixando bem no seu cerebro as imagens que as mãos velhas tinham erguido no solo, moldado na estatua, fixado no quadro, rasgado no metal, ageitado no barro — espigas fulgurantes da eterna ceara da arte — se decide a prolongar em novos graus mais elevados a trajetoria formosa sobre que rola, desde o inicio do mundo ao mais recente dia do universo, a alma creadora e exuberante dos mestres, dos uteis, dos eternos, riscando na materia a mais extraordinaria e nobilitante prova da vida.

Ao vêr-se assim, numa alleluia gentil, florescer de novo a obra-prima, como uma especie floral cuja cultura se rehouvesse, uma palavra occorreu: renascimento.

Era falsa a palavra, era até injusta — como quasi todas as palavras dos homens — significava copia quando o periodo a chancellor era d'uma originalidade triumphante. A arte não renascia porque nunca morrera, sómente palpitava mais forte um latejo diverso.

Mas a palavra ficou. Renascença foi o grande grito dos novos, dos innovadores, dos unicos e desde então cada artista que chega, trazendo em suas mãos um geito inedito para impôr á forma, um novo gesto bello para o traçar no ar, é um outro resurgimento que se abre como uma esperanza jubilosa que crepita.

Raphael Bordallo Pinheiro foi tambem, elle só, uma grandiosa renascença na arte portugueza.

Se pela homonymia elle tem lembrado a chronistas o Raphael d'Urbino, pela extraordinaria protoformeidade do seu excepcionalissimo talento, pela adaptabilidade surprehendente do seu genio a tão differentes rincões d'arte, ha um outro deus a invocar para elle.

E' Leonardo, Leonardo o colossal, Leonardo o estranho, o encyclopedico, Leonardo de Vinci é na gloria o mais digno par de Raphael Bordallo, o completo.

*

Como caricaturista Bordallo representa na arte do seu paiz, o alpha e o omega, o principio e o fim. E' o zenith e é o nadir, a alvo-

rada e o crepusculo porque elle, como um astro de luz, trouxe ao despontar a claridade e fez, ao sumir-se, a treva negra.

Antes d'elle não ha caricatura digna d'este nome, depois d'elle não ficam, por emquanto, caricaturistas de pulso.

O lapis de Bordallo, arma activa e bella do seu combate, era, vê-se agora, mais que um sceptro; porque ninguem o herda, uma varinha de condão enfeitiçada — morto o mago, ninguem a sabe manejar e já não opera prodigios.

Elle foi o primeiro caricaturista portuguez, com toda a justiça chronologica e hierarchica do vocabulo.

De 1870 — em que appareceram o *Calcanhar d'Achilles* e a *Berlinda* — até á madrugada cruel de 23 de janeiro de 1905 — a sua ultima hora de vida foi o seu derradeiro momento d'arte — Bordallo Pinheiro doirou os dias portuguezes d'esse longo lapso de tempo, com a mais constante, avassaladôra, vehemente, formosa cruzada d'arte que hombros latinos levaram a cabo.

Maravilha pensar como da anodyna, mesquinha, estagnada vida nacional d'esses trinta annos, elle conseguiu extrahir tanta somma de belleza.

Entre os caricaturistas seus contemporaneos, Bordallo avulta como um d'aquelles que mais bellas paginas traçou e bellas, não no sentido elogiativo banal, mas pela impressão d'arte que nos dão.

A obra do caricaturista é muitas vezes feia — o grotesco de que se nutre, a intuição satyrica que a dita, a escolha dos themas favoraveis, tudo o que na deformação e significação da caricatura moderna, é requisito primario tende para dar-nos com a impressão de ridiculo uma sensação d'asco. Isso em nada influe na arte com que a pagina é traçada, visto que aqui, como em tudo, a melhor realisação d'um fim é já qualquer coisa de belleza, mas ha inegavelmente em certos artistas este fim: horrorisar, enojar, fazer repulsivos os modelos.

Muitos artistas modernos caricaturam com odio. Bordallo, ao contrario, traçava as caricaturas com amor.

Embora a scena a flagellar o indignasse ou lhe repugnasse o modelo a fixar, elle o que busca na realisação do trabalho é a belleza do traço, a harmonia do conjuncto, o pittoresco. Em toda a obra grotesca de Bordallo, como depois em todas as suas creações d'argilla, esse sentido do pittoresco domina numa persistencia de caracteristica. E' por isso que elle em grandes paginas d'alusão e satyra, consegue metter o seu gato querido num trejeito qualquer ou aninhar num recanto o popular casal do *Antonio* e da *Maria*.

Ao lado dos grandes caricaturistas modernos que fazem da caricatura uma sangrenta blasphemia social, sacrificando o pormeior e o traço á energia do insulto ou da reivindicación, a arte de Bordallo brilha como a serena obra d'um artista que pelo ridiculo se encaminha ao bello. Quasi todos os seus desenhos são apenas *charges*.

Bordallo é um homem que acha graça ás coisas, deante d'elle a gente ri, pelo menos sorri e nunca se queda transido e indignado como em frente d'algumas caricaturas modernas que são violentos poemas de dôr, de represalia, de condemnação, como esses esboços terrificos de Hermann-Paul ou de Kupka, cheios de acrimonia e revolta em que a caricatura não é já a deformação da personagem mas a degradação, o apoucamento da sua figura até ao doesto ou ao aviltamento, enxertando o tragico no grotesco.

Não é tambem, a agradável e comica caricatura de Bordallo, a dolorosa e quasi genial maneira de Steinlen, nem a bruta e inesthetica vigorosidade dos modernos sarcasticos lapistas da Italia ou dos incorrectos *dibujantes* da lucta politica em Hespanha em que agora desponta numa mocidade promissora o talento originalissimo de Sancha.

O processo de Bordallo é o ridiculo, raramente desce á virulencia ou á diatribe. E' por temperamento um humorista, quasi nunca um pamphletario.

Fustiga e alue, destroe e espicaça, sacode e contorse as gentes e os factos mas para isso basta-lhe uma rajada de bom-humor. E' Juvenal mas não Aretino.

Toda a sua obra, da primeira phase mais violenta e desaforada á ultima maneira mais resignada e contida é uma florente e comprovante documentação d'humorismo e jocosidade. O sentido do comico é nelle apuradissimo. Até nos collaboradores litterarios que o acompanham, Bordallo escolhe sempre os de mais espirito, os que manejam de preferencia o chasco, o dito, a graça. São os ironistas que lhe fazem o texto ao jornal. Guilherme d'Azevedo vivo e scintillante como uma chamma de *punch*, Ramalho Ortigão nos seus bons tempos de chalaça e critica, João Chagas esgrimindo com elegancia ironias e paradoxos.

A troça de Bordallo era, mesmo quando mais mordente, moderada, nos seus ataques nunca sôa a mesquinha nota das aggressões pessoaes. Elle ridicularisava sem animosidade e a prova está em que os mais visados na sua obra o não odeiaram.

Fontes, um dos grandes bombos que Bordallo tangeu em galhofas ruidosas e celebres, a cuja gêba figura elle inflingiu estorcegões notaveis, não o hostilizou. Berquó esse rotundo administrador das Caldas que durante um tempo Bordallo sovou com infinito chiste, dava-lhe publicos abraços a cada nova pilheria. Como esses, muitos outros. E' que o seu lapis dava celebridade e ninguem a enjeita seja qual fôr seu preço.

Com essa sua obra essencialmente artistica e eminentemente pittoresca, Bordallo conseguiu no emtanto promover grandes campanhas com exito. Muitos politicos d'esta terra souberam por experiencia o peso da mão d'um artista, o echo que produz uma gargalhada genial.

Elle teve o segredo de surprehender integra a ridiculez dos homens, d'apontar as baldas e os aleijões. Até ás recentes paginas da *Parodia*,

desde o primeiro numero do primeiro jornal da sua collecção, fôram muitos os vultos que elle soube apear dos ôcos pedestaes e articular nas verdadeiras attitudes que lhes convinham. Estão vivos muitos que nós nos acostumamos a ver, com justeza e precaução, dentro dos trajés e poses que Bordallo lhes deu.

Pelo cuidado e exactidão do traço profuso e miudo Bordallo avisi-nha-se dos actuaes caricaturistas inglezes e foi esse empenho em pormenorizar bem o desenho que o sonegou á corrente moderna da simplificação linear.

Percorrendo attentamente todos os documentos do seu espirito, acha-se evidentemente um certo progresso na factura.

Ao principio ha abundancia de traço e um detalhe exagerado no esfumado e coloração dos compactos, depois accusam-se mais os contornos e as superficies envolvidas são dadas mais rapida e simplesmente para melhor evidenciação das limitantes, o que representa, dentro da maneira de Bordallo, um notavel aligeiramento correlativo a uma mais segura soberania da technica.

Bordallo era, e nem todos os caricaturistas o são, um perfeito desenhista. Tentára até, em tempos môços, a pintura e houve um quadro seu muito espalhado — *Jogadores de Petinga*. Esse conhecimento do desenho, da côr e da expressão — que lhe permittia retêr num segundo um rosto nunca visto — e a sua inclinação ao modelado que o levou ás tentativas olaricas e ahi adquiriu uma mestria sabia, esses predicados preciosos que se conjugaram, deram um relevo iminente ás suas caricaturas que contém todos os elementos perspectivos do bom desenho. Por isso os seus typos movem-se bem e resaltam da pagina, não são, por exemplo, como essas figuras de Capiello ou de Sem que nunca se levantam em projecção e parecem cortadas pelo mesmo fio que aprou o lapis, como se se colassem no papel os modelos ás fatias.

As caricaturas de Bordallo são completissimas, têm relevo, têm modelação e, caso raro, têm avesso.

Depois são inteiras de significação. Ha muita caricatura moderna que, potencialmente evocadora é comtudo muito restringida no desenho. Abrem perspectivas e desvendam ideias mas nós é que temos de as construir e sonha-las.

Em Bordallo não, os seus quadros integram todos os motivos que o assumpto sugere, o caso ou o typo realiza na pagina o dynamismo de que é capaz. Ante elles vê-se tudo sem necessidade de esforço intimo. Bordallo exgottava os assumptos com uma virtuosidade espantosa. Ha muitas paginas suas — symphonias de mestre — em que, mesmo pensando com vagar, se não conseguiria introduzir mais nada. E nisso elle se afasta da corrente symbolista que hoje preside á caricatura, em que se synthetizam concentradamente os themes, favorecendo a significação das alegorias á custa da regateada realisação da ideia.

Para dizer da grande sciencia caricatural de Bordallo, basta citar — *Zé Povinho* — a figura do povo, adoptada por elle, reconhecida por todos. O merito extraordinario que essa creação representa, escapa facilmente, pela integração expontanea que esse typo encontra no espirito geral. E' só preciso olhar em qualquer manifestação artistica portugueza, qual é o typo geral que ficou?

Na historia litteraria e artistica de Portugal, nunca se nos depara um d'esses grandes typos que resumem uma patria e se vinculam na consciencia nacional como uma objectivisação de si propria. Onde nos apparece *Gavroche*? ou onde avistamos um Sancho Pança? Até *Calino* não é nosso. Apenas Bordallo teve esse poder immenso de generalisação e de synthese, de videncia e realisação nitidas que são necessarias para crear um grande typo nacional. E o *Zé Povinho* é-o inteiramente, vale todas as epopeias e, com albarda ou sem ella, symbolisa uma nação. Atravez das grandes figuras geraes em que se humanisam as nacionalidades o *Zé* é a mais completa, enfileira vantajosamente com a rigida *Albion*, com o risinho *Uncle Sam* no seu fato de listas e quadrados, ou com o pançudo *John Bull* ajoujado de sacco d'oiro. *Zé Povinho* pode, pela força representativa de que o artista o investiu, apertar fraternalmente a mão d'*Adamastor*.

*

Parallelamente a essa obra de ridiculo e satyra que Bordallo fazia, ha uma outra alimentada tambem pelo seu lapis de caricaturista. E' a obra de glorificação. Bordallo foi um dos homens para quem a maxima de Ruskin — *admirar é a primacial alegria e o principal poder da vida* — parece traçada.

Bordallo foi um dos poucos que conheceu a grande felicidade de admirar de que falla o mestre inglez. Elle admirava com convicção, com entusiasmo, com satisfação. Dar palmas era para elle um saboroso prazer. E são muitas as paginas da sua obra em que elle nos apparece nessa attitude consagrante.

Nunca houve preito ao valor ou ao genio a que elle se não associasse de peito feito. São gloriosas e vehementes as consagrações do seu lapis. Essas magistraes e prodigiosas folhas em que elle exalçou numa apothose esfusiante a Sarah, a Duse, Novelli, e tantos outros são das suas melhores coisas.

O proprio *Album das Glorias*, em que se entremettia a satyra, abunda em producções d'este genero onde o carinho de Bordallo pelos artistas explende e se desbarreta.

A sua obra graphica completa-se ainda com os milhares de illustrações que elle fez para jornaes, cartazes, livros, capas, mensagens, me-

mus,, etc., porque a obra primorosa d'este homem não conhece termo, nem se delimita ou circumscreve.

*

Como que cansado da monotonia do mesmo trabalho, exhaustos para a sua critica os homens e os factos, Bordallo tem na caricatura um periodo de acalmia e na sua sede de crear busca novo estôfo á sua arte.

Habitudo á rapidez creadora, á ductilidade d'um lapis que pas-seia doce e docil sobre o papel, era preciso que a nova materia escolhida para a idealisação fôsse tambem macia, sem resistencias e sobretudo obediente e rapida no moldar; foi por isso que o barro logo lhe appareceu, molle e humido, prompto a todas as inflexões da fórma.

O barro — a materia nova — que vinha como uma amante recém-chegada, trazer ás mãos prendadas e amorosas do artifice uma diversa superficie a afagar, formas desconhecidas a crear, o barro humilde das barreiras da Extremadura, encontra em Bordallo um carinhoso rehabilitador.

Reatando as velhas tradições dos nossos barristas e ceramicos, dos presepistas insignes que povoaram de inolvidaveis, gracilimas figuras a arte portugueza, como esses populares, deliciosos, minusculos bonecos do *Cavaquinho*, Bordallo torna outra vez o barro sujeito de belleza.

Foi a ceramica caldense a sua grande obra. Quem conhecer bem os antigos exemplares monstruosos d'essa industria bronca e tôrpe que apresentava, como matizes brilhantes, rubros sanguineos de chouriço e verdes barbaros de melancia, numa carencia franciscana de estructura, sem um atomo de belleza na massa mal tractada, pôde medir o esforço poderoso que esse homem realisou.

O barro com elle e por elle, sóbe em infinitas chromias, afeiçoa-se gentil, á pressão das suas dedadas fortes, nas mais gloriosas e subtis canduras e tonalidades plasticas. E' carne e é aza, insecto e flôr, espuma e estrella, enastra-se no cordoame manuelino, tenuisa-se em gases vaporosas, é corda e é renda, concha e andorinha, perfil d'heroe e barbatana de peixe, azula-se em ceus, verdeja como o mar ou como as rãs, colore-se, trãsparece, lucilla, ombreja-se, radia, vive!

E tudo isso o realisou o amor d'arte que era em Bordallo intensissimo. Elle possuia um tão poderoso instincto d'arte, dimanava d'elle um tão subtil fluido de belleza, que o habitar Bordallo um sitio era já em certo ponto aformosea-lo.

A fabrica das Caldas é um bello exemplo. O que elle fez d'esse parque selvagem, do brejo inculto! Uma deliciosa vivenda annunciada ao largo pelas duas chaminés pançudas e agargaladas que olhadas de

longe, da muralha dentuda da velha Obidos ou d'outra qualquer altura, semelham, pelas manhãs claras, duas botijas gigantes de donde sahisse bebida a madrugada e ao crepusculo tomam um ar esbraseado de médas incendiadas.

*

A obra ceramica de Bordallo é vasta e desdobra-se em duas modalidades distintas: a ceramica propriamente industrial em que ha, d'onde a onde, transigencias com o gosto baixo do publico, com as imposições do mercado e com as tradições locais, constituída por um rol numeroso de objectos — tinteiros, cinzeiros, palmatorias, bilhas, placas de parede, pratos muraes, aparelhos de louça, etc. — e a parte exclusivamente de inspiração e d'enlevo formada pelos grandes exemplares unicos que a mão do artista adorna e molda á larga sem a visão da fôrma ou da reproducção.

Na primeira divisoria foi talvez o instincto caricatural de Bordallo que lhe deu mais realce. Alguns dos seus productos mais divulgados fôrão as estatuetas grotescas, os bonecos d'engonço cuja variedade obedece a uma mesma norma estrutural — os *Zé Povinhos*, as velhas de capote e lenço, os archeiros, os viscondes, as amas opulentas das Caldas e Bombarral, os *guitas* marciaes, os policias selvagens, serie cujas ultimas novidades fôrão, se não estou em erro, o padre rubicundo e rapéseiro, o sachristão olheirento e o grupo de elegantes thermaes, macho e femea *apansinados*.

Mas alem d'isso quanta coisa bella elle fez, mesmo nesse ramo limitado a preço e acceitação — jarras graciosas, pratos ornamentaes ricos de côr e de forma, perús de cauda aberta, medalhas commemorativas, santos populares, as bilhas de Santo Antonio em que a porosa e resfriante argilla, que elle empregava em vasilhas lisas e procuradas, se alegra com o adôrno, coisas insignificantes mas agradaveis, os patacos D. João V, os alfinetes com o *Zé*, e ultimamente essas encantadoras pollegadas de barro que num lavôr delicadissimo figuram as peixeiras gaiatas e moveções da Nazareth, os varinos com a canastra dupla ao hombro, o *Zé Povinho* e o seu immenso guarda-sol, a alcoviteira embiocada e o S. João das cantigas.

Ajnda a dentro do industrialismo elle fez a tentativa resurrectora do azulejo e presentindo que as modernas conquistas da pintura não vão lá muito de molde ás placas figuradas, foi ao azulejo d'ornato que em tempos idos alastrou por palacios e templos as suas laçarias e trophes, que elle se devotou com inovações interessantes como esses quadrinhos formados por quatro cabeças de gato ou pelas corollas bran-

cas de quatro lyrios em cruz, chegando tambem a experimentar reproduções modernisadas do lindo azulejo hispano-mourisco.

Não quer isto dizer que elle enjeitasse o de figura, os bellos *panneaux* da vindima e da ceifa no *atelier* das Caldas e os humorísticos quadros da *Monaco*, na tradição do branco e do azul, o comprovam.

Das suas peças unicas são muitas as registaveis: o S. Jorge, a taça renascença, a jarra manuelina e muitas mais peças arrojadas e lindas a que sobrepuja, como uma das maiores obras ceramicas d'hoje, a jarra *Beethoven*, colosso de barro que excede em dimensões a resistencia do material.

A jarra *Beethoven* é, depois da creação de Adão pelo Deus, a mais extraordinaria obra que a ceramica deitou cá para fóra não já pelo seu valor artistico mas pelo milagre da sua existencia conseguida.

A biographia d'essa jarra que delicioso *racconto!* Vêr um bloco informe de branca argilla collocado na placa giratoria do supporte, ir-se afeiçoando em peanha, crescendo em bôjo, subindo em paredes frageis para se acinturar no meio e receber o calice afunilado do collo e principiar a ser bello, a enrugar-se, a tomar forma, a enfeitar-se, a palpitar nessa impaciencia da materia a que foi prometida a graça da obra prima, como diz algures d'Annunzio, e vêr a jarra crescer, alargar, subir, exceder a estatura do artifice, ser mais que elle em grandeza, começar a domina-lo e obriga-lo, já victoriosa, a guindar-se, a trepar, para lhe dar mais um beijo fecundo numa dedada forte, para lhe abrir um sulco ou devastar um nó; vêr o artista seu auctor tremer agora como seu escravo, tocar-lhe com a mais macia das suavidades, ter de a respeitar como a uma esposa gravida, defender essa argilla dos attritos que a podem matar, até do ar que a sécca, encharcar-lhe os pannos que a mantêm flacida, movê-la devagarinho, como uma creança que dorme, sobre o eixo azeitado e collocar com receios infantis as figurinhas mimosas do quartetto que toca, pousar-lhe na aza altiva a musica triumphante, coroar-lhe o rebordo com o vulto alado da harmonia que escuta, florir-lhe a garganta, rendilhar-lhe a góla, tudo isso que magnifica sensação d'arte daria, bem descripto!

E ao cabo d'esse periodo largo de gestação em que a energia moral d'um artista soffre a prova tyrannica do fogo creador, realisada exuberantemente toda a forma, abria-se ainda, nebulosa e incerta, essa phase ingrata da coloração e do cosimento que o barro atravessa para chegar ao ser. Quantas vezes não lastimaria Bordallo a fragilidade do tecido da sua obra! Como não se arrependeria de não ter agarrado um escôpro e aberto aquillo em marmore possante, sequer em jaspe macio!

Não se archivaram e é pena que Bordallo não as redigisse, as angustias e as apprehensões que o pungiram para levar essa peça ao forno.

Pinta-la toda, colorir, matizar, assombrear, illuminar, foi já para Bordallo uma fadiga dura em que a tinta o atraiçouo irremediavelmente.

O azul, esse azul esmaltado e escuro da velha faiança do Rato, escorreu do bojo á base e maculou em lagrimas de cobalto a anca da jarra.

E quando emfim um dia, alargado o forno, improvisados os carris sobre que a suprema obra devia deslizar ao supplicio que, como uma ordalia feroz, a faria perfeita ou a aniquilaria para sempre, quando essa filha dilecta penetrou na grande caverna rubra que talvez a cremasse toda viva, o sobresalto do artista tocou o auge e o ultimo olhar que lhe deitou, á sua maravilha, foi já humido.

Depois, enquanto alli no enorme forno calafectado se passava o grande drama da chamma indifferentemente collaboradora ou assassina, e sobre esse ronquido surdo da lavareda bem ateadada se destacava, ás vezes, o estalido leve da lenha a chammejar, o artista approximava-se, escutava e cada um d'esses rumores caracteristicos e estilhaçados do barro na cocção que lhe afluava o ouvido, era uma dôr de presentir a joia despedaçada por uma temperatura mais alta, lambida ou torrada por uma lingua mais violenta que se escapasse da grelha.

Durante esses dias e noites em que a sua obra alli esteve, desprotegida e isolada, entregue a tão suspeito e irracional elemento, Bordallo não comeu, não dormiu, não socego. Padeceu todos os desalentos, desde o remorso de a haver feito ao desespero de a vêr perdida. Sofreu como um esposo afferrolhado numa sala contigua, durante um parto d'amor que durasse dias.

Por fim, passado o tempo prescripto e calculado, mal resfriado o forno, o artista arranca desvairado a porta tenebrosa ainda quente e o que vê? A sua maravilha intacta, sorrindo na côr, nova da frescura que o vidrado lhe deu, ruborisada e resentida da paixão calcinante com que o fogo a tocára. Foi d'um jubilo infinito esse minuto jocundo em que o artista, o pae, se defrontava com a filha livre e salva. Separava-os ainda a temperatura irrespiravel da fornalha em rescaldo, vedava-lhes o abraço a exaurida força d'aquelle corpo combalido, mas estava salva! era o bastante, deixa-la respirar e descansar. E o artista riu na visão do apaixonado beijo que lhe daria logo...

Sahiu do forno a jarra e outro problema absorveu Bordallo. Que collocação lhe daria?

Elle conhecia a miseria retributiva do meio em que vivêra. Quem diabo quereria aquillo? E é preciso dizer-se para opprobrio dos ricos d'esta terra, que não houve em Portugal nem millionario ocioso, nem mecenas paspalhão, nem entidade publica ou official que sequer diligenciasse adquirir esse primor.

Trouxe-a Bordallo a Lisboa e a conducção d'esse gigante foi difficil. Teve de vir suspensa em calabres num *fourgon* amplo, para que a trepidação a não rompesse.

Bordallo com um disvello d'enfermeiro acompanhou-a sempre e tra-la-hia ao collo, de bom grado, pelos caminhos asperos se a enormi-

dade d'ella não lhe excedesse as forças — tão melindrosa e susceptível que até os braços do artista a amolgariam.

Em Lisboa ninguém a quiz. Em Portugal nunca ninguém quer nada que cheire a arte; ao olfacto almiscarado d'esta gente repugna o perfume da belleza, como repugna a um cão um frasco d'essencias finas.

Então, vendo a sua obra ao desamparo, sem ninguém que quizesse acoitar o seu sonho obtido, revive-lhe no espirito a velha hospitalidade generosa dos brazileiros que na sua mocidade, nos tempos do *Mosquito*, elle experimentára como um auxilio valioso dos seus triumphos. E bohemio errante que mostra habilidades raras em que na sua villa ninguém repara, artista ambulante que emigra com esperança, mette-se num vapôr e lá vae, mar em fóra, com a sua obra.

A jarra que escapára ás vehemencias do fogo, sahe ainda pura da inconstancia das aguas e o Rio de Janeiro vê entrar pelo seu porto dentro, esse artista amigo que lhe ia mostrar a obra dos seus encantos.

Tambem no Brazil não houve quem generosamente lhe adquirisse a obra. Foi necessario rifa-la e a sorte — a enigmatica ás vezes superiormente atinada — devolve ao artista, sem querer separa-los, a sua preciosidade.

Bordallo fizera propositos de a deixar lá, nessa terra de sol, e tocando-lhe o bilhete premiado, offerece-a á presidencia da Republica em cujo palacio ficou essa joia que representa uma das mais suadas e sentidas obras de Bordallo, obra feita de inspirações e de arrôjos, realisada com amargôres e sobresaltos de que lhe ficaram, como testemunhas de prata, alguns fios brancos na cabelleira encrespada.

*

Dizendo da obra caricatural, illustradora e ceramica de Bordallo, ainda fica muito para considerar. Elle foi tambem um esculptor do barro. Os bustos de Eça de Queiroz, Guilherme d'Azevedo, Sousa Martins, Victor Hugo, e as capellas do Bussaco incompletas são bellos attestados.

Faltar-me-hia dizer, se com este homem se não desse o caso de forçosamente se esquecer alguma coisa, da sua habilidade e do seu supremo gosto de decorador que teve opulentas demonstrações em exposições e festas, como por exemplo, a exposição columbiana, a exposição de Paris, as decorações de S. Carlos em que ficou celebre a dos *bar-rigas*. E ainda me deveria referir aos seus *croquis* de figurinista, aos seus projectos de cortejos e carros festivos que, em palcos e ruas, buliram á luz recortes e achados da poderosissima phantasia de Bordallo.

Tal foi Raphael Bordallo Pinheiro, o summo artista que a morte cubiçosa veio buscar este anno, para talvez espalhar no chão de Portugal certas sementes de belleza que amanhã resuscitem em novos artistas véros.

Sobre esse corpo morto em que se estiolaram para sempre os segredos de novas concepções, sobre essa materia fria e decomposta que foi na vida uma radiosa e perfumada materia creadora, chora desoladamente e sentidamente a arte portugueza sincera, entrajada de negro, que ampara pela mão, sem ter a quem confia-las, a linda ranchada d'orphãs d'esse que morreu:— a caricatura, a ceramica, a decoração, a illustração... E sobre esse tumulto branco parece espiralar como essas creações que Bordallo gostava de engendrar vaporosamente do fumo, em letras de poeira ondeando ao vento, a bella phrase de Leonardo, como uma resignação: *cosa bella mortal passa, e non d'arte.*

MANOEL DE SOUSA PINTO.

NINHO DESFEITO

(Continuação do n.º 2)

— Amigo Domingos, cá venho eu para o combinado! — gritou em baixo naquella manhã de domingo o Almeida.

— Suba!

Metteu pela escada. Ao chegar ao topo, o logista percebeu roçar por elle uma saia, sentiu um gritinho tremulo e nervoso e logo a voz do operario:

— Não fujas!

— Que era? perguntou.

— E' cá a minha senhora...

A sua senhora! pensou o Almeida. Que vinha a ser aquillo? E poz-se a considerar na «pouca vergonha» que aquelle «minha senhora» queria dizer. Nunca tinha imaginado uma coisa assim! Então não o vinha encontrar de casa e pucarinho ahi com uma pécora, a elle, ao seu amigo, ao homem a quem entregara a sua casa e a quem ainda ha pouco dissera «póde lá metter quem quizer»! Uma acirrante suspeita da falta de honestidade d'esse Domingos que, elle o via agora, o illudira, subia nelle, escaldando-lhe os nervos, fazendo-lhe esbogarhar de colera os olhos. E era *aquelle* o *amigo* em que lhe fallava! Que apparecesse, que apparecesse, que elle diria á desavergonhada quem era o Almeida. Era preciso pôr na rua aquella porca!

Nisto uma porta abriu-se e antes que elle tivesse pronunciado uma só palavra de indignação, surgiu na sala a costureirita dos lindos cabellos loiros tão conhecida já do logista.

— Pois era ella! — pensou com um suspiro d'allivio.

— Ahi a tem, a Maria do Carmo, a que eu escolhi para me dar um filho a quando esta terra der fructos...

E feliz, enquanto a rapariga corava, estendera o braço pela janella aberta, apontando o campo.

Então o velho adiantou-se, approximou-se da rapariga e, tomando-lhe bondosamente as mãos finas e brancas, disse num enternecimento:

— Visto isso, que sejam muito felizes...

Mas espevitada, rufando as saias pelos moveis, fallasando desde a porta, neste momento a velha Anna entrou, seguida do filho, o Manuel,

com as suas fartas suissas negras enquadrando um rosto moreno e expressivo.

— E' o meu amigo em que lhe fallei. Esta senhora é a mãe. Moram no resto da casa, do lado de lá. Hoje como é dia de festa convidei-os para jantarem connosco.

E como o meio-dia batesse fóra, numa torre proxima todos se alvorçaram. «Tam tarde!» A Maria do Carmo atrelou-se á velha e rodou logo para a cosinha. Quanto aos trez homens, esses desceram tranquillamente para o campo, para a indispensavel palestra de um domingo passado na aldeia.

— Ora você, Domingos, vai-me contar como isso foi — disse, tendo-se alapado na relva o bom Almeida. Quero saber como a convenceu a acompanhá-lo para aqui.

O outro teve um sorriso. Ora, como a tinha convencido!... Mas como se convencem todas as mulheres quando teem uma migalha de coração com amor a um homem. A principio resistira á ideia de não casar; era feio, tornar-se-hia reparado. Depois elle pusera-lhe tudo claro com simplicidade e honradez. Adherira então, cheia de confiança no amor d'elle. E rematou:

— E vam lá dizer-lhe que não está assim tam bem casada como as mais...

O Manuel, de pé, as mãos nos bolsos das calças, estendeu o pescoço, recurvando-o para o Almeida, e confirmou:

— Tivesse eu filhas, que as daria todas assim, quando lhes apparecessem rapazes como o Domingos. Isto não é para o gabar, mas a Maria com elle pode ser muito feliz.

Depois os dois operarios, achando azada a occasião, filaram o Almeida cada qual por seu lado e discretaram longamente a respeito da concepção que a actual sociedade formava do amor. Instruidos ambos, por desgraça, sobre as grandes iniquidades sociaes, era do alto de uma colera justa e faiscante que fallavam. Lucidamente, punham ante o espirito do velho as suas convicções: e o grande problema do amor, que esse homem nunca encarara, erguia-se á ultima-hora de sua sensibilidade, nitido e completo. Começou a sentir, como aquelles dois rapazes de sangue quente, o mal que amesquinhava o amor: por uma parte a lei coarctando-o na sua natural expansão; por outra parte as condições de vida, nesta ignobil organização d'hoje, abafando e atirando á lama os melhores sonhos.

E foi então que elle expoz ao Domingos a sua obra. Contou como concebera o projecto de lhe dar o campo, com tudo que lá tinha, mais aquelles bois e... um dinheiro... para principiar... Imperturbavel aos protestos do outro, gritava-lhe:

— Você sabe bem que cada qual só tem direito ao que precisa. Você o disse. Ora eu não preciso d'isto, ao passo que consigo já não

succede o mesmo. E isto é agora: virá depois o tempo dos filhos e então é que sam ellas. Eu sou um cangalho já velho: a alguém tinha de deixar isto e mais uns cobresitos que por lá ha. Se ha de ser ao tarde é ao cedo. Deixe cá ver um abraço e fico de tudo pago.

Sem palavras, commovido, o Domingos abraçou-o. Depois voltando-se para o Manuel, que, sorridente, confiava as suissas:

— Tu tens quinhão equal. O que é meu teu é. Chega bem para nós ambos.

Ainda d'esta vez o operario excedia o Almeida na comprehensão da justiça. Então o logista acrescentou:

— Não, elle tambem hade entrar com a sua parte.

E puxando pela carteira, estendeu um macete de notas do Banco:

— Para as primeiras despezas, sê Manuel. E' o capital com que entra para a sociedade.

Mas foi preciso de novo vencer resistencias, fazer outra vez os mesmos protestos; evocou os grandes principios de solidariedade, para que os operarios tocassem no dinheiro, cada vez mais surprehendidos d'aquelle inesperado caso de hombridade, a dentro d'uma classe corrompida pelos interesses, falha na sua moral dubia e hypocrita.

Na occasião uma voz fresca, timbrada e harmoniosa, cortou o ar:

— O' Domingos, está prompto!

— Lá vamos, lá vamos! — gritou de cá o operario.

Tomaram todos o caminho de casa. Cheios de alegria galgaram apressadamente a escada. E foi então uma coisa deliciosa. A meio da casa, deslocada do seu lugar de ao pé da parede, a mesa das refeições, coberta d'uma toalha muito branca, ostentava numa ampla vasilha fumegante o precioso arroz de frango, ante o qual o Almeida affirmara logo de entrada se sentia com um formidavel appetite. A velha Anna, toda grave no seu fato escuro, recommendava, inquieta, «que se não demorassem, senão perdia toda a graça». A Maria do Carmo, a quem o corpete muito alvo, destacado em contraste com a saia azulada, fazia sobressahir a sua frescura deliciosa de rapariga, dizia com um sorriso a bailar-lhe nos olhos e na boquita rubra:

— O sr. Almeida fica aqui á ponta, no meio de nós; acolá o sr. Manuel e a sr.^a Anna.

— Abancaram ruidosamente em volta á mesa. E um tilintar de pratos e de talheres annunciou o começo da refeição. Logo ás primeiras garfadas, alvoroçada, a Maria do Carmo, com os olhos no Domingos:

— Ai... e o vinho?!... — exclamou. Não me entendo com aquella torneira.

— Eu lá vou — disse elle erguendo-se.

— Mas não se demore, olhe que isto estraga-se — gemeu lá do fundo a velha, numa vozita impertinente, quasi reprehensiva.

— Onde está a caneca? — perguntou o Domingos.

— Saltitando a Maria do Carmo foi buscar-lh'a. Reparou então que o sol batia no rosto do Almeida e, antes de sentar-se, cerrou um pouco a porta da janella. Um silencio se fez, ouvindo-se distinctos e fortes os passos do Domingos descendo a escada.

— Ainda eu agora reparo... — exclamou o Manuel. Quando o Domingos der por ella é que vae ser o bonito.

E como fosse nella que o operario cravara os olhos, a Maria do Carmo perguntou, no meio d'um sorriso desconfiado:

— Que é?

— E' que está vestida de azul e branco. Sam as côres da monarchia... Que sorte que vae dar o Domingos...

O Almeida ajudou:

— Não que não é para menos.

— Ora, elle já viu...

— Não, não reparou — insistia o Manuel. E' melhor ir mudar uma das côres: o azul por exemplo. Não imagina o que elle embirra da côr azul...

— Ora...

Mas enquanto murmurava brandamente aquillo, uma certa indecisão se lhe lia naquelles olhos de pestanas trementes, naquelles labios mal cerrados ainda sobre a palavra que ella quizera fazer desdenhosa.

Da porta o Domingos surgiu com a caneca espumejante; abeirou-se da mesa, estendeu o braço e foi enchendo em roda os copos. O ultimo foi o da rapariga, que recommendava lhe deitasse muito pouco vinho. E só quando poisara a caneca, elle que ouvira as ultimas palavras do Manuel, disse:

— Estás assim magnificamente. Estes meus amigos é que não sabem que eu só odeio o azul... do sangue dos fidalgos...

E irresistivelmente, tendo-lhe apanhado uma das mãos, fez-lhe sobre ella uma chilreada de beijos.

— Não pudeste passar sem assignar o documento... — sublinhou o Manuel.

O Almeida sorriu, enlevado. E lá do fundo a velha exclamou:

— Ora isto! E o arrosinho alli a arrefecer!

Satyrico ainda, o Manuel retorquiu:

— Deixe lá, minha mãe; aquelle é melhor, é arroz doce.

Riram todos. Mesmo a Maria do Carmo, de face ruborisada, um brilho intenso nos olhos, soltou uma risada sonora, cheia de mocidade e de vida.

O jantar entrou logo numa phase ruidosa, com historias de passeatas, espectaculos e romarias. Fallou-se de tudo alegremente, animadamente. E depois de servido o ultimo prato, quando já a Maria puxava para o Almeida o cestinho das nozes e a bandeja do queijo e lhe enchia cuidadosamente de novo o copo, cahiu a conversa naquellas tardes da

loja, o serigaitar da rapariga em frente á porta. E, já familiarizado com ella, o velho commentava:

— Estava a gente tão bem naquelles cavacos á tardinha e vem este diabo, enfeiça-me o Domingos e leva-m'ô.

— Não, sr. Almeida, elle é que me trouxe a mim; eu estou innocente... — gralejava a rapariga, enlevada como num sonho d'oiro.

— Então fazemos um contrato: deixe-m'ô levar outra vez...

— Agora não pode ser... Não hei de ficar aqui só... E... se elle podia ainda voltar para a fabrica, eu é que já não posso voltar para casa...

E quedou atarantada, áquella ideia, pela primeira vez formulada. Ficou pensativa, considerando um possível rompimento entre os dois, e a desgraça d'ella ao ver-se repellida pela familia. Mas, lá do seu lugar, o Domingos começava neste momento um brinde singelo endereçado ao logista. E a Maria do Carmo foi-se desannuviando á medida que elle pausadamente ia deixando cabir as palavras.

Era um agradecimento em fórma, cheio de commoção em face da bondade do velho. Disse tudo: desde o primeiro offercimento do Almeida até aquella conversa de ha pouco em baixo. E ao erguer o copo, saudando o amigo honrado e admiravel, por entre as surpresas e exclamações da sr.^a Anna, fixou os olhos na Maria do Carmo, que lh'os viu vidrados e humidos.

Foi assim que ella veiu a saber a generosidade do logista, que por esta forma reconhecia a ligação dos dois, que a lei não authenticara. E, nervosa, impressionavel, sentiu-se tocar d'uma sympathia enternecida por esse homem honesto que assim os tratava. Ergueu-se, a chorar quasi convulsivamente, e veiu, tremula, apertar-lhe muito a mão. E o velho que se levantára tambem, enquanto o Domingos, cuidadoso pela companheira, se abeirava, apertou-os a ambos num abraço e disse comovido:

— Mais vos devo eu a vocês. Não tinha familia e tenho agora uma. Não possuia ninguem e tenho-vos agora a todos.

— Fóra o que ainda ha de vir de França, numa cestinha — accrescentou muito alegre o Manuel.

E a velha como enlevada num extasi religioso:

— Está calado!

E effectivamente a sr.^a Anna tinha razão. Aquillo era tocado de uma certa sublimidade. Em pé, o Almeida, com um braço sobre as costas do Domingos, outro agarrado pela Maria do Carmo, parecia celebrar-lhes o casamento e que a sua mão descarnada se ia erguer para os abençoar.

Fóra o sol ia no poente, sangrento e brilhante. Assim terminou o dia e com elle aquelle simples e tam bello jantar de bodas.

A ARTE E A VIDA DE UM CARICATURISTA

ESBOÇO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Veio encontrar-me a preocupação deste artigo no claustro do mosteiro de Cellas, onde me recolhera a descançar duma tarde quente de sol de inverno.

E' um claustro pequenino, a que uma restauração, recente ainda, dá o tom lavado da alvura dos lenços remendados das beatas pobres.

Ao centro, mal se vê o tanque, escondido numa excavação rodeada de bancos de pedra, aberta na terra negra do jardim, e para onde desciam por escadas simples as freiras que queriam isolar-se e procuravam adormecer cuidados ao murmurio da agua, desfiando lentamente da mina proxima.

E' uma agua triste, em que se não mira a elegancia duma columna, sem o sorriso alegre de uma flor, e em que arrefece a imagem do ceu azul, que, ao alto, estaca sem uma nuvem, sem um movimento, embebido de luz como uma pedra preciosa.

As galerias estreitas do claustro são cobertas por um telhado baixo, sustentado por traves de castanho ennegrecidas pelo tempo, cruzando-se como fios de teias, tecidas á vontade no socego daquelle abandono, por aranhas que parecem espreitar das traves, num movimento forte para fóra da arcada, a sustentar o beiral, e que na terminação o artista esculpiu em animalizações de sonho, interrogando com o olhar mysteriosamente a terra.

A alvura fria das arcadas, que fecham o jardim, empallidece as flores, esfria e entristece os tons humidos das folhas verdes.

Parece aquelle claustrosito o pateo de uma prisão de flores.

Alli deixou um esculptor medieval a ingenuidade simples da sua crença nos delicados capiteis que esculpiu em um dos lanços.

São passos da vida de Christo, todo um novo testamento contado na forma ingenua porque o comprehendia a arte popular da idade media.

O lanço, em que estão, é de arcadas pequeninas, abrindo em curvas delicadas, como os dentes com que a sombra, levantada pelas telhas dos beiraes, morde as paredes aquecidas pelo sol.

Aquelles arcos pequeninos, que parecem modelados pelo vinco delicado da unha dum artista, sam sustentados por grupos de duas columnas a par, cujos capiteis se fundem na parte superior, e onde o imaginario traçou toda a vida de Christo que parecem ler ao fim, na graça ingenua da arte medieval, S. Bento, S. Bernardo, e S. Diniz de joelhos, a cabeça cortada erguendo-se curiosamente sobre as mãos, a ver.

Os tons da pintura antiga dos capiteis cobrem de manchas apagadas as figuras roídas pelo tempo, de contornos sumidos, mal deixando adivinhar o que o artista contou tam pacientemente, multiplicando atitudes, inventando detalhes, como fazem os que querem prender a attenção das creanças á vida dos contos de fadas.

Aquelles grupos de um colorido vago reúnem-se e, a distancia, fluctuam na vaporosidade duma nuvem, indecisos, presos ao alto das columnas, na graça com que o nevoeiro se demora agarrado ás arvores, a desfazer-se, já irisado do sol que vem rompendo.

E' um bello sonho de arte, que o artista impregnou de toda a sentimentalidade da sua alma, de toda a sua religiosidade, de toda a poesia simples do seu lar feliz.

Na face de dois capiteis a par, conta-se a morte de S. João Evangelista num episodio simples e breve como o evangelho de S. Matheus.

A scena foi dividida em dois motivos decorativos que ocupam um e outro capitel. Um representa o banquete de Herodes Antipas em que appareceu Salomé prendendo o tetrarcha nas curvas licenciosas dos seus gestos e pedindo-lhe por fim a cabeça de S. João; o outro representa a degolação do santo.

A' mesa do banquete figuram apenas Herodes, a mulher, e a bella Salomé, que foge com o corpo a uma caricia do tetrarcha, a bocca pequenina fechada numa visagem de desdem.

Toda a scena que figura na historia da arte em quadros complicados, cheios de pormenores de luxo e de elegancia, na tentativa de fazer surgir numa visão a miragem duma civilização extincta, se passa, nesta obra sentida dum artista medieval, entre tres pessoas, longe do olhar importuno dos escravos, a uma mesa em cujas iguarias não parece ter tocado senão a descuidada Salomé.

Herodiade e o tetrarcha riem um riso largo, e, á flor do movimento que lhes anima os corpos, abre-se a luxuria no sorriso das boccas, levanta-se no riso das faces, espregueira no fundo das rugas da carne em convulsão.

A scena lê-se rapida e claramente.

Herodiade apparece com todo o character de proxeneta experimentada em amor. Com a sua mão direita agarra a mão esquerda de Herodes, com a outra empurra o hombro direito do tetrarcha, e desvia-lhe o braço que, num gesto curvo procura, para acariciar Salomé, con-

tornar o corpo de Herodiade, que se atravessa entre elles, num movimento bem dado, cheio de vida e de ironia.

E' impossivel não sorrir da simplicidade com que o artista concebeu e realizou esta passagem do evangelho de S. Matheus.

O imaginario que lavrou esta obra singular, deslocando a acção do episodio biblico, transplantando-o para o meio popular, tirando-lhe o encanto do vicio dourado, simplificando-o, fez uma caricatura involuntaria.

O acanhamento dos movimentos, dependente apenas do atraso artistico, accentua para nós o effeito caricatural da esculptura.

Um artista moderno faria assim a caricatura desta passagem do evangelho de S. Matheus.

Foi o mesmo processo seguido pelo caricaturista desconhecido que na Grecia antiga fez a parodia da visita de Jupiter a Alcmena no vaso celebre do muzeu de S. Petersburgo, conhecida pela publicação de Winckelmann.

E' porem certo que a impressão caricatural, que dá o baixo relevo de Cellas, é involuntaria, que o que dominava o artista era o sentimento esthetico, e que nesta scena elle poz toda a sentimentalidade religiosa da sua alma ingenua.

Se alguma duvida se levantasse, não poderia subsistir muito tempo deante do sentimento e da religiosidade profunda que anima a figura de S. João, e a do soldado que lhe corta a cabeça, homem do povo, que era talvez secretamente discipulo delle.

E' flagrante e propositado o contraste entre a luxuria que transborda dum capitel e a simplicidade religiosa que se aninha no outro.

O soldado levanta a espada com a cabeça inclinada para o chão, numa attitude delicada de flôr, o rosto triste como o de um anjo que executasse uma ordem divina.

Seria assim que nasceu a caricatura, representará ella a força dum pensamento e a impotencia de o exprimir?

Será todo o caricaturista um artista sem força creadora, tendo na esculptura e na pintura o lugar que o critico, cuja faculdade creadora se diz insignificante, occupa na litteratura?

Descobriria o artista o riso e a sua força, ao vê-lo nascer da sua impotencia artistica e terá a caricatura mais este character satânico, além do que lhe foi tam agudamente assignalado por Baudelaire?

A inferioridade da caricatura, como formula d'arte é uma opinião corrente que tem confirmação, apenas apparente, no desdem com que alguns caricaturistas viram a propria obra, na lucta, conhecida de todos, em que os maiores caricaturistas tem procurado attingir a chamada grande-arte, sem o conseguirem.

Gavarni escrevia a um amigo: «ce que je fais: les *Masques et Visages* par metier, et, par partie de plaisir je travaille à faire rentrer le calcul infinitésimal dans la géométrie pure.»

Walpole assignalou já a fraqueza de Hogarth, o creador da caricatura ingleza, na preocupação de se distinguir como pintor de historia; a sua inferioridade como pintor resalta dos quadros côr de rosa da galeria de Angerstein.

Daumier, o grande mestre, o creador da caricatura franceza contemporanea, o pensador duma emoção tam funda, gastou inutilmente o tempo em quadros religiosos, em grandes composições mythologicas sem valor artistico algum.

Gustave Doré, que tem um lapis tão colorido, que dá nos seus desenhos todo o calor do sol de Hespanha, que enche as florestas de fecundidade monstruosa da noite, o caricaturista excepcional que numa folha de papel faz viver centenas de figuras de expressões diferentes, na expansão duma prodigiosa força creadora, é pallido, sem energia e sem força, nos seus quadros em que as figuras se repetem copiando friamente, em poses laboriosamente procuradas, o mesmo modelo.

Seria assim a arte da caricatura, que dá um tão intenso brilho á obra artistica de Raphael Bordallo Pinheiro, uma arte menor, marcando como um estigma de inferioridade os artistas que se assignalam nella?

Contra essa inferioridade grita o respeito e a admiração de todos os criticos d'arte, quando estudam os grandes caricaturistas.

Hogarth e Daumier sam grandes artistas, comquanto tenham sido pintores insignificantes.

Só em Goya conheço a reunião de um grande caricaturista e de um grande pintor no mesmo artista.

E' que a caricatura e a pintura são duas artes diversas, com quanto tendo uma origem commum. Demandam aptidões diversas. E mesmo nos artistas em que se verificam aptidões para a pintura e para a caricatura, a pintura desses artistas é profundamente diversa, como em Goya, da sua caricatura, quando a obra corresponde a um periodo adeantado da evolução artistica da caricatura.

A pintura e a caricatura são duas artes diferentes.

Se é fácil assignalar a impotencia dos caricaturistas na criação das grandes obras d'arte, não é mais difficil demonstrar os esforços vãos, feitos por grandes artistas sem poderem produzir uma caricatura.

As caricaturas dos grandes artistas, dos que tem uma comprehensão mais ideal da vida, são impregnadas de naturalismo grosseiro, sem força symbolica, pesadas e sem espirito.

Delacroix e Puvis de Chavannes, sam dois mestres que em duas epochas da historia da arte exerceram uma impressão profunda na pintura pelo imprevisito do seu traço e do seu colorido.

São mestres raros, dum traço vigoroso e de um pensamento fluctuando alto nas regiões mais puras da arte.

Nunca se reuniram, como nestes dois artistas, as qualidades de um grande caricaturista — o traço simplificado e incisivo, o alto pensamento.

O seu traço e o seu colorido, pelo que teem de imprevistos, são por si só condições caricaturaes, e, apesar disso, as caricaturas de Delacroix e Puvis de Chavannes são sem graça, pesadas, sem espirito:

E Delacroix era o maior admirador de Daumier.

Para fazer a caricatura dum quadro de Puvis de Chavannes basta manda-lo copiar por um pintor sem espirito, tanto é caricatural o seu traço.

E apesar do seu traço caricatural e da elevação de pensamento que traduzem os seus quadros, Puvis de Chavannes é um mau caricaturista.

Leonardo da Vinci, o artista excepcional, de aptidões tam multiphas, é nas suas caricaturas tam secco que Eugène Muntz attribue-lhe antes a intenção de archivar deformidades do que a de fazer caricatura.

Ha porem na historia da arte um caso raro em que um artista fez a caricatura da propria obra, e a caricatura ficou superior á pintura.

Refiro-me a Albrecht Durer, e á caricatura do mestre que existe na Galeria Imperial de Vienna, nas costas de um retrato que lhe foi mal pago, ou de que não recebeu mesmo a paga.

Pintura e caricatura são duas artes evolucionando parallelamente, mas profundamente differentes e egualmente caracteristicas.

E' tam facil conhecer uma epoca por uma caricatura, como por a pintura dum retrato.

E na caricatura, como na pintura, não é a semelhança que, em qualquer dellas, constitue a verdadeira caracteristica do seu valor.

Analysando a historia da caricatura, encontra-la-hemos sempre acompanhando a litteratura critica, que segue sempre na curva evolutiva do seu desenvolvimento e progresso.

A par, é facil verificar tambem, as mesmas preoccupações de linha e colorido que se notam nos diversos periodos da historia da pintura e que se reflectem, por vezes até, mais intensamente na obra dos caricaturistas do que na dos pintores da mesma epoca.

E' facil de seguir assim a continuidade deste movimento artistico e traçar a curva evolutiva da historia da caricatura.

As tendencias geraes da caricatura são facilmente verificaveis na idade media, cuja historia litteraria foi tam profundamente modificada pelo trabalho dos eruditos do seculo passado.

Na idade media, a pintura e a esculptura caricaturaes seguiam e interpretavam os poemas, as fabulas e os contos satiricos da epocha.

As cathedraes e os palacios dos senhores feudaes eram livros em que o povo, que ignorava o latim e não sabia ler, aprendia as fabulas de Odo de Cirington.

O romance de *Reynard* lia-o o povo avidamente, nas igrejas de Christ-Church do Hampsire, nos vitraes de Leicester, nas cadeiras do coro da igreja de Nantwich, em toda a brilhante decoração das cathedraes gothicas.

E assim vemos que a caricatura foi um dos elementos mais poderosos da educação do povo.

Logo desde começo a linguagem do caricaturista é ousada e clara.

Um vitral colorido da igreja de S. Martinho em Leicester representava a raposa, vestida de ecclesiastico, pregando a patos a quem dizia na linguagem do velho testamento: *Testis est mihi Deus quam cupiam vos omnes in visceribus meis* (tomo Deus por testemunha de quanto desejava ter-vos a todos nas entranhas).

Assim se ria alto a caricatura das ambições do clero, cujo symbolo era então a astuciosa raposa.

E o cinzel do imaginario traduzia para todos, no proprio convento, a moralidade das fabulas de Odo de Cirington: «De ordinario, com effeito, num convento de monges pretos ou brancos, não ha senão bestas: leões pelo orgulho, raposas pela astucia, ursos pela voracidade, bodes fedorentos pela incontinencia, burros pela preguiça, ouriços pela rudeza, lebres pela timidez, pois que se mostram covardes quando não ha razão para haver medo, e bois pelo trabalho que lhes dá a cultura das suas terras».

Era esta a linguagem da caricatura religiosa na idade media.

O feudalismo era criticado com a mesma elevação nos contos de *Isengrim* e nas suas aventuras que o cinzel lavrava na pedra e na madeira.

Era já a caricatura politica na sua forma symbolica.

O clero animava os caricaturistas, e os monges eram acusados de estimarem tanto as imagens satiricas das aventuras de *Isengrim* e *Hersant*, como os retratos da Virgem Nossa Senhora.

En lour moustiers ne font pas fere,
Si tout l'image Nostre-Dame
Com font Isengrim et sa fame
En lor chambre où ils reponent

Assim dizia em 1523 Gauthier de Coinsy, censurando o successo que as caricaturas tinham entre os monges.

A caricatura castigou sempre alto o vicio, foi sempre escola de democracia.

Ve-la-hemos sempre acompanhando de perto as grandes obras criticas, procurando interpreta-las e divulga-las. Assim a vemos illustrar os poemas dos goliardos.

Quando apparece no seculo XIII *le Fabliau de sir Hains et de dame Anieuse*, a caricatura entra na satira da vida da familia, ri dos desgostos do matrimonio e do amor, acompanhando e traduzindo os versos do poema de Hugues de Piaucelles, como mais tarde Holbein illustrava o *Elogio da loucura* de Erasmo.

A par do que representava o desenvolvimento simultaneo da caricatura e da litteratura critica de cada epocha, podem seguir-se na caricatura, como na litteratura, motivos nunca abandonados, invenções que em cada periodo revestem uma formula nova.

Quando os caricaturistas medievaes, na admiração do conto de Niggellus de Virecker contavam as aventuras do burro que aspirava a ter uma cauda comprida e foi consultar todos os medicos de Salerno e de Paris, os artistas davam apenas mais uma aventura ao burro de Apuleo, que encontramos outra vez triumphante na arte, aristocratizado pela civilização na caricatura de Goya, em que um burro fidalgo desvia os olhos do seu livro de genealogias com um olhar de orgulho, mostrando nas illuminuras dum velho codice, que na sua familia são todos burros *Asta su Abuelo*, como diz a legenda do *capricho* humoristico de Goya.

O que na caricatura contemporanea se condemna pela audacia do riso que nada poupa, não é a maior parte das vezes mais que a vida nova dada a uma audacia antiga.

Rops caricaturando o calvario, e crucificando o *Maldito*, que ri satanicamente da cruz para a Magdalena cujo corpo morre contorsionado por um desejo damôr insatisfeito, não ousou mais do que o velho *graffitti* romano em que Christo é substituido por um burro que abre os braços na cruz para Alaxamenos que o adora.

Rops não fez mais do que o caricaturista grego que riu de Apollo, seu Deus, no oxybaphon da collecção de William Hope.

Nas casas de Herculano e de Pompeia, um pintor fazendo a caricatura dum quadro que representava a fuga de Eneas do incendio de Troia, e cuja imagem se conserva ainda, ria ao mesmo tempo duma lenda religiosa e patriotica, e amesquinhava uma pintura celebre.

Na historia da caricatura é frequente achar a repetição dos mesmos motivos, o que prova a sua força emocionante.

A caricatura acompanhou sempre a litteratura critica, teve sempre todas as audacias litterarias da satira. Estudando a historia da caricatura encontra-se quasi sempre a origem remota dos motivos actuaes; o

que afirma o seu character humano, e a força da caricatura necessaria como satisfação duma tendencia natural do nosso espirito.

Vemo-la na renascença, na obra de Holbein illustrar o Elogio da Loucura, e a Dança da morte, que passando por Goya devia ter uma influencia tam clara na caricatura contemporanea.

Em Goya começa uma interpretação nova da Dança da morte.

O esqueleto tragico, que anima os desenhos de Holbein da intensidade da vida, que a simplificação das linhas do organismo dá á representação dos movimentos, cobre-se de carne nos caprichos de Goya, e a caveira esconde a força do seu rictus.

Os justicados apparecem pela primeira vez na arte, no duelo sinistro de luz e sombra dos caprichos de Goya, suspensos pela corda do enforcado, ou erguidos no tablado do garrote, dominando a multidão, immoveis e mysteriosos como deuses.

Não ha na maneira de tratar a forma e a figura vestigios de sentimentalidade morbida; os justicados são vistos sem piedade com todos os estigmas de que o crime marca os corpos, com todo o horror da agonia que lhes empasta os cabellos em suor frio e gelado, e lhes immobiliza a face na expressão final da covardia e do medo.

E todavia, das caricaturas de Goya levanta-se um grito de piedade e de justiça, mais alto e de uma impressão mais funda do que dos caprichos da idade media e do renascimento.

A dança dos mortos toma em Goya uma forma nova.

No antigo motivo caricatural, Goya introduziu um elemento novo — o amor —, a que mais tarde se vem ligar — o crime — formando a trilogia que domina o pensamento da caricatura moderna.

A estampa dos *Caprichos* em que Goya fez a caricatura do symbolo pagão da morte — as *Parcas* — revela a grandeza de todas as creações artisticas deste pintor excepcional.

Nesta estampa as *Parcas* são tres bruxas, de carnes gastas pelo tempo e queimadas pelo vicio. Os cabellos curtos deixam a descoberto as carnes, como as penas o pescoço descarnado dos abutres.

Aquelles corpos, modelados pelo vicio e pela decrepitude, estão em num movimento concentrado de vida diabolica que se traduz com intensidade num olhar apenas esboçado, na indicação dum gesto.

Lachesis, magra e alta, fia sentada numa cadeira; ao lado, agachadas no chão, espiam-lhe os movimentos as outras duas *Parcas*.

E' o momento decisivo da sorte de uma criança.

O olhar de Lachesis, que vai parar de fiar, é fixo e satânico, duma impressão aguda e fascinante. Os labios, que se adivinham grossos, somem-se no geito da aspiração cruel do sangue, que é accentuado pelo nariz curvando-se, ficando-se no queixo na linha forte da fechadura de um cofre escondendo um segredo.

Parou, imobilizado pela crueldade aquelle corpo magro em que os ossos se levantam grossos e deformados pelo vicio, como os troncos das arvores sugadas pelas lesmas.

Atropos espia aquelle olhar, e o rosto da bruxa estende-se para deante, as narinas dilatadas e palpitantes como se sentisse já fumegante no labio inferior, que se levanta cheio de gula, o sangue da creança que vae morrer.

No meio, a outra Parca deixou de dobar a meada da vida.

A bocca aberta mostra a sua attenção pasmada. A palpebra desceu fechando o olho direito que olhava pela meada; toda a vida daquelle corpo se concentrou no olho esquerdo que esprieta a mão do fuso, em que se adivinha no geito das unhas do indicador e do pollegar o esboço do movimento que vae cortar o fio.

Ha uma vida estranha nas trez Parcas, que é accentuada dum modo caricatural por Atropos levantando num gesto de impaciencia a vassoura, em que voará pelos ares em busca do corpo da creança morta.

Não pode haver duvida sobre a intenção do caricaturista.

Um novelo de creanças, pendurado a um canto pelo fio delgado da vida, indica claramente o pensamento de Goya.

A bruxa é em toda a obra de Goya a proxeneta, voando pelo ar nas azas fortes do espirito maligno, sabendo esconder a ferocidade do riso, a lubricidade do olhar, a bocca entreabrindo-se num sorriso para deixar passar palavras baixas e persuasivas.

No grites tonta! diz a legenda dum dos caprichos, em que uma rapariga sem trabalhos de amor se assusta ao ver entrar a tentação em casa. *No grites tonta* ri brandamente a bruxa, fechando os olhos e a bocca em traços negros e breves de riso que fazem avultar a expressão ironica e sensual do nariz cujas narinas se dilatam.

A bruxa é ainda a *linda maestra* que voa vertiginosamente para o sabbat do amor levando escarranchado na mesma vassoira o corpo novo duma rapariga, as mãos crispadas a agarrarem-se aos cabellos da velha, a cabeça escondida entre os braços estendidos, para não ver o horror da noite.

Ha um grito de piedade no contraste entre o susto daquelle corpo bello que se abandona, e a força que se traduz no corpo arqueado da bruxa, nervosamente agarrado á vassoira.

A arte dá realidade áquelle grupo phantastico, voando na escuridão do ceo sobre a terra branca e fria do luar.

O amor e a morte cantam em unisono no capricho de Goya, em que uma mulher desgrenhada levanta contra um muro o corpo do amante morto numa embuscada ou num duello, e a que poz o titulo — *El amor y la muerte*.

E' identica a expressão das duas physionomias.

O amor e a morte dão o mesmo grito.

Goya encontrou o poder emocionante da sua arte genial, deixando-se possuir pelas halucinações da alma popular, como Wagner encontrou nas lendas do Rheno a força do seu talento musical.

Goya e Wagner são irmãos.

Deixando-se possuir pelas lendas do povo, Wagner e Goya mostraram que tinham mais que nenhuns outros o sentimento do espirito da sua raça.

Em Rops encontramos modernamente o espirito de Goya na sua sarabanda do amor e da morte.

L'Elèvement, em que o diabo leva pelos ares, sentado em uma vasoira uma feiticeira nua, reproduz na linguagem de Rops a *Linda maestra* de Goya.

O diabo de Rops não tem porem a grandeza tranquilla do diabo de Goya, não é o senhor do mundo que num dos *caprichos* se entrega tam complacientemente aos cuidados de toilette.

Clubman, burguez ou camponez o seu diabo é dominado pela mulher que elle espalhou no mundo com o gesto largo e fecundante do *Semeur* de Millet.

Entre o *Satan semant l'ivraie* e o *Satan semant monstres* prefiro pela emoção a primeira estampa.

Representa o diabo, de olhar fulgurante, erguido sobre Paris, um dos pés nos telhados das casas da margem direita, outro nas torres de Notre-Dame.

O avental do Diabo está cheio de larvas de mulher, que a mão semeia num gesto curvo e largo, sobre a mancha escura da cidade que o rio corta passando gellado e frio por entre as suas pernas afastadas.

E' a força demoniaca na caricatura pagã da estatua d'Hercules.

A alegria segura e fria que enche a face do Diabo é verdadeiramente satanica, a barba agitada pelo vento suggere a ideia da phisionomia dum yankee, e com ella a do ouro, supremo dominador.

Raras vezes porem o espirito demoniaco tem na obra de Rops uma creação tam vibrante. O seu diabo é clubman, muito homem de boa sociedade para ser mais do que cynico e ironico.

O que Rops deu melhor que nenhum outro é a agonia da carne que o vicio suga, que morre queimada pelo sangue a arder em desejos, que se immobiliza em attitudés catalepticas e provocantes.

A união do amor e da morte toma uma forma nova na agua-forte com a legenda — *In lombis Diaboli virtus*, em que na figura da morte vive apenas o que tem de delicioso e provocante o corpo da mulher.

E' para notar que na obra de Daumier, cujo talento caricatural parece deveria ser intimamente impressionado pelo character grave da dança da morte, se não encontra reflexo do poderoso motivo medieval, apezar de ter dado com o seu lapis vida a uma satyra contra os medicos, a *Nemesis medica*, ao passo que se encontra em Granville.

Da dança do amor e da morte, que crearam na caricatura os desenhos tragicos de Goya, e a que deram uma vida nova as aguas fortes mordentes de Rops, ha, na obra de Raphael Bordallo Pinheiro, um echo na caricatura da *Parodia* que tem a legenda — *Conheces-me?*

Num baile do parado entrudo portuguez a morte, de dominó elegante, levanta com a mão enluvada de branco a mascara, descobrindo na provocação dum beijo o rosto, e deixando ver a caveira que num rictus pergunta: — *Conheces-me?*

Elle, bebado, os pés afastados a segurarem-se ao chão sujo de lama e em que ondeam os detricos pisados das *serpentinhas* rasgadas, aponta com o dedo a cara, a marcar o logar dum beijo no rosto a escorrer do suor que lhe empasta os cabellos.

A morte estende a mascara para beijar e descobre o rosto.

Toda a figura do homem é tratada com um grande naturalismo.

Está sem colarinho, o nó da gravata cahe a desatar-se-lhe sobre o peitilho, amarrotado, a mão direita finca-se no quadril, e o braço arqueia numa curva para que não perca o equilibrio o tronco, inclinado a offerer o rosto suado para um beijo.

O labio inferior pende, e a bocca abre, como a das creanças, a pedir um beijo, alli, onde marca o dedo.

A morte, que se esconde no seu disfarce de entrudo, levanta num gesto adunco da mão descarnada as saias de renda, deixando ver em baixo o esqueleto mirrado que se esconde num sapato de verniz.

Mais de uma vez encontraremos, na obra de Bordallo Pinheiro, como na de todos os grandes caricaturistas, o eco das preoccupações artisticas das primeiras edades da caricatura, e os seus *Proverbios e Annexins* são as formulas modernas do espirito do imaginario medieval que em uma das *misericordias* da cathedral de Rouen esculpiu uma mulher deitando margaridas a porcos, dando assim vida á ideia do velho proverbio com o calembourg que a palavra *margarita*, traducção latina de perola, facilitava.

E' facil demonstrar sempre a ligação dos trabalhos modernos, que parecem os mais originaes e caracteristicos do movimento artistico actual, com os trabalhos do passado.

Ha na evolução da caricatura contemporanea uma tendencia do espirito, que se precisa e se define claramente nos trabalhos modernos: a investigação cuidada e paciente procurando achar a ligação mysteriosa entre o caracter e o organismo que deve traduzir o vicio e o crime por uma deformação propria.

Assim foram levados os caricaturistas a accentuarem, sem lhes medir o alcance scientifico, os estigmas da degenerescencia.

O caricaturista moderno obedece inconscientemente ao impulso suggestivo do meio e faz psychiatria sem o saber.

As caricaturas modernas valem como observações clinicas, os desenhos dos grandes caricaturistas podem figurar como provas scientificas de boa observação de psychiatria, devem ser archivados ao lado dos atlas de criminologia.

Esta observação que se faz com facilidade nos trabalhos que a febre da vida moderna e a facilidade dos meios de reproducção graphica tem multiplicado, começa a notar-se quando na evolução historica a caricatura perde o caracter *symbolista* e se torna *characteristica*.

Nas esculpturas do claustro de Magdalen-College, em Oxford, que datam da segunda metade do seculo XV e representam em parte os vicios e as virtudes, encontramos já o vicio caracterizado por deformações characteristics do organismo.

A figura da gula evoca naturalmente, por analogias flagrantes, as figuras dos caprichos de Goya.

E' na verdade no grande caricaturista hespanhol que se vê a preocupação constante de stigmatizar o vicio fazendo notar a sua animalidade, não á moda *symbolica* dos caricaturistas dos primeiros periodos do caricatura, substituindo as faces de animaes ás faces humanas; mas procurando na organização dos esqueletos a deformação que caracteriza o vicio cerebral.

Em Goya a semelhança dos rostos entre o homem e os animaes é dada intensamente, sem nunca chegar á animalização completa.

Goya seguiu a mesma orientação que devia levar aos trabalhos de phrenologia e aos estudos contemporaneos que haviam de reformar completamente a criminologia.

Sempre na historia da caricatura encontraremos os artistas com as mesmas preocupações dos sabios e traduzindo inconscientemente o estado scientifico da sua epocha.

Goya procurava, como mais tarde Gama Machado, achar pela egualdade da deformidade organica das especies, pelas qualidades communs entre ellas, a deformação que havia de caracterizar o crime.

Ao contrario dos animalistas contemporaneos da caricatura, porém, o homem vê-se sempre, áparte raras excepções, nos animaes de Goya.

Com o desenvolvimento da phrenologia, o apparecimento de Gall, os caricaturistas continuam a querer precisar os detalhes do organismo que devem indicar o crime e o vicio.

E encontram-os, sem o saber, como o microbiologista que descreveu o microbio que encontrou no sangue do doente, sem ver que é nelle que está a causa da doença.

Os retratos de Bastien e Robert feitos por Daumier foram classificados, logo ao apparecer, como estampas que se deviam archivar nos atlas dos physiognomonistas e dos phrenologistas.

Henri Monnier, o creador de Mr. Prudhomme, de perfil sereno e ar austero, estudava em Brest e Toulon os forçados, procurando achar a impressão que assignala o crime no organismo.

Assim é também que os caricaturistas modernos accentuam os caracteres de degenerescencia, seguindo sem o saber a orientação de Lombroso e Nordau.

O processo de especialização seguido pelos caricaturistas modernos que escolhem no meio social uma casta para alvo da sua critica, levou-os a irem pouco a pouco definindo e accentuando os caracteres organicos que caracterizam os individuos que formam esse meio especial.

Essas caricaturas valem como estudos medico-legaes.

Repetindo muitas vezes desenhos de individuos do mesmo meio, o caricaturista foi descobrindo os caracteres organicos que os fizeram crear um meio á parte.

A repetição das observações actuou como sobreposição de clichés de individuos da mesma familia, deu o typo geral.

Mas o artista ignora, como o photographo, a significação do estigma. Reproduz a deformação anatomica; porque a procura sempre por a ter reproduzido muitas vezes.

E daqui vem o mal estar que nos prende quando vemos seguidamente muitas caricaturas modernas.

Surprehende-nos desagradavelmente a doença que adivinhamos sem a poder diagnosticar.

Onde o caricaturista antigo procurava a semelhança que salta aos olhos e nos faz gritar rapidamente o nome dos caricaturados, o artista moderno assignala e avoluma o estigma oculto que explica o character.

A obra dos caricaturistas tem sido considerada pelos maiores espiritos como complemento forçado da obra dos litteratos de cada epocha. Ella nos dá a impressão da vida numa nota que o homem de letras conhece como mais incisiva na sua forma simplificada do que a critica litteraria e o romance.

Os Goncourt eram os maiores admiradores de Gavarni; Balzac procurou a collaboração de Gavarni, Daumier e Henry Monnier, como agora Anatole France o maior espirito da França, o que modelou a ironia suprema da sua raça, em figuras em que na perfeição de forma da arte da antiga Grecia vive a mais intensa aspiração da vida moderna de paz, amor e de Justiça, é o amigo e o grande admirador de Steilen.

A proposito vem tratar da importancia da legenda nas caricaturas.

A legenda encontra-se já nas antigas caricaturas de Pompeia e Herkulano; mas não é condição essencial para completa interpretação do caricaturista.

Por vezes até, precisando de mais, não deixando ao cerebro o vago que lhe permita a sensação de collaborar com o caricaturista, no esforço de interpretação, a legenda pode prejudicar a caricatura.

Por isso nalgumas caricaturas, como nas de Forain, a legenda toma o vago da caricatura e completa o seu pensamento, que sem ella ficaria escuro.

Nestes casos legenda e desenho não podem publicar-se separadamente, como acontece com as legendas de Gavarni, admiradas por Sainte-Beuve e que representam na sua forma litteraria, verdadeiros poemas em prosa, dizendo muito mais que o desenho e podendo originar até para completa interpretação do conceito que encerram, outra série de caricaturas.

Isto mostra como é erronea a opinião de que é o escriptor que leva pela mão o espirito do caricaturista.

No decorrer deste pequeno esboço mostraremos, analyzing a obra de Bordallo Pinheiro, que o artista foi muitas vezes prejudicado por os seus collaboradores litterarios, e que não teve o collaborador do seu espirito de ironia senão no respeito e na admiração que por elle tinha Guilherme de Azevedo.

O facto não é unico: Champfleury não poudo fazer comprehender a Daumier a belleza de Aristophanes.

Os melhores collaboradores de Bordallo Pinheiro foram sempre os que se limitaram a traduzir litterariamente o espirito das suas caricaturas sem procurar guiar e dominar o espirito, a verve, a fecundidade creadora do grande artista.

Legenda e desenho não estão na arte tam indispensavelmente ligados que não possam existir separadamente.

La vision de Hugo é uma serie de desenhos em que Steinlen traçou a via dolorosa da civilização, o grito mais alto de libertação da humanidade, sem uma linha de texto.

E são raras na historia da arte de todos os seculos paginas tam brilhantes.

E' que na caricatura ha um sentimento proprio, que impressiona por si mesmo, independentemente da forma litteraria da legenda, independentemente até das condições estheticas do traço e da mancha que a fazem dependente da pintura.

Esta sensação especial foi já analysada por Baudelaire, que imaginou Virginia, a innocente heroina do romance de Bernardin de Saint-Pierre, deante duma caricatura das que fazia o lapis poderoso de Daumier, a graça viciosa e doentia de Gavarni.

«La caricature est double: le dessin et l'idée: le dessin violent, l'idée mordante et voilée; complication d'éléments pénibles pour un esprit naïf, accoutumé à comprendre d'intuition des choses simples comme lui. Virginie a vu; maintenant elle regarde. Pourquoi? Elle regarde l'inconnu. Du reste, elle ne comprend guère ni ce que cela veut dire ni à quoi cela sert. Et pourtant, voyez-vous ce repliement d'ailes subit, ce frémissement d'une âme qui se voile et veut se retirer? L'ange a senti

que le scandale était là. Et, en vérité, je vous le dis, qu'elle ait compris ou qu'elle n'ait pas compris, il lui restera de cette impression je ne sais quel malaise, quelque chose qui ressemble à la peur.»

E' esta a mesma impressão que se vê sentida por todos os criticos que têm estudado a obra de Goya, o espirito superior que creou a caricatura contemporanea.

Não é com effeito a caricatura moderna uma derivação do espirito inglez, a continuação da obra de Hogarth, Rowlandson, Gillray, Cruikshank e John Leech; se o nome o deve a caricatura á Italia onde todas as litteraturas foram buscar a palavra, a origem encontra-se em todos os povos desde o alvorecer da arte.

A figura de Goya é pelo poder de sonho, pela nobreza do pensamento, pela generosidade do espirito, como pelos effeitos do traço, os jogos de luz e sombra, a inspiradora do movimento moderno, ainda uma conquista latina, que começa na França em Daumier e continua hoje na obra de Steinlen, Forain, Galanis, Villeth...

Cada um pode repetir a experiencia, que eu tenho feito mais de uma vez, abrindo um caderno de caricaturas deante dum espirito, intelligente, mas sem preocupações artisticas, e indicando summariamente a idéa das caricaturas.

Verá cada um sempre assim a impressão já assignalada por Baudelaire, impressão propria e por si só bastante para lhe assignalar um logar áparte na historia da arte.

E' esta impressão que lhe é propria e não a dos processos picturaes.

A opinião de Robert de la Sizeranne, quanto ao traço caricatural é insustentavel.

O caricaturista procura convencer funda e rapidamente, usa para isso de todos os recursos da arte, como nas caricaturas de Forain que são esboços cuidados de verdadeiros quadros imaginados e dispostos com toda a arte de observação minuciosa e pungente dos quadros de Rafaelli.

Assim foi sempre.

Quando Delacroix insufflava uma nova força á pintura franceza, modelando as figuras com o seu traço poderoso de gigante, Daumier traduzia as mesmas preocupações nas linhas vigorosas das suas caricaturas, na luz que canta victoriosamente nos jardins e campos illuminados, nas ruas calcinadas de Paris.

Baudelaire deixou a sua admiração por estes effeitos de Daumier em periodos que nunca é de mais transcrever.

«L'un d'eux, qui a trait au choléra, représente une place publique inondée, criblée de lumière et de chaleur. Le ciel parisien, fidèle à son habitude ironique dans

les grands fléaux et les grands remue-ménages politiques, le ciel est splendide; il est blanc, incandescent d'ardeur. Les ombres sont noires et nettes. Un cadavre est posé en travers d'une porte. Une femme rentre précipitamment en se bouchant le nez et la bouche. La place est déserte et brûlante, plus désolée qu'une place populeuse dont l'émeute a fait une solitude. Dans le fond, se profilent tristement deux ou trois petits corbillards attelés de haridelles comiques, et au milieu de ce forum de la désolation, un pauvre chien désorienté, sans but et sans pensée, maigre jusqu'aux os, flaire le pavé desséché, la queue serrée entre les jambes.»

Nas pastas desenhos de Delacroix encontráram-se, depois da sua morte, esboços de quadros imaginados pela admiração das caricaturas de Daumier.

O traço moderno deve tudo á arte da pintura, pouco á força simplificadoras das exigencias da imprensa diaria, e ao aperfeiçoamento dos processos de reproducção.

A esses deve-se apenas a multiplicação das caricaturas.

O aperfeiçoamento dos processos de reproducção dá pelo contrario toda a facilidade á reproducção dos desenhos de Forain e de Steinlen.

Se o traço caricatural deve alguma coisa é á arte de Manet e de Puvis de Chavannes.

Quando o artista procura, simulando a infantilidade da arte, augmentar a impressão da caricatura, sugerindo o riso, o artista esconde, é verdade, todos os recursos da sua arte, mas a critica facilmente demonstra o conhecimento dos efeitos mais subtis do traço, toda a sciencia de composição, como na *Lettre à grand'mère* e *Le Potin*, de L. Capiello.

Nos desenhos de Steinlen o traço não se esconde, é o mesmo traço vigoroso e vivo dos quadros do artista.

As caricaturas de hoje são feitas com todos os recursos de significação do traço que se assinalam na pintura moderna.

A caricatura traduz, como toda a arte, o mesmo grito de justiça, a mesma ancia de libertação que dão as obras de Zola, Gorki, Tolstoi e Doltoiewsky.

Raphael Bordallo Pinheiro parece andar longe destas preocupações.

O traço das suas ultimas caricaturas é o mesmo que fez o successo dos seus primeiros desenhos; ganhou com o tempo em facilidade, não em precisão: é o mesmo traço ligando frouxamente os defeitos em que ri a ironia do seu lapis.

O crime, como o vicio, passam a seu lado, e o seu traço não sabe adivinhar-lhes os estygmias, que os caricaturistas modernos accentuam em notas de tanta evidencia, como as observações dos medicos e dos criminologistas.

Deante dum criminoso o lapis de Bordallo Pinheiro deixa de rir e o caricaturista excellente transforma-se num pintor de retratos máo.

O crime e o vicio sam caricaturados porque tem um nariz disforme que faz rir, porque passam numa visagem rara, numa attitude comica, numa folia de carnaval.

Como caricaturista politico encarnou o povo do seu paiz na creação comica de Zé-Povinho, ignorante e besta, sem o impulso duma indignação, sem a coragem dum movimento de revolta.

A unica virtude que lhe concede, essa mesmo faz rir: Zé-Povinho não soffre, Zé-Povinho tem apenas paciencia.

No momento em que as aspirações supremas ao bem social transformam a caricatura, dão uma intensidade nova á colera potente do



traço, e espalham em manchas de luz e sombra a emoção grave da grandeza da natureza e do espaço, quando a caricatura chora gravemente lagrimas de piedade e de justiça vingadôra, a caricatura de Bordallo Pinheiro tem o mesmo riso malicioso e breve.

A caricatura de Bordallo Pinheiro passa longe das preocupações d'arte que assignalamos em todos os verdadeiros caricaturistas.

Irmão de Columbano, o extranho colorista, Raphael não é o irmão de Goya; os seus desenhos não tem o poder impressionante do vago e do sonho-que, vindo de Goya, passa para o espirito de Daumier e illumina hoje os caprichos de Hradecky.

Não era então Raphael Bordallo Pinheiro um grande caricaturista?

Era; mas para comprehender e que havia de espirito inventivo, de verve, de fecundidade creadora naquelle artista de eleição é necessario correr um a um os seus desenhos, penetrar-lhes a essencia do conceito, como para bem conhecer a excellencia da alma, que se encobria na doce ironia das suas caricaturas, era necessario conviver com elle de perto.

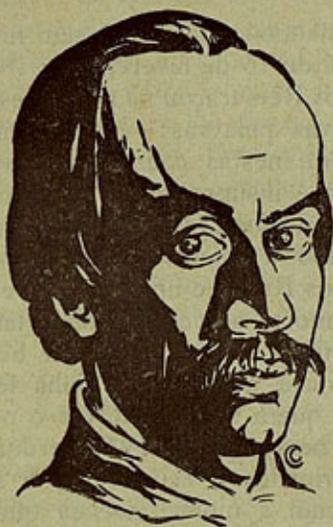
Foi assim que eu aprendi a admira-lo.

Assim vou analyzar a sua obra, na adoração do amigo, que foi, no meu paiz, um tam excepcional artista.

KALENDARIO

6 de Janeiro — 1860.

Morre SOARES DE PASSOS.



Doente, abatido, triste, prematuramente minado pela tísica, Soares de Passos foi bem o auctor do *Noivado do Sepulchro*.

Talvez por isso, o seu nome — digno de melhor sorte — ficou para sempre ligado a essa pessima composição, que só tem a qualidade de synthetizar por completo o mau gosto do tempo em que foi escripta. Lê-la é evocar as recitações ao piano, as guedelhas lustrosas de pomada dos poetas fataes, as olheiras e a pieguice das meninas apaixonadas — toda a frandulagem ultraromantica que era então moda.

No emtanto, os versos que deviam ter espalhado e feito amar o nome de

Soares de Passos, são os do *Firmamento*. Em todo o seu livro de *Poesias* só elles nos apparecem como verdadeiramente bellos. E só elles resistem galhardamente aos cincoenta annos que lhes passaram por cima.

D'uma grande elevação de pensamento, d'uma technica perfeita e sólida, com imagens largas e vivas, dão-me a sensação d'um vôo sereno d'aguia. Não ha n'elles um desfallecimento do artista ou do pensador. Veja-se a força d'esta estrophe:

«Gloria a seu nome! um dia meditando
«Outro céo mais perfeito
«O céo d'agora o seu altivo mando
«Talvez caia desfeito.
«Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
«Qual bando d'aguias na amplidão disperso
«Chocando-se em destroços fumegantes
«Desabarão no fundo do Universo!»

E como esta, são todas as do *Firmamento*.

E' lembrando-me d'ellas, que hoje escrevo estas breves palavras de commemoração pela morte d'um Poeta — em que o publico tem visto só, e demasiadamente, o auctor do *Noivado do Sepulchro*.

JOÃO DE BARROS.

16 de Fevereiro — 1889.

Suicida-se ANTONIO SOARES DOS REIS

Aprestando-se para a viagem final, na manhã de 16 de fevereiro de 1889, Soares dos Reis traçou na parede estas significativas palavras: — «Sou christão, porém, nestas condições, a vida para mim é insupportavel. Peço perdão a quem offendi injustamente, mas não perdão a quem me fez mal — Soares dos Reis» e após deu serenamente a morte ao corpo d'onde tanto mal lhe tinha vindo. Elle, um bom, não perdoava a quem lhe tinha feito mal! E, quem sabe? (talvez o pensasse) se nesses a quem não perdoava estaria primeiro o seu corpo, o seu sangue, com a mortal doença que o tornava sombrio e meditabundo.

Aquelle estado de repulsão pela vida, dando a misera crise final, era a accumulção do lento desorganisar que desde a mocidade o corroía, numa aversão vaga pelos prazeres sãos, extranhos á sua sensualidade alheada na creação de intenso goso solitario. D'uma sensibilidade feminina, modesto e acanhado, difficilmente podia fugir á vassallagem de habitos contrahidos no periodo de vida em que o organismo está aberto a todas as acções de contagio. O que é um habito ligeiro transforma-se n'um vicio, radica-se no individuo e imprime na phisionomia moral um caracter proprio que se infiltra em todos os actos. É d'uma doença melancholica nutrida por um vicio que vem toda a tristeza dolorosa das obras de Soares dos Reis. Alguns companheiros de Soares dos Reis em Paris descrevem-no como um solitario; e em pequenos detalhes da vida de camaradagem surge bem claro o tom particular de toda a sua melancholia e a doença que já pouco a pouco lhe invadia o cerebro. Individualidades como esta de Soares dos Reis precisam, para que bem se lhes apprehenda a obra, serem estudadas com as menores minucias de vida intima, porque ellas veem lançar mais luz que todas as investigações sobre escolas seguidas: essas só nos dizem da thechnica e da estructura do escorço geral onde lançaram e enkistaram os stygmata do seu caracter.

Entre nós ainda difficilmente se pode fazer este trabalho de analyse, porque nada ou quasi nada ha sobre este ponto de vista. A alma do artista põe-se sempre de parte. Por isso todas as criticas feitas á grande obra de Soares dos Reis peccam pela falta de justeza. Attribue-se, *absolutamente*, a uma lucta interior entre a representação fiel do drama e o classico arranjo da estatua, a que o ensino academico o forçava, a oscillação notada em toda a sua obra, ora fugindo ao typo classico ora integrando-se n'elle, para realizar o bello sereno dos tempos gregos; quando quasi ao cabo da sua obra, no *Busto da Ingleza*, manifesta o horror pela graça feminina mutilando as formas fortemente accentuadas do modelo para lhe dar uma austeridade e uma castidade resultante da indecisão sexual. Este symptoma, para um admirador da forma como elle, é ainda mais saliente quando notarmos a ausencia quasi completa do nu feminino na sua obra.

O *Desterrado* é um soberbo nu d'uma belleza quasi olympica.

Quem assim tratava a graça juvenil, a musculatura elastica d'essa mocidade vigorosa, sempre que houve de tocar assumpto onde a mulher tivesse de surgir, na sua nudez gracil, logo a cobriu castamente, com pudor.

Razões identicas pesariam no seu espirito para despir a *Saudade* como o *Desterrado*: não agradava, decerto, ao seu acanhamento. Se os documentos abundassem, e tempo chegará em que isso succeda, poder-se-hia fazer n'este trilho um estudo profundo sobre o paralellismo da sua vida e da sua obra: por emquanto não.

Soares dos Reis pertence ao numero de esculptores que com o grande mestre Simões de Almeida levantaram a esculptura entre nós. Antes d'elles pôde-se dizer — quasi nada existia. Este estado é bem frisantemente attestado nos projectos para o obelisco da Avenida da Liberdade. Mettem dó os coitados!

A obra de Soares dos Reis foi iniciada com o desterrado. Com pequeno intervallo produziu um marmore delicioso — *O artista na infancia* — e a *Saudade* que servia de *pendant* ao Desterrado. Depois a *Flor Agreste*: uma doce cabeça de rapariga, sorridente. E' um busto levemente tocado e d'uma factura extremamente correcta como todas as obras que lhe sahiam das mãos. Mas onde as suas qualidades de artista de raça se manifestam exuberantemente é na extraordinaria estatua de Conde Ferreira.

E' soberbo o busto colossal de Mistress Elisa Leech (*Busto da Ingleza*). Toda a altivez e incommensuravel orgulho da raça dos fortes irradia d'esse bello marmore. E' d'elle um admiravel busto de Emilia das Neves. D'elle tambem é a estatua de Brotero que, embora a critica sobre ella não tenha dito palavras elogiosas, é uma das bellas estatuas que possuimos. Executou muitos bustos, retratos e medalhões d'uma alta perfeição.

Deixou incompleto o busto de Fontes Pereira de Mello, que trabalhava ao tempo em que se suicidou.

E' o vulto maior que tem atravessado a nossa vida artistica e profunda foi a influencia que entre os nossos artistas exerceu.

Deixou varios discipulos e entre elles contam-se na primeira plana — Thomaz Costa e Teixeira Lopes.

ALVARO DE CASTRO.

THEATROS

O Rei Lear do sr.
Julio Dantas

Theatro D. Maria.

Já foi ha muitos dias que no theatro Normal teve logar a primeira representação da peça *Rei Lear*, adaptação em verso do sr. Julio Dantas; e ha tantos dias foi que, depois das criticas dos jornaes a este recente trabalho litterario, talvez as minhas palavras fossem hoje escusadas. Mas eu prometti dizer alguma coisa de minha justiça, e só isso me resolveu a escrever. De resto, ha factos que nunca é demais sobre elles nos pronunciarmos.

Algumas vezes, até, as primeiras impressões, quasi sempre impulsivas, originarias do agrado ou do desagrado d'um momento, se conseguem estabelecer para os nossos olhos o valor do conjuncto intervisto nas suas linhas geraes, offuscam, entretanto, a qualidade de certos detalhes que só mais tarde se apreciam convenientemente. Pois mais essa razão tambem sobreveiu, agora, em meu favor, para avigorar a minha decisão.

E quando tudo isso ainda não bastasse para me decidir, accrescia a circumstancia particularissima da minha antiga e fervorosa admiração por Shakespeare, para me compellir a faze-lo. Quero eu, então, dizer que este meu artigo é mais um dever do meu espirito, do que uma necessidade imperiosa de mais uma sentença publica á peça em questão.

Posto isto vejamos, muito á boa paz, mesmo intimamente, como n'uma simples conversação entre amigos, qual é, relativo ao caso, o meu juizo.

O que é o *Rei Lear* de Shakespeare? O que é o *Rei Lear* do sr. Julio Dantas?

O primeiro é um drama de tal modo intenso, vigoroso, surprehendente, que todas as adaptações ainda as mais feis, feitas em varios tempos e em varios paizes, tendentes a molda-lo ás necessidades da scena moderna, não teem, que eu saiba, conseguido satisfazer por completo nem o gosto das platéas, nem as exigencias daquelles que do original ou das traducções exactas o conhecem. Porque elle é, talvez, inadaptavel.

Ora, o segundo, obedecendo muitissimo ao feito litterario do adaptador, nem é vigoroso, nem surprehendente; por consequinte, o cunho

sui-generis da obra do genial dramaturgo inglez que durante consecutivos annos foi tido como um poeta selvagem, desapareceu, quasi inteiramente, n'esta recente adaptação.

Shakespeare comprazia-se em vincar tão fundas as suas personagens, obrigando-as a reflectir, a pensar, e a actuar d'um modo excepcional á nossa vista, como verdadeiros philosophos, na maior parte das vezes que ás suas peças se podem chamar, sem receio de errar, verdadeiros tractados de profunda philosophia social. O sr. Julio Dantas, pelo contrario, costuma aligeirar tanto as figuras do seu theatro em proveito das exterioridades, decerto para entreter os nossos olhos, que a propria vida psychica de semelhantes creaturas assim apresentadas, fica, muitas vezes, obscura.

Aquelle era um poeta d'uma rara introspecção; este um espirito meridional, bolicoso, decorativo, capaz de enfeitar os seus alexandrinos de imagens claras e elegantes; porém, incapaz, segundo me parece, d'um trabalho de analyse, meticoloso e forte.

Mas para quê mais comparações que ao proprio sr. Dantas repugnariam?! E eu sou tanto mais insuspeito quanto espero ainda da sua intelligencia, apesar de tudo, uma peça que me agrada inteiramente.

Emfim, sendo Shakespeare em absoluto diverso do seu novo adaptador, em temperamento, capacidade, arte, orientação e raça, sem fallar, até no tempo que um do outro separa, estava previsto que o segundo, nunca poderia, pôr mais que mais que quizesse, interpretar valiosamente o drama magistral do primeiro, para o dar numa obra que d'algum modo conservasse a marca indelevel do grande Will. O que se descobre então no *Rei Lear* representado ultimamente no Normal, é uma especie de aproveitamento do thema da peça, ainda que em alguns pontos alterado accentuando-se, em demasia, as suas exterioridades. Pode-se mesmo dizer que Shakespeare passou a ser, da sua propria idéa, um simples collaborador, ou seja alguém cujo pensamento outro modificou conforme o seu parecer.

Se isto é um bem, se isto é um mal, os senhores o dirão, pois quanto a mim, no seguimento da tarefa que me impuz de notificar a minha opinião sobre o novo trabalho litterario do sr. Dantas, cumpre-me dizer, apenas, que tão grande divergencia de feitios occasionou uma palpavel deturpação de caracteres, das principaes personagens do drama.

E não seria, tambem, este facto proveniente de má comprehensão, da parte do adaptador, dos intuitos superiores de Shakespeare? Eu creio que sim; pois, descontando mesmo a differença de personalidades, ha a notar que sendo o *Rei Lear* uma epopeia dramatica, formidavel e colossal, assente sobre uma lenda mytho-historica, mas esculpida em documentos de pura observação e indestructivel criterio, a ponto de se tornar num monumento gigantesco, symbolo integral da ingratição humana, — na adaptação portugueza não passa a acção d'uma vistosa lucta

de incidentes, na qual andam ás ochas pormenores, detalhes, phantasias e conceitos.

Eu me explico.

O principal papel d'esta peça, que é o rei, cuja generosidade e candura, alliadas a uma fidalga altivez e extranha originalidade, o levam a doar o seu reino ás suas duas filhas Gonerill e Réjane, desprezando a terceira que é Cordelia, pela simplicidade do coração d'esta em desarmonia com a grandeza de seu pae, ao passo que no drama original nunca deixa de dar provas irrefutaveis da sua feição característica, na obra do sr. Dantas revella incriveis contradicções. Assim, sendo elle um magnanimo Senhor, compenetrado inteiramente da sua majestade, vendo as pessoas e as cousas com os seus olhos soberanos, de rei que envelheceu entre adulações e contumelias, sem jámais conhecer as pequeninas misérias da vida, em Shakespeare é integro, e na adaptação portugueza é vario, fragmentado, espalhafatoso e postiço. Finalmente, o primeiro não deixando nunca de ser um grande rei e um generoso coração, ainda mesmo nos castigos e nas injustiças, leva-nos a estimal-o sempre; emquanto que o segundo, por enfatuado e vaidoso, nem na sua adversidade nos commove.

D'esta sorte, do pobre Lear de Shakespeare, sente-se pena quando a desgraça o fere; do outro, nem temos pena, nem compaixão, nem remorso, porque as suas futeis exterioridades desde principio que não nos prenderam a sympathia. Ficamos, então, despreoccupados pela sua dôr, pelo mesmo motivo que a sua grandeza nunca se tornou sympathica.

Eis aqui está como o original inglez começou a ser deturpado. Ora se o drama de Shakespeare nos dá, ao lel-o, uma continuada impressão de tragedia, em todo elle; o trabalho do sr. Dantas entretendos-nos apenas os olhos com linhas exteriores mais ou menos apparatusas, e os ouvidos com alexandrinos mais ou menos sonoros, jámais produz no nosso espirito semelhante impressão.

Mas analysemos, agora, se estas alterações tendo transformado o character de Lear, não são de molde a deturpar, tambem, o character das outras personagens.

Sabem que esta peça, sendo uma grandiosa epopeia, como já disse, é, ao mesmo tempo, uma especie de monographia theatral.

Em volta de uma gigantesca figura vivem e actuam outras figuras secundarias, como engrenagens que um eixo principal move e equilibra. Assim, conforme o valor do protagonista, se desenvolve a força dos outros papeis. E' d'elle, do rei, que depende tudo n'aquelle drama, — a alegria, a vida, a tristeza, ou a morte.

Pois bem; alterado esse enormissimo typo, symbolo da grandeza, os outros papeis é claro, que, immediatamente se desequilibram. Senão reparem. Se fosse possivel modificar a estatura de Lear, ainda para maior, as restantes personagens cresceriam em destaque. Sendo, ao

contrario, amesquinhasdas as proporções d'essa gigantesca figura, a relatividade das outras diminuem, do mesmo modo. São valores correlacionados, como numeros d'uma equação.

Vê-se, portanto, que perdendo de vulto o rei, todos os outros haviam de soffrer identico prejuizo, isto é, tanto o afeiçoado bobo, como o valioso Kent, como o honrado Gloster (o sr. Dantas chama-lhe Gloucester, não sei porquê), como a sincera Cordelia, e até o extravagante Edgardo, emfim, todas as personagens boas da peça. Mas, as más igualmente se resentem do mal d'aquellas. Porque o combate fica desigual, e toda a peça é um combate entre creaturas ingratas e creaturas generosas, que é como quem diz entre o Genio do Bem e o Genio do Mal. O rei, esse, que viveu durante muitos annos da sua vida alheado a egoísmos e maldades, vindo a conhecer os homens somente na adversidade, por seu turno significa que os grandes não podem ver os males dos pequenos pela razão da sua propria grandeza que os offusca.

Logo, o velho Lear é na peça o porquê de toda a acção, difficil, por isso mesmo, de interpretar no palco.

E, seja dito de passagem, que o fracasso do actor Ferreira da Silva a quem coube este espinhoso papel, contribuiu bastante para evidenciar ainda mais os defeitos da adaptação. Eu sei que é custoso engrandecer uma figura cujas linhas exteriores foram apenas vincadas; em todo o caso é curioso notar como, tambem, os erros dos auctores arrastam a outros erros os proprios actores.

D'esta sorte fica provado, creio eu, que não só o character de Lear foi incomprehendido, pelo adaptador, como, do mesmo modo, os outros caracteres soffreram com esta flagrante incomprehensão.

E visto isso, vejamos, em ultima analyse, se na factura da obra o sr. Dantas foi mais feliz.

Comparando o original inglez com a sua adaptação vê-se, em muitos pontos, alterações sensiveis, ao lado de outras alterações minimas. Em verdade as segundas são de certa maneira perdoaveis pelas necessidades da scena moderna, ainda que quasi todas ellas possuem o mau séstro de serem palavrosas ao contrario do feittio shakespeareano. Porém, as primeiras tão profundamente confundem a acção que se tornam inexplicaveis.

Entre estas está, além de outras [mais, por exemplo, uma caprichosa volta do rei, exhibindo-se deante dos nossos olhos, de regresso da floresta louco e victorioso.

Pois era lá possivel dar-se isto, no proprio salão onde as duas crimi-nosas filhas se encontram, bem guardadas com as suas escoltas, sem que tal factó viesse chocar, por completo, o enredo da peça, a inteireza da acção, e a integridade dos characteres?! Oh! não. O sr. Dantas fazendo-o, não só mostrou desprezar o conceito magistral do *Rei Lear*, como ainda por cima commetteu uma irreverencia pelo genio de Shakes-

peare, a quem Victor Hugo dizia admirar *tout comme une brute!* Shakespeare, saiba-o toda a gente, não se emenda. Restringi-lo, é perdoável; emenda-lo, não.

Depois a morte de Cornuilles praticada por Edgardo, como o sr. Dantas fez, contraria, até, os dictames da peça baralhando detalhes e confundindo preceitos.

Em seguida, a eliminação de profundissimas phrases de altissima philosophia, que Shakespeare empregou, grandes pela sua generalidade e magistraes pela sua relação com as situações do drama, tambem avulta em desfavor do adaptador.

Ora, a par de todos estes enormes defeitos, como se por si só não fossem já bastantes, para nos contundirem o espirito, ouvem-se alguns versos como estes, que são incriveis ditos pela bocca do proprio rei:

«Tu? Que pretendes tu? Vens pedir-me perdão?
 «E's adúltera, dize? Uma mulher perdida?
 «Preboste da justiça, — eu perdoo-lhe a vida!
 «Quebraste a cinta d'ouro: é cinza o que te resta...
 «Não vale a pena ser-se uma mulher honesta»

Ou, quando na floresta ainda, ao apparecer Gloster, Lear exclama:

«Um capello vermelho! Um capello vermelho!
 «Eu te sagro doutor, — doutor do meu conselho!

 «Vinde, reitor, deão, syndicos, potestade:
 «Podeis mandar abrir a Universidade!»

Francamente, tudo isto, além do anachronismo extravagante, d'um rei lendario pedir universidades e fallar em capellos, se não é um mau capricho do sr. Dantas, revela uma incuria phenomenal.

Emfim, meus amigos, como todã a recente adaptação portugueza se apresenta eivada de erros de conceito, erros de observação, de analyse, de factura e até de logica, como lhes demonstrei, eu paro por aqui.

Em seu favor, terá, talvez, o adaptador alguns alexandrinos claros e bem lançados; comtudo isto creio que não basta, em obra de tamanha responsabilidade.

Por conseguinte, a nova producção litteraria do sr. Julio Dantas é d'uma infelicidade pasmosa, não lhe valendo sequer a collaboração *post-mortem* do maior Deus de todas as litteraturas, que é Shakespeare.

E, para terminar, devo dizer-lhes que a interpretação que deram no Normal a esta peça, tambem não foi melhor, excepto por parte do actor Ignacio que fez todos os esforços para salvar o seu ingrato papel de bobo, e de Luz Velloso que empregou algumas notas de sentimento no seu amoroso papel de Cordelia.

Mas o resto foi uma verdadeira lastima.

**A temporada
estrangeira***Theatro D. Amelia*

Apoz a revoada sonora de Mathieu Crickboom, Arthur de Greef e Elsa Rügger apegando-se curvada e deliciosa ao seu violoncello mavioso, como uma cariatide que desatasse a fazer musica, arribou ao D. Amelia a loira Charlotte Wiehe, uma dinamarqueza esbelta, parisienada á pressa, com a sua *troupe* reduzida a que faltou, contra o annunciado, o comico Séverin-Mars que, segundo noticias criveis, é um dos mais aproveitaveis tinos do theatro extra-official francez.

E' pena que não haja um diminutivo d'arte que, sem lhe extorquir todo o character, não trouxesse tamanhas responsabilidades, porque esse termo d'artesinha se encasquetaria tão lindamente na cabecita airosa de Charlotte Wiehe como o elmo doirado de bailadeira que a touca na *Main*.

Começou por bailar e do rythmo da dança passou naturalmente á mimica e está nella o seu segredo.

E' certo que falla — um francez interessante cortado de inflexões e accentuações germanicas, um francez escachado em que todas as letras soam — mas mesmo fallando, mima.

São dois processos que ella juxtapõe nos papeis e d'essa prodigalidade artificiosa d'expressão brota uma intuitiva e evidentissima exteriorisação das personagens.

Os seus gestos incisivos, a sua physionomia variada, os seus multiplos entônos de olhar e rosto, a facilidade com que esboça caretas e recorre ao amuo grotesco e aos tregeitos em áparte, tudo nella revela a mimica.

A sua gesticulação abundante pormenorisa-se infinitamente; borda miudamente com attitudes, ademanes, esgares, cambiantes tenues de physionomia e gesto os papeis. A phrase geralmente mal dita, acompanha-se d'uma movimentação atropellada, como se, á laia de musica, a expressão se conseguisse á custa d'uma agilidade extraordinaria de notas.

De toda essa mobilidade e vivacidade dimana uma novidade graciosa, um crepitar incessante em scena, que a fazem uma expressiva bonequinha que prende e encanta.

O repertorio foi escolhido para a mostrar ao natural na pantomima e com môlhos diversos de interpretação e dicção. Assim *La Main* e *L'homme aux poupées* deram a nota de duas futilidades interessantes em que ella brilha como mimica, genero em que fez ainda *Le Petit Corse* e *L'enfant prodigue* dois engulhos terriveis que despidos do possível valor das partituras — tocadas descoloridamente ao piano acompa-

nhado pela rabeca do marido, o maestro Berény — tiveram todo o ar de pesadellos em que se não falla.

O outro *menu* apresentou-nos *Le je ne sais quoi* de Croisset e Waleffe que Charlotte Wiehe creou em Paris com certa originalidade, *Souper d'adieu* uma apalhaçada semsaboria e *Pour être aimée* de Xanrof e Carré, escandalosa e mordente que ella fez descabelladamente com toda a sua ingenuidade perigosa *d'enfant terrible...*

Depois de Charlotte Wiehe já nos appareceram Miecio Horszowski um pianista de covado caçando oitavas com a facilidade com que naquella idade se caçam borboletas e Stefi Geyer uma violinista hungara e moça, habilissima.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

THEOPHILO BRAGA

Ainda que rapidamente, não queremos deixar de saudar pelo seu anniversario o grande e illustre escriptor Theophilo Braga, que tão nobremente — e por desgraça nossa, tão isoladamente — sabe fazer amar a sua patria nos seus livros que, sendo d'uma profunda erudição, nos dizem, pelo entusiasmo que nasce d'elles, pela paixão que os anima, a alma do Poeta que os escreveu.

CORREIO

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

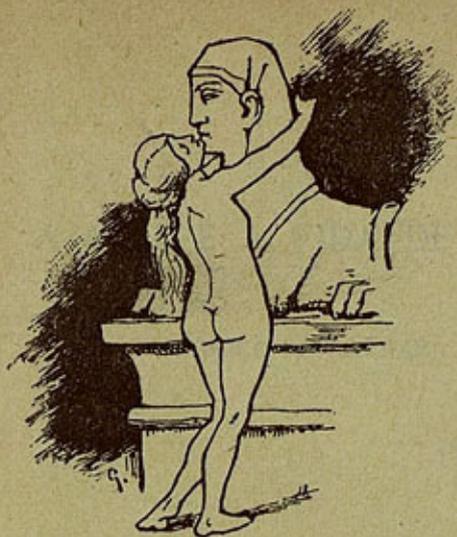
Luç e Vida. — Revista de sociologia, arte e critica. — N.º 1 — Fevereiro. A destacar das suas páginas uns versos, bem feitos e vibrantes, de Thomaz da Fonseca.

Alma Portuguesa. — Orgão d'academia. — N.º 2 — Fevereiro. E' lamentavel que haja tão pouca mocidade n'esta revista de gente moça. Collaboração—mediocre.

Estudos Sociaes. — Revista mensal catholica. — N.º 1 — Janeiro. Publicação anachronica, animada d'um grosseiro espirito de seita, e em que destoa violentamente um artigo do nosso collaborador Padre Manso, cujas opiniões originaes e fortes se ageitam mal na banalidade ambiente.

O retrato de Bordallo que abre este numero, foi desenhado por Roque Gameiro por uma photographia de Arnaldo da Fonseca, cedida expressamente para a *Arte & Vida*.

Por absoluta falta d'espaco não é ainda publicada n'este numero a resposta de João de Barros a João de Deus Ramos; nem a secção *Livros* relativa ao mez de Fevereiro. Fica tudo para o proximo numero.



N.º 5

MARÇO — 1905

ARTE & VIDA

SUMMARIO

- A arte e a vida de um caricaturista — *Teixeira de Carvalho*
A capacidade craniana dos criminosos portugueses — *Costa Ferreira*.
Industrias populares — *Manuel Monteiro*.
Soneto d'outomno — Paisagem d'inverno — *Silvio Rebello*.
Ninho desfeito — *Campos Lima*.
A theoria economica do valor — *Alfrêdo Pimenta*.
Resposta a João de Deus Ramos — *João de Barros*.
Kalendario — *Fernando de Utra Machado*.
Theatros — *Manoel de Sousa Pinto*.
Livros — *Manoel de Sousa Pinto e Camara Reys*.
Um desenho de *Christiano de Carvalho*.

Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Thomaz da Fonseca, Silvio Rebello, Nunes Claro, Antonio Patricio, Candido Guerreiro, Manuel da Silva Gayo, etc.

Prosa de Teixeira Gomes, Antonio Augusto Gonçalves, Annibal Fernandes Thomaz, Rocha Peixoto, Basilio Telles, Arnaldo Fonseca, Joaquim Madureira, Lopes d'Oliveira, Alvaro de Castro, Homem Christo, Luiz da Camara Reys, Padre Manso, etc.

Desenhos de Christiano de Carvalho.

A ARTE E A VIDA DE UM CARICATURISTA

ESBOÇO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

II

A caricatura politica portugueza data do seculo passado apenas e é uma conquista da arte popular.

Ha mais de uma gravura, cuja intenção caricatural é incontestavel, e que se refere á vida política portugueza, antes das luctas da invasão napoleonica; mas são de artistas estrangeiros e pertencem portanto á historia da evolução artistica de outros paizes.

Assim é que, no periodo das guerras da restauração, a lucta entre o dragão symbolico de Portugal e o Leão emblematico da Hespanha é o motivo de singulares gravuras em cobre, que, comquanto do dominio da historia portugueza, não o são todavia do da historia da caricatura em Portugal; porque são assignadas por artistas estrangeiros, que, nem indirectamente pela acção sobre artistas nossos, influíram no movimento da arte nacional.

A lucta que os jurisconsultos travavam em latim classico e com grande reforço de erudição, era resumida no frontispicio e nas estampas que decoravam as sumptuosas edições, em desenhos que contavam pittorescamente, na forma dos enygmas vulgarizada pelos escriptores do renascimento, a liberdade ou a sujeição de Portugal.

Essas gravuras estão intimamente ligadas; porque são muitas vezes a adaptação do mesmo desenho a que se faz fallar a linguagem contraria.

A lucta entre o dragão de Portugal e o Leão hespanhol que forma a parte superior do frontispicio da *Lusitania liberata* de D. Antonio de Souza de Macedo é a caricatura de estampa analoga de E. Quellin que vem como frontispicio de *Phillipus prudens Caroli V. imp. filius Lusitaniae, Indiae, Brasiliae legitimus rex demonstratus*, em que D. J. Caramuel Lobkowitz pugna pelos direitos dos Philippes á corôa portugueza; o dragão, porém, que n'aquella é o vencedor, é n'esta o vencido.

Na gravura do livro de D. Antonio de Souza de Macedo, o dragão rugue sobre o leão, levantando a fronte coroada n'um movimento de triumpho, emquanto o leão deitado, de patas para o ar, arqueja, de

língua de fóra, a cabeça dominada pela garra do dragão. E' exactamente o contrario do o que diz a gravura de E. Quellin.

Estas duas gravuras têm o aspecto caricatural das luctas dos monstros que occupam um logar tão importante na caricatura da China e do Japão.

Estampas d'estas corriam como imagens patrioticas, com versos latinos que resumiam os longos commentarios que sobre ellas bordavam os polemistas. A idéa que reproduziam era, ao que parece, do auctor das obras, por educação perito na linguagem symbolica.

Gravura, que sahisse d'uma facção, era parodiada pela outra e editada com todo o luxo em soberbas tiragens.

O mesmo se deu mais tarde com as pobres caricaturas do *Supplemento humorístico ao Patriótico* que temos em luxuosas tiragens em velino, avidamente disputadas pelos patriotas.

N'estas gravuras do seculo XVII, que pela sua intenção, symbolismo e feição polemística devem ser consideradas como caricaturas, ha uma curiosa que anda na mesma obra de D. Antonio de Souza de Macedo.

Representa o Dragão, emblema de Portugal, enroscado ao tronco de uma laranjeira, a cabeça descançando sobre as patas, de olhos cerrados, orelha á escuta, as garras ameaçadoras.

O alto da gravura é occupado pela copa da arvore carregada de laranjas; em baixo, sobre o solo, dormita o Dragão; ao longe some-se o mar abraçando ilhas pequeninas, recortando a costa sinuosa em que se elevam os montes, vicejam as florestas, e se esbatem na poeira luminosa do sol as cidades distantes.

Como legenda os dois versos :

In tempus vigilo, simulans dormire ; neq̄ ullum
Iam timeo Alcidem, Lysius arma colens.

Portugal o jardim das Hesperides, *la terre ou fleurit l'oranger*, o jardim da Europa á beira-mar plantado.

No seculo XVII! O tempo que uma phrase leva a envelhecer. . . .

Esta guerra de symbolismo não passou para o povo, e as estampas, tão dignas de coleccionar-se, não tiveram influencia determinante no apparecimento da caricatura popular.

Em Portugal, conhecia-se bem o valor da lucta politica pela imagem; mas a estampa era só feita para quem sabia ler e podia interpretar os commentarios em prosa e verso que as acompanhavam.

Na arte popular as guerras da restauração não deixaram vestigio senão nas sedas bordadas, nas delicadas obras da olaria nacional que então se levantava tão alto na imitação das porcelanas da China e do Japão, e em que começava a vêr-se apparecer a representação da vida

popular, o amor da gente do povo pela caça, a ida para a pesca, as horas passadas a ouvir os casos raros, as victorias que os cegos cantavam, acompanhados pela flauta e pela sanfona; vê-se ainda o reflexo d'essas luctas nas incrustações de prata e de marfim do luxuoso mobiliario nacional.

Por toda a parte o espirito nacional lançou os seus guerreiros armados, ou em trajos de côrte; em parte nenhuma a arte popular deixou a indicação d'uma caricatura portugueza, apesar da enorme quantidade de folhetos em prosa e verso d'aquella epoca, tão rica, da litteratura popular em Portugal.

No seculo XVIII, a guerra aos jezuitas deu origem a um grande numero de estampas, algumas deliciosamente desenhadas e gravadas; mas em que será difficil encontrar uma assignatura portugueza. As estampas, que conheço, são todas assignadas por estrangeiros, e algumas pela precipitação, com que foram feitas, são d'um desenho gracioso, d'uma grande espontaneidade e d'uma simplicidade de traço, que as approxima do modo de desenhar espirituoso e leve que originou o invento da zincographia.

Era para o estrangeiro que estas gravuras, em que deve andar o dinheiro portuguez, eram feitas. O campo da lucta tinha-se deslocado para fóra do nosso paiz depois dos primeiros e irremediaveis desastres, que a companhia de Jesus tivera em Portugal. A principal acção passava-se na côrte de França, e na curia romana; por isso as legendas das luxuosas gravuras são em francez e italiano.

Algumas são verdadeiras caricaturas, pela expressão exagerada em que pretendeu fixar-se a cobardia, a hypocrizia, e a maldade da companhia, e querem simular retratos; outras são d'um symbolismo complicado, explicado em longas legendas.

Poucas, e sem valor, são as caricaturas relativas á invasão napoleonica, que foi tratada tão magistralmente pela caricatura ingleza. Os retratos de Napoleão, e a figuração da sua arvore genealogica, espalhados por Portugal, têm o aspecto caricatural pela inferioridade dos artistas que as executaram. Encontramos um arremedo leve de caricatura nas façanhas do nosso *exímio* artilheiro João Farinha, e nos desenhos das *bravuras* dos nossos soldados de cavallaria contra os soldados francezes, grito de gloria que a inexperiencia converteu num motivo caricatural.

Alguma caricatura de valor que apparece é copia de trabalho estrangeiro.

E' necessario chegarmos ás luctas liberaes para vermos apparecer a caricatura politica em Portugal.

N'esse longo periodo de lucta, a caricatura nasce e desenvolve-se. Cria-a o povo. E' na industria popular que apparece, na litteratura de cordel, na ceramica patriótica de que restam tão raros exemplares.

São o riso alto e grosseiro do povo. Uma para exemplo: D. Pedro IV é representado de pé, em traje de côrte, de manto e sceptro; as pernas que são moveis e coladas pela cintura á folha da caricatura, quando se levantam, deixam vêr o corpo nú do imperador, e fazem adivinhar o uso que vae dar á carta constitucional que tem na mão.

Pelo entrudo, corriam caricaturas de D. Maria II e dos heroes das campanhas liberaes, com disticos comicos sublinhando as attitudes burlescas, os actos naturaes, em que eram representados.

A feição caricatural d'estes desenhos populares é muito mais accentuada do que a das estampas dos grandes jornaes em que começou a caricatura politica portugueza.

As caricaturas dos jornaes burlescos das luctas politicas portuguezas andam muito longe das preocupações artisticas.

Os desenhistas desconhecidos, que assignam, quando assignam, com pseudonymos, não eram artistas, eram apenas pessoas em que se reconhecera habilidade para fazer um retrato semelhante de um adversario politico. A parte litteraria limitava-se apenas a inscrever por baixo o stigma de ladrão e a especificar a lista longa de roubos e violencias que se lhes assacavam.

O desenho é pessimo, feito precipitadamente, a explorar uma irritação de occasião, uma impressão de momento. Por isso o desenho é fraco e summario. Algumas caricaturas não têm mesmo desenho algum, e são esboços sem valor, feitos em alguns minutos.

Mostra que a caricatura portugueza não estava entregue a aptidões artisticas o facto de não vermos irem-se accentuando em traços caricaturaes, os traços phisonomicos de personagens politicas, tantas vezes retratadas.

O pouco tempo, em que algumas caricaturas foram evidentemente improvisadas e realizadas, deveria tambem contribuir para fazer revelar o espirito do caricaturista, que porventura houvesse nos mesquinhos desenhistas dos jornaes politicos burlescos. Esse espirito porém não se revella. Quando não tem tempo, o caricaturista desenha como uma creança.

O texto dos jornaes burlescos é colorido, de grande phantasia descriptiva, por vezes inspirado no espirito francez, applicando á nossa situação os echos das convulsões politicas da França; mas o desenhista não acompanha o texto, não tenta traduzir aquella linguagem que devia leva-lo á invenção da caricatura.

Os jornaes burlescos não deixaram de ser feitos com espirito por serem escriptos na linguagem da insolencia e do insulto.

Alguns exemplos colhidos ao acaso:

«Vae enforcar-se a Fazenda!... O sr. Franzini, empregado na Cordoaria, acaba de ser nomeado ministro!»

«A escripturação do Thesouro, é toda por partidas singellas, e muito singellas; reduz-se simplesmente: a — Deve — Hade Haver — e Venha a nós.»

«O *Estandarte* queixa-se da falta de unidade no actual ministerio. Tem razão: não ha senão zeros!»

«*Formulario para fazer artigos de fundo para o
Diario do Governo*»

Facções, delirios, anarchia, desorganisação e desordem.. Libras duas
Roubo, assassinio, licença, caracteres-obnoxios, atrocida-
des, desatinos Lb. 1 e meia
Rebeldes, rebellião, rebeldia, revoltosos. Lb. quatro
Dissolva em agua de insipidez Libras duas
E junte de carta e rainha e de rainha e carta quantum satis, ad
gratium saporem.

Misture e mande.

11
18 — 47
10

Dr. Adulterio.»

Exemplo de annuncio burlesco:

VENDAS

«Vendem-se em hasta publica as fardas de seis ministros salientes; nas secretarias d'estado respectivas se ajusta o preço d'estes trastes que estão no melhor uso.»

Para terminar, um artigo do *Supplemento burlesco* ao n.º 969 do *Patriota*:

CARTAZ, ANNUNCIO OU NOTICIA

*Dos grandes exercicios, volteio, saltos perigosos, jogos gymasticos
do famoso equilibrista Mr. Tojaly*

Acaba de chegar a esta Capital Mr. Tojaly, o primeiro palhaço da Europa, o saltimbanco dos saltimbancos, o trampolim mór deste seculo.

Mr. Tojaly visitou as principaes côrtes da Europa, e teve a honra de desenvolver todo o seu talento acrobatico na presença de grande numero de soberanos.

Na côrte de Londres recebeu Mr. Tojaly os maiores applausos, chegando a tal ponto o entusiasmo do distincto artista, que, querendo dar o grande salto de trampolim, escapou-lhe a maromba e *quebrou*. Mr. Tojaly, dá cambalhotas nunca vistas nesta illustre Capital, e inteiramente novas e variadas. Entre outras, vira a cabeça com os pés. Em cambalhotas é o primeiro *clown* no seu genero.

Além de engolir espadas, se fôr do agrado do publico, engolirá a Nação!!! No famoso salto do credito publico, é inimitavel, nada deixa a desejar.

A cambalhota do banco é tão habilmente dada e de tal força que quasi o deixa exausto.

No volteio da escada ascendente executa as mais bem combinadas empalmações.

Mr. Tojaly não é um desses artistas, que prometta e não execute. As suas obras são publicas, e tem feito a admiração de meia Europa.

Domingo proximo terão logar no circulo do Amôr da Patria as primeiras empalmações e saltos perigosos de trampolim de Mr. Tojaly: executará igualmente a grande cambalhota chamada das finanças, e depois de varios outros exercicios gymnasticos, terminará o divertimento por um grande fogo de artifício, no qual apparecerá em um transparente—Roma com todos os seus monumentos e obras publicas.

Tal é o escolhido espectaculo com que Mr. Tojaly espera merecer o acolhimento do illustrado publico da Capital.

N. B. Os ricos proprietarios tem entrada gratis.

Principiará ás 7 horas da noite.

O DIRECTOR,

Roma.»

Esta linguagem, que a caricatura diz tão facilmente, não teve artista que soubesse traduzi-la em Portugal.

Chronicas theatraes, espectaculos de circo, noticias politicas tudo é feito nesta linguagem espirituosa e leve que tão bem fallou mais tarde Raphael Bordallo Pinheiro.

O caricaturista tem porém outras preocupações, os seu processos são outros: uma physionomia conhecida e por legenda—*Um ladrão!*

Ha apenas uma excepção. *A Matraca*, publicação satyrica, que se dizia moral, politica, e publicadã por uma sociedade de litteratos sem refolho, publicava desde o seu numero 23 a *Galeria Pitoresca dos heroicos magnates da Corte de Maria da Fonte*, como illustração ao texto. Essas estampas eram commentadas no texto do jornal. A partir, porém, do numero 37 (5 de Janeiro de 1858), as estampas deixam de ser commentadas no texto de *A Matraca*.

Os traços physionomicos quasi se não alteram com medo não vá alguém deixar de reconhecer o caricaturado.

Os retratos cuidadosamente feitos são ligados aos corpos de bodes, burros, rapozas ou camellos; o povo entende facilmente aquella linguagem, ri e archiva.

Os numeros esgotam-se rapidamente, e as tiragens em separado, em magnifico velino, desapparecem tambem.

Hoje estes documentos são de raridade extrema.

Abandonado á sua falta de espirito, o caricaturista revela-se, como no desenho, inferior.

A linguagem dos jornaes satyricos é da maxima violencia, os desenhistas têm todas as audacias.

Rarissimos são os desenhos d'este periodo agitado em que possam adivinhar-se preocupações artisticas.

Não fôram porem os artistas extranhos ás luctas liberaes. Para o provar basta examinar com um pouco de attenção a lithographia anonyma, com a data *Porto 1833* que se refere á victoria das tropas liberaes nos combates porfiados e sangrentos de 25 de Julho de 1833, nas linhas do Porto.

Era depois da perda da esquadra de D. Miguel; corriam novas da tomada de Lisboa pelas tropas liberaes; o general Bourmont desembarcara em Villa do Conde com outros officiaes francezes. D. Miguel resolvera tentar uma acção decisiva aproveitando o prestigio militar, que davam a Bourmont as suas victorias na Argelia; fez espalhar que a esquadra liberal fora batida, que Lisboa se conservava fiel, e ao amanhecer do dia 25 de Julho atacou audaciosamente toda a esquerda, desde a direita do reducto do Pinhal até ao Carvalhido, distrahindo com escaramuças parciaes a direita.

Todos os ataques fôram victoriosamente repellidos, Bourmont ficou vencido.

A lithographia, que conserva um grito d'esta victoria, representa o general Bourmont entre a fama das suas victorias em Argel que cahe por terra, e uma caveira de burro que se ergue do chão.

O general de braços descidos e rigidos, mãos abertas deixando fugir a espada, tropeça n'uma granada com a data *25 de Julho—1833. Porto.*

Sobre a granada um sedeiro onde o general irá *dar com as ventas*, que se franzem sublinhando a legenda que subscreve a estampa — *Isto não cheira a Argel.*

Ao longe vê-se a alegria nos fortes que içam victoriosa a bandeira liberal, em quanto que a legitimista desce lamentavelmente.

Dos mastros dos fortes, encimados de corôas de louro, voam flâmulas com as legendas — *Viva a constituição, Viva D. Pedro, Viva D. Maria II.*

Esta lithographia, não assignada, que denunciamos aos colleccionadores, é de João Baptista Ribeiro.

Apesar do character de enygma pittoresco, que por muito tempo teve a caricatura em Portugal, esta estampa faz pelo cuidado do desenho e pelo toque artistico uma excepção rara na obra caricatural d'esta epocha.

Estas caricaturas falavam porem uma linguagem que todos entendiam e eram cuidadosamente archivadas como joias de familia, apesar de poucas terem cunho artistico que lhes assignale algum valor.

A invenção é por vezes interessante. *Um pobre... de espirito* é a legenda d'uma caricatura de mau desenho, assignada *Cecilia* e com a indicação de ter sido estampada na *Lith. Franceza*. Figura o Saldanha vestido de mendigo cego, tateando o chão com o cajado e dirigido por um caranguejo que leva deante preso por uma corda.

A linguagem é a do insulto. Uma caricatura do *Supplemento burlesco* ao n.º 1541 do *Patriota* representa um edificio com a letra *Sete Casas*, outro que tem escripto *Calçada da Estrella*, outro com o distico *Poço novo*. Na rua, embuçados, o marquez de Thomar e o irmão. Legenda esta phrase espirituosa, incisiva e breve; *Sete Casas, dois palacios e dois ladrões*.

O insulto, as alusões calumniosas á vida particular, que nem a honra da familia respeitavam, e que se desenhavam pacientemente com o tracejar delicado d'um miniaturista, para tornar bem conhecidas as figuras femininas, a quem se faziam as accusações mais torpes, sem respeitar-lhes o character de esposas e de mães, tudo é caricaturado n'essa epocha agitada da lucta á mão armada nas aldeias, como nas ruas mais populosas da cidade.

O supplemento burlesco que *A Matraca* publicava como illustração ao seu jornal acabou; porque *A Matraca* não quiz auctorizar a caricatura que acompanhou o seu numero 44, e que não ha paixão politica que possa desculpar.

O traço é já caricatural em algumas, mas raras, caricaturas d'essa epocha. *Rapaz do invicto* é uma caricatura publicada pelo *Patriota* em que a personagem politica é representada de farda de sota, com uma luz na mão, e o corpo deformado por maneira a dar uma intensão insultuosa ao traço organico que se exagerou. Esta estampa é pelo espirito e pelo traço uma boa caricatura.

Estes exemplares são porem verdadeiras excepções. Os caricaturistas viam as caricaturas tão brilhantes da França d'esse tempo sem as comprehender. No texto dos jornaes burlescos descobre-se bem a influencia dos artigos satiricos estrangeiros que os inspiraram. Na obra do caricaturista não. O caricaturista copia sem se apropriar do processo. Por vezes um desenho dá-nos a illuzão de que o artista aprendeu com a faina violenta de tantos dias de combate. A caricatura seguinte tira-nos essa illuzão: o artista copiára apenas n'aquelle dia uma caricatura estrangeira, cujo espirito não percebera, cujo traço não soubera admirar.

Mais uma vez se confirma a lei que enunciamos no primeiro artigo d'este esboço critico; não podia haver grande caricatura, onde não havia a grande pintura.

A caricatura havia de nascer com o alvorecer da pintura portugueza, com Metrass, com Patricio, com Rodrigues, com Annunciação e com Lupi, havia de sahir da contemplação de longas horas, da admi-

ração da alma portugueza, espreitada com sobresalto no alvoroço do primeiro amor d'artista.

Nem as revoluções politicas, nem os odios de momento podiam dar origem ao que só a arte poderia realizar.

A nossa litteratura satyrica tão grande em todos os periodos da historia portugueza, que se afirma tão brilhantemente já nos cancioneiros anteriores ao renascimento, e continua nos folhetos politicos, nas brochuras patrioticas do seculo XVII, na critica de costumes do seculo XVIII, nos pamphletos liberaes do seculo XIX não teve reflexo em pinturas ou desenhos de valor; raros e insignificantes são os motivos architecturaes que nos possam revelar intenções caricaturaes nos esculptores, que não sejam o reflexo da litteratura estrangeira, obra de artistas doutros paizes a soldo de Portugal. Pouco nos ficou na architectura militar.

Não podia haver caricatura onde não estivesse em plena florescencia a arte; mas não era bastante tambem só a existencia dos grandes pintores e esculptores, que assignalam as aptidões artisticas da nossa raça.

A caricatura nasceu em Portugal da agitação politica e do alvorecer da nossa pintura, e da nossa esculptura.

A caricatura nasceu então em Portugal com Nogueira da Silva. Elle é o antecessor de Raphael Bordallo Pinheiro.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

A CAPACIDADE CRANIANA DOS CRIMINOSOS PORTUGUÊSES

(CAPITULO DUM LIVRO EM PUBLICAÇÃO)

Ha fundas divergencias entre os auctores, no que diz respeito á capacidade craniana dos criminosos. Querem uns que o criminoso tenha uma capacidade inferior á do normal, e outros, pelo contrario, uma capacidade superior. Para fundamentarem o seu parecer, uns e outros apresentam razões e documentos. Não são, porém, nem comparaveis os resultados, porque o *modus faciendi* da cubagem não foi sempre o mesmo, como aliás é preciso, nem se póde discutir sériamente, attendendo apenas aos valores da capacidade craniana, e não possuindo nenhuma indicação, pelo menos, sobre altura do corpo ou volume do tronco, factores capitaes da variação da capacidade do cranio.

Para nós, como para Ladame (1) «não existe nenhuma anomalia constante na capacidade craniana dos criminosos». Com este caracter dá-se o que se dá com muitos outros; não tem um valor, nem constante, nem especial. Estudando as variações de um caracter anthropológico numa série de delinquentes, hão-de fatalmente encontrar-se: valores normaes e valores anomaes.

O crime é um attentado contra as leis e os costumes estabelecidos, numa certa região, e numa certa epocha. E' variavel com a latitude e com o tempo. Actos ha que na sua essencia, debaixo do ponto de vista scientifico, são perfeitamente eguaes, mas que no emtanto por principios estabelecidos, se afastam, considerando-se uns como normaes e até dignos de admiração e outros condemnaveis e criminosos. Não obstante, todos implicam, por vezes o mesmo fundo somático, a mesma constituição, a mesma organização, o mesmo feitio; são fórmulas dynamicas do mesmo ser; apenas a convenção os separa.

Quantas vezes essas fórmulas, essas maneiras de proceder, são proprias a organizações anomaes e degeneradas! No emtanto, a maioria dos anthropo-criminalogistas, levados erradamente pela concepção juridica
dos crimes, em vão, buscam

(1) Cit. por Dallemagne: — *Stigmates anatomiques de la criminalité*. (Encyclopédie des aidemémoires).

buscam differença-los. Pelo contrario, quantos actos existem, que, embora considerados criminosos, podem e são commettidos, tanto por entes anormaes e atypicos, como por normaes bem constituídos!

Um acto criminoso, a infracção de uma norma social estabelecida, pode ser determinada por causas variadissimas.

Ha individuos que nas nossas estatisticas figuram como *normaes*, e, no entanto, teem por vezes, a constituição, o *substratum* proprio, capaz de determinar ou forçar á pratica criminosa. Só lhes falta a occasião, o *reagente*, ou então, passam ou fazem-se passar por actos sem importancia acções de significação suspeita, que esses individuos por vezes commettem, e que na realidade são muitas vezes bellos estygmata para orientar uma prohnose, ou pôr em acção um methodo prophylático.

Depois, o mesmo acto criminoso pode ter umas vezes a significação de um acto physiologico, e outras a de um acto pathologico. Pode-se desrespeitar ou infringir um principio estabelecido, por *ignorancia*, por *fatalidade* e até por *superioridade* ou adiantamento.

A justiça hoje quasi que só attende ao crime; pois antes só attendesse ao criminoso, e oxalá que tambem, em vez de se preocupar com classificar o acto, cuidasse principalmente do valor das suas causas.

Estamos ainda longe do tempo, em que essa justiça será uma coisa séria e justa.

N'um opusculo do dr. Ferraz de Macedo (*Os criminosos*), encontramos a pag. 84, uma série de exemplos, que confirmam e elucidam a nossa maneira de ver, e demonstram pittorescamente o ridiculo da therapeutica criminosa actual, a prisão dynamisada, como diz E. Ferri.

Mas isto tudo veio a proposito da capacidade craniana. E' que estudando a estatistica que de Lisboa nos mandou o illustre anthropometrista e criminalogista portuguez, o nosso preclaro e presado amigo, dr. Ferraz de Macedo, o possuidor do mais rico archivo anthropologico de Portugal, estatistica em que vêem consignados os valores da *capacidade do cranio calculada*, de normaes, assassinos e ladrões portuguezes (*vi-vos*), vimos que impossivel é chegar a definir um typo criminoso pela capacidade crañiana. Em normaes e em criminosos se encontram quasi todas as *nuances* da capacidade, e os limites de variação são, nuns e noutros, egualmente largos. Algumas differenças, entretanto, existem. A média da capacidade em 25 normaes é 1614^{cc}, em 26 homicidas 1708^{cc}, e em 25 ladrões 1634^{cc}. A capacidade attinge o maior valor nos assassinos, e depois nos ladrões, e desce menos tambem nestes dois grupos de

sujeitos. Nos normaes a percentagem dos crânios grandes é 40%, nos assassinos 61%, e nos ladrões 48%, e a dos crânios pequenos, nos normaes, 7%, nos assassinos 33%, e nos ladrões 8%. Para uma medida de 6 cubaguns de crânios, os quaes figuram o de Francisco Mattos Lobo (cranio normalmente constituído) e o de Diogo Alves (cranio cheio de anomalias), obteve-se o numero 1565^{cc}, inferior á média geral dos nossos crânios (1572^{cc}). A série, porém, é pequena, e nella figura o cranio de um gallego: Diogo

crânios d'assassinos portuguezes, entre

Alves. O mais interessante está em fazer notar que o cálculo das capacidades *kórmicas* médias (capacidades do tronco) nos normaes, homicidas e ladrões, mostra que o tronco é maior nos assassinos do que nos ladrões, e nestes maior do que nos normaes. O tronco mais volumoso pertence a um assassino, e o menos volumoso a um normal. Por ultimo, os troncos maiores são mais frequentes nos assassinos, e os mais pequenos nos normaes.

Em resumo, parece-nos poder concluir:

- 1.º— que os criminosos portuguezes teem geralmente uma capacidade maior do que os normaes;
- 2.º— que são tambem mais corpulentos do que elles;
- 3.º— que a corpulencia parece ser o principal factor da elevação da capacidade craniana dos criminosos;
- 4.º— que tanto nos homicidas, como nos ladrões, apparecem cranios de capacidade egual á dos normaes;
- 5.º— que os limites de variações naquelles são ainda mais afastados do que nestes;
- e 6.º— que, pela capacidade craniana é impossivel chegar a definir o typo criminoso.

Coimbra, 3 de janeiro de 1905.

COSTA FERREIRA.

INDUSTRIAS POPULARES

(Continuação do n.º 3)

A'parte a especializada laboração da *Estação de Fomento Agricola* de Mirandella e a d'uma ou outra iniciativa particular e sumida nas provincias de Traz-os-Montes ou Beiras a Sericultura finou-se entre nós.

Mais uma vez pesarosamente se registra este facto.

Não valeram dedicações, nem ensinamentos de quem, n'uma entusiastica propaganda, sonhou na reorganisação do fomento nacional. (1)

A industria da seda, talvez a unica que melhores condições de exploração offerece pela sua enorme utilidade retributiva e sem reclamar capitaes (salvo o valor convertido em trabalho, que aliás não prejudica outra occupação, a agricola por exemplo) como que se esgotou de velhice pelo desleixo lasso e indigno desprendimento, usados, proverbialmente, com toda a nossa riqueza.

Ella tem com effeito uma historia mui antiga. (2) Todavia é tão edificante e tão firme na sua amplitude que em lugar de lhe traçar a decrepitude e a morte, assegura-lhe uma inexaurivel resistencia e perdurabilidade quando d'ella se cuida a serio e com methodo.

Nasceu no Oriente, vinte e sete seculos antes de Christo, no fulgor apagado da caduca civilisação chinesa sob o patrocínio amavel e sentimental da imperatriz *Siling-Chi*.

Assim se lê no capitulo *In Kong* do *Chou-King*, um dos annaes da China coordenados por Confucius, o veneravel.

Do celeste imperio passou para o Japão e para a India. Muitos factos nol-a mostram na Babylonia. Entre elles, a formosa lenda mythica de Piramo e Thisbé suicidados por um tragico equivoco, á fria claridade da lua, sob a cumplicidade sinistra da branca amoreira fatal; esta, manchada com o sangue d'aquelle amor indizível e ardente, que fora impossivel impedir na vida e que assim se perpetuou indissolúvel-

(1) A este respeito: Pereira Coutinho, Menezes Pimentel e Rocha Pimentel.

(2) Veja-se o appendice á traducção portugueza do poema latino o *Bicho da seda* de Jeronymo Vida Cremonense 2.ª ed. da Acad. R. das Sciencias, 1897, em que se transcreve do *Journal de l'Agriculture* a pormenorisadissima *Historia da cultura do Bicho da seda*; veja-se ainda o sr. Rocha Peixoto na magnifica adaptação portugueza — *O Bicho da seda* — do *Cours de sericulture pratique* do sr. Laurent de L'Arbousset, pag. 14-30.

mente na morte, nunca mais deu fructos claros, mas d'um colorido sangrento-escuro, por mandado dos deuses sensibilizados com a supplica derradeira da desditosa Thisbé. (1)

Estendeu-se pois a Sericultura atravez de todo o Oriente e arrastou-se até ao imperio romano pela esperteza d'uns monges no tempo do imperador Justiniano (sec. VI) segundo o confessa Procopio — o historiador byzantino — na *Historia dos Godos* (Liv. IV, 17).

Ninguem a conheceu porém melhor do que o arabe. No seculo VIII — 740 — veio com elle para a peninsula hispanica. Cuidados agricolas no plantio da amoreira, preceitos seguros na criação do *bombyx*, processos technicos na preparação da seda, tudo isso estabeleceu com autoridade e experiente saber. Desde então e sob a sua vigilancia a sericultura progrediu e attingiu no sul da Hespanha um fastoso esplendor que teve o seu foco central em Granada. D'aqui derivou presumivelmente para Portugal em data ignorada. (2)

O primeiro documento conhecido é o foral de D. Silvestre Godinho, arcebispo de Braga, aos moradores do Ervededo no anno da graça de 1233. (3)

Seguiu posteriormente a sua evolução com alternativas de prosperidade e decadencia cumprindo accentuar os impulsos famosos do conde da Ericeira, ministro do sclerado Pedro II, e o do Marquez de Pombal. D'estes desinvolvimentos, assaz fecundos se viveu, ao deante, no goso despreocupado da fartura, que, pela absorvencia continua e immoderada, em breve se amesquinhou e resumia.

Paralizaram-se filatorios, fecharam-se fabricas, descuroou-se o cultivo da amoreira e a criação do sirgo!

Chegou porém a grande crise de producção em França no meiado do seculo XIX, e logo o subtil e precavido gaulez emigrava n'uma rotagem attenta para todos os centros sericolas do estrangeiro. Arribou a Portugal e não se fez demorar o seu jubilo pelo exito inesperado da feliz peregrinação, exportando infatigavelmente o casulo. O portuguez disposto, como sempre, para epicas emprezas apoderou-se d'este ensejo anormal da procura, e promoveu, sem mais reparo e desordenadamente, a cultura intensiva do sirgo com o fim de obter uma producção copiosa para a offerta. Foi a morte que por suas mãos introduziu n'esse ramo da riqueza nacional.

(1) Este mytho tocante é meigamente descripto por Ovidio no livro IV das *Metamorphoses*. Aproveitou-o Shakespeare para o *Sonho d'uma noite de verão*. Inspirou no seculo XVII o sabio pincel de Poussin.

(2) Joaquim de Vasconcellos — Annotação cit. pag. 307. Rocha Peixoto, obr. cit. pag. 19 e principalmente o appendice á traducção do dr. Thomaz de Carvalho, já referida pag. 71 e seg.

(3) Joaquim de Vasconcellos—Obr. cit. pag. 255. Rocha Peixoto, obr. cit. pag. 19.

O bicho da seda á falta das mais elementares e imprescindiveis condições biologicas succumbia com a *pebrina*; o sobrevivente degenerava. O francez debandou em face d'este desaire, e não voltou. A calamidade installou-se. O lusitano parece que comprehendeu então o seu erro, o seu desatino, e pretendeu reparal-o, n'um furor de arrependimento e contricção, com a mesma leviandade com que tinha facilitado o advento do mal.

Mas ante o necessario insuccesso dos seus paliativos, insufficientes e extemporaneos, desanimou até consentir na miseria absoluta.

Só por 1889 se reabriu um sorriso de resurgimento na tenebrosa tristura d'uma tal desolação com a portaria notabilissima d'um estadista de vulto (1) e com os trabalhos subseqüentes d'um bacologo illustre (2), que determinaram a *Estação de Sericultura de Mirandella*.

Era impossivel cubiçar mais beneficos resultados. Alfim! algo de seguro, estavel e acertado se tinha feito no meio do eterno destempero da terra portugueza.

Não foi fadada porém para longa duração. Mais tarde com effeito sob o pretexto de uma protecção á agricultura transmontana transformou-se na *Estação de Fomento Agricola*. Era irremediavel o desconchavo. Ainda se cuida alli do sirgo com especialisação. Julgamos, porém, que não já com o mesmo desinvolvimento inicial, tão auspicioso sob a direcção intelligente e competentissima que a organisara.

Quanto á acção individual, onde propende para a Sericultura, não vae além d'um passatempo curioso.

Assim se extingue a opulenta industria.

Se o simples conhecimento d'este facto deploravel faz vibrar de indignação os espiritos mais sensiveis, a sua constatação directa fulmina com um desalento invencivel.

Na verdade quem se aventurar, por exemplo, a percorrer o districto de Bragança é que avalia o quanto penalisa o esvaecimento inflexivel e progressivo d'essa fonte abundante da fortuna rural. Sente a melancholia da ruina.

Por sobre a paysagem despida e arida d'uma monotonia intermina, onde a massa verde do arvoredo raramente a alegra, tufa-se aqui e alem, desgarrada e só, a copa folhuda d'uma amoreira. E' como um signal lutuoso que recorda ao viandante o frondejamento ridente das plantações d'outr'ora.

E á margem d'uma estrada, ou, mais frequentemente, nos extremos das terras de sementeira, sobretudo depois das colheitas, onde se rasa o desbotado manto das restolhadas seccas, mais accentua a tristeza do

(1) O sr. Emygdio Navarro.

(2) O sr. Menezes Pimentel.

ambiente, no seu isolamento, a mancha derramada da amoreira negra ou da *morus alba*.

A lastimosa impressão d'este conspecto exterior e fundamental mais se nitidifica e recrudescer com o exame pormenorizado e directo do investigador atravez dos povoados. Nos casacos não raro se lhe depa-ram utensilios arrumados, ou peças desarticuladas e restos d'outros, que rememoram a occupação antiga da sirgaria e da fição.

Nem a evidencia indiscutivel dos exemplos, nem a certeza de uma boa remuneração com a perspectiva d'uma desafogada prosperidade foram e serão susceptiveis (ao que parece) de regenerar a Sericultura Nacional. A intervenção do Estado, removidas a eminente capacidade administrativa que a dictara e a rara auctoridade scientifica que a puzera em pratica, pode dizer-se gorada.

*

Tambem solicita o nosso registo a esculptura popular em madeira mal apercebida e até quasi inedita para a maioria da gente.

Antes, porém, diremos d'uma industriasinha, que, melhor ou peor, vae latejando na vespera possivel d'uma derrocada. E' a dos palitos. Fallaremos depois d'aquella, que anda annexa a esta e com ella mantem intimas affinidades.

Sabemos, tanto quanto o permite a latitude indagativa, que o palito — *dentiscalpium* — prestou os seus hygienicos serviços na Grecia e em Roma sendo preferivel o de madeira ao de pennas d'aves, ou ao metallico (1). Não o entendeu assim a Edade Media que fez d'elle um objecto de luxo e arte pelo metal e pela composição.

O esplendor da Renascença banhou-o em alto grau.

O periodo de reacção, porem, chegou, e o palito barato, accessivel e commodo teve a sua generalisação no seculo XVII recorrendo-se na Europa ao marfim, aos tubos de pennas e á madeira. Portugal na sua mesquinhez nunca optara senão por esta de que se servia, e que não abandonou, ficando-lhe sempre carinhosamente fiel.

A industria paliteira localisou-se em Lorrvão e Coimbra. (2)

Aqui insignificante e moribunda; ali absorvendo ainda a actividade de quasi toda a população de que constitue talvez o principal recurso economico.

(1) Daremberg et Saglio. *Dictionaire des antiquités grecques et romaines* V. *dentiscalpium*.

(2) Sobre a industria dos palitos pode ler-se o sr. Joaquim de Vasconcellos in *Arte e Natureza em Portugal-Lorrvão* n.º 12; Lino d'Assumpção in *As freiras de Lorrvão* pag. 5 a 7 e uma monographiasinha por nós feita in *Portugalia* vol. I, fasc. III pag. 625 e seguintes; um artigo no *Popular* de 18-X-1899 do sr. Alberto Pimentel.

Essa aldeia, formada á sombra esteril do convento senhorial, no fundo d'uma cova entre montanhas solitarias e onde a energia humana tem disputado magrissimas courellas ás escarpadas rebeldes e agrestes, para se firmar na lucta pela existencia teve que se entregar ao palito.

A sua demographia accusa a sangria emigratoria d'uma parte dos organismos validos; outra porção destinada á rude peleja com a terra e ao exercicio d'aquella profissão com a restante rebanhada invalida, ou impotente para a pesada lide agricola.

Bem caseira e bem simples é a palitaria que, á excepção das mulheres sempre associadas a ella e d'ella sempre dependentes, marca as étapes extremas da vida d'essa pobre gente que sahe do berço para cortar o salgueiro e deixa esse labor para entrar no tumulo.

O fabrico é facil. A materia prima é branda. A utensilagem para a manufactura não é complexa. Consiste n'uma navalha afiada e na *coura*, ou seja um pedaço de couro para defender o joelho e a coxa e ao qual se liga geralmente uma lasca de chifre sobre que se trabalham as varas de salgueiro desbastando-as, adelgaçando-as, aguçando-as e alisando-as de forma a converterem-se em palitos, que, separados em dimensões precisamente iguaes vão cahindo no cestinho ao lado (1), accessoriamente necessario bem como o pequenino banco de madeira. Eis.

Mas, dissemos que á industria dos palitos se prendia a esculptura popular em madeira.

Com effeito alem dos palitos *lisos* (2) produzidos por um stricto automatismo, ha os *frisados*, *de flor*, ou *bordados*, cujas denominações lhes advêm das ornamentações mais ou menos esculpidas que os recamam.

Para a sua confecção d'uma complicada minudencia basta uma pequena faça finamente cortante, que habilmente manejada tira os mais exquisitos effeitos da maciez do *Salix alba*. O resultado póde considerar-se como o producto d'uma phantasia indigente, acanhada e indisciplinada que é, todavia, servida por boas qualidades nativas e utilmente aproveitaveis.

Já o sr. Joaquim de Vasconcellos, na sua fervorosa e fanatica apostolisação em favor da arte, recordava a habilidade esculptorica dos filhos de Coimbra e lamentava que, pela ausencia d'educação, se confinasse no *frizar* dos palitos. (3)

(1) Um paliteiro na monotona labuta diaria pode fazer varias centenas de *pegadas*. Assim se denominam as reuniões de dois ou trez palitos feitos ao mesmo tempo.

(2) Ha duas qualidades: *Marquezinhos* os menores, e *lixados* ou *polidos* os maiores e mais perfeitos.

(3) *Reforma do Ensino de Bellas Artes* III pag. 196.

E' sem duvida deploravel que tal aptidão, revelada na minucia do entalhe, na delicadeza do relevo e decoração pacientemente amontoados em bocados de salgueiro, não seja dirigida por uma cultura que originando o sentimento artistico a transforme, amplifique e obste ao seu enquistamento, em demasia, explicito na repetição mechanica dos mesmos motivos ornamentaes, quer no limitadissimo numero de palitos typicos e respectivos *paliteiros*, quer nos poucos objectos de escriptorio e costura.

Alguns porém são agradaveis pela ordenação da lavranteria d'uma infinidade de arrebiques levantados pelo canivete, na docilidade d'essa madeira alvadia e setinea, que se decepa em janeiro (1), quando viuva da sua elegiaca folhagem — a pendente cabelleira romantica.

Mas esta bonita curiosidade vae-se, porque não ha aprendizagem, não ha ensino e não ha estimulo. Por isto a sua pratica torna-se cada vez mais inusitada e ainda porque a estrangular o seu crescimento espontaneo se levanta o retrahimento da procura e a difficuldade da offerta que se faz nas localidades productoras, ou mercê de extenuantes caminhadas pelo reino e por Hespanha rematadas por uma compensação mesquinha, ou indirectamente com a intervenção do mercador. Calcular-se-ha, como no plano d'estas condições crueis e humilhantes destaca odiosamente a presença d'este adventicio voraz e inestancavel. (2)

Pela correlação enunciada diremos que a esculptura popular tem que se apreciar ainda em objectos varios de mobiliario agricola, como nas *espadellas* e *espadelladouros* que as raparigas do campo exhibem, com presumpção, nas divertidas *espadelladas* ou estomentadas do linho, e sobretudo nos *jugos* que o lavrador d'entre Douro e Minho (3) ergue, no extremo da cabeçalha, sobre o pescoço dos bois placidos e bondosos.

Estes que mais importam são recortados com mathematica symetria e integralmente esculpidos na face.

Não obstante a profusão decoral e a correccão do vasamento de toda essa concepção canhenha e intransponivel, elles evidenciam a primitividade rudimentar do desenho e a bisonha rigidez do entalho. Parece um ensaio dos primordios da ideoplasticisação de uma phase tão retirada na escala do tempo, como a que os seus ornatos fazem reviver.

(1) E' a epocha em que se faz a poda e a phalange paliteira se mune da materia prima para todo o anno.

(2) Veja-se o interessante relato da *permuta* em Lorrão em que o valor representativo dos generos de primeira necessidade não é a moeda, mas o palito, na obra já citada de Lino d'Assumpção.

(3) Do Porto para o Norte. Pode consultar-se a este respeito o *Estudo ethnographico* do sr. Leite de Vasconcellos.

Um jugo que o grego e o latino conheceram (1), quando lavrado e integrando-se no apresto do vetusto *plaustrum* não é desagradavel na apparencia, e até nos interessa pelo engenho que n'elle se concretisa. Mas confrontado em estudo, atravez da região alludida, evidencia uma estafada e obsessiva uniformidade de processo e composição monotoniando a pericia d'esse rustico *feitor* ou *jugueiro*, que dentro d'uma invariabilidade de linhas, insculpe sempre, com lentidão e detalhe, todo o symbolismo incipiente e guardado na sua alma, como a palpação sobrevivente d'um estadio de sentimentos e crenças multi-millenarias.

Ha porem faculdades susceptiveis de mais elevados destinos e que assim desaproveitadas resultam em pura perda e esterilisação para a arte. Todavia aqui lucrou a ethnologia com o depoimento social retrospectivo, que se condensa na ingenua delineação, rasgada na frente de um jugo.

N'ella transparece a arraigada e respeitosa *sympathia* do povo por os primeiros cultos naturalistas que chegaram até nós, a despeito de tudo, canalizados por veias indestructiveis, mais ou menos immersas nas camadas subjacentes á amovibilidade da civilisação.

Emblemas dos astros (astrolatria) (2) que regem imperturbavelmente a marcha do mundo da profundidade infinita do ceu; animaes que no meio referido mais ou menos se aggregam ao homem (3); *custodias* que são adaptações catholicas do fulgor do Apollo pagão (4); cruces que são derivações da *swastika* ante-historica; corações que recordam a affectividade inexplicavel no alvorecer dos *anthropomorphismos* iniciaes... (5)

Tudo isso se guarnece e enquadra com uma ornamentação geometrica, na sua maioria, com similes só divisados na prehistoria. (6)

Continúa.

MANUEL MONTEIRO.

(1) Foi conhecido tambem do egypcio. V. Daremberg et Saglio, obr. cit. verb — *Jugum*.

(2) Bem corrente em superstições e na lyrica popular. Os desenhos reportam-se ao sol, lua, estrellas.

(3) Na beira-mar predominam os peixes.

(4) Para os eruditos que acompanharam a trajectoria do catholicismo é demasiado conhecido o facto da assimilação d'este elemento de paganismo depois da Renascença. São curiosissimas as descrições das procissões religiosas dos sec. XVII e XVIII para a elucidação do assumpto.

(5) O coração apparece com flores, com letras, ou com chaves como se diz na trova:

Aqui tens meu coração
E a chave para o abrir.

(6) O sr. Joaquim de Vasconcellos n'um artigo do *Commercio do Porto* acha da maxima importancia o desenho dos jugos para o estudo do estylo romanico. Não conhecemos esse artigo.

PAISAGEM D'INVERNO

Que queres que te diga da paisagem
D'onde te escrevo? Meu saudoso amigo,
Tanto disseste que aprendi contigo
A só ver nella a minha propria imagem.

— O mar está bravo; a vinha nua; o trigo
É só esperança. Rispido e selvagem
O pinheiral sustenta com coragem
O seu pesado e verde luto antigo.

O minha irmã fecunda e desgraçada!
Já não ha sol nem coração que te ame,
Chóra no mar a voz dos temporaes!

— Oiço d'aqui a tua voz pausada:
«Ha-de haver sempre, em frente ao mar que brame,
A pacifica orchestra dos pinhaes».

SONETO D'OUTOMNO

Já o outomno deixou toda a folhagem
Das arvores. As noites são compridas.
As folhas sêcas cáem, dando a imagem
Das irremediáveis despedidas.

Os poentes são longos. Na paisagem,
Campos lavrados, terras remechidas
Dão a impressão de coisas que reagem :
Eternas vencedoras e vencidas.

Mas ha serenidade e confiança
Na vida. A terra loira emfim descança
De florir os lilazes e os trigaes.

— Mas tu partiste... E nesse proprio dia
Puz-me a chorar em frente da invernía,
Como se o sol nunca voltasse mais !

O NINHO DESFEITO

(Continuação do n.º 4)

O Domingos assenhoreara-se completamente do seu novo mister. Os dias intermináveis da fabrica, ruidosos, atordoantes, tinham cedido o lugar aos serenos dias da aldeia, feitos de sol, do correr murmurante das fontes, do borbulhar da vegetação e do ar tranquillo e repoisado dos seres, em toda aquella doce paz de vida livre e natural. Depois o trabalho feito de vontade, na companhia do Manuel, sem aquella pressão do regulamento, das multas, das ameaças do patrão, convertera-se para elle em mais um motivo d'alegria, que a Maria do Carmo sabia augmentar na ternura dos seus sorrisos languidos. E forte, na grandeza do seu amor, na ardente aspiração dos seus sonhos de ventura, atirava-se á labuta da terra, de sol a sol, incansavelmente, como identificado já na sua nova situação.

Ao lado, o amigo, no seu ar galhofeiro, a todas as horas lhe dizia em estribilho:

— Pois estamos já uns lavradores...

E apoz uma longa dissertação que se seguia quasi sempre, sobre o passado dos dois, as torturas soffridas, as crises de fome, *greves*, rematava:

— Aqui não se vive mal, não...

A velha Anna, feliz de ver o filho feliz, recebera tambem a influencia d'aquella vida saudavel, que lhe trazia o esquecimento de negras miserias passadas.

A Maria do Carmo, na existencia venturosa que para todos ia decorrendo manifestava a sua alegria cantarolando festivamente de manhã até á noite, emquanto ia cuidando do arranjo domestico. Para que ouvida fosse do Domingos ella espraiaava para o campo, atravez as janelas abertas, o seu longo rosario de cantigas, nesse lyrismo amoroso da poesia popular, onde ia a impressão deliciosa e fresca d'aquelle ingenuo amor que ella lhe consagrava. E então emquanto ia tratando do amanho da terra, o Domingos amarrava abstractamente o pensamento para o lado da casa, idealizando visões doiradas do futuro, em que entrava sempre no primeiro plano o fructificar d'esse mesmo amor que elle sabia ter naquelle coração tam simples e tam terno.

A's vezes, num vagar dos seus cuidados, vinha ella tambem. E era de captivar a graça sobresaltada com que, abeirando dos bois, vigiando-os no pasto, hesitava em os affastar das vides, no receio de que se lhe arremessassem de pontas enristadas.

— Não fazem mal, dizia-lhe sorrindo o Manuel. Só se fôr a mulheres... Com taes diabos nem os animaes querem nada...

E ella replicava que lá isso, se eram diabos ou não é que o sr. Manuel lh'o não podia provar. E que não fallasse muito porque não estava livre de ter de viver com algum d'esses diabos.

Mas o Domingos punha-se do lado do outro:

— Queres talvez que a gente confesse que as mulheres sam umas santas?...

Não, o que queria era que «o sr. Domingos» se lembrasse de que já lh'o tinha chamado a ella e que afinal cada um era como Deus o tinha feito.

Então os dois a um tempo protestavam, rindo-se d'ella alto, galhofando. E, passado o tumulto, a voz pausada do Domingos casando com o bater da enchada de golpe na terra, fazia-se ouvir:

— Afinal és uma tonta. Nem ha diabos, nem santos, nem Deus-Nosso-Senhor. Essas historias da carochinha sam muito boas para entreter creanças. Mas tu não tens culpa de acreditar isso, tua mãe não faz outra coisa senão andar pelas egrejas... Se teu pae fosse vivo, talvez tu não fosses tam religiosa. Esse era um homem ás direitas.

— Fossem lá fallar-lhe a esse em historias de santaria!...— acrescentava o Manuel.

Se a velha Anna não estava os dois proseguiam, num proposito de educação livre, desvendando toda a verdade. E ali, á face da natureza, tomando d'ella exemplos, elles punham deante da rapariga a questão religiosa, abordando-a de chofre, esmiuçando-a.

Maria do Carmo não gostava d'aquellas discussões. Simples, muito crente, fazia-lhe uma grande confusão tudo aquillo; não podia convencer-se de que fallassem a serio. Ella queria acreditar que no fundo os dois operarios admittiam a existencia de Deus, que o temiam. Se a sr.^a Anna apparecia era um allivio para ella.

Os dois que, sabendo improductivo para essa o conflicto d'aquellas ideias, lhe não queriam perturbar a velhice, calavam-se então.

De largo em largo quando acertava de o Almeida estar, os dois rapazes mettiam-no tambem nas suas discussões. E alli, no coração da natureza, vendo-a rebentar impetuosamente por toda a parte, tinha um tom bem vivo e forte aquelle esfarrapar de ceus e infernos, num tremendo ruir de lendas.

A's vezes, aos domingos, o auditorio era mais completo. Vinham vizinhos para a palestra, para espalhar um bocado. Gente simples, bem intencionada. O Domingos despegava então, agarrando o primeiro pre-

texto, numa critica acirrada e caustica aos nossos velhos processos de vida sem moral, sem dignidade. De puros casos particulares alli da aldeia elle frisava promptamente, com uma grande lucidez, o lado mau a precisar de remodelações. E, como todos os apóstolos de coisas grandiosas, impressionava pela extranheza com que encarava tudo, e ia creando em volta, por entre uma ou outra resistencia dos menos intelligentes, uma certa corrente de sympathia.

O Manuel esse com o seu geito habitual de apanhar anecdoticamente a nota ridicula dos factos, era com gargalhadas que rompia o velho edificio do preconceito.

E era vê-lo então, fallando de coisas tremendas — refundições da sociedade, esphacellamento da auctoridade, revolução social — mas muito placidamente, alegremente, enrolando um cigarro ou cofiando a barba.

E assim começou a formar-se na aldeia um prurido de curiosidade pelo «que vinha a ser isso de socialismo, o que era que elles queriam?»...

Conhecedor d'estas palestras em casa do Domingos, o proprio parochou achou acertado e de boa politica catholica dizer á missa conventual umas phrases muito declamadas, num certo tom prophético, sobre a *má vida que certas pessoas levavam na freguezia*. Explicou judiciosamente, abrindo os braços numa grande imprecação, que todo o mal do mundo vinha das malditas ideias da epocha, as terriveis ideias da irreligião. Fugissem sempre elles, os seus parochianos do contacto com *certas viboras*. E rematou philosophicamente fallando nas bombas sinistras e temiveis dos anarchistas.

Mas o expediente não surtiu de logo o desejado effeito. Este padre, desprestigiado por umas patifarias de eleições, odiado pelo seu feitiço birrento de velho mau e hypocrita, só conseguiu acirrar mais esse espirito de curiosidade que começava a lavar por entre aquelles pobres diabos, que até alli não tinham ouvido nunca uma palavra de justiça e de verdade. E o Domingos e o Manuel viram-se de repente cheios de conhecidos por toda a parte.

D'essa occasião em diante decidiram-se a proclamar abertamente as suas ideias. Pela primeira vez então atacaram em publico directamente a questão religiosa. Pondo de parte as pequenas arremettidas tentadas das outras vezes contra os padres, o beaterio, a igreja, subiram até ao ponto inicial de tudo isso: á ideia da existencia d'um Deus. Serenamente explicaram como entendiam o universo sem a necessidade d'uma força para o crear; como do nada nada podia sahir; e como admittir um Deus era aceitar um absurdo.

Porém na rude gente do campo, cahidas assim de chofre aquellas formidaveis palavras, começou a sentir-se o arraigado de antiga crença pela ignorancia atravez de longos seculos mantida. Pouco a pouco fo-

ram desaparecendo todos, os visinhos mesmo. E os curiosos da vespera, que se acercavam dos dois e os ouviam numa attenção quieta e maravilhada, feridos agora por aquellas inesperadas e assombrosas affirmações, lançaram o primeiro aviso de guerra: «Sam uns herejes; aquillo é gente de más ideias...»

D'esta vez triumphava o parochó, que, aproveitando habilidosamente o ensejo, continuou fallando á missa da «desvergonha que lavrava pela aldeia, gente sem sentimentos levando má vida, em peccado mortal». E tenebrosamente, num gesto tragico o padre deixou entrever a possibilidade d'uma excommunhão.

A Maria do Carmo sabia o que se dizia na aldeia. Comprehendera que era a ella e ao Domingos que o padre alludia. As palavras do esculpulo sacerdote censurando a «má vida» dos dois fel-a pensar de novo no seu acto. Vinha-lhe um quasi arrependimento de se ter deixado tam depressa convencer, ter vindo para a companhia do homem que amava, por quem fizera o sacrificio da sua reputação agora abocanhada pela maledicencia. Mas calava-se, não queria atormentar o Domingos. Na sua reserva porém, occultando a sua tortura, ella passava dentro de casa tristemente os dias, com desesperos e lagrimas. Não mais a sua voz, tam fresca e timbrada se fizera ouvir, entoando cantigas d'amor. E o rapaz, em baixo, laborando todo o dia, apprehensivo, soffria agora a falta d'ella, sentia-a como que ausente, muito para além d'elle.

Um caso veio ainda, por esse tempo, complicar mais a situação. Uma tarde o Almeida apparecera com modos perturbados a avisa-los de que a mãe da Maria do Carmo, por muitas vezes já, lhe tinha ido á loja altercar com elle, perguntar-lhe pelo Domingos, reclamando a filha. Queria que lhe dissesse onde ella estava, onde «o mariola» a tinha guardado. Da ultima vez mesmo fallara em dar parte á policia.

Mas o Domingos parecia não se inquietar. Que mal lhe poderia advir?— perguntava-se a si mesmo. Tanto elle como a Maria do Carmo estavam bem preparados para resistir á justiça, mantendo-se resolutamente naquelle proposito de união livre. Era da vontade d'ella que lhe haviam de fazer.

— Não é verdade, Maria?

Porém ella não respondia. Concentrara-se numa grande tristeza, pensando commovidamente naquella mãe que a buscava, que a queria, que lhe perdoava talvez o tê-la abandonado. E, num choro nervoso, agarrando-se num abraço ao Domingos, exclamou por fim:

— Coitada! Sem ninguem lá! só por lá! Eu era quem em casa arranjava, pelo trabalho, algum dinheiro. Quem sabe se não terá passado fome!...

E a sombra da mãe escanselada, cheia de desgostos, pensando nella, a filha que cruelmente a abandonara, começou d'ali em diante a

acompanha-la sempre, a atormenta-la. D'ahi veio o primeiro enfado a uma caricia do Domingos:

— Deixa-me, que praga!

E assim começou a annuiar-se aquella vida de amores, cheia de sonhos e de loucuras.

Veio o tempo das confissões. A Maria do Carmo occultamente, com tremuras nervosas, um grande receio de que o Domingos o viesse a saber, foi joelhar uma tarde aos pés do parochó. E ante aquelle homem velho, endurecido pela vida ecclesiastica, ella foi dizendo entre lagrimas os seus grandes peccados: a sua sahida de casa para a companhia do Domingos, as missas e rezas que perdera por causa d'isso, e, sombriamente, aquella mãe que ella abandonara, talvez agora para ahi á fome! Irritou-se o confessor e n'uma voz tossida e antipathica explicou que ella estava num tremendo peccado, no verdadeiro caminho da perdição, vivendo com «aquelle homem». Fugisse do «hereje» se queria attender a Deus. Essa vida era contra a santa religião e «demais a mais com um atheu, um homem sem fé». E, numa raiva mal contida:

— E não a posso absolver!

A Maria do Carmo soluçava. Expunha o seu arrependimento: tinha sido mau, bem o sabia, o passo que dera, mas agora... já não havia remedio...

— Não a absolvo! Não a absolvo! Emquanto estiver com esse hereje não a absolvo, já disse.

Ergueu-se, enxugando as lagrimas. Cortou diagonalmente o lagedo da egreja. Tomou a porta do lado. Fez tudo isto machinalmente, com tonturas de cabeça, suppondo a todo o momento que ia cahir de borco para o solo. O padre, de olhar torvo, passo desageitado, seguiu-a de perto; contornou a egreja, e já á porta da casa da residencia, exclamou:

— O' rapariga! ora olhe cá.

Voltou-se. Estacou no caminho, sem ter percebido bem se era por ella que o parochó chamava.

Elle accenou-lhe com a mão. Approximou-se então vagarosamente, sentindo que o coração se lhe apertava de angustia, e que a sua sorte ia ser jogada. O padre fê-la subir adiante d'elle a escadaria de pedra. Em cima, depois de se certificar de que não estava ninguem, indicou-lhe um banco, aconselhou-lhe em voz branda que se sentasse. E com doçura, num ar paternal e muito amigo, começou:

— Tenho muita pena de vocemecê. Afinal não tem culpa das asneiras dos outros. E' mulher: fez o que fazia qualquer outra, ahi está. Venha cá, minha filha, quer entrar no caminho de Deus salvar a sua alma? Quer que Deus lhe perdoe o muito que o tem offendido?

Chorando alto a Maria do Carmo, mal podendo pronunciar as palavras, respondeu, toda a tremer:

— Ah, senhor! eu morro! Deus ha de perdoar-me! Deus ha de perdoar-me! Elle bem sabe que eu não o fiz por mal! Lá em casa os dois fallam ás vezes dos santos e do ceu; mas eu nunca quiz ouvir, Deus bem o sabe. Elle ha de perdoar-me! Nosso Senhor ha de perdoar-me!...

— Desgraçada! Não sabe que Deus tem de fazer justiça? que não foi para outra coisa que creou as pennas eternás, o fogo do inferno? Desgraçada! arrepende-se! Está ainda a tempo: deixe esse homem...

— Não posso... murmurou numa voz sumida, tremulamente.

— Não póde?! E' mesmo nisso que está o grande peccado, minha filha. E' nesse amor que Deus Nosso Senhor reprova. Deixe-o, deixe esse homem...

— Ah, senhor! E para onde havia de eu ir? Minha mãe já me não quer com certeza. Que hei de eu fazer, meu Deus?!

Então o padre teve no olhar uma scintillação estranha. Ia «ferrar emfim uma partida ao atheu, áquelle pulha que para alli tinha vindo remecher-lhe a freguezia. Magnifico!—ora havia de se ver quem ganhava»!

— Havia um meio de remediar tudo, socegasse. Deus só lhe perdoaria se fizesse o que lhe ia dizer. E era bem simples. Elle tinha um parente com muita influencia numa casa de religião. Ora ella precisava de purificar-se. Não lhe agradava viver junto das imagens dos santos, poder rezar todos os dias sem ninguem que a importunasse nas suas orações? Que lhe custava? Só assim poderia servir bem a Deus e esquecer esse homem que tanto a fazia peccar. Quanto á mãe, arranjar-se-lhe-hia com que viver, descansasse. Considerasse bem, visse se se sentia com forças para resgatar os seus peccados. Promettia fazer-lhe isto? Promettia, desde que elle lhe arranjasse tudo, ir para uma casa de Deus?

Teve um novo accesso de lagrimas. E com voz perturbada, olhando para o padre allucinadamente, a tremer, a tremer muito, disse num arranco de estrangulada:

— Prometto...

Dez.-1901. (Conclue).

CAMPOS LIMA.

A THEORIA ECONOMICA DO VALOR

Neste artigo ha uma errata importante.

A theoria do valor é, talvez, no campo abstracto e meramente filosofico da Economia politica, o problema mais complexo, mais amplo. E não é de nimia importancia. E assim é que de Adam Smith para cá, a teoria do valor tem interessado seriamente todos os economistas, tem soffrido as mais contraditorias resoluções, as mais extranhas analyses.

O mutuelista Proudhon (*Contradictions économiques*, I, pag. 65) diz que o valor é a pedra angular do edificio economico.

A confirmação disso encontra-se no facto sintomatico e determinado, quasi fatal, absolutamente logico, de ser a maneira porque se encara o valor, a sua origem principalmente, a base da variada terapeutica que os economistas ortodoxos e heterodoxos têm prescripto para combater as diferentes organisações economicas perigosas. E assim apparecem o marxismo e o communismo anarchista dando soluções diametralmente opostas, porque opostos são os seus modos de ver o valor.

Mas, por outro lado, o que tem contribuido, tambem, muito, para a complexidade desse problema, é a mania medieval de discutir os termos, desprezando as ideas. E assim é que no fundo quasi todas as definições de valor se parecem. Mas porque a forma dessa idea, a sua materialização verbal é diversa, os economistas julgam-se numa batalha atroz, e afinal combatem um phantasma imaginario.

Adam Smith fez a distincção infundamentada e infundamentavel, entre valor de *uso* e valor de *troca*, distincção que veio complicar ainda mais o problema, distincção que Garnier (*Elements d'Economie politique*, pag. 20) applica á *utilidade*, em sua consciencia, fonte unica do valor, estabelecendo, para o valor de *uso*, a utilidade directa, e, para o valor de *troca*, a utilidade indirecta. Que diferença ha entre as duas definições?

Smith define o valor de *uso* a *utilidade* de um objecto particular, e valor de *troca* a faculdade que a posse desse objecto dá de comprar outras mercadorias (Yves Guyot, *La science économique*, pag. 60).

Vejamos agora as definições de Garnier; *utilidade* directa é a fundada sobre a possibilidade duma applicação *imediate* das coisas á satisfação das nossas necessidades; *utilidade* indirecta, a possuida pelas coisas que são apenas um meio de procurarmos o que é proprio para satisfazer necessidades que essas mesmas coisas não podem satisfazer.

Ha apenas um embroglio de palavras, uma mistificação extranha, que, felizmente, nem anda nem desanda. E assim foram os economis-

tas classicos. Garnier (ob. cit., pag. cit., nota 2) aponta trez especies de valor por Malthus exaradas nos seus *Principios de economia politica*: a) valor de uso; b) valor nominal de troca; c) valor intrinseco de troca.

Para quê tantas distincçoens, se o valor é um só?

Mas não nos apressemos.

Nas nove cartas que Ricardo e Say mutuamente se escreveram, e que, á laia de appendice elucidativo, fazem parte do 5.º volume do *Cours complet d'économie politique pratique* de J. B. Say, editado por Dumont, Bruxelles, 1832, ha uma discussão firme sobre a definição do valor.

Na primeira carta de David Ricardo, datada de Gatcombe-Park, 18 de agosto de 1815, se afirma ser a dificuldade da sua produção a medida do valor das coisas, e não a utilidade. Na resposta datada de 2 de dezembro do mesmo anno, Say reponta com aquelle desprezo instinctivo, disfarçado porém atraz de delicadas palavras, que havia de declarar-se quando em 1832 apparecesse a seguinte nota: na doutrina da *renda* de Ricardo, *l'auteur du Cours complet d'économie politique, n'a rien pu voir de neuf, ni d'important* (Say. ob. cit, V, pag. 85, nota), afirmando que o que queria dizer era que «o valor que os homens dão a uma coisa é a medida da utilidade que n'ella encontram».

Na carta seguinte que é a 4.ª, pois a 3.ª perdeu-se, datada de Londres, 11 de janeiro de 1820, Ricardo protesta contra a interpretação que Say dá a uma das suas proposiçoens e faz, então, distincção entre *valor de trabalho* e a *quantidade comparativa do trabalho* necessaria á producção.

E na carta seguinte (Pariz, 2 de março de 1820) Say confessa não perceber lá muito bem essa distincção. E continuam neste «tu cá, tu lá» improductivo, cada vez mais afastados do ponto inicial e essencial.

De sorte que para Say ha apenas o *valor permutavel (exchangeable)* e o *valor de utilidade*; e é a utilidade o fundamento do valor (Say, ob. cit. I, pag. 98), porque «o valor duma coisa existe na propria coisa, independentemente do que o comprador dá para possui-la».

O primitivo dono do exemplar da obra de Say em meu poder hoje, escrevera sensatamente á margem: «a troca é o *signal*, não *causa* nem *razão* do valor, mas nem por isso se segue que o valor existe no objecto trocado. O valor nasce das necessidades do homem». (1)

Todavia, Say não parece afastar-se muito da verdade, por quanto nesse seu capitulo III, buscando saber em que consiste a utilidade que dá o valor ás coisas, falla nas necessidades. Mas o erro de J. B. Say está em prender-se com a palavra utilidade que já por si é de confusa comprehensão, pois que são bem variadas as ideas que sobre ella se tem apresentado, chegando-se á descoberta até, das ophelimidades.

(1) E' esta a verdadeira doutrina, como adiante provarei.

A mim parece-me que se os economistas classicos officiais laboraram sempre á roda do mesmo ponto de vista, foi porque quizeram, talvez, fugir ás consequencias que de outra maneira de vêr poderiam advir.

E porque essas consequencias seriam todas abertamente egalitarias é que me parece que tambem ao socialismo lhe repugna aceitar outra origem do valor que não seja o trabalho. E nem pega a mascara sintomatica de Karl Marx, vindo com a expressão «trabalho socialmente necessario».

Já antes de Karl Marx, Bebel (*La femme*) e Rodbertus (*Le capital*) (1) tinham dado essa idea. E comparando com a designação nova, vê-se que a originalidade da doutrina não é coisa de monta.

Mas aonde nos leva a teoria marxista, embora ella não seja, como pretendem alguns, mais que a manifestação duma tendencia, ou a fuga a um problema?

A uma injustiça flagrante. Mais ainda: a repartição das riquezas feita segundo os principios colectivistas, daria em resultado a capitalização burgueza, o restabelecimento do actual estado economico.

Não se podendo pôr entraves, limites ao trabalho individual; não se devendo considerar a sociedade como pessoa autonoma, real e concreta, mas sim o individuo, pois que aquella não é uma centralização nem um monopolio em que as energias individuais na sua ampla manifestação sejam ordenadas e representadas por essa concepção metafisica da *sociedade*, mas sim agrupamento em que não ha somma, o individuo apto em extremo, com faculdades excepcionais de trabalho, tendo direito á retribuição integral do valor do seu producto, accumularia riqueza superflua, capitalizaria mercadorias, embora, que lhe eram necessarias. E assim teriamos o burguez estado economico a renascer, talvez mais impetuoso, talvez mais perigoso. E nem outra coisa era de esperar das doutrinas do burguezissimo Karl Marx.

Mas descendo do campo da simples abstração para a pratica, claramente vemos que o valor das coisas está, não no trabalho necessario para produzi-las, mas na *necessidade* que essas mesmas coisas vão satisfazer.

Nas transações quotidianas, nos mercados de toda a hora, jamais se tratou de saber para a avaliação da *coisa* o trabalho que para a sua confecção se gastou. Que importa a energia cerebral gasta na feitura dum genial poema, duma partitura sublime, duma pintura grandiosa? Que importa o esforço fisico dispendido na confecção do pão, do vestuario, do calçado, dos meios de transporte? Admitir como fonte do valor o trabalho e, ao mesmo tempo, como causa das crises economicas a

(1) Encontro estes escriptores citados no Maurice Bourguin (*Les systèmes socialistes et l'Évolution économique*, pag. 12-13).

simples hyper-produção, é um contrasenso flagrante, é uma contradição clara. A crise dá-se quando não ha quantidade igual de mercadorias-mercadorias ou de mercadoria-moeda; isto é: quando não ha mercadoria suficiente para trocar por aquella que vem satisfazer as necessidades. E assim, quanto maior é a necessidade, tanto maior é o valor, e o burguez, para seu proveito, eleva os preços da mercadoria. Isto é um factó palpavel, certo, logico, incontroverso.

Um quadro, que tivesse gasto a vida dum pintor, diante dum faminto, tinha um valor nullo, a não ser que este, por meio d'aquillo, podesse adquirir pão. Mas se em vez dum quadro lhe apresentassem um pão, este teria para elle um valor superior. E como as necessidades são multiplas, com a retribuição segundo as necessidades não se daria o tão temido atrazo industrial, temido pela economia burgueza.

Mas a retribuição segundo o trabalho seria injusta; os doentes, as creanças, os velhos? Não teria de dar-se um *quantum* de trabalho obrigatorio ou uma quantidade negativa na retribuição?

Não respondam com o *simile* que poderia acontecer num rejime em que a retribuição se desse segundo as necessidades. Porque, admitindo mesmo que o egoismo dissolvente continuasse a existir dum modo desenfreado, no homem, este, reconhecendo-se incapaz de prover a todas as suas necessidades, — embora por egoismo fosse —, trabalharia para os outros para que os outros trabalhassem para si. E não argumentem com a ociosidade, com a malandrice, porque esta e aquella são a consequencia da desigualdade economica existente.

Eu quero mesmo acreditar que, ao sistematizar e expôr a sua teoria, Karl Marx quizesse conseguir que o operariado, compenetrando-se da pretendida justiça dessa retribuição, impozesse a sua força aos ricos, obrigando-os ou a trabalhar ou a morrer de fome.

Especie de *boycottage* geral que não daria resultado algum, que nada fará de util para as multidoens.

Porisso, a teoria do *mais-valia*, na sua formação architeturar tão estupendamente assombroza, tem um capitalissimo defeito: assenta sobre uma base falsa.

De resto, a circulação das mercadorias de modo a produzir essa *mais-valia* não se dá bem como Marx pretende.

O capitalista não vende a mercadoria por um preço excedente paralelo ao tempo-extra que roubou ao operario; e assim é que a doutrina de Ricardo que afirma que se o preço fosse superior ao custo da produção, succederia haver uma agglomeração de productores, não é verdadeira, dada a concorrência, por um lado, e a falta de capital, por outro; o preço da mercadoria não pode ser igual ao custo da sua produção, porque d'isso não tiraria vantagem o empresario. Porisso, o que se dá não é só a retribuição injusta, nem o roubo ao consumidor só: dão-se as duas coisas cumulativamente.

O productor capitalista quando lança a mercadoria ao mercado, atende a duas coisas apenas: as suas necessidades e as necessidades do consumidor. Se as suas necessidades de adquirir novas mercadorias são pequenas, e se as necessidades do consumidor são grandes, o capitalista eleva o preço; se se dá o inverso, ha baixa no preço. O que determina pois a mudança do valor? E' o trabalho, dos classicos? o trabalho socialmente necessario, de Marx? E' a dificuldade da produção, de Ricardo? Nada disso: é tão sómente a *necessidade*.

Assim, parece que Marx deduziu a sua teoria d'aquell'outra de Ricardo: se o valor tem de ser igual ao custo, o capitalista não ganha; para que o consiga tem dois processos: ou roubar o consumidor, ou o trabalhador; temendo talvez o aparecimento dos succedanhos, prefere roubar este.

Mas é que nem os succedanhos substituem, no valor e na satisfação plena e intrinseca das necessidades, a mercadoria propria; de sorte que o capitalista lança mão, ao mesmo tempo dos dois processos. E' esta, em minha consciencia, a marcha das mercadorias, no mercado.

Porisso, as doutrinas anarchistas repudiando o marxismo e quejandas historietas metafisicas, admitem como unica fonte de valor as *necessidades*. E d'ahi provem o julgarmos scientifico dever principiar-se o estudo da Economia pelo Consumo.

O lente de Economia Politica da Universidade de Coimbra diz que «as necessidades não têm a importancia que se lhes atribue na determinação do valor» e que d'ellas «depende unicamente a quantidade dos productos a preparar e de nenhum modo o valor do producto».

Diz mais que se não deve partir do individuo mas sim do agrupamento de individuos — individualidade psychica de caracter diverso (Dr. Marnoco e Souza, *Sciencia economica*, liçoens para o anno de 1903-1904, pag. 893).

Não me parece aceitavel este modo de vêr, por quanto o valor dos productos depende da *necessidade* e esta é influenciada pela maior ou menor quantidade desses productos. Isto é um facto comeseinho e comprehende-se claramente. Nos annos fracos, *annos-de-fome* como lhes chama o povo, os preços das mercadorias attingidas chegam a alturas exorbitantes. Nos annos de abundancia, descem. Comtudo, o custo da produção dessas mercadorias foi o mesmo. A razão d'isso d'essa *alta* e *baixa* do preço?

As necessidades.

Demais, não é injustificado o partir-se do individuo. Essa individualidade psychica é uma concepção meramente metafisica, e tem dado occasião a que as doutrinas reaccionarias proclamem a tirania natural, o actual estado de ser de todas as constituicoens e de todas as formas economicas, politicas, religiosas, etc. E nem se lembram os defensores de tal modo de vêr que arranjam lenha para se queimar. Pois que no

organismo natural o órgão que sirva de estorvo á natural expansão dos outros órgãos é amputado, nesse pretendido organismo social esses orgaos reaccionarios, accumuladores dos obstaculos que contrariam o pleno desenvolvimento dos outros órgãos, deviam ser amputados tambem. Não, a sociedade não é uma individualidade psychica; ella é uma aglomeração, um conjuncto de quantidades heterojenias, um agrupamento de *eus* distinctos, independentes, livres, naturais. Da palavra-idea *sociedade*, sahio ess'outra de *Estado*, o sempre-tiranno, o sempre-ladrão.

Sociedade-organismo implica a existencia de um órgão director, coordenador de funçoens; implica a idea de autoridade, de despotismo.

Para a determinação do valor, portanto, deve partir-se do individuo e, n'este, das suas necessidades.

E porque é nessa maneira de vêr que repousa a Justiça e a Verdade, é que nós, querendo a repartição das riquezas segundo as necessidades de cada um, nos lançamos na lucta d'olhos fitos nesse ideal de perfeição que se chama a Anarchia.

Do *Ensaio*, a preparar-se.

Coimbra.

ALFRÉDO PIMENTA.

RESPOSTA A JOÃO DE DEUS RAMOS

Meu caro João:

Se respondo tão tarde á tua bôa carta sobre os meus versos *A' Virgem*, é porque tem sido preciso deixar logar, n'esta mesma revista, a outros que o mereciam mais do que eu. Não foi porque andasse, atrapalhado e aflicto, á busca de argumentos. Os que hoje te vou dizer, achei-os eu no proprio dia — dia nefasto! — em que pensei nos versos que te indignaram tanto; e assim como eram então, assim os lerás.

Não te fallarei muito na origem do symbolo da Virgindade — visto que pões de parte a questão historica. De resto, será facil inteirar-te d'ella em qualquer livro de propaganda anti-religiosa. No entanto, sempre te lembrarei que a *Virgem, mãe d'um Deus*, não é uma figura exclusiva da religião Christã — como julgo que tu pretendes. Budha e Bacho, por exemplo, nasceu cada um da sua virgem. E parece-me que esta crença tem a seguinte explicação: não se podendo fazer ideia d'um *Deus com figura d'homem*, d'um Deus feito á *nossa* imagem e similhaça, que não nascesse da mulher, e como isso de nascer d'uma mulher o rebaixava muito — disseram que ella tinha sido fecundada por um sôpro divino ou pelo espirito-santo. D'esta maneira se authenticava a divindade, n'um tempo em que a imaginação popular encontrava — em tudo e em toda a parte — mysterios e maravilhas.

Não faço grande finca-pé n'esta questão. Mas insisto n'uma coisa: em que, sendo esse symbolo da Virgem commum a muitas religiões, em nenhuma apparece exprimindo pureza de sentimentos — nem mesmo na religião christã, em que tu lhe dás essa significação. Não sei que palavras dos Evangelhos te levaram a uma tal affirmativa: — por mais que os leia, nada encontro que justifique as tuas opiniões.

A crença na virgindade material de Maria é a crença vulgar. E contra ella escreví os meus versos, que visavam a um fim que de bom grado chamaria *social*, se esta palavra não tivesse já tido tão mau uso. Procurei atacar a opinião que todos admittiam, aquella que dava logar a adoração da Virgem — e que me pareceu perigosa, porque pode ser facilmente causa de um mysticismo doentio. Se a vaidade me não cega, julgo que os versos deixavam adivinhar o meu intento. Não me lembrei, nem podia nem queria lembrar-me de que um poeta, como tu, interpretava o symbolo d'um modo especialissimo. Não escrevia para ti; não

me impressionei com a religião d'uma só pessoa; mas com a religião de todos, no que podia influir na vida commum.

*

Emquanto ao grande e horrivel crime que commetti tentando rasgar uma imagem litteraria — deixa-me dizer-te que nem pensei n'isso. Litterariamente — o symbolo da Virgem pode ser muito bello. Mas eu ataquei apenas as consequencias praticas d'esse symbolo. E, como ellas são más, disse que o melhor seria destrui-lo. E' claro que não me referi só á esculptura de qualquer mau santeiro — como tu dises. Referi-me ao que ella representa. E penso que isso se entende bem dos meus versos :

«... e se te responderem que tu és
Um symbolo, o maior, o mais perfeito,
Que se te pintam com o mundo aos pés,
E' porque tens a vida no teu peito,

Péga no manto azul, de mau setim,
Cheio d'estrellas de papel doirado,
E com um gesto largo e vivo, enfim
Um gesto grande, afasta-o para o lado;

E mostra, aos olhos dos que sabem ver,
Como a esculptura de madeira está:
— De tanto se encobrir e se esconder
Cae de caruncho ha muito tempo já.»

Ou não?

*

Dir-te-hei ainda que a crença da Virgem é absolutamente deslocada nos tempos que vão correndo. Quando ella, hallucinando Ignacio de Loyola, criou no seu coração e na sua intelligencia os motivos que depois o levaram a fundar a Companhia de Jezus — causa da passada grandeza de Hespanha —, quando os homens precisavam da religião catholica para trabalharem, para se lançarem pelo mar fóra em duas táboas mal juntas, para terem a fé que vence e que domina, a fé que é uma força — esse symbolo foi grande e foi util. Mas agora não serve para nada.

Só o beaterio das sachristias se utiliza d'elle para augmentar o mealhinho do clero. A outra gente deixou o culto dos Deuses — e adora

a humanidade. E nenhum dos altos espiritos que hoje orientam a Sciencia e a Arte se apoia nos dogmas religiosos. Se precisassem d'algum auxilio — além d'aquelle que lhes dá a confiança no esforço proprio — não seria a fé na Virgem que os satisfaria; mas sim a crença na fecundidade da Vida, na omnipotencia invencivel, dominadora e serena da Natureza.

Por mais que faça, não te posso imaginar consagrando, antes de partires para o *struggle for life*, a tua mocidade e o teu coração no altar da Virgem!

*

E agora, por despedida, far-te-hei notar que, de nós dois, tu és o mais culpado para com o symbolo que tão generosamente defendes. Eu tentei, na verdade derruba-lo com um encontrão — se me permittes a imagem; e a estatua que o representava nem sequer estremeceu. Tu, interpretando-o como *pureza de sentimentos*, segues o processo do rato que roe o queijo: — tiras-lhe o miolo todo e deixas só a casca, a fragil apparencia exterior... Eu bem dizia, meu caro João, que a Virgem estava carunchosa!

Um abraço — por todo o bem que pensas e dizes de mim.

Dezembro — 1904.

JOÃO DE BARROS.

KALENDARIO

18 de Março — 1900

Morre ANTONIO NOBRE.



Poeta de raça, a sua memoria ainda está bem viva no coração de todos a quem commoveu a entusiasmou a sua Arte tão intensa e tão original. Esta encontra-se principalmente no *Só*, esse extraordinario livro que é a documentação de uma alma implacavelmente retalhada e posta a nu. E que alma! Alma de Poeta, de Desgraçado, de Português... Mais do que é preciso para fazer

o livro mais triste que ha em Portugal

Obra irregular e extranha, mas por vezes de surprehendedentes lampejos, o *Só* é uma das mais características produções da Poesia Portugueza contemporanea. Revelando faculdades de auto-analise pouco vulgares, que o desequilibrio e a doença mais exacerbaram, aquelle livro tem principalmente o grande merito de fugir absolutamente ao convencionalismo artistico e de ser uma obra de arte sinceramente sentida e profundamente humana.

Faz por vezes lembrar certos volumes de *Confissões*... E esta absoluta sinceridade vasada em moldes de arte admiraveis consegue despertar uma intensidade de commoção raras vezes attingida pela literatura; é necessaria a Musica com o seu suggestionante cortejo de melodias e leitmotivos para conseguir despertar num individuo normal a forte vibração com que Antonio Nobre nos sacode os nervos por meio dos grandes arrancos dramaticos da sua Arte:

..... Vaes morrer
Vaes dormir... Ainda não! mais febre, suores frios,
Tremuras, convulsões, nevroses, arrepios!

..... Sede
De amor mystico! Amar freiras de habito branco
Morrer com ellas despenhado num barranco
Sob relampagos!...

Jezus! Jezus! Jezus!

Ah quanto foi bem peor que a tua a minha cruz!
Quanto soffri, meu Deus! Ah quanto eu soffro ainda!
E isto num mez de paz, nesta época tão linda,
Solsticio de verão, quando nos sabe a Vida,
..... quando
Os aldeões andam a podar, cantarolando,
E ali, ao pé dos milheiraes, as lindas netas
Ceifam curvadas, como na haste as violetas!

Assim, a Arte de Nobre não faz *pensar*, faz *sentir*, faz *soffrer*. O leitor na successão musical dos versos do Poeta olha *encantado* a pay-sagem de Coimbra, *compadece* a desgraça da *Pobre Tizica*, *soffre* com os cruciantes *Males de Anto*. Este o caracteristico da sua Arte — um poder de suggestão difficil, de igualar a que as irregularidades flagrantes da obra dão por vezes formidaveis destaques. Quem bruscamente passa da *Ballada do Cuixão* para a admiravel *Pobre Tizica*; ou da hallucinação doentia e de mau gosto do *Hotel da Cova* para os encantadores *quadrinhos de genero* das *Viagens na minha Terra*, experimenta uma sensação muito parecida com a de um transviado explorador perdido em obscura galeria subterranea que um subito e parcial desmoronamento puzesse subitamente em contacto com a Luz, com o Ar, com o Ceu Azul, com o Sol, o *claro Sol amigo dos heroes*. . . O Sol, no caso a que nos referimos, é simplesmente a fulguração de Arte que irradia das poesias citadas.

No sentido da Alegria e da Mocidade bem pouco cheias de Sol são ellas todas. O Poeta disse:

E não ter como teem os mais rapazes,
Olhos boiando em Sol, labios vermelhos!...

Dissemos que Nobre amara o seu paiz. Um amor commovido de Poeta paysagista pela nossa Terra, pelos nossos campos. Sob este ponto de vista amava Portugal com o carinho e o entusiasmo de um amante. Os arredores de Coimbra suggeriram-lhe alguns dos seus mais felizes effeitos. Como elle nos mostra encantado, numa volta da estrada

..... esses doces religiosos arredores
Que vistos uma vez, ah! não se esquecem mais:
Torres, Condeixa, Santo Antonio dos Oliveaes,
Lorvão, Sernache, Nazareth, Tentugal, Cellas!
.....
..... Tentugal todo a rir de casas brancas!
.....

Com a sua capa de seda, a sua *Torre d'Anto*, os seus habitos extravagantes e originaes, certo prestigio de lenda de que buscava rodear-se, foi socialmente um anacrónico, um deslocado nestes tempos de secco utilitarismo.

Struggle for life, ó velho Darwin, quanto custa!...

disse o Poeta. Mas a sua figura inconfundivel ficou na memoria de muitas gerações que o conheceram e amaram. E até quem o não conheceu o amou, pois não é difficil amar quem tanto soffreu e tão superiormente, para nosso prazer, fez crystallisar a sua Dor em versos fulgurantes que são como joias ou mais do que isso como grandes lagrimas soltas que o Poeta chorou e que um misterioso poder conservasse com a primitiva scintillação em surprehendedentes formas de Arte...

Possuindo o ritmo, o colorido e a analyse subtil das Sensações, faltou-lhe para ser um grande Poeta ser do seu tempo, commungar de qualquer forma nas vagas aspirações e tendencias da arte moderna. Mas não, a sua obra é a sua individualidade, unica e exclusivamente, descrita, analisada por todos os lados — o que é o mesmo que dizer o seu soffrimento, a sua Dôr, a sua Doença. Por isso no seu mórbido encanto, imagem de um Desgraçado, ella permanece, infecunda no seu isolamento como o seu auctor advinhara, só, tendo apenas dado origem a algumas raras e pessimas imitações.

E estas palavras, sendo um singelo preito de Saudade, buscam simultaneamente avivar a recordação de um dos mais genuinos e authenticos temperamentos de Poeta que nos ultimos tempos têm apparecido em Portugal.

FERNANDO DE UTRA MACHADO.

THEATROS

peça em tres
actos de Hen-
Nó Cego rique Lopes
de Mendonça.

Theatro de D. Maria II. 1.ª, 27 de janeiro de 1905.

Esta peça revela no seu auctor evidente emancipação da sua maneira velha e um proposito louvavel de entrar no theatro de lucta. Foi o divorcio o seu thema. O sr. Lopes de Mendonça tem pelo menos a coragem — em Portugal é o termo — de propugnar pelo divorcio nesta sociedade que abertamente o recrimina. Para o defender encarou o problema apenas por um dos seus aspectos o da impossibilidade juridica das segundas nupcias do marido separado e, dado o enredo, melhor direi, abandonado.

O entrecho da peça diz-se depressa: Filipe de Seabra casou com uma dama qualquer que depois o abandona na sêde do luxo e o deixa com uma filha Graça. Esse engenheiro conhece mais tarde uma outra mulher, D. Emilia Pedroso, que se lhe affeição e á filha e que por não poder legalisar a sua união com elle, resolve partir para longe num sacrificio infecundo.

A sociedade obriga-a a isso pela bocca do prior de Bemfica que entre lérias os catechisa toda a peça, interpondo-se ao seu amôr, como um espantalho.

Como se vê o sr. Lopes de Mendonça versou o assumpto do divorcio mais nos seus resultados posteriores que nos seus effeitos immediatos. Elle não traçou tal um *nó cego*; com a deserção do lar pela esposa provou que o matrimonio pode ser um nó corrido pela vontade d'um dos conjuges. E' certo que o auctor considera isto uma *pouca vergonha* segundo diz José Gaspar, mas em todo o caso a mulher de Filipe teve a coragem de se libertar e ao marido, o que não é, talvez infelizmente, a norma vulgar das esposas.

O *nó cego* desfez-se pelo egoismo d'essa mulher que se não sacrificou. A questão agora é do segundo nó; a sociedade não o deixa dar. O sr. Lopes de Mendonça para objectivar esta prohibição arranjou um padre. Até aqui muito bem — é inquestionavelmente o preconceito canonico o que pesa ferocissimamente sobre o casamento a ponto de se ter podido conseguir já o casamento sem estola, o casamento civil e não se ter obtido ainda emancipa-lo das peias da indissolubilidade. Mas a maneira de fazer agir essa influencia é que é theatralmente e logicamente falsa. O padre entra naquella casa a toda a hora com as suas predicas unctuosas, como num pardieiro aberto; quando parece que aquellas duas creaturas vão enfim zombar das normas sociaes pela victoria feliz dos seus instinctos, pela força do seu amor, trinando a rir um beijo nas bochechas do codigo barbaro, o padre vem, como um espanta-pardaes numa cira, cortar o vôo á paixão. Se não houvesse um padre naquella casa e se o engenheiro tivesse, como parece proprio do seu character recto, a lembrança de dar uma volta á chave da porta, é impossivel que a solução não fôsse outra e que

inevitavelmente não vencesse o amor. As personagens do sr. Lopes de Mendonça são unicamente — e é o seu capital defeito — encarnações sociaes. Abstrahiu o auctor completamente da humanidade d'ellas e por isso ellas fallam mas não sentem, andam vestidas de gente mas não têm sangue nem nervos.

Parece-me esse o maior erro da peça, comprehensivel em quem se ensaia em theatro moderno, mas indesculpavel num trabalho que versa exactamente o mais humano e sentido dos conflictos sociaes — o amor.

Os dramaturgos francezes que ultimamente se deram á curiosa e antipathica tarefa de tentar desfazer o que outros tão trabalhosamente conquistaram, atacando o divorcio põem sempre coração nos seus interpretes. Aquella gente mexe-se no codigo mas primeiramente mexe-se na vida, porque elles, os dramaturgos não esquecem que o adulterio, o concubinato, o outro amor, foram e serão sempre em todos os tempos uma válvula, um coeficiente de correcção a todas as rêdes em que os legistas e moralistas queiram encarcerar o todo poderoso amor, a mais victoriosa e impensavel das liberdades humanas, a unica que, atravez dos seculos, não houve tyranno que cerceasse, nem carrasco que a decepasse.

Hervieu, por exemplo, no *Dédale* chegaria a convencer com essa arrebatadora, naturalissima scena da reconquista no 3.º acto, se ella se não baseiasse no piegas e quasi unico argumento que os francezes encontraram para condemnar o divorcio — o dos filhos doentes.

O sr. Lopes de Mendonça fazendo do seu engenheiro uma creatura fraca que se verga a um padre, diminuiu em muito o grau de provabilidade da sua these, que como já deixei perceber, elle traçou por um lado pouco empolgante — o do marido abandonado que é afinal mesmo perante a hypocrisia corrente, um ser liberto com definido logar na vida, o que não aconteceria se elle invertesse os sexos e nos apresentasse a mulher humilhada no casamento, vilipendiada na separação, desprotegida pelo abandono, e para a qual o divorcio cria situações melhores de garantia e consideração.

Depois o sr. Lopes de Mendonça teve uma ideia infeliz nesta peça, a de cobrir de ridiculo a personagem que lhe defende o modo de vêr. Aquelle José Gaspar que logo nos apresentam como um *maçador e patarata inutil* e durante toda a peça só diz sandices de burguez encoirado, é um typo altamente ridiculo a que todos teriam esculpulo de confiar a defeza do seu argumento e que na vida nunca sustentaria semelhantes ideias.

Apezar de tudo eu sympathiso com a intenção da peça e louvo o sr. Lopes de Mendonça pela relativa simplicidade de processos empregados, de admirar em quem tem até hoje manejado os cordelinhos das peças d'effeito.

O desempenho foi muito regular e sobretudo d'uma harmonia afinada pelas quatro personagens principaes a cargo de Ferreira da Silva, d'uma naturalidade de mestre, Fernando Maia, Augusto Cordeiro e Joaquim Costa.

Luz Velloso esforçou-se por dar vivacidade ao seu papel de creança.

Resta-me agradecer ao sr. Lopes de Mendonça a offerta d'um exemplar da sua peça agora publicada em volume pela casa Ferreira & Oliveira.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

LIVROS

JOÃO GRAVE — *A Eterna Mentira* — (scenas da vida burgueza) — Lello & Irmão, editores — Porto, 1905.

Depois d'*Os Famintos* com que o sr. João Grave se estreou no romance, vem *A Eterna Mentira* do mesmo escriptor provar que a velha phrase de Camillo — *Nós, os portuguezes, não nos ageitamos com o romance* — não encontra facilmente desmentidos formaes.

O sr. João Grave é essencialmente um lyrico, toda a sua obra — á parte alguma da sua collaboração no *Diario da Tarde* — é eivada, saturada de lyrismo. E' poesia o que elle faz nos seus romances. As acções são idealizadas e criadas n'um mundo especial doirado pelo seu sonho.

A prosa é por isso flaccida e inadequada, não cinge nem se ajusta á realidade, divaga, foge, galopa pela phantasia atraz d'imagens bonitas. Uma carruagem vulgar atravessando uma rua banal da cidade, dá-lhe a seguinte impressão: *O carro levantava uma tenue nuvem de poeira que o sol immaterializava n'uma rebrilhante nevoa d'oiro.*

O seu estylo é todo assim, feito de maviosidades e ternuras: *luares imponderabilizados, claridades hyemaes, vergeis elyseos, purezas etherisadas, refrações d'oiro, tristezas elegiacas, alcyonicas manhãs d'idyllo, scenarios idyllicos* e, sobretudo, de flôres. Cada romance do sr. João Grave é um canteiro opulento; citarei algumas amostras d'este: *flor humana, flores de velludo, flor azul do ideal, flor d'oiro, flor de castidade elysea, essa infancia ainda casta como uma flor viva, o orgulho animado como uma flor rara, as frescas flores theatraes da opulencia, toda rosada d'alegria como uma flor nova, a sua aspiração definhára como uma flor triste*, etc.

Ora com este estylo, mais variado no emtanto, podem fazer-se bellos contos ou novellas d'imaginação, mas nunca poderá servir para obras que aspirem a realistas, mesmo ao naturalismo idealista. E' esse comtudo o processo do sr. João Grave e querendo pôr gente n'esses quadros balsamicos e pintalgados consegue apenas ser, em toda a linha, um romantico. Demais o sr. João Grave tem predilecção pelos que soffrem e nunca houve estylo mais incapaz de objectivar a dôr da vida do que o seu, que é um lindo estylo enfeitado sem nenhum dos tons precisos para esboçar um misero ou fazer sentir uma angustia. Falta-lhe tambem o poder de observação que d'um punhado de exemplares analysados faz um typo. As personagens do sr. João Grave podem ter uma existencia real, algumas parecem até observadas directamente, mas como ellas são apenas individuos episodicos a sua realização em arte dá fantoches, visto que a copia d'um homem hade ser sempre um boneco, desde o momento em que pela accumulção de características diversas n'um mesmo ser d'arte se não consiga dar-lhe a envergadura d'um typo.

O meio tratado n'este romance é outro que o d'*Os Famintos*. Naquelle era o baixo povp, n'este é a burocracia e o commercio aburguezados. *A Eterna Mentira* é

a historia d'uma mulher que engana o marido por vicio, o arruina por cubiça e o leva ao suicidio, com a desvendação casual do adulterio, depois dos roubos que elle fez para lhe pagar o luxo.

Tudo isto é dado numa maneira apagada e frouxa, sem outra intenção que a de fazer um livro.

Gasta-se quasi todo o volume n'uma narrativa vagarosa da infancia da heroína e do lar paterno, accumulam-se episodios de que nada resulta, descrevem-se scenas banaes sem importancia para o romance e nas ultimas paginas precipita-se e condensa-se o entretcho que se exhaure rapidamente.

Os actos determinantes, os motivos que movem aquella vontade de mulher não se esboçam nem se expõem e chega-se ao final da obra sem sequer se saber qual a conclusão a tirar.

Será *A Eterna Mentira* o casamento? Não é porque o auctor o canta no velho *ménage* de Luiz e Candido.

Será o amor? tambem não é crível por isso que elle foi o esteio d'esse lar. Será a vida? é possível, mas n'esse caso unicamente a actual vida social, a civilização, porque para a grande vida universal das coisas e dos seres o auctor tem impetos de pantheista. Por isso apenas poderíamos concluir que *A Eterna Mentira* é a educação falsa d'hoje que rege a sociedade.

Na pag. 301 o auctor parece deixar expressa a conclusão: *Na terra, entre as disputas rudes das almas, tudo mentira, afinal, á sua fé profunda — á maravilhosa fé com que partira para o futuro. Fôra para elle mentira o amor, mentira a felicidade, mentira a solidariedade humana.* E' portanto mentira a illusão. Mas se o sr. João Grave reconheceu que *fôra para elle*, só para o seu heroe, mentira tudo isso, como pode chamar-lhe *eterna* como se quizesse arvorar as desillusões do seu Pedro em lei do universo?

*

E' isto o livro. Aquí e alem uma mancha bem dada, uma phrase precisa, um gesto bem surpreendido, mas em conjuncto é fraco e depois da leitura nada fica.

Eu admiro a actividade laboriosa do sr. João Grave, não lhe regateio as qualidades que possui — a facilidade da sua prosa, a sua piedade pela dôr, o seu grande amor á natureza — mas exactamente porque espero d'elle uma obra poderosa e sentida em que as suas qualidades se conjuguem e evidenciem é que tão documentadamente lhe digo toda a minha opinião.

Com o tempo, estou certo elle hade conseguir modificar ou a sua maneira e dar-nos então um romance moderno a valer, ou a sua obra e dedicar-se a livros mais adequados ao seu estylo ligeiro e colorido, porque é deveras curiosa a disparidade do estylo e das tendencias d'este escriptor. O seu estylo é feito para coisas serenas, idyllios, bucolismos, novellas e as suas tendencias são todas para os grandes dramas da vida que a sua linguagem não pode exprimir, por emquanto, pois é natural que a necessidade de expressar taes conflictos lhe vá criando uma nova maneira mais vigorosa.

ARNALDO FONSECA — *Mulher amada* — Ferreira & Oliveira, editores — Lisboa, 1905.

Este livro que o auctor subtitulou *Novella dialogada* é inteiramente um drama em 3 actos, curto, recto, empolgante. O sr. Arnaldo Fonseca é um escriptor vibrante,

cheio de originalidade e independência cujas produções são sempre crêspas ondas de revolta a cujo lume ascende o seu forte e indomável temperamento. Pode discordar-se da sua maneira, acha-lo por vezes inesthetico e duro, mas ninguem, á boa fé, negará o valor com que elle se afasta da rotina e espesinha o preconceito.

Este obra affirma mais uma vez todas as suas qualidades, é vigorosa e é original. Ha talvez um desmedido proposito de terrôr naquellas scenas, uma exotica nota, de vez em quando, como essa dos scenarios cujos reposteiros de velludo escuro se armorisam com corações alados d'oiro, uma inverosimilhança no convencional agrupar das personagens que olhadas a certa luz fogem da realidade; semelha, em partes, o seu drama uma d'essas mysteriosas peças de Maeterlinck em que ha intervenções mysticas e objectivações do supra-sensível mas procurando o leitor collocar-se no ponto justo de observação vê-se a verdade, algo symbolica, d'aquellas personagens que são logicas e representativas.

Foi talvez o instincto animal, o drama de sensualidade charra e desenfreada que rebaixa as almas afogando a ideia, o que o sr. Arnaldo Fonseca quiz fazer e conseguiu-o brilhantemente.

Aqui e alem rutila como um esboço de these a affirmação individualista do grande drama d'Ibsen — *O homem é tanto mais forte quanto mais solitario*. Diz Pedro a João Baptista: . . . *eis o teu inexcedível valor! Saber estar só! Poder estar só!*

As suas personagens são exemplares generalizados das mesquinhas creaturas, que vivem para a sensação mais que para o sentimento. A todos domina n'um vigor magnifico de traço, n'uma profunda e pittoresca evidenciação, a *Velha* — imagem poderosa da intriga, da calumnia, da bisbilhotice, tendo na bocca o veneno de cem linguas e arrastando em poz as victimas, o vil marulhar do insulto, da insidia, do commentario, incommoda sombra que na vida assoma como uma crystallização negra do preconceito, da infamia, da estupidez.

Na *Mulher amada* todos os caracteres são frustes e corroidos, todos os corpos manchados, todos os actos movidos pela mola colossal do sensualismo grosseiro. *Tula*, a protagonista, é uma réles creatura d'alcouce dominadora da alma d'um fraco artista — *Pedro* — que não póde reagir contra o feitiço dos sentidos que para ella se lhe orientam e d'ahi o drama que o leva á morte, á roda do qual se agitam outras figuras dubias sem relevo na vida.

Tudo isto dado n'uma linguagem crua, forte, precisa, sem divagações nem desvios, que contorna e expõe nitidamente o entrecho dramatico cheio de intensidade, rapido, empurrando as personagens com impeto e decisão sem sequer lhes preparar ou justificar o agrupamento. O valor do auctor resalta bem claro, ao vêr a segurança e o aprumo com que a sua prosa consegue fazer d'aquelle quadro sem belleza, uma obra artistica, a certeza precisa para aguentar em toda a peça a nota seguida da seriedade sem uma vez sequer resvalar no ridiculo nem no dramalhão. E' uma obra sincera, esta.

ANTHERO DE FIGUEIREDO — *Recordações e viagens* — Ferreira & Oliveira, editores — Lisboa, 1905.

Este livro é uma serie de descripções feitas de longe, tecidas de lembranças quando na calma do lar se revive a agitação das viagens, a pressa das jornadas.

E' por vezes pouco interessante; as sensações de tão obliteradas já não revivem nem se communicam.

O sr. Anthero de Figueiredo é um escriptor muito pessoal, muito íntimo, muito mettido comsigo, nos seus livros e por isso a sua prosa filtrada e tirante a vernaculo, em certos pontos decahe na attenção do leitor e não captiva nem seduz. Elle é tambem e sobretudo um poeta que dilue em paginas cheias o que só as linhas exiguas do verso sabem comportar.

Tendendo um bocado para o mysticismo dos symbolistas são de preferencia os aspectos subtis e despercebidos das almas e das coisas o que elle procura objectivar melhor.

Este livro que é muito variado e diverso no contexto, include alguns capitulos d'esse theor, pormenores da infancia do auctor, desafôgos d'alma, figurações de objectos e scenas familiares: *Uma velha escova de fato, com falhas nas sedas, logo que eu entrava no meu quarto de estudante, punha-se, de cima da commoda, a rir para mim um rir molhado de lagrimas.*

O canapé da sala, que com as duas poltronas fazia uma sociedade uma pontinha grave; o pequeno tamborete — seu moço de recados — sempre, como uma cadellinha, a fervilhar por baixo dos pés das senhoras; o relógio do corredor, fradesco, pachorrento, comilão por atacado aos sabbados: todos, todos vinham dizer-me, como sabiam e podiam, o prazer de me verem entre elles, sempre os mesmos, sempre amigos.

Em contraste com estes trechos de sentimentalismo vago e ingenuo, ha paginas vigorosas de sentimento, de phrase e de interesse. *Na Franconia e Trez cemiterios italianos* são interessantes; *Nos Avants*, por exemplo, é original e bem dado. Ha ainda outros pedaços de bello descriptivo um tanto estragado pelo artificialismo dos enredos que os sustentam.

O livro em conjuncto é agradável, se bem que o agrie um pouco essa nostalgia patriótica com que o auctor, volta e meia, abandonando a viagem vem remexer saudades e aspectos da sua terra.

MARIANO GRACIAS — *Saudades de Portugal* — Imprensa Nacional — Lisboa, 1904.

Este livrinho é uma coisa perfeitamente íntima e carinhosa que a critica não deve macular com o seu bedelho. Limite-me portanto a agradecer ao auctor o ênio dos seus versos tristes em que é pena a forma e o rythmo nem sempre corram parelhas com a pureza da inspiração.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

MANUEL DA SILVA GAYO — *Ultimos Crentes* — Romance — Lisboa, 1904.

N'este romance o sr. Silva Gayo procurou encarnar na estirpe d'um velho pescador o sonho messianico do rei *Desejado* que n'uma manhã de nevoeiro aportará aos seus reinos e cuja volta das terras da Moirama as *Prophecias* annunciam n'estes versos ingenuos:

«Bem cuido que já vem perto
O fim d'estas Profecias...»

Na orla do mar, entre meia duzia de choças, vive essa grande familia, fanatica da crença sebastianista, inflammada pela leitura do Bandarra, feita pelo patriarcha da

companha, o Arraes, quasi todas as noites, depois dos trabalhosos perigos do mar que os alimenta, os embala, se embravece de ventanias e encapelladas vagas e sempre, sempre, bonançoso ou irado, lhes sustanta a fé no Rei que hade vir. — Surge entre elles um estranho que lhes escarnece a ingenua cegueira? A um pretexto de briga escorraçam-no do povoado. A vergonhea mais robusta da raça, o neto do velho Arraes, parece trepidar na sua fé de predestinado a grandes coisas no novo Reino? Nem por momentos essa duvida os consome e apenas o lamentam, até o vêr voltar á crença primitiva. Finalmente o velho começa com os ultimos fogachos de vida a ter allucinações, sonhos cortados da visão do Rei *Desejado*, ouve-lhe a voz, palpa-lhe a purpura do manto, vê-lhe reluzir a lamina da espada e, n'uma tarde formidavel de tempestade, enxerga um navio deshaustinado a galgar os escarceus altissimos das ondas, com um naufrago erguendo os braços implorativos... tudo isto por entre um nevoeiro espesso, ao clarão sobrenatural dos relampagos.

Elle não hesita... «*E' o Desejado! E' o Desejado!*» E arrasta a gente valida para as embarcações acoitadas nos recessos da praia, larga o velame, n'uma doida correria para a nau phantasma que lhes vem ao encontro... Mas o abysmo abre uma guela mais hiante, somem-se todos num remoinho d'agua, emquanto a algumas bracas, na praia, os destroçados e fracos restos da raça messianica, velhos e mulheres, choram a sua miseria de desilludidos, de descrentes...

O sr. Silva Gayo parece ter querido neste livro representar a velha alma portugueza fechando os olhos á luz da razão, procurando ainda vacillantemente amparar-se á caduca tradição sebastianica; e aquelle final tragico indica a condemnação dessa illusão poetica e pueril, inutil e esteril... todo o passado guerreiro, aventureiro, baralhado em escaramuças e encontros, é um scenario pobre e desbotado para os largos horisontes do nosso tempo...

— Decerto... mas não seria inutil vir dize-lo? não o comprehenderão todos? Essa terra á beira-mar, indeterminada, em que a acção do romance se desenrola, não mostrará a difficuldade que o escriptor teria em apresentar como verosimil a cegueira sebastianista entre personagens cujos trajés, gestos e ideias conhecessemos de os cruzarmos na rua diariamente?

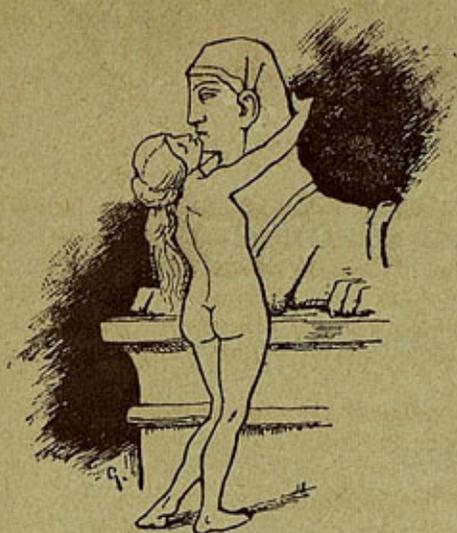
Não seria melhor ter-nos dado já o sr. Silva Gayo a obra de rasgadas vistas e trilhos novos que este romance parece annunciar; obra que a vida dum novo Portugal abraze de luz e em que enxameie uma nova gente, mais sã, mais alegre, mais honesta e trabalhadora?...

A trama do romance é muito simples e alguns episodios muito longos, desviando a attenção do fio da narrativa, como a scena da romaria e sobretudo a das bruxas. Mas o estylo attinge por vezes uma bellissima forma camilliana e as paginas de paysagem, de mar embravecido e sobretudo daquella ronda phantistica ao luar em volta da guitarra encantada do Moiro, são tocadas pela aza de uma grande inspiração.

LUIZ DA CAMARA REYS.

ERRATA

No artigo *A theoria economica do valor*, ha um engano que escapou na escripta e na revisão: não se queria dizer que Bebel expuzesse o seu modo de conceber o valor anteriormente a Karl Marx. *Quandoque bonus dormitat Homerus...*



N.º 6

ABRIL. — 1905

ARTE & VIDA

SUMMARIO

Londres maravilhosa — *Manuel Teixeira Gomes.*

Notas jornalisticas — *A. Fernandes Thomaz.*

Ninho desfeito — *Campos Lima.*

Industrias populares — *Manuel Monteiro.*

Sociedade Nacional de Bellas-Artes. — Exposição da Sociedade Silva Porto. — A exposição Jorge Colaço — *Alvaro de Castro.*

Kalendario — *Alvaro de Castro, Joaquim Madureira e João de Barros.*

Theatros — *Manoel de Sousa Pinto.*

Livros — *João de Barros e Luiz da Camara Reys.*

Trez desenhos de *Christiano de Carvalho.*

Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Thomaz da Fonseca, Silvio Rebello, Nunes Claro, Antonio Patricio, Candido Guerreiro, Manuel da Silva Gayo, etc.

Prosa de Teixeira Gomes, Antonio Augusto Gonçalves, Annibal Fernandes Thomaz, Rocha Peixoto, Basilio Telles, Arnaldo Fonseca, Joaquim Madureira, Lopes d'Oliveira, Alvaro de Castro, Homem Christo, Luiz da Camara Reys, Padre Manso, etc.

Desenhos de Christiano de Carvalho.

ARTS & CRAFTS

LONDRES MARAVILHOSA

PHANTASIAS SOBRE UM THEMA INFINITO

(FRAGMENTO)

De qualquer outra cidade é facil obter e guardar uma ideia arranjadinha e concreta, que nos dê approximadamente e sufficientemente o seu perimetro, a distribuição dos seus jardins, dos seus monumentos, consentindo-nos e incitando-nos a reconstituir, em imaginação, itinerarios que nos levem por apraziveis sitios preferidos, e crear ou reviver scenas, ás quaes a exacta reminiscencia da «côr local», alfombrando a topographia certa, ajunta muito de interessante e de gostoso.

Por lá se nos espaneja, alegre e toda catita, a rançosa, engelhada esthesia. . . O romancesinho de sempre, para onde pende a nossa imaginativa, é no qual se esvae, com futil, se bem que as mais das vezes inconsciente empenho nosso, o melhor dos nossos espiritos, ageita-se ao conchego dos acanhados limites.

Ensanchál-o, a esse romance pobre, até á confusão, ao inverosimil das indeterminadas barreiras, onde é de crer que deva ter fim a monstruosa agglomeração humana que se chama «Londres», amaruja, sobresalta, desconsola, apavora!

«Londres» surge lá muito do fundo tenebrosissimo de um pesadelo mortal. . .

Emquanto a enfeitada «Paris» — modelo de todas as demais marafonas modernas — só cuida de nos chegar aos labios os bicos, ungidos de capitoso mel, das suas tetas sovadas mas engrinaldadas, «Londres», aggressiva, caliginosa, repelle-nos com fereza e brutalidade, e o que, na primeira d'estas capitaes, é um continuo e suave sugar de vampiro, debilitando e matando com remissiveis blandicias, é, na segunda, uma sequencia de torcegões violentos, ao sabor de cujas investidas facil é que se nos inutilisem, irremediavelmente, todos os membros, com seus musculos, ossos, tutanos e nervos.

Isto, ao primeiro relance d'olhos pelas mais eóvidentes apparencias, como panno d'amostra tecido na iniciação reflexiva de quem possua o costume, o gosto e a habilidade de ver.

Continuando em experiencias, a «Paris» appetecida, a «Paris» do goso e da arte, perde logo quanto fingia e proclamava em mysterio, caracter e unidade, para se esfarelar nas pequeninas cabalas das gentes solertes... «Paris» envelhece, tartamudeia e baba-se...

Mas a outra, não. Na sua descompassada animalidade, na sua immensuravel depravação, na sua pujantissima braveza, a outra, por irremediáveis, instantes subjectivações — necessarias á sua comprehensão, pois que as visões concretas desfalleçam, falhem — ascende ás colossaes proporções de uma ignota entidade mythologica, que tombou crivada de feridas, e ficou a revolver-se, a escabujar no lodo e no sangue, cavando, inflammando, com o gume das unhas, no seio da terra, uma immensa, insanavel chaga, de que o mundo inteiro soffra.

Nos seus arrebiques, como nas suas arguciosas pesquizas, «Paris», tudo entende espiritualisar e tudo por lá resulta materia; em «Londres» a immensidão da materia só pôde ser sentida por spiritualisações delicadas.

Toda a gente gosta de discretear a respeito de «Paris»; eu prefiro lembrar-me de «Londres»...

Lembrar-me da «Londres» melancolica de sempre, mas, sobretudo e agora, ao espedaçar a primeira teia d'essas espessas nevoas por onde o pensamento se me extravia, lembrar-me da «Londres» desvariada de certos dias...

Por ali me encontrava eu quando foi o «jubileu de diamante» da excellente (direi nossa?) rainha Victoria, celebrado como sobejamente se sabe, pelos inglezes, com manifestações da mais atrevida arrogancia, á face algo mortificada das «Potencias» que simulavam não lhes perceber o sentido.

Estas «Potencias» que se andam continuamente a borrar nas pantalonas, estranharam, pela bocca torcida dos seus mais reputados publicistas, os extravagantes escarceos d'aquelle povo todo no seu louvor aos merecimentos da sua rainha, na qual, ellas, «Potencias», sómente viam uma velhota burgueza, ainda não por completo emparvoecida.

Mas já não sabiam onde ir desencantar principes e generaes para lh'os metterem no cortejo. E no dia proprio lá ia a velhota d'olho vidrado e beijo cahido, acaçapada á sombra do guarda-sol preto, levando a rasto, e de envolta com vassalos e creados, tudo quanto a «Europa» tem de mais selecto e refulgente, que parecia — como diremos? — um pequeno papagaio de seda negra com desmesurado rabo d'oiro e pedrarias.

A tal brincadeira carnavalesca, e isso é que importa, chamou a «Londres» muita força de forasteiro, muita creatura exotica, typos de toda a parte do mundo, enriquecendo-lhe ou esmaltando-lhe os seus

seis milhões de caras de todo-o-anno, com mais um ou dois milhões de figuras estranhas ou desusadas.

Aquelle mez de junho foi uma loucura pegada para toda essa gente, com febre que escaldava, e rematou no delirio de trez dias e trez noites passadas na rua, a urrar.

O grandissimo desatino, então, começou quando a rainha que chegára do campo, veiu á janella do seu palacio, lá muito longe da gente, e por detraz dos vidros, como quem tem muito medo de se constipar, acenou com um lencinho branco ao seu povo. . .

A multidão trasbordou não sei d'onde e, bem comparada a um abundantissimo rio que sahe do seu leito, alagou a cidade. Em alluvião caudalosa alcançou-lhe os pontos principaes, com impetos de insuperavel corrente, não soffrendo obstaculos, remoinhando á entrada das praças, estorcendo-se, estrangulada, no aperto das ruas, e arrastando consigo os gigantes fardados que intentavam «fazer policia», e iam na enxurrada, á tona d'aquelles mares de humanas cabeças, agitando os braços, como se tivessem *perdido pé*.

D'uma vez tambem a cheia me colheu a mim, deante de «Charing-Cross», á entrada da «City».

Eu sahira da hospedaria pela porta da estação, e d'ali caminhara direito ao «Strand», mas já envencilhado n'um tirão de gente que ora avançava, ora reflua do pateo de «Charing-Cross», ao tempo quasi todo obstruído pelo gigantesco amphitheatro da «agencia Cook».

A onda humana ia grossissima no «Strand», e os que vinham de «Charing-Cross» só a muito custo, e a largos intervallos, conseguiam rompê-la, investindo-a de roldão. Mas promptamente absorvidos, logo perdiam qualquer velleidade de resistencia, e seguiam á mercê da corrente, sem movimento proprio, cuidando apenas, durante as frequentes revessas, de lograr salvamento por lobrigadas, chimericas, jámais alcançadas sahidas, ou de garantir os ossos contra algum fatal embate no ferro dos candieiros e nos relevos das paredes.

Estas multidões, que passavam assim, em crespas levadas, careciam evidentemente de elementos aristocraticos, e abundavam naturalissimamente, em *motivos* populares. Mais livres, por conseguinte, mais francamente rebeldes, mais desgarradamente subversivas da ordem e da moral. . .

Entre o roubo e a lascivia. . .

Na estreita junção de tanto corpo tepido, a vontade cedia, e o fremito sensual dos primeiros, leves contactos, depressa, uivando,urgia apaziguamento.

Mas exacerbava-se, redobrava, enfurecia-se, generalisava-se. Os nervos de toda aquella gente vibravam ao mesmo diapásão de luxuria acerba.

E a violencia fazia-se ainda mais activa, e esboçava quadros mais inverosimeis do que nas aberrações do sonho. Perto de mim vi eu uma

delicada rapariguinha de dez annos — se tanto — quasi desmaiada, o cabello solto, os labios róxos, ir passando de mão em mão...

N'ella se refastelou e se refocillou um denso grupo de alentados meliantes. Dois d'elles disputaram-na a socco por cima da cabeça de certo cavalheiro, baixinho e nedio, que parecia ter perdido o uso das mãos, enterrado como estava até aos gorgomilos. A cartola d'este senhor foi-se com um murro, mas, caso milagroso, girou sosinha e rapida sobre a ondeante multidão e, apoz varias gravitações, voltou, ainda por si só, a pouzar-lhe na cabeça. Da rapariguinha é que eu não soube mais...

A estreita fachada da igreja de «Santa Maria», que se levantava a meio do «Strand», toda embandeirada, como a prôa d'um barco, dividiu a vaga humana; o cardume a que pertencia o tal grupo de maltezes encanou para a esquerda; eu segui pela direita.

Quando me soltava, na visinhança de «S. Paulo», verifiquei que levára quatro horas a andar um caminho no qual ordinariamente se gastam trinta minutos escassos.

Durante esse mez de junho tão pouco me largou tambem a mim a febre de que soffria a cidade inteira, amarfanhando-me o espirito, com alternativas e rebates bem singulares, de excitação e de abatimento, ora estimulando-me por entranhaveis alegrias, só proprias de quem se confiasse no encontro proximo, certo, da felicidade, ou dobrando-me á prostração nervosa de quem se vê, a cada passo, frustrado nas suas mais cubiçadas miragens.

E sempre falho de iniciativa ou vontade propria, incapaz de tomar rumo fixo, sem leo para nada e perdido, sósinho, vagabundo na immensissima cidade.

Comquanto absolutamente desoccupado e livre, voava-me o tempo sem que lograsse dispôr d'um momento sequer para attender ás mais simples e urgentes necessidades da vida corrente. A minha ociosidade enlevava-se na agitação do fantasmatico formigueiro que me cercava.

Custava-me crer que o tempo, ali, chegasse para acudir ás tão multiplices obrigações da vida civilisada, e havendo a transpôr tão grandes distancias, como seria possivel cuidar de negocios, cumprir com os apertados deveres sociaes, não esquecer a familia, evidenciar a piedade, philantropar, satisfazer a luxuria, acoitar, disfarçar o crime, e tudo em theatro tão disperso, pôr bairros tão longinquamente oppostos, ao desbagulhar das horas tão duramente marteladas, no tropel das sensações, no empecilho dos sentimentos...

A minha ociosidade escutava, complacente, o alarido d'aquella batalha que se embravecia para a tarde, e feria golpes tremendos na cerração da noite. Mas não sem que, a miudo, a vertigem me entorpecesse os nervos, ou sem que, agoniada, se me retrahisse a sensibilidade.

Decidia então viver vida á parte.

E acordava firme na resolução de me deixar estar quieto; comer, escrever, beber, (philosophar), visitar miudamente os museus, acolher-me á serena imbecilidade dos meus eminentes, elegantes amigos — quem é que não tem eminentes amigos? — furtar-me á lama da rua que a onda do povo deposita...

Mas qual! A rua logo me pervertia as mal acatadas resoluções, ao calor d'aquella magnifica, illimitada vida que reçuma das multidões anonymas, e era, ávido de a sentir, ali, muito mais rija e frutissimo mais ampla do que em nenhuma outra parte do mundo, essa truculenta vida, e ancioso de n'ella me envolver, mergulhar, afogar, que eu me lançava, quasi desesperado, pela cidade fóra, e a cortava em todas as direcções, sem norte, sem bussola, ao sabor das vacillações d'um imaginario fito inconstante, ou trepando ao tejadilho dos omnibus, ou sumindo-me nas estações subterraneas do metropolitano, ou resvalando, no pulido asfalto, á rapida, suave, impulsão dos «cabs».

E sempre embebido no espectáculo de tanta gente rara e diversa, d'uma tão aberta animalidade, tão geralmente livre da somitega, exclusiva, preocupação das attitudes e meneios, guardando tanta ingenuidade e alcançando um tão mordente pittoresco nos seus movimentos.

Muitas pessoas ha capazes de levar horas esquecidas na contemplação d'um gato que brinca; as feras humanas, grandes e pequenas, offerecem-me motivo de muito mais interesse. Nunca Londres me interessara tanto!

Aguilhoava-me até o desejo de voltar ao odioso tabaco para, cachimbando, sósinho no meio de semelhante chusma, buscar a illusão de um menos completo abandono, e excitando-me nas baforadas do seu fumo, saborear á maneira ingleza — com moldes do Dickens e alinhavos do Thackeray — a desfilada de caras tão generosamente suggestivas da escala perfeita, em todos os tons, dos nossos mais raros sentimentos, desde aquelles que entenebrecem o tragico podre, aos que se adelgaçam no comico pungente.

Mas empapava-se-me o peito de tristeza, remate sabido d'esses dias desvairados.

As melancholias do norte prendem-se á alma por indecisos estrangimentos, que se não localisam, e affloram em tormentosas saudades...

Saudades pelas quaes revertemos a bem remotas origens, até ao carinho d'uma peregrina poesia, rara no mundo, mas realmente a mais sentida que existe, a mais bella, embora, decerto, desconhecida em Londres.

Eu não fallo de poesias litterarias, como essa, inconfundivel por incotejavel — supremo, capcioso, illusorio exemplo — do «Inferno do Dante», artistica em demasia, de sublime composição, toda embalada em rithmi-

cos movimentos plasticos; não é isso... mas uma outra voz bem diversa, que eu não sei exprimir, e cuja imprevisita carícia, ás vezes, me faz desmaiar o coração.

Deus concedeu ás mulheres de Londres o privilegio d'uns lindissimos cabellos, fartos, todos feitos de delicados fios de fina seda ondeada, que, soltos, se adamascam de mordentes reflexos. Ha-os, ali, de uma incomparavel magnificencia!

E para que a tal respeito não fique duvida alguma, basta subir pelo passeio esquerdo de «Regent street», parar em frente do ultimo cabelleireiro que se encontre antes de «Oxford circus», e contemplar no seu escaparate a exposição d'esses mantos deslumbrantes em que tres mysteriosas creaturas, ajoelhadas e vistas de costas, se envolvem.

Mysteriosas! pois como resvalou ao enxovalho da almoeda uma opulencia tal?

O primeiro d'aquelles mantos é de seda frouxa, tecido de imponderaveis fios, alizando-se como setim cinzento, onde desmaiam reverberações pallidas de prata, e amoldando-se-lhe aos relevos do corpo, com vida propria, com ternura, com o cingir anciado de quem se dóe da separação proxima. O outro levanta-se, no alto da cabeça, divide-se e encurva-se como as petalas d'um lirio de oiro, coroando-a imperatriz de impreteriveis chimeras; depois desgrenha-se-lhe sobre os hombros em crespas linguas de fogo, e rutila em fusão, abrazando-lhe as costas com resurgentes clarões. O terceiro é todo negro, tenebroso, estranho, serpentino; retorçe-se em extravagantes, arrebatadas, curvas, ou resume-se e estagna em dolentes madeixas; idealmente aereo no conjuncto, sobresaem-lhe relevos quasi massivos, e rematando, abre-se em circulo de agudas pontas, como panoplia invertida de reluzentes alfanges...

Estas cabelleiras renovam-se a miudo, como seja sempre facil encontrar-lhes collocação, supprindo e reparando as faltas e avarias da idade ou do vicio, em toutiços de senhoras abastadas.

Presenceei uma das diabolicas transacções, na qual figuravam: certa dama de despropositado volume e cara de morango azedo, o amaricado dono da loja, e a mofina dona da cabelleira ruiva. Eu andava namorado, precisamente, havia dois dias, d'aquellas rubras serpentes — que me seria tão doce sentir enroscarem-se-me nos braços nus — e fui, justamente, assistir á sua morte!

A soberba dama ingleza, levantada sobre a roda immensa da sua saia de chamelete pardo, despedia chispas das mãos roliças, cravejadas a pedraria, e como se dirigisse do alto d'uma torre o supplicio de outra ainda mais desditosa «Maria Stuart», mandou que lhe cortassem os doirados cabellos. A victima ergueu um dos braços e n'elle escondeu o rosto, quando o aço da tesoura lhe começou a morder, silvando, as fulgurantes madeixas. Insistia a outra porque lh'as cortassem bem rentes...

Sim, não offerece duvida, em Londres é que se vêem os mais formosos cabellos do mundo inteiro, e era com uma d'essas prestigiosas comas — mas domadas ao gosto da moda nos moldes do penteado grego — que a menina ingleza, extremamente gentil, por detraz de quem o acaso me collocára, no concerto do «Sarasate», me tirava a luz dos olhos, e me açambarcava a attenção que eu deveria consagrar, ciosamente, á musica.

A musica, porém, é que se lhe não prendia aos cabellos, e vinha pouco a pouco despertar-me nos mais abandonados recessos da memoria, umas amortecidas, distantes, deliciosas sensações colhidas á luz de um outro sol, e que pareciam agora perfumar-se e condensar-se e reviver ao calor tão suave que se me insinuava na alma, pela presença da minha linda visinha.

Era um relancear de olhos ás mais captivantes clareiras do passado, e nas composições do artista percebia eu, mal disfarçados, se bem que sabiamente aproveitados, certos cantos hespanhoes, com os quaes o moço de bordo nos faluchos andaluzes, e o pegureiro nas cumiadas das Alpujarras embalam as saudades e afogam as tristezas. Musica dolorida que se não canta com a voz, mas á força de fundissimos suspiros, soltos do coração no borbulhar das lagrimas; lagrimas atavicas, presentidas de todo o soffrer humano, que fazem rir da grande experiencia dos poetas velhos.

Mas semelhante poesia, nem é ingleza, nem vem do norte; é talvez uma desgraça, um castigo, um maleficio, de que só padecem raças de outras latitudes...

Que assim seja, no entanto, o scenario da grande cidade convem a todas as dores, até ás maximas tragedias, aquellas, de preferencia que minam as almas solitarias, as miserias desamparadas.

Para que o «inconsciente» retoice á larga nas pradarias da tristeza, para que refuljam os clamores esquecidos, para que o coração regorgite dos males e das angustias alheias, para fugir ás unhas da ironia vil, para conspurcar o louvado vicio de caricaturar o homem, para vomitar o fel da inveja, para tecer o manto pardo mas carinhoso da «piedade», em horas de gelido abandono, «Londres», só «Londres» no mundo, e esses caes ao longo do «Tamisa», em noites de revolta, de crime, de pavor, quando o nevoeiro nos bate pela cara em rolos de crepes que o vento arrasta, e ali onde as trevas são mais densas, phosphorecem os olhos dos assassinos...

A cerração abafa a agua, e do rio que suffoca ouvem-se bem estranhos murmúrios d'afflicção, levisimos latidos, e tão humano sôa por vezes o doloroso queixume, que parece vir d'envolta no vagir de creancinhas agonisantes. Debaixo das pontes, entre os cylindros crassos dos pilares de ferro, nas pansas entumecidas dos pilares de pedra,

os bicos de gaz choram uma luz rôxa e pingam dentro das esferas de nevoa como tochas de cera e sangue.

Então as palavras retomam o seu forte sentido original, e se na mente relampeja qualquer expressão de terror e que a bocca traduza: morte!, são horrorosos de ver os quadros que a imaginação engendra.

Palavras! Ha-as que surgem a modo de espectros, dos mais fundos escaninhos da alma, e acodem aos labios n'uma tão hedionda sensação de susto, que a carne nos treme toda...

Foi por uma noite assim, de alheação, penosa, o pensamento alisado de negro, e a vontade frouxa, solta, lassa,—como fogem as redes das mãos do cavalleiro cançado— que a fortuna me deparou o judeu Simão, commendador de Christo.

Junto ao palacio «Somerset» cantavam-se malaguenhas; mas de repente a guitarra repenicou o fado. Não restava duvida, era o fado! Movido n'um thema monotono, desenrolava a estreita faixa d'arabescos geminados. Depois lavrou o arrendado das variações, com as candentes notas molhadas e sorvidas, e o rabear das agudas espiraes sonoras em volta dos espasmos sexuaes...

Encolhendo os hombros— Alfama na City! — me fui para o grupo dos que ouviam. Dentre elles, vacillante, quasi a despegar-se do alto rolo d'uma sobrecasaca esfarrapada, avultava a cara, em massa de pão crú, de feições enfarinhadas e murchas onde fuzilavam dois olhos de rufião napolitano, que era a apparencia do judeu Simão, commendador de Christo.

Lobrigou-me, e sem demora:

(*atrevido*)— O senhor percebe a musica?

— Percebo...

(*curioso*)— Mas sabe que musica é?...

— Sei...

(*inquietao*)— E' portuguez?

— Sou.

(*insistente*)— De que provincia?...

— Algarvio...

(*melancolico*)— Tambem eu...; quero dizer, eu tambem quasi que o sou...

— Melhor!...

(*humilde*)— Importuno-o?...

—... não...

(*extatico*)— Ah! eu adoro o fado... nunca se escreveu um lamento assim... (*com auctoridade*) Compare o chorosinho astmatico do Chopin, e por entre o cascalho do Liszt os gemidos do hungaro... Que indigencia! (*emphatico*) O fado! Raro se topa, mesmo nos desvarios symphonicos do Schumann, com rythmos tão intensamente tristes; só

o Beethoven cavou mais fundo no incomparavel thema... (*familiar*) E' curioso, pois não é? que o Wagner, tão repassado d'humanidade o não aproveitasse... Os russos, agora... (*impertinente*) O cavalheiro é musico?...?

— Não senhor.

(*desenvolto e serpentino*) — Ainda bem. A musica é a mais reles de todas as artes; actua nos nervos á semelhança dos preparados pharmaceuticos... Toda a escorralha humana é sensível á musica, e até os cafres cantam afinados... (*meditando*) Mas a sociedade exige zabumba, e justificam-se talvez assim os maus tratos que o meu hospedeiro inflige á mulher, cuja inaptidão para a musica é extrema... Imagine que a infeliz, pudenda, escosseza e desdentada, não dá um dó natural. E como se isso não bastasse, está agora desaforadamente grávida... O marido põe-a nua no meio da casa, pendura-lhe uma lanterna accessa ao embigo e dança-lhe á roda, horas e horas, tocando pifano. Julga insuflar assim ao feto o sentido musical... (*obsequioso*) Consinta o cavalheiro em ver uma vez o apreciavel espectáculo... (*magnanimo*) Garanto-lhe as necessarias commodidades: cadeira de costas com todos os seus pés inteirinhos. Ha um pequenino postigo na porta do meu quarto que abre para a sala dos divertimentos—a camara nupcial—e tambem se executam numeros novos, quando se ajunta publico. Não se usa peditorio. Venha uma noite, e por «Siva» lhe juro que se não arrepende. Caso falhe o espectáculo, leio-lhe o «Kama-Sutra» cuja traducção me occupá os mingua-dos ocios. A proposito já estive nos Hymalaias?...?

— Ainda não.

(*Sentencioso*) — Deligencia não morrer sem dar esse passeio: ali, na India, a paisagem desorienta, os monumentos assombram, e o povo encanta pela sabedoria dos humildes que fogem á realidade dos sentidos, como do mais grosseiro dos enganos, e se acolhem ao sonho, unico asilo da verdade... (*ironico*) Não por isso os admiro mais, mas tão sómente porque escreveram o «Kama-Sutra», meu guia e minha bussola... (*exaltado*) Eu vivo pelos sentidos e só percebo a vida escravizada á Luxuria. Como tudo anda falseado graças ao tolo orgulho do homem! (*Subtil*) Urgia averiguar, sobretudo para lição deste presumido povo inglez, se o prazer intellectual que resulta da consciencia de uma digestão perfeita, se vantagem ou não, ao prazer intellectual alcançado na leitura da melhor peça do Shakspeare, embora feita nas projecções do mais potente de todos os cerebros... Arroga-se o rei dos animaes bem mais prestigio do que merece, e postas as coisas no seu lugar, não vejo que a morte d'uma mosca em compota de pecego seja menos tragica do que a do duque de Clarence no tonel de malvasia... (*com affectada humildade para corrigir o meu bocejo*) Mas deveras não sei se o estou massando... (*familiar, batendo-me no hombro*) O cavalheiro inspira-me real sympathia. Desejava ser seu guia n'esta «Londres» maravilhosa, a

qual, insisto em dizer-lho, só começa a ser cabalmente interessante depois da meia noite, quando meia duzia de miseraveis superiores tomam posse d'ella. (*insolente*) Lamento que a nimia limpeza do seu traje me inhiba de o apresentar agora mesmo a algum d'esses amigos com quem me vou encontrar em Blackfriars... Mas decerto nos veremos ainda, pois não?... (*disparando, rapido*) O cavalheiro empresta-me meia libra?... (*theatral*) Ah! o oiro! E' a luz mineralizada e... a mola real da vida... Quando, arrebatada pela colera, a derradeira fada partiu a a sua varinha de condão em milhões de bocadinhos e os espalhou pela terra... estava creada a libra esterlina. (*atirando ao ar a moeda que eu lhe dera, e colhendo-a com presteza de prestidigitador*) Adeus! Até mais ver... Na ponte de Blackfriars, ás terças e sextas, depois da meia noite. (*chasqueando*) Olhe que os miseraveis são em «Londres» o que ha de mais digno de estudo...

Appetecia-me agora discorrer acerca dos miseraveis de Londres, mas — quem é senhor da propria vontade? — outros miseraveis que eu conheço ainda melhor, saltaram-me a memoria, e a elles vou: em materia de pobreza, Londres está por toda a parte...

Na minha terra, que não é nenhuma Londres, nem muito menos, — enterremos a esfalfada graça da naturalidade de Homero, a fim de forrar aos povos futuras perplexidades: chama-se Villa Nova de Portimão — mas onde se exercita a Caridade em larguissima escala, ha miseria em barda.

Para lhe acudir, no intuito de, até certo ponto a remediar, varias familias abastadas reúnem defronte de suas casas, aos sabbados, os pobres pedintes que queiram ou possam apparecer, e distribuem-lhes moedas de cinco reis: uma por cabeça. Ordinariamente cada pobre arrebanha, n'esse faustuosissimo dia, os seus trinta e cinco réis.

Mas não sem trabalho, porque muitos d'elles vem do campo, de bem longe, e a algumas casas ricas não desagradam tel-os tempos infinitos, todos juntos, deante da porta; a piolhosa affluencia de farrapos é expressiva taboleta que está berrando: «casa grande, dá esmola ao sabbado!» Um barão nada conspicuo, mas ancioso por ser visconde, demora sempre a pobralhada duas horas, que chova ou que vente ou escale o sol; por fim sempre de lá vem — honra lhe seja — a moedinha de cinco réis, ou de dez réis, dando o pobre o troco.

Duas ou tres das boas familias da terra não dão esmola ao sabbado: dão á segunda feira. E com muitissima razão, primeiro porque o sabbado é dia festejado entre os judeus, improprio portanto a que n'elle se exercite a caridade christã, e depois á segunda-feira a caterva dos pobres diminua. A muitos d'estes não vale a pena vir de tão longe só por causa de tres ou quatro moedas de cinco réis; aos sabbados andam por cento e vinte os taes pobres, e á segunda raro passam de oitenta,

o que, para quem entende de contas, representa uma economia annual de dez mil e quatrocentos réis...

Certos cavalheiros portimonenses em quem a intelligencia e o engenho correm parellas com a esplendidez, imaginaram até combinar com outros cavalheiros dos povos circumvisinhos, tão liberaes e argutos como os primeiros, um dia fixo para esmolar em toda a região, evitando assim que, *verbi-gratia*, os pobres de Lagôa viessem a Portimão, e vice-versa.

Afortunadamente gorou o judicioso projecto, de modo a tolerar que os hebdomadarios ajuntamentos da pobreza continuassem, na minha terra, tão copiosos como d'antes, e merecedores da attenção, já não digo de embuchados philosophos aruspicios, mas da aguçada curiosidade dos ignorantes sentimentaes.

Semelhantes reuniões, louvado sejaes, Senhor! não envergonhariam cidade alguma do mundo, entre aquellas mesmo que disputam a palma do progresso e da civilisação.

Isto — haverá quem pense — digo-o eu, abusando, algo, quiçá, d'esse sceptro que nas mãos do homem Deus metteu ao coroa-o «rei da Creação» — o qual sceptro se chama escolasticamente «poder de generalisar». Pois não senhor, que nem as «Petersburgos», as «Viennas» e as «Berlins» ostentam mais selecta collecção de figuras exorbitantes.

Seja esse um ponto discutido, o que me desculpará de não esmiuçar no forte da pobralhada, onde no emtanto avultam: o athletico, magestoso velho, de barba encanecida — exemplar muito antigo e até um pouco gasto, trazido da tragedia antiga — que, tenteando o espaço com a ponta do bordão, caminha altivo e impassivel, erguendo ao ceu os olhos que já não vêem, olhos que intumeceram e se soltaram das orbitas, e empederniram com as dimensões, a côr e a forma de dois ovos de pata. E a corcovada, microscopica velhita, açafata pellitrapa, que para nos mirar abre com dois dedos, n'um gesto impertinente, — como de quem deseja assestar no publico o imaginario monoculo — as palpebras paralyticas, etc. Estes, dê-se-lhes a tinta que se lhes der, resultarão sempre typos de... comedia.

Mas de primeirissima ordem, suas excellencias os senhores leprosos. Ha tantos, tantissimos, lá para os meus sitios, d'esses magnates da desgraça!

E eu privo com quasi todos. Muitos conheço-os de pequenos, e a um d'elles segui, proveitosamente, nas phases e progressos do seu mal. Vi-o jogando ao belindre com os outros mocinhos da rua, tão alegre e travesso como os seus companheiros, quando a pelle do rosto, desmaiando, se lhe começava a encrespar de lentilhas côr de rosa; vi-o, depois, ao enraizar o mal, obscurecer-se-lhe o olhar no desalento das mortaes melancolias; hoje vejo-o... mas já o não reconheço, pois que se lhe apagaram as feições, e se fundiram em um tecido gordo, amarelento,

assim de enxundia de gallinha, onde brilha frouxamente o vidro fosco dos seus olhos, olhos que elle desejaria cerrar, á semelhança da outra gente, quando lhe dóe o pudor da sua malvada deformidade, mas em balde, porque já se lhe desfizeram tambem as palpebras...

Mas este já não concorre ás festas sabbatinas. O grandissimo inchaço dos pés tem-no preso em casa, e quasi que o soldou ao chão vae para um anno. N'esta primavera, illudindo a vigilancia materna, conseguiu accommodar as elephantinas extremidades n'uns sapatos que, do espolio de certo gigante morto durante a feira, a mãe lhe trouxera para festejar os seus quinze annos — saiu e foi-se deitar da ponte abaixo. Mas logo o pescaram — e quem, ao pensar em tal, não uivará de raiva? — a tempo de o restituirem ao martyrio da sua vida.

— Porque te querias tu matar? perguntei-lhe.

— Porque eu já não sou gente, respondeu.

Quem sabbadeia infallivelmente de porta em porta, é a mulher da lepra secca, esqueleto ambulante, andando ás corridinhas, por machinismo, e a verem-se-lhe os ossos furar a chita poída da saia parda. A molestia comeu-lhe todos os dedos: ella move-se nos côtos dos pés, e com os côtos das mãos enxuga duas lagrimas rebeldes que, dos olhos quasi sumidos, perpetuamente lhe escorrem pela caveira abaixo.

Outro ha — esse, a meu vêr, Sua Magestade El-Rei de todos elles — que tambem não falta. As insignias bem patentes da sua realeza, a sua briosa compostura, seu andrajoso roçagante, seu enfunado gesto, conseguiram impor-me tanto respeito que nunca me atrevera a encara-lo bem. Adregou fazel-o um dia, quando na egreja de Ferragudo o vi querendo soltar-se do aperto em que, á voz de «fogo», o panico ennovellara a multidão, levantar sobre a musgosa cabeça as mãos lastimaveis, as mãos da sua miseria. Preciosa comparação! ellas lembravam dois rasoaveis ananazes, em cada um dos quaes se houvessem tanchado cinco bananas muito maduras e descascadas...

*

Mas arrefece-me ainda agora o sangue, á lembrança do olhar que me cuspiu, crivando-me a alma de remorsos, a livida visão de «Picadilly». Fiquei estarecido, e quando me roçou pelo fato a gelida humidade dos seus farrapos, a cujo contacto foi impossivel fugir, mal tive força, para, supplicando, balbuciar: «Perdôa! Olha que eu não tenho culpa, não tenho culpa...»

Tinha culpa! N'esse momento o meneio evocador d'uma formosissima meretriz, provocadora, diligente e vigilante, trouxera-me ao pensamento aquella figura do «Acropolis» arrancada ao «Parthenon» que

representa não sei que deusa desatando a sandalia — Niké, a deusa da Victoria. N'ella estatuiu o «Phidias» uma das apparencias definitivas da belleza feminina.

E' um corpo serpentino, de virgem vigorosa, todo — mas miudamente — patenteado sob as pregas da subtil tunica de linho, a cuja vista se nos afoga o coração em sensualidade. Vasava-se-me a imaginação nos moldes do desejado modelo, em seios titillantes, opulencias de quadris, e dilatações de luzentes coxas lisas...

Era injustamente, impudentemente feliz, e tão culpado que pouco me pesou o destroço feito no meu idolo, quando o olhar desapiedado da miseria me desligou a alma d'aquella artificiosa imagem, para dar logar á realidade entenebrecida...

MANUEL TEIXEIRA GOMES.

NOTAS JORNALISTICAS

O BOLETIM DO EXERCITO

1833 — 1834

Nos ultimos annos da guerra da successão, tinham os dois partidos na imprensa os seus orgãos officiaes. O governo de D. Pedro a *Chronica constitucional do Porto*, e a *Chronica constitucional de Lisboa*, que tinham sido precedidas pela *Chronica da Terceira* (17 de abril de 1830 a 29 de maio de 1832), e continuada esta pela *Chronica dos Açores* (6 de janeiro a 29 de dezembro de 1833), após o embarque da expedição liberal para o continente; e de D. Miguel o *Boletim do Exercito*.

De todas elles são os mais raros a *Chronica da Terceira*, depois chrismada em *Chronica, semanario dos Açores*, a *Chronica dos Açores*, e o *Boletim do Exercito*. D'aquellas rarissimas colleções se conhecem; deste não sabemos que actualmente exista qualquer exemplar mais completo do que aquelle que faz objecto desta nota, sendo por este motivo o mais raro, e o menos conhecido dos dois.

D'elle se occupou primeiramente o *Conimbricense*, num folhetim que o seu redactor Joaquim Martins de Carvalho inseriu no n.º 2:910 de 3.ª feira 15 de junho de 1875, sob o titulo: «O Jornalismo em Coimbra, 1808-1875» onde, e por duas vezes, affirmou que só se imprimiu nesta cidade o n.º 1 com data de 15 de agosto de 1833, numero este que depois reproduziu no seu jornal, no n.º 2:912 de 3.ª feira 22 d'aquelle referido mez e anno.

A este seguiram-se: o sr. general Martins de Carvalho, no seu *Diccionario militar portuguez*, Lisboa, 1881; pag. 46 repetindo a mesma asserção do *Conimbricense*, em quanto ao 1.º numero; o dr. Ernesto do Canto no seu *Ensaio bibliographico* (sobre as obras relativas aos successos politicos de Portugal de 1828 a 1834) 2.ª edição Ponta Delgada 1892, pag. 278, sob o n.º 1504; A. X. da Silva Pereira, nos seus livros: *O jornalismo portuguez*. Lisboa, 1896, e *Os jornaes portuguezes, sua filiação e metamorphoses*. Idem, 1897, e talvez mais alguma outra publicação, que nos não occorra de momento. Todos elles porém se limitam a referencias mais ou menos curtas, e, (á excepção do *Ensaio*, que accrescenta mais um) indicam apenas como locaes de impressão: Coimbra, Leiria, Lumiar e Santarem. Todavia não foram só nestas localidades que o *Boletim* se publicou, como veremos adiante.

A collecção, que tivemos ensejo de examinar é quasi completa, pois que em toda ella apenas lhe faltam 17 numeros intercalados n'um total de 208, e parece-nos, até prova em contrario, ser a mais numerosa que hoje existe.

Compõe-se de 2 vol. ou annos, formato-fol. peq. almasso e impressos a 2 col. O 1.º relativo a 1833, comprehende 107 numeros com 418 pag. numeradas, e publicados desde 15 de agosto a 31 de dezembro, nas seguintes localidades:

Numeros 1 a 3. No fim de cada um d'elles a indicação: Coimbra: na Typographia da Intendencia Geral da Policia do Exercito. Por Ordem Superior. Numeros 4 a 6 em *Leiria*; numeros 7 e 8 nas *Caldas*; numeros 9 a 11 em *Obidos*; numeros 12 e 13 em *Mafra*; o Supplemento a este numero e o 14, em *Cabeça de Montachique*; o Supplemento a este, e os numeros 15 a 44, no *Lumiar*, e finalmente os numeros 45 a 107 em *Santarem*, onde continuaram a ser impressos os numeros 1 a 101 do anno de 1834, que conta 108 pag. e foi publicado desde 4.ª feira 1 de janeiro a sabbado 3 de maio. Com este numero terminou (?) a publicação, sendo abandonada Santarem pelos miguelistas a 14 d'esse mez. Todos os numeros apresentam no fim a mesma indicação do 1.º em quanto á typographia, divergindo apenas no local da impressão, quando necessario.

Para não alongarmos em demasia este artigo, deixamos de transcrever um *Annuncio* publicado na pag. 4 do numero 1 onde se declara o nome do redactor, que era o bacharel Antonio Pimentel Soares, natural de Coimbra, e que depois embarcou com D. Miguel em Sines, depois da convenção de Evora Monte.

Vê-se pois que em Coimbra se imprimiram 3 numeros e não só o 1.º, sendo impresso successivamente em Leiria, Caldas, Obidos, Mafra, Cabeça de Montachique, Lumiar, e finalmente em Santarem. Com quanto o prelo em que o *Boletim* era impresso acompanhasse o quartel general na retirada desta ultima cidade para Evora, não consta que aqui se continuasse a imprimir, nem tão pouco que se publicasse qualquer outro numero entre 4 e 14 de maio de 1834.

A collecção que tivemos em nosso poder foi reunida cuidadosamente por um contemporaneo, o qual, ou não chegou a receber, ou se lhe estraviaram na occasião os 17 numeros que n'ella faltam, e que elle indicou n'uma tira de papel que a envolvia.

Apesar de tal lacuna, representa esta collecção uma verdadeira preciosidade jornalística, da maior importancia para a historia da epocha, como veremos pela referencia a alguns dos assumptos tratados em varios numeros.

Muitos d'elles são acompanhados de supplementos, e até de proclamações impressas avulsamente, que adeante mencionaremos.

Publicava-se o *Boletim* diariamente, com excepção dos domingos, e da ultima semana de fevereiro de 1834, na qual apenas houve trez numeros (46 a 48), na 2.^a, 4.^a e 6.^a feira; continuou porém a sair regularmente em todos os dias uteis, desde o 1.^o de março até 3 de maio, em que, como dissemos, terminou definitivamente (?) a publicação.

Faremos agora breve resenha de alguns dos escritos mais interessantes n'elle publicados, os quaes, na sua maioria, só aqui se encontram.

Anno de 1833

Numero 38, pag. 115-116. Pastoral de Fr. Fortunato de S. Boaventura, arcebispo de Evora. Conclue no numero 39 pag. 121-122. Dada junto á Villa de Pombal a 15 de setembro de 1833. Contra o decreto de 5 de agosto do mesmo anno, que declara vagos todos os bispados providos por D. Miguel.

Supômos ser este o primeiro documento *impresso* sobre a celebre questão do scisma, que só terminou em 1842, e parece-nos igualmente que só n'este jornal se encontra. Pelo menos não conhecemos d'elle qualquer reprodução posterior.

Numero 43, pag. 137-138. Idem, de D. Joaquim, bispo da Guarda. Conclue no n.^o 44, pag. 140-141. Dada em Coimbra no Collegio de S. Antonio da Estrella, aos 15 de agosto de 1833.

Contra a Maçonaria

Numero 52, pag. 177, Soneto aos annos de D. Miguel. Assignado *O Vate Conimbricense* Antonio Pimentel Soares.

Numero 58. Relatorio do combate de 11 de outubro de 1833.

Supplemento ao numero 60. Carta do Marechal Lemos datada de: Alcacer 3 de Novembro.

Numero 73 pag. 273-274. Circular aos socios da *Boa Comprimidade Lusitana*.

Se este curioso documento não é apocripho, constitue elle uma especie importante e desconhecida para a historia dos *Carbonarios* em Portugal. N'esta circular (que o redactor do *Boletim* declara *ter sido interceptada em algumas das correspondencias aprehendidas aos rebeldes*), incluem-se os Estatutos de uma sociedade de *Carbonarios*, com a designação de *Boa Comprimidade*, porque os adeptos são n'elle denominados *Comprimos*. Compreendem 27 artigos, e os seus intuitos e fins são assim designados no preambulo que os antecede:

«A todos os Socios da Boa Comprimidade Lusitana em N.^o C, vos envio muito saudar. Considerando quanto vós, Bons Comprimos jurados e juramentados, vos empenhaes na estabilidade do Governo da Nossa Pedra Angular, para o edificio Peninsular, julgo agora de abso-

luta necessidade comunicar-vos os seguintes documentos, para que cada um dos Irmãos á margem numerados, chame todos os Adeptos ás armas no Districto do seu juramento; porque são horas de despertar, e que a luz brilhe mais que as trevas; e *afim de acabarmos com o Tyranno, que se evade com pressa do laço.*

Ainda no art. 20 se lê «... que n'aquella Sagrada ordem não ha senão uma palma para dar áquelle, *que directa ou indirectamente apresentar o Tyranno morto, ou preso, ou a sua cabeça...*»

E no final do art. 26; «Honra a S. Theobaldo, Nosso Padroeiro, e Gloria ao Nosso Grão Mestre... Ordem A vós etc. Ide em paz. Amen».

Comquanto conheçamos um pouco a historia das sociedades secretas em Portugal, e as numerosas publicações a que ellas tem dado lugar, nunca encontramos qualquer referencia é *Boa Comprimidade Lusitana.*

A'quelles que por ventura interesse, lembraremos a leitura dos conscienciosos e bem elaborados artigos que sobre *Maçons e Maçonaria* se encontram no vol. 6 do *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, Lisboa, 1882-1884, vastissima e copiosa encyclopedia, que infelizmente não proseguiu.

Numero 93, pag. 359. Pastoral de D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, arcebispo de Evora. Continua nos numeros 94, pag. 363-364; 95, pag. 367-368, e conclue no numero 96, pag. 370-372.

Dada em Condeixa aos 21 de outubro de 1833. Contra a abolição dos dizimos.

Numero 100, pag. 390. Soneto por ocasião das felices melhoras da S. S. Infanta D. Maria da Assumpção. Por *José Maria da Silva Leal.*

1834

Numero 11, pag. 41-44. Descrição do funeral da Infanta D. Maria da Assumpção.

Numero 46, pag. 156. Pastoral de D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, arcebispo de Evora, continua nos numeros 47 a 65, 67, 72 e 74, e conclue no numero 75 pag. 273-274.

Dada na Villa de Borba aos 24 de fevereiro de 1834. Versa sobre: Obediencia ao... Sr. D. Miguel I; Ordens religiosas. — Falsas decretaes, — Nunciaturas apostolicas.

Numero 94, pag. 347-349. Correspondencia do mesmo prelado contra a nomeação do governador do bispado de Cabo Verde (Questão do scisma).

E aqui concluiremos a noticia de uma especie jornalística pouco conhecida até ao presente, que não deixará de aproveitar aos investigadores.

NINHO DESFEITO

(CONCLUSÃO)

Foi d'ahi a poucas semanas que ella abalou de casa. N'otara nesse dia o Domingos o seu ar perturbado, as suas lagrimas a todo o momento e aquelle grande abraço enternecido que ella lhe dera quando elle descera para o trabalho. Em baixo, no labor do campo, elle sentiu-se tomado por sombrios presentimentos. Avisado de que a Maria do Carmo se confessara ao padre, já ha dias que elle andava de sobreaviso, como quem se precavê contra uma cilada. Mas elle confiava nella, no amor d'ella e a si proprio se dizia ás vezes que nada haveria a re-crear d'esse padre odiento e vil que certamente tentara já fazer-lhe entrar a discordia em casa. E nessa manhã, como no atordoamento de uma pancada vibrada de surpresa, elle acabava de ver no olhar de Maria a intuição clara de que entre os dois alguma coisa se interpunha agora e iria ferir o seu amor. Olhando a terra, em que puzera todo o sonho d'uma vida feliz, os seus braços cahiam lassamente, num desapego já do trabalho, como quem o sentia agora para sempre inutil. E via ainda aquelle olhar d'ella, timido e extranho, cheio de melancholia e arrependimentos, como a gritar-lhe a morte do seu amor, d'esse amor, grandioso e bello em que elle assentara a esperanza da sua vida. Escravo libertado, elle amara aquella terra que lhe firmara a liberdade; reintegrado á natureza, tornara-se o amigo d'aquellas arvores, que tractava com carinho, fizera-se bom para os animaes, e enternecia-se á hora do poente, numa poesia doce e vaga como até alli não tinha sentido nunca. E a terra parecia-lhe agora triste, as arvores tomavam aspectos sinistros, e o seu coração enchia-se de uma angustia indefinida que parecia subir até elle da natureza inteira. Ao lado o Manuel sombriamente, estudava-o com o olhar, sem dizer uma palavra, presentindo que alguma coisa amargurada se passava na vida do seu amigo.

— O padre, o maldito do padre !

E tendo deixado cahir estas palavras desesperadas, o Domingos cravara no outro o olhar allucinado, poisara-lhe a mão no hombro e acrescentara num grande ar maguado:

— Parece que o patife me deu volta á cabeça da rapariga.

E ficou outra vez silencioso, concentrado, remoendo a sua grande desconfiança. A's vezes interrompia o trabalho, remessava-se indolen-

temente para sobre a relva, semi-cerrava os olhos sob a luz forte do sol, como se uma quebreira de preguiça o tomasse. Mas de subito erguia-se, com o gesto de quem repelle um pensamento insensato. Tentava então alguma conversa alegre, em que o Manuel tomava a maior parte, em que acabava por fallar elle só, sem já ser ouvido.

Num dado momento, tomado de repente por uma violenta apprehensão, o Domingos correu a casa. «Maria do Carmo! Maria do Carmo!» Ninguém respondia. Procurou-a inutilmente por toda a casa. E desolado, cada vez mais apprehensivo elle descia já quando sentiu uns passos na escada. «Maria do Carmo!» — gritou ainda. Era a velha Anna que subia. «Então ella não está com vocês lá em baixo?! Mas ha mais de uma hora que ella desceu...» Não havia duvida, a Maria do Carmo abandonava-o. Era pois certo o seu presentimento. O padre triumphava!...

Desceu, quasi cambaleando ao encontro do Manuel. O outro procurou reanima-lo:

— Ora adeus, não te consumas homem. Ella ha de voltar. Ella tem-te amor. Vocês teem-se dado sempre bem.

— O infame do padre!

E no seu olhar rolou sombriamente uma expressão d'odio. Mordia os beiços. Contemplava outra vez nostalgicamente o campo, o seu campo. O milho e o centeio, já em maturação, punha por toda a parte uma nota forte de vida. As vides mostravam os primeiros cachos por entre as parras. Mas para elle, que todos os dias vinha observar os progressos da producção, calculando a colheita, fazendo mil projectos, sentia bem que tudo aquillo era já inutil, agora que elle não partilharia de toda aquella abundancia. Toda a natureza em volta cumpria feliz a sua missão; a elle embaraçavam-no, impediam-lhe o obedecer a essa mesma lei natural que fazia brotar por toda a parte, deante dos seus olhos, a vida forte e fecunda. Não, não se illudia, ella fôra, ella partira, não o enganava o seu coração. O padre fanatisara-a.

— Eu escangalho aquelle ladrão, eu mato-o!

O Manuel começou a preocupar-se. Intentou distrahi-lo. Propoz então, a ganhar tempo, uma ida á cidade. Quem sabe, talvez ainda a viessem a encontrar, lhe fallassem. Era muito melhor, em vez de se pôr para alli agora «a chorar a morte da bezerra».

— Vá, homem, pernas a caminho.

O outro accedeu. Sim era o melhor. Num prompto chegariam á cidade. Rodariam a seguir para juncto da casa d'ella, talvez ainda a topassem a entrar. E cheio de sobresaltos:

— Mas então vamos depressa, Manuel.

Informada, a sr.^a Anna quiz dete-lo: «Então o jantar!». Era só mais um boccadinho e o jantar chegava tambem para o Domingos. Mas não, elles não queriam, só voltariam á noite. Se a Maria do Carmo

apparecesse mandasse avisa-los á loja do Almeida. E sahiram, no meio da atarantação da velha: «Uma assim, Deus do ceu!»

Pelo caminho, o Domingos cheio de sobresaltos a cada vulto de mulher descortinando-se ao longe, ia commentando:

— Eu devia ter-me prevenido contra o maroto do padre. Tudo havia a esperar d'um tal tratante. Só o que elle disse de nós na igreja era de se lhe partir as costellas. Não as perde...

O Manuel, esse nada oppunha á irritação do amigo para o não exaltar mais ainda. Apenas de onde a onde arriscava:

— Socega. O que fôr vae-se já ver. Não tardamos a chegar. Logo que deixemos o caminho velho o resto é um instante. Meu amigo, isso não ha de ser nada. Tudo passa! E se ella não quizer voltar, que diabo, tu depressa encontras outra.

Mas o Domingos interrompia bruscamente, nervoso:

— Qual outra! Tu não comprehendes. Para mim só aquella, ouviste. Tu não entendes estas coisas. Se tivesses coração não fallavas assim. Sempre és dos taes, incapaz de ter amor a uma mulher...

— Antes assim. Se m'a ham-de pregar como a ti...

Na estrada, cheia de sol, o Domingos acalmou um pouco. Abrandou mesmo o passo. Afinal era preciso ser homem, não mostrar assim aos olhos de toda a gente a sua dôr. De que serviria isso? Até havia de haver quem gostasse. E logo a negra figura do padre surgia ante o seu espirito, com um grande ar velhaco de hypocrita, homem de intrigas. E tinha ainda uma imprecação indignada:

— O grande malandro!

Passou um break com senhoras, uns rapazes com bandolins e guitarras, gente que seguia alegremente para o campo.

Era numa subida e o ruido das rodas pouco se ouvia, podendo distinguir-se pequeninos risos das damas, gritinhos, pedaços truncados de conversação. Perceberam-se então á passagem nitidamente estas palavras:

— O' Maria do Carmo, Maria do Carmo...

O Domingos olhou anciosamente para o carro, voltou-se e ficou parado a seguir com a vista o rancho alegre que desaparecia já na volta da estrada. Já se não via nada, o ruido do carro perdera-se e aos seus ouvidos cantava ainda aquelle nome, torturando-o. Vinha-lhe um grande desejo de que ella fosse no meio d'aquellas burguezinhas, elle correria atraz d'ella, faria parar o carro, arranca-la-hia á força. E foi preciso o outro tira-lo da sua abstracção:

— O' Domingos, então... Ficas-te agora ahi a pasmar...

Seguiram. Uns vinte minutos ainda de caminho e estavam á porta do Almeida. A sua chegada foi uma grande surpresa para o velho, que de braços abertos os veiu receber á rua. Logo o informaram de tudo, precipitadamente. E tendo recommendado que se a sr.^a Anna

enviasse algum recado os fossem prevenir alli abaixo á outra rua, abalaram cheios de pressa.

Postaram-se á quina. A rua ia de todo deserta. Na corrente de casas defronte, cinco portas mais lá, era a casa onde morava a mãe da Maria do Carmo. Puzeram-se a observar. A' porta ninguem, as janelas corridas. Uns minutos passaram. Sentiu-se então uma lingueta correr na fechadura. Era talvez lá... Quem sabe se não era a rapariga que ia sahir? Sem bem comprehender o que fazia, o Domingos, cheio de commoção, remessou-se para lá, apressadamente. Nisto uma porta abriu-se. Tinham-se enganado, era noutra casa. Mas, ao Domingos veiu-lhe então o desejo de se sentar junto da porta da Maria do Carmo, na esperança de ouvir ruido de vozes, adquirir a certeza de que ella estava lá. O Manuel approximara-se tambem. E durante um quarto d' hora os dois procuraram debalde aperceber o que se passava dentro. Não se ouvia o mais pequeno ruido. Num dado momento o Domingos sem poder conter-se ergueu o braço e bateu.

Vieram abrir. E foi então um espanto para a velha, quando, ao puxar a porta, deu de chapa com o Domingos. «A que viria aquelle maroto?!» No primeiro impeto esteve para fechar a porta. Mas, inquieta pela filha, curiosa do que queria o «descarado», estacou, immovel, severa, rigida:

— Que é que quer! — disse desabridamente.

Sem ter respondido, o Domingos subiu o degrau e fortemente, num empurrão brusco, escancarou a porta. O interior de uma só peça ficou inteiramente devassado aos seus olhares inquietos, perscrutadores. Mas debalde elle procurou, a Maria do Carmo não estava lá. E sem reparar na velha, que estacara, em frente a elle, num desespero de mulher ultrajada, exclamou com uma grande alteração de voz:

— Não está, não veiu para casa! Talvez o padre a aconselhasse a tomar outro rumo. Tem-se visto... Já não é a primeira que elles roubam á familia para as casas religiosas...

E desalentadamente deixando-se abater sobre o degrau da porta, elle fincou os cotovellos sobre os joelhos, mettu a cabeça entre as mãos e poz-se a arrepanhar nervosamente os cabellos.

A velha começava a comprehender. Perante aquelle desespero do Domingos que o torcia dolorosamente e para alli o prostrava, esquecido de tudo, ella sentia diluir-se dentro d'ella toda a aversão que por elle nutria desde a partida da filha. Na sua raiva accumulada contra elle, nascida d'aquella ligação amaldiçoada, illegitima, deshonorosa, uma coisa em que nunca havia pensado fôra no amor d'esse homem rude, de mãos roidas e aspecto vulgar, em que supunha instinctos baixos e grosseiros. Segundo o que ella tinha pensado sempre, elle tomara-lhe a filha como uma meretriz que se ajusta ao mez e que, apoz a saciedade da carne, se empurra despresivelmente pela porta. Não podia entender

que em tudo aquillo andasse uma intenção honesta, desde que elle não tinha vindo honradamente fallar com ella, pedir-lhe a filha, leva-la depois á egreja, como faziam os outros. E subitamente, quando ella mais acceso sentia o seu odio pelo homem que lhe deshonestisara a sua Maria do Carmo, surgia-lhe, numa evidencia de que ella não podia duvidar, a prova de quanto esse pobre rapaz lhe queria, como a elle amava do fundo do coração e como era grande, sincero e intenso o seu amor. E, numa intuição generosa, que lhe vinha da natureza que ella sentia erguer-se vigorosamente deante d'ella na dôr d'aquelle homem, pela vez primeira ella achou a verdade d'essa ligação dos dois, a justificou no seu coração de mãe.

E foi com uma attenção recolhida e piedosa que ella escutou o Manuel, que se tinha acercado mais, e cofiando, distrahidamente a longa barba preta, começara a desfiar toda a historia d'aquelle infeliz amor que agora cahia sordidamente numa intriga de confessorario.

— Eu bem sabia que isto havia de acabar mal!...

E foi toda a sua condemnação ao acto do Domingos. Como isto era já bem differente d'aquelle revolta indignada com que durante uns dias apparecera, em insultos e despropositos, na loja do Almeida. Em vez da cólera de então havia agora nella uma tristeza resignada e enternecida, em que se casava a sua magua pelo desaparecimento da filha e o seu perdão para os dois pela amargura que lhe tinham levado nesse dia em que a Maria do Carmo se lhe fôra de casa. Commovida, com lagrimas nos olhos, ella teve mesmo palavras de conforto para o Domingos. Que não desesperasse, dizia-lhe, ella tinha fé em que a filha ia voltar. Se ella apparecesse ella lh'o mandaria dizer. Já agora o melhor era continuar como estava. E amavel, affastando-se para o lado a dar passagem, ella convidou os dois a entrar, a esperarem, talvez a Maria do Carmo viesse. E tendo entrado todos, um grande plano começou a concertar-se entre os trez. A Maria do Carmo voltaria para o Domingos, mas o rapaz exigia que a mãe fosse viver tambem para a companhia d'elles. Do lado o Manuel approvava e procurava convencer a velha, contando-lhe como tudo por lá era lindo, ella veria como por lá se passavam bem os dias. E ella accedia quasi, no meio de protestos frouxos e de lagrimas enternecidas.

La já tombando a tarde quando os dois, tendo esperado inutilmente muito tempo, voltaram á loja do Almeida. De mando da velha Anna não tinha vindo ninguem.

Decididamente a Maria do Carmo não reaparecera. E na grande tristeza do poente, acabrunhados e silenciosos, os dois metteram-se á estrada, fazendo o caminho da aldeia.

Ao cabo de muitos dias, mortificantes de inquietações e anciedades, chegaram noticias. A Maria do Carmo enviara uma carta á mãe.

Estava n'uma « casa de Deus », não se inquietasse. E na lettra desigual, quebrada em inhabeis traços negros, tam conhecida d'elle, o Domingos leu dolorosamente as phrases mais repassadas de unccão religiosa, aspirações de vida mystica, a certeza emfim de que ella não mais seria d'elle. Era bem agora uma alma fanatisada, perdida para o amor, atirada para sempre á treva. Havia sobretudo umas palavras que de vez lhe tiravam toda a esperanza: « perdõe-me, minha mãe, para que Deus m'o perdõe, o ter-me juntado com elle ».

— Canalha! é hoje que eu o escangalho!

Mas d'ahi a horas, pegado ao cunhal da porta, o Domingos viu deslisar mansamente rente ao muro o vulto do padre. Teve ainda um primeiro movimento para saltar-lhe ao gasnete, estrangula-lo, acaba-lo. Mas logo uma reacção se deu em todo o seu ser: um nojo em tocar naquelle homem immundo, despresivel, e a sua natureza de bom revoltando-se contra o acto violento d'aquelle desforço.

Sabendo-se forte, musculoso, sentia uma instinctiva repugnancia em aniquilar o outro, enfezado, d'arcaboço mediocre e gasto. Indignava-o a cobardia d'um tal acto, e envergonhava-se agora de se ter encontrado em risco de se envolver n'uma scena brutal de espancamento. Entrou em casa, alquebrado, caminhando ao sabor das pernas tropegas e cambaleantes.

Pelo seu lado a mãe da Maria do Carmo, ia perdendo pouco a pouco as suas inquietações. Profundamente religiosa, sabendo agora que a sua filha tinha ido para « bom lugar », deixara de impacientar-se. A rapariga promettia « olhar por ella ». Afinal tinha sido talvez melhor assim.

Fôra o Almeida quem lhe lera a carta e quem, com grandes receios da velha « não fosse o rapaz fazer alguma asneira », a remettera de seguida ao Domingos. E no outro dia, cuidadoso pelo amigo, o logista appareceu-lhe em casa. Encontrou o Domingos desolado, sem energia para o trabalho, cheio de lamentações. Ah, as esperanças que elle tivera, o que elle imaginara, de felicidade para o diante. A sua ideia de possuir um filho, educa-lo, fazer d'elle um homem honesto, era de tudo o que perdera uma das coisas que mais o affligia. A sua Maria do Carmo! o Almeida não podia bem avaliar o grande amor que elle lhe tinha. A casa agora parecia-lhe deserta, o campo aborrecia-o, não tinha já gosto por nada.

— Sou para aqui um homem inutil. A's vezes apetece-me até morrer...

Tristemente, numa grande melancholia torturante, assim se foi passando tempo, se fizeram as colheitas, se principiaram as vindimas.

Uma ou outra vez que o Domingos se mettia ao serviço fazia-o automaticamente, abstracto, entregue todo á sua tristeza, até que, encarando decisivamente o seu caso, tomou um dia a resolução de deixar a aldeia,

voltar para a fabrica, para o meio dos antigos camaradas, onde ao menos havia as horas de agitação e de revolta. Deu-o a saber ao Manuel. Ficasse elle tranquillamente, na vida simples do campo; elle iria para o trabalho mortificante da Fidelidade. Precisava de esquecer, de occupar a imaginação. Comprehendia bem que o sahir d'alli, onde tudo lhe recordava o tempo feliz em que vivera com a Maria do Carmo, seria já um principio de cura, tratasse elle agora do campo, facil lhe seria encontrar um outro amigo que o substituísse a elle.

Commoveu-o então a attitude do Manuel:

— Nada, eu tambem não fico. Irei contigo. Já estou farto d'esta gente, cheia de minhocas na cabeça. Não se pode dar um passo sem que se seja olhado como um assassino por estes animaes.

E como grande surpresa do Almeida os dois appareceram-lhe uma tarde a entregar-lhe as chaves da casa, onde tudo ficara disposto e ordenado, o milho e o centeio recolhidos, o vinho envasilhado, os bois vendidos a um visinho, « alli estava sobre o balcão a meia libra do signal ».

Voltara o tempo da loja, com longas palestras antes do fechar da porta. Mas sempre cada um dos trez evitava referir-se ao passado, para não revolver a amargura d'aquelle amor perdido e inutil. Porém uma tarde em que o Domingos, encostado sobre o balcão, olhos postos saudosamente para a rua, como se ainda agora esperasse ver passar em frente á loja a linda costureirita que o apaixonara, a proposito d'um casamento da visinhança, se metteu com todo o seu enthusiasmo do outro tempo a discutir o amor livre, o verdadeiro amor, natural e humano, o Almeida poz-lhe então o seu commentario, que ha muito remoia consigo mesmo, a respeito do desastre que ferira o outro:

— Mas com você não provou bem. — E abrandava a phrase n'um sorriso amigo, receoso e triste.

Então o operario, erguendo-se, pallido e nervoso, retorquiou:

— Ah, senhor Almeida, no meu caso não houve amor livre.

E explicou, vibrando todo, sob o peso da angustia passada, que, se elle conseguira libertar o seu amor da lei e, com o auxilio do proprio Almeida, das difficuldades economicas, ficara ainda a pressão religiosa.

E no silencio da lojinha exigua e mal illuminada elle deixou cahir com um ar pausado e triste, estas palavras dolorosamente verdadeiras:

— Emquanto da terra não desaparecer a ultima superstição religiosa, o amor não será nunca verdadeiramente livre, natural, perfeito.

Coimbra, Dez.-1901.

CAMPOS LIMA.

INDUSTRIAS POPULARES

(Conclusão)

Como corollario da exposição precedente resulta bem nitida e frisante a copia de excellentes aptidões artistico-industriaes do povo portuguez e que lamentavelmente se mallogram pela carencia da *vis* educativa.

As illacções de character collectivo, derivadas d'este facto, convergem a accentuar o predominio do desastre economico.

E não ha esperança provavel do seu reparo, emquanto continuar em Portugal a incompetencia governativa e vigorar o atrazo da instrucção e a anomalia do ensino para que o Estado indefectivamente não attende com verdadeira efficacia.

Havia meio, porém, de amparar e utilizar essas aptidões, se a desdenhosa e invencivel inercia do lusitano e a desorientação, que a superficialidade e a ignorancia infiltram em todas as camadas sociaes, não fossem tão profundas.

O estrangeiro, que nós açodadamente imitamos em quasi tudo quanto é mau, deu-nos o exemplo a seguir. Nós, todavia, não só o não temos adoptado com rigor, mas ainda o auxiliamos e deploravelmente cooperamos na sua expansão especulativa.

Aquelle, estabelecidas as estações de saude, as praias e thermas, como pontos forçados de reconforto, distracções e prazer, disseminou por ellas um mercado de artigos attrahentes e cheios de interesse local, de forma a despertar nos frequentadores e visitantes o desejo da sua aquisição a titulo de curiosidade e lembrança.

Reproducções do *costume* pittoresco e caracteristicamente ethnographico, os typos de habitação tão differenciados segundo as condições naturaes, utensilios diversos com motivos ornamentaes, geometricos, floricos ou zoomorphicos, executados em materia prima da localidade, junctamente com os productos das industrias tradicionaes da região, etc., accumularam-se então em mostruarios, incessantemente, renovados pela vazão durante a epocha da frequencia forasteira.

Eis o que convinha realizar em Portugal, mas com systema e praticamente e não pelo tumulto feito aqui e ali deslocando a naturalidade dos objectos e expondo á venda outros de proveniencia extranha e representando o *chalet* suiso, a cabana austriaca, esculpturas repre-

sentando os pastores dos Alpes ou os montanhezes do Tyrol e idiotamente marcados com o distico relevado — *Recordação do Gerez* — ou equivalente...

Por este processo prolongar-se-hia a existencia d'algumas industrias tradicionaes e promover-se-hia a persistência e desinvolvimento d'essas qualidades do artifice nacional.

Os centros de consumo d'uma determinada região productora seriam pois a praia, a estancia thermal ou de recreio n'ella comprehendida.

Todos os elementos que resumem aspectos typicos ou explicam a vida intima do paiz seriam miniaturados nas suas diferentes e multiplices modalidades em formas graciosas e proprias a seduzir o *dilletante* e o estudioso.

A habitação, na sua estrutura simplista, com a diferenciação das suas partes componentes conforme a natureza do solo, do clima e a variabilidade da situação topographica, daria ensejo a reduções tentadoras e attrahentes quando executadas em materia prima da zona respectiva como a argilla, o calcareo e especialmente a madeira.

Que primorosa serie desde o norte ao sul do paiz! A casa colmada, como nos castros luso-romanos, de Castro Laboreiro e Barrozo; a venda rural de varanda corrida, escada exterior ou com pateo e alpendre, ou com o beiral descido para abrigar das inclemencias das altitudes; os *palheiros* da costa desde Mira á Vieira construidos sobre estacaria como as habitações lacustres do periodo neolithico; os *montes* alemtejanos; a residencia algarvia com as suas chaminés de conformação oriental. Os castellos historicos e os nobres torreados relembrando familias e feitos illustres.

Relacionados com a habitação estão os *fornos* do Gerez onde os pastores se defendem, vigilantes, da hostilidade da noite ou das intemperies bravias da serra; os moinhos de *cubo* ou *cale* á margem das levadas; as azenhas em quilha no meio das correntes; os moinhos de vento de velas em cruz e o *chapeu* conico, trabalhando solitarios á borda do oceano, no pendor da encosta, ou no dorso dos montes; os canastros de verga ou madeira; os poços de balde e carreta, etc.

O vestuario, na sua divergencia tão lata, não deixaria de interessar quando as reproducções fossem feitas com escrupulo, poisque mais fundamentalmente confirma a originalidade do nosso povo na sua varia adaptabilidade ás condições de vida, climatericas, e de paisagem. Teriamos pois os trajes serranos quasi uniformes, incluindo o mirandez, os maritimos; os ribeirinhos, especificando os feminis da Areosa (Vianna do Castello) e os do campino.

Intimamente ligados ao vestuario ha as rendas, os bordados, as polychromicas mantas de retalhos de Famalicão, as do Alemtejo, e os tecidos de linho de Guimarães.

No mobiliario reside o vasto campo para as mais bellas e seductoras minusculisações. A inexgotavel riqueza morphologica da olaria popular, que se alastra desde o Minho ao Algarve, por innumerous centros ceramicos e em que sobrevive a architectura d'um vasilhame pre-historico, como em Gove (Baião), Gondar (Amarante), Mollelos (Vizeu), Cegonha (Coimbra), proto-historico, como em Prado, puramente classico como em Miranda do Corvo, e até arabe como em Extremoz, fornece infindaveis motivos ou suggere immensos recursos para a composição de lindas galbas sobre o schema original do oleiro. (1)

A cestaria é identicamente opulenta em configuração. Quanta esbelteza e quanta delicia de linhas a miniaturar d'essa multiplicidade de recipientes, divergindo em cada provincia, organizados com materia diversa e suscitando no espirito o contacto e derivação d'outras civilisações! (2)

As duas formas archaicas dos meios de transporte que exprimem com singela eloquencia a dupla feição activa do lusitano — agricultor e marujo — prodigalisariam as mais variadas colleções de objectos adquiriveis. Reduzidos ás proporções convenientes d'um mercado quasi infantil que galeria deliciosa e commovente de construcções diversificando sobre um fundo commum e que logicamente se coadunam com o logar de procedencia e uso! Veja-se o carro de bois pesado e solido como difere de concelho para concelho, assim como o barco de praia para praia, ou de rio para rio.

Aquelle, pequeno e de rodas cheias na montanha, amplo na ribeira; com leito fechado e cabeçalha direita no Minho; com leito aberto e cabeçalha curva no Douro e Taz-os-Montes, ou com abertura muito rasgada e confluindo ás chedas para um rudimento de varal — a *pinalha* — em Miranda; a *galera* extremenha, o *carro* alemtejano, a *carrinha* algarvia.

No norte tirado pela força mansa e lenta dos bois; no sul por muares.

As embarcações ainda são mais variadas segundo a applicação e destino.

Todos os typos formariam um conjuncto admiravel e extraordinario de inequivoca elucidación ethnologica e historica. Ninguem resistiria á tentação de possuir esses documentos que rememoram o enlaçamento indissolavel do nosso povo com o velho oceano, que resumem paginas incontaveis das mais authenticas e empolgantes heroicidades e outras tantas das mais tragicas e ltuosas catastrophes. São elles: a lancha poveira de duas proas, um unico mastro em que se cruza a verga d'onde

(1) A tentativa de Prado com a argilla plastica e fina de Cervães dá prosperos resultados. A irradiação do seu consumo vae desde Vianna e Braga até á Figueira.

(2) E' bem conhecido o exemplo das Caldas, no Norte o de Barcellos, etc.

pende a grande vela latina; os barcos da pescada de Buarcos com dois mastros obliquando para vante armando-se numa vela grande, noutro a mezena; a rasca da Figueira; o calão algarvio; a meia-lua, ou esguicho, a bateira, o varino, o catraio, o cahique, a saleira, o moliceiro, etc.

Outros de mais pequeno porte e adequados á capacidade das correntes em que navegam, cheios de familiaridade d'interior, esguios, com o extremo levantado em curva como um tamanco, e movendo-se á vara, á sirga e á vela na superficie liquida docemente estreitada pela frescura vegetal das ribas. Assim o barco, a barquinha e o bote do Norte, o barco rabello do Douro, a bateira do Mondego, a falúa, a canôa e a lanchinha do Tejo, etc.

Finalmente as applicações decorativas das conchas, a filigrana, a enorme *bibelotage* de couro que em Guimarães se poderia organizar, os arcos festeiros do Minho, os jugos dos bois, as reproducções reduzidas dos formosos trechos architecturaes da Batalha e dos monumentos de Coimbra no magnifico calcareo que abunda n'estas localidades, os tapetes d'Arrayollos...

Eis o filão a explorar, onde ha a seiva abundante para alimentar as definhadas industrias populares, e não só para preservar duma perda total as excellentes aptidões do povo portuguez, mas tambem para as desinvolver.

Os beneficios economicos, ethnographicos e diremos artistico-industriaes legitimariam em qualquer momento, pelo seu prestimo e pelo seu exito, a mais insignificante iniciativa.

Coimbra — 1904.

MANUEL MONTEIRO.

EXPOSIÇÕES

I

A EXPOSIÇÃO JORGE COLAÇO

Expõe Jorge Colaço pela primeira vez os seus trabalhos de pintura em azulejo e é de notar como n'um ramo d'arte tão ingrato se houve por maneira a collocar do seu lado admiradores conscientes que muito o applaudem pela nova senda por que enveredou.

O trabalho em azulejo é aspero, porque á factura difficil e trabalhosa reúne o defeito enorme de se poderem extraviar ás vezes fornadas inteiras, collocando o artista no perigo sempre imminente de ter de repetir o trabalho na triste contingencia d'uma peor reproducção. Quando o artista espera muitas vezes ver surgir a sua obra em perfeito acabamento, eis que por umas condições occasionaes de temperatura tudo se reduziu a cacos e ahí está outra vez deante de si todo o trabalho a refazer, toda a faina a recommear. Pois apezar das difficuldades technicas com que houve de familiarizar-se e as quebras sempre resultantes d'uma empresa nova, conseguiu Jorge Colaço obra de tal maneira valiosa que somos promptos em lhe pedir para não abandonar esta aberta que se lhe offerece e fixar-se no ramo d'arte onde parece se encontra á vontade. Dos muitos paineis expostos, um acima de todos, interessa pela perfeição do desenho e pelo bello estudo do claro-escuro — o da Rainha Santa Isabel curando os leprosos. O que em Jorge Colaço estraga a mór parte das vezes os seus quadros é a desgraçada côr com que os pinta. Sem brilho, sem vida, morta e barrenta, inspira nojo e tedio. E o desenho ás vezes torna-se anguloso e de modo tal que até as roupagens quebram sempre em grandes angulos como se fossem de zinco. Tudo isto desapareceu no painel de azulejo. Como o tom é só o azul de lado ficou posta a primeira difficuldade; a segunda venceu-a com estudo e trabalho, creio eu.

Nos outros paineis (as batalhas do Bussaco) embora sejam esplendidos, ainda se nota por vezes a rigidez das attitudes, accusando manequim no modelo. Ainda o desenho não é sobrio e cheio como na Santa Isabel. Todavia é de notar o desejo immenso de trabalhar e levantar da mesquinheria aviltante uma arte tão interessante como esta. E por este esforço e porque muito mais ha a esperar, estas despretenhiosas palavras lhe dedicamos.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO

5.º ANNO

Poucas emprezas deverão attrahir tantas sympathias e ainda menos colherem tão bastos fructos como esta está colhendo. Fundada com espirito iminente racional e patriotico ha de servir para mostrar bem claro quanto é falso mandar artistas ainda não formados estudar para o estrangeiro. Além do fim profundamente educativo tem o grande valôr de mostrar a todos as bellezas naturaes da nossa terra ainda tão pouco estudada e apezar de tudo tão pintoresca e tão vasta para que bandos de pintores não a percorram em vão. Quando esses rapazes em excursões artisticas descerem mais para o sul e internando-se na Beira Baixa ahi assentarem os seus tripés, verão como é farta de motivos essa paisagem, forte e mascula, onde o castanheiro expande a sua structura de gigante. E' para fazer calar todas as linguas que negam qualidades artisticas ao povo portuguez, a exposição d'estes quatro aventureiros. E como o introito já seja longo, entremos no assumpto.

Dos quatro expositores o que melhores qualidades manifesta de paisagista é Campas.

Na «Estrada de Serrazes», «Ponte sobre o Vouga», «Estudo ao sol» e «Carro com palha» accentua bem fortemente a sua excellente aptidão. Iamos quasi a filia-lo no genero Malhõa, se não fõsse uma certa independencia que se manifesta na maneira de empastar a tinta. E' esplendido o «Estudo ao sol» (rio Vouga) embora a agua esteja tão burnida que mais parece um espelho. E tanto assim é que os terrenos da esquerda parecem suspensos: a agua não os banha, passa-lhe por baixo. O bocado melhor é «O carro com palha»: esplendido estudo em pleno sol. Com estas bellas bagagens que apresenta, largo futuro o espera e é de desejar que não o mandem por emquanto passear para a Bretanha d'onde virá como todos bom para reenviar para França. Cardoso apezar de trazer a garanti-lo o *sobriquet* de pensionista do Estado não é lá muito feliz. Tem todavia um soberbo «Fim de tarde» que não encontra na exposição parêlha. Apresenta mais certeza que Campas; mas é infelizmente menos cheio d'esta coisa que mais preciza o artista — a alma.

A «Madrugada» (Vitré) não nos dá essa manhã brumosa e fria que o auctor quiz apresentar.

Effectivamente d'um massiço d'arvoredo um sopro de nevoeiro rompe, mas não consegue dar-nos a impressão da bruma que avança;

e a gente fica a pensar se este quadro não merece a pergunta — onde está o fumador? — pois com toda a certeza atraz de qualquer arvore alguém está fumando cachimbo.

As «Vaccas» (impressão): é infeliz o tom geral do campo. O quadro no «Leito» é que me parece traze-lo para a evidencia. E' bem estudado. A face triste do velho, embora não accuse um forte soffrimento, dá-nos bem a ideia d'uma doença passageira que mau grado o amarra ao leito. Os accessorios são esplendidos. As mulheres da Bretanha que lhe agradeçam esse estafermo com que as fez cá representar.

Saude é interessante pela maneira como visiona a paisagem sempre envolta em nevoeiro. Não é o nevoeiro frio e humido de inverno, sem sol: é o baço que precede uma manhã cheia de sol abrazador. Apresenta uns quadros interessantes; e registaremos «Arredores de Santarem», «Sitio da tapada», «De Vouzella» (poente) e «Uma rua no Banno» do qual desejaríamos tirar a mulher que aos trambulhões desce a rua.

Trigoso é o mais infeliz n'esta exposição.

Apresenta «Um pôr do sol» (Ericeira) que é pena tenha em vez de rocha chocolate. O resto é bem verdadeiro. Em todas as outras paisagens manifesta uma indecisão de côres como quem tenteia e estuda. Esperamos ve-lo apparecer em futuras exposições mais feliz que n'esta.

III

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS-ARTES

QUINTA EXPOSIÇÃO

Está aberta a exposição e para mal de todos, tão desgraçada e pobre que melhor fôra não abrisse. Joeirada toda a exposição d'ella se tiram, com jus á admiração, os trabalhos de Malhõa, Carlos Reis, Gameiro e a «Paysagem alemtejana» do sr. D. Carlos.

Mas não atrápalhemos e vamos com mais methodo, levando a oito as salas, porque a exiguidade da exposição e as poucas telas a notar nos dão aso a que mais de espaço vamos tomando notas. Não vá o leitor amigo imaginar que apezar d'isto o artigo será longo: tirado o joio, pouco trigo limpo ficará. Divididos os expositores em profissionaes e amadores, os primeiros poucos são e os segundos não merecem as poucas palavras, apezar de pobres, que um infeliz prosador lhes possa dedicar. Na sua maior parte damas, melhor lhes vão palavras de amôr

que palavras de critica. Se, tiradas da encantadôra e honesta vida da familia, gasta na costura e no pesponto d'alguns pares de piugas, para a espinhosa vida de artistas ganham o aspecto interessante de Lebruns, muito decerto perde a arte tratada pelas suas finas mãos incertas e incompetentes. A maternidade, o mais gracioso e digno papel da mulher, toma, em casos taes, aspecto de feio caso—pois os productos derivam sempre em terriveis abortos por falta de condições adequadas de educação e ensino. Os trabalhos vindos de mãos femininas são pela sua maior parte, a classificar sob o nome dos mestres ou são de tal ordem phantasticos que não ha paternidade possivel a não ser a da auctora. («Maison du Passeur» e outros de igual jaez.)

E depois d'esta parlenda desçamos as escadas e entremos na primeira sala; arte applicada e umas *plaquettes* de João da Silva. Este discipulo de Chaplain firma quatro interessantes retratos que, pelo fino toque e esplendido modelado, nos fazem esperar para a nossa terra um bom medalhista. E é bem de desejar que dois ou trez artistas de bons credits venham tirar a factura da medalha e de pequenas *plaquettes* do estado ainda um tanto selvagem em que se encontra, graças á nulla e ás vezes pernicioso influencia das officinas da casa da moeda.

José Antonio Jorge Pinto, n'uma tentativa feliz de pintura em azulejo, apresenta lindos quadritos, dando esperanças de que, animado por esta estreia, se abalance a obra de mais vulto onde possa á larga expandir as suas qualidades. Não vá por isto julgar-se que por pequenos perdem o seu valor: como os homens os quadros não se medem aos palmos.

Jorge Colaço apresenta um assumpto historico em azulejo. Como a respeito da exposição particular d'este pintor nos pareceu ter exgotado tudo o que a seu respeito era necessario dizer-se, e este painel nenhum novo raciocinio nos suggere, passemos adiante. Paremos a vista n'um fogão de João Augusto Machado. Estylo renascença, primorosamente acabado, bem nos mostra que a semente dos artistas que trabalharam a pedra em Coimbra não se perdeu e só espera uma iniciativa audaz que a acalente e a faça florescer. Por esta amostra se vê a bôa obra que Antonio Augusto Gonçalves vem fazendo com a sua Escola Livre. Augusto Machado é discipulo de Gonçalves. Muito honra o mestre este discipulo, que com tão bôas mãos sabe trabalhar a pedra. Não querendo demorar a vista n'uma jarra bastante pesada, mas apezar de tudo feita com um certo saber tecnico, entremos na segunda sala.

Mal se assoma á porta, de má catadura nos recebe uma senhora de côr atomatada, que n'uma moldura se ageita contrafeita. E' obra de José Nunes Ribeiro Junior que, segundo parece, é forte em expressões exquisitas nos modelos. Já um retrato d'homem que expõe nos parece merecer o titulo de «preparação para o assobio», tão perfeito é e flagrante de realidade.

Nunes Ribeiro, com umas certas qualidades que não são para desprezar, precisa sem duvida pôr mais á vontade o seu desenho e estudar mais a fundo as tintas da sua palheta.

N'esta sala surprehendeu-nos Alberto Gouveia com um quadro — «Justiniano e Theodora» — onde figura como acolyto o Senhor de Soveral. E imaginar a gente que esse homem soberbo, que ha dias ahi festejaram, anda servindo de modelo pelos ateliers de Paris! De galhofa se pode ir pela sala fóra, afflorando até as carnes roseas do modelo de D. Emilia Santos Braga, até que a vista pára e se queda nos quadros de Malhõa.

«O viuvo», «A velha fiando», «Pensando no caso», são bocados solidos de pintura que a vista não se cança de olhar. Na representação de scenas á luz diffusa é Malhõa mais feliz, porque a sua palheta, para a figuração da paisagem e figuras ao pleno sol, tanto exagera que parece mais luz Drumond que luz solar.

O justo equilibrio que em Silva Porto faz d'elle um pintor esplendido das terras á torreira do sol, vae desaparecendo em Malhõa á medida que mais trabalha. Mesmo a «Procissão» não tem uma luz bõa para ser bem visto. Nunca se consegue uma posição tal que parte do quadro não desapareça sob a reverberação do verniz da pintura.

Soberbo pelo tom e pela sobriedade do empastamento é decerto — «Pensando no caso».

O maximo que se pode attingir em realidade, em momento phisionomico apanhado em flagrante, encontra-se na — «Velha fiando». Que soberba mancha o «Viuvo»! E para não correr todas as obras de Malhõa, pois todas merecem especial relato, só estas, por supormos as melhores, registamos; guardando para Carlos Reis as poucas palavras que a esta sala devemos. Carlos Reis, tirante duas paysagens onde se manifesta a virtuosidade do seu pincel, expõe um magnifico retrato de homem. E' vigoroso, correcto e affirma no artista melhores e mais sãs qualidades de retratista do que paisagista. Estamos de crer que melhor effeito tiraria se não fõsse a luz que lhe vem do alto e escorre da cabeça aos joelhos.

Henrique Pinto, que em tempos apresentou quadros irmãos de Malhõa, tenta afastar-se da influencia d'este pintor e fazer obra sua. Embora não seja muito feliz na — «Ceia dos porcos» — mais afastado do processo Malhõa que — «Á porta da taberna» — é todavia aquella uma pintura estudada com realidade. E, não merecendo a pena mais demora, se passa á terceira sala onde, sem grandes desejos de parar, notaremos de passagem uma tentativa infeliz de Columbanismo de Ruivo Junior. Manifesta bõas qualidades, que só surgirão quando abandonar a imitação. David Mello dá-nos, n'umas tres figuras em tamanho natural, umas velhas pedintes comendo a sopa da Santa Casa em bellas marmittas de prata, que muita inveja causam em gente rica que ali passa. As velhas estão bem tratadas (sem calembourg) e mal nos ia passarmos como

gato por brazas sobre estes bons desejos de fazer bom trabalho. Almeida e Silva apresenta uns poucos de quadros tão fartamente tratadinhos que dá vontade de os beijar tão arranjados e lindos veem. «A viuva do grevista», feito um pouco mais á larga, nada tem que emocione, tão consoladas e satisfeitas são as phisnomias representadas pelo pintor. Bem quererá a gente ter pena, mas com caras tão saudáveis só nos vem á mente receitar a greve a muitas pessoas que padecem de melancholia.

E sem mais aquellas passemos á quarta sala. Cahem logo os olhos sobre o pastel assignado Carlos (paysagem alemtejana) que manifesta em quem o executou um dos mais extraordinarios arcaboços de artista que frequentam estas exposições.

Na côr da terra, na transparencia dos ceus, na profundidade da matta é tudo tão real, tão natural, que por um fraco esforço de imaginação tudo se anima e nenhum espanto causaria ver surgir lá ao fundo do caminho ou no teso do monte rebanhos pascendo na herva da encosta. Estava-nos até a lembrar como, em frente d'uma pintura d'estas, é facil imaginar a extranha phantasia que Fialho faz surgir na Chavena da China.

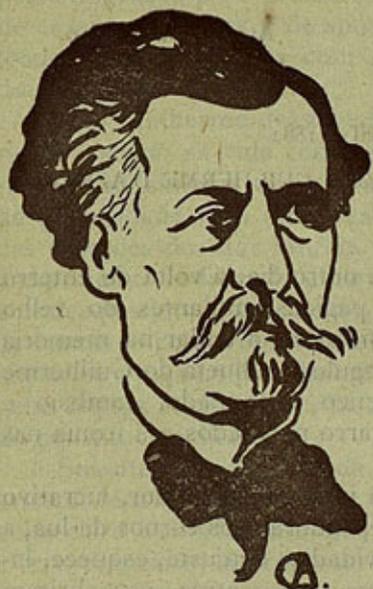
Ha ainda n'esta sala um pastel de Malhóa. Gameiro, o mestre da aguarella, expõe um retrato esplendido e uma paisagem. Não se deve esquecer Moraes com uma bôa aguarella e Vaz com umas soberbas marinhas, quietas, silenciosas como se fossem copiadas em paizes desertos. E aqui se encerram estas notas, que todas as pessoas de juizo tomarão como simples maneira pessoal de vêr e não como principios rigidos que se queiram impôr como um alkorão.

ALVARO DE CASTRO.

KALENDARIO

3 de Abril — 1879

Morre THOMAZ JOSÉ D'ANNUNCIACÃO.



Paizagista sentido, animalista profundo.

Formou-se, em contacto intimo com a paizagem portugueza, arredado das bretanhas e mais estações pictoricas hoje obrigatorias para aquelles em quem a Academia reconhece faculdades intimas de artistas, capazes de os fazerem no futuro Portos ou Millets. Não teve portanto debaixo dos olhos quadros de mestres estrangeiros que lhe alumiassem a vereda, nem estacionamentos em terras de fóra que lhe maculassem o sentimento na idade em que o espirito ainda fraco e voluvel, como a hera, se agarra ao primeiro amparo, tomando-lhe a forma, moldando-se ao seu feitio. D'estes factos resultou, para a sua obra, n'um forte cunho de nacionalidade e indivi-

dualidade, um profundo estudo tornando viva a pintura. Afóra os estudos professados na Academia, então ainda de pouco fundada, nenhum mestre teve que lhe corrigisse os desmandos do pincel. Trabalhando muito, trabalhando sempre, extremamente fecundo, fez-se a elle proprio: simultaneamente discipulo e mestre. Deixou uma obra vastissima computada por alguns biographos em quinhentos quadros espalhados por Portugal e estrangeiro.

Infelizmente, espalhados por collecções particulares, são de difficil consulta.

Quando acabou os estudos na Academia, alistou-se nos Voluntarios da Rainha (1840). Quando M. Raczynski quiz enviar para a Allemanha desenhos dos principaes quadros da pintura antiga nacional foi o encarregado do trabalho da copia, sendo-lhe então promettido por Raczynski manda-lo estudar na Allemanha.

Não passou isto de promessa.

Os quadros mais notáveis que deixou são: a «Vista da Amora», hoje existente na Academia; a «Eira», vendido na Inglaterra; «Extraviado do Rebanho», premiado em Madrid; e, muitos outros que seria longo mencionar.

Em 1867 por ocasião da Exposição Universal de Paris visitou n'esta cidade varios ateliers e chegou a pintar um quadro representando um bezerro. Este quadro pertenceu á galeria Palha e foi vendido na Empreza Liquidadora conjunctamente com outros. Dedicou-se tambem a aguas fortes, quasi todas reproducções de quadros seus.

ALVARO DE CASTRO.

6 de abril — 1882.

Morre GUILHERME D'AZEVEDO.



Ao repassar, outro dia, á volta do enterro do Bordallo, as paginas cutilantes do velho *Antonio Maria*, ficou-me a bailar na memoria essa extranha e angulosa silhueta do Guilherme d'Azevedo, rachytico e chupado, cambaio e citrico, com o cigarro nos dedos e a ironia nas beiçorras.

Não havendo interesse de maior, lucrativo videiro, em os dependurar nos cornos da lua, a nossa geração, olvidadiça e injusta, esquece, ingratamente, os que, annos atraz, nos abriram caminho, nos desvendaram roteiros, os que nos rasgaram um horisonte ou lançaram á terra a semente de que, na doce panria da nossa impotencia, vamos deixando que se mellem as folhas e se sorvam os fructos.

E' o caso litterario de Guilherme d'Azevedo, que nas *Apparições*, nas *Radiações da Noite* e na *Alma Nova*, aqui presentes, retemperou em ineditos rytmos o alexandrino portuguez que, trabalhado pelo genio, deu, ao depois, as mais resistentes e mais estupendas paginas da *Morte do D. João* e que, na sua obra esparsa de prosista, ora em rubricas contundentes e annotações marginaes ás mais faiscantes laminas da caricatura portugueza, ora em chronicas lestras e monocordicas do *Occidente*, criou, entre a subalternaria das nossas lettras, um logar á parte e muito decente, pessoal e muito de se ver em terra, onde, por via de re-

gra, os maioraes da litteratagem, se chegam a extremar-se da turba, vão aninhar-se logo nas luras do orçamento e, não criando poiso na Immortalidade, fazem pela porca da vida, em grandes situações da burocracia e da politica.

E volvidos annos, a gente lembra-os, senão pelas obras que não deixaram, pelas largas prebendas que fruíram e se, respeitosos, não tiramos o chapéu á memoria do que foram, cautos, abotoamos as algibeiras á recordação do que custaram, porque a litteratura nacional da ultima metade do seculo — tirante os trez ou quatro incorrigiveis que fugiram ao infortunio pelo suicidio, como o Anthero e o Camillo, ou pela emigração p'r'ó Brazil, como o Xavier de Novaes — ou é um registo de casamentos ricos e de apostasias vergonhosas, ou um simples amontoado de roupas sujas com a sancção de S. Bento e a publicidade do *Diario do Governo*.

Ora Guilherme d'Azevedo, sendo uma excepção á regra — porque tendo entrado na vida como escrivão de fazenda em Santarem foi morrer a Pariz simples operarió da penna — não tendo a fazel-o lembrado da posteridade nem uma desordem nas camaras, com carteiras partidas e acções do Mac-Murdo, nem um assalto aos cofres publicos com um projecto de fazenda e cartas de conselho, tendo sido um precursor, é um esquecido, e, tendo sido, na accepção plena da palavra, um homem de letras — com trez volumes de versos, duas peças de theatro e doze annos de prosa no jornalismo — é um ignorado pelos que fazem carreira pelas letras e conhecem, tu cá tu lá, todos os mostrengos e barbaças do constitucionalismo.

Subalterno, sem duvida, mas pessoalissimo e original, com um avanço de trint'annos ao seu tempo e aos seus contemporaneos, de tal guisa claro e concludente, que ao relembrar-lhe, outro dia, o feitio azedo e irreverencioso, ao repassar-lhe as prosas incisivas e cortantes, com haustos de ironia e imprevidos de facecia, eu julguei te-lo topado, na vespera, á porta do Monaco, de monoculo e chapeirão, a soprar ao Gualdino o esfusiar de larachas sobre a recepção do Kaiser e os batusques geographicos em honra do Soveral.

*

Deixando de banda o poeta — que eu, em critérios de poesia, admitto todos e prefiro os meus porque os não tenho — e pondo na tabua apenas esses pedacitos de prosa ligeira e facil, colleante e clara que elle rubricou no *Antonio Maria*, no *Occidente* e em quatro ou cinco dos perfis do *Album das Glorias*, d'esses seixos roliços de uma trabalhada plasticidade em que o pensamento sempre mordaz se ennovela sem arestas.

de prosodia e em que o azedume, sempre cauto — elle era fraco e tinha amôr ao pêllo — se enkista em filões graníticos de humorismo, se difficil será saccar marmore apotheosico que se aguenta e perdure, é sem esforço e sem cartas de empenho que a individualidade de Guilherme d'Azevedo se contorna e se debuxa, n'um pintalgado mosaico de ironias e facecias, como a d'um ancestral patriarcha da má lingua lisboeta, alitteratada e acida, com fugas de espirito e scherzos de irreverencia.

E como tal, como cultor da piada litteraria, reptilica e burilada, com gumes cortantes de petulancia e de galhofa, Guilherme d'Azevedo, como nenhum outro, foi, na sua epoca, a encarnação suprema, classica e definitiva, do riso amarello.

Riso de mysanthropo, doentio e macabro, que ria, na porcaria miseravel dos seus punhos, das camisas lavadas dos visinhos e ia esconder-se, na limpeza diaphana da sua alma, pr'a chorar as maculas e mazellas que, ingenua e inexhoravelmente o grilhetavam á alegria forçada e cerebral, ficticia e torturante de fazer rir os outros, espicaçando-lhes os ridiculos, arpoando-lhes os grutescos, não fossem os cabranazes advinhar-lhe a tristeza e escancarar as bocarras em desapiedadas chufas e desabaladas troças á sua carcassa podre de simiano escrofuloso, com os ossos da bacia a esfarellarem-se em suporações fedorentas e uma alma de poeta, sentimentalica e amoruda, a desentranhar-se em despilfarros de affectividade, em ancias de caricias, em tantalisações de beijos, em fomes de tudo o que era bello, de tudo o que era puro, de tudo o que tinha frescura e mocidade, de tudo o que tinha saude e vigor, de tudo, enfim, que lhe estava eternamente vedado e defeso — a elle pobre invalido, purulento e gasto, rachytico e chaguento, paria do *trottoir*, noctambulo das esquinas, cujas amizades tinham todas o carimbo das mezas dos cafés e das camaradagens litterarias, cujos amores eram todos á hora e todos, de vergonhosos, se refugiavam em taboinhas.

E, se a nossa admiração pelo escriptor não tem muito por onde espraiair-se, sabido que a sua obra, toda transitoria e fugaz, se reduz, em ultima analyse, ao artificio de levar pelas orelhas um raciocinio até ás cabriolas d'um paradoxo e de o arrastar, penosamente, pelos cabellos, té á girandola d'um dito do fim, a nossa commiseración pelo homem, o nosso respeito pelo seu soffrimento, a nossa sympathia pela sua bondade, extravasa dos limites correntes e vulgares em que se abitolam, dia á dia, os que nos rodeiam e nos acotovellam, porque, na verdade, Guilherme d'Azevedo, foi sempre, n'um paiz de mariolas, um homem de bem e sob a sua mascara sarcastica de ironista, n'uma profissão, como nenhuma outra de molde pr'a empedernir as almas, elle deixou pulsar sempre, generoso e leal, um grande e affectuoso coração.

E, por isso, a sua obra de critico não fez victimas, mas, se ao repassar, outro dia, á volta do enterro do Bordallo, as paginas cutilantes do

velho *Antonio Maria*, me ficou a bailar na memoria essa extranha e angulosa silhueta do *Guilherme d'Azevedo*, rachytico e chupado, cambaio e citrico, com o cigarro nos dedos e a ironia nas beiçorras, foi, exactamente, porque não tendo feito victimas, como escriptor, elle também não fez, como homem, nem carreira, nem escola, nem discipulos, por que, cultivando, com mais rijeza de musculos e mais frouxidão de talento, a piada, sem o escrofulismo a minar-lhes a existencia, a roer-lhes os tecidos, a crucifical-os em angustias e a torvar-lhes a alegria, franca, aberta, côr de rosa, os que se riem na prosa portugueza, teem todos, como o *Guilherme d'Azevedo*, o riso amarello e corrosivo porque não ha asno que hoje não sinta a necessidade de ser mau por prazer, por snobismo, por figurino, quando não é pulha por conveniencia, por officio, por temperamento e por vocação.

JOAQUIM MADUREIRA.

25 de Abril — 1903

Morre ERNESTO DA SILVA.



De todos que conheceram e amaram esse artista sincero, eu sou decerto um d'aquelles que menos viveram na sua intimidade. Mas, nas poucas vezes em que lhe fallei, pude verificar como e quanto a sua obra era um vibrante commentario da sua vida.

Preocupado com as questões sociaes, orador socialista, até, serviu-se da sua Arte para proclamar as suas ideias.

Não vem para aqui discutir se este processo é bom ou mau. O que, porém, se deve dizer é que Ernesto da Silva, seguindo-o, foi — sem preocupações de imitar estrangeiros, mas porque o seu espirito assim lh'o exigia — o creador do drama social entre nós. É de justiça revindicar este titulo para quem o merece;

de justiça e de urgencia — agora que Lopes d'Oliveira o concede, supponho que por engano, ao poeta Manuel da Silva Gayo, auctor do *Encruzilhada*.

Ernesto da Silva, tendo de lutar contra a rotina do publico — que não lhe comprehendia as peças — e dos directores de theatro — que lh'as recusavam quasi sempre — nunca desanimou: desde o *Capital* até

ao *Em Ruínas* foi afirmando cada vez mais as suas qualidades de dramaturgo. E, no dizer de criticos auctorizados, chegava a alcançar, na sua ultima obra, a technica theatral que melhor convinha ao seu ideal artistico. Por isso Costa Carneiro chamou ao *Em Ruínas* o seu ultimo drama e a sua primeira victoria.

Victoria que o não foi em absoluto — porque a empresa do D. Amelia recusou-se a fazer representar o seu trabalho. Mas que decerto seria o pronuncio de triumphos mais completos, se Ernesto da Silva não morresse tão cedo. Com o seu talento e com essa tenacidade de quem conhece o seu valor, e n'elle se apoia para lutar, tinha fatalmente de vencer. A fé nos seus ideaes e o amor pela sua Arte não o deixavam desanimar. Logo depois de ver recusado o seu ultimo drama pela empresa do D. Amelia — contou-me elle o plano d'uma nova peça.

Apezar de saber o meio em que vivia, nunca perdeu a sorridente confiança dos fortes.

E oito dias antes de morrer, ainda punha nas suas conversas e nos seus projectos o mesmo ardor juvenil, e a mesma febre de trabalhar.

Lembrando-o hoje — penso com saudade no exemplo que elle personificava, exemplo tanto para seguir; e olho com tristeza em volta de mim, porque reconheço que só um escriptor portuguez enveredou pelo caminho que elle abriira, á custa da sua lucta obstinada e da sua Arte honesta e vigorosa.

JOÃO DE BARROS.



THEATROS

O Delirio do ciuime

(*caso pathológico*). — Peça em 3 actos de Bento Faria.

Theatro do Gymnasio. 1.ª, 10 de março de 1905.

Inspirando-se num estudo medico da especialidade fez o sr. Bento de Faria este seu drama lugubre. E' mais uma peça do limitado theatro teratologico cujo curso não é viavel quando, como agora, se toma o palco para exhibir sem conclusão alguma, um exemplar morbido. A arte não é positivamente psychiatria e por isso ha sempre nestes trabalhos uma carencia absoluta de ideal artistico.

E' certo que o estudo da loucura nas suas mais diversas phases, as ultimas observações sobre epilepsia e hysteria, por exemplo, podem dar bello assumpto ao dramaturgo sobretudo pela ligação intima que esses phenomenos mantem com a responsabilidade individual e social.

Georges Henriot, o auctor de *L'Enquête*, que, como se sabe versa uma das modalidades raras do *mal sagrado*, afirma que essa intervenção da pathologia mental no theatro é tão dramatica como a da fatalidade tragica dos gregos. *Essa força cega que aniquila a vontade e suprime a consciencia* é sem duvida um bello motor dramatico. A mentira hystérica, um dos mais curiosos phenomenos psychiaticos d'hoje em dia, ha de mais cedo ou mais tarde dar uma peça interessante. Mas para isso, como para tudo, é preciso que a sciencia fique em casa e a arte vá ao theatro, criando um conflicto e desdobrando-o por processos artisticos. A exposição fria e imparcial d'um caso medico nunca será theatro — é necessario integrar esse caso na vida e liga-lo a uma acção dramatica, vincula-lo nas suas consequencias sociaes. Isolar um doente para o estudar convenientemente é de boa medicina mas de pessima arte.

Como Brieux dramatisou Fournier e Bjornson, com arte no emtanto, theatralizou Charcot e Richer, o sr. Bento Faria levou ao theatro um estudo do dr. Miguel Bombarda.

O sr. Bento de Faria é um novo, teve, e não lhe pouparei elogios por isso, valor para em vez de seguir os filões catalogados, ir procurar outro, é mau, deixa-lo, o seu esforço ainda assim credita-lhe louvores pela inovação e pelo arrojo.

A sua peça tem tres actos e é o seu defeito. Não se enche tanta pagina com um caso clinico cujo relatorio cabe numa folha.

O 1.º acto é todo d'exposição — coisa muito abolida em authentico theatro moderno —, é por isso um acto inutil, fraco, falso em que o protagonista é apagadamente dado sem evidenciação do seu delirio dominante. No 2.º e 3.º traçam-se em profusão de scenas identicas e monotonas as conhecidas manifestações do ciuime dementado — as desconfianças, as pergunntas insistentes, as visões, as perseguições, etc. — e a peça acaba por uma hallucinação do doente em que elle asphixia inconscientemente a esposa martyr.

Tudo é dado com terror, por vezes com impeto, mas é impossível manter o interesse com um conflicto imaginario cuja irreallidade nós vemos. O merito do auctor estaria em — deixando a sciencia e fazendo arte — sustentar o espectador durante um certo tempo na situação d'espírito do seu heroe, interessa-lo no seu ciúme sem lhe assegurar desde logo a pureza da esposa.

Tinha o auctor um bello modelo a seguir — *L'Enquête* de Henriot — em que o 1.º acto nada nos deixa ver da conclusão da peça que faz percorrer ao espectador toda a escala de sensações que levam o juiz d'instrucção á auto-convicção do crime.

O sr. Bento Faria é ainda inexperiente em theatro. Disse no titulo o que iamós ver e ainda que o delirio do ciúme se possa manifestar contra qualquer esposa, culpada ou innocente, nós de antemão previramós que era ao tormento de uma mulher innocente que assistiriamós e logo de principio o auctor, sem nos entreter com a hesitação, se apressou a assegurar-nos d'isso, tirando todo o interesse ao drama porque é impossível interessar um publico pela imaginaria obsessão d'um doído.

O sr. Bento Faria metteu tambem demasiado número de coisas na sua peça — o alcoolismo, a epilepsia, sentenças contra a guerra, o exercito, o estado actual do operariado, até contra as brutalidades carnavalescas — tudo se agita e complica com o thema fundamental da sua monographia, a paranoia do ciúme. A sua peça é uma peça de laboratorio, de hospital. E' uma scena de manicómio sem conclusão social de especie alguma.

Tem apenas um interesse pathologico, falta-lhe todo o encanto da vida; as suas personagens vivem já quasi na morte.

Ha algumas scenas em que e sr. Bento Faria foi feliz; a hallucinação persecutoria despertada pela musica que passa caminho das Côrtes e que se termina por um ataque, é bem achada. A morte da mulher pelo marido desvairado, na desolação d'aquella lar e a inconsciencia tragica que vibra ao convite que elle lhe faz — á morta — para se ir deitar é sobria e sentida.

Por isso eu acho o principal dos defeitos d'esta peça a sua extensão; aquillo tudo, aligeirado de pormenores repisados, mettido num só acto vigoroso e cruel quando muito em dois actos curtos e incisivos ficaria um *specimen* intelligente do *theatro pathologico*.

A peça teve um desempenho magnifico por parte de Araujo Pereira e Palmyra Torres, ambos d'uma honestidade e consciencias assignalaveis, provando que ha, entre a população theatral dos palcos lisboetas, bellas vocações desaproveitadas e sobretudo que ha nelles essas duas qualidades triumphantes: vontade e estudo.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

LIVROS

MANUEL DA SILVA GAYO — *Versos Escolhidos* — Carta-prefácio de Luiz de Magalhães
— Livraria Academica de J. de Moura Marques, Editor — Coimbra, 1905.

No prefácio que antecede este livro, o sr. Luiz de Magalhães aponta, como unico defeito do auctor, o desequilibrio que ha entre as suas faculdades de concepção e o seu poder de exteriorisação — sendo as primeiras em grau muito elevado, e o segundo bastante reduzido.

Na verdade, é este o unico defeito do Poeta ; e aquelle que decerto nos explica a indiferença ou a hostilidade com que o publico e a critica têm recebido as obras d'este artista consciencioso, e que procura sempre alcançar a Belleza que sonhou. O publico e a critica — ou, pelo menos, a critica — são injustos. Porque, se na maioria das suas composições, o sr. Manuel da Silva Gayo não attinge esse equilibrio que as tornaria impeccavelmente bellas, ha muito em que as creações da sua imaginação nos apparecem com roupagens condignas. E são principalmente aquellas em que o auctor, livre de preoccupações de escolas, é unicamente e inteiramente lyrico — não á maneira quincentista do *Mondegó*, que é um anachronismo, mas seguindo o seu sentimento moderno, deixando-se levar pela visão que tem das coisas, sem interpôr, entre os seus olhos e o mundo, a saudade do passado ou a especulação philosophica. Assim, no *Centauro* — que pretende cantar a ironia da perfeição — a unica imagem verdadeiramente profunda e bella é uma imagem lyrica :

De longe, n'um trinado puro e leve,
Já de Pan resoava a cantilena,
Viva — como o fugir d'um prazer breve
Triste — como o voltar d'antiga pena...

O resto do poema lê-se com agrado, é certo ; mas falta-lhe aquella facilidade de verso, aquella perfeita correspondencia do pensamento com as palavras que o exprimem, que ha, por exemplo, no *Navio*.

A concepção d'esta poesia é conhecida e gasta : é a eterna desillusão dos que, na velhice, veem o engano da sua mocidade. Mas foi sentida d'um modo original, foi representada por uma imagem nova : e, á vontade n'esse thema lyrico, a Musa do Poeta soube dar-nos versos perfeitos e fortes, como os d'esta quadra :

•E vão. Bate ligeiro o remo e a vela, arfando,
«Como o peito d'um cysne, alvissimo e fremente,
«Agita o ar vibrante e corre anciosamente
«Por sobre aquelle Mar, profundo, immenso e brando.»

É isso o que acontece sempre que o sr. Manuel da Silva Gayo não pretende ser senão lyrico. Então, é quasi sempre perfeito e muitas vezes admiravel. Leiam-se estes versos, delicados e enternecidos :

«E o seu vestido leve até lembrara
— «Cobrindo esse thesoiro —
«O folhelho do milho que na seára
«Cobre as espigas d'ouro.»

Ou estes, d'uma viva sugestão :

«Toda a paysagem tem, n'esta plangente
«Hora crepuscular,
«A apparencia d'um sonho inconsistente
«Que vaê a desmaiar.»

Estas duas imagens são verdadeiramente bellas. E muitas, d'egual intensidade e belleza, se encontram nas duas primeiras partes dos *Versos Escolhidos*. Nos *Poemas* é que infelizmente escasseiam.

Seja no *Centauro*, ou no *Thesouro de Nero*, ou no *Mundo vive d'illusão* — parece que a preocupação philosophica não deixou ao auctor a posse plena dos seus recursos de artista : ha em todos como que um certo constrangimento ; as descripções alongam-se demasiadamente, prendendo-se em detalhes insignificantes ; os versos são, por vezês, frouxos ou forçados.

Isto não é desconhecer o nobre desejo de uma arte severa e philosophica que o sr. Manuel da Silva Gayo deixa adivinhar n'esses poemas. Mas penso que o seu real e incontestavel talento se ageita melhor no lyrisimo ; e que é no lyrisimo que elle nos continuará a dar a prova de quanto vale e quanto pode.

*

Não acabarei estas rapidas linhas sem fazer uma observação, que eu não calaria sem que isso pezasse á minha habitual franqueza. E é ella — que não posso perceber o motivo que levou o sr. Manuel da Silva Gayo a publicar um volume de versos escolhidos. Para quê ? Com que fim ? Cuido que não pertence ao auctor a escolha das suas obras : o tempo — isto é, as gerações que as forem lendo — d'ellas farão a melhor escolha. E se o caso se desculpa em quem no fim da vida — não se sentindo já com forças para crear — gosta ainda de fazer lembrado o seu nome, não se comprehende n'um escriptor novo, como é o sr. Manuel da Silva Gayo ; e que, por isso mesmo, tem diante de si um largo futuro para trabalhar pela sua Arte.

SIMÃO LABOREIRO — *Ao Entardecer (Esboço de uma alma fraca)*. 1905.

Ingenuo ataque ao mau costume de fazer padres de quem não tem vocação para o sacerdocio ; emmoldurado n'um episodio rapido demais para que por elle se possa avaliar o talento do auctor.

ANTONIO PATRICIO — *Oceano* — Livraria Nacional e Estrangeira — Porto, 1905.

Este livro justifica absolutamente o seu bello titulo : acaba-se a sua leitura com a sensação de quem vem d'ao pé do Mar — com os ouvidos cheios de rythmos barbaros e violentos, e o pensamento satisfeito de se ter perdido nos largos horisontes.

Em todas as paginas se presente um verdadeiro Poeta, vivendo intensamente e exprimindo com a mesma intensidade a sua vida forte. Vê-se que ha ali um coração que se entrega todo ás suas impressões : e um ideal que as orienta para um identico fim artistico. Não ha pieguices, não ha indicio d'uma cobardia perante a vida ou perante a Arte. E a propria tristeza, deixa de ser morbida ou lamurienta para se tornar — se me é permitido o termo — *heroica*, de tal maneira é sentida com orgulho e amada com paixão.

É claro que este livro tem pequenos defeitos de technica : versos sem harmonia alguma, cortando ás vezes o maravilhoso rythmo de quasi todas as estrophes ; e algumas imagens de mau gosto ou forçadas. Mas lendo-o todo, a seguir, sem o desejo d'uma impertinente critica de detalhes, a sua belleza apparece nitida e indiscutivel, e a sua força de comunicabilidade é tão profunda que a gente se perde no movimento dos seus versos, variavel como o das ondas, e como ellas escondendo perfeições e maravilhas.

Penso que o sr. Antonio Patricio fez uma obra d'ha muito esperada : uma obra que sem proclamações dogmaticas e sem explanações de doutrinas, é um estímulo para a vida. Sinceramente o julgo. E se mais nada digo sobre o *Oceano*, é porque diante das coisas verdadeiramente e simplesmente bellas, só sei admirar e agradecer.

JOÃO DE BARROS.

ANTONIO DE ALBUQUERQUE — *Escandalo !* — (Romance) — Lisboa, 1905 — Viuva Tavares Cardoso.

Volume de 440 paginas, pretendendo pintar *scenas da vida da provincia*, alongando para isso em episodios banaes a historia banal e vulgarissima d'um adulterio.

A linguagem dos personagens é incoherente ; a mulher ou falla como a Elvira de Lamartine, ou se desbocca em invectivas desbragadas ; o amante é um homem dubio, ora egoista ora desinteressado, sem que isso dependa d'um desequilíbrio de caracter, mas sim do desleixo ou incapacidade do auctor : o marido um imbecil a quem por vezes o romancista substitue a sua pessoa para dizer phrases bonitas. Grande numero de figuras (os frequentadores da botica) só apparecem no primeiro capitulo a abboçanarem a honra do atraído e no ultimo através das informações que um outro personagem dá. As *scenas da vida de provincia* são em todos os generos: ha corridas de burros, chegada d'um governador civil e bailes chinfrins ; mas o entrecho dilue-se tanto na preocupação de dar a nota de disfructador ; a acção é tão frouxa, tão desigual que os mais corajosos, estou certo, pararão a meio. No descriptivo sómente ha facilidade e algum encanto.

É desanimador pensar na quantidade de volumes desenhados, sornas, desalinhabados, orçando sempre por 500 paginas, que, da morte de Eça de Queiroz para cá, os prélos teem deitado ao mercado. N'este como em todos, mais ou menos, lá vem um Damaso, que d'ahi a pouco já não é Damaso mas Conselheiro Accacio e dez paginas depois Sebastião!

Um outro romance ha pouco apparecido era nem mais que uma parodia á galleria soberba dos *Maias*, feita consciante e claramente. Porque fallam tão cedo em grossos tomos os escriptores novos e não conservam o seu silencio d'oiro os velhos que até hoje não se tinham atrevido a fallar?

LUIZ DA CAMARA REYS.

Por motivo de força maior não publicamos ainda hoje os artigos sobre outros livros recebidos, cuja critica pertence a Manoel de Sousa Pinto.

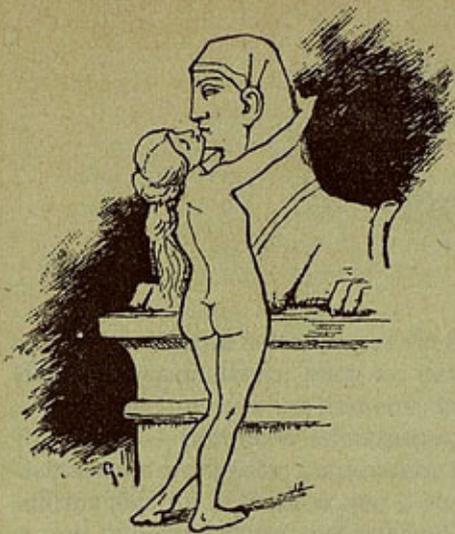
ERRATA

No artigo de Costa Ferreira *A capacidade craniana dos criminosos portuguezes* publicado no nosso ultimo numero, devem fazer-se as seguintes correccções:

Na pag. 196, acrescentar-lhe no fim *dos crimes, em vão buscam differença-los...*

Na pag. 197, entre as linhas 40 e 41, acrescentar tambem:

assassinos 61 %, e nos ladrões 48 %, e a dos cranios pequenos, nos normaes, 16 %, nos assassinos 3 %, e nos ladrões 8 %. Para media de seis cubagens directas feitas em seis cranios d'assassinos portuguezes, entre....



N.º 7

MAIO — 1905

ARTE & VIDA

SUMMARIO

- Patria — *Homem Christo.*
Historia d'um quadro — *Francisco de Queiroz.*
Para o mar — *Antonio Patricio.*
A nossa escola de musica nacional — *Luiç Ribeiro.*
Carta ao povo — *Thomaç da Fonseca.*
Soneto — *Candido Guerreiro.*
Cartas a um irmão mais novo — *Luiç da Camara Reys.*
A maravilha nova — *Manoel de Souza Pinto.*
Kalendario — *Manoel Monteiro.*
Livros — *João de Barros e Manoel Monteiro.*
Um desenho de *Christiano de Carvalho.*

Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Silvio Rebello, Nunes Claro, Manoel da Silva Gayo, Luis-Francisco Bicudo, etc.

Prosa de Theophilo Braga, Felix Le Dantec, Rocha Peixoto, Bazilio Telles, Antonio A. Gonçalves, Annibal Fernandes Thomaz, Alvaro de Castro, Padre Manso, etc.

Desenhos de Christiano de Carvalho.

PATRIA

O sr. Hervé soltou agora de novo em França o grito anti-patriótico dos internacionalistas, para os quaes a patria é uma coisa monstruosa.

Parece-me que os homens das idéias extremas, cujas allucinações hystericas — porque o anarchismo, afinal, é o hystérismo — são verdadeiramente perigosas, confundem ahí, como em muitas outras das suas affirmações de revolta, o que o sentimento tem de puro e natural com o que tem de grosseiro e artificial.

Evidentemente o sentimento de patria, como uma collectividade egoista, ambiciosa, guerreira, sempre prompta a investir com os outros, a fazer matar milhões de homens, com todas as consequencias horrosas que d'ahi resultam, por um bocado de terra, porque o seu embaixador não teve um logar de preferencia na côrte de tal, porque a toilette da sua embaixatriz, por mais estapafurdia ou menos elegante, fez rir os cortezãos, ou para que um par de sapatos, umas ancas postiças ou uns dentes artificiaes, paguem menos um vintem ou mais um vintem na alfandega, é um sentimento detestavel. Mas o sentimento de patria, como manifestação de carinho e ternura pela terra em que nascemos, onde se abriram os nossos olhos e a nossa intelligencia á luz e á verdade, onde nos brotaram as primeiras idéias e os primeiros affectos, é um dos sentimentos mais puros que podem existir no coração do homem.

Se a convenção, e o interesse dos exploradores, o falsificam ou deturpam, o dever é purifica-lo, não é rejeita-lo. Não se prega odio ás mães, porque a estupidez, a ignorancia, o preconceito das mães envenenam physica e moralmente as creanças que procrearam e encaminharam na vida, e porque as envenenam, e prejudicam com aleijões de toda a ordem, desde a primeira hora da gestação até á ultima hora da emancipação. Não se prega odio á patria, porque ella é apenas a junta final, a somma das idéias falsas de cada um dos seus filhos.

Se o burguez é estúpido, e brutal, com a sua concepção de patria guerreira, repugnante nos seus orgulhos de raça, nas suas luctas d'interesses ferozes, inçada de bayonetas e d'alfandegas, prompta a bater-se por meras gloriolas de bandeira, ou por hypotheticos interesses economicos, não é menos estúpido, nem brutal, o internacionalista quando proclama o desprezo da terra em que nasceu, a pretexto de que a sua patria é *mais alta*, abraçando o *planeta* ou o *universo inteiro*.

Como pode o amor do *universo inteiro* impedir o amor d'uma particula d'esse mesmo universo?

N'esta epocha de vapor e d'electricidade, dizem elles, o patriotismo não tem mais razão de ser. Mas nem o vapor nem a electricidade me levam hoje, nem nunca, com tanta facilidade de Coimbra á Patagonia e á Cochinchina como de Coimbra a Lisboa e ao Porto. O portuguez viverá sempre, naturalmente, de preferencia em Portugal, como o francez viverá sempre, naturalmente, de preferencia em França. Passar o portuguez a ter mais amor á Cochinchina, ou o francez a ter mais amor á Patagonia, do que a Portugal ou á França, ou a amar tanto, mesmo, a mais longinqua região do globo como o seu paiz, é uma allucinação hysterica, equivalente á da mãe dura que subordina o amor dos seus filhos a um orgulho estúpido, a uma vaidade irritante, ou á da irmã da caridade que deixa morrer o pae é mingua para, em nome de Deus, levar os seus carinhos e os seus auxilios ao longe, e aos extranhos.

Quando a propaganda anti-patriotica não fosse, em relação a certo povo, funestissima, seria, pelo menos, inteiramente inutil. Difficilmente chegará a adquirir, num momento dado, o mesmo grau d'intensidade em toda a parte, e a produzir aqui e alli os mesmos effeitos. Na França poderá, por exemplo, enfraquecer, ou alluir inteiramente, o sentimento nacional, deixando-o forte na Allemanha. N'esse caso, haveria para a França uma manifesta condicção de inferioridade. E, n'um embate entre os dois povos, a França perderia tudo sem que os internacionalistas ganhassem coisa alguma. Mas suppunhamos que os principios de justiça e de direito triumphavam ao mesmo tempo em todo o globo, até ao ponto de tornarem impossiveis os conflictos entre as nações. Qual seria o inconveniente dos allemães, dos francezes e dos portuguezes, amando a humanidade, amarem affecto a Allemanha, a França e Portugal?

Isto, mesmo quando esse affecto não fosse um sentimento imperioso.

Mas o homem ha de amar sempre de preferencia, o conhecido ao desconhecido, o concreto ao abstracto, o simples ao composto, o proximo ao remoto. Sempre! Nunca se apagarão do seu espirito as influencias do meio em que nasceu e se desenvolveu. Ama a familia antes de amar a humanidade, ama a patria pequenina antes de amar a grande patria. Tirar-lhe essa escala d'amores é esterilizar-lhe o coração. E' torna-lo arido, duro, brutal, como succede com esses hystericos e hystericas que, sob a designação de *revoltados*, e sob a capa d'um supposto amor á liberdade e á humanidade, não são mais que aberrações do sentimento, degenerescencias da alma humana, monstruosidades sociaes.

Quando um sentimento é natural e imperioso, desvia-lo é secca-lo. Não se desvia, educa-se. Não se amesquinha, engrandece-se. Não se degrada, nobilita-se.

Para o amor patrio só ha uma restricção admissivel: que elle não prejudique os principios immutaveis, e sagrados, de justiça, de verdade, de direito e liberdade, innatos no coração do homem, communs a toda a humanidade.

A idéa de patria não é uma ficção, é uma realidade. A alma franceza não é a alma ingleza, como a alma russa não é a alma italiana. Todas ellas podem attingir o mesmo fim de libertação e perfeição. Mas cada uma tem o seu intimo, o seu processo, o seu modo de ser, revelado nas lettras, na pintura, na esculptura, na musica, nos usos, nos costumes, nas tradições, nas aspirações, no temperamento, em tudo, em tudo, até na terra que a alimenta e no sol que a illumina.

Para apagar essas diferenças, que são, aliás, os grandes estimulos do progresso, os grandes afluentes da poderosa corrente da civilisação, seria preciso apagar os meios geographicos, destruir a propria natureza.

Por qualquer lado que se encare, a propaganda anti-patriotica é estúpida.

Pretendem os internacionalistas que o patriotismo é um instrumento vil nas mãos dos padres, dos cortezaos, de certos argentarios, de varios militaristas, dos reaccionarios de todas as classes e de todos os matizes. Sem duvida. Mas eis ahi a falsificação do sentimento. Eis ahi a especulação. Esses são os anarchistas de facto. Seja dicto em abono dos anarchistas de doutrina.

Sem duvida. Onde domina o elemento reaccionario domina a hypocrisia do sentimento patriotico. Haja vista a França de 1870. Haja vista a Russia actual. Porque o sentimento sincero de patria, mesmo quando encerrado em formulas grosseiras, importa abnegação e honestidade. Importa um ideal, mais ou menos perfeito, de justiça e de liberdade. E o ignobil politico de profissão, e o abjecto syndicateiro, e o estúpido e brutal reaccionario d'estola ou de farda, em lucta, este, com aspirações modernas, incompativel com um meio que o repelle, só é dominado pelo interesse material immediato, só vê a esportula, ou só obedece á sua subservencia innata de laçao.

O sentimento patriotico só pode vibrar com entusiasmo nos povos dominados por uma alta aspiração, ou nos meios livres e honestos. Vibrou na Allemanha e na Italia antes da sua unidade, vibrou intenso na França dos *sans-culottes*, e vibra intenso no Japão, exaltado pela idéa da libertação e hegemonia da raça amarella, como vibra intenso na democratica Suissa e na livre Inglaterra.

Onde elle existir existe uma força formidavel. Força material e força moral. No popular, ou no burguez, que sacrifica a sua vida ao bem commum, ainda quando dominado por falsas convenções ou preconceitos, ha o quer que é de nobre e elevado que fortifica e educa. O internacionalista, mirrado de corpo e de espirito, com rugas e linhas

duras no cerebro e no rosto, que, esquecido de que a conquista definitiva do direito só pode resultar da civilização geral, e que até lá é forçoso lutar com as circumstancias e fatalidades do estado social de cada povo com relação ao estado social dos povos que o cercam, que, pelo absoluto da sua doutrina, cospe sobre a terra em que nascera, abandonando-a duro e desdenhoso, negando sempre e não produzindo nunca, é um verdadeiro specimen de horror, um verdadeiro microbio de dissolução moral.

O que importa, pois, não é combater o sentimento patriótico. E' purifica-lo. Todo aquelle que concorrer para formar uma patria livre e honesta, varrida de convenções estupidas e de abominaveis preconceitos, norteadada pelos principios da justiça, da verdade, do direito, terá servido poderosamente a causa da fraternidade e da solidariedade humana, sem abandonar, comtudo, os seus mais proximos affins aos embates dos extranhos, por ventura menos educados, mais ignorantes ou mais barbaros; que, se o fizesse, em vez de fazer irradiar para estes a civilização e o progresso do seu meio, teria então, e só então, prejudicado, em vez de o haver favorecido, todo o seu fim de humanidade.

HOMEM CHRISTO.

HISTORIA DUM QUADRO

Abafada de calor a atmospherã estonteava com um intenso cheiro a tintas e a therebentina. E, sentado em frente do cavallette, Alberto Varzea olhava absorto a uniformidade pardacenta da tela, em que ia começar a pintar.

De cima a luz jorrava para o interior, pela enorme claraboia quadrada, que violentamente recortava o tecto alto numa translucidez deslumbrante de vidros pintados de branco. Inundava brutalmente todo o aposento e, antes de ir morrer no tom granada das tapeçarias, incendiava pelas paredes scintilações vivas no oiro das molduras, avivava nas telas cambiantes ternos de carnações, cores vivas de vestuários ou de flores. Ao fundo, incidindo em cheio sobre o quadro enorme que daquelle lado occupava toda a face do *atelier*, parecia prolonga-lo indefinidamente até um longinquo horisonte, em que afogueado a *terra de siena* e vermelhão, se escondia um sol de outono. Sobre essa côr vibrante, destacando-se, subiam do solo sombrio esguios pinheiros a agarrarem-se nas anfratuosidades de penedias bravas. Era «Os companheiros de Viriato» o quadro, que no Salon de 98 obtivera um lugar de honra e que depois, por todo Portugal, o tinha tornado conhecido dando-lhe o merecido nome de grande artista. Elle proprio tinha a consciencia do valor d'elle e não o quisera vender pelo dinheiro fabuloso que um norte americano lhe offerecia, para o vir ali fechar comsigo naquella quadra, que embellesava carinhosamente para passar as suas mais sentidas horas de dôr ou de alegria.

Sob elle, mesmo em frente, havia moveis baixos, á oriental, de uma flacidez tentadora, a preguiçosa *chaise-longue*, em que no silencio dos crepusculos da tarde tão doces e tão subtilmente evocadores gostava de se embeber na idealisação de obras, que nunca realisava. A um canto um biombo erguia-se meio aberto como um enorme livro e pela casa alguns cavalletes dispersos mostravam quadros, que queria isolados, lembranças de condiscipulos, quasi todos com o seu offerecimento em caracteres de viva côr, assimilhando á primeira vista algum artistico cartaz.

Um ou outro espelhando a luz, sem mostrar a côr, tinha o aspecto desagradavel de uma superficie de chumbo derretido. De outro lado, em frente do espelho enorme, que servia para os modelos se comporem, uma mesa de pau preto torneado desaparecia sob a quantidade dos esboços dispersos: cabeças de velhos, grandes barbas brancas,

creancitas rechonchudas, sorrisos de Margaridas, sorrisos de Manons de alguma santa em extasis davam ideia, no seu macabro conjuncto, de uma ironia cruel.

No interior abafado o calor era suffocante, amodorrara-o pouco a pouco numa pesada indolencia e era vão todo o esforço por que, desganhando-se num gesto continuado, de descontentamento, tentava avivar algum quadro que em imaginação tivesse concebido e agora queria passar á tela. Involuntariamente, insensivelmente fugiam-lhe as ideias, esfumavam-se, desapareciam as figuras de mulher que ha pouco idealisara.

Dé repente, com o calor, uma tabua estalando sobresaltou-o. Abriu os olhos, mas suavemente a somnolencia foi-o de novo invadindo e adormeceu ante a tela parda e sem mancha.

Assim esteve longo tempo, horas talvez, até que na sua imaginação agora descansada, as imagens foram aparecendo, primeiro indefinidamente esboçadas, como vistas atravez d'um diaphano veu, depois mais nitidas; e, no seu sonho, sentiu-se como nunca disposto para o trabalho.

Começou logo um quadro novo e pintava rapida, febrilmente, trocando os pinceis de momento a momento, quebrando sobre a paleta as tintas que espremidas das bisnagas se iam enroscando com um movimento caracolante sobre a superficie branco vidrada da porcelana. E enchia-se a tela, ia-se povoando, as arvores cresciam, corpos tomavam atitudes, os rostos expressão. Tinham vida e tinham luz. Trabalhava vertiginosamente, violentamente, tão depressa que dentro em pouco dava as ultimas pinceladas naquelle quadro magnifico que afinal a sua dôr lhe tinha feito conceber.

Sabia que naquella manhã a sua noiva tinha morrido, longe d'elle, sem ao menos por suprema consolação, ter podido haurir num beijo o suspiro em que ella, com um movimento imperceptivel dos labios, com um imperceptivel arfar do seio, terminara a vida.

Mas, apesar do seu intenso soffrer, quizera materialisar ali numa tela as suas impressões daquelle momento angustioso para as conservar por mais tempo vivamente pungidoras. Agora, num costume sabido, a cabeça um pouco inclinada sobre o hombro os olhos semicerrados, analisava o seu trabalho, retocava aqui e alem com um movimento rapido do pincel traços mal dirigidos, sombras mal dadas.

Era num bosque immenso, em que grandes arvores se emaranhavam numa mistura cahotica de ramos recrusados de trepadeiras entrelaçadas e nelle o primeiro homem chorava a primeira viuvez. E commovia a expressão daquelle rosto do ser primitivo, que elle imaginara, o abandono com que aquelle corpo musculoso e forte se extendia junto do cadaver da sua companheira e o contemplava erguendo-se um pouco sobre os cotovêlos. Pintava-se-lhe no rosto intensamente a expressão de espanto e de curiosidade ante o mysterio que a seus olhos pela vez primeira assim se apresentava.

Tinha terminado o seu trabalho. E porque o seu espirito livre de toda a attenção lhe tornasse a dôr insupportavel ia, sem uma hesitação suicidar-se. Mas de repente enquanto não ligava as ideias um grande fracasso fê-lo estremecer todo e abrindo os olhos esteve um pouco a olhar em volta muito espantado:

— Ah! que pesadello horrivel...

A paleta de porcelana tendo-se-lhe escapado da mão, cahira-lhe aos pés e desfizera-se em boccados.

E á luz doirada do sol, distinguiu no *atelier*, mais sombrio, a mesma disposição querida das coisas queridas. Deante de si a tela uniformemente esbranquiçada desmentia-lhe o seu sonho e a um canto do alto dum sôco de madeira toscamente feito uma bacante provocadora e linda sorria-lhe languidamente.

Numa reacção intensa sentiu então a alegria invadi-lo e teve a impressão de quem se vê aliviado dum grande fardo, que o opprime e que o soffoca. Levantou-se. E como não podia estar por mais tempo ali encerrado dentro das quatro paredes do seu *atelier*, porque lhe parecia que até o mundo era pequeno para a sua alegria e tinha necessidade de movimento, muito ar e muita luz, poz o chapéu e saiu a trautear uma canção em voga.

Fóra deslumbrou-o logo a claridade que jorrando do sol declinante inundava tudo, doirando as pedras da calçada, as paredes caiadas das casas e sentiu-se bem no meio de toda aquella alegria da natureza. Deu uma larga volta e foi passar em frente da casa da sua noiva. Tinha todas as janellas abertas á viração da tarde e nas cortinas brancas ondulantes, no brilho aceiado do azulejo claro, em todo o seu aspecto risinho respirava vida e felicidade. Passou muito devagar, que não queria parando dar na vista, a ouvir deliciado uma musica muito sua conhecida que ella tocava e foi-se encaminhando para um jardim proximo, para um banco, que sabia entre folhagem e onde passava mnitas vezes as ultimas horas do dia.

E uma ideia atravessou-lhe o cerebro de repente. Porque não havia de realisar a obra, que no seu pesadello horrivel tinha concebido. Distrahidamente absorto poz-se a reve-lo, a imaginar côres e tonalidades um ou outro detalhe—enquanto burguezes com um ar de pacata felicidade passeavam á volta do lago e um bando alacre de creancitas dançava, numa grande roda, ao som da melopea dolente da «Condessa, ó condessinha...»

E enquanto o tom sanguineo do poente desmaiava cada vez mais, combinou os ultimos detalhes da que foi uma das suas melhores obras «Hora de desolação».

PARA O MAR

A MANOEL LARANJEIRA.

Para o mar, larga a escóta,
vae sem destino, assim, como aquella gaivota
a descer devagar, azas extasiadas,
a vaga enorme a rir em arestas geladas,
mucilaginea, em tons de vidro, glauco-sujo...
Para o mar, para o mar, pobre alma de marujo
p'ra quem a terra é vil, p'ra quem a terra é um charco.
Larga a trigueira véla do teu barco
em accordes de vento ou em soluços, rôta:
Ouvir no mar o vento é como gotta a gotta,
beber aquelle olhar que só por nós fulgura,
é sentir dentro em nós, a noite, a noite escura,
astros que são semente irreal de primaveras,
nuvens que são como esculpturas de chymeras
e o bater febril d'azas insatisfeitas,
crispadas para além, exanimes, desfeitas...

Para o mar, para o mar, a vaga é tua amiga,
não ha olhar de mãe que tanto te bemdiga;
só quem sabe matar é que sabe adorar:
para amar, para amar, só as vagas do mar.

Para o mar, para o mar, que sabes tu da vida?
Para o mar, para o mar, o que é que ella t'importa,
as mãos em garra contra a porta impedernida
adonde o seu mysterio é um sonho vão de morta...?
Não podes decifrar a t'esphyngé em cada forma,
nem o que n'ella soffre e ama e se transforma...
Passa a vida febril a buscar comprehender
e morrerás sem fé, sem saber, sem viver...
Para o mar, para o mar: toda a sciencia é isto:
a cruz da tua dôr sagra-a no mar de Christo,

sente o desejo inflar, arquear como latinas,
como os corvos do mar a adivinhar rapinas...
Para o mar, sê no mar rude estatua de prôa,
bronze d'orgulho e de desprezo, carne tensa ;
saber morrer é que é fazer a vida bôa
e seguir, hirto e só, sobre a epopeia immensa...

Para o mar, para o mar, e quem quer que tu sejas,
foge ao amor de mãos lunares e bemfazejas,
foge para seres só, foge para o perder...
E, quando no olhar d'outro o d'ella te esquecer,
vive p'ra o exaltar, para lhe dar grandeza,
renuncia feliz para crear mais belleza!...
Crava nos flancos da desgraça azas d'orgulho,
sê pó, mas sê pó d'oiro, irmão do pó de julho!

Para o mar, para o mar, de que serve beijar ?
Nunca o granito roseo d'uma esphyngue,
por mais que corpo a corpo o sangue teu o tinges,
virá a estremecer, a partir, a vibrar...
E beija uma mulher, um sonho ou uma flôr,
que os olhos, o phantasma e a pétala divina,
nada comprehenderão da tua grande sina,
e irás a tactear pela noite do amor...
Cinge as arvores nú, sê como um fauno antigo,
falla á dryade irman, bebe d'amor a seiva,
e d'ella saberás, miserrimo mendigo,
como d'uma semente a germinar na leiva...

Para o mar, para o mar, lê o teu horoscopo
n'uma vaga a quebrar nos creneis d'um cachopo!
Se não podes talhar a vida ao teu ideal,
viver é tudo : são palavras Bem e Mal.
Vive bem, morre bem, deixa espuma a florir :
nos olhos que virão será talvez sorrir...
Desfralda o teu orgulho em azas d'aguia exangue
para que caia d'alto, a fecundar, teu sangue !
Para o mar, para o mar, de todo o coração :
vae pela estrada glauca a esquecer o que é vão...
E morto levarás, ó marmore supremo,
bem preso em cada mão, o punho do teu remo.

Sejam teus nervos como cordas d'um violino,
 onde crepita, em genio, o mal d'algum destino !
 Bocca que já não beija, em rictus de faminto
 d'alem, de para alem de tudo quanto eu sinto,
 para o mar, vai assim e nem olhes os teus...
 Vais para alem de ti, para perto de Deus !
 Cega embora a olhar, mas olha o sol em face !
 E embora a tua quilha o vento a despedace,
 e vás agonisar n'um concavo de vaga,
 vendo o ceu atravez da espuma que embriaga,
 tu morrerás feliz mesmo sem alcançar :
 a olhar para alem de ti morrerás a crear.

Para o mar, para o mar : eu nasci p'ra ser vaga,
 tudo m'o diz, diz-m'o este amor que d'olhos razos
 me estende pela areia a beber os occasos
 e em concavos regougos sóbe e me embriaga...
 Para o mar, para o mar, aos pobres como eu
 só o mar lhes dará o que o sonho lhes deu...
 O cadaver d'um deus, d'um rei, d'um pescador,
 o cadaver d'uma aguia, os cadaveres dos pobres,
 viajam sobre o mar n'um barbaro esplendor
 e as ondas vão morrer por elles sempre em dobres...
 Vós todos, meus irmãos, destinos como o meu,
 que eu nunca vi, mas que existis, que eu adivinho,
 não vos deixeis ficar como azas de moinho,
 como n'um areal um cardo que morreu...
 Para o mar, para o mar, desfraldae o desejo,
 içae as velas para alem, largae a escóta,
 ide no mar assim como aquella gaivota :
 entre nuvens e espuma a vida é como um beijo...

Fevereiro — 1905.

ANTONIO PATRICIO.

A NOSSA ESCOLA DE MUSICA NACIONAL

Uma das tendencias mais pronunciadas e características da musica moderna, é a formação de escolas de musica nacional nos diversos países

Na Allemanha, Schubert fixando a forma do *lied* pela reunião da poesia lyrica á melodia popular, Weber revelando a tonalidade germanica no *Freichütz*, e Wagner desenvolvendo essa tonalidade e formando o drama lyrico pela synthese consciente da symphonia com a poesia, formaram a escola allemã hoje tão rica e importante.

A França, por tanto tempo decaída em musica em face da Allemanha e da Italia, possui hoje uma escola nacional formada pela applicação dos processos germanicos á sua musica; e Massenet, Saint Saëns, Charpentier, Pierné, e tantos outros, levantam-na a um grau de esplendor igual á allemã.

Chopin aperfeiçoando a *polonaise*, que Weber havia pela primeira vez empregado com forma artistica, creando a *mazurka* e estudando o caracter de rebelião e soffrimento do povo polaco, revelou-nos uma musica nova, cheia de encantos.

Na Suecia e Noruega a escola escandinava formou-se com Gade, Svendsen e Grieg, tão original e tão finamente suggestiva.

A Russia accorda para a arte com Glinka, Tschaikowsky, Rubinstein, e, pela fusão da musica wagneriana com a melodia slava, dá origem a uma escola que é hoje celebre.

Já Rossini, na Italia, introduziu nas suas composições motivos populares, e os themas do *Ranz des vaches* suissos, imprimem ao Guilherme Tell uma cor local admiravel.

A Hespanha já ha muito que possui uma escola sua representada na zarzuela, legitima descendente dos vilancicos jocosos das cathedraes, e que pela primeira vez appareceu no tempo de Philippe IV, como affirma Hilarion Eslava.

Tenta porem hoje aperfeiçoar os seus processos artisticos, seguindo a senda de Bizet.

Cada nacionalidade tem o seu canto popular distincto, producto das suas condições de existencia, das tradições historicas, da raça — das mil circunstancias que a differenciam das outras.

A sua vida assim como dá origem a linguas diversas, dá tambem origem a uma musica popular caracteristica e inconfundivel.

A grande riqueza e originalidade das modernas escolas de musica consiste em haverem captado a tonalidade nacional, o que caracteriza e distingue a musica d'um povo, e em have-la desenvolvido segundo os processos technicos da arte.

Ir buscar ao filão inexaurível do canto popular a inspiração, fixa-la e desenvolve-la em formas artisticas foi o segredo da originalidade de Grieg, que tanto nos encanta.

A musica popular não é, como pode parecer a alguém mal avisado, obra da multidão, mas sim d'um individuo. Tal é porem a identidade entre o que a melodia exprime e o que o povo sente, tal a simplicidade da contextura musical, que o povo aceita-a — e esquecendo o nome do auctor consubstancia-a em si.

Por veses mesmo altera a composição facilitando-a, ou pondo-a mais em harmonia com o seu sentimento ou o seu pensar.

Isto foi observado na Allemanha, segundo refere Baragiola, relativamente a algumas poesias de Uhland.

O canto popular vem sempre ligado á palavra. O povo inconscientemente realisa a synthese de Wagner — a fusão da musica com a poesia.

Se a musa popular se inspira nalgum facto importante que lhe desperta a attenção, acompanha a poesia d'uma musica. Se ao contrario alguma canção nova apparece, logo a poesia se lhe vem juntar. Mesmo que ou a musica não sejam genuinamente populares, como é frequente succeder nas cidades onde trechos de opereta teem uma ephemera popularidade, sempre que a musica apparece, apparece tambem uma letra.

Nos Açores tornou-se popular a xacara de Soares de Passos, *O noivado do sepulchro*; mas ou como não tivesse forma musical ou esta fosse insusceptivel de se tornar popular, o povo adaptou a letra a uma velha canção do archipelago *Os olhos pretos* cuja toada triste se casa perfeitamente com a poesia.

Muitos romances dos cancioneiros sam inspirados em factos que mais ou menos feriram a imaginação popular, e nos fados de Lisboa ha exemplos typicos de taes composições.

A nossa musica popular é abundantissima, possuindo o nosso cancionero numerosos exemplares de canções em todos os generos, havendo certamente poucos tão vastos como o nosso.

A existencia d'uma tonalidade recognoscivel é um facto já affirmado por Staford no principio do seculo XIX, relativamente aos lunduns e modinhas.

A variedade de musica popular nota-se de provincia para provincia, demonstrando que a diversidade ethnica e geographica, assim como cria dialectos differentes, tambem influencia por differente modo o canto popular.

Viva e buliçosa no Minho, dolente na Beira Baixa, lamentosa e triste, por veses suspensa como perdendo-se na vastidão da planicie no

Alemtejo, extremamente ornada (talvez influencia arabe) no Algarve, saudosa no fado de Lisboa, a melodia popular saindo do sitio onde nasceu difficilmente se aclima, morrendo estiolada as mais das vezes. E' que corresponde a certas condições de vida local.

De todas as formas da nossa melodia popular a que define melhor e mais nitidamente revela o nosso character é o fado, producto directo de lundum e sua forma moderna.

Em todas as nossas canções a sentimentalidade que nos caracteriza como povo apparece, e, como o *zaj* nos cantos da Polonia, a saudade sente-se em todos os cantares portuguezes.

Em nenhuma canção como no fado ella tanto se evidencia.

Com elementos de tão grande valor na nossa melodia popular, ainda não temos uma escola de musica nacional.

Marcos Portugal, Leal Moreira, Baldi, José Mauricio, e tantos outros que compozeram musica sobre letra portugueza, imitaram o gosto italiano que durante tanto tempo imperou entre nós como unico modelo a seguir

As proprias modinhas tão genuinamente portuguezas, abastardaram-se transformando-se em arias.

Um só compositor, Sá Noronha, soube imprimir ás suas obras um certo cunho portuguez. Infelizmente a pobreza da sua technica, e a falta de conhecimentos geraes, não lhe permittiram fundar uma escola nacional.

No seculo XVIII Marchall glosava musicas populares e pregões, mas essas composições approximavam-se das ridiculas arias variadas e das fantasias que então estavam em moda.

Victor Hussla revestiu nas suas rapsodias o canto popular das formas brilhantes da polyphonia orchestral.

Rey Collaço e Viana da Motta teem contribuido para a nossa musica portugueza, imitando ou introduzindo em varias composições themas populares.

Keil na *Serrana* fez o mesmo com felicidade, o que tornou a sua obra a primeira tentativa de opera portugueza.

Ultimamente a Sr.^a Condessa de Proença a Velha no seu notavel livro *Os nossos poetas* ensaiou os processos artisticos de Schubert e Grieg, applicando musica á poesia lyrica portugueza e dando á melodia a tonalidade popular.

Estes ensaios sam por enquanto insufficientes para constituirem uma escola e mostram apenas que a nossa musica se pretende erguer do abatimento em que jaz, indicando uma tendencia de rehabilitação.

Se os nossos compositores seguissem as tentativas feitas, se sobre tudo o trabalho brilhante da Sr.^a Condessa de Proença fosse imitado, a nossa escola surgiria com brilho equal, pelo menos, ás outras escolas modernas, e mais sentimental do que todas.

Quem ha que não tenha observado o entusiasmo d'um estrangeiro ao ouvir as nossas sentidas canções ou a escutar a interpretação que sabemos dar a todos os generos de musica?

E' preciso ser-se portuguez, dizia-me ha tempos um artista estrangeiro, falando de Viana da Motta, para correctamente saber interpretar Bach, Beethoven, Grieg, Chopin, Schumann ou Listz, fazendo resaltar nitida a individualidade de cada um.

E' que todo o nosso povo é artista e essencialmente musico.

Estude-se o nosso cancionero, trabalhe-se, e teremos uma escola nacional.

LUÍS RIBEIRO.

CARTA AO POVO

(EXCERPTO)

Si natura negat, facit indignatis versum... quales ego.

JUVENAL-SATIRAS.

Eu sou aquelle que vem em nome dos vencidos.
Recolhi em minha alma as ancias e os gemidos
De quantos vi luctando ao longo d'esta vida,
Sem pae nem mãe, sem lar nem pão e a fé perdida...
Mensageiro do Amor, da Paz e da Verdade,
Venho denunciar a dor da Humanidade,
Essa que com seu braço e seu genio fecundo
Formou d'um lar um povo e d'esse povo um mundo,

Quando eu parti, brilhava o astro na amplidão:
E olhei a vida... Em roda eterna escuridão
Envolvia-nos como um manto de terror,
E lá no fundo, obscuro, exausto o cavador
Bradando inutilmente... O' vida dolorosa!
Quanta vez ao cair da noite silenciosa
Ao lento fumegar dos colmos no povoado,
Ouvia claramente o grito prolongado
Do que tem fome e frio e não tem lar nem pão!
E eu instintivamente aguçava o bordão
Nas pedras do caminho á falta d'uma espada.
E do mundo atravez a rigida nortada,
Fui vendo a mesma dôr, odeando o mesmo crime.
Quando eu sopunha achar o braço que redime,
O povo unido, o peito aberto e sem couraça,
Como um raio de luz n'um furacão que passa,
Como um grito d'amor na boca de Danton,
Tudo era morto: nem um brado, nem um som!
Vendo pois que na luta era um heroe sosinho,
Encostei o meu corpo á beira do caminho,
A' espera que passasse alguém pelas estradas.

Chamei, chamei em vão; as mãos ensanguentadas.
Ninguém as viu, ninguém parou, olhando... Então,
O' povo, é que eu chorei tuas longas agonias,
Bem como antigamente o velho Jeremias
As do povo de Deus nos muros de Sião!

.....

1902.

THOMAZ DA FONSECA.

SONETO

Vosso desdem, Senhora, não molesta...
Embora de desprezo, um vosso olhar
Para mim é o sol a derramar
Vida e esplendor nas sombras da floresta...

Olhae-me vós: e canticos de festa,
E perfumes, e estrellas, e luar
Virão piedosamente abençoar
A minha noite lugubre e funesta...

Olhae-me! entornae dentro do meu peito
Esse fogo: queimae-me o coração...
Este refulgirá; depois, desfeito

Em espiraes de fumo, irá, disperso,
Innundar de harmonias a amplidão,
Envolver em amor todo o universo...

CANDIDO GUERREIRO.

CARTAS A UM IRMÃO MAIS NOVO

II

Fallei-te na minha primeira carta em educação physica; na necessidade de manter o corpo numa plenitude saudavel, regulada e alegre, como condição essencial para um trabalho sem falhas e um caracter de tempera rija.

Escrevo-te hoje, imaginando-te de longe, curvado sobre a banca, de palpebras somnolentas e olhar envidraçado de tédio, a folhear com melancholia as paginas dum compendio. Reconstruo no ar o teu arco-boiço fino, de hombros estreitos, thorax quasi concavo, costellas salientes, espigando quatro esgromiados membros. Mas talvez dentro dalguns mezes esse peito se alargue, essas costellas se cubram de carne e musculos, esses braços e essas pernas enrijeçam e engrossem. Porque a tua resposta entusiastica ao meu appello faz-me pensar que a estas horas um sangue mais vermelho e mais viçoso começa a dilatar-te as veias.

Tu és esse triste mocinho a quem a menor impressão faz palpitações; incapaz de dar uma corrida pequena sem perder o folego, de estudar trez horas seguidas sem uma dôr de cabeça. E começo a esperar que num anno surja dessa miseravel e desorganizada physiologia um animal magnifico, impaciente por cinco minutos de immobildade, sem melancolias negras, achando a vida boa porque o sol tem muita luz, amando os campos, os homens, a vida emfim com tudo o que nella fructifica e se move.

Ha comtudo um perigo nesse entusiasmo juvenil de crear fibra: o exaggero. E' pelo que pecca a mocidade ingleza, na sua vida excessiva de treno durante semanas para ir disputar a victoria duma regata; nas grandes partidas de *cricket*; nas brutalidades do *foot-ball*; em toda a exhuberancia sanguinea e brutal duma raça dominativa, orgulhosa e creada no culto da força. — Que desgosto enorme eu teria em vêr-te d'aquí a annos um *sportsman enragé*, ensaccado em flanela branca, boné cahido sobre os olhos e *raquette* debaixo do braço, pronunciando avariadamente monossyllabos inglezes, com um falso ar e uma falsa pronuncia!... — ou então o homem de musculos, que exhibe o deltoide, maneja halteres e levanta pesos, em meio d'uma assistencia curiosa!...

A tua vida moral deve estar intimamente ligada com a intellectual. Eu poderia encimar todas as minhas cartas com o luminoso preceito de Renan: *a felicidade da vida é o trabalho livremente aceite como um dever*. Avançar todos os dias um pouco na direcção que se traçou, trabalhar methodicamente, abrir horisontes novos e sentir a alegria inefavel de olhar de vez em quando o caminho andado; vêr deante de si perspectivas desconhecidas, a realisação provavel de planos antigos! — Uma vida assim, com o sol alegrando todas as manhãs o nosso quarto de trabalho, as flôres que nos perfumam a meza e as filas dos livros queridos na estante; uma ideia, uma sensação nova que um livro dá; o amor por todas as cousas que existem, vivem e soffrem, natureza fecunda, ceus, ar, pradarias verdes; e acima de tudo a ternura, a dedicação, o nosso pequeno esforço pelo bem da humanidade: ahi tens traços dispersos, lançados á tóa, duma vida magnifica de dever e de felicidade.

Queixas-te do tempo que te roubam, do marasmo que te entorpece o cerebro depois dessas aulas extenuantes, cortadas de bocejos. E tens bem a certeza de aproveitar perfeitamente o teu tempo? A vida que eu ahi te via seguir era miseravelmente desperdiçada. — Uma madorna deploravel estirava-te na cama, sem uma resolução, deixando passar os minutos em devaneios; e, depois de te ergueres do leito atabalhoadamente, engulias á pressa o almoço e até á tarde lá mergulhavas no lyceu immundo, no lyceu asqueroso, donde sahias com as mãos e a alma enxovalhadas do lixo dos corredores e das lições. Até ao jantar vagueavas tristonho pela Baixa, derreando a cabeça sobre as montras dos livreiros, com esse interesse doentio pela letra redonda que ha nos rapazes enfezados; e á noite era de má vontade que fazias um estudo entremeado de somnos congestivos.

Suppõe agora este plano novo: levantar ás seis horas e, em seguida a uma gymnastica leve, aproveitar o tempo até ao almoço num trabalho magnifico, arejado, perfeito, em que o sangue circula melhor, em que os sentidos, a intelligencia, o corpo todo teem uma vibração, uma energia differentes. De vez em quando vem-se olhar o ceu, respirar largamente. Se a janella dá sobre campos, a pàysagem ajuda, anima, parece incitar-nos alegremente dentre a sua faina interminavel de reverdecer relvedos, empanachar arvores, florir sebes de azinhagas, desenrançar caudas de riachos e desabrochar flôres! — Sobretudo na primavera! Não imaginas como a primeira lufada que me entra agora pelo quarto, ao abrir a janella, é balsamica e morna! Decerto que o pollen que volteia ahi disperso tem o poder fecundante de abrir o meu espirito ás grandes ideias serenas e aproveitaveis. O ceu desdobra o seu pavilhão serenissimo e azul; as aves, pairando d'azas abertas sobre os milharaes, parecem desmaiar aos effluvios cálidos da terra; os primeiros rumores acordam o ar, gemidos de carros, appellos desgarrados, o ladrar

dum cão, o silvo de uma fabrica distante; e, no nascente illuminado, a paleta multicolor do sol passa de purpura a rosicler, de rosicler a oiro desmaiado. E' então que o amor da Natureza, que vagamente paira, litterario e sentimental, no coração dos homens, se torna perfeitamente sincero, nos invade o peito e acorda o desejo de cantar como os sacerdotes mussulmanos, ao romper do sol, dos terraços doirados!— Já o rumor da vida em baixo augmenta: um clamor pagão de evoés parece erguer-se ao ceu distante. Ha um fremito de fecundação em todas as espessuras. Os bosques palpitam, como povoados de faunos que andem á solta. E, entre os trigaes que começam a amadurecer, de quando em quando, ao sol faiscante, julga-se vêr reluzirem as tranças d'oiro de Céres!...

E experimentando esta alegria, que acorda ao amanhecer entre hossanas e canticos, na paisagem saudosa e orvalhada, sentindo pungir a seiva nos troncos robustos e nos caules das plantas; ouvindo o surdo rumor inquieto que o fervilhar da vida de continuo ergue, comprehenderás que na grande Natureza não és mais que insignificante tronco ou insignificante caule, vivendo como elles para o trabalho de todos os dias, transformando em vida clara o enxurro humido e lodoso da terra; sómente tendo raizes mais perfeitas, raizes conscientes, raizes humanas, que devotadamente te devem prender ao grande trabalho universal. Porisso Renan tinha razão: *A felicidade da vida é o trabalho livremente accete como um dever...*

Um dia assim começado é um dia ganho. Terás a acompanhar-te durante todas as suas horas a satisfação do dever cumprido. Nos teus descansos não haverá os remorsos de quem finge repousar sem ter trabalhado: e a tua vida correrá alegre, como a de todo aquelle que se sente um forte, adaptado á dignidade de cumprir todas as manhãs a sua tarefa. O trabalho assim transforma-se num habito e o habito, conforme o velho e justissimo preceito, *é uma segunda natureza*. O cerebro congestiona-se diariamente á mesma hora, como o estomago á hora do jantar e do almoço. Dia em que não trabalhes ao levantar da cama, depois duma toilette rapida, será um dia nublado, mau, a roer-te a consciencia e acabrunhar-te a alma.

Mas talvez julgues futil fallar-te a ti, ainda creança, em planos rigorosos de trabalho. Já houve quem notasse que a minha primeira carta era demasiadamente litteraria e falsa para um irmão mais novo que se quer educar. Mas não é verdade que tu sentes já dentro de ti a acordar esse desejo de uma orientação para a tua vida, de um plano seguro, firme, traçado nitidamente? que, apezar de todos os obstaculos, preconceitos, risos ironicos e escarneos, has de caminhar serenamente no teu caminho sem um desfallecimento, deixando de quando em quando para traz um padrão do teu trabalho, que será mais uma animosa

certeza da tua energia? E que importam os teus dezeseis annos se quizeres ser um homem?

Portanto trabalha com firmeza, todos os dias, ainda que pouco; vae desbravando o terreno que tiveres em vista. Um esforço insignificante por si, mas regular, bastará para no fim de um anno, dando o balanço final ao tempo aproveitado, te mostrar uma accumulção formidavel de trabalho. — Nunca esperes a bôa disposição ou, se fôres um artista, a *inspiração*. *Esperar a inspiração esterelisa*, disse um grande espirito.

Em ninguem, como nos escriptores, se pôde medir melhor o trabalho quotidiano. Zola trabalhava todas as manhãs apenas trez horas. Uma ao erguer da cama, em seguida lia os jornaes e trabalhava as outras duas horas. E depois era um cabula á revelia, que passeava, conversava, ria desanuviadamente porque lhe acudiam de continuo á lembrança as trez ou quatro folhas de papel que a sua penna ennegrecera... O heroe da *Joie de Vivre*, indolente, indeciso, cheio de concepções irrealizadas, contou Zola a um amigo, era o typo terrivel que elle temia ser e de que o libertou o regimen regular e pouco violento das trez horas diarias...

Decerto que eu não te cito este exemplo para procurares ser Zola, mas para procurares ser igual a elle na dignidade do trabalho cumprido sem desfallecimentos. O trabalho a hora marcada desagrada-te? sae-te ao principio cheio de falhas, confuso? Emenda-lo-has com o trabalho dos outros dias. E não imaginas como se respira melhor, se abrem mais os olhos á luz do sol quando estivemos amarrados a uma meza e aproveitámos bem a nossa manhã.

Teu irmão amigo

Antonio.

LUIZ DA CAMARA REYS.

A MARAVILHA NOVA

A Coelho Netto o admiravel auctor do
Paradoxo contemporaneo.

Era num tempo maldito e avançado... a humanidade envelhecia; a sua raça que se exgotára em prodigios de belleza, decrescia e minguava como uma força cansada.

Os homens haviam por mais de uma vez revolucionado a vida, transformando a terra, e a terra, a grande mãe fecunda, sahira das suas ultimas descobertas engrandecida e alargada.

Os elementos doces — o ferro, o aço, a chamma, a agua, o ar — que até ahí haviam escravisadamente servido o homem, tinham por obra d'elle adquirido força propria, vontade, personalidade.

A machina que d'antes fôra a simplificador do trabalho, a collaboradora do homem, de tal modo se lhe imposera que agora era ella que o dominava a elle.

As fabricas já não eram uma collecção de ferros que uma legião faminta d'operarios manobrava; tinham-se emancipado da tutella do mestre e eram uma republica d'apparelhos que a si só se bastavam, monstros que se guiavam sósinhos.

Ellas iam por conductos primorosos, subterraneos ou aereos, buscar a materia prima; e outras a tomavam que a entregavam já prompta a outras transformações, que infinitas engrenagens eternisavam. A seu lado registadoras potentes regulavam com suas memorias metallicas o movimento; pequenas hastes de ferro, como outr'ora os dedos do homem, faziam a escripturação que esses pequenos engenhos pormenorisavam, sem erro, numa precisão de cavilhas bem acertadas.

O homem, o de sempre grande agente, tornara-se no apenas espectador inerte e sem partilha d'esses organismos resistentes e solidos que trabalhavam numa ancia, sem repouso nem fadiga.

Viéra do Norte um propheta, por todos bem amado, que prérgava num renunciamento á carne, o amôr apenas ideal: os esponsaes das almas e fulminava, como torpes, as allianças dos corpos.

Uma nova crusada se erguera e disciplinára ao ouvi-lo e a mulher, que conseguira já a sua egualdade ao homem, num dia quente de heroísmo proclamava a independência dos sexos, o horror das uniões das formas diferentes, o inédito e raro praser das nupcias violentas e lubricas de dois corpos eguaes. A virgem recusára-se á fecundidade e desde esse dia — em que numa ironia rosas brotavam da alegria — a mulher desprezára como immunda a função materna e bemdita e as pobres mães que esquecendo-se no beijo, ainda ousavam erguer aos olhos os seus ventres rotundos eram condemnadas como réis d'alto peccado. E não raro, na furia dos apóstolos inviris, se aniquilavam d'um só golpe o tronco que fructificára e o fructo que despontava.

Perdiera-se o gesto do amôr; o sexo deixára de ser a primeira das atrações para se tornar na ultima notada das diferenças.

As linhas radiosas e curvas que a mulher até ahi possuira e cultivava no seu corpo como um privilegio para filhos, seccavam-se, morriam. A moda requintada e esterilisante dictára á femea a obrigação de imitar a flôr — sem lhe querer vêr a epiderme rebentando da seiva — e a mulher cingia-se com corpetes barbaros, complicados tubos d'aço que a adelgacavam até ao fio, e apenas desgrenhava, como petalas doidas que se esfolham, os cabellos aparados. Os seios, essas conchas onde se bebia o primeiro leite — hossanahs rosados dos vagidos antigos — agonisavam balôfos, como balões sem vento, pendiam murchos, como fructos sem rega — cicatrizes rugosas nos collos comprimidos.

Os ventres baixavam, sumiam-se, como luzes sem oleo, vasios, como papel sem letras, pois que na sua derme não dilatada pelo esforço dos meses da criação, a maternidade se recusava a escrever as rugas sãs da sua divisa.

As boccas, sem prestimo para beijos que renascessem em carne, eram só o rasgão vermelho e pallido por onde a nutrição escassa se ingeria; e os dentes, essas bellas, marfíneas corôas de sorrisos antigos, falhavam a quasi todos — porque do alimento, por obra da sciencia, lhes eram fornecidos só os elementos basicos e assimilaveis em pequenos granulos que não, se trituravam.

O homem afeminara-se, perdia toda a virilidade, toda a rijesa do seu corpo de macho.

A humanidade ia-se reduzindo assim a um typo unico, réles androgyno, de cabello curto e ralo pello nas faces, sem curvas para o amor nem musculos para a potencia. E isto á custa do pouco produzir da raça que morria.

E para cumulo de maldição, o homem descobrira o segredo da longevidade, — podia matar-se, mas já não morria ao acaso desde que respeitasse o preceito d'um sabio morrinhento que desvendára e provava que só morrem os que amam.

Essa praga que era a humanidade sem filhos tinha assim diante de si um futuro larguissimo, quasi eterno e sem deleites—visto que todos os antigos e legitimos praseres do homem se haviam renegado; nem o cordeal da mesa, nem o sagrado do amôr no triumpho de fecundar, na alegria dolorosa de conceber, nem mesmo o vigoroso e tonico regalo do trabalho criadôr, nem sequer o confortante descanso da morte—essa fôrma superior da indolencia.

*

Mas num ponto afastado e solitario, vivera, num obscurecimento a essas novas leis do progresso, um bom par de bellos velhos que mais que tudo presavam a transfusão das vidas pela carne e que, dos seus delirios occultos e ferazes de amor prohibido, no seu crime, haviam deitado ao mundo alargado e engrandecido, um casal admiravel, cuja femea era forte como uma terra escura e o filho um moço avantajado e possante, rijo como um toiro, bello como um rio.

E ás escondidas esses velhos optimos, que haviam renegado o segredo da longa vida, que tinham fugido á delicia secca de viver—sempre dada áquelles que não beijavam nunca—morreram um dia serenos num beijo eterno e immenso em que as suas vidas, num hausto capitoso, vibraram ainda completamente e unisonamente a palpação derradeira—plenos da grande alegria de viver para amar e morrer depois de cumprir larga, refociladamente o amor, quando os encantos da vida murcham como flôres que encontram na morte repetida o segredo da sua belleza sempre nova.

Os dois filhos haviam-lhes herdado a grande tendencia effectiva e chegados ao tempo em que a velha natureza punha em cada um os atavias e as armas d'amor, amaram como soffregos, beijaram-se como rebeldes, porque da humanidade inteira eram elles dois os unicos que saciar podiam essa sêde.

Na sua indomavel, rara, milagrosa, virgindade, ella era bella como duas madrugadas que se tocassem. O seu corpo moço e puro tinha a gloria das curvas que triumpham na vida; os seus seios, feitos á medida d'uma mão de heroe, eram fortes, d'essa fortaleza domavel de oiro que se bate na incude, eram setineos da oleosa maciesa das petalas gordas das magnolias. O ventre amplo e formoso recurvava-se numa tentação, luminoso e roseo como uma cratera d'aço.

O bello esqueleto d'elle plantava-se no chão como uma arvore de victoria, movido por musculos bem estriados, resistentes, fogosos como os dos pôtros, ágéis como propulsores de azas.

Eram admiravelmente os dois, ella loira como latão, na belleza seivosa e rija do seu corpo — berço fiel de maternidades vivas — elle na pujança vencedora dos seus membros, alavancas de vida, um bello ser perfeito. O seu beijo dava locupletadamente a reunião de todos os elementos de que a vida carece para rebentar como um caule — a força que fecunde, o regaço elastico que conceba.

E d'ahi a tempos o beijo abençoado d'aquelles irmãos amantes começou a fazer-se um filho que ia inchando, como uma aragem incha de vagar uma vela, o ventre sagrado d'aquella mãe unica, num preamar apaixonado.

E volvido o praso divino da modelação, nasceu surprehendente como um poente branco, inédito como um sorriso sem labios, a inesperada criança, o producto aformoseado d'aquelle incesto jocundo que o mundo ignorava.

Surgiu num clarear d'aurora a nova humanidade...

Longe d'elles a outra humanidade aborrecia-se — a esterilidade é a dôr. Aquelle milagre d'aquella mulher que assim procreava, que sabia o segredo inedito do beijo e amava a carícia fecunda que penetra gerando, admira-los-hia e entontecê-los-hia.

Então já não pensariam em os delapidar e num côro entusiastico — do entusiasmo compativel com os seus corpos mesquinhos — saudariam aquelle par ovante que resurgira e requintara o praser do filho.

Mas esse incesto, como um segredo palpitava na inviolação; como um grande mysterio, no soturno, recondito, occulto affastamento, elle criava na paz, na alegria, ão sol, sem se desvendar, como uma fonte de vida.

E em baixo, no estortôr da secca immensa dos ventres, na agonia da sua fealdade, o largo côro de famintos que eram os seres passados, continuava a sua lamentação a caminho do fim, pois que sem destino na terra, a creatura, omnipotente e eterna por obra da sciencia se ia aniquilando de vontade.

A trindade augusta dos dois noivos beijando-se no filho, numa triangulação poderosa, pletorica, humuda de paixão, de força, de sangue, ia no isolamento completo do seu bastante amor, cultivando de

novo a terra que explodia gloriosa em tropeus de vegetação, em alleluias de flôres, em abbadas de fructos, em carradas de trigo.

Na eira restaurada havia de novo a faina do pão, no lagar recomposto escorria outra vez o azeite, na dorna resurgida refervia mais novo o vinho e, á mesa, era o trigo, o amoravel, branco, macio trigo que na intimidade do lar, dava o rapido praser da deglutição.

A natureza unia-se de novo ao homem, o seu amante de sempre. O sol esse grão de trigo immenso e enorme de que se nutre o mundo, redobrava de brilho, como de frescura os trigaes; e sobre tudo isto elle ardia em brasa, e sob o astro ardente a natureza em festa celebrava enlevada esse ser recente, cuja cabeça loira como um elmo, surgira á luz numa manhã d'amor, doirada como um sonho, para ser num encanto — a maravilha nova.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

KALENDARIO

8 de Maio — 1705

Nasce ANTONIO JOSÉ DA SILVA (O JUDEU).



Esta data, precisamente duas vezes secular, veio gizar á superficie da veneração contemporanea o crescido fervor pela memoria d'essa figura litteraria tão notavel, quão malaventurada.

A' distancia bicentenaria, que d'ella nos separa, mais se fixam num relevo doloroso e cruciante os planos em que poisou e em que se resume a sua curta vida de predestinada fatalidade.

Poema de dor, que se não evoca sem os estremeções de revolta contra a maldita e execrada instituição de extermínio que mais cruel e abominavelmente affrontou a natureza humana, a dignidade da consciencia, a liberdade do pensamento!...

Accossado por um vento de desgraça, que da Inquisição soprava com furia sobre a sua familia, veio do Brazil aos oito annos acolher-se, com esta, na terra de Portugal. Não lhe foi logo absolutamente hostile o abrigo d'esta nova patria. Lentos annos se volveram, com pleno proveito da educação do seu espirito, vivaz e possante. Ao perfazer porém o numero aziago dos treze, e quando contava ao todo vinte e um, o odiento monstro, que nunca perdera de vista a sua prêsa caiu de chofre sobre ella com brutalidade implacavel. Na sua furia sanguinaria atassalhadamente a torturou, abandonando-a depois, não sem a velhaca e malvada premeditação de voltar a cravar-lhe as garras.

Penoso restabelecimento foi esse o do seu flagellado e triturado organismo e resignada depuração foi a da sua alma limpida, mas estigmatizada com a macula da raça proscripta!

Concluiu a sua carreira, constituiu familia, advogou com seu pae e dedicou-se ao theatro, onde, no breve lapso de seis annos, deixou uma obra de renome que o recommendou á posteridade. Esta, com effeito,

denuncia-nos o valor inequívoco das suas qualidades intellectuaes. Cerebro lucido, comprehendeu perfeitamente o seu meio, hypocrita, ignorantissimo, ridiculo, e portanto asqueroso sob o duplo ponto de vista intellectivo e moral. Não esqueceu porém a pressão de torpe e infame vingança, ainda não exhibida por completo, sob que lhe corria a existencia.

Na verdade, as suas comedias, em que perpassa a sociedade do seu tempo com os seus grotescos infinitos nos costumes e nas ideias e em que a caricatura e a galhofa, bem incisivos, attingem quasi sempre a irreverencia e a espontaneidade populares, o que revela o seu desassombro e a sua independencia, são todavia discretas quanto a essa classe ignominiosa e omnipotente d'onde se erguia, precoce, a lutuosa nuvem de morte, que havia de eclipsar o brilho do seu talento magnifico e fecundo, e a ventura do seu lar carinhosamente virtuoso e honesto.

A obra de Antonio José da Silva revela uma sagacidade d'observação e um poder d'analyse, bem singulares, alliados a uma facilidade de expressão malleavel dentro da correcta urdidura.

N'ella deixou kodaquisada a frandulagem banalissima e torpe do seculo XVIII!

Para vitalisar com mais intensidade as suas creações, enquadrava-as n'uma vibrante florescencia de *verve* real e mordaz e n'uma leve licença franca e libertina que o reconduziram ao filão esquecido e desprezado desde Gil Vicente, competindo-lhe assim a tentativa de resurgimento do theatro nacional. É para registrar o seu decisivo desvio da estafada e sonsa litteratura dramatica então em voga, e que define com traços nitidos a força e a audacia da sua cerabração e a argucia original da sua nativa acuidade de commentador social.

Elle teve o estimulo procedente da justa satisfação de ver aclamadas as suas producções, durante seis annos consecutivos, no afamado e pittoresco theatrinho do Bairro Alto, por um publico que se lhes adaptava por temperamento e por indole, e d'onde elle arrancava os typos de são destaque no conceito, no expediente, no raciocinio e na picante ridicularisação da imbecilidade d'esse infindo e opulento mostruario de marafonas, bonzos e manequins das classes elevadas.

Recorde-se, por exemplo, *Semicupio*, da primorosa comedia—*Gueras do Alecrim e Maugerona*.

Quando porém o seu espirito adextrado e experimentado ia talvez enveredar por um caminho seguro e mais perfeito em que expurgasse os novos trabalhos dos defeitos e hesitações iniciaes dando-nos a plena medida da sua envergadura eis que se abatem sobre elle os sinistros e mortiferos tentaculos do Santo Officio.

Não obstante rebuscar-se a incriminação vil, injuriosa e impudica, a accusação resultou frustré. Não importava, convinha eliminar esta força que fazia sombra. Apareceram denunciaes de que esse homem *judai-*

zava; a sentença condemnatoria tornou-se portanto ineluctavel. Assim foi!

Em 18 de outubro de 1739 — aos 34 annos! — por *benignidade* dos *santos* julgadores foi Antonio José da Silva degollado e o seu cadaver arremessado á chamma *purificadora*!..

As cinzas dispersas accordaram na dedicação enterneçada e na cor-deal sympathia dos pósteros por esse martyr, que foi o maior escriptor dramatico de Portugal no tenebroso século XVIII.

MANUEL MONTEIRO.

LIVROS

AFFONSO LOPES-VIEIRA — *O Encoberto* — Tavares Cardoso, Editor — 1905. Lisboa.

Antes de mais nada, é preciso louvar no sr. Affonso Lopes-Vieira a coragem de escrever um longo poema, n'uma epocha e n'um paiz tão avessos a qualquer manifestação d'arte. E é preciso tambem dizer, desde já, que a essa coragem correspondeu um grande poder de concepção e, quasi sempre, uma segura belleza de forma.

O Encoberto é o poema da verdade. E é-me extremamente sympathico notar que o sebastianismo do sr. Lopes-Vieira liquidou tão bem, para elle e para todos os que o lêem. Abandonando de vez — segundo julgo — as suas preciosidades anachronicas, o Poeta approximou-se da vida moderna e encontrou para a sua poesia uma fonte de larga e pura inspiração. Registo-o com muita alegria — tanto maior quanto é certo que, não ha ainda um anno, eu o accusei de querer viver demasiadamente fóra do seu tempo.

*

Como já disse, o *Encoberto* é o poema da verdade. Porque o não possuíam os portugueses do seculo XVI, é que a miragem da India os seduziu; é que se deixaram arrastar na loucura de Alcacer-Kibir; porque ainda a não possuímos é porque somos um povo covarde, triste e ignorante; e é tambem porque a não alcançou que a toda a humanidade não deixa de soffrer a sua dor antiga.

São estas as quatro *étapes* do livro.

Mas não se julgue, por este enunciado, que o poema é declamatorio ou simplesmente narrativo. Nada d'isso: é principalmente lyrico. E é esse o seu grande merecimento. Parece-me que os assumptos sociaes só podem ser tratados em poesia quando se ageitem, ou os saibam ageitar, dentro do lyrisimo; isto é, quando sejam sentidos como se sente a belleza e o amor. A declamação oratoria e a narração — julgo-as para todo o sempre intoleraveis. Queremos encontrar na poesia mais intimidade e mais força de persuação do que rethorica. E só persuade realmente quem sabe e pode fallar com toda a sua alma, no discreto recolhimento d'um segredo.

O sr. Affonso Lopes-Vieira tem essa grande sciencia e esse grande poder. Não grita para persuadir: convence sem erguer a voz. Não declama, não se exalta, não berra. Enternece e commove. As suas imagens são quasi todas serenas e pouco brilhantes. Mas justas, claras e suggestivas. Assim, no 3.º canto do *Encoberto*, como symbolisou elle a alma da Patria? Pelas violas quebradas de Alcacer-Kibir, lamentando-se depois da batalha. E quando, n'esse mesmo canto, invoca a Suissa, quando

podia facilmente cair n'uma apreciação banal de compendio de *Geographia*, — tem a frescura, a graça, a delicadeza que poria n'uns versos feitos á mulher amada:

«Cada manhan, pelo nascer do dia,
 «accorda um povo meigo, na alegria,
 «do seu dia d'amor, que vae viver;
 «povo de bibe, tenras esperanças...
 «Cantam creanças, riem creanças,
 «Bébé-Futuro gosta de apprender.»

Só no ultimo canto é que ha uma parte declamatoria em tercetos — para mim, a peor de todo o livro. Nos outros não. E quer seja em todo o canto segundo, quer no episodio das searas, ou no final do poema — ha sempre o mesmo lyrismo, delicado e apaixonado. Veja-se, por exemplo, esta imagem:

«... Aquellas vozes
 «Nascendo vem, morrentemente expiram,
 «Com a fadiga das neblinas debeis,
 «qua vão erguer-se e desmaiada tornam
 «aos braços ternos, humidos dos valles...»

Mas nem sempre assim acontece. A's vezes, o Poeta deixa-se levar pelos antigos erros; chama ao vento *fadario vento*, o que é inexpressivo e de mau gosto; escreve *Siberias hirtas, Africas braçeiros*, e

«Costumei tanto os meus beijos
 «A beijarem-se nos teus
 «Que de tanto se beijarem,
 «Já nem sei quaes são os meus!»

o que é uma infantilidade sem sentido.

Gostaria tambem de não encontrar no 1.º canto certas reminiscencias da *Patria* de Junqueiro. Assim como dispensava certos exageros de technica: — o *systema* de rimar no meio dos versos, torna-os ás vezes pouco harmoniosos, porque a rima passa despercebida. E preferia tambem que no 3.º canto não apparecessem as quadras á Assunçãosinha que, de tão regionaes que são, destõem no meio de todo o poema.

*

Esquecendo estes pequenos detalhes, e lembrando ainda que o 4.º canto chega a ter um grande sôpro tragico, a impressão que o *Encoberto* me deixou é d'uma obra profunda e seria, d'uma arte conscienciosa, d'uma belleza sadia; e penso que a nossa geração deve orgulhar-se de possuir no sr. Affonso Lopes-Vieira um grande poeta lyrico, que dá ao seu lyrismo toda a amplitude que reclamam os ideaes modernos.

ALFREDO PIMENTA — *Para a minha filha* — 1905.

Custa a não achar bom um livro, decerto escripto carinhosamente, na alegria d'uma hora feliz. Mas a verdade é que não encontro n'elle aquella força de sentimento e aquelle vigor de forma que encontrei nos versos *Luctando* — a que n'esta mesma revista me referi. O *Para a minha filha* é quasi sempre declamatorio, sem imagens, e com bastante rethorica batida. Por exemplo: *doce irmã d'estrellas, es-tulta crença, triumpho auroreal da luz, a flôr que nasce n'um monturo*, etc. Mas de quando em quando, surge uma expressão bella e original:

«Os primeiros vagidos dolorosos,
«
«Rezei-os nos meus labios sequiosos
«Primeiros beijos que te dei. . .»

ou:

«E que em trevas imersa, acalentada dorme
«Como a graça que está no murmurar d'um beijo. . .»

E' d'esperar que, n'um outro assumpto menos intimo e que, por isso, se preste melhor ao talento declamatorio e impetuoso do Poeta, o sr. Alfredo Pimenta nos dê uma obra mais perfeita e mais bella.

CARLOS FREDERICO PARREIRA — *Sonetos* (Primeiro livro) — 1905.

Sonetos mediocres, emquanto ao sentimento e á concepção, mas d'uma technica quasi sempre perfeita. Não dizem nada do talento do auctor, de tal maneira são inexpressivos e vulgares. — Um conselho: será bom evitar repetir mal o que outros disseram melhor — como acontece no soneto *Moças de Portugal*, que é uma tradução infiel de Antonio Nobre.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO — *Palavras Cynicas* — Livraria Editora, Viuva Tavares Cardoso — Lisboa. 1905.

Nunca vi livro em que transpirasse tanto, como n'este, o desejo infantil *d'épater le bourgeois*. O auctor deve ser muito ingénuo para julgar que o seu cynismo d'ocasião nos possa impressionar. Nem sequer interessa — a não ser como manifestação de uma *litteraturite* aguda. — A cada pagina se vê que o sr. Albino Forjaz de Sampayo não conhece a vida senão pelos livros. Não posso desejar-lhe senão que a conheça melhor, vivendo-a; talvez seja esse o unico modo de nos mostrar que tem talento. Assim — não.

JOÃO DE BARROS.

D. FRANCISCO DE PORTUGAL 1.º Conde de Vimioso — *Sentenças* — Seguidas das suas poesias publicadas no Cancioneiro de Garcia de Rezende. Revistas e prefacia-das por Mendes dos Remedios. França Amado, editor — Coimbra, 1905.

Eis uma obra preciosa e para quasi todos nós absolutamente inédita attenta a raridade em que se foi sumindo a edição primitiva de 1605.

São compostas as *Sentenças* em prosa e em verso e accusam no seu auctor, tão injustamente ignorado — subtileza de engenho, elevação de conceito e precisão expressiva. Algumas são d'uma nobre austeridade didactica, outras d'uma penetrante reflexão moral, certas d'uma leve insinuação satyrica.

Em resumo: um claro entendimento commentariando, com seguros traços psychologicos, as coisas e os homens do seu tempo sob a graciosa e concisa exteriorisação apophtegmatica.

Acompanham as *Sentenças*, para enlaçar no mesmo volume todos os legados litterarios de D. Francisco de Portugal, as suas *Poesias* publicadas no Cancioneiro de Rezende e que muito nos interessam pelo muito que documentam a sua epocha.

Devemos nós ao sr. dr. Mendes dos Remedios a vulgarisação e o conhecimento d'aquella rarissima peça litteraria constituindo, com esta, o numero VII da sua notavel colleção — *Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portugueza*.

Benemerencia valiosa a additar a tantas outras, que a sua excepcional capacidade de trabalho, o seu criterio solidamente orientado e a sua intelligencia lucidamente disciplinada, tem prodigalisado na ingrata e sáfara lavra das letras.

Como sempre, o insigne professor da Universidade precede os trabalhos do 1.º Conde de Vimioso d'uma succinta biographia d'este grande portuguez do seculo XVI, culto, patriota, bom e piedoso: — espirito diamantino, coração d'ouro, organismo de aço. Alem do perfil d'este fulgido character d'eleição completam o *Prefacio* varias notas bibliographicas e criticas sobre a organisação do volume que mais uma vez confirmam o saber assignalado do illustre prefactor.

Apressem-se os leitores a adquirir este livrinho, por tantos titulos recommendavel.

HOMEM CHRISTO — *Pro Patria* — França Amado, editor. Coimbra, 1905.

Um livro d'um combatente e d'um patriota.

Desegual na factura e na forma e por vezes d'uma flagrante crueza d'expressão, o que se perdôa em virtude da sincera e desataviada expontaneidade da exposição, tem esta obra o raro merito de evidenciar no seu auctor, aos que o desconhecem, um vigoroso optimismo que tanto consola n'este paiz amortecido por uma indifferença doentia, um desassombro altivo d'opinião que muito o nobilita entre a geral subserviencia e uma dedicada paixão pelo estudo d'alguns dos problemas de mais vital interesse para esta patria que tão ultrajosamente se deixa aniquilar.

O sr. Homem Christo é um antigo e convicto apostolo da instrucção, a que tem consagrado uma desinteressada e fanatica solitudine. Este seu ultimo trabalho ainda é, na maior parte, um brado clamoroso ao serviço da bemfazeja propaganda contra o analfabetismo em Portugal.

O *Pro Patria* divide-se em trez partes: I *A Paz e a guerra. O militarismo na Europa e em Portugal.* II *O ensino escolar por companhias tratado nos jornaes.* III *Ultimas palavras. Documentos.*

Como a epigrapha o indica, a segunda parte comprehende a campanha jornalística e official sobre a propagação do ensino no exercito e em que o illustre militar interferiu d'uma forma tão decisiva e illudível, quão brilhante e patriótica.

Foi-nos grato rever colleccionada em volume essa notavel serie de testemunhos edificantes e catheticos, successivamente exarados na ephemeridade das gazetas, e que com tanto prazer acompanhamos, então, com toda a sua sequencia.

No final do seu livro, como se deprehende tambem do respectivo titulo, insere um feixe de provas documentaes, que são outros tantos tropheus de victoria alcançados n'essa lucta sympathica, embora exhaustiva, contra a ignorancia.

Resta-nos pois a parte primeira fundamentalmente doutrinaria. Revela-se aqui o auctor um sectario da paz universal de cuja tendencia nos esboça o dynamismo evolutivo, nas theorias e nos factos, entre os povos civilisados. Logicamente combate a guerra.

Reconhece todavia que a sua aspiração generosa e humanitaria — a proclamação do direito contra a força — é por emquanto uma simples esperanza tristemente distante d'uma realidade positiva. Aceita pois, e transitoriamente, a manutenção do exercito, cujo character permanente repelle, preferindo-o miliciano «unico compativel com o espirito democratico dos tempos actuaes, o que mais se accomoda á indole e aos interesses da nação». Mas á falta d'esta almejada solução aponta como beneficios remodeladores da organização actual a descentralisação de serviços e funcções na classe de mando, e a instrucção geral, feita por companhias, na subordinada.

A proposito d'estes assumptos o sr. Homem Christo com documentos nacionaes e estrangeiros defende o exercito das accusações inevitaveis. Somos em dizer porém que a defeza nao colhe em toda a linha, e jámais em Portugal, onde é indisculpavel a baixa connivencia d'essa instituição, presumidamente valiosa e digna, na infamia politica e moral das altas regiões do poder.

Combate depois o anti-militarismo entre nós. Mais ou menos accetaveis as razões adduzidas, não é este o momento de as discutir, apenas diremos que nos parece um pouco parcial o calor com que exalta a caserna portugueza, bondosa, pacifica, amavel... O distincto militar pela pureza das suas intenções, pela sua constante bôa-fé e pela sua conduta irreprehensivel não conhece a discaroavel *bondade* disciplinar que vae por esses quartéis fóra.

Todavia, pela sua captivante attitude, não occulta a verdade inflexivel e integra sobre as chagas miseraveis que lazarentam a organização intima do exercito. Vivamente o applaudimos por este exemplo de independencia de character, muito altivo e muito honroso.

Remata o sr. Homem Christo a primeira parte do seu livro com um capitulo magnifico sobre a causa principal — no seu dizer — da ruina e decadencia do povo portuguez. Esta, segundo elle, reside na morbida influencia clerical que o jesuitismo inoculou no organismo da nação.

Perdoe-nos o estimado pensador do *Pro Patria*, mas consideramos arriscada uma tal affirmação. Hoje, que a sciencia estabeleceu principios, não é licito arredar para um segundo plano o factor anthropologico da invasão sarracena subvertendo o extracto ligurico e o romano, e o mercantil que aquelle determina e tem a sua plena expansão no apparecimento do seculo XVI. Estas, são as causas que fundamental-

mente condicionaram a dissolvença hedionda em que o jesuitismo, ao deante, se aninhou, medrou e dominou. A propria historia o demonstrou.

O phenomeno da pathologia nacional não se dilucida se abstrahirmos d'aquellas determinantes e considerarmos apenas a terceira.

Quanto á mesclagem ethnica derivada do negro e do canarim, que alguns espiritos extravagantes ou mediocres teem proposto, não passa de uma puerilidade inverosimil.

Alem d'isto o sr. Homem Christo julga-se isolado na constatação d'aquelle facto.

Consinta que lhe lembremos trez nomes cuja camaradagem não desagradará, porque muito ennobrece intellectual e moralmente, e que defenderam o mesmo thema: Anthero de Quental (*Causas da decadencia dos povos peninsulares*); o sr. José Caldas (*Os Jesuitas*); o sr. Bernardino Machado em varias conferencias publicas.

N'este capitulo do *Pro Patria*, a que nos estamos referindo, dá-nos o auctor um esboço do que seja a instrucção em Portugal e do impulso que lhe teem dado os poderes publicos e os dirigentes mentaes. E' realmente dolorosa, na sua fidelidade irreprimivel, a conscienciosa demonstração feita n'um punhado de paginas d'essa lastimosa e indefinida franciscanice.

O sr. Homem Christo, porém, registra uma aggravante, qual é a de os grandes litteratos se pronunciarem pela inutilidade da instrucção e cita entre estes o sr. José Caldas a proposito d'uns artigos escriptos n'um jornal portuense — *O Norte* em 1902.

Permitta-se-nos um reparo sobre este ponto. Não vamos defender o eminente jornalista; faze-lo, seria alem d'uma louca pretensão, offender a sua elevada nobreza de saber e de pensar. Pretenderemos aclarar este caso em que, salvo erro, o energico escriptor do *Pro Patria* foi algo precipitado.

Os artigos alludidos procedem d'uma polemica suscitada por o sr. José Victorino Ribeiro no *Diario da Tarde*. Não os temos presentes e é possivel que a memoria nos atraição. Mas a recordação que nos resta e baila no espirito escuda-nos na convicção de que aquella notavel individualidade da democracia portugueza considerava inefficaz a simples instrucção do povo, quando uma educação moral a não completasse. O que nos falta essencialmente é o caracter e a virtude.

Emquanto as consciencias não estivessem disciplinadas por uma educação solida e revigorante, um mero aprendizado de leitura e de escripta torna-se insufficiente para reagir dentro d'esta corrupção infecta, que nos opprime e asphixia cada vez mais.

Julgamos que é esta a illacção nodal, resultante d'esses artigos, sensacionaes pelo brilho do raciocinio e da forma litteraria.

Ora isto é muito verdadeiro e o proprio sr. Homem Christo implicitamente o reconhece, com frequencia, no seu precioso livro. De resto veja-se a depravação das classes instruidas e os vicios pavorosos da actual educação na sociedade portugueza.

Nós tambem somos incondicionalmente pela instrucção. Todavia, desejamos escólas não só para instruir, mas para educar, moralisar, formar caracteres. Eis a mais alta obra civica.

A nossa observação pessoal ha muito que nos convenceu n'este sentido.

Tendo investigado, com detalhe e por motivos d'ordem scientifica, todo o norte do paiz, depararam-se-nos numerosos exemplos edificantes para a consolidação da doutrina exarada, nos recantos serranos mais extranhos a progresso. Taes são os de varios cavalheiros, com que nos relacionamos pela força das circunstancias, que sabendo ler e escrever — dom que os meios de fortuna relativamente importantes lhes permittiram adquirir — se achavam no direito de reclamar um emprego e ou nos so-

licitavam a intervenção, como se fossemos entidades politicas, ou nos referiam quaes as influencias já movidas para tal desideratum.

Que faltava a estas creaturas? Um correctivo moralizador que lhes arrancasse a vesanica obsessão e lhes fizesse comprehender que não deviam abandonar a independencia fruida na purissima athmosphera da montanha para a trocar pelo servilismo infimo, mal remunerado, da porta d'uma repartição, quando não pela submissão odiosa d'um corpo de policia ou outra deprimentia conivalente.

Revela-nos este facto que a calamitosa podridão do nosso meio, onde ha apenas umas centenas de figuras illibadas e entre as quaes avulta o sr. Homem Christo, já penetrou nos recessos montanhosos, julgados indemnes pelo seu isolamento e pela sua solidariedade com o passado.

Eis aqui uma pungente lição que os nossos poucos annos recolheram do conhecimento pormenorizado e directo das cinco provincias do norte da nação.

Concluindo, acrescentaremos que o *Pro Patria* é o producto d'um espirito muito culto, muito erudito e muito integro. N'elle se condensam uteis ensinamentos e d'elle se inferem as generosas magnanimidades de civismo e voluntario sacrificio que a patria lhe deve.

Emfim, a obra d'um character, que nós muito devemos agradecer.

MANUEL MONTEIRO.

CORREIO

Revista Litteraria da Gazeta da Figueira. N.º 2 — Março de 1905.

Interessantissimo, este numero. Traz um estudo sobre a *Imprensa da Figueira da Foç* do illustre bibliographo Annibal Fernandes Thomaz. Versos de João Santiago, Cardoso Marto e Augusto Lemos. Outros artigos em prosa de Pedro Fernandes Thomaz, Cardoso Marto, Amilcar, e varias antiguidades figueirenses.

A Instrucção do Povo — publicação mensal da Associação de Escolas Moveis pelo methodo João de Deus. — Director: João de Deus Ramos. N.º 2 — Março de 1905.

Insere a continuação do magnifico artigo de Casimiro Freire sobre as Escolas Moveis. Um artigo interessante de Antonio Leitão: *Base scientifica dos methodos de Castilho e João de Deus*. Appreciações de João de Deus Ramos, etc. — Em todas as paginas vibra um grande entusiasmo pela Instrucção — tão precisa e tão desprezada entre nós.

A Revista — n.ºs 10 e 11. — Porto — Abril e Maio 1905.

Publicação excellente, brilhantemente collaborada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Julio Moreira, Basilio Telles, etc. A não ser os versos, tudo é digno de ler-se n'esta revista. A destacar, n'estes dois numeros, os artigos de D. Carolina Michaëlis, de Basilio Telles e de Julio Moreira — interessantissimos, fundamentados e como não é vulgar encontrar-se em publicações nossas, e até nas estrangeiras.

Alerta. — Revista mensal de propaganda livre. — Director-redactor unico — Domingos Fereira.

Esta publicação continua mantendo-se na mesma linha sympathica. Summario:

Chronica.

O Patriotismo, *Charles Albert.*

Academia das Sciencias (versos), *Gomes Leal.*

A cobardia collectiva, *Angelo Jorge.*

Evolucionando, *M. Oliveira e Silva.*

A igreja e a escola.

Excerpto, *Oliveira e Silva.*

Extractos e pensamentos.

O Odio (versos), *Heliodoro Salgado.*

Cruz e espada, *Eduardo de Aguilar.*

O momento psychologico, *Arthur Doria.*

Archivo internacional.

Arçhiyando.

MANOEL MONTEIRO

Entrou para a direcção d'esta revista o nosso camarada Manoel Monteiro. As suas faculdades de intelligencia e de trabalho, a sua erudição pouco vulgar, são uma garantia segura de quanto ha de contribuir para o desenvolvimento da *Arte & Vida*— que tanto lhe deve já.

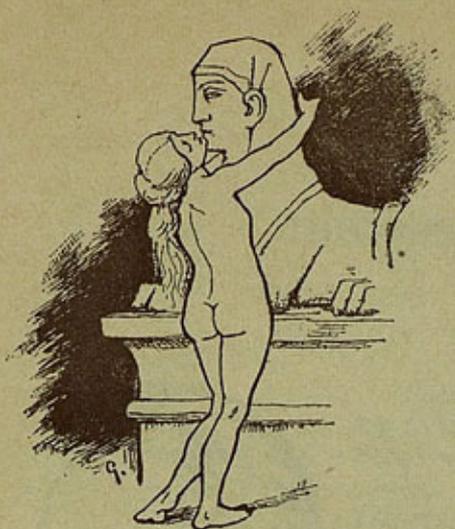
MANOEL DE SOUSA PINTO

Forçado a auzentar-se para o Brazil, não poude Manoel de Sousa Pinto mandar ainda as promettidas criticas aos livros seguintes:

Sabina Freire, de M. Teixeira Gomes, *A Justiça e o homem* de Lopes d'Oliveira, *Parabolas*, de Antonio Correia d'Oliveira, *Opalas* de Fontoura Xavier.

E' de esperar que saiam todas no proximo numero.

Por motivos de força maior, e que decerto se não repetirão, sae este numero com algum atrazo. Que os nossos assignantes e leitores nos nesculpem a demora.



N.º 8

JUNHO — 1905

ARTE & VIDA

SUMMARIO

- Theophilo Braga.
O Estylo de Garrett — *Theophilo Braga*.
A arte e a vida de um caricaturista — *Teixeira de Carvalho*.
A Cidade — *João de Barros*.
Recordações d'uma ruina lendaria — *Manoel Monteiro*.
Soneto XXIII — *Luis-Francisco Bicudo*.
Cartas a um irmão mais novo — *Luiç da Camara Reys*.
Kalendario — *Alvaro de Castro*.
Livros — *F. Costa-Cabral*.
Dois desenhos de *Christiano de Carvalho*.
-

Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Silvio Rebello, Nunes Claro, Manoel da Silva Gayo, Luis-Francisco Bicudo, etc.

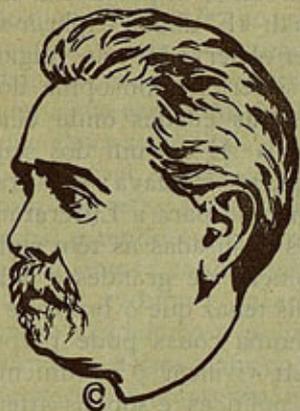
Prosa de Theophilo Braga, Felix Le Dantec, Rocha Peixoto, Bazilio Telles, Antonio A. Gonçalves, Annibal Fernandes Thomaz, Alvaro de Castro, Padre Manso, etc.

Desenhos de Christiano de Carvalho.



ARTE & VIDA

THEOPHILO BRAGA



Honra-se a *Arte & Vida* publicando hoje um inédito de Theophilo Braga. Todos sabem o valor da obra d'este escriptor illustre: — obra de sciencia e de patriotismo. A sua *Historia da Litteratura Portugueza* não é só o trabalho d'um erudito de genio: é tambem o producto de um espirito eminentemente poetico, que ama a sua patria com toda a paixão e todo o entusiasmo de um sentimento elevado e sincero.

E, pois que esta revista não é exclusivamente artistica e litteraria, seja-nos permitido saudar em Theophilo Braga, não tanto o escriptor, mas principalmente o propagandista incansavel, que tanto tem feito a favor do resurgimento nacional.

Elle é o Mestre que devem seguir todos que amam ainda o povo portuguez.

O ESTYLO DE GARRETT

Nas *Viagens na minha terra* formulou Garrett a importancia das tradições para a comprehensão do genio nacional: «E' difficil explicar-se este phenomeno interessantissimo para qualquer observador não vulgar, — que n'estas antigualhas, desprezadas pela soberba philosophia dos nescios, quer estudar os homens e as nações e as edades onde ellas sinceramente se mostram e se deixam conhecer.» E em um dos seus memoraveis discursos, em 21 de janeiro de 1840, proclamava: «nas tradições dos povos antigos estão preciosidades não só para a Litteratura mas para a Historia tambem. Todas as nações civilisadas as têm colligido; n'estas tradições se tem achado a resolução de grandes e difficeis problemas. — A memoria dos homens, mais tenaz que o bronze e o marmore, assim salvou recordações que nenhuma cousa pode perpetuar.» Era pela tradição que conseguia Garrett vivificar o sentimento da nacionalidade, tão apagado nas instituições politicas e sob os attentados dos seus estrangeiros e estrangeirados dirigentes.

Nas *Viagens na minha terra*, tão poderosa como a tradição ahi apparece a lingua portugueza encarnando o genio da nacionalidade. N'este livro a lingua é uma alma que se revela, uma individualidade ethnica, um povo que se affirma na sua expressão espontanea, nas delicadezas da nativa affectividade, na sua visão poetica do mundo. Garrett poz em relêvo as bellezas implicitas na lingua, e o seu estylo é uma harmonia que não desnatura a melodia natural d'onde deriva; é este o fino tacto do escriptor, que não visou a ser um estylista, mas a fazer conhecer, que a lingua é como a tradição uma força da nacionalidade portugueza. Escreve Paul Dubois ácerca da Reconcentração da Irlanda:

«Não são os politicos' que fazem a nacionalidade, — se é que elles não contribuem ás vezes para desfazel-a, — são os nossos laços com o passado, a sobrevivencia em nós dos nossos antepassados, é esta communhão de ideias, de sentimentos, da lingua, que liga cada geração á antecedente.» O pamphletario irlandez Thomaz Davis é mais categorico: «Um povo sem uma lingua nacional é apenas metade de uma nação; deve uma nação conservar a sua lingua mais cuidadosamente do que o seu territorio; é a sua mais solida fortaleza, a sua mais segura muralha.» E accentuava insistindo: «a lingua é a alma da nação. E' o genio do povo, são as suas crenças, as suas tradições, as suas fórmulas

de espirito e de coração que ella encarna, que ella conserva e que sobrevivem n'elle. E' a chave da nossa historia, da nossa psychologia, da nossa velha litteratura; é ella só por si uma litteratura virtual, um mundo de ideias, de sentimentos em potencia...»

Estas observações, que Thomaz Davis applicava á Irlanda que se desnacionalisava deixando a sua lingua pelo uso do inglez, cabem á lingua portugueza representando a nacionalidade. Edgar Quinet, que esteve em Portugal em 1844, e assistira ás sessões tempestuosas do parlamento, recebeu a impressão da lingua portugueza como expressão de um povo de navegadores costumados a levantar a voz acima dos rugidos do mar. Garrett fez no estylo das *Viagens na minha terra* a synthese social contida na lingua portugueza, dando-lhe as modulações faceis mas profundamente conscientes da sua espontaneidade. Essa facilidade característica tem a sua rasão; Michelet dá-nol-a a proposito do estylo de Rubens: «A arte eleva-se ao mais alto gráo, quando ella realisa a sua obra como criação natural, quando por fim a arte se torna natureza.» E' o que se dá com Garrett. Tendo estudado muito a lingua portugueza nos seus classicos, e tendo escripto muito na forte actividade jornalística, litteraria e parlamentar; conhecendo-lhe todos os seus recursos no dialogo dramatico, no rythmo e accentuação poetica, nas cadências oratorias do discurso academico e politico, na polemica jornalística, na descrição do romance e nos caprichos da digressão folhetinística, todo esse saber converteu Garrett em uma espontaneidade em que a arte se identifica com a natureza. O estylo vivo, que parece fallado, suggestivo, dá-nos estados de consciencia de quem domina as impressões, e as traz á objectividade em todo o seu colorido. Tem a plasticidade para representar os aspectos do mundo moral e de fixar os symbolos objectivos que os exprimem. A grande actividade social e politica de Garrett nas suas complexissimas relações, fizeram-o reconcentrar na expressão escripta todos os seus recursos mentaes, unindo com altura a verdade dos pensamentos e a sinceridade dos sentimentos. Era bem dado o epitheto de — *o homem da penna de ouro* — como lhe chamou Manuel Passos, servindo-se do seu estylo como de uma potencia que dava força á Revolução de Setembro de 1836. Nos prologos pessoaes e no desenfado das notas dos seus livros, brilha esse estylo das *Viagens na minha terra*, que se pode caracterisar, como elle o disse n'este seu verso: — ingenuo e quasi vulgar, — mas em que o purismo classico se allia com o modismo e locução do povo, d'onde exhaure toda a poesia.

THEOPHILO BRAGA.

A ARTE E A VIDA DE UM CARICATURISTA

ESBOÇO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

III

A caricatura levou tempo a aclimar em Portugal.

Foi importada do estrangeiro nas gravuras que o movimento de illustrações populares, que começa a notar-se na imprensa portugueza por 1837, vulgarizou no nosso paiz, e é de notar que os artigos, que a principio acompanhavam a sua reprodução, eram feitos com menos liberdade de phantazia e mais bom senso do que os que se leem mais tarde nos jornaes illustrados, e que ficaram em tão característicos exemplos nas paginas das *Artes e Letras*.

De todos os caricaturistas estrangeiros é Hogarth o que teve na imprensa periodica illustrada uma representação mais larga.

Foi tambem o primeiro a ser reproduzido.

O *Archivo Popular* começou em 1837 a publicação da obra de Hogarth pelo *Ovo de Colombo*, continuando no mesmo volume com *O velho politico*, *O musico enraivecido*, *A casa de jogo*, *O casamento á moda*, *Os combates de gallos em Inglaterra*, *O pobre poeta*, *O perdulario*, as quatro estampas sobre as eleições em Inglaterra, o retrato de Hogarth por elle mesmo, *A contradança ridicula*, *Gine-lane*, *A porta de Calais*, *A analyse da belleza*, *O coche de viagem*.

Estas estampas, que foram importadas do *Penny Magazine*, eram acompanhadas de commentarios fazendo notar o espirito da obra de Hogarth, cuja biographia se encontra nos volumes II e IV da collecção, sendo esta ultima acompanhada do retrato de Hogarth a que nos referimos.

Todos estes artigos são bem feitos, de critica justa, sem cahirem em commentarios de romance sentimental, a não ser o que acompanha *O pobre poeta* que começa: «Era já alto o dia, e desde o principio da manhã que o pobre poeta assentado á sua banca...» e assim successivamente na receita habitual da prosa para gravuras de jornaes.

Este são exemplo não foi porem seguido, e o *Ramalhete* publicava *O pobre poeta na agua furtada*, em lithographia, reproduzindo o desenho de Hogarth sem referencias ao caricaturista ou á sua obra.

E o mesmo fazia com o *Musico desesperado*.

Referencia a Hogarth encontra-se apenas no vol. III (1840) nas palavras que acompanham a reproducção do *Ovo de Colombo*.

Publicando o *Musico desesperado*, o Ramalhete nem ao de leve cita o nome de Hogarth e descreve a scena como um caso picaresco passado em Paris!

As gravuras do Penny Magazine foram afortunadas: vinte e nove annos depois, em 1855, eram editadas pelo Panorama e serviam de pretexto ás divagações romanticas de Pinheiro Chagas.

O artigo com que elle acompanha a reproducção do *Musico enraivecido* termina com estas palavras: «Cada traço de pincel revela o folhetinista; porque, digamo-lo com desassombro o *Musico enraivecido* é um verdadeiro folhetim.»

No artigo que acompanha, no *Panorama*, *A contradança ridicula*, Pinheiro Chagas qualifica a caricatura de Hogarth como sonho de bebedor de cerveja, que absorveu uns poucos de bocks, fumando silencioso o seu cachimbo, e que, deixando depois cahir a cabeça em cima da banca, viu entre uma nuvem vaporosa, agitar-se-lhe em torno essa grave e ridicula contradança.

Alem de Hogarth, poucos caricaturistas lograram ser reproduzidos cuidadosamente em Portugal, e o seu verdadeiro valor passou no nosso paiz completamente desconhecido.

E' facil encontrar nas publicações periodicas portuguezas referencia d'onde se deduz que a litteratura satyrica e a caricatura franceza eram conhecidas em Portugal; não é possivel porém encontrar um trecho donde possa deduzir-se o apreço em que eram tidas.

Os pseudonymos do *Jornal para rir* de Nogueira da Silva mostram-nos que Philipon, Grandville, que Nogueira da Silva adoptou e que os contemporaneos tomáram a sério attribuindo-lhe o valor deste caricaturista, provam bem que a caricatura, quando não anecdotica, não tinha admiradores conscienciosos em Portugal.

E' para notar tambem que em parte alguma se encontra nã imprensa periodica portugueza referencia a Daumier e á sua obra.

Da obra caricatural franceza admirava-se apenas em Portugal a frivolidade elegante de Gavarni, o desenho enfuso de Cham muito reproduzido em decalques de gravadores principiantes.

Hogarth foi de todos os caricaturistas estrangeiros o mais espalhado e o melhor apreciado, não por analogia de sentimento que o fizesse conscienciosamente admirar pelos nossos escriptores; mas pela origem da importação, — as gravuras inglezas —, e os artigos que as acompanhavam no *Penny Magazine*.

Importada pela litteratura popular, é na litteratura popular que vemos apparecer a caricatura em Portugal com as illustrações originaes da *Revista Popular* e da *Semana*.

A caricatura teve o balbuciar nos enygmias pittorescos das publicações illustradas populares.

Foi alli, que os desenhistas aprenderam a linguagem do calembourg.

Alem disso os desenhistas preocupavam-se com fazer fallar aquellos desenhos simples, tornar comprehensíveis os gestos, as attitudes, as visagens, que traduziam o pensamento ou a phrase popular.

Assim foram levados a dar a maior intensidade de expressão no traço mais incisivo e mais simples.

Nesses calembourgs o desenhista podia imitar, mas nunca copiar o desenho estrangeiro que fallava outra lingua. O desenhista fazia assim a aprendizagem da linguagem e do gesto do traço.

Assim gradualmente, o desenhista, achou o traço caricatural, embora ingenuo.

Começava tambem por esse tempo em Portugal, a illustração dos romances que por o seu lado havia de contribuir poderosamente para o apparecimento da caricatura.

De todo esse movimento é figura principal Nogueira da Silva, que pelo seu espirito emprehendedor, pela sua devoção á causa popular, e pela evolução do seu espirito de caricaturista é o antecessor de Raphael Bordallo Pinheiro.

Os esforços que cada um fez para adeantar a gravura em Portugal são um traço commum que mais identifica a vida dos dois artistas.

E' claro que não pretendemos identificar a verve exuberante de Bordallo Pinheiro, o seu desenho quente e cheio de expontaneidade e de espirito e com o traço descórado de Nogueira da Silva, o seu desenho secco, sem graça e sem espirito.

Os defeitos e as qualidades de um e outro artista têm porém a a mesma origem, — o esforço por fazer adeantar a arte da gravura.

A gravura em madeira, no seu inicio em Portugal deu Nogueira da Silva e o seu desenho anguloso, aspero e irritante; o alvorecer dos processos de gravura chimica originou o desenho expontaneo, livre e audacioso de Bordallo Pinheiro.

A lytographia pouco deve ao talento dos dois caricaturistas.

Nogueira da Silva imitava nas lithographias o traço do buril, com a pretensão de as fazer passar por gravuras em madeira bem acabadas.

Bordallo Pinheiro só no Brazil comprehendeu toda a vantagem que este excepcional processo de reproducção offerece a um verdadeiro artista; mas cahiu em erro analogo ao de Nogueira da Silva.

As lithographias de Raphael Bordallo Pinheiro traem, como as de Nogueira da Silva, a sua preocupação constante e pretendem reproduzir o traço e o modo de desenhar a que a infancia dos processos chimicos de reproducção em fac-simile levou os artistas.

Era a originalidade desse processo que encantava a sua alma sedenta de coisas novas, era esse traço que procurava realizar com a sua franqueza habitual, sem nada encobrir, num movimento expansivo de admiração.

A preocupação da gravura em madeira, bem clara nas lithographias de Nogueira da Silva é substituida nos trabalhos lithographicos de Raphael Bordallo Pinheiro pela preocupação da gravura chimica.

Os recursos da lithographia, a doçura, o vigor que dá ao traço, o imprevisto dos effeitos do claro escuro a que se presta e que fazem o encanto da obra de Daumier, passaram para estes artistas completamente desconhecidos.

Esta observação, evidente na obra de Nogueira da Silva, é clara tambem nos trabalhos de Raphael Bordallo Pinheiro, quando passada a primeira surpresa e examinados minuciosa e friamente.

Nogueira da Silva começou na *Semana* e no *Almanach da Revista Popular*, acabou no *Archivo Pittoresco*, que teve, na sua obra de artista a mesma influencia que as *Artes e lettras* na obra de Raphael Bordallo Pinheiro.

E, para em tudo ser real o parallelo entre estes dois artistas, no *Jornal para rir* de Nogueira da Silva, não é difficil encontrar o esbôço do Zé-povinho a creação genial de Raphael Bordallo Pinheiro.

A seu tempo voltaremos a este curioso ponto da historia da caricatura em Portugal.

Nogueira da Silva encontrou no começo da sua vida de caricaturista toda a resistencia do publico que mais tarde havia de vencer Raphael Bordallo Pinheiro.

Em 1861, publicando o *Archivo Pittoresco* algumas caricaturas representando *Admiradores das illuminações de Lisboa* por occasião do casamento de el-rei D. Luiz, fazia-as acompanhar do commentario seguinte proprio a desfazer susceptibilidades:

«... o nosso excellente desenhador, o sr. Nogueira da Silva, copiou para o album que tem já enriquecido nas suas digressões pelo reino, alguns d'esses typos, quatro dos quaes damos hoje em pequenas gravuras.

«Não os estampamos com o intuito de ridicularisar essa boa gente provinciana, como se costuma fazer nos jornaes burlescos, e se usa nos theatros para supprir a veia comica dos auctores. Não. E' unicamente para archivarmos esses typos com os seus trajes locaes, antes que de todo se apaguem com os usos do nosso viver antigo.»

E para não ficarem azedumes aos assignantes da provincia accrescenta no commentario ao quarto grupo representando lisboetas no rigor da moda!

«Por aqui verão os pacíficos e sobrios provincianos, que quando o lapis quer satyrisar melhores typos encontra nas grandes cidades que nas humildes aldeias.

«Se exceptuarmos as physionomias que o nosso risonho desenhador exaggerou por desenfado, todos estes typos foram tirados do vivo.»

Eram os mesmos embaraços que affirmam as cartas de *O Calcanhar de Achilles* de Raphael Bordallo Pinheiro.

Uma differença profunda ha porém entre Nogueira da Silva e Raphael Bordallo Pinheiro e é a aptidão litteraria de cada um dos dois artistas.

Nogueira da Silva era um litterato da producção rapida, gostando de acompanhar de longos commentarios as caricaturas que publicava nos jornaes.

Raphael Bordallo Pinheiro era pelo contrario de uma grande timidez litteraria.

Gostava que o seu desenho fosse interpretado, alegrava-se de o mostrar e de ouvir os commentarios que provocava, escolhendo sempre o mais pittoresco. A caricatura para elle era uma verdadeira obra de arte que se alegrava de ver analysada com o cuidado e a minucia d'um critico competente.

Escapava-lhe a acção moral da sua obra. Escrevia-a como um historiador minucioso, e gostava de se ver comparado aos Goncourts no valor que dava aos casos da vida diaria, quer elles archivassem um pormenor da nossa vida politica ou um detalhe da nossa historia litteraria.

E' por isso que na obra de Bordallo Pinheiro tudo se deve procurar na analyse dos seus desenhos, n'elles anda toda a grande alma d'esse genial artista.

O contrario se dá na obra de Nogueira da Silva em que por vezes o commentario litterario é superior á qualidade artistica do seu desenho.

Elle mesmo nos diz as suas ideas sobre a caricatura:

«Nos sertões e nos campos vive-se em permanente uniforme. Nas cidades anda cada um como pode e quer, d'onde resulta a caricatura do vestuario. Nos sertões e nos campos ninguem casa com quem não pertence á raça; nas cidades casam-se todas as raças umas com as outras, atravessam-se, enviezam-se, cruzam-se e descruzam-se como querem, por onde querem, e para o que querem, sem temor de que o anathema social ou religioso lhes vá infamar a arvore genealogica. Casa o portuguez com a franceza, o allemão com a portugueza, o inglez com a allemã, e até casa o christão

com a judia, d'onde resulta a caricatura da fórma. Nos sertões todos apanham fructos e caçam; nos campos todos se empregam em amanho das terras. Nas cidades cada um busca o sol, a cuja luz prompta e abundantemente respigue o embujão das suas vocações. Este vae ser sapateiro, aquelle negociante; este outro procurador de causas perdidas e por perder, aquelle outro ministro, etc.; e quando se não está contente com uma cousa só, ou quando uma cousa só não dá para a receita, quer dizer, quando o embujão deita mais de uma espiga, pode-se escolher e ser muitas cousas do que se escolhe ao mesmo tempo, como, por exemplo, accumular as funcções de negociante, logista, empregado publico, barão e deputado, sem que por isso lhe accumulem as decimas; isto é, pôde accumular sem ser accumulado, etc. Do que tudo resulta a caricatura do aspecto e da expressão. Nos sertões e nos campos não ha theatros. Nas cidades ha theatros por toda a parte: ha theatros publicos e publicissimos, theatros particulares e particularissimos. Ha o theatro que pagâmos para nos divertir: theatro publico. Ha o theatro onde todos sem excepção representam e se divertem reciprocamente pelo theatro das ruas e das praças: theatro publicissimo. Ha o theatro que se paga para divertir os outros: theatro particular. Ha o theatro domestico, que é a familia: theatro particularissimo. Da existencia de todos estes theatros resulta a caricatura d'acção, exemplo de todas as outras.

Ora cada uma d'estas caricaturas em acção constitue o que em phrase chula e vulgar se denomina um *petisco*, termo culinario, que significa, na sua original accepção, guizadinho appetitoso, que provoca o appetite, applicado significativa e chistosamente aos proto-typos do ridiculo porque na realidade provocam o appetite da satyra e da hilariedade.»

Noutra parte escreve ainda Nogueira da Silva:

«Quereis ser historiador fiel, moralista sagaz, philosopho profundo? nada mais facil. Apresentae a verdade em expressão tão singela, ou em traço tão franco, como ella o é em si. Não a procureis, porque está por toda a parte, constantemente ao pé de vós, e em vós. E' a planta, e a ave, e o homem, e todos esses infinitos milhões de seres que povoam e constituem o universo.

Tendes olhos para vêr, ouvidos para ouvir, alma para sentir, bocca para expressar. E' quanto basta. Olhae esses seres, dizei na linguagem commum o que vedes, o que ouvis, o que sentis, e tereis achado, descripto, mostrado a verdade a todos, mais rapida, mais facil, mais positivamente, do que o sabio que consome annos inteiros em achar a solução d'um problema, clara a poucos, e, muitas vezes, erronea.

E' o que tem feito Gavarni, é o que fez Béranger, os poetas mais queridos do povo francez.»

As modas foram, nesta orientação, o assumpto predilecto das caricaturas de Nogueira da Silva.

Os costumes portuguezes, os typos nacionaes, passam no lapis de Nogueira da Silva sem alusões pessoases, sem ironias notaveis.

Em todos os numeros do *Jornal para vir*, as caricaturas de Mendes Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça, caricaturas pessoases, não tem nada de incisão ironica dos trabalhos de Raphaél Bordallo Pinheiro.

O meio era então abertamente hostil a esta orientação na reacção, ao movimento de desordenado insulto de que vivera a caricatura durante todo o periodo de estabelecimento do constitucionalismo em Portugal.

As allusões mais simples vinham sempre acompanhados de toda a especie de satisfações que lhes tirassem o que poderiam ter de offensivo para o melindre facilmente irritavel de qualquer personalidade.

As parodias innocentes aos versos de Rodrigues Cordeiro eram publicadas como homenagem ao talento do escriptor, e quando o *Jornal para rir* publicava com o titulo de — *O chouto desesperado* — a satyra do dr. Sanches da Gama a *The forious ride* do mesmo autor, a redacção do *Jornal para rir*, em documentada advertencia, lembrava que apesar de haver uma dama nos versos do poeta, a sua formosura, os seus encantos, as suas virtudes e a sua virginalidade angelica a punham tam alto que censurar a satyra o mesmo seria que dizer *alguem a um menino que não lançasse pedras ao ar, porque podia acertar n'uma estrella e magoa-la!*

O trabalho de estudo dos typos nacionaes devia levar naturalmente Nogueira da Silva a achar o typo do povo portuguez que Bordallo Pinheiro cristalisou na sua creação do *Ze-povinho*.

Encontra-se na verdade no numero 24 (25 de outubro de 1856), ultimo da primeira serie d'esta publicação.

Não é o *Zé-povinho* bonacheirão de Raphael Bordallo Pinheiro.

De olhar adormecido, cabello e barba intonsos, carapuça na cabeça, em mangas de camisa, calças rotas, os pés nus, o varapau preso na curva do braço, é francamente estúpido e feroz.

Esta caricatura porem é infelizmente cheia de reminiscencias dos desenhos francezes.

As *Celebridades Contemporaneas*, collecção de caricaturas acompanhadas de uma biographia humoristica que publicou mais tarde, antecessoras do *Album das Glorias*, lembram mais uma vez o parallelismo de desenvolvimento artistico de Raphael Bordallo Pinheiro e de Nogueira da Silva.

A caricatura politica, que fez a gloria de Bordallo Pinheiro teve tambem no obra de Nogueira da Silva um momento de extraordinaria celebridade.

•Em outubro de 1858, recebia Portugal uma affronta da França que lhe exigiu a entrega da celebre barca franceza *Charles e George*, navio negreiro aprisionado pelos portuguezes.

Este facto excitou os animos e Nogueira da Silva saiu a publico com o D. Quichote do Seculo XIX.

Era uma caricatura vigorosa, de uma intenção clara e directa, que se não tinha o poder da força bruta a que Portugal cedera, tinha a força da razão que a inspirava, era o desforço do espirito contra o poder da materia.

A caricatura teve um exito extraordinario. Estamparam-se cerca de 5:000 exemplares — naquelle tempo uma edição d'estas era fabulosa — vendiam-se a pataco e chegaram a vender-se a pinto, por se ter exgotado a edição em poucos dias na loja do Cabellos, uma lojinha de livreiro que havia ao principio da rua Augusta, esquina da rua dos Capellistas. Nogueira da Silva é que tinha sido o editor da sua obra, e todas as noites fazia contas com o Cabellos, trazendo para casa abadas de cobre, prata e até oiro.

A França levou a *Charles e George*, mas Nogueira da Silva é que recebeu a indemnisação. A *Charles e George* tinha acordado a fibra nacional, todo o patriotismo platonico de um povo. A caricatura satisfazia cabalmente a essa explosão patriótica. Muitos compravam-n'a ás duzias e só depois de terem rasgado, espesinhado, apostrophado um bom par d'ellas, é que guardavam uma para memoria.

A razão d'este furor é porque na caricatura figurava como principal personagem Napoleão III.

Era elle o D. Quichote do seculo XIX. Estava de pé sobre uma grande aguia que representava a França; o burlesco da figura advinhava o typo que mais tarde nos apparece na *Gran-Duqueza*, o general Boum, abria desmedidamente as pernas que apoiava sobre as azas abertas da aguia; esta acorçada n'um enorme cesto, chovava dentro d'elle uma grande quantidade de pretos algemados e acorrentados; da base do cesto partia uma corda que vinha prender-se a uma barca, a *Charles e George*, que se via em baixo comboiada pela esquadra franceza. Napoleão rasgava com arrogancia comica os tratados, e nos lados superiores da estampa lia-se: «Queres paz, prepara-te para a guerra — Queres liberdade, prepara-te para a escravidão.

Nogueira da Silva popularisava-se, a sua reputação crescia.»

Assim o conta Caetano Alberto, discipulo de Nogueira da Silva, que por os seu trabalhos de gravura tanto tem honrado a arte nacional, e por si só bastaria para fazer a gloria do mestre.

Nogueira da Silva apresentava em 1861 Caetano Alberto no *Archivo Pittoresco* que recebia a primeira gravura importante do gravador com palavras de carinhoso acolhimento e de justo louvor que annunciava todas as excellentes qualidades que mais tarde haviam de distinguir o gravador.

E, curiosa coincidência, havia de ser Caetano Alberto o discipulo dilecto de Nogueira da Silva que havia de mais tarde iniciar na imprensa Raphael Bordallo Pinheiro.

Em tudo se encadeia e prende a vida dos dois artistas.

O mesmo descuido da vida os animava, senão a mesma yerve doce e tão egual em Raphael Bordallo Pinheiro.

De Nogueira da Silva escreve um companheiro de trabalho:

«Nogueira da Silva tem um futuro. Introduziu nesta terra um genero em que os paizes de mais sociabilidade estão primando; mas está-o aclimatando, sem copiar servilmente pensamentos alheios.

Tem invenção e inventa, com a grande vantagem de que o campo que explora não estava devassado. E que sáfara que não se lhe apresenta ao lapis? O ridiculo em Portugal é mina tam rica de inspirações, como o são de oiro as mais ricas da Australia. A arte é que n'este paiz o não é, nem mesmo de cobre, para quem quer que seja.

E que se lhe importa o nosso Grandville portuguez com as suas promessas, ou com os seus desenganos? O artista não sabe fazer orçamentos.

Em quanto não ha *deficit*, gasta. Em o havendo, trabalha. Assim se explicam muitas intermittencias, que o vulgo attribue a priguiza. Priguiza é peccado vedado para o artista. Não trabalhar, é o repouso, é a transição para outra concepção, é uma necessidade, como qualquer outra. E se fora priguiza, que diriamos do fabuloso intervallo que medeou entre os espirituosos *croquis* e *pochades* com que Nogueira da Silva se estreou no *Almanack da Revista Popular* para 1851 e na *Semana*, de saudosa memoria, até ao *Epilogo da paz* com que em maio de 1856 abriu a primeira serie d'esta folha?»

São notas biographicas que mais identificam os dois caricaturistas.

O talento de Bordallo Pinheiro foi porem creado com outras preoccupações artisticas, num meio em que pôde exercer á vontade toda a sua actividade creadora, — o meio que creára em Portugal el-rei D. Fernando.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

A CIDADE

A TEIXEIRA DE QUEIROZ.

Tu, que na ponte erguida a tão enorme altura
— Maravilha brutal da fecundante Ideia —
Dizes no olhar sincero a humildade, a candura
Do teu rio serrano e da longinqua aldeia ;

Tu, que trazes na bocca o travo honesto e forte
Das amoras, do mel, do vinho do lagar,
E que sem nervos maus, sem desejos da Morte,
Tens um filho, uma horta e um florido pomar ;

Julgas decerto, ao ver de tão alto a Cidade
— Que o fumo enegreceu e o luxo envernizou —
Que ella é o poço fundo onde a clara Verdade
— Sem ninguem que a salvasse — um dia se afogou !

Julgas decerto, olhando essa teia d'aranha
De fios a tremer sobre as ruas e as casas,
Que não ha coração ingénuo que não venha
Na rêde traiçoeira aniquilar as azas...

Com certeza chegou á tua Serra um grito
De tanta, tanta voz que sem descanso, agora,
Chama a todo o trabalho um trabalho maldito
Quando ali, na Cidade, a ambição o devora.

E proclama que o luxo, as fabricas, o gozo
— Creando um mundo novo, elevando a materia —
São os braços febris d'um polvo poderoso
A sugar ferozmente o ganho da miseria...

E, na verdade, vê: — á luz do sol poente,
Que nos vidros accende um sanguineo reflexo,
Pelas ruas caminha um fervilhar de gente
Magra, andrajosa, exangue — e sem vigor nem sexo !

Sae das cavernas, sae dos vastos casarões
 Onde, para crear as riquezas alheias,
 Cansa os braços, o corpo e gasta os corações,
 E, como os lobos, vive em rudes alcateias.

Vem do trabalho; e em vez da serena alegria
 De quem sabe cumprir e amar o seu dever,
 Ha não sei que revolta e não sei que apathia
 — Como se fosse mau ou inutil viver.

E juncto á multidão dos cansados (repára)
 — No lento baloiçar das molas dos seus trens,
 Passa a nobreza rica e a burguezia cara
 Com joias e vaidade, e rendas e desdens...

Volta do seu passeio ás avenidas largas
 Onde arvores em flôr, fingindo a natureza,
 Afugentam do olhar as visões mais amargas,
 Coram ligeiramente a anémica belleza.

E n'este encontro, certo á hora da tardinha,
 Vejo melhor como é profundo e violento
 O conflicto vulgar d'essa gente visinha,
 Mas de inimiga paz e opposto pensamento.

E ouve: um grande clamor saccode o ar parado,
 Clamor que juncta em si, n'uma explosão guerreira,
 O gritante rodar dos carros — e o abafado
 Queixume dos que vão morrendo a vida inteira.

E que exprime a injustiça, o ódio que perturba,
 D'esses que ao encontrar-se apenas podem ver
 Que o trabalho febril da miseravel turba
 Só aos ricos dá força, illusão e prazer.

Ao ouvi-lo e ao olhar a confusão humana
 Soffres, e com um gesto ardente de propheta
 Dizes: — «para onde foi aquella ativa chamma
 «Da verdade e de amor que te sagrou Poeta?»

«Não tens uma palavra onde haja indignação ?
 «Não tens um grito, um brado, uma furia selvagem
 «Para gritar ao mundo a calada traição
 «Da riqueza vencendo a força e a coragem.

•Dize-lhe que incendeie esta cidade toda
 «Na hora em que o percorre o mais doido tropel,
 «E que veja a sorrir a monstruosa boda
 «Dos palacios viris com o fogo cruel !

«E ensina, aos que depois ficarem, o caminho
 «Dos perdidos casaes da minha serraania,
 «Onde o feno é macio e é saudavel o vinho
 «E onde basta viver para ter alegria...»

*

Mas eu — não gritarei: tudo o que vês e eu vejo
 E' a mascara triste, o rosto de desgraça,
 Sob o qual sinto a força immensa do desejo
 A renovar o mundo e a melhorar a raça.

Nas fabricas, turvando o Céu azul e claro
 Com o fumo a sair das chaminés esguias,
 Ha brazeiros a arder onde eu, homem, preparo
 A estudada junção d'occultas energias.

As edificações de ferro, como um sonho
 Audacioso e leve, e no entanto seguro,
 Mostram como ha de ser, no seu poder risonho
 A vida palpitante e moça do Futuro...

E os telhados, na sombra, ou pardos ou banaes
 — D'ardosia triste e negra ou de telha encarnada —
 Talvez cubram agora ufanos ideaes
 E o pensamento — a erguer a justiça cantada!

Porque é d'esse conflicto horrivel e fatal
 — Que te mostrei ha pouco e te evoquei assim —
 Que vem nascendo a luz para mostrar o mal,
 Que ha de nascer a voz a predizer-lhe o fim.

E n'este fundo poço, onde vês falsidade,
Nascerá, do lutar das plebes tumultuarias,
A distante, a bemvinda e harmonica verdade
— Feita d'ancias hostis e de forças contrarias...

E que será depois, entre o silencio e o frio
Do catholico Deus e da crença perdida,
Sobre a Terra fecunda e enchendo o Céu vazio
— A Torre de Babel, inteiramente erguida!

*

E agora vae, regressa á tua aldeia, parte
Com o teu sonho bom para a tua candura;
— Que o avistado mal não vá apoquentar-te:
Bebe o teu vinho são, come a fruta madura...

Mas se alguém te disser que a cidade é culpada
Immensamente mais do que hoje te revelo
Pensa que ha n'ella a dôr precisa e consummada
Para encontrar na vida o caminho mais bello.

E que o homem subtil que fundou a Justiça
Na infinita Bondade e no infinito Amor
— Semeou entre o odio, a vaidade e a cobiça
O seu verbo sincero e pacificador!

Maio de 1904.

JOÃO DE BARROS.

RECORDAÇÕES D'UMA RUINA LENDARIA

Pitões era o termo da larga e morosa investigação ao formidável planalto de Barroso, onde vicejam ainda, emergindo e irrompendo de fundos abstractos, muitos dos principios reguladores da vida social d'outr'ora e que certos espiritos reformadores e humanitarios desejam restabelecer em toda a superficie da terra.

A nossa crusada de inquerito scientifico tinha ali a sua ultima étape.

Sentinella fronteiriça e delimitante do solo barrosão e como elle n'um remoto isolamento, alheio a progressos, foi para nós a pagina derradeira d'esse grandioso archivo das sobrevivencias. E não foi sem desolação acabrunhante, que d'ali descemos, ao ponderar que esse estadio archaico tão salutarmente conspectado, se transformaria por completo no individualismo intransigente dos centros civilisadores, para onde regressavamos, antes de attingir identica phase, mais ampla e mais perfeita, na vagarosa evolução humana.

O pittoresco povoado assenta, muito unido e aconchegado, á maneira d'um castro, por sobre as depressões e saliencias irregulares do topo d'uma elevação. O seu casario denegrado e sujo é coberto de colmo por onde se cõa para a athmosphera a fumarada espessa das vastas lareiras. Palhoça africana n'um clima polar. (1) A vegetação envolvente é mesquinha e apoucada, salvo o risonho revestimento do pendor por onde se precipita o rio Berêdo, n'uma queda magestosa que pulverisa a agua, fertilisando-o para a fecundação dimanada do calor irradiante da serra fronteira.

O riacho ruidoso esbarronda-se nos pedregulhos do leito sob a frescura protectora da ramaria do carvalhido e do vidoeirral até que se acalma na profunda garganta seguindo sinuoso até ao Tamega.

D'além d'esta corrente principiam de levantar-se em arremêssos extranhos, e crescentes em audacia, as monstruosas muralhas do macisso gereziano, que retalham com as suas ameias phantasticas—os Cornos da Fonte Fria— a delicada e macia doçura do azul.

(1) Esta condição climaterica não é absoluta. Na zona orographica de Traz-os-Montes applica-se o mesmo adagio que nos Pyreneus e nos Alpes: nove mezes de inverno e trez mezes de inferno.

O recorte asymetrico d'essa crista aggressiva, a multiplicação cahotica dos planos da escarpa, a escalada violenta dos contrafortes, o tumulto esmagador da penedia abrupta, que se immobilizou n'um encontro terrivel, ou n'um equilibrio diabolico, lembram bizarramente uma das revoluções iniciaes do globo cujo drama inenarravel o genio antigo condensou no mytho.

Atravez de tanta rebeldia enclavinhada, desespero soturno e tenebroso precipicio dos accidentes geologicos apenas pullula exangue uma vegetação infima e sáfara, que se engalfinha e contorce pelas anfractuosidades; ou palpita magestática a grande aza distendida das aves de rapina. Os rebanhos vagabundos avançam desalentados entre tanta aridez, seguidos do pegureiro taciturno, continuador d'aquelles que na velha Mesopotamia conversavam com os astros e acordavam o silencio das coisas.

Em toda a severa tristeza d'esta massa de rocha adusta apenas resplandece, fulgida e casta, como rutilo pedaço d'astro cahido da abobada, a ermida alvissima de S. João da Fraga, um dos

... ninhos virgens d'orações piedosas,
Miradouros brancos de luar e rosas
D'onde as almas simples entreveem a Deus.

Descança sobre um cone de fraguedos hediondos, juncto de um abysmo, como os sentimentos mais puros sobre a torpeza abjecta da materia humana. Para lá convergem as mais sinceras aspirações conduzidas pela mais ingenua crença. Para lá se levanta a candida fé dos corações simples, cujos ardentes desejos, não ousam solicitar directamente do ceu — a infinita illusão...

Todavia enquanto que a serraia com esta vertente se offerece a Traz-os Montes tão escalvada e hostil na nudez da sua ossatura colossal abriga para além o mais bello e florido tracto montanhoso da terra portugueza em que as lombadas se submergem no arvoredado exuberante ascendendo com luxuria das veigas e valles; encerra o Minho, a região incomparavel pelo immenso hosanna da côr na alleluia triumphante do vegetal.

Que pezar e que magua proporcionava esse aspecto de tão duro contraste, dos pinaros e alcantis para cá, aos nossos olhos saudosos de paisagem risonha, verdejante e humida!

Só a inabalavel paixão da sciencia, que para ali nos arremessara, seria capaz de nos reter em tão penoso exilio.

De facto...

O interesse ethnographico movera-nos a visitar o local de uma lenda piedosa.

Descemos então do alto de Pitões, para sudeste, zig-zagueando na despida encosta, onde se perfilam na defeza das nortadas, os colmeaes rusticos, encarapuçados com os *coruchos*, e semelhantes áquelles que Virgilio conheceu e cantou. Por entre a zumbidora população dos hymenopteros, activamente, atarefada na colheita do alimento, que lhe fornecia a escassa floração das hervagens e arbustos bravios, chegamos até juncto de um ribeiro susurrando entre pedras sob a pallida contemplação dos amieiros e vidos. A' sua margem e proximo de um abaixamento brusco do plano uma igrejasinha gothica. A pequena distancia e apenas separado por uma estreita passagem, um convento abandonado e em ruínas, sem character e sem estylo definido pelos restauros e reconstruccões; exceptua-se o claustrosinho ainda romanico, com o estylobato de comezinha altura, as columnas breves, os capiteisinhos rudes, as simples arcadas de meio ponto, e quasi todo ruido e sepultado na molleza e no affago da hera viçosa.

N'este ermo cenobitico foi que se deu o facto que a lenda nos conta:

Passava a christandade dias amargos e atormentados com a perseguição da moirama, que levou uma vez a sua investida por estes logares, perdidos entre serras. Havia um christão, que ao saber da correria assoladora dos sarracenos e bemquerendo, mais que a tudo do mundo, a uma santa imagem da mãe de Deus, de quem era fervente devoto, cuidou de a occultar em recato seguro para que não cahisse, como elle, nas mãos impuras dos inimigos da sua fé. Cautamente se desviou da presumida trajectoria que elles deviam seguir, e desceu a esta prega da montanha, onde se lhe deparou — oh milagre divino! — um esconderijo amavel no yelho tronco d'um carvalho frondoso. Ahi depositou o fiel a sua estremecida reliquia e depois de se despedir d'ella com a mais carinhosa oração partiu, banhado em lagrimas, para cumprir os mandados que lhe estavam adscriptos no poderoso livro dos destinos. Longo tempo se volveu sem que o servo piedoso voltasse a dar novas á sua dona divina. Não foi por ingrato esquecimento. Para longe tão mau peccado de quem era tão submisso e reverente! Decerto cahira para sempre — ella bem o sabia! — o fragil involucro da sua alma aos talhos assassinos dos alfanges mouriscos.

Permaneceu pois a esculptura da rainha celestial, ignorada e sem culto, no ediculo provisorio do seio da arvore. Innumeras vezes se renovou a folhagem que lhe servia de docel e a escudava com regalada frescura das ardencias do verão; outras tantas a cobriu a neve que a defendia com sollicita ternura das inclemencias da invernia.

Quantos homens não passaram sob a caricia da bemdita luz dos seus olhos? Muitos talvez, mas nenhum com certeza de coração limpo e digno a quem ella fizesse a indizivel mercê de se revelar.

Tantos annos transitaram, que tardos seculos dobaram. Assim é difficil purificar a consciencia da maldade terrestre para que sobre ella incida uma restea da bemaventurada graça!

Um dia, porém, sob a soalheira esbrazeante surgiram no alto dois cavalleiros, vindos dos lados da serra da Mourella, em seguimento de uns cães que acoassavam um robusto javardo, precipitado para o fundo da ladeira com o fim de se subtrahir aos seus perseguidores por entre a tumida franja de ramagem que orlava o regato.

Matilha e javali momentaneamente se sumiram para alem do roble. Os caçadores montados baixaram, com lentidão, o ingreme declive, e, como se lhes divisasse propicia a sombra da privilegiada arvore, buscaram o seu refugio para repouso e para allivio do calor importuno.

Abeirados das extensas pernadas do carvalho nodoso, apearam-se e penetraram consolados e lepidos para o goso facil d'aquelle recolhimento e frescôr. Porte galhardo, bello parecer, maneiras distinctas fundiam-se harmoniosamente nos dois gentis-homens. Eram com effeito fidalgos da Galliza naturaes da provincia de Orense. E como gallegos e como nobres, derivados de sangue sómente derramado pela religião do Crucificado, persignaram-se e louvaram a Providencia, d'uma constante prodigalidade em beneficios a quem a bem servia e amava. N'isto — oh fascinante surpresa! desvenda-se-lhes no seu recondito latibulo a barbara esculptura da Virgem da Assumpção, que lhes sorria e os abençoava, d'entre as rugas da madeira apodrecida.

Dobraram-se-lhes os joelhos respeitosaemente veneradores, e, curvados, com a face para a terra, fizeram logo voto á suprema soberana de lhe erigir uma igreja e um mosteiro, para que todos os dias ali se bemdisse o seu nome ineffavel. E sem detença se construíram o templo e o cenobio, que foi selectamente povoado com monges de Osera.

Tal é, segundo a lenda engrinaldada de poesia e encanto pela imaginação popular, a origem d'este singelo, mas aspero eremiterio. Foi mais tarde um alfôbre de virtudes, esta solidão tão rigida, e tão afastada das inuteis frivolidades do mundo. Raramente, o vicio ou a culpa tiveram ensejo de polluir este vergel de santidade...

Contam-se até em chronicas poeirentas e mordidas pela traça, n'uns dizeres repassados de mystica beatitude e uncção, os casos edificantes com que Deus por meio dos anachoretas d'esta thebaída se dignava manifestar na escravidão da terra a sua soberania omnipotente. Entre elles rebrilha, como um grande astro n'um céu constellado, o passamento do santo varão que foi o abbade Gonçalo, cuja vida se resumiu na penitencia, na oração e no bem, e cuja alma era um limpido espelho em que se podia rever a virtude mais austera e diaphana, porque nunca se embaceara com a exalação d'uma obra má ou d'um pensamento impuro.

Sucedeu assim.

Um dia arrastando os seus passos e o seu bordão bondoso atravez das serras invias foi em visita e pregação evangelica ao mosteiro de Celanova (1) sujeito á sua vigilancia pastoral.

Por aqui se deteve tanto tempo quanto o exigiram os imprescindiveis serviços do Senhor.

Cumprida a missão retomou o seu cajado e retrillhou com as decrepitas sandalias a aspereza da terra agreste para regressar a Santa Maria de Junias. Quasi ao fim da jornada repousou n'um logarejo onde celebrou a missa (era domingo) e n'ella teve a revelação do termo da sua existencia. Ficou transportado de alegria, pois grande mercê lhe concedia o céu em o recolher no seu eterno seio libertando-o do mundo em que era já longo o seu rastejo obediente! Despediu-se dos assistentes e aventurou-se á temivel caminhada fortalecido com a firme confiança no alto. Ora, durante a noite nevara copiosamente e as formas brutas da montanha gereziana occultavam-se sob a cobertura branca e profunda, de cima sahida, como para receber na sua irreprehensivel pureza aquelles fracos despojos que encerravam tantas perfeições.

Rumo perdido sem rasto a seguir n'aquella vasta congelação deserta, onde nem a fera surgia, e d'uma silenciosa e triste immobildade de lucto, o piedoso abbade marchava desgarrado e a custo, sobre o piso molle e pegajoso, que lhe prendia os pés e o exhaustava.

Longe d'ellie e juncto dos cumes distantes de vaga ondulação nivea pesava uma neblina densa, indecisa e fusca, que interceptava e repelia o conforto da face radiosa do sol. Transido de frio, trespassado pelo vento, com as vestes encharcadas e unidas á carcassa, esmorecia lento n'aquelle extravio invencivel por entre o capricho e a phantasia dos contornos com que o gelo cobria a rudeza da serra. Entorpeciam-se-lhe os musculos, allucinava-se-lhe a visão na alvura sinistra da neve, a vida sumia-se-lhe ante a constricção implacavel da frialdade, o coração afrouxava-lhe anniquilado. . .

Cahiu por fim, com as mãos erguidas por uma supplica desvairada que a morte truncou.

Ora, por esta epocha ainda o omnipotente se servia dos objectos dos homens — tudo lhe pertence! — para lhes mostrar á sua comprehensão pouco lucida os mais facéis desejos sobrenaturaes.

Por isso, logo que S. Gonçalo expirou, os sinos do campanario de Junias e os das torres de Celanova, sem que ninguem os tangesse, entraram a bimbalar n'um dobre plangente de lugubre toada. Este assombro inaudito preveniu os monges de que algum perigo havia succedido

(1) Foi reedificado no seculo XVI. Ainda hoje existe o grandioso edificio da Renascença.

ao seu abbade por aquelle temeroso nevão. De Pitões accorreram repentinamente, reunidos com grande magote de serranos munidos d'aprestos para tornarem a busca praticavel, achando-o nas proximidades dos picos da Fonte Fria depois do que o transportaram para a cova sepulchral de Junias cessando somente a sinalhada, quando esta avaramente guardou o seu corpo veneravel.

.....
 Mas os frades foram-se. Nunca mais voltaram os tonsurados officiantes, esguientos ou rotundos, envolvidos nas pregas d'uma severa estamemha a continuar uma religião tenebrosa em que havia o tragico ranger de dentes enviado pela crueldade inamovivel d'um deus tyrannico. Nunca mais o adormecimento da meia noite foi perturbado pelos roufenhos louvores de matinas cantadas entre dois bocejos, nem a quietude do entardecer profanada pelas graças langorosas de vesperas rezadas entre dois arrôtos. Nunca mais o latim bafiento na sua inintelligibilidade fetichista para os crentes ignorantes, agrilhoados ás abusões da hypocrisia e da mentira. Nunca mais o psalmodiar de versiculos incomprehendidos proferidos automaticamente com os sons melancholicos do orgão ao clarão mortiço dos tocheiros. Nunca mais taes ruidos e movimentos vãos e repellentes.

O convento vasio, esburacado e torto, desaba, servindo no entanto de morada ás aves nocturnas cheias de sinceridade na fereza do seu instincto.

A igreja porventura ficaria. Conserva ainda da sua traça primitiva, incolumes e integras, a porta principal e a capella-mór que denunciam um gothico inicial muito singello e muito modesto. As portadas de madeira desconjunctadas e escanzeladas, as janellas sem vidros, o telhado roto dão ao visitante a immediata impressão d'um abandono tumular onde ha unicamente a acção invisivel da ruina.

Redondo engano! Uma vez entrado, logo o rodeiam os actuaes habitantes d'esta sagrada morada e de repente o captiva e seduz a harmonia da maxima singeleza com a maxima innocencia. Este recinto, que é talvez a disfarçada consagração d'um apagado culto physiolatrico, desde que foi desamparado pelo homem entrou na posse da natureza para proseguir no seu destino.

Fugidos os religiosos, o deus ideal de bondade e perdão, que nascera n'um curral entre coisas mansas sob o brilho tremente e curioso das estrellas, e que por um mau convencionalismo se entronisava ali sobre o altar humilde e tosco jámais teria o reconhecimento d'uma enternecida prece que labios virginaes balbuciassem, ou d'uma dedicada oblata que mãos agradecidas lhe offerecessem, se não viessam exalta-lo, com familiaridade e gratidão adoraveis, os novos anachoretas alados de quem elle fallara ás turbas famintas da palavra divina n'um monte da Galilêa.

Com effeito, após a deserção fradesca chegaram as andorinhas, e prescrevendo a banal materialidade das liturgias e ritos em que o sentimento se oblitera, estabeleceram se no intimo convívio d'aquella divindade por ellas venerada desde que S. Frantisco d'Assis, uma tarde, em certa collina da Umbria, lh'a tornou conhecida e dilecta n'uma palestra maviosa e esplendida.

Foi desde então que ellas verdadeiramente cultivaram as relações com os predestinados eleitos da bemaventurança e com as honestas sympathias dos homens, habitando as solemnes e graves fachadas dos templos sob o resalto das cornijas, nas cavidades dos nichos, nos recortes dos porticos, juncto das esculpturas hieraticas; ou bemfadando o carinho dos lares sob o beiral dos telhados, e proximo das janellas que os cravos e as rosas perfumam e em que a esbelta açucena empallidece. Sempre entre a baça tristeza do solo que ellas não tocam e a infinda transparencia do azul que ellas dominam!

Ao enxergarem pois a soledade de Santa Maria de Junias desde logo fizeram voto de povoar a acolhida tão amoravel que se lhes abria paternal sem ameaças e hostilidades. E, com uma brevidade que a engenharia humana é incapaz de comportar, delimitaram os espaços onde se fixariam as futuras vivendas n'uma subordinação ao aformoseamento esthetico d'aquella desataviada architectura gothica. Ao longo dos frisos, no cruzamento dos arcos e entre a conjuncção das linhas d'uma ogiva, que se inclinam reciprocamente como dois desejos anciosos que se fundem, começaram a emergir as construcções dos ninhos, n'uma tarefa buliçosa, irrequieta, apaixonada e mesmo febricitante por um grande fogo secreto.

Doidejantes na labuta incançavel, correndo e dispondo o material architectonico, consolidando-o n'uma vigorosa estabilidade, conformando o alçado, amaciando e adornando a minuscula alcova nupcial, onde seria depositada a semente estremecida das delicias incomparaveis do amor — *Le nid est creation de l'amour!* —, em resumido tempo puderam installar-se, com o Christo, sob a fraternidade commum do mesmo tecto.

Então sob os affaveis auspícios de Jesus n'aquelles alveolos pendurados das saliências do granito inerte palpitou o affecto sublime que a natureza patenteia na iniciação da vida das aves desde a fecundação d'essa pequenina ellipse calcarea, onde se condensa o enigma da existencia, e que para os antigos egypcios era o symbolo mysterioso da origem do mundo, até ao problema da emancipação dos novos sêres.

Multiplicadas e constituídas as familias, toda a populaça reverencia o Deus misericordioso, pregado no madeiro, com as saudações effusivas dos seus gritos e com as aclamações victoriosas da sua aza inegalavel. Elle, mesmo do supplicio intérmimo a que os homens o condemnaram, quando o sol doiradamente o illumina envia-lhe em cada um dos raios do fulgor todas as benções da sna infinita graça, que a acompanha e

protege durante a sua convivencia e na sua travessia perigosa e incerta desde quando se despede na tristeza do outomno, até ao jubiloso regresso em que o manto de gelo se dilue e a primavera sorri.

Não houve ainda communidade ou agrupamento religioso com tanta paz e concordia.

Paz que nunca a dissidencia revolveu; concordia que a malquerença jámais agitou. Não ha regras, não ha canons, não ha formulas. Simplesmente, uma subtil e cordealissima communhão d'affectividades em que fulgem n'uma aureola de sonho, a liberdade, a pureza, a bondade e o amor.

Porque não adopta a creatura humana uma religião assim?...

Coimbra — 1905.

MANOEL MONTEIRO.

SONETO XXIII

Esses que vês, mulher, d'olhos pisados,
Soturnos como uns éculos dormentes,
Com a pallidez dos lyrios macerados
Nas fronte consumidas de videntes,

Os que pensas ungidos e inspirados
Dos éstros geniaes e transcendentés:
São uns negros espiritos gafados
Que a lepra da vaidade fez doentes.

Dizem-se poetas! Numes perdoae...
— No alto ceu da graça e da belleza
O astro da bondade não se esvae...

Põe teus labios na minha bocca accêsa,
Julgarás quanto fogo n'alma vac,
Quanto amôr, se ella é gemea da grandeza!

CARTAS A UM IRMÃO MAIS NOVO

III

Vou hoje fallar-te do campo e da paizagem.

Chegou a primavera e os campos começam a reverdecer. A terra ensopada na agua das ultimas chuvas acorda todos os dias illuminada nos seus lameiros e pradarias. Por toda a parte os troncos, os arbutos rasteiros, os relvedos pungem seivas, reverdecem, florescem. E' a melhor epoca do anno para viver no campo e meditar um pouco sobre as cousas superiores da vida.

A cidade é venenosa e acabrunhadora para quem expõe mezes seguidos os pobres pulmões aos seus miasmas e o cerebro ás suas sensações exgottantes. E' em geral no verão que emigram da Baixa o funcionalismo, o commercio e a industria abastada, os ociosos ricos, toda a alta roda das 4 horas na rua do Ouro. A esse tempo já o campo perdeu aquella frescura moça de quem acorda e lavado, matinal abre o primeiro riso á luz. Para alliviar da torreira do sol ha ainda o delicioso outono, prodigo e melancolico. Mas só na primavera é que a paizagem nos prende com um amor são, alegre e fecundo, ás cousas naturaes.

Tu já sentiste de certo alguma vez, numa passeata ao campo entre rapazes, o desejo de te espojares na relva, trepares ás arvores, nades nos regatos, correres, pinchares, cabriolares, com um sangue novo a fustigar-te as arterias, um brilho novo a remoçar-te os olhos... E' decerto a amoravel natureza que grita em tí os seus direitos, num protesto contra a vida artificial de Lisboa, que te traz melancolico entre os altos predios amontoados.

E se a vida da cidade nos reclama para as ambições generosas do dever e do trabalho, se é lá que se tenta ajudar com o nosso esforço todas as aspirações uteis que surgem, é no campo que devemos retemperar-nos, couraçar-nos de animo, meditar o trabalho feito...

Não ha nada como a solidão para revêr o trabalho realizado; é nella que esse exame de consciencia é mais completo e aproveitavel. A paizagem espalha em volta a sua decoração risonha em plainos verdes,

montes longiquos e azulados, ravinas profundas, tudo coberto, illuminado, alegrado pelo ceu. Ha um silencio, una calma imperturbavel. Arvoredos, campos, passaros, tudo parece adormecido. E então os trabalhos e os desfallecimentos do anno que correu, o aperfeiçoamento apreciavel desses tresentos e sessenta dias, passam deante dos nossos olhos, alegrando-nos ou entristecendo-nos. Sobretudo quando se é novo estes inqueritos aos progressos da nossa intelligencia e do nosso moral são duma magnifica utilidade: é quando mais se avança e mais seguramente. E' a «epoca de Taine» a que Marcel Prévost se refere; a idade que não volta dos grandes ardores no trabalho, das bibliothecas que se devoram ávidamente, volume a volume. E nada mais consolador e animador que, numa madrugada de abril, na frescura humida dos campos, relembrar as leituras feitas e o que dellas se aproveitou.

A vida assim toma um novo encanto. Não é uma successão monotona de dias, caminhando logubrememente para a morte; é uma estrada triumphal e clara, tufada de brejos que se vão desbravando ao sol, com uma canção na bocca, muita luz nos olhos e a alma a trsbordar de aspirações que se não de realisar...

E tu duvidas desta alegre e ingenua certeza?... Mas vê bem, vê bem como esses campos todos lentamente, sem pressa, se vão vestindo de milharaes e trigaes, vinhedos e pomares, hervaçaes tenros e sarças bravias. Repara bem como a natureza, num trabalho continuo, enflora e fructifica a terra toda para o homem a sugar implacavelmente e o outono e o inverno derrubarem a sua obra. E para o anno ella recommeará o trabalho interrompido, tão alegre e tão satisfeita como hoje, na inconsciencia do seu papel de procreadora inexgottavel. E essa obra morosa será sempre festiva, incalculavelmente grande, fresca pelos orvalhos, risonha pelo sol.

E lembra-te que nem o outono nem o inverno, nem os outros homens virão despedaçar e aniquilar o teu trabalho de todos os dias. E esse patrimonio irá engrossando indefinidamente até morreres como um minguido rio que vae recebendo mais e mais afluentes. O que é necessario acima de tudo é guardar até ao fim a *grande curiosidade*.

Desde o começo traçar logo o caminho a seguir, avançar todos os dias um pouco nelle, com pequenos desvios para os atalhos que desembocam na estrada que se adoptou. Mas praticar sempre estas pequenas excursões que nos abrem mais os olhos para o caminho que seguimos. Aos trinta, aos quarenta annos achas que é fatigante, em meio da tua profissão segura e positiva de commerciante ou industrial, continuar a abrir horisontes novos ao teu espirito?... Mas vê bem que, se tiveres adoptado um methodo firme de trabalho, já não te poderás libertar delle; e se o abandonares a tua vida perderá o encanto que a doirava;

será uma planície chata, rasa, sem sombras nem surpresas, monotona, arrastada, desanimadora...

E olha como a terra, a grande mãe, nunca se cansa, nem aborrece! E não é mais que uma esfera colossal, rolando no vacuo, atraz de outras esferas, sem consciencia da beleza das suas paizagens e do canto dos seus passaros que eu oiço nesta manhã deliciosa além nas arvores que tentam reverdecer... Mas tu, homem intelligente, com o espirito aberto deante das ideias e da arte de tantos seculos, poder-te-has alhear dessa curiosidade que um dia te prendeu?...

Aprende a amar o campo e a receber a sua lição. Elle é o grande educador que acalma, serena e faz meditar. Os teus nervos estão ex-gottados pelo trabalho e pela dôr? Pede-lhe o ar ardentemente oxygenado das suas manhãs, os aspectos pacíficos das suas paisagens ao entardecer; verás como elle carinhosamente te ha-de desencovar os olhos e rosar a bocca; como perante o mundo incommensuravel elle te ensinará a integrar a tua dôr na grande vida universal e a senti-la pequena. E, se quizeres medir a distancia percorrida pela tua intelligencia, deixares na tua memoria como que um padrão do trabalho conseguido, vae tambem ao campo procurar o refugio, a paz, o silencio para as tuas meditações.

Elle é egualmente uma grande escola de simplicidade e altruismo.

Vaidades, futilidades, intrigas, ambições mesquinhas, como poderão vingar e medrar perante a grandeza da sua vegetação formidavel e desse mysterio attrahente de como uma semente miseravel e invisivel quasi aos nossos olhos de myopes, em alguns annos floresce bracejando e dá sombra a rebanhos! Luxos, modas, madrigaes adocicados, tudo lá sôa mal como no gabinete severo de um sabio os guisos de um palhaço. E os que arrastam sedas e attitudes pelas relvas innocentes e simples, são tão ôcos e banaes que deviam penitenciar-se de as profanar com as suas vaidades... Não é verdade que a natureza só poderá dictar-nos planos grandiosos e severos? que os seus ensinamentos hão de ter a austeridade de quem aprendeu a vida em milhares de seculos?...

Ha certos cahir de tardes, tão doces, tão luminosos, tão repousados, como que ungidos dum oleo divino, em que o tumultuar das nossas impaciencias e paixões serena e repousa como um cachão de agua que se espraia e estagna. As arvores seculares, os rebanhos, os pastores, os pastos verdes, as campinas cultivadas, os montes azues e longiquos são o scenario magico duma obra cyclopica, feita metade pela terra metade pelo homem... Poetas, philosophos, artistas, sabios, todos teem a aprender um pouco nessa placidez em que se sentem germinar no humus fecundo as sementes que o camponez lançou á terra. Poderão

vêr como nesse trabalho formidável e modesto, ha uma grandeza infinitamente maior que a das suas descobertas e meditações. E quando num laboratorio ou no seu gabinete de trabalho gritam *Eureka!* apenas souberam desvendar uma parcella dos segredos que o universo abrange... Não é nas ruas da cidade, em que as luzes da terra lhes encobrem as estrellas, que poderão ter a consciencia da sua pequenez: é nos campos, quando as estrellas vão apparecendo, tremulando por todos os cantos do ceu... As almas que saibam receber taes lições não são muitas: mas essas ao menos habituam-se a apreciar o universo e a sua pessoa dentro d'elle, «do ponto de vista de Sirius», como dizia Renan.

Depois, ainda ha pouco que o arado rasgou os campos fartos e a terra neste momento está a cumprir a tarefa sagrada que o homem lhe impôz de crear pão. E, se o aspecto geral da paizagem e do ceu dá ao homem, que saiba vêr, o sentimento dumã simplicidade humilde, este aspecto restricto das leiras e dos valles sementeados incutem-lhe o sentimento dum grande altruismo e dumã irmanação consciente com o resto dos homens. Cada campo daquelles, depois de batido e joeirado o trigo, dará de comer a algumas dezenas de boccas. E o millionario e o pobre hão de mastigar o mesmo pão, mais branco ou mais negro, porque a terra equalitaria não os sabe distinguir...

Ha assim, como vês, uma maneira differente de interpretar a paizagem. Ella não é simplesmente o fundo bucolico e virgiliano onde se enquadram idylliosinhos cidadãos, nem scenario adequado só a morgadinhas, sejam ellas dos Cannaviaes ou de Val-flôr.

Acima dessas figurinhas delicadas e franzinas da civilisação, por sympathicas que se nos mostrem, ha as masculas, soberbas e desgraçadas estaturas dos cavadores, dos ganhões, da ralé grandiosa e miseravel, biblica e chá, que ainda não acordou como a sua irmã das officinas, mas amanhã ha-de acordar e avançar de enxada em punho até ás muralhas das cidades; ralé aviltada, sugada de impostos, expoliada, que fica de chapéu na mão e riso servil na bocca, quando nós, homens como elles, passamos pelo seu campo! E' da sua bolsa magra que sae o dinheiro para armar um exercito que lhe rouba os filhos, pagar sinecuras em que não tomam parte e crear e sustentar museus, escolas, bibliothecas, coisas civilisadas de que elle se não utiliza e que a sua alma bronca, adormecida dum somno millenario, é incapaz de levemente comprehender e apreciar.

Porisso tu saberás, parece-me, ouvir-lhe a sua vida lamuriosa, uma cheia que lhe estragou as sementeiras, um furacão que lhe levou planções, uma trovoada que lhe queimou a vinha; e pouco pão em casa e boccas que exigem, mas não podem ter, o que nós comemos, boccas por onde se escapa o grito esfomeado dum corpo que trabalhou horas

e horas e em que todas as cellulas ullulam a necessidade inadiavel dum alimento reconfortante. — E aprenderás a não bordar mais idyllos piegas junto de fontes rusticas; sentirás quanto mais verdadeiro foi Millet do que Watteau; e a tua alma terá a grandeza de comprehender claramente as miserias humildes.

Teu irmão amigo

Antonio.

LUIZ DA CAMARA REYS.

KALENDARIO

1 de Junho — 1893

Morre SILVA PORTO.



Analysar um artista individualisando-o pelas facetas originaes porque soube tocar a obra d'arte, é intuito de vulto consideravel para que (quando em frente da sua obra completa) não se sinta falta de acuidade nos sentidos, embotamentos bastos no sentimento e desnorreamentos repentinos no senso critico, assim como em frente do sol os olhos, tresloucados pela luz, se quedam insensiveis ás nuances da paizagem. Ao primeiro golpe de vista a tela ou a estatua apoderam-se de nós pelos sentidos e de roldão levam, dominando-nos, as faculdades pensantes, subalternas sob o jugo do sensualismo. E' necessario

que o sensualismo sobre que primeiro girou a admiração vá morrendo pouco a pouco e, a quando os sentidos já saciados não sentirem gozo, então, livre o cerebro, a analyse se poderá fazer com algumas probabilidades de obter util resultado. E' este o periodo perigoso para a obra de um artista. E' ahi que uns morrem e outros resuscitam. E' assim que Puvis de Chavanes vive esquecido, ignorado de todos, no seu atelier, paredes meias de Henner celebre já, trabalhando sempre com amor, vertendo nos seus quadros a sentimentalidade de uma geração que vem surgindo e pelo pensamento se affirma em todas as artes, abandonando o sensualismo que então as fazia viver.

E' assim que morto á roda da sua obra se começa levantando uma admiração que se condensa, se avoluma, nascida na observação mais pensada dos seus quadros, onde a par da degenerada sensibilidade moderna avulta o pensamento que as faz viver.

E' assim que o culto pelo *Angelus* de Millet cresce dia a dia quando, apagada a sensação d'aquella tarde que morre, se começa erguendo da

tela esse alto pensamento que a transforma no mais formidável poema que a mente teceu á dôr do trabalho humano.

E é por isso que hoje mais que nunca a obra de Silva Porto se engrandece aos olhos dos que a admiram. Silva Porto representa uma geração e uma raça.

E' portuguez nos seus quadros pelo assumpto e pela maneira como os visiona.

E' claro, nitido e vê sempre atravez de um optimismo quente que adormece e encanta. Faz pensar ao de leve, como sonhando, n'esta terra — um paraizo — n'esta vida — uma delicia. Os ceus são sempre doces, de um azulado tenue, sem as reverberações metalicas dos ceus do sul de Italia.

Uma melancholia, que faz pensar, se evola dos seus quadros como d'essas tardes paradas que nem sequer uma aragem leve distrahe. E' facil e sente-se ao ver a sua obra o socego e encantamento que resultam de ter sido feita sem exforço, sem grande exgotamento, como se adormecido as tivesse pintado — pinceis correndo sobre a tela, de manso.

A's vezes n'um pedaço curto de paizagem — uma nesga de ceu limpido, uns casebres e aguas claras — a sua technica modifica-se, amolda-se, toca tão soberanamente o assumpto mesquinho que o palmo de tela engrandece, barra-nos o horisonte visual dando-nos tentações de ali ficarmos como se ali estivessem bens inenarraveis. Assim são os *Moinhos da Confraria*. Como é feliz esse pastor, na sua vida simples, quando nós o vemos de cajado ao hombro n'uma azinhaga, *Conduzindo o rebanho* das suas ovelhas tão reaes sob esse ceu tão macio! Como faz pensar na vida honesta dos campos braço a braço com a natureza! *A volta do mercado* é soberbo de luz, n'um justo equilibrio de claridade e sombra.

Nos rostos prazenteiros dos que voltam — o sorriso de um bom dia aproveitado.

Gente pacifica, gente bôa.

Mas pela forte intuição que o vitalisa, pelo primor da factura é esplendido o quadro *Macieiras em flôr*.

No verde tenro dos rebentos, nas flores que na atmospherica quente se expandem e no terreno que sob ellas é um tapete macio, a verdade é tanta que a illusão não existe.

Aquillo é a verdade pura.

Silva Porto até hoje ainda não encontrou quem o egualasse e de certo pelo aspecto que as nossas pobres exposições apresentam não somos levados á convicção que tão cedo o seja.

Ha bons paizagistas, sem duvida, mas não teem nem a alma portugueza que elle tinha, nem a mudavel technica factual que era a sua força.

Dotado d'um forte juizo critico que sempre o guiou soube, apesar das suas demoradas peregrinações pelo estrangeiro, ficar sempre portuez de coração e de alma.

Nem sempre isto succede entre nós, onde já antes de fazerem as malas para o pensionato, esses que ora para ahi andam, se acham gafados de desnacionalisação. E creiam: podem ter talvez horas felizes de gloria, mas essas, rapidas e passageiras, serão como a das rosas luxuriosas e quentes.

ALVARO DE CASTRO.

LIVROS

PEREIRA DE LIMA — *Hannibal e Napoleão* — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso
— Lisboa, 1905.

Abre este livro com uma citação do inglês *Chreighton*: — «Esta guerra entre os Romanos e Hannibal foi uma das maiores que o mundo viu; foi o duello de um grande homem com uma grande nação.»

Devemos agora accrescentar, com um fim meramente elucidativo, que a obra de *Chreighton* a que o auctor, sem a nomear se refere, consta de um pequenino volume da *Bibliothèque Utile* de sessenta centimos, intitulado *Histoire Romaine*. Fê-lo *Chreighton* para uso das creanças das escolas; por isso no curto prefacio que o acompanha se lê que: *les enfants y trouveront le résumé concis, limpide et substantiel d'une histoire, etc., etc.*

Mas se a infanctibilidade do juizo sobre a guerra punica facilmente se comprehende em *Chreighton*, que escreveu para creanças, outro tanto não succede com o sr. Pereira de Lima que decerto, nas suas pretensões de sociologo, aspirou a ir mais longe.

A lucta entre Roma e Carthago, deve sabê-lo o sr. P. de Lima, foi apenas a exteriorisação de uma formidavel lucta economica, muito semelhante, sob certos aspectos, á que actualmente se desenrola entre a Allemanha e a Inglaterra. Factores inconscientes e necessarios da evolução, nem Scipião nem Hannibal fizeram uma guerra pessoal, mas representaram antes duas raças e dois interesses oppostos que se chocaram.

Estavam os carthaginêses senhores de Sicilia, da Sardenha, Corsega e da Hespanha, as vastas e ricas terras de que Roma necessitava para o seu alargamento economico e social. Forçoso se tornou conquista-las a uns, forçoso se tornou defendê-las a outros, como a propria vida, como a condição *sine qua non* da sua existencia. Foi por isso que vencida e desapossada d'ellas, perdeu a grande republica lybio-phenicia a sua razão de sêr, vindo assim os factos confirmar mais uma vez o grande systema que regula a vida das nações. Não foi a guerra punica um duello entre um homem e uma nação; foi antes um formidavel combate entre dois organismos que luctavam pela vida. D'aqui a impropriedade da assimillação que o auctor precipitadamente fez do escriptor inglês, tomando aquella phrase para motivo do seu capitulo sobre Hannibal.

Cheio de entusiasmos pelo general carthaginês o sr. Pereira de Lima esqueceu, como admirador exaltado o que, como sociologo, muito friamente lhe era mister conhecer. E foi por isso que julgando glorificar Hannibal, fazendo d'elle uma individualidade obsecada pelo odio contra o romano, simplesmente o collocou abaixo do que o heroe phenicio realmente merece como patriota, como a incarnação do principio vital da grande republica.

A par d'isto, nada o auctor nos diz a respeito de Hannibal que não seja muito vulgarmente conhecido. Que o heroe de Carthago, foi um espirito arrojado e culto, um grande administrador e um grande general, são coisas que qualquer mediocre estudante da historia sabe de sobejo. E não queremos já fallar de certas extravagancias de investigador, ao apontar por exemplo, como fonte de valor, os versos de Camões... a proposito da republica romana!

*

Acabada a vida de Hannibal Barca começa o auctor a contar-nos a de Napoleão, com o unico fito de estabelecer o paralelo entre Corso e o Carthaginês, expondo em duzentas e tantas paginas o que Metternich resumiu em tres palavras: «Napoleão foi um administrador, um legislador e um conquistador.»

Fazendo historia com anedotas, ainda o sr. Pereira de Lima nada adeantou ao popularmente conhecido sobre o imperador. En'este ponto, apesar do desenvolvimento que deu a este assumpto em paginas e papel cumpre-nos dizer ao auctor que ainda alguma coisa lhe esqueceu do que é já sabido: que Napoleão tinha um cavallo branco. Registamos o lapso pela simples razão de nos ter elle parecido propositado: arrastado pelo desejo de estabelecer um vigoroso paralelo entre os dois heroes, não conveio ao sr. Pereira de Lima aquella particularidade—pois não consta que Hannibal usasse de tão alva montada.

Perdôe-nos o auctor a leveza... com que encaramos o assumpto, mas na verdade é tão pittoresca a sua maneira de fazer historia! Qual o fundamento scientifico para affirmar o parentesco ethnico entre Hannibal e Napoleão? Qual o criterio a que obedece o historiador ao estabelecer paralelos como este:

«Parallelismo curioso: A batalha de Cannas deu-se no seculo «sexto» da fundação de Roma; e a batalha de Austerlitz teve logar no seculo «sexto» do imperio Austriaco, fundado pelo imperador Rodolpho de Habsbourg.

Se n'esse dia, Napoleão, venceu as melhores hostes da intitulado «Roma do Danubio» humilhando-lhes a sua soberba divisa, cognominada das cinco vogaes: A. E. I. O. U. «Austriae Est Imperare Orbi Universo»; Hannibal conseguiu, na jornada de Cannas, abater o orgulho da Roma do Tibre, abatendo e destruindo a divisa já celebre e já temida das insignias consulares: S. P. Q. R. «Senatus Populus Que Romanus» que bem se pode dizer a das quatro consoantes»?!

Deixemos os commentarios, que bem pode ser que o sr. Pereira de Lima tenha escripto unicamente para divertir. E n'este caso apenas um reparo fazemos: que este volume não pertença á interessante collecção da *Bibliothèque Rose*, para illustração dos meninos curiosos.

*

Mas se pelo lado historico julgamos a obra detestavel, outros aspectos lhe encontramos que a tornam sympathica e attrahente.

Hannibal e Napoleão é um d'estes volumes que o *dilettanti* sempre esfolheará com um certo prazer. O formato é elegante e as gravuras, na sua maior parte re-

produções de medalhas, de bronzes e de quadros antigos, não traduzindo a realidade servem contudo para conduzir o leitor a um certo estado de suggestão sempre necessaria na leitura de livros de impressões, com este o é. A plastica geral do livro, pondo de parte umas tantas catturricas na linguagem e a forma estheticamente desagradavel de intervalar os periodos, é bastante favoravel. Mas o que verdadeira sympathia alli nos provocou, foi o enthusiasmo sincero, a vida meridional que o rodeia.

As duas bellas figuras do Barca e de Bonaparte foram tractadas com um carinho e uma paixão hoje bem raros no meio sceptico e indifferente em que vivemos. O auctor, segundo a obra deixa perceber, é uma individualidade capaz de abraçar convictamente uma ideia, de a seguir ao extremo. Foi esta qualidade, ethicamente tão apreciavel, o maior peccadilho do historiador, a razão de tantas falhas no seu livro.

Um adversario temivel ou um amigo devotado se vivesse nas epochas dos grandes conflictos, o sr. Pereira de Lima, aborrecido pela chata indifferença dos nossos tempos, recolheu-se ao passado. Militou então nas hostes de Hannibal e mais tarde, odiando Pitt, foi combater com o imperador em Waterloo, pingue de rancores contra Albion. Os seus chefes foram exclusivamente os seus heroes.

Mas porque não parou o sr. Pereira de Lima ao passar pela Tavola Redonda? Porque razão deixou em branco esses tempos e esses gigantes cuja nebulosidade tanto se presta á phantasia? Que motivos o levaram a não cultivar esse bello romance? Alli encontraria, certamente dentro do seu feitio, parallellos bem mais logicos e mais faceis de fazer do que o de Hannibal e Napoleão.

F. COSTA-CABRAL.

CORREIO

O Anno Scientifico e Industrial — Principaes descobertas scientificas de 1904, por Amadeu de Vasconcellos. Edição profusamente illustrada — 2.º anno — Porto, 1905.

Eeis o segundo volume de conscienciosa colleção dos assignalaveis factos scientificos que o saber moderno produziu no decurso d'um anno.

Sabida a competencia erudita e as qualidades de investigação de Mariotte é de calcular o intenso interesse que este novo repositório suscitará.

Registamos com vivos agradecimentos o offerecimento do exemplar de que tencionamos fallar novamente.

Os filhos de Ignez de Castro — Romance historico por Faustino da Fonseca e Joaquim Leitão — Livraria Tavares Cardoso — Lisboa, 1905.

Accusando a recepção e agradecendo aos seus auctores a offerta do livro promettemos, desde já, mais demorada referencia n'um dos proximos numeros.

Autobiographia de Camillo Castello Branco. — Publicada e prefaciada por F. Tavares Proença. — França Amado, editor — Coimbra, 1905.

Recebemos um exemplar d'este trabalho tão sympathico para todos os que amam e veneram a memoria gloriosa do genial solitario de Seide. Com os nossos agradecimentos ao sr. Tavares Proença pela amabilidade da offerta a promessa de uma apreciação.

Syphilis — Conferencia por Virgilio Baptista — Imprensa de Libanio da Silva — Lisboa, 1905.

Exposição concisa sobre a assoladora doença venerea, sua gestação, seus effeitos, sua perniciosa latidade e respectivos meios prophylaticos. Agradecimentos.

O Instituto — n.º 3 a 6 do volume 52 — Coimbra, março a junho de 1905.

Cumprê pôr em relêvo a continuação do proficiente estudo — *Fontes dos Lusíadas* — do Dr. José Maria Rodrigues, e a notabilissima controversia sobre um ponto d'este trabalho, firmada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que n'ella deixa mais uma vez confirmados o seu profundo saber, a sua vastissima erudição e a sua agudeza critica. A insigne escriptora no seu artigo — *Lucins Andraes Resendius* — confere a honra do inventor do termo *Luzíadas* ao illustre André de Resende contradictando assim o Dr. José Maria Rodrigues que a attribue a Jorge Coelho.

Ha a especificar ainda — *Simplificação da orthographia*, — pelo Dr. Gonçalvez Guimarães e a — *Noticia de alguns arabistas e interpretes de linguas africanas e orientaes* — pelo sr. Sousa Viterbo que é mais um interessante e prestimoso subsidio aos estudos historicos do paiz que já tanto devem ao inexgottavel investigador.

A Revista — n.º 12 — Porto, junho de 1905.

Mas um numero valioso d'esta publicação tão modesta quão notavel. Abre com um artigo de Cervaens y Rodríguez sobre Cervantes. Segue-se a collaboração do sr. Joaquim de Vasconcellos de amplo destaque pelo assumpto em que elle pontifica, de direito, em Portugal, referindo-se ao *Mosteiro da Batalha e projectos de Restauração das Capellas Imperfeitas*; n'este artigo o sr. Vasconcellos reduz aos verdadeiros termos o valor do allemão Haupt. *A Revista* insere ainda prosa do sr. Bulhão Pato e versos do sr. João Penha. Com este numero finda o segundo volume.

Alerta — Revista mensal de propaganda livre — n.º 5 — Barcellos, junho de 1905. Com o mesmo interesse dos anteriores na sua attitude sympathica. Summario:

Alma Nova;

Baptismo (versos), *G. Junqueiro*;

Os Novos Apostolos, *Pedro Kropotkine*;

Um pensamento de Borges Carneiro, *Alfredo Gallis*;

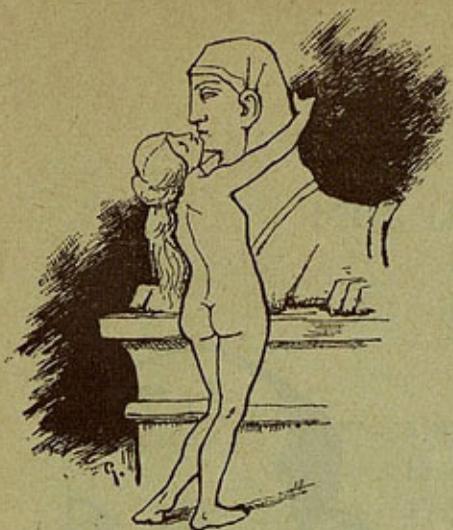
A propriedade e o socialismo, *Illenatnom*;

Calendario historico — Archivando — Extractos e pensamentos de individualidades nacionaes e estrangeiras.

Lu7 e Vida — Revista de Sociologia, critica e arte — n.º 4 e 5 — Porto, maio e junho de 1905.

A especialisar: *A não existencia de Deus*, por L. Buchner e os artigos de Carlos Malato, Gorki e Campos Lima.

Insere ainda magnificos retratos de Kropotkine, Campos Lima e Buchner, sendo este ultimo feito pelo nosso primoroso collaborador artistico Christiano de Carvalho.



N.º 9

JULHO — 1905

ARTE & VIDA

SUMMARIO

- Felix Le Dantec — *João de Barros*.
Introduction à la pathologie générale — *Felix Le Dantec*.
Elogio da redondilha — *Afonso Lopes Vieira*.
Desenhos e aneddotas de João de Deus — *M. Teixeira Gomes*.
Luz perdida — *João de Deus Ramos*.
O poeta da raça — *Nunes Claro*.
Livros — *Manuel Monteiro*.
Um desenho de *Christiano de Carvalho*.
-

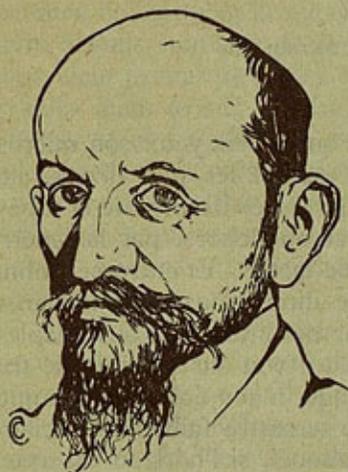
Nos proximos numeros publicar-se-hão :

Versos de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Silvio Rebello, Nunes Claro, Manoel da Silva Gayo, Luis-Francisco Bicudo, etc.

Prosa de Rocha Peixoto, Bazilio Telles, Antonio A. Gonçalves, Annibal Fernandes Thomaz, Alvaro de Castro, Padre Manso, etc.

Desenhos de Christiano de Carvalho.

FELIX LE DANTEC



Acompanhando um artigo inédito d'este homem de sciencia, gloria da França e de toda a raça latina, a *Arte & Vida* insere hoje o seu retrato — como homenagem ao seu genio e como agradecimento sem valor á sua collaboração valiosissima. Queria dizer alguma coisa das suas extraordinarias faculdades de pensador, do seu espirito agudo e sereno, da sua logica profunda e indestructivel; mas trabalhos d'outro genero não me permitem fazê-lo agora; ficará para um numero proximo a realização d'este desejo, com a promessa de um estudo consciencioso e largo.

JOÃO DE BARROS.

INTRODUCTION À LA PATHOLOGIE GÉNÉRALE

PRÉLIMINAIRE

CHIMIE, PHYSIQUE, ÉQUILIBRE & PATHOLOGIE

Par une nuit constellée, le savant qui quitte des yeux son microscope voit en un instant la nature sous les aspects les plus divers, aux échelles les plus différentes. Il vient d'observer des bacilles de la tuberculose englobés dans une cellule géante, et au dehors, par la fenêtre du laboratoire, il aperçoit un coin de la voie lactée. Et entre cet infiniment grand et cet infiniment petit, que de dimensions intermédiaires, séparées néanmoins les unes des autres par des intervalles formidables! D'abord tout près de lui, il voit ses mains, il voit sur sa table de travail les objets familiers qui sont à son usage, à son échelle d'homme. Puis, levant la tête, il admire un paysage terrestre faiblement éclairé par les astres de la nuit, paysage auprès duquel, si l'horizon est assez vaste, il est lui-même aussi petit que ce microbe par rapport à un homme. Là-bas, la lune qui va se coucher derrière la montagne, produit l'effet d'un ballon d'enfant et cependant combien faudrait-il de montagnes entassées pour égaler son volume? Dans le ciel, des constellations dont chaque point lumineux nous fait connaître un monde qui contiendrait des millions de lunes, et enfin la voie lactée formée de milliards d'étoiles.

L'homme voit tout cela presque en même temps, du même œil indifférent et incapable d'apprécier; mais il peut étendre encore le champ des dimensions constatables. Le microscope employé d'une autre manière, en lumière diffractée, lui fait distinguer dans un colloïde dilué, des points lumineux qui représentent des particules matérielles animées d'un mouvement incessant et rappellent, au mouvement près, ces étoiles que le télescope arrive à séparer dans la voie lactée. Une goutte d'une solution de savon ressemble à la nébuleuse gigantesque.

Là s'arrête le pouvoir de l'œil humain, mais non l'investigation de l'homme. Il a su démontrer d'une manière à peu près irréfutable que ces particules visibles des colloïdes sont encore infiniment plus grandes que les molécules formées d'atomes. Et les atomes eux-mêmes ressemblent à un système solaire dans lequel, autour d'un noyau central graviteraient des corpuscules électrisés d'une masse deux mille fois moindre!

Voilà aujourd'hui les bornes du monde connu de l'homme; l'électron dans l'infiniment petit, la voie lactée dans l'infiniment grand. Et nul n'a le droit d'affirmer que, en dehors des limites accessibles à nos recherches, il n'y a pas un monde plus grand dont notre voie lactée n'est qu'un électron, des mondes plus petits dont nos électrons sont les voies lactées. Nul n'a le droit d'affirmer que les mots *grand* et *petit* ont une signification absolue; nous savons seulement que quelque chose est grand par rapport à l'homme ou petit par rapport à l'homme; nous sommes le centre et la mesure du monde que nous connaissons. Et si nous devons admirer profondément que les découvertes des savants nous aient permis de parler de choses si grandes et de choses si petites, qu'elles aient reculé si loin, dans les deux sens, les bornes de notre empire, nous devons aussi nous défier singulièrement de notre langage qui raconte de la même manière l'histoire des astres et celle des atomes, qui peut même mêler dans une même phrase ces éléments d'échelle si différente et qui nous amène à dire, comme la chose la plus naturelle du monde, que le soleil se cache derrière un nuage ou se couche dans la mer.

L'homme, l'être vivant, est le centre du monde qu'il connaît, il le rapporte à lui et le croit fait pour lui. Du moins, a-t-il le droit d'affirmer que rien de ce qu'il connaît ne lui est indifférent; du moment que je connais quelque chose, c'est que directement ou par l'intermédiaire d'un instrument, ce quelque chose peut agir sur moi, peut jouer un rôle dans ma destinée. Il est vraisemblable que, s'il se produit un mouvement sismique dans une planète gravitant autour de Sirius, cela n'a aucune influence sur l'homme vivant à la surface de la terre, car l'homme ne connaît pas de planète attachée à Sirius; mais si un tel mouvement sismique peut, si faiblement que ce soit, agir sur nous, nous pouvons par là même prétendre à le connaître un jour. De même, un accident analogue arrivant à l'intérieur d'un électron, ou bien est indifférent, ou bien sera un jour accessible à nos investigations.

La manière même dont l'homme *connaît* le monde, permet d'affirmer que tout ce qui lui est connaissable agit sur lui et que d'autre part tout ce qui agit sur lui lui est connaissable; c'est même là la signification la plus large du mot connaître qui revient à «être impressionné, affecté par».

Loin de moi d'idée que l'homme a atteint aujourd'hui les bornes de son domaine; les conquêtes du siècle dernier nous montrent combien ce domaine a été étendu vite et dans quelles directions imprévues! Le spectroscopie a permis l'analyse chimique des étoiles, ce que les esprits les plus hardis déclaraient hautement impossible; J. J. Thomson a mesuré la masse des électrons négatifs qui gravitent dans un atome. Nous ne savons pas où cela s'arrêtera; nous ne connaissons certainement pas encore tous les agents auxquels nous sommes soumis; les

rayons X qui sont si actifs sur notre organisme étaient ignorés il y a quelques années, mais nous pouvons être certains que rien de ce qui agit sur nous ne nous est inconnaissable, et que rien de ce qui nous est connaissable ne nous est indifférent. La connaissane que nous pouvons avoir du monde est à notre échelle et à notre usage; nous sommes le centre de l'univers connu de nous, et si nos investigations peuvent s'étendre si loin dans le sens du très grand et dans le sens du très petit c'est que notre nature est soumise à l'influence de choses qui sont de l'ordre du très-grand et le l'ordre du très-petit.

Nous ne croyons plus, comme nos ancêtres, que notre destinée est inscrite dans les étoiles, et que «les astres s'occupent de nous». Nous sommes devenus plus modestes en devenant plus savants; mais il serait illégitime d'affirmer qu'une chose dont nous pouvons avoir connaissane ne peut être d'aucun poids dans notre destinée. L'observation d'une telle particularité du ciel constellé peut déterminer dans l'un de nous une association d'idées qui l'amènera à une action décisive.

On ne peut connaître l'homme que si l'on connaît tout ce qui est capable d'agir sur l'homme; j'avoue d'ailleurs, en dépit des exemples que je viens de prendre dans l'astronomie, que les facteurs d'actions les plus importants dans la vie de l'homme se trouvent plutôt dans l'ordre du très petit que dans l'ordre du très grand, et cependant, si la voie lactée n'a pas pour nous autant d'importance que le microbe de la fièvre typhoïde, il ne nous est pas indifférent de savoir quelles sont les positions successives de la Terre par rapport au soleil et de prévoir l'ordre des saisons grâce à l'expérience de nos ancêtres. Mais il y a une différence entre notre connaissane du très grand et notre connaissane du très petit, c'est que notre prévision des mouvements des astres nous permet seulement de nous précautionner contre leurs conséquences sans agir sur elles, tandis que nous pouvons préparer nous-mêmes l'avenir en tant qu'il s'agit des microbes, par exemple, que nous savons détruire ou cultiver pour notre usage personnel.

Ces considérations un peu générales, il faut l'avouer, au début d'une étude de pathologie, ne sont pas aussi étrangères qu'elles le paraissent à ce qui fera le sujet de cet ouvrage. Non seulement il était bon de montrer dès le début combien les conquêtes de toutes les sciences sont utiles à celui qui veut pénétrer les secrets de la nature vivante; il était nécessaire de faire aussi un tableau rapide des diverses échelles de la connaissane humaine, pour pouvoir localiser dans cette échelle les phénomènes caractéristiques de la vie.

Ces phénomènes chimiques dans leurs résultats, sont chimico-physiques dans leurs moyens; leurs moyens appartiennent à cette zone intermédiaire à la physique et à la chimie que l'on appelle aujourd'hui chimie-physique, et, chose assez imprévue sans doute, ce sont surtout des considérations empruntées à l'astronomie qui permettront d'imagi-

ner un modèle commode pour l'interprétation des manifestations de la vie élémentaire.

*

L'être vivant occupe une certaine place dans le monde; il est limité par un contour déterminant ce, qu'on appelle sa forme, et quoiqu'étant en relations d'échanges perpétuels avec le milieu ambiant, quoiqu'participant par ces échanges, à tous les phénomènes du milieu; il est, dans ce milieu dont il fait partie, une chose à part.

La surface qui limite mon individu divise l'univers en deux parties entièrement distinctes à mon point de vue: l'une qui m'est intérieure, l'autre qui m'est extérieure.

Il y a bien, je viens de le dire, des échanges incessants entre ces deux parties du monde, mais entre les éléments de mon intérieur, il existe des relations spéciales, une continuité particulière, une communauté d'intérêts, qui n'existent pas entre les éléments extérieurs.

Je sens, je connais.

Je suis au courant de ce que j'appelle mes sensations, de ce qui se passe au dedans de moi, et cela d'une manière toute spéciale, dans un langage tout différent de celui dans lequel je connais ce qui m'est extérieur; c'est ce qu'on appelle le langage subjectif. En réalité même, je ne connais que cela; je ne suis au courant que de cela; mais grâce à l'expérience de mes ancêtres, expérience qui se poursuit depuis l'apparition de la vie et qui se transmet héréditairement sans cesse avec ses aspects nouveaux, je sais séparer dans cet ensemble complexe de sensations celles qui sont le résultat d'échanges direct entre l'extérieur et moi, échanges physiques ou chimiques indispensables à l'entretien de ma vie dans le milieu.

Grâce à cette particularité, j'ai une certaine connaissance de l'état actuel du milieu qui m'entoure, et cela dans un langage spécial adéquat à mes besoins. Mais chacun de mes congénères, ayant les mêmes ancêtres et la même hérédité spécifique que moi, a du monde qui lui est extérieur, une connaissance analogue *dans le même langage*; ce langage est le langage objectif. Étant doués de parole articulée, nous savons nous communiquer nos découvertes relatives à ce monde ambiant dont la connaissance nous est indispensable pour vivre; nous pouvons même faire des comparaisons, des *mesures* et nous arrivons ainsi à créer un langage objectif parfaitement impersonnel qui est le langage scientifique.

Relativement à ce que nous éprouvons au sujet des événements qui nous sont intérieurs, nous pouvons bien aussi échanger des opinions avec nos congénères, mais l'objet dont nous parlons n'est pas, dans ce cas, accessible à la mesure; notre langage ne saurait devenir imperson-

nel avec la même précision que lorsqu'il s'agit des phénomènes de l'ambiance; la psychologie reste en dehors des sciences exactes.

Il y a cependant des éléments mesurables objectivement pour nous-mêmes dans notre personnalité; nous pouvons connaître notre taille, notre poids, la température des divers points de notre corps etc., etc. Les variations de ces divers éléments mesurables, constatables objectivement, sont ce qu'on appelle les symptômes de nos maladies; nous en parlerons avec quelques détails à propos de la définition même de la maladie.

Mais il est bien certain que ces mesures, si précises qu'elles soient, ne sont qu'en relation très lointaine avec ce que nous éprouvons intérieurement. Nous ne savons pas encore représenter par des nombres les phénomènes qui se passent en nous lorsque nous pensons, par exemple, à l'inégalité des conditions sociales. Et cependant la constatation de plus en plus précise du déterminisme biologique nous amène à cette certitude qu'il y a un parallélisme rigoureux entre la psychologie et la physiologie et que ces deux langages racontent les mêmes faits; malheureusement, la physiologie ou étude objective des phénomènes vitaux est encore trop peu avancée pour que nous sachions traduire nos phrases psychologiques en phrases physiologiques équivalentes. Tant que nous ne le saurons pas, la psychologie, malgré ses progrès, restera en dehors des sciences exactes.

Pour les corps non vivants, pour les corps autres que nous, la même difficulté n'existe pas, mais cela tient seulement à ce que nous n'avons qu'un seul moyen de les étudier, la méthode objective.

Nous faisons de la physique et de la chimie sans songer à nous demander si les corps que nous manipulons sentent, dans un langage qui leur serait propre, ce qui se passe en eux; cela nous est indifférent puisque, dans tous les cas, ils ne pourraient pas nous le dire; une telle question ne nous intéresse que quand il s'agit de nos semblables. Peut être, un jour, lorsque la physiologie sera assez avancée, pourra-t-on traduire en langage objectif certaines phrases psychologiques; on pourra peut-être établir un parallélisme rigoureux entre telle sensation et telle transformation physico-chimique d'un élément vivant; et alors, par induction, on pensera sans doute, sans songer à le vérifier jamais, qu'à telle réaction chimique brute, correspond telle sensation moléculaire; mais ce sera là une satisfaction purement platonique et sans aucune portée; l'expérience prolongée de nos ancêtres et de nous-mêmes nous a appris en effet que les phénomènes de la nature brute sont *déterminés* par leurs conditions et que, par conséquent, les sensations qui accompagnent ces phénomènes, s'il en existe, n'ont aucun intérêt pour nous.

Ces sensations n'ont d'intérêt que lorsqu'il s'agit des phénomènes mêmes dont notre personnalité est la résultante; c'est parce que ces sensations existent en nous que la pathologie intéresse l'espèce humaine;

s'il n'y avait ni joie ni douleur, l'étude des maladies nous laisserait parfaitement indifférents. Il serait donc du plus haut intérêt pour nous de savoir que telle réaction est agréable, telle autre douloureuse; je le répète, l'étude objective des choses n'est pas encore assez avancée pour que nous puissions traduire ainsi le langage physiologique en langage psychologique; nos expériences se font d'ailleurs sur des animaux qui ne nous communiquent pas leurs sensations et l'on peut dire que, aujourd'hui, le but de la médecine est de prévoir autant que possible, et d'éviter par tous les moyens humains, non pas la douleur, mais la mort. L'étude des analgésiques, des anesthésiques, ne constitue qu'un canton très restreint de la pathologie; dans beaucoup de cas, on laisse le malade souffrir sans s'en préoccuper beaucoup, même si la souffrance est intolérable comme celle d'une rage de dents, pourvu que la vie ne soit pas en danger.

«Plutôt souffrir que mourir,

«c'est la devise des hommes.»

dit le fabuliste, et cela suffit à expliquer que la pathologie soit une science objective, quoique son intérêt existe surtout dans la subjectivité des phénomènes pathologiques. La douleur intéresse le malade, mais pas le médecin.

Les expériences sur les animaux se terminent par la mort ou la guérison, résultats constatables indépendamment de toute considération sur les sensations des patients et cette insensibilité de l'opérateur a ému certains altruistes au point d'amener la création de ligues antivivisectionnistes.

Les échanges de l'organisme avec le milieu ont un double résultat : entretenir la vie de l'organisme, et lui donner une certaine connaissance des objets voisins.

Ceux des échanges qui ont pour résultat de renseigner l'individu sur son ambiance se font à travers des surfaces spéciales appelées surfaces sensorielles; il y a des sens variables chez les différents animaux; nous ne connaissons bien que ceux de l'homme. On dit ordinairement que l'homme a cinq sens, mais cette affirmation n'a pas de valeur, si l'on tient compte de la nature des renseignements recueillis à travers chacun d'eux; il suffit de réfléchir un instant pour constater que l'oeil, par exemple, nous donne deux sortes de renseignements, irréductibles l'une à l'autre, indépendantes l'une de l'autre; il nous fait connaître la *forme* des corps et leur *couleur*. Le toucher nous renseigne sur la forme, sur la rugosité, sur la température, trois qualités également irréductibles et indépendantes; il nous renseigne même dans certains cas sur

l'état électrique des objets. L'oreille nous apprend la hauteur des sons, leur amplitude et leur timbre (1). Seuls le nez et la langue ne nous donnent pas de renseignements multiples, ils nous apprennent seulement le goût et l'odeur des corps, mais les chiens qui ont un nez plus parfait savent localiser dans l'ambiance le point d'où partent les émanations odorantes. Nous sommes naturellement amenés à classer les phénomènes extérieurs d'après la manière dont ils nous sont connus, et l'on peut dire que la première classification des sciences a été la classification sensorielle.

Nous avons étudié, au moyen de nos yeux qui sont les plus parfaits de nos sens, les formes et les variations des formes, point de départ de la géométrie, de la mécanique et de l'astronomie; mais à côté de cette science des formes existait la science de la couleur. Les renseignements provenant du tact sont venus compléter ceux de la vue relativement à la forme, et nous ont permis, en outre, de créer deux autres sciences, celle de la température et celle de la rugosité; de même l'oreille nous a permis de créer des sciences différentes, etc. Mais en passant en revue ces diverses sciences nous sommes amenés à grouper ensemble cinq d'entre elles quoique les renseignements correspondants ne semblent guère réductibles l'un à l'autre au premier abord; ce sont la science de la couleur, celle du timbre, celle de la rugosité, celle de l'odorat et celle du goût.

On pourrait dire que ces cinq groupes de renseignements ont été le point de départ de la chimie. Mais la chimie ainsi définie différencierait par beaucoup de points de la science à laquelle nous donnons aujourd'hui ce nom. Il est d'ailleurs bien difficile de définir la chimie, et il se trouve que, précisément, la plupart des problèmes de la pathologie poseront pour nous la question de savoir si tel phénomène est de nature physique, tel autre de nature chimique.

Voici un objet rugueux; je lui donne un coup de rabot; sa rugosité a changé, et peut-être aussi sa couleur, mais ordinairement son timbre, son goût et son odeur se sont conservés. Je ne dirai pas que j'ai exécuté une opération chimique quoique j'ai changé au moins l'une des *quaités* par lesquelles je reconnaissais la nature de l'objet; je dirai que j'ai agi mécaniquement.

Pourquoi?

Parce que l'opération grossière du coup de rabot, j'ai pu la suivre des yeux; je puis la raconter dans le langage relatif aux formes des corps extérieurs; je puis ramasser les copeaux et me convaincre que c'est leur ablation qui a produit la modification observée. Il y a là une question de dimension, et cette question de dimension est importante. Je suppose en effet que j'ai dans un vase un sable formé de petites par-

(1) et aussi, quoiqu'avec peu de précision, l'endroit d'où vient le son.

ticules rugueuses et que, par une opération quelconque, j'arrive à réaliser un frottement suffisant de ces particules les unes contre les autres de manière qu'elles deviennent polies; il se pourra que chaque particule, observée au microscope, ait subi des transformations analogues à celle du morceau de bois raboté; mais si je n'ai pas de microscope et si les particules sont assez petites, je pourrai être bien embarrassé pour raconter le phénomène.

Est-il toujours d'ordre mécanique ?

Un nain qui serait, par rapport à chacune de ces particules ce que je suis par rapport au morceau du bois raboté, pourrait l'affirmer s'il avait suivi le phénomène comme j'ai suivi le rabotage du bois. Mais ce sera de la mécanique de nain, ce ne sera plus la mienne; je ne pourrai plus suivre le détail du phénomène au moyen de mon organe de la vision des formes. Je pourrai seulement constater des changements dans la couleur de la poudre, dans son aspect au contact, peut-être même dans son timbre, dans le crépitement que feront ses grains en se heurtant les uns les autres. J'aurai déjà une tendance à considérer le corps comme ayant changé de *nature*, entendant sous ce mot vague l'ensemble des caractères auxquels je le reconnais par mes moyens personnels.

Si cependant je retrouve le goût et l'odeur du corps primitif, je penserai que mes autres sens sont trop grossiers et que j'ai le droit de conserver le même nom à cette poudre, quoique, pour trois de mes sens elle ait changé. Le goût et l'odorat sont ce que nous pouvons appeler à proprement parler nos sens chimiques; c'est en eux que nous avons le plus de confiance pour déterminer la *nature* des corps indépendamment de leur forme.

Lors donc qu'à la suite d'une opération quelconque, le goût et l'odeur d'un corps auront changé, nous serons enclin à dire que la nature du corps a changé, ce qui voudra dire simplement que son action sur nos sens est différente, car nous ne saurons pas raconter par le détail, les transformations qu'il aura subies. Et si nous n'avons pas d'autre moyen d'investigation que ceux dont nous venons de parler, nous pourrions nous *imaginer* tout ce que nous voudrions au sujet de ces transformations.

Nous pourrions croire, par exemple, que pour des nains assez petits, ces transformations seraient encore d'ordre mécanique et susceptibles d'être racontées dans le langage de la vision des formes, mais nous pourrions croire aussi qu'il n'en est rien et que la transformation des objets considérés a le même aspect «chimique», même pour des nains aussi petits qu'on voudra, que les *qualités* qui séparent le nouvel objet de l'ancien ne sont pas réductibles à des phénomènes mécaniques. Si nous étions réduits à nos «sens chimiques» pour étudier les phénomènes, notre imagination pourrait à ce sujet se donner libre carrière; nous serions là dans le domaine de l'hypothèse pure.

Au lieu de raboter mon morceau de bois, je le brûle; il devient un morceau de charbon qui en diffère au point de vue n'importe lequel de mes sens chimiques. Que s'est-il passé? Je n'en sais rien; je n'y ai vu que du feu; mais sans plus ample connaissance des faits je n'hésite pas à dire qu'il y a eu là phénomène chimique, et en cela je ne m'engage à rien si je définis phénomènes chimiques ceux qui modifient l'aspect des corps relativement à mes sens chimiques.

La science de la chimie serait restée bien pauvre si les hommes n'y avaient employé que leurs moyens primitifs, leurs sens chimiques; il en est de cela comme de toutes les autres sciences, celle de la chaleur, par exemple, qui n'a dû son développement qu'à l'abandon comme moyen d'investigation du sens thermique de l'homme. On a appliqué à l'étude des phénomènes dits chimiques la balance, le thermomètre et le goniomètre, et, grâce à ces instruments de mesure, on n'a plus besoin de recourir à l'emploi des sens chimiques, mais alors la définition de la chimie devient une chose très difficile, si l'on ne fait pas d'hypothèse, et en effet à notre époque, on ne sait plus distinguer rigoureusement la physique de la chimie par un caractère macroscopique vraiment solide.

Mais, depuis plus d'une demi-siècle, une hypothèse s'est introduite dans la science, hypothèse si féconde quant aux phénomènes chimiques, que nous ne saurions plus aujourd'hui nous en passer pour les raconter.

C'est l'hypothèse atomique.

Nous croyons aujourd'hui qu'un corps homogène quelconque, un corps pur, comme disent les chimistes, serait pour un nain assez petit, formé d'un ensemble de *molécules* toutes identiques; ce seraient les caractères de cette molécule qui définiraient ce que nous appelons la nature de la substance considérée. Chaque molécule serait formée d'atomes; le nombre, la nature et la disposition des atomes qui entrent dans la constitution d'une molécule détermineraient la nature chimique de la molécule. Et il y aurait autant d'espèces d'atomes qu'il y a de ce que nous appelons *les corps simples* dans le monde.

Entre ces atomes existeraient donc des différences de *qualités* analogues à celles que nous constatons directement entre les corps chimiques différents et qui nous paraissent irréductibles à notre échelle d'homme; tout est question d'échelle et c'est pour cela que j'ai commencé cette préface par la considération des diverses échelles accessibles à l'homme.

Mais les savants ont été encore plus loin; ils se sont demandés si, pour des nains encore plus petits, les prétendues *qualités* des atomes ne se ramèneraient pas à quelque chose qui soit du ressort de la mécanique du mouvement visible, et la découverte des rayons cathodiques, les travaux de J. J. Thomson et d'autres physiciens modernes semblent leur avoir donné raison. Aujourd'hui les plus avancés des physiciens considèrent l'atome comme formé d'un noyau central autour duquel

gravitent des éléments plus petits électrisés négativement, des électrons. Et il est possible que les *qualités* des atomes différents résultent simplement du nombre, de la disposition, de la distance respectives d'électrons tous semblables et de leur noyau central. De sorte que, au bas de l'échelle des dimensions accessibles à l'homme on retrouverait l'image de ce qui s'observe à l'autre bout, dans le très grand; un atome serait dans un certain point de vue, analogue au système solaire entouré de ses planètes.

Cette conception a une grandeur qui frappe l'imagination; lorsqu'elle sera définitivement établie, et il semble que cela ne doive pas tarder, on pourra prendre ces éléments très petits comme point de départ pour la narration de tous les événements du monde, et même de ceux qui, directement connus de nous, ressortissaient à la mécanique du mouvement visible. Tout phénomène se ramènerait en effet, en dernière analyse, à des destructions d'atomes par ablation d'électrons (rayons cathodiques), à des destructions de molécules formées d'atomes (phénomène chimique); à des variations dans les dispositions des molécules d'un corps, les uns par rapport aux autres, variation, par exemple, dans les distances des molécules (dilatation des corps par la chaleur) etc. etc. Les divers phénomènes différencieraient donc par la *dimension* des objets entre lesquels se produisent des variations et il y aurait toute une série de phénomènes de grandeur décroissante depuis les phénomènes astronomiques jusqu'à l'émission des rayons cathodiques.

L'admirable loi de Newton qui se vérifie en même temps dans l'histoire des planètes, dans celle de leurs satellites, et pour la chute des corps à la surface de la Terre, s'applique aussi en astronomie stellaire ainsi que l'a prouvé l'étude des étoiles doubles. Et rien n'est plus satisfaisant pour notre esprit que cette condensation en une formule unique de phénomènes si différents par leur ordre de grandeur.

Il ne paraît pas que cette même loi continue de s'appliquer, du moins en restant identique à elle-même, aux relations entre les éléments plus petits, mais elle nous fournit néanmoins un modèle précieux, et dans l'hypothèse atomique, nous avons une bonne définition de la chimie, suffisant du moins pour l'objet qui nous occupe ici: les phénomènes chimiques résident dans des destructions ou des constructions d'édifices moléculaires. Cela localise la chimie dans l'échelle des grandeurs accessibles, directement ou indirectement aux investigations de l'homme.

Encore faut-il remarquer que la chimie, localisée dans cette échelle des grandeurs, n'est pas entièrement définie par cela même; s'il peut se produire dans le même ordre de dimensions, des mouvements vibratoires ou autres qui ne détruisent pas et ne construisent pas des molécules, ces phénomènes sont d'ordre physique, comme les phénomènes de chaleur, de lumière, etc. Un phénomène chimique est caractérisé par une transformation de quelque chose qui a le caractère d'un

édifice, de quelque chose que nous pouvons définir et reconnaître et qui a un aspect stable. C'était à cela que l'on caractérisait autrefois les phénomènes chimiques; tandis qu'un corps peut se réchauffer et se refroidir successivement un grand nombre de fois, les réactions chimiques avaient l'apparence de quelque chose qui, partant d'un état donné, s'arrêtait ensuite à un autre état également donné, à travers les périodes de trouble appelées périodes de réaction chimique; et le chimiste se contentait d'étudier l'état final des réactions après en avoir déterminé l'état initial.

La découverte de la dissociation a modifié cette conception commune.

A partir d'une certaine température, du carbonate de chaux placé dans une enceinte close est à la merci des variations de pression de l'acide carbonique superposé; si la pression augmente, il se forme du carbonate de chaux, si elle diminue, il s'en décompose; cela est tout à fait comparable au phénomène physique de l'évaporation de l'eau dans une enceinte close, à une température donnée. La seule différence est que, dans le premier cas, il y a destruction ou construction de molécules de carbonate de chaux, dans le second cas il y a seulement des variations dans la disposition relative des molécules d'eau qui, au point de vue chimique, restent intactes. Et aussi ce caractère de stabilité auquel nous aurions pu reconnaître les résultats des réactions chimiques, nous fait immédiatement défaut. Nous ne pouvons définir la chimie que par la construction et la destruction d'édifices moléculaires *plus ou moins stables*, suivant le cas.

Mais il reste néanmoins ce caractère de dimension qui fait que nous nous entendons suffisamment au sujet des phénomènes chimiques. Or, il y a toute une catégorie de corps de la nature, les corps colloïdes, qui paraissent réaliser à un certain point de vue, une sorte de chimie de *dimension supérieure*, et par conséquent différente de la chimie vraie, puisque la question de dimension est fondamentale dans la définition de la chimie; et cette catégorie de corps est d'autant plus importante pour nous que tous les corps vivants en font partie; nous les étudierons donc avec quelque détail dans cet ouvrage, nous verrons par exemple que les éléments qui les constituent sont assez gros pour être sinon étudiés, du moins aperçus au microscope, tandis qu'il est bien certain qu'on ne verra jamais les molécules chimiques.

*

Dans un corps colloïde il faut distinguer deux composants au moins: un liquide ordinaire dans lequel baignent des particules séparées les

unes des autres. Je suppose, par exemple, que ces particules soient de petites sphérules d'un liquide différant chimiquement du premier et non miscible avec lui; nous en avons un exemple grossier dans le lait dont les globules gras plongent dans un liquide sucré; mais les globules des colloïdes sont beaucoup plus petits que les globules gras du lait. On conçoit aisément que, avec deux liquides chimiquement définis, on puisse réaliser plusieurs colloïdes différents, les différences résidant dans la dimension des corpuscules, dans leur écartement, dans telle autre particularité de groupement ou d'assemblage.

Les propriétés d'un colloïde dépendront donc, non seulement de la nature chimique des composants, mais encore de ce qu'on peut appeler son «état colloïde», c'est-à-dire de toutes les particularités notables à l'échelle des globules qui le constituent. Et il pourra se manifester dans ces états colloïdes des caractères de stabilité (1) qui les rapprocheront d'un corps défini chimiquement. C'est à ce point de vue que les colloïdes peuvent être considérés comme appartenant à une chimie de dimensions supérieures.

Toutes les fois que dans un colloïde une transformation se produira, nous devons nous demander si elle résulte simplement d'une modification dans l'état colloïde ou si elle correspond à un phénomène réellement chimique; en d'autres termes, si elle ressort à la mécanique du mouvement visible pour des nains de la dimension des globules ou pour des nains de la dimension atomique. Ce sera là la question primordiale dans tous les problèmes de physiologie ou de pathologie.

Dans le premier cas, nous dirons que le phénomène est physique; dans le second cas, seulement, nous le déclarerons chimique puisque la chimie est l'étude des constructions et des destructions d'édifices moléculaires. Et l'on comprend combien pourront être importants les phénomènes du premier groupe, surtout quand il s'agira de l'action de corps vivants sur d'autres corps vivants, c'est-à-dire de colloïdes sur des colloïdes. Notre sens du goût, par exemple, qui nous paraît être le plus sérieux de nos sens chimiques pourra s'y tromper; il est constitué par des substances colloïdes, et par conséquent il sera sensible à l'état colloïde des substances qu'il est chargé d'analyser; il pourra nous indiquer des différences entre deux colloïdes chimiquement identiques et ne différant que par leur état physique. De sorte que le dernier lien de la chimie avec son origine sensorielle s'évanouit; la chimie n'est plus définie que par ses dimensions; nous n'avons pas de sens purement chimique.

Non seulement les substances vivantes, mais même tous les liquides de notre organisme sont des colloïdes; on conçoit donc l'import-

(1) C'est cette stabilité des caractères de l'état colloïde que nous étudierons plus tard sous la dénomination d'hérédité physique.

tance de l'état colloïde dans la pathologie. Cela n'empêche pas que la manifestation vraiment caractéristique de la vie soit d'ordre chimique; la vie se distingue des autres phénomènes naturels par la fabrication de composés chimiques définis, identiques à ceux qui préexistent dans le corps vivant; mais, de même que chaque corps chimiquement défini a des propriétés *physiques* bien déterminées, de même l'existence même des substances vivantes capables d'assimilation est liée à l'état colloïde. Les réactions physiques produisent des phénomènes physiques et les interventions physiques déterminent des réactions chimiques; de même, pour ces substances spéciales que nous appelons vivantes, il y a des relations de cause à effet entre les réactions chimiques et les variations d'état colloïde et réciproquement; par exemple des êtres vivants de même espèce, c'est-à-dire ayant la même composition chimique ont, dans les mêmes conditions, la même *forme* individuelle, forme qui est évidemment en relation plus directe avec l'état colloïde réalisé aux divers points de l'individu, qu'avec la structure moléculaire des substances vivantes.

L'étude de tous les phénomènes *de détail* en biologie se ramène à celle des relations réciproques de l'état colloïde et des phénomènes moléculaires, mais les phénomènes d'ensemble se traduiront toujours nettement dans le langage de la chimie pure; la vie est un phénomène chimique si ces moyens sont d'ordre colloïde ou physique.

Les considérations précédentes suffisent donc à localiser la vie dans l'échelle des phénomènes connus de l'homme. Elle est, pour ainsi dire, à cheval sur la chimie et sur la physique des colloïdes; mais elle est, dans son essence, de l'ordre des phénomènes chimiques; il y a en effet des colloïdes qui ne sont pas vivants, tandis que tous les corps vivants et eux seuls sont doués d'assimilation, propriété nettement chimique qui se traduit par des constructions moléculaires.

On emploie beaucoup en médecine et en physiologie le mot *équilibre*, mais on lui donne des sens variables suivant les phénomènes que l'on doit raconter. En particulier, cette expression est d'un usage courant quand il s'agit de comparer l'état de santé et l'état de maladie. Or, pour beaucoup de physiologistes cette manière de parler éveille seulement et d'une façon assez vague le souvenir de la balance. Il importe de lui donner un sens plus précis, car c'est précisément dans l'emploi raisonné du mot *équilibre* que l'on peut trouver la formule la plus générale des phénomènes de maladie et d'immunité consécutive à la maladie.

Voici une balance qui est au repos ; si le fléau est horizontal et si la balance est juste, on en conclut que les deux masses qui sont placées sur les deux plateaux sont égales ; c'est là l'origine étymologique du mot équilibre. Mais ce mot peut se généraliser aisément. Si la balance est au repos avec un fléau oblique, on dit encore qu'il y a un équilibre, mais cet équilibre ne correspond plus à une égalité des masses placées sur les plateaux. La masse située sur le plateau inférieur est plus grande que l'autre, son poids *contrebalance* non seulement celui de la masse placée dans le plateau supérieur mais encore l'effort nécessaire pour maintenir dans cette situation oblique le fléau et ses plateaux, ensemble qui, abandonné à lui-même, prendrait sous l'influence de la pesanteur une position horizontale. On dit donc que le poids du plateau inférieur fait équilibre à l'ensemble formé par le fléau les deux plateaux et l'autre poids, dans la situation où ils se trouvent actuellement.

Dans ces deux cas, le mot équilibre signifie repos, mais il est bien aisé de voir que le mot repos ne correspond pas au mot équilibre.

Je suppose en effet que nous ayons affaire à une balance de Roberval comme celles qui s'emploient dans les épicereries ; je place sur l'un des plateaux un poids de cinq kilogrammes et rien sur l'autre. Le plateau chargé s'abaisse jusqu'à ce que son armature de fer s'appuie au bâtis de fonte de l'appareil. A ce moment, il y a bien encore repos, mais personne ne songera à dire qu'il y a équilibre. Une balance est constituée essentiellement par un fléau *libre* portant deux plateaux et suspendu par un point supérieur à son centre de gravité. Du moment que le fléau est appuyé sur le sol par un autre point, il n'est plus libre, il n'y a plus de balance, il n'y a plus d'appareil à comparer des masses, mais un ensemble au repos qui n'a plus de la balance que la forme.

Au contraire, je reviens à mon premier cas de la balance au repos avec son fléau horizontal et j'imprime à l'un des plateaux une petite impulsion de haut en bas ; l'ensemble se met à osciller de part et d'autre de la position horizontale, et ces oscillations équidistantes de la position horizontale m'enseignent, aussi bien que l'état de repos, l'égalité, des deux masses à comparer ; je dirai donc encore dans ce cas qu'il y a équilibre quoiqu'il n'y ait pas de repos. Je le dirai de même dans le second cas si je provoque de la même manière de petites oscillations autour de la position oblique primitivement réalisée ; seulement je conclurai de la nature des oscillations observées que l'une des masses à comparer est plus grande que l'autre de tout l'effort qui serait nécessaire pour assurer au fléau la position oblique moyenne.

Par conséquent, il peut y avoir équilibre sans qu'il y ait repos et, réciproquement, il peut y avoir repos sans qu'il y ait équilibre. Ce qui importe pour l'observateur c'est qu'il existe une liaison entre le mouvement des deux masses, liaison réalisée par l'art du constructeur, de manière à permettre une comparaison facile de la valeur de ces deux

masses. Voilà déjà une première condition pour qu'il y ait équilibre; il faut que le sort de l'un des objets étudiés soit lié d'une manière quelconque au sort de l'autre objet. Il ne saurait être question d'équilibre entre deux corps indépendants l'un de l'autre. Voilà par exemple, sur ma table de travail un encrier et un porte plume; ils sont l'un et l'autre au repos, mais il ne se font pas équilibre; je puis enlever l'encrier sans que le porte plume bouge et réciproquement.

Revenons à notre balance à l'état d'équilibre fixe ou mobile, autour d'une position horizontale ou oblique; je suppose que j'ajoute à l'un des plateaux une petite masse très-légère, un centigramme, par exemple. Si la balance est suffisamment sensible pour en être impressionnée, et si d'autre part cette surcharge n'est pas suffisante pour que le plateau surchargé vienne toucher le bâtis de l'appareil, j'aurai réalisé un nouvel équilibre, différant très peu du précédent, en ce sens que la position moyenne autour de laquelle oscillera désormais le fléau sera très peu éloigné de la position moyenne autour de laquelle il oscillait avant la surcharge de l'un des plateaux; et, suivant la sensibilité de ma balance, je pourrai choisir une surcharge assez petite pour obtenir que le nouvel état d'équilibre diffère du précédent *aussi peu que je le voudrai*. Une balance parfaite pourrait donner lieu à une suite *continue* d'états d'équilibre; cette continuité des indications sera le second caractère que nous conserverons de l'étude de la balance; il est particulier au cas où le centre de gravité de la balance est inférieur au point de suspension, c'est-à-dire au cas où l'appareil considéré est une véritable balance à l'état d'équilibre stable. Si l'on rendait la balance folle en surélevant son centre de gravité, le seul équilibre possible serait un équilibre horizontal au repos et il suffirait d'une surcharge très petite de l'un des plateaux pour faire chavirer tout l'appareil jusqu'à ce que l'un des plateaux vînt toucher le bâtis de fonte. Ce cas écarté, nous remarquons que les deux particularités essentielles de la balance consistent en ce que :

1.^o — le sort du corps placé dans un des plateaux est lié à celui qui repose sur l'autre plateau, de manière que l'état du repos ou du mouvement de l'ensemble renseigne l'observateur sur le sens de l'inégalité des masses comparées;

2.^o — Si l'on ajoute une quantité très petite à la masse de l'un des plateaux, l'état de repos ou de mouvement de l'ensemble change très peu.

Réduite à ces deux particularités fondamentales, la notion d'équilibre empruntée à la balance peut se généraliser. C'étaient les *masses* des corps qui étaient en jeu dans l'expérience de la pesée; on pourra observer, au lieu des masses, d'autres quantités mesurables comme la hauteur d'un liquide, la température d'un corps, etc., et parler d'équilibre hydrostatique, d'équilibre thermique, d'équilibre électrostatique, etc.

Observons deux vases contenant de l'eau: si ces deux vases ne communiquent pas, il n'y a aucune liaison entre les niveaux du liquide dans chacun d'eux; s'ils communiquent par le fond, leur équilibre se manifestera par l'égalité des niveaux; l'addition d'un peu d'eau à l'un des vases fera monter le niveau dans les deux, d'aussi peu qu'on le voudra. De même il y aura équilibre hydrodynamique entre le niveau de l'eau dans un vase de Mariotte et la parabole décrite par le jet d'eau qui en sort, parce que les caractères de la parabole varient avec la hauteur de l'eau et varient très peu si cette hauteur varie très peu.

Il est donc très facile de généraliser la notion d'équilibre à la plupart des phénomènes physiques connus. La colonne de mercure du baromètre est en équilibre avec la pression atmosphérique, la colonne de mercure du thermomètre est en équilibre thermique avec la température ambiante, etc. Toutes les mesures de la physique exploitent la notion d'équilibre.

On a cru longtemps que la chimie resterait en dehors de cette généralisation à cause de la discontinuité et de l'irréversibilité de ses phénomènes. Je considère un gramme de poudre et un morceau de charbon allumé; tant que ces deux objets sont éloignés l'un de l'autre ils n'ont aucune relation, aucune liaison l'un avec l'autre, si ce n'est une relation thermique de peu d'importance; à mesure que j'approche le tison de la poudre, la relation thermique varie d'une manière continue; jusque là on peut parler d'équilibre physique. Puis, brusquement, lorsque la température de la poudre a atteint une certaine valeur, il se produit un phénomène chimique dans lequel disparaît toute trace de continuité; la déflagration de la poudre produit des substances chimiques très-différentes, en même temps qu'une variation brusque de température, de pression, etc. Et l'on a beau ensuite éloigner le morceau de charbon, la poudre ne revient pas à son état premier suivant la réversibilité ordinaire des phénomènes physiques.

Indépendamment de ses variations physiques d'état, un composé chimique défini peut rester semblable à lui-même jusqu'au moment où brusquement, certaines conditions étant réalisés, ce composé se détruit en réagissant avec d'autres composés et donnant lieu à une transformation irréversible. Pendant tout le temps où aucune réaction chimique ne se produit, le composé chimique conserve une stabilité, une individualité qui frappe l'observateur, il y a en lui un repos apparent, la possibilité d'une production brusque de phénomènes variés; c'est de l'énergie en magasin, latente.

Les corps que nous connaissons stables à la température ordinaire, dans le milieu qui nous est familier, sont précisément ceux qui ont fait naître en nous la notion de chimie. Ces corps, comme le sel, l'eau, l'alcool, le silice, *transportent* avec eux leurs propriétés chimiques à travers les vicissitudes du monde ambiant, tant que ne se présentent pas

pour eux les conditions d'une réaction chimique; nous verrons plus tard combien naturellement cette constatation de la stabilité des corps chimiques familiers a conduit à considérer comme chimiques tous les transports d'activité.

Sainte Claire Deville a le premier jeté un pont entre la physique et la chimie, en montrant que, à partir d'une certaine température appelée température de dissociation, les combinaisons chimiques se comportent suivant la loi de la physique et que l'on peut parler d'équilibre et de réversibilité pour les réactions chimiques comme pour les phénomènes d'évaporation et de dissolution des gaz. Tel est le cas, par exemple, pour le carbonate de chaux dont je parlais tout à l'heure. Le génie de Gibbs a permis de compléter l'assimilation, même pour le cas des corps chimiques à la température ordinaire; et d'ailleurs, nous allons voir, que pour les corps vivants dont nous nous occupons ici la difficulté est moindre que pour les corps de la chimie ordinaire.

Nulle part plus qu'en Biologie on ne trouve à exploiter avantageusement la notion d'équilibre. L'être vivant est en effet en relations d'échanges constants avec le monde ambiant, échanges d'ordre physique et échanges d'ordre chimique.

On peut dire sans exagération qu'aucun des phénomènes connus de l'homme n'est sans action sur l'homme, car sans cela, il ne les connaîtrait pas; ce que nous appelons phénomènes naturels ce sont précisément les changements extérieurs avec lesquels nous sommes en relation. Voilà déjà une condition pour que l'on puisse parler d'équilibre entre le corps vivant et l'ambiance, c'est qu'il y a liaison entre eux. Et dans l'ambiance que de particularités différentes; il y en a d'ordre physique qui sont en relation avec nous par la radiation ou par la conductibilité; il y en a d'ordre chimique qui sont la source de nos échanges alimentaires et respiratoires. La vie même n'est que l'ensemble de ces échanges physiques et chimiques. Et malgré la nature chimique de la plupart de ces échanges l'évolution de l'individu présente, depuis la naissance jusqu'à la mort un caractère de continuité qui autorise déjà, grossièrement, à parler d'équilibre.

Il n'y a pas ici de phénomène brusque analogue à celui de la déflagration de la poudre, du moins tant que la mort n'intervient pas; une cellule en train de vivre reste semblable à elle-même au plus fort de ses réactions vitales; elle s'accroît lentement ou diminue lentement en tant que quantité de substance, en conservant ses propriétés. Il y a là quelque chose d'analogue au carbonate de chaux qui se nourrit d'acide carbonique et de chaux quand on augmente la pression dans le vase où il se trouve au-dessus de 960 degrés. Le fait même que l'assimilation est caractéristique de la vie, c'est-à-dire que les réactions vitales fabriquent précisément des substances *identiques* à celles qui ont réagi effectivement dans la réaction, localise la vie dans la partie de la chimie où

la discontinuité des phénomènes n'est pas un obstacle à l'emploi du langage de l'équilibre. Et puis, l'on peut dire que les échanges entre le corps vivant et l'extérieur, se font normalement en deux temps, à deux degrés, car les substances vivantes sont colloïdes; c'est en tant que colloïdes qu'elles affrontent directement l'ambiance; puis ensuite, à l'intérieur des globules des colloïdes se passent les réactions chimiques proprement dites qui sont dirigées par les variations physiques réalisées au cours des échanges du premier degré. L'équilibre *intraglobulaire* est sous la dépendance de l'équilibre interglobulaire, qui est lui-même dirigé par l'équilibre réalisé entre le corps vivant et l'ambiance. Il y a là un stade de plus que dans un mélange ordinaire comme ceux dont parle le passage suivant d'un livre récent:

«En dehors de l'équilibre d'un système par rapport au milieu qui l'environne, et qu'on pourrait appeler *l'équilibre externe* il importe aussi de considérer *l'équilibre interne* ou *chimique* de ses constituants les uns vis-à-vis des autres, et en vertu duquel ces constituants ont une composition et une distribution variables, fonction des forces agissantes, la température et la pression.

«Quand un système comprend ainsi des corps dont les proportions réparties le plus souvent en différentes couches solides, liquides ou gazeuses, que l'on appelle des *phases*, viennent à varier avec la pression et la température, on dit que ces corps se font équilibre. Cette conception répond bien à l'idée que l'on doit se faire de l'état d'équilibre, et qu'il ne faut pas confondre avec l'état de *repos*. L'équilibre, en chimie comme en mécanique, implique la possibilité d'un changement par l'intervention de forces ou de tensions infiniment petites.

Si un composé et ses constituants se trouvent dans des conditions telles que toute variation des tensions extérieures produira un changement, dissociation ou combinaison, les proportions respectives des corps en présence seront en équilibre; elles resteront déterminées à chaque température et à chaque pression.» (1)

Ce que l'on peut appeler l'équilibre externe pour le corps vivant consisterait, au moins pour une part, dans l'état morphologique du corps à un moment donné; ce sont les variations de cet état morphologique qui constituent ce qu'on appelle ordinairement les mouvements, les actes de l'animal. Ces mouvements déterminés par les nécessités de la conservation de la vie retentissent sur la morphologie de chaque élément cellulaire et modifient par suite l'état colloïde de chaque élément en chaque point; c'est seulement ensuite cet état colloïde qui, modifié, peut retentir sur la nature chimique des substances constitutives elles-mêmes.

Même quand il s'agit d'échanges chimiques avec l'extérieur, l'état colloïde intervient dans le phénomène et y apporte son influence. Nous

(1) Ariès. La Statique chimique, pag. 30.

retrouverons ces considérations d'influence à plusieurs degrés de l'extérieur sur la chimie vivante elle-même lorsque nous emploierons le langage de Lamarck qui interpose toujours le mécanisme individuel entre l'influence extérieure et la modification acquise.

Le phénomène si admirable de l'hérédité des caractères acquis indiquerait une sorte de réversibilité dans les phénomènes chimiques de la vie et cela rapprocherait encore ces phénomènes chimiques de ceux qui se passent dans la chimie ordinaire au-dessus de la température nécessaire à la dissociation. On voit en effet que si des conditions extérieures déterminent *directement* une transformation morphologique d'une cellule, cette transformation morphologique retentit directement sur l'état colloïde de la cellule, lequel état colloïde dirige à son tour les réactions chimiques proprement dites de manière à réaliser à la longue, dans certains cas, une modification chimique qui soit en équilibre avec la modification colloïde résultant de la modification morphologique. Que cette influence soit réversible, c'est ce que prouve le fait qu'un morceau de la cellule ayant *acquis* ce caractère chimique nouveau sera ensuite capable de construire une cellule douée du caractère morphologique qui avait primitivement déterminé l'acquisition du caractère chimique.

L'hérédité du caractère acquis indique des relations réversibles entre la morphologie et la chimie.

Cette hérédité ne sera cependant pas fatale; ce n'est qu'à la longue que la morphologie retentit, par l'intermédiaire de l'état colloïde, sur la chimie de la substance vivante. Entre la variation externe et la variation chimique il y a une variation intermédiaire réalisant entre les deux précédents le lien de cause à effet et que l'on appelle *l'habitude*. Tant que l'habitude n'a pas retenti sur la chimie du protoplasma elle n'est pas fixée dans le patrimoine héréditaire; elle peut disparaître rapidement, tandis que sa disparition est beaucoup plus lente si le patrimoine héréditaire a été atteint.

Il y aura toujours lieu de se demander, quand il s'agira d'une modification réalisée dans un organisme si cette modification s'est arrêtée au domaine de la physique colloïde ou a pénétré jusqu'à celui de la chimie intime des substances vivantes. Au point de vue de la conservation de l'énergie, par exemple, on pourra se demander si un influx nerveux qui s'est perdu dans les centres sans se manifester par un phénomène externe s'est *accumulé* dans les neurones, sous forme de tensions physiques entre des éléments de colloïdes ou bien a construit réellement des composés chimiques nouveaux comme cela a lieu dans les accumulateurs électriques.

.....

ELOGIO DA REDONDILHA

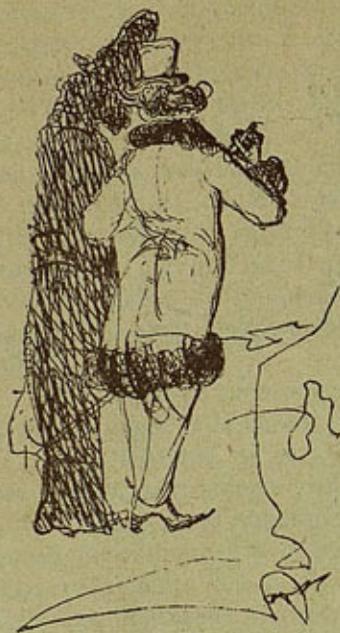
Diz o pôvo, — elle que sabe
pouco mais do que cantar, —
a sua dôr : e ella cabe
dentro de ti á vontade,
dentro de ti a chorar.

Medida de maravilha,
dizes tudo, e tão piquena,
Redondilha !

Por isso, o amor de cantá-la
vem do tamanho que tem :
um suspiro de quem pena,
um fôlego de quem fala.

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

DESENHOS E ANECDOTAS DO JOÃO DE DEUS



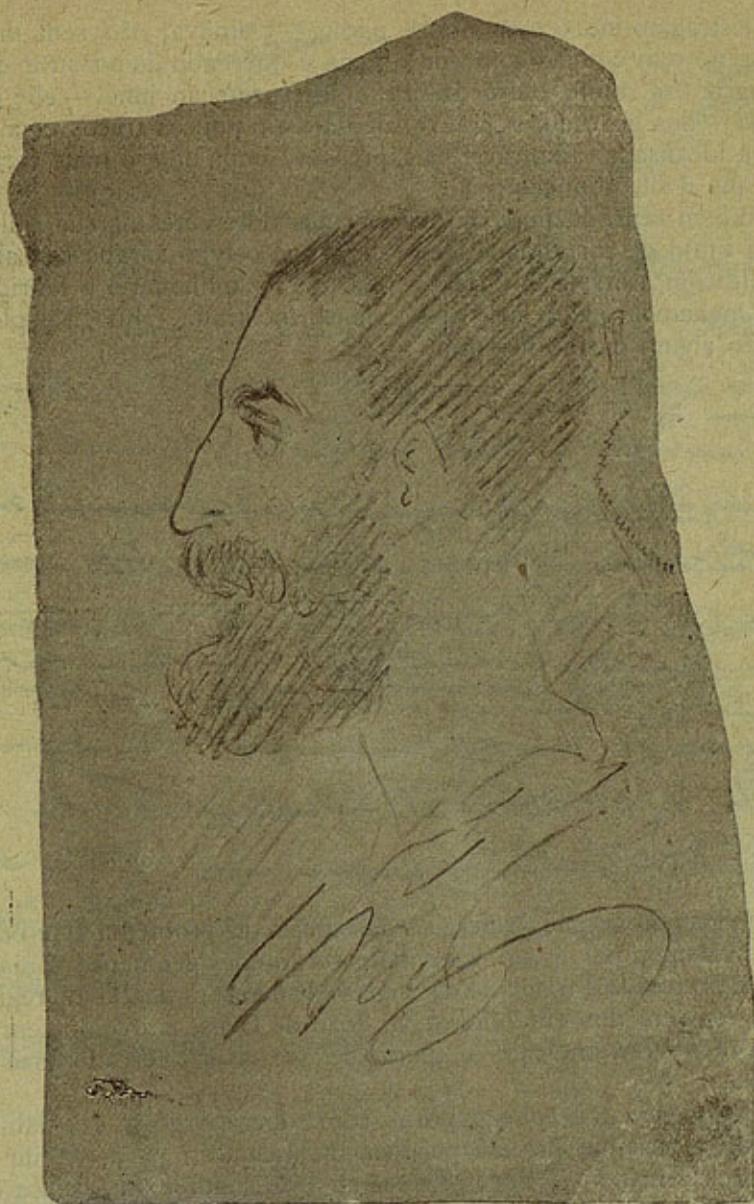
Este mavioso e grande poeta não foi o desenhista genial que a lenda consagrou sem provas, nem tampouco o auctor satisfeito d'esses Christos pulverisados ou chôchos, que á sua benevolente condescendencia arrancava um ou outro importuno inesthetico, e de que já uma vez certa publicação catholica forneceu a desastrosa amostra.

Seria impossivel reproduzir o nu a quem nunca o estudara e se no calor da inspiração, sollicitado e lisongeadado, o poeta esboçava em qualquer papel, a traços hesitantes, as fôrmas problematicas de um morto barbado e crucificado — bosquejo logo apprehendido, tal qual, pelo amator de curiosidades, a pretexto de que o indolente artista, á mingua d'estimulos, nunca o terminaria — passado tempo, deparando-lhe o acaso ensejo d'examinar

novamente a sua obra, elle renegáva-a envergonhado e tentava supprimil-a. Tal a explicação do caso, tanta vez contado, de certa menina remetendo ao poeta o album onde elle principiára a lapis uma d'aquellas phantasias anatomicas para que a completasse, e recebendo-o, pouco depois, devolvido com a pagina limpa e no lugar do desenho o sagrado versiculo: «Non est hic: surrexit».

Mas os apontamentos de physionomias e silhuetas que elle notava de memoria, á margem de jornaes velhos ou nos claros de papeis já servidos, entanto escutava algum amigo ou discipulo, mostram de sobejo o que poderia haver dado se estudasse e trabalhasse com persistencia e methodo. O traço é maravilhoso, quasi leonardesco, como leonardesca era a sua intelligencia, não pelo arrojado dos vôos que desferia, mas pelas eurhythmicas syntheses comprehendidas na esphera onde ageitava as suas multipliçes aptidões.

Os desenhos que se intercalam n'estas leves, acanhadas e desprezenciosas linhas — o assumpto merecia outro desenvolvimento e muito



maior competencia — claramente o atestarão, quando as reproducções e tiragem lhes não traíam o sentido, frustrando-os na sua melindrosa delicadeza. Entre elles ressaltará por certo o proprio perfil do artista, que o tentava caracterisar descontente com os retratos destinados ao «Methodo de leitura» onde a feição principal — o nariz — lhe sahia sempre imperfeita.

—Estragam-me o meu pobre nariz!—clamava, não sem incluir azedume no tom comico com que o fazia e querendo demonstrar como o seu nariz era muito outro do que a interpretação infiel—elle dizia malevola—dos gravadores creava, deu-me em poucos traços essa physionomia idealisada, admiravel na expressão, ainda hoje o mais veridico retrato que d'elle conheço.

Tambem reproduzimos as duas fórmás diferentes da sua calligraphia e a titulo de curiosidade lembramos que o typo «arabesco» alcançou-o elle com a invenção d'uma penna que fez millionario o fabricante de Birmingham a quem fôra casualmente mostrada e que a explorou sem lucro algum para o inventor.

Meu D. Sr.

*A verdade attingiu o seu esplendor
euclidiano. Bravo ou, antes, logo que
me fizem tempo, lhe envio um
autographo correcto para moldura, e pre-
gar em merce a victimas? bdf.*

João de Deus

Alto do Maguen de Peralva,

22-11º-83

Um dos autographos refere-se á solução do problema que baldadamente occupou por assim dizer todos os grandes geometras e mathematicos do mundo: a triseccão do angulo. E não será descabido registrar que, no conceito dos entendidos, ao João de Deus, em competencia a Euclides e a Newton, cabe a gloria de se haver acercado mais da verdade...

O segundo autographo exprime com soberana graça e a naturalidade chocarreira que lhe era peculiar, a fluctuação perpetua do seu espirito conformando-se docemente com o destino, mau grado a consciante e visivel tendencia para se envolver na vida commum e pagar o seu tributo á terra creadora. E' extractado de uma carta que abaixo publicamos integralmente (1).

(1)

Lisboa, 26—7—86

Meu amigo: Não me dê desculpas de não escrever que eu sou o mais remisso. Um Canini, sabio italiano, num Libro del Amore que acaba de publicar, qualifica a

D 26. 7. 86

Meu Amm.

Não me dê desculpas se
 não escrevo que eu sou o maior
 romista. Um *Carmin* sobre Itali.
 um novo Livro del Amore que
 acaba de publicar qualifica a
 nossa poesia amorosa a 1.^a da
 Europa e a mim o 1.^o dos seus
 cultores. E' um romano antigo, ve-
 lho de 80 annos, mas trabalhavan-
 do ainda por 12 de nós todos,
 e a todos os respeito entidade
 respeitavel; pois este ancão ve-
 nerando, manda-me o livro em
 duplicado, edição popular e

nossa poesia amorosa a primeira da Europa e a mim o primeiro dos seus cultores. E' um romano antigo, velho de 80 annos, mas trabalhando ainda por 12 de nós todos, e a todos os respeito entidade respeitavel; pois este ancão venerando, manda-me o livro em duplicado, edição popular e de luxo, escreve-me quatro cartas, entretém com Fernando Leal correspondencia activa em que chega a estranhar o meu silencio e até á data d'esta (hoje 26 — 7 — de 1886) em que pego na penna para responder aos amigos depois de mezes não me arrancou uma palavra! Veja se desculparei silencios! É desalento? É preguiça? É semsaboria? É Portugal? Tudo será, mas inclino-me a que é principalmente o meu quintal! Por que tenho um quintal! Oh como eu levo as horas absorvido em cavar, em semear, em cortar, em estragar, porque apenas começo a entender de horta! Horas e dias deitando-me

Eu era extremamente novo quando me aproximei do poeta e vivi na sua intimidade até aos dezoito annos, exaltando-me com a estima que lhe inspirava e que eu retribuía filialmente consoante a enorme differença de idade que nos separava.

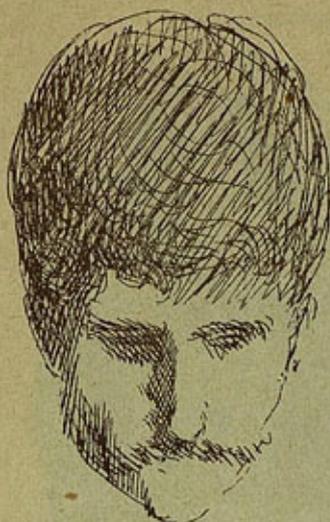
Representava-se-me então a sua figura na plenitude da serenidade olympica e entrevia-o feliz e victorioso no empenho exclusivo de cultivar e ampliar o talento com que nascera, alheio a qualquer interesse estranho ao desenvolvimento esthetico do seu genio. E a consciencia do genio, que é um dos seus mais certos attributos, affigurava-se-me que elle a possuia tão nitida como nenhum outro poeta a sentirá talvez ainda, embora a não apregoasse ou mesmo a disfarçasse, quando se offerecia motivo a dar ensanchas ao seu legitimo orgulho.

O homem de genio despreza os louvores e as criticas; aquilatan-do-se pelo que vale irmana-se na historia com todas as grandes figuras que, mortas ou por nascer, elle conhece ou adivinha. Mas o homem de genio é extremamente sensivel á admiracão ingenua da mocidade que se lhe afeiçoa e esse foi o traço que nos ligou. Infortunadamente separamo-nos para só nos encontrarmos a larguissimos intervallos e em rapidas entrevistas.



desfallecido, levantando-me desmembrado e já protestando não voltar ao quintal sem endireitar as minhas coisas, mas voltando sempre, e deixando-me lá ficar até que me chamem para comer! De modo que tomei quintal para entretenimento das crianças que assim me deixariam mais livre para trabalhar de cabeça, e visto está que tenho de deixar quintal a ver se posso fazer alguma coisa. Ah bom Canini! homem de plano, revolucionario activo, inquebrantavel, a quem o tempo sobra para estudos profundos, amenos e mil cartas por dia, de quatro paginas! Que actividade inerte a minha de sacho e balde que até o methodo de escripta me retarda inqualificavelmente! Mas será natural este enlevo da terra e da agua a correr nos que nasceram na provincia e já se acham mais proximos da grande mãe? No meio de tudo mete-se o pescoço do João que hontem lá foi para Cintra com tosse convulsa, e nada espero que aproveite. É uma faixa negra n'este pequeno horizonte do meu quintal e da minha vida, que afinal tem para lastimas e risos como todas as outras. Mas vejo a felicidade no campo! Oh se meu pae me deixasse numa cerca o que despendeu comigo em Coimbra, uma cerca com agua de nascente, e eu tivesse o bom senso de me afeiçoar a ella cultivando-a eu mesmo, os meus pequenos e a minha mulher que então seriam outros, como eu seria outro!

Do C.
João de Deus.



A minha ultima visita á Travessa da calçada da Estrella, quando o poeta já soffria da enfermidade que poucos mezes depois o matou, narrada com justeza fiel daria a perfeita ideia, o raro sabor da sua conversação e se um tachygrapho o tivesse escutado e archivasse as aneddotas contadas nessa tarde, poderíamos publical-as como acabados exemplos do seu corte humoristico. A minha reminiscencia não logrará alcançar, nem de muito longe, a verdade necessaria, mesmo na restituição das mais singelas... E nunca seria meu intento dar aqui a feição levantada da sua intelligencia, mas um dos seus comesinhos aspectos, aquelle que porventura correspondesse á graça espontanea dos seus incorrectos e frivolos desenhos.

Como era costume seu, e embora tivessem decorrido annos sobre o nosso ultimo encontro, recebeu-me sem dar mostras de surpresa; dir-se-hia que nos havíamos separado na vespera e que esperava a minha visita naquella mesma hora. Era a carinhosa e habitual maneira de indicar aos seus amigos que os trazia sempre na lembrança.

— «Vem-me V. encontrar com asthma: um dos meus maiores terrores. Recorda-se? Asthma e dôr de pedra, foi sempre o que mais temi...»

E respirava anciosamente, levando á conta da asthma a afflictiva dyspnéa dos cardiacos.

— «Mas isto ha de passar. Amanhã começo no uso dos saes de fructa... O Machado, de Setubal, encarece muito a sua efficacia. Parece que os inglezes trazem sempre consigo os saes de fructa e d'ahi aquella vida, aquelle vigor, aquella saude que V. sabe. Já os quiz tomar uma vez mas fui infeliz... Eu lhe conto. Passei pelo Peres, o boticario meu visinho, e perguntei-lhe se tinha saes de fructa. — «Ora essa, pois não havia de ter! Vou já presenteal-o com um frasquinho» —. E offereceu-me com effeito um lindo frasquinho facetado, cheio de cristaes. Vim logo para casa decidido a dar sem demora saes de fructa a toda a familia. Preparei copos, tantos quantas eram as pessoas, deitei uma colherada em cada um, agua sufficiente, e fiz a distribuição instando para que bebessem. Todos recusaram... salvo a costureira que pela sua dependencia e condição sujeita se não pode negar á beberagem, mas tal gosto lhe achou que logo cuspiu, com muitas caretas, as poucas gotas que tomára. A impressão da costureira decidiu-me a mim tambem a refugar os saes do Peres... Passados alguns dias, vindo cá

a casa o Freitas, o professor da minha Clotilde, que sabe todas as linguas, perguntei-lhe se já vira saes de fructa e á sua resposta affirmativa acudi mostrando o frasquinho; e o Freitas, sem hesitar: — «Ó homem, saes de fructa com tal apparencia ainda não vi...» — e reparando no letreiro, que era em inglez, accrescentou: — «Mas isto é sal d'azedas!...» — Ora agora pense V. que o tal Peres, que é fornecedor da Casa Real, queixa-se amargamente de que todos os freguezes lhe fogem...

Depois, a conversa derivou para os habitos da vida, bem estar, conforto, luxo, e, por contraste, nos horrores da fome; e o poeta disse: — «Uma vez é que eu comprehendí bem como a fome nos pôde deturpar o caracter... Quando os estudantes de Coimbra vieram representar ao Rodrigo da Fonseca sobre a vantagem de trasladar a Universidade a Lisboa vim eu tambem. Logo ao sahir de Coimbra, como haja sempre quem queira especular com tudo, uns tantos rapazes arvoraram-se em capitães e foram dividindo os peregrinos em companhias. O Lemos Caracol fez-se capitão dos algarvios e disse-me: — «João, anda tu para aqui.» — Mas eu, sempre malcreado e acostumado á minha liberdade, respondi-lhe: — «Não sou de companhias, eu sou dos musicos...» — Asneira, pois nos musicos rapei fome e ninguem se importava comigo o que tinha consequencias graves, sobretudo nas horas de partida, para acordar a tempo, emquanto que se tivesse companhia ficava arrimado aos capitães que melhor ou peor eram obrigados a fornecer comida e tabaco aos do seu troço. Mas vamos ao caso. Chegando já de noite a Thomar fui aboletado, com mais dois, pela familia Loureiro, gente rica e fidalga. Deram-nos uma cama immensa, mas immensa, onde tres pessoas podiam perfeitamente dormir junctas ou separadas..., como quizerem. Eu fiquei do lado de fóra e momentos depois de nos deitarmos, quando ia pegando no somno, senti a mão d'alguem que me tocava: era um creado trazendo uma grande terrina de caldo que me poz esperto como um rato. Diz-me elle de mansinho: — «Fazia favor d'acordar os seus companheiros.» — e respondo-lhe eu ainda mais em surdina: — «De modo nenhum...; elles o que querem é dormir e recommendaram que a pretexto algum os accordassem...» — E puz-me a fazer sopas no caldo, comendo nellas soffregamente, pois todo o meu medo era que não chegassem para os trez.





Ora veja V. — tanta vez tenho reflectido nisto — como é que a fome assim nos transforma. . . Depois, já farto, vendo que ainda sobrava, e muito, resolvi acordar os rapazes, mas dizendo antes ao creado: — «Que lhe parece? Sempre será bom acordal-os. . .» — como se tivesse precisão d'aquella autoridade para o fazer.

Fallámos tambem no Algarve e na villa onde nascera, elle commovido pelo presentimento de que morreria sem a tornar a ver. Occorreram-lhe recordações d'infancia e contou:

— «Então o prior de S. Bartholomeu era homem de animos tigrinos, que andára na serra com os guerrilhas, e sempre que me encontrava dizia-me: — «Vossê, sô maroto, namora-me a moça. . .; olhe que ainda um dia temos de ajustar contas. . .» — A moça era a ama do pa-

dre, mulher já madura que gostava immenso de creanças e me fazia muita festa. Mas isto trazia-me em constante sobresalto. Uma tarde mandou-me ella dizer que fosse pela ribeira até á horta comer ameixas. Fui, medroso, mas fui. Assomei ao muro da horta e lá estava a ama que logo começou a jogar-me ameixas. Tinha já apanhado e comido bastantes quando me vem á lembrança não apparecesse por ali o padre e me dêsse alguma surra. Buscando ponto á scena digo então para a moça, pondo a mão na cara: — «Não atire mais ameixas porque eu sou o Antonio Clemente. . .» — Ainda tenho vergonha d'esta asneira que disse ha mais de cincoenta annos. A ama ficou furiosa. O Antonio Clemente era o rapaz mais velho que andava na escola e tinha um olho de menos. . .»

Á despedida elle referiu-se casualmente a uma grande catastrophe annunciada nos jornaes que supprimira não sei que obra prima da antiguidade, e eu, já nos degraus da escada, citei-lhe pedantescamente Moleschott, o qual, para consolar a humanidade do desaparecimento das maravilhas gregas, assegura que a pedra fica e fica tambem a chamma — a faisca de Prometheu. . .



Aquelle nome barbaro — Moleschott — soou-lhe mal. Repetiu-o entre dentes e logo com voz forte, olhando affectadamente em volta, como que admirado de não ver desabar a casa: — Moleschott!... — e accrescentou sorrindo placidamente:

— «Nós devemos buscar allivio na certeza de que tudo tem d'acabar e assim... todas as saudades são pelo menos inuteis...»
Foram as ultimas palavras que lhe ouvi...

M. TEIXEIRA GOMES.



LUZ PERDIDA

AO JOÃO DE BARROS

Ah! Quem me dera ter essa balança
A que aspira a Justiça universal!
Seria um velho a conhecer o mal,
E a pesal-o seria uma creança!

Porém, d'olhos no céu, — á semelhança,
D'astros perdidos pelo espaço ideal, —
Procuro alguma coisa que afinal
Alguma coisa é que não se alcança!

No mundo, dia a dia, passo a passo,
Quem assim andaré que não tropece,
Até cahir-lhe o corpo de canção?!...

Mas nada morre, — só desaparece! —
Que ha muita luz perdida pelo espaço,
E muita estrella que se não conhece!

O POETA DA RAÇA

Como não mudei a minha opinião ácerca do sr. A. Correia d'Oliveira, desde a publicação da «Raiz» — é o considero ainda hoje o maior e mais genuíno representante da sua Raça; e como julgo rasoavelmente claro o que a respeito d'esse mesmo senhor eu publiquei, ha 2 annos, n'um artigo da *Vanguarda*; tenho o maior prazer de declarar, novamente a minha admiração pelo poeta das *Parabolas* — livro novo, que não deixando de cheirar um bocadinho a Nosso Senhor, pelo titulo, continua, porém por dentro com aquelle pronunciado fedor a peixe frito, que caracterisou completamente o seu livro anterior.

Este novo livro, é claro, não tem uma ideia. — Simples catholico provinciano, que aprendeu a fazer versos com o sr. João Bezelga — o sr. Oliveira nem sabe o que isso é; e com a inteira collaboração das suas roseiras e das suas macieiras — todos dizendo versos maus — e do seu Deus de espiritualista carregado d'osso, o poeta ficou-se n'esta expressão do pensamento humano — a Parábola!

Mas não discutamos o livro, — não vale a pena.

O artigo ahí vae: a ideia é a mesma, e o scenario poderia ser ainda o mesmo, se fosse preciso — porque tudo está, ainda hoje vivo e de perfeita saude — os meus amigos, eu, a pia e o sr. Correia d'Oliveira.

Foi uma noite d'estas, ao pé de dois rapazes litteratos, e ali na D. Barbara, capellista-viuvia, que vive apenas d'uma esperançinha no 2:525, e tem uma grande veneração pelo sr. conde de Valenças e pelas cinzas de seu marido, que eu vi pela primeira vez um livro de versos chamado «Raiz».

Poderia até dizer-vos, porque isso seria talvez necessario para se comprehender a alta impressão que me ficou, as nossas posições relativas: que a D. Barbara, — viuvia até nas mais pequenas coisas da sua vida — dormitava inconsolavel, atraz do seu balcão, e que nós os trez juntos a uma pia, esplendidamente mascarada no meio dos requintes da armação, e que só dá signal de si, de vez em quando, mas isso devido apenas, como n'aquella noite, aos inconfundiveis phenomenos da maresia, liamos soffregamente, liamos devorando — verso por verso, pagina por pagina — a ultima producção do sr. Oliveira.

E não deixará de ter importancia o que ficou dito (porque sempre o quiz dizer, afinal) para se saber bem: 1.º, que eu sei ler, escrever e contar; 2.º, que qualquer mau cheiro que possa apparecer n'este artigo, não é d'elle, nem do sr. Oliveira — é da pia.

Pois, com a D. Barbara a dormitar sempre, nós acabámos de ler, e, posso afirmar, nunca a sensação tão grande de synthese d'uma raça appareceu no meu espirito, como então.

O mau olhado, o bruxedo, o fado, as melenas, a cobardia, a navalha de ponta e mola — tudo está n'aquelles versos!

Nunca, desde Luiz de Camões, um homem representou tão bem o seu tempo, como o sr. Antonio de Oliveira.

Digo-o a quem me quizer ouvir — não se póde fazer mais com o «Pé leve», a Bruxa da Arruda não póde inspirar um poeta mais do que aquillo.

Aquillo está completo — não lhe tirem uma unica phrase má, nem a menor lasquinha de um verso duro — não emendem, não critiquem. Um povo que se acha glorioso por trazer ainda as calças com que descobriu a India, um povo que deita sortes e risca, um povo que não trabalha os seus campos para esperar D. Sebastião ás esquinas, não vale mais, não merece mais.

Não tem talento o sr. Oliveira? Que importa!

Não terá honestidade o sr. Oliveira? Que importa!

Pseudonymo do «Calcinhas», fez o unico livro que poderia ter feito, perfeitamente portuguez! Quatro milhões de analphabetos o dictaram, meia duzia de baronezas o emendaram e o patrocinaram. O sr. Hintze lá tem das suas ideias de papelão, o conselheiro Accacio muitos dos seus versos de bronze; tudo o que póde interessar um verdadeiro patriota lá está.

O azar pelo n.º 13, a meza pé de galo, o chalet da Avenida, o hymno dos restauradores e em qualquer recanto do soneto, talvez alguma facada na barriga.

Completamente ignorante, esse rapaz de testa recuada, d'olhos quasi juntos, inspirado, antropomorfo e feio, é a Raça portugueza, a verdadeira Raça decadente que não tem uma ideia grande, nem um sentimento austero, que nunca ouviu uma palavra de sciencia, e cujos neurones pesados e preguiçosos não se encontram nem se procuram e apenas sabem dar coices uns aos outros!

Compreende-se que um povo que acaba de dobrar o cabo das Tormentas escreva os Lusíadas; mas o que pode fazer um povo que volta das hortas?

« Um sonho, fal-o um tudo nada de opio...
Só a morte é que ensina astrologia,
E a cova é o seu profundo telescopio. »

Isto, mais nada!

O sr. Oliveira não sabe certamente o que é opio, infeliz vaso-dilatador que allí apparece apenas para rimar com telescopio, que (com

inteira justiça o digo) o sr. Oliveira não sabe também o que é, mas isso mesmo é que tem graça, isso é que tem piada e não altera ao mesmo tempo, como convem, o sabor característico do livro — a peixe frito e a salada.

Sim, comprehende-se que enquanto Camões, poeta, brigão e namorado gritava ha mais de 300 annos a um rio:

«Pois se me não levas em companhia
Ao menos minhas lagrimas levas».

O trinca-espinnhas Antonio de Oliveira diga isto agora ao Vouga:

Que saudades terias! E elle com seus
Modos de quem duvida: «hum! hum! hum! hum...»
Fecho a janella... O' Vouga, és mau! Adeus.

E' justo, é justo! E' justo que o sr. Antonio vindo das «berças», a soletrar, se espante na «Corujinha» com a transformação da materia, que é hoje uma verdade scientifica tão banal como a queda dos graves e a esphericidade da Terra; é justo que o sr. Antonio escreva a «Prinzeza amarellinha», o «Deus o quiz», etc., etc.

Está dentro do seu tempo e dentro do seu meio.

Não sei se lhe chamaram já um grande poeta — eu entendo que lhe devem chamar o maior, e que o devem acceitar, tal como elle é.

Não lhe dêem mais phosphoro que o perdem, não lhe dêem mais oleo de figado de bacalhau que o matam!

Aquillo deve ser inviolavel — inviolavel desde os pés á cabeça, inviolavel até ás pontas dos cabellos; com um bocadinho mais de gordura seria incaracterístico, com um pouco de talento seria falsissimo.

Tocar-se-lhe seria ferir a historia portugueza dos últimos 60 annos.

Que fios mysteriosos poderão ligar uma quadra do sr. Corrêa de Oliveira a um callo do conselheiro Accacio?

Todos, todos. — Tocar n'um seria aggravar o outro!

Nada de sangue na Historia. O sr. Corrêa d'Oliveira é pois o Poeta da Raça, porque para representar um povô que não pôde com uma gata pelo rabo, nada mais á altura que um poeta que não tem força para um soneto.

NUNES CLARO.

LIVROS

FAUSTINO DA FONSECA E JOAQUIM LEITÃO — *Os filhos de Ignez de Castro* — Romance historico — Livraria Tavares Cardoso — Lisboa, 1905.

Sobre o ruído com que foi lançado este livro cahiu um silencio justo de esquecimento e desdem.

Nada mais merece, com effeito, este verdadeiro *truc* litterario.

A leviandade charlatanesca com que modernamente se tem feito o romance historico em Portugal, que conta varios empreiteiros inexgotaveis, acobertada pela mais inqualificavel impunidade, permite que se prosiga ainda no arrotar d'essa misera tortulheira.

A obra — *Os filhos de Ignez de Castro* — é mais um exemplo flagrante da affirmacão feita.

A falta de probidade e o exclusivo intuito mercantil que actualmente as letras patrias nos denunciam, na sua maioria, revoltam e doem aos espiritos honestos e bem intencionados, tanto mais quanto reconhecem, nos criminosos auctores de taes burlas, qualidades excellentes e dignas de melhor proveito.

Ludibriar o publico e abusar da sua ignorancia com o mais descaravel desplante e com a mais cynica semcerimonia eis o que nos revela, alem d'outras, a producção litteraria em que enfileira o trabalho dos srs. Faustino da Fonseca e Joaquim Leitão.

Com magua e violentadamente o confessamos.

Reproduzir o Schaefer com um acresceto de dialogação frouxa e indecisa, dentro d'um scenario mal cerzido e por vezes bem falso e disparatado não é trabalhar conscienciosamente.

Os personagens são mal esboçados, e alguns imperfeitos e incompletos; faltam factos interessantissimos e fundamentaes e muitos dos exhibidos truncam-se d'uma forma deploravel; é insignificante e insufficientissimo o conspecto critico d'esse famoso periodo da nossa historia onde se origina a liquidacão da nossa patria.

Quanto ao revestimento plastico é incoherente e desharmonico e está longe de corresponder aos intuitos desejados.

Estes defeitos procedem em parte da incompetencia e devida ausencia de preparacão, largamente requerida para trabalhos de reconstituicão historica, se bem que não sejam hoje escassos os elementos documentaes, respeitantes á illucidacão revivescete d'essa epocha em que se desenrola a novella quasi insipida e desinteressante; por outro lado surge o facto sem exito da duplicidade de auctoria.

O sr. Faustino da Fonseca naturalmente reuniu e preparou os materiaes basilares e essenciaes para architectar a composicão historica; o sr. Joaquim Leitão, presumivelmente, manufacturou-os como pôde segundo a sua inspiracão, a sua imaginativa, e o maior ou menor poder suggestivo da sua prosa, tecendo o enredo, dispondo os episodios, colorindo os quadros.

É de prever o insucesso d'uma obra assim concebida e assim realisada.

Nem tudo porem resultou em pura perda poisque ha paginas d'uma absoluta fidelidade de narrativa de factos e casos cheios de interesse e de curiosa emoção, de resto muito conhecidos e muito vulgarisados; ha tambem por vezes calor e vigor impressivos no desenho de certas scenas que mais fazem lamentar a falta d'um poderoso romancista.

Autobiographia de Camillo Castello Branco — Coordenada e annotada por F. TAVARES PROENÇA (JUNIOR) — Livraria França Amado — Coimbra, 1905.

A biographia do formidavel escriptor, que é uma longa tragedia da mais cruenta amargura, ficou espalhada atravez da sua obra enorme e vasta.

Não se encontra porem sob uma fórma methodica e systematica que permitta ao curioso ou ao interessado apercebel-a d'um lance. Não. Acha-se fragmentada, pedaço aqui, pedaço alem, por entre os milhares de paginas que elle nos legou.

Para a conhecer pois n'este original torna-se preciso forragear penosamente nos seus livros o que é muito difficil attenta a latitude do seu numero e a quasi impossibilidade da indagação em certos e á morosidade que o desejo ou a ancia pressurosos não comportam.

Esta tarefa propoz-se realizal-a o sr. Tavares Proença, um dos mais fervorosos admiradores do auctor do *Cancioneiro Alegre* e por cuja memoria professa um culto de exagerado enthusiasmo e cega paixão, proprios do viço dos seus verdes annos.

Não é porem completa, como elle proprio o confessa denominando o seu trabalho *uma tentativa*. Evidencia porem um conhecimento largo da obra do genial solitario de Seide.

As transcrições feitas, atravez de que perpassam as phases da vida do grande litterato, mais minuciosas n'umas do que n'outras, são rematadas por uma serie de *Notas* que interpretam e explicam acontecimentos, epochas e personagens a que se allude no texto.

Folgariamos, não obstante o prestimo d'este serviço, que o sr. Tavares Proença utilizando-se da sua boa vontade e da sua erudição camilliana enveredasse para um estudo de mais amplos vãos: a critica serena, desapaixonada e imparcial da obra de Camillo Castello Branco, que conta entre outras a iniciativa carinhosa do sr. Lopes d'Oliveira.

Mais proveitoso e fecundo para a litteratura nacional e para a memoria d'aquelle a quem o sr. Tavares Proença chama o Mestre.

Seria necessario todavia dominar esse calor e arrebatamento com tanta franqueza confessados no ligeiro Prefacio da *Autobiographia* que é sob todos os pontos de vista muito sympathica.

AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE)—*O Anno Scientifico e Industrial*—Principaes descobertas scientificas de 1904 —(100 gravuras) —Livraria Portuense —Porto, 1905.

Trabalho util e de largo interesse este o de colligir todos os progressos e successivas conquistas do saber humano, annualmente realizados, n'um unico e leve repatorio de facil consulta e grata leitura.

Porque Mariotte que tem dedicado o melhor da sua vida á sciencia é um erudito consciencioso e solido, profundamente sabedor que não se limita a registrar seccamente as novas aquisições scientificas, mas expõe-n'as sob uma forma clara e attraente para attenuar a aridez e por vezes a concentrada complexidade do relato stricto.

Ainda a proposito de cada facto descoberto Mariotte elucida quaesquer antecedentes historicos, as tentativas feitas atravez dos seculos pelo engenho humano, a sua importancia actual e futura, etc.

D'aqui se deduz o valor d'este livro feito com sagacissimo intuito de vulgarisação para cerebros lusus.

Interessa tambem este volume aos portuguezes pelo que diz respeito aos inventos que constituem benefico patrimonio da humanidade pois n'elle se insere a descripção do do *pyrheliophoro* realisado pelo nosso compatriota Rev.^{do} Gomes Himalaya e que é um apparelho destinado a receber e a utilizar a energia solar por meio de notaveis elementos reflectores alem da temperatura de 3:500° do forno electrico.

As descobertas scientificas que n'este volume se acham registadas respeitam á Cosmologia (astronomia, meteorologia e physica do globo), Physica, Chimica, Historia Natural (zoologia, botanica, geologia e paleontologia), Biologia (sciencias medicas, hygiene), Agricultura, Artes Industriaes, Obras Publicas, Marinha, Variedades.

Fecha com uma secção necrológica em que se rememoram os sabios de renomeada perduravel que resvalaram para o repouso do tumulo no anno de 1904.

Bom livro.

MANOEL MONTEIRO.

ERRATAS

No artigo de Manoel Monteiro publicado no numero anterior sob o titulo *Recordações d'uma ruina lendaria* convem fazer varias emendas, a saber : a pag. 339 em vez de Tamega leia-se *Cavado*; a pag. 340 em lugar de *entreveem* a *Deus* — *entreveem Deus*; a pag. 343 de cima sahida por *de ci* a *cahida* e a pag. 345 le *nid* est *creation* de l'amour emende-se para *le nid est une creation de l'amour*.

CESARIO VERDE

Contavamos que este numero da *Arte & Vida* fosse todo dedicado á memoria de Cesario Verde, aproveitando o anniversario da sua, morte para a homenagem sincera que a nossa geração lhe deve. Mas por motivos estranhos á nossa vontade, não pudemos obter a collaboração precisa para isso. O que não quer dizer que abandonemos o nosso projecto: transferimo-lo para mais tarde, affirmando desde já que o realisaremos, como é nosso dever para com o grande Artista.

ARTE & VIDA

INFORME

A nossa conducta, esboçada com enthusiasmo na lançamento d'esta Revista, tem merecido, com prazer o declaramos, a confiança do publico illustrado e culto.

O exito que nos desvanee não nos cabe sómente.

Longe d'isso, pertence quasi exclusivamente á bôa vontade inalteravel dos nossos collaboradores, que nos têm distinguido com uma deferencia em que ha muita solidariedade e muita sympathia pelo nosso intuito honesto e sincero.

Temos orgulho em o confessar.

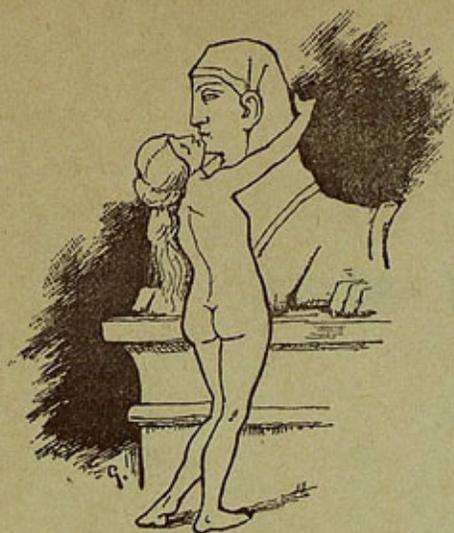
Pela nossa parte não nos temos esquivado a quaesquer esforços tendentes a corresponder integralmente a tão excepcional favor de camaradagem cordeal e alta. Simplesmente.

Este nosso empenho, porem, por graves impeditivos impossiveis de remover, tem de quebrar-se no momento presente.

Somos obrigados pela fatalidade das circumstancias a interromper a publicação da *Arte & Vida* durante os dois mezes immediatos, findos os quaes reapparecerá com a mesma modestia, é certo, mas talvez com maior energia para proseguir no seu destino.

A nossa lealdade e o dever a que penhoradamente estamos obrigados exigiam esta franca declaração.

Ahi a deixamos, persuadidos no entanto de que jámais se porá em duvida a nossa sinceridade e de que a estima que nos acompanhou até aqui, não nos abandonará no futuro.



N.º 10 e 11

JANEIRO — FEVEREIRO

—
1906

ARTE & VIDA

SUMMARIO

Teixeira de Queiroz

Collo de cysne — *Teixeira de Queiroz.*

O canto em portuguez — *Luiz Ribeiro.*

Aspectos da cidade — *Padre Manso.*

Os mortos — A vida e a obra d'uma borboleta
— *Afonso Lopes-Vieira.*

Uma apresentação — *Alvaro de Castro.*

O poeta Henriques — *Arnaldo Fonseca.*

Cartas a um irmão mais novo — *Camara Reys.*

A ideia — *Cardoso Martha.*

Defeza d'um castello medieval — *Manoel Monteiro.*

Livros — *Alvaro de Castro, Manoel de Sousa Pinto e João de Barros.*



ARTS & VIDA

Faint, illegible text is visible in the lower half of the page, appearing as bleed-through from the reverse side. The text is too light to be accurately transcribed.

TEIXEIRA DE QUEIROZ

E' com a maior satisfação que publicamos hoje um inédito de Teixeira de Queiroz (Bento Moreno).

E alegra-nos ter agora occasião de lhe significar todo o nosso respeito pelo seu talento e pelo seu trabalho honesto e sincero n'um meio em que os mediocres e os parlapatões triumpham, graças ás mais humilhantes fórmulas de réclame.

COLLO DE CYSNE

TEXEIRA DE QUEIROZ

a José de Sousa Monteiro

No paiz onde vivia era de todas as mulheres a mais respeitada: innumerous eram os admiradores da sua belleza, todos a temiam pela clara e imponente castidade. Passava esbelta, sorrindo sempre, quasi humilde no meio da grandeza imposta pela sua gerarchia; os seus olhos simples, posto que nimbados de malicia, deixavam rasto de luz que offuscava a de muitos olhos formosos e paralytava o coração de todos os homens. Colhia no seu caminho radioso tantas benções, como de turbulencias deixava nas almas. Ella sabia-o: a expressão d'aquelle rosto, ao mesmo tempo modesto e triumphante, denunciava a comprehensão d'essa antinomia da sua natureza complexa. Uma imagem na solemnidade do andar, pescoço flexivel de cysne, cabeça erecta como a d'uma papoula. Parecia não pousar os pés na terra aspera e malevola, suspendia-a e guiava-a um bafejo de brisa. Mas o seu apparecimento perturbava o ar quieto; á sua passagem voavam diaphanas sombras dos pensamentos maus, que Alcine sugeria.

Busto mais gracil do que um goiveiro florido, tinha a solidez e o ideal dos corpos das estatuas gregas. Alguns senões accentuavam o caracter d'esta figura singular e por esses defeitos é que ella se impunha: o nariz era extremamente movel, tornando-lhe a physionomia revoltosa; os olhos, variaveis na côr como o camaleão, eram escuros, eram verdes, eram azues, eram brancos conforme o penetrante, o capcioso, o vago, o indifferente... estado do seu espirito. Olhos de luz infinita, alcançando na immensidade largo ambito, coriscavam ás vezes e ninguem os podia fixar!... Olhos de veludo, acariciadores e bellos, attrahiam imperiosamente, como o magnete. E' que o sentir d'aquelles nervos, que esses olhos divulgavam, era como a electricidade das nuvens, que abafa, apavora ou abate cariciosamente. Pareciam folhas de cravo vermelho os seus labios, sensuaes e ligeiramente tremulos, como os de Cleopatra; petalas de *muguet* os seus dentes, miudinhos, muito eguaes, dispostos a morder como os da cascavel. Cabellos fartos, semelhantes na côr negra ao lombo da enguia, lhe adornavam a formosa cabeça e significavam, no ondeamento dos reflexos, o mysterio dos profundos lagos. O fechar do busto na garganta era, no arfar, de goso e sensualidade; mas nos seios de curva branda havia recato e pudicicia. Por isso a sua vir-

tude e castidade revoltavam e encantavam tanto como a sua formosura. Diziam-na austera e rígida na vulgar moral dos homens. A sua branca pelle nunca soffrera um beijo de malicia, os seus labios nunca impallideceram n'um frenesi de peccado; nem as pupillas indecifráveis se haviam jámais paralyzado em pasmo de sensualidade, nem os musculos da complexa physionomia jámais exprimido turbulencia em extasis d'amor!

Toda a gente a considerava natureza bem disposta e finamente educada em mysterios e recatos de sensibilidade. Conteria em seus nervos desejos não revellados patentemente, carinhos á espera de momento para florir, rugidos de vulcão oppressos sob forte crusta de convenções sociaes? Talvez, talvez, talvez... Esta mulher virtuosa e serenamente pudica accendera paixões violentas em muitos peitos ingenuos. Sabia-o e gosava com adivinhal-o. Passavam homens incautos e submissos á sua alta gerarchia: n'um relance, n'um lampejo cariciador, descobriam-lhe, os infelizes, nos labios um tremulo sorriso, nos olhos um perturbante desejo... Isso que fôra apenas um momento, um instante inapreciavel na contagem do tempo, uma reverberação em onda movente, atacava-os na mais recondita sensibilidade, abrindo-lhes o céu das esperanças infinitas, atirando-os violentamente para o inferno das incertezas incalculaveis! A nunca sonhada preferencia enlouquecia-os, principiavam desde o fatal acaso a viver estonteados e bebedos!... Pois que! dama de tão alta estirpe, que impunha temor; dama de tão notoria e apregoada virtude, que infundia respeito, havia de, sem o divino sentir, espicaçal-os de tal modo no coração para nada...?!

Na variedade extravagante das suas escolhas, qual o seu criterio? se tinha um! Desejos de amor carnal?! Impossivel, pois havia com olhares castos enlouquecido um velho de aspecto biblico, misero que, ao serviço da luminosa chimera, poz o restante brazido da sua caducidade, julgando-se amado dentro d'uma nuvem de recato, o que mais lhe exaltava os nervos senis. Morreu, esse, em noite luarenga, com a vista pasmada no astro dos amantes, finando-se de inanição propositada, por não saber como dar fim áquelle engano.

Seria antes sentimento puro, recondito, aerio, affecto sem possivel realisação, extasis, paroxismo deleitoso d'alma, como o sentira a carmelita d'Ávila, amando o divino e chagado corpo de Jesus? Não, pois dos seus preferidos um era capitão de cavallaria, moço forte e de grande presença, peninsular cheio de promessas, audacioso, olhar energico como o d'um chefe arabe. Attrahira-o com um desfranzir de labios, affastara-o com o simples unir de sobrancelhas e com olhar sombrio. Esse valente, que não temeria a morte com a ponta d'uma lança sobre o peito, quando assim repellido, quedou-se inane, intorpecido d'alma e de corpo, gelado nos desejos. De tanto penar, enredado em contrações successivas, emagreceu, bamboleava-lhe o esqueleto dentro da

farda, a sua alegria sanguinea de riso largo transmutou-se em bronchidade sem riso, vivia errante pelas viellas e capitularam de loucura a molestia de que morreu.

Sonharia a dama de olhar glauco com esses prazeres da materia, que por serem deffendidos e criminosos, mais exaltam a sensibilidade e espicaçam o cerebro? Talvez!... Quem o poderá negar?!... Um clérigo dizia a sua primeira missa: Coberto dos oiros da casula, da estola e da solemne capa de asperge, a sua face barbeada e moça, era glorificada entre nuvens de incenso. Os canticos lithurgicos engrandeciam-lhe o aspecto, os lumes e flores da igreja solemnisavam o acto magnificante. N'uma bençã que lançou sobre o povo, os seus olhos commovidos encontraram-se com os olhos verdes e promettedores d'essa dama de alta gerarchia, que fôra sua protectora. No mais alto degrau do sagrado altar, estendia elle o braço para desenhar a cruz symbolica, quando esse olhar doce e convidativo em que havia segredos de cumplicidade amorosa, encontrou o seu olhar inexperto! Perturbou-se o moço levita na sua gloria, empallideceu á vista dos acolytos e de toda a gente, iria mesmo ao chão se o não amparam! Tamanha e tão subita commoção foi sufficientemente explicada pela sanctidade e grandeza do acto, que o introduzia de vez na valiosa milicia, amparo dos corações fracos e fiadora da salvação das almas, levando-as rectamente aos pés de Deus. Mas foi o ultimo dia da tranquillidade a que aspirava na terra. Nunca mais teve socego a sua mente: as resas e pedidos d'amparo á fé e ao céu misericordioso, mais lhe exaltavam a imaginação, approximando-o do capricho ideal d'aquella formosa mulher, que n'um relance o lançara no mais brilhante e seductor dos paraísos! Poderia elle abandonar a offerta que a caprichosa creatura lhe fazia de toda a sua virtude, castidade, elevado nome e posição?!...

Esse amor—considerava o levita—era tanto mais verdadeiro, intenso e formidavel, quanto a sua expontaneidade e vehemencia só podia explicar-se pela irresistibilidade, que leva a todos os sacrificios e exaltações!... Votou-se-lhe até á morte; mas quando o desengano lhe despiu o coração illudido, só n'um cenobio de regra austera pôde esconder de si mesmo a vergonha de ter amado. As resas, jejuns e penitencias conseguiram dar-lhe a tranquillidade apparente e exterior; mas nunca trazer-lhe o esquecimento do primeiro instante de prazer incomparavel, quando o fulminara o olhar glauco de Alcine.

Talvez fosse o goso de se ver amada n'um amor sem possivel esperança que ella procurava. Um humilde, que certo dia recorreu á sua caridade, sempre generosa, ao entregar-lhe a petição implorativa, sentiu-se dominado pelo olhar azul d'essa creatura magnifica. Ficou scismatico na sua rudeza sem cultura, nunca mais lhe pediu nada. Fôra um olhar divino de santa, que o erguera ao ceu para que elle visse o paraíso, a moradia dos anjós, sumptuosa cupula sob a qual as côres e os

sons se junctavam n'uma harmonia symbolica. Timido e fraco, nunca mais se aproximou da mulher sublime; mas ia sentar-se na borda das estradas por onde ella passava envolta em luxo e sumptuosidade, só para a contemplar fugitivamente e a haustos soffregos aspirar aquelle ar, que ficava polvilhado de sorrisos e das intangiveis particulas que manavam do incomparavel ser. Acabou extatico e sem um suspiro.

O mais notavel d'esses amores tão caprichosos e funestos sentiu-o uma franzina creança de quinze annos, um poeta com a imaginação ornada de deliciosas chimeras. Estava o pallido sonhador abstracto vivendo no seu mundo irreal. No fundo desvanecido do céu infinito appareceu a imagem gloriosa com toda a pudicicia da sua face angelica. Tinha os olhos enganadores de convite a viagens por esse mundo sublime das estrellas. Os labios franziu-os n'uma expressão de beijo puro e suavissimo. Aquella doce appareção formada de effluvios etherios, surgira levemente d'um leque de luz sidérea. O coração virgem, o cerebro virgem, o corpo virgem da creança soffreram de um pasmo concentrado e mudo! Tantas vezes a contemplara sem alcance, no triumpho da sua formosura e na ostentação da sua grandeza aristocratica, e só agora o pobre innocente percebera que ella o chamava a si com os olhos de côr mudavel e com os labios de purpura desmaiada.

Havia n'esse delicioso e indecifrável sorriso, carinho d'amante apparecendo na frescura d'aquelle coração! Desde quando o amaria Alcine, sem que elle o tivesse percebido! Ha quanto tempo não estaria o pobresito privado de goso tão ideal! Devia tel-o adivinhado; mas era um inexperiente! Julgou-se culpado de não haver mais cedo presentido aquella paixão deslumbradora! Com o denodo da infancia, o impeto physiologico da vida nascente, irrigando-lhe o cerebro sangue turbulento, principiou a infeitar esse amor de graças e atavios tirados da sua candida mente. Verificou que não era engano o que primeiro percebera: a deusa que passava deante dos seus olhos, sempre n'um carro de triumpho, acariciou-o repetidas vezes com a vista amorosa separando assim, a desconhecida creança, de todos os outros homens. De orgulhoso não comia socegado, não dormia só para ter as pupillas fixas na absorvente imagem, que via mesmo na escuridade. Rodeava o palacio onde ella morava, só para contemplar as janellas, onde apparecesse luz e poder affirmar a si proprio, que aquellas paredes encerravam todo o encanto da sua alma!...

*

Que feitiços, que amavios secretos sabia destilar esta encantadora serpente nos corações experimentados ou simples, para a todos assim

perturbar?! Seria a sua virtude que elles imaginavam vencer? a sua friesa que pretendiam desgellar? Seria a conquista da sua nobreza, que procuravam para se engrandecer? Seria só a posse do corpo delicioso, os beijos queridos, os extasis sem fim?! Tudo isso seria para os homens conhecedores, que no coração guardavam venenos de zelo e cubiça de prazeres materiaes; mas a pobre creança, o poeta ingenuo seria d'esses outros?!... Não, pois desconhecia o engano e a felina maldade das creaturas complicadas. O que elle principalmente adorava era a divindade da formosura eterna, da eterna belleza!... O sangue, em turbulencia, dos primeiros desejos, refervia-lhe aquecido pelo fogo d'aquelle olhar ás vezes negro e profundo! No peito entrara-lhe um sentir novo, grande e eloquente, que o erguia acima dos homens tornando-o um bello heroe d'amor!...

Com a inquietação febril da vida maravilhosa que vivia, mostrava-se em toda a parte onde a rainha da sua alma apparecesse, espiando-a de entre a multidão que a venerava. A' noite adormecia-lhe á porta do palacio, para sonhar perto d'ella. Quando a sentisse cortejada e appetecida por homens que lhe fallavam com physionomias de desejo, os vagidos de ciume gerados dentro do seu resumido peito chegavam até ao céu, os olhos fundiam-se-lhe em lagrimas. E ella, a sublime deusa, ainda lhe sorria a essa distancia e lhe promettia venturas que o enebriavam.

Entrou o incauto no periodo de crueis incertezas, das quaes outros mais idosos já tinham soffrido até final desengano! O divino rosto principiava a mostrar-se em contraditorias differenças. Os olhos azues ás vezes eram verdes e mysteriosos, outras brancos e indifferentes, outras escuros e reprehensivos. Nem sempre se desfranziam os labios em sorriso, antes se premiam com severidade; aquelle tão bello semblante encarava-o, insensivel e desdenhoso. O triste que sentia mais do que pensava, vendo-se assim despresado chegou a presumir que todo o passado fôra obra de sua cabeça louca! O mesmo succedera a muitos; mas esses eram homens que tinham vida praticada e corações velhos. Este, aos quinze annos, era só alma entusiasta, alma virgem e absoluta no querer. Ambicionava para si o exclusivo d'aquella creatura — elle um atomo á conquista de uma estrella. Tinha ciumes, ciumes violentos e rugidores, como tempestades, quando a via sorrir e fallar a outros que a cubiçavam e por quem Alcine se deixava cubiçar!... Era uma infidelidade, que só poderia ter como remate... a morte!

Os primeiros signaes de indifferença haviam-lhe já maculado a candidez d'alma; mas depois, presenciar que em publico era tocada a divina pelle da sua amada com beijos macios na mão encantadora, presenciar que ella colhia sorrisos d'amor, palavras de galanteio d'homens esbeltos... desesperava-o.

Certa noite, noite de maravilhosa festa mundana, adivinhou que essa magnífica formusura iria triumphar sobre a formusura de todas as mulheres. O pequeno e tímido poeta, com a mente cheia de incertezas e contradicções, quiz vel-a em toda a sua gloria; quiz aspirar com as pupillas avidas toda a luz, que dos seus olhos sahisse misericordiosa; quiz recolher no pequeno arcabouço os divinos perfumes, que de longe lhe chegassem d'essa creatura excepcional, na sua passagem.

Havia innumerables carruagens no largo fronteiro ao palacio em festa. A multidão anonyma de curiosos, entre os quaes elle se empilhava, rompeu-a elle com o seu corpo magro como um estilete, para ficar á frente. Policias continham a massa de povo no indispensavel respeito á commodidade dos grandes. Elle junto da alta humbreira do portão do palacio foi repellido com brutalidade. Soffreu resignado a humilhação descontando-a no supremo goso de estar instantes junto d'Alcine, de poder sentir na fria e humilde pelle o roçar quente da seda do seu vestido. . . Quando o baile findou, depois de cruciantes horas de espera, teve ainda occasião de a contemplar a descer a ampla escada brilhante de luzes. Vinha cercada do respeito de todos os homens, coberta de magestosa capa branca, fofa como a neve, a airosa cabeça com esplendentes de alto diadema! O miserô e humilde poeta gosando-a no avançar lento, sentia os olhos em braza, o cerebro em turbulenta fervura.

Aquella imponente mulher dirigiu-se para a carruagem, como uma santa para o seu andor. A creança sentiu tocar-lhe na face a quente exteriorisação de tanta grandeza, viu-se esmagado na sua humildade com um olhar de accentuado desconhecimento! . . .

Fôra de si avançou, sem saber que avançava. Quando o solemne porteiro, impellia a portinhola e os cavallos arrancavam, a creança não pôde, não quiz, ou não soube afastar-se, e as patas hanovrianas, grandes como luas, derrubaram-no. Esse corpo magro, innumerables vezes estremecido por sensações violentas de louca felicidade, sentiu-se cortado pelas rodas, sem dar um leve grito de queixume. No instante de suprema dôr os seus olhos brilhavam gloriosos, conservando na retina, da ultima visão, a imagem da mulher adorada. Findo o alvoroço, a grande dama contentou-se com uma explicação banal do acontecido e continuou seguida de murmúrios da plebe para o seu palacio d'oiro. O desgraçadito falleceu durante a noite, subindo á gloria do seu amor puro. Alcine acerca d'essa creança, que os seus olhos enigmaticos tinham enganado, ouviu com serena piedade a narração da tragica morte.

Lisboa. Outubro de 1905.

BENTO MORENO.

O CANTO EM PORTUGUEZ

O sr. Julio Neuparth n'uma das suas ultimas chronicas musicaes do *Diario de Noticias* occupa-se do costume desastrado dos nossos amadores e professores de canto usarem só cantar romanzas com letra estrangeira, desprezando a nossa bella lingua e os esforços d'alguns dos nossos primeiros artistas que teem escripto deliciosas melodias sobre letra portugueza. Analysando rapidamente a cantabilidade da nossa lingua diz com muitissima razão o illustre critico que ella não é inferior sob este ponto de vista á franceza ou á hespanhola. Os sons nazalados que abundam no portuguez teem semelhantes no francez e certamente nada haverá de mais antimusical que o guttural j dos hespanhoes. Cumpre ao poeta evitar os sons pouco proprios á musica ou ao cantor modificál-os, á semelhança do que fazem os italianos quando aquelle os não evite.

As reflexões do mestre animaram-nos a publicar n'este artigo o resultado d'alguns dos nossos estudos sobre o canto em portuguez, pois concordando em geral com o sabio critico não podemos deixar de discordar relativamente á improficuidade que elle attribue aos estudos sobre este assumpto.

Remar contra a corrente é difficil e pouco se avança, mas sempre alguma coisa se consegue ainda que não seja senão o prazer de tentar a difficuldade, arrostando os perigos que ha sempre em ir contra o pensar da maioria.

Se mais se tivesse escripto sobre os beneficios que adviriam á arte da sua nacionalisação, se em vez de nos carpirmos pela invasão do estrangeirismo, traçassemos um caminho e procurássemos seguil-o, a arte ter-se-ia nacionalizado e seria hoje mais florescente do que é.

Que este modesto artigo chame a attenção dos poetas da moderna geração coimbrã que tantos tem e diga-se em abono da verdade muitos de talento, fazendo com que dêem aos seus versos uma fôrma adaptavel á musica, e que motive da parte de quem muito nos pôde ensinar, como o sr. Julio Neuparth, um estudo desenvolvido e minucioso sobre este assumpto — são os nossos mais ardentes desejos e é a unica virtude que poderá ter este breve ensaio.

Demonstrar a adaptabilidade da lingua portugueza á musica seria gastar tempo a provar uma coisa evidente. O nosso povo a toda a hora

nos está fazendo ouvir as suas canções em que apparece grande variedade de metros. Como diria o Sr. de La Palisse a lingua portugueza é cantavel porque n'ella se canta.

Na nossa litteratura é que difficilmente encontramos poesias adaptaveis á fórma musical. Os nossos poetas nunca se preocuparam com isso, e destinando as suas producções a serem recitadas, não deram ao verso a regularidade que a musica exige. Não tivemos ninguem que comprehendesse quanto a poesia lucraria em se alliar á musica e esta por sua vez em se fundir com a poesia. Ambas reunidas tornar-se-iam genuinamente portuguezas, encontrando poetas e musicos a fórma caracteristica do nosso temperamento e a expressão nitida da nossa raça n'uma arte elevada e original.

Para isso seria indispensavel que a exemplo do que fizeram em Italia Metastasio, em França Marmontel e na Allemanha Wagner, sujeitassem a poesia ás exigencias proprias da musica.

A cantabilidade do verso depende principalmente da egualdade e regularidade do metro e do rhythm. A musica é uma arte essencialmente symetrica. Os sons que a constituem são alternadamente longos e breves, fortes e fracos, consonantes e dissonantes. De quatro notas apparentemente eguaes, a primeira tem um valor mais sensivel do que a segunda e a terceira do que a quarta. Os tempos impares são fortes, os pares são fracos.

Com os compassos dá-se o mesmo. Se o primeiro compasso de uma phrase é accentuado não é o segundo mas sim o terceiro; se o segundo é que tem o accento, os compassos pares teem-no egualmente. As phrases musicaes que constituem o periodo succedem-se regularmente e teem todas o mesmo numero de compassos salvo quando o compositor quer traduzir paixões tumultuosas. E isto longe de ser uma regra escravizante, fundada no que fizeram os grandes mestres ou no gosto pela symetria, é uma lei natural á qual o compositor difficilmente consegue subtrair-se.

A symetria se é como diz Nordau uma criação do homem, resultante da imperfeição do cerebro em musica é uma lei natural.

Como consequencia d'ella o poeta que deseje que as suas composições sejam cantadas, tem que procurar a regularidade no verso construindo symetricamente as estrophes e collocando os accentos com egual regularidade. E' isto indispensavel ao canto.

O numero de syllabas deve ser egual em todos os versos da poesia assim como a posição dos accentos ou sendo desigual devem conservar a egualdade os versos correspondentes em todas as estrophes.

A cesura do verso principalmente quando elle seja longo deve ser bem nitida, como no seguinte verso de Marmontel

Le malheur-me rend-intrepide

n'este de Metastasio

Se mai sen-te spirar-te sul volto

ou ainda n'este de Soares de Passos

Saudosa ao lon-ge vês no céu a lua?

para nos servirmos tambem d'um verso portuguez.

Assim o exige a symetria musical.

Musica e poesia, diz Choron, semelhantes a dois cavallos atrelados a um carro, teem que caminhar no mesmo passo.

Nem só isto todavia é preciso observar. Se a symetria e egualdade de metro são as principaes condições, outras de grande importancia tambem cumpre ter em vista.

A rima é quasi indispensavel, devendo preferir-se os versos graves aos agudos e estes aos esdruxulos. Os versos curtos são melhores que os longos, ao contrario do que queria o Capitão Mór da Morgadinha. Os de 8 syllabas em geral não se prestam a *couplets* e os de 10 ou 12 só podem ser empregados em melodias lentas e tristes.

Todas estas exigencias se fundam na natureza especialissima da arte musical e para proval-as basta-nos recorrer ao cancionero popular.

O povo como n'outra occasião dissemos, só comprehende a poesia ligada á musica, por isso a poesia popular é sempre cantavel e da litteraria só consegue popularisar-se aquella que o é.

Analysemos algumas poesias populares já de origem anonyma já dos nossos mais distinctos poetas para certificarmos a verdade do que fica dito.

Na quadra da *Morte de D. João*, de Guerra Junqueiro, que se ouve muitas vezes em folguedos

Meu coração é quadrante,
Quadrante do meu desejo,
Nas horas em que te vejo
Não marca mais que um instante.

cada verso tem o mesmo numero de syllabas e rima grave, porém como o accento nos tres ultimos versos é na 2.^a syllaba e o do primeiro é na 4.^a, o povo desloca este accento para a 2.^a, obedecendo á necessidade da musica.

A xacara de Soares de Passos *O noivado do sepulchro*, tão popular na época do ultraromantismo e que muito deturpada anda por plebeismos na versão popular, apesar do grande numero de syllabas dos seus versos deve certamente em grande parte a sua popularidade á egualdade do rhythmico e á cesura pronunciada do verso na 4.^a syllaba.

A canção *Triste vida a do marujo*, offerece-nos um exemplo curioso. Os versos são deseguaes em cada estrophe, mas estas são rigorosamente do mesmo metro em cada verso correspondente.

Sempre que o accento não seja symetrico, o povo, deturpando muitas vezes a pronuncia d'um vocabulo, colloca-o symetricamente em todos os versos, por exigencia da musica.

Poderiamos multiplicar os exemplos indefinidamente, mas estes bastam, não só para corroborar o que dizemos, mas ainda para mostrar o processo porque chegámos áquellas conclusões.

Pela observação e imitação da fórmula poetica popular, os nossos poetas conseguiram que as suas produções fossem susceptiveis de pôr em musica.

Estou plenamente convencido que foi Goethe com os poetas românticos da Allemanha, que pela imitação do *lied* popular, prepararam o advento de Schubert e Schumann e a reforma wagneriana, tornando inconscientemente cantavel a poesia germanica. E se apesar do exemplo do maior poeta teutonico alguém por mal avisado, julgue que o approximar-se da fórmula inculta da poesia popular é affastar-se da verdadeira arte, uma anedota passada com o professor Steinthal e por elle proprio contada destruirá tal preconceito.

Muitissimo alterada, ouviu o eminente escriptor a uma sua serviçal, a poesia de Uhland *Der gute Kamerad* que se havia popularizado, e, confrontando as duas versões, a do auctor e a do povo, reconheceu com espanto que as alterações do povo haviam melhorado sensivelmente a poesia!

E' maravilhoso, diz a tal respeito Baragiola, observar como o cantor popular, sem escola e guiado apenas por um instincto, melhorou uma poesia d'um dos poetas mais artistas e notaveis da Allemanha.

Coimbra, outubro de 1905.

LUIS RIBEIRO.

ASPECTOS DA CIDADE

(MOMENTOS DE BONHOMIA)

N'este terno mez de outubro, caricioso na suavidade da sua luz e sereno no decorrer aveludado de suas horas, todo o casario de Lisboa parece amaciar-se na dureza de suas linhas e na barbarie da sua architectura, sorrindo um d'esses sorrisos pomposos e duradoiros, feitos de goso tranquillo e de satisfação intima. Logo de manhã, quando as primeiras gargantas de varinas erguem nas ruas semi-dormentes os seus pregões sonoros e cheios, calmos fluidos de belleza se derramam sobre a face flammante das coisas, despertando-as da sua immobilidade nocturna para as revestir de encantos que prendem e enamoram o nosso senso e o nosso culto da paisagem.

As proprias pedras tomam tons amaciados de marfim; os mascarões das fontes desenrugam a sua expressão contrafeita e atroz, entornando aguas múrmuras e alegrias saltitantes como arveloas.

Os velhos predios, bojudos, pesados e severos, perante a maciesa luminosa e generosa do despertar matinal, perdem o seu musgoso carrão de soberbia ricaça, collaborando na symphonia das energias acordadas e despedindo settas de oiro por cada uma das suas vidraças.

Que limpidez na athmosphera! que murmurios dôces n'este começo da vida diurna!

O ar purificado, sem os bafos maleficos dos viciosos e dos perversos que de noite o empestam, maciamente nos toca o rosto, depositando nos sentidos um precioso contentamento e penetrando dentro de nós em dealbantes sensações que aclaram os desejos torvos, domam os instinctos bravos, ateam o amor á vida, rebatem os pessimismos acidos e abrem todos os mananciaes d'esse prazer ebulliente e pleno que vem da natureza e só da natureza. O Tejo rasga á nossa vista, para os lados tenuemente vaporosos do Oceano, a estrada real das mortes heroicas, dos naufragios temerosos, dos mythos neptuninos, das descobertas e conquistas, das esperanças e dos sonhos, dos mundos novos, dos Adamastores e das ilhas encantadas.

As pausadas collinas e elevações da Outra Banda, vistas atravez a levêsa finissima da neblina, fazem lembrar enormes pachydermes suspensos na sua marcha, domados e detidos em frente da capital, para

extaticamente lhe fixarem a formosíssima imagem — essa imagem em que se casam todas as côres, todos os sons, todas as formas, todos os ruídos e todos os caprichos. E' ve-las, lá ao largo, enviando para cá os seus olhares vagarosos e enternecidos como os do navegante que, no mar immenso, segue, por uma mirada de grande amor, os meneios e ondulações tentadoras da Sirena que o subjuga e attrae.

*

Sete horas e meia da manhã. O sol, ascendendo do Oriente, corôa as cupulas, as torres e os cumes de aureolas triumphaes que fazem rebentar nos carcomidos marmores uma farta juventude, ha seculos adormecida.

Aragens tepidas, d'uma tepidez deliciosa que afaga a pelle como um arminho, espalham perfumes arrancados a essas ultimas flôres que nos jardins, n'esta quadra quieta e velada como uma alma modesta e simples, levantam, com pudores de virgem, as suas corolas em que se extinguem os derradeiros arranques da terra que prodigalisou as suas forças, mezes a fio, em concepções raras de floricultura.

Nas ruas vai um borborinho de gentes que gralham e palram com uma desenvoltura fogosa que rescende optimismos candidos, illusões rubras, peitos tranquilllos e vitalidade abundante. Os labios abrem risos claros e os braços, irrequietos como velas de moinhos, movem-se em todos os sentidos, traçando no espaço figuras graciosas, de desenhos fugazes. As vozes, impressivas como martelladas, rompem das larynges em longos gritos que sobem até esses mortaes quintos andares em que esmaecem donzellas histericas e engordam papás no goso de suas aposentações.

Criaditas de uma graça ligeira de aguarella, assomam ás portas e janellas, espraiando as suas curiosidades petulantes por todos os lados, emquanto lá dentro os *senhores* dormem pesadamente os seus somnos de felicidade e de bem-estar.

As peixeiras, fortemente cinturadas, destacando roliças e jucundas debaixo dos cestos em que se empilha o peixe, calcurriam as vias em grupos rumorosos e discutidores, até que alcancem os bairros afastados em que potentemente anunciarão ás donas os seus gorazes e pescadas.

Costureiras gentis, leves como plumas e flexiveis como tenros ramos, levam para os ateliers a sua pallidez de lyrio e as notas cantantes dos seus prazeres, esfusiando de boquitas malignas e cubiçosas. Que lindas vão assim, em pequenos grupos, chapellinhos baratos sobre as cabelleiras pretas, os olhos faiscando sob as sobranceiras breves e os passos miudos e rapidos de avesinhas saltitantes!

Para as fabricas e officinas correm os operarios, pondo na movimentação geral das ruas tons severos de palavra e gesto, como convem a creaturas a quem o trabalho sorve as clamorosas expansões e as irruptoras emoções, vincando-lhes na frente preocupada essa melancolia que assella todo o nosso povo productor e bom.

Os gericos das hortaliças, fugindo enebriados com o pantheismo matutino, levam mesmo o seu enthusiasmo até ao ponto de atirarem ao chão, com grande estrondo, as cargas que seus dorsos escravamente transportavam para destinos ignorados. Um vimos nós que, com um desasombro e um entono mais que humano, pretendeu entrar os portas da Sociedade de Geographia, apesar de opprimido com uma enorme carregação de repolhos. Um porteiro repelliu-o desabridamente, extrahndo o feito. Alguem commentou:

—«Era a primeira vez que um burro entrava na Geographica, *com fructo!*...»

*

E' este o unico instante em que Lisboa é uma cidade lavada, bonita e de uma feminilidade leve e bemfaseja. Os sinos tocam nas igrejas e os pianos ainda não começaram com o seu Chopin tenebroso. Reinam as energias cosmicas e não as velhacariças humanas. Não ha ridiculos, vaidades, basofias nem hypocrisias. Nada de estylismos nem de litteratura. Os esverdinhadados litteratos dos cafés e *brasseries* expiam nos seus albergues, em pesadellos arripiantes, as suas mentiras, as suas faltas de sinceridade e o desalinho de suas pessoas.

Das bandas do Tejo sopram brisas de cheiro acre que purificam o ambiente dos ultimos palavrões nocturnos. Nos *trottoirs* não ziguesagueiam prostitutas nem os sujeitos putridos, que pairam ás portas das pharmacias e tabacarias, fallam de escandalos e deboches. Até os passaros cantam nos telhados, vendo que a nodoa humana se apagou nos asphaltos.

Os pombos que estacionam no frontão do D. Maria esvoaçam sobre o Rocío, envolvendo o bronze do Rei-Soldado nas curvas macias dos seus voos. Não se descortina um só d'esses typos balôfos, impessoaes e gastos que enchem a rua do Oiro á hora nefasta do fechar das repartições. Nem conselheiros, nem politicos, nem charlatães, nem amanuenses, nem directores geraes. Humanidade sã, raça trabalhadora. A' porta dos armazens e lojas, o pessoal, homens e mulheres, emquanto não chega o momento da entrada, borbordinham animados, lançando uma vez que outra olhares saudosos a toda a poeira das coisas que cicia e palpita em troncos, blocos e muros. Hora de perfeição naturalista, de inspirações aladas, de phantasias irreprimiveis e de existencia

folgada — tão folgada que as penas se desfazem como se desfazem os gelos tocados pelo calôr do meio-dia.

Deve ser em momentos assim que as arrojadas intuições nascem nas mentes dos sabios e que os poetas mergulham no pelago fundo do Inconsciente a receber o baptismo que os inicia no manejo do rythmo e na arte difficil e subtil como os fios de uma teia que os torna capazes de encerrar n'uma palavra um mundo de emoção. Certamente n'esta hora immaculavel como o pupilla de uma aguia, Platão e Santo Agostinho, Dante e Sackspeare, Kant e Nietzsche receberam no seu espirito o sello do genio e o sopro liberrimo da maxima racionalidade. Hora abençoada!

10 — X — 905.

PADRE MANSO.

OS MORTOS:

Já tornados á Mãe d'onde viemos,
nella fecundamente renascêmos...

Á Mãe que nos criou, nos digeriu
com semelhante, clara indiferença,
cujo ventre jámais cansou nem cansa,
— feroz, fecunda, cega, surda, imensa, —
e tudo mata quanto produziu,
nesta morte vital, que é a mudança.

Somos p'ra vós, os que habitaes ainda
esse agreiro de Sol, que a luz alinda,
para as vossas memorias vans e ingratas,
— uma nevoa de nomes e de datas...

Somos, na natureza, a mesma vida,
apenas noutras fôrmas revivida:
a que vivemos ahí, aonde, passando,
nos fomos todos imortalizando.

Somos os mortos : somos o Passado.

Somos quem, d'este espaço ilimitado,
com mãos que são, ás vezes, ramos verdes,
que, arvores, no ar de leve ondeamos,
e outras, quebrar de onda pela praia,
que o seu seio arredonda e logo esmaia ;
e com vozes que são, — homens : ouvi-as . . . ,
ás vezes, o falar de fontes frias,
nós somos quem vos move e vos conduz,
da eterna sombra, nessa eterna luz.

Somos os mortos : somos a Lembrança.

E cada um de vós, que agora alcança
essa vida mais certa que esta nossa
que vivemos na surda vida escura,
— braça verde, erva triste, agua de póça, —
cada uma de vós, almas, procura,
porque lá dentro viva lhe bateu,
a lembrança dos mortos, que inda dura
quando a dos vivos mesmo se perdeu.

Somos os mortos : somos Companheiros.

Qual o vento que inrola os nevoeiros
e os espalha, e os leva, e na paisagem
os intorna, os desfia, e já parece
que o mundo afunda e tudo reapparece
nos longinquos effeitos da miragem,
assim tambem ao vosso pensamento
quando em consciencia ahi desabrochou,
o envolve essa sombra, que esse vento
de memorias passadas arrancou.

Somos os mortos : somos vossos Paes.

Batalhaes, trabalhaes, suaes, pensaes... :
repetis uma dôr que já vivemos
quando, nessa poeira, batalhámos,
trabalhámos, suámos e soffremos ;
de cada um de nós, esparso e incerto,
— cardo na terra ou vento no deserto, —
de cada um de nós, o nome vão,
radia para vós o sonho e a acção.

Batalhaes, trabalhaes, soffreis, pensaes :
Repetis, repetis, e pouco mais.

Renascemos : passâmos p'ra voltar.

Respirâmos comvosco, e somos o ar.

Cada dia que foge e vai levado
n'asa do Tempo calma e fugidia,
mais nus afunda, mais, para o passado :
como um povo de nuvens acossado
p'las invisiveis mãos da ventania.

E na enorme, na anonima incerteza
da alma do morto, alheia a bem e a mal,
vereis esta suprema e mór tristeza,
que sabemos, — de ser a natureza
egual, fecundo vacuo universal...

De tanto pensamento diffundido,
que são os nossos pensamentos mortos,
existe um pensamento, que é vivido
por vós, nos vossos corações absortos :

e do passado longo e vago e fundo
nos erguemos em vós a cada instante,
e quanta vez, ahi, vai triumphante
na alma viva, a morta e já distante,
— a alma dos mortos governando o mundo.

E da nossa Consciencia, — assim desfeita
como a luz que se apaga e vai enchendo
de fumo leve a casa que alumia, —
jámais vos hei de libertar, vivendo
a vossa vida, que por nós é feita,
numa immortal tirania !

(Do *Ar livre*).

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

A VIDA E A OBRA D'UMA BORBOLETA

A' luz, que a doira e encanta,
bate as asas, ha uma hora,
a borboleta : e, agora,
morre poisada na planta
que fecundou, criadora.

Que linda biographia
e pura obra de amor :

Viver a hora d'um dia
e deixar de si, na Vida,
esta memoria florida
donde ha de nascer a flôr !

(Do *Ar livre*).

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

UMA APRESENTAÇÃO

No movimento artistico portuguez, apesar de acanhado e pobre, figuras se destacam de real valor que fazem demorar a vista e pensar nas raras faculdades que adormecidas morrem nos recantos sombrios onde a celebridade não leva os confortos da vida desafogada. Porque não ha terra como esta onde a cada canto surja uma natureza fadada de mão capaz de executar, com felicidade, a obra d'arte. Mas n'este meio restricto só os que em alto grau conteem faculdades raras é uma rara tenacidade alliada a um favoravel golpe de sorte logram viver amplamente pelo pincel ou pelo escôpro.

E, se, d'este modo, ficam decerto reinando ao lume dos subalternos os que pela envergadura se impõem soberanamente, quantos ha de estranha sensibilidade e d'um marcado feitio artistico que a lucta terrivel da vida, a exhaustiva lei da concorrência, fazem quedar nos cantos dos *ateliers* acarinhando uma ou outra obra da sua mão no esquecimento do mundo e das suas gloriolas! Quantas existencias aladas mortas na crua tarefa de viver! Quantos vivem esquecidos, longe da agitação das praças pacientemente realisando o seu ideal colorindo a tela, modelando o barro!

E, se a gente ás vezes topa com uma individualidade d'estas, desconhecida no meio onde tanta mesquinheria avulta, só um motivo claramente nos explica o isolamento e ignorancia da sua trabalhosa existencia: o desprezo pelo facil *reclame*, o descuido pelo alargamento do nome, encolhida na luz morna do *atelier* longe da vida agitada das ruas.

Portanto, que coisa mais interessante do que trazer para a luz da publicidade um vulto d'estes, embora, como n'este caso muito particular, o apresentante tenha direito de apresentação igual ao do sujeito que, desconhecido do dono da casa, apresentava um certo amigo para o baile. Perguntado pelo dono da casa —: e o senhor quem o apresenta? respondeu serenamente —: eu retiro-me.

N'este caso, que agora tendes debaixo dos olhos, o mesmo se dá: depois da apresentação feita eu... retiro-me,

*

Queria fallar-vos agora de Julio Vaz artista desterrado na Figueira da Foz...

Não que Julio Vaz seja um desconhecido mas porque, pelo menos, não tem nome igual ao que o seu pulso vigoroso de escultor tem direito a exigir da multidão indifferente. E' um artista de invulgar valor assignalado na passagem pela escola do Porto onde os olhos reaccionarios de José de Brito olharam só de esguelha a sua obra fortemente temperada no verbo novo, candente de indignação e revoltas pela oppressão e pelo arbitrio.

A sua obra ainda é curta; mas como pela primeira pancada se conhece o pulso que bate o ferro na bigorna assim as primeiras dedadas impressas no barro dizem bem o que de futuro nos poderá dar esta alma aberta ao clamor das officinas.

Afóra uns bustos e alguns trabalhos de menos vulto quasi toda a sua obra está ainda reduzida a *maquettes* que tão breve não se transformarão em marmores em vista da difficuldade de tempo com que o artista lucha. Ao de leve tocaremos n'algumas das suas obras. Mais tarde será tempo proprio para nos demorarmos sobre a sua obra pois temos a promessa do seu apparecimento em futuras exposições.

Por hoje escolhemos tres: *naufrago, barco perdido, a greve* (1). O *naufrago* é uma arrojada tentativa feita ainda quando alumno da escola do Porto. Obra, em verdade, na qual cabe o reparo sobre certos detalhes mas em que todos admiraram a grandeza do intuito e a profundidade da ideia e, mais que tudo, o arrojo de fixar no marmore quieto e inerte o vortilhão da vaga, a angustia sinistra do naufrago, n'um desespero enorme, enrodilhado por um amplexo mortal da onda, rolando os dois confundidos na massa fria das aguas. O rosto do homem, quasi uma caveira, arado de profundos sulcos mostra os estragos da lucha formidanda que vae travada. O corpo descarnado já a onda o domina n'um ultimo esforço lançando-o morto, quebrado, ao solo humido da praia. E' isto o *naufrago da vida*.

E' uma tentativa que caracteriza a mão que a traçou e palmo a palmo a modelou guiada por um cerebro alto de profundo pensador.

Toda a obra d'este artista é de libertação e os barros que modela são gritos de protesto dos oppressores e dos humildes. Vê profundamente no coração dos que soffrem, realisa no barro uma obra sentida, immobilizando os gestos dos que pedem luz e pão. A *greve* é um ex-

(1) Procurámos obter reproducções photographicas d'estes trabalhos mas não houve photographo que tirasse coisa capaz de servir a dar mais nitida ideia sobre o que vou discorrendo.

plendido esboceto. Olha-se e imagina-se vêr a distancia a tropa que marcha, cerrada n'uma concentração hostil, eriçada de bocas de espingardas e brancuras de sabres perenes de ameaças e odio, por entre a multidão grevista lançando improperios e pedradas. E' este momento culminante que o esboceto fixou.

Um homem abaixa-se e apanha uma pedra, com a vista cravada na frente, o corpo agachado, como querendo esconder-se de rojo e apesar de tudo ameaçador. Atraz um grupo de mulheres, colericas, de punhos estendidos á tropa, onde um pequeno *Gavroche* espreita a lucta que começa. Só uma pallida ideia poderão dar as minhas palavras do movimento que agita todas as figuras, do odio que exprimem as faces contrahidas no extremo dos pescoços esgalgados.

O *barco perdido* é um pedaço delicioso pela harmonia das linhas e pela vaga tristeza que encerra. E' o eterno thema da mais commum das dôres entre gente maritima.

Figura o esboceto um grupo de mulheres de pé na praia perscrutando os confins do mar alto. O vento justa as roupas e arremessa os cabellos em linguas movediças por sobre os rostos. E' encantador pela graça e harmonia da composição.

*

E depois de termos escripto isto que atraz fica quedamo-nos satisfeitos e alegres pela boa obra que tentámos fazendo com que as nossas impressões, que supponmos verdadeiras, não fiquem no circulo restricto d'aquelles com quem conversamos. Já se vê suppondo, ainda que imodestamente, que alguém nos lê... E' uma obrigação para todos dizer bem ou mal o que sentem. No cumprimento d'este dever... escrevemos.

Coimbra.

ALVARO DE CASTRO.

CARTAS A UM IRMÃO MAIS NOVO

V

Antes de hontem, á tarde, na vespera de partir para Coimbra, andava a passeiar na Avenida, quando encontrei o nosso velho conhecimento José Antonio. Chegou do estrangeiro ha um mez e, como me declarou, apparece pouco: porisso é natural que o não tenhas visto e quero dar-te uns leves traços da conversa que tivemos.

Apesar da nossa invariavel indifferença um pelo outro, o primeiro movimento de ambos foi abraçar-nos quasi em alvoroço. E, enquanto eu ia a pensar n'este impulso irreflectido que nada justificava, ouvia-lhe a voz, mas uma voz nova, mais sonora, alentada pelo que os olhos tinham visto; e examinava-lhe a toilette farfalhuda em pelles, com almares cruzados no peito, o amplo casaco descendo aos pés, o nó da gravata preso n'um anel de ouro, os collarinhos altos virados, o chapéu lustroso e engommado. Decididamente era outro José Antonio que me voltava de Paris; e, assim como trazia novas gravatas, devia igualmente trazer novas ideias...

— Ha que tempos não nos viamos, não é verdade?... Que tinha feito, que tinha gosado?... Percorrido mundo, hein?

Tinha visto a Andaluzia e as suas mulheres incomparaveis e as suas cidades d'ouro que o sol abençoadamente sempre allumia; estivera em Paris dois mezes e museus, monumentos, parques e prazeres tinham desfilado deante dos seus olhos; uma manhã brumosa atravessara a Mancha e conhecera Londres; e a cada novo aspecto se lhe tinham extasiado os olhos...

N'esse momento passava o landeau d'uma condessa muito conhecida em Lisboa e elle descobriu-se com galantaria; cravara o monoculo na orbita, tomara um ar impertinente; e sentia-se-lhe na falla, nos olhos, nos gestos, a satisfação da sua toilette, da digestão que estava acabando, do ar da tarde que respiravamos...

Elle continuava a fallar. Tinhamos chegado ao cimo da Avenida e voltámos. Uma poeira leve, não sei se erguida do chão se tombando do céu, enevoava e confundia as perspectivas n'uma gaze transparente que os primeiros candieiros accesos começavam a picar de luz. As

olaias em flôr, roxas ao crepusculo, estendiam nos passeios lateraes os seus renques unidos. Ao longe, sobre o fundo, imperceptivel quasi, dos montes da Outra Banda, o rio espraiava uma fita branca d'agua. Corria uma aragem morna e perfumada de primavera. A multidão rumorejava raspando os lagedos. As equipagens de luxo, lançadas a trote, iam e vinham com o ruido surdo das rodas forradas e o bater compassado dos cascos dos cavallos no macadam. Um ou outro trem de praça passava aos solavancos.

E n'esse entardecer triste de cidade populosa eu sentia-me melancolico. E lembrava-me bem d'esse José Antonio, bisonho e estudioso, aterrado continuamente de colicas, modesto, incaracteristico, sumido. O pae levara-o a Paris e eis que vinha de lá um transfigurado, com a modestia mudada em insolencia, o acanhamento em pose e, tão cheio da sua pessoa, da sua importancia, que dir-se-hia ir vê-lo d'um momento para o outro saccar dos bolsos do casacão de pelles esse Paris millionario, essa indolente Sevilha, essa brumosa Londres que as suas recordações revolviam distrahidamente...

E entristecia-me vêr que no seu desarrazoado não havia uma nota profunda, um ponto de vista original, uma observação flagrante, mas apenas um cisco desprezivel do que lhe succedera no *Hotel de Marseille*, do começo d'aventura amorosa que tivera n'um compartimento de primeira classe, ao atravessar os Pyreneus. Arte, litteratura, costumes, trajas, tudo roçara por elle inutilmente as suas perfeições, o seu pittoresco, o seu colorido... Elle só não fechara os olhos ás trivialidades das peripecias e dos casos engraçados...

— Ah! e com um cosinheiro, em Granada, ainda te não contei!...

Ainda não contara, não. — Assim elle era mais um dos muitos que fazem a sua mala, abraçam parentes e amigos, mettem-se no *Sud-express*, comem, dormem dois mezes fóra de casa, deitam-se durante dois mezes um pouco fóra d'horas e durante dois mezes estafam uns centos de mil réis. E depois d'essa peregrinação chic, sem um estremecimento d'arte que lhes abale o cerebro, sem trazerem na memoria uma d'essas paisagens que uma manhã se avistam e jámais se esquecem, sem uma saudade, sem uma impressão original, voltam ao paiz com attitudes procuradas e pedantes!

Quando não se limitam como este inoffensivo a alardear *pose*, querem invadir a politica, a litteratura, a arte porque *beberam* lá fóra o que ha de melhor; ouviram um discurso de Salmeron em Madrid e Jaurès e Delcassé no parlamento francez; visitaram o Louvre; toda a sua intelligencia, emfim, se abriu e deu fructos á grande luz fecundante da civilisação...

E como viajar é diferente! Como esse correr rapido de cidades e de monumentos, de Baedeker em punho, é inutil e grotesco! Goethe, soube com uma simplicidade demasiado amavel dar este conselho:

Faze da tua dôr um poema, não se lembrando que é necessario ser ao mesmo tempo um genio para o pôr em pratica. Mas, por si, hesitou um pouco mais em interpretar a arte de Italia do que em aconselhar d'esta maneira os homens. Alongou a sua estada em Roma cêrca d'um anno e exclamava nas cartas aos amigos: *Como estou atraçado! A arte latina ainda se não despendou aos meus olhos!*

E foi um dos genios mais comprehensivos do universo. Educado admiravelmente pelo direito, pelas sciencias naturaes, pela litteratura, pela arte do seu paiz, elle só soube penetrar a grandeza da arte latina com pacientes, minuciosos, cuidados estudos. . . — Effectivamente viajar não é fazer essa rapida via sacra que José Antonio me ia descrevendo. . .

As viajens são as grandes retemperadoras do espirito cançado pelo trabalho. Ensinam, mas distraiem; educam por se abrir os olhos simplesmente á paisagem, aos costumes, ás ruinas melancolicas, á vigorosa vida das populações. Mas é necessario saber vêr: demorar-se mais onde a alma nos pede que fiquemos; não desperdiçar tempo com o que nada nos attrae. Não fazer uma unica concessão á moda universal das peregrinações classicas.

E todos os dias praticar um exame de consciencia: a cada nova obra d'arte que nos passa attentamente pelos olhos, corresponde na nossa alma um acrescimo de belleza, um novo esforço para a perfeição individual; porque nada ha para nos desprender das inevitaveis e pequenas contrariedades da existencia, como viver tranquillamente na região elevada, serena dos sonhos generosos, das aspirações justas, da recordação das cousas bellas que vimos.

Depois, onde quer que a curiosidade nos leve, onde quer que se pense na gente da nossa terra, as leguas, que nos separam d'ella, fazem-na parecer melhor. E' a impressão que os jornaes dão a um homem isolado n'uma aldeia: estes ministros afinal não são tão maus como a opposição os pinta; estes artistas teem muito mais talento do que as invejas pequeninas lhes attribuiram; esta raça não está tão decadente como dizem! A distancia afoga todos os aspectos n'um nevoeiro indeciso: homens, instituições, habitos encobrem-se-nos n'um veu de indulgencia; as arestas asperas e ruins desapparecem.

E quando se volta á patria é uma nova patria que se vê. Não succede como a esses banaes desprezadores de tudo porque entraram na Opera e passeiaram uma tarde nos Campos Elyseos. Se os defeitos se salientam, a originalidade e as qualidades sobresaem tambem. Os juizos são menos brilhantes, mas mais seguros. . .

José Antonio fallava-me sempre, mas eu já o não escutei. E pensava com enternecimento d'esse passeio que um dia combinámos, lembraste? . . . Tinhamos lido a *Graziella* e andavamos estonteados.

Procida, o golpho, as manhãs de sol, as tardes dulcissimas, os laran-
jaes em flôr... Tão longe esse sonho! Se um dia o poderemos reali-
sar?... Mas havemos de prometter um ao outro, primeiro, não viajar
conto o nosso amigo José Antonio!...

Teu irmão amigo

Antonio.

LUIZ DA CAMARA REYS.

O POETA HENRIQUES

(EXCERPTO)

No negrume alvido da viella por onde se afoutára, Pingoleta sentia apenas, muito agudo e insistente, um soprar frigidissimo nas barrigas das pernas. Não vislumbraava resquicio algum de luz, nem outra sensação tinha além do fresco bafo em tão exquisito sitio.

Subito vio... e não mais pensou nas pernas frias. Mas o illuminado vulto que elle vio transmudou-lhe o pezadello em duvida angustiosa:

— «Seria aquelle o critico Tição?»

A luz mortiça que do proprio vulto irradiava, como duma descomunal lamparina de vidro mate, desenhava bem nitidamente, em espessuras de claro escuro, a effigie divulgadissima do Tição, a sua roliça e bochechuda face cortada pelo bigode bicorneo e pintalada pela mosca de pellos riços embutida como um musgo na fosseta funda do mento. E apesar da sua característica, curta e cinzenta suissa em barbatana e do incisivo olhar dos seus olhinhos pardos trespassando a rodoma dos vidros convexos da luneta (a sagacissima luneta do Tição) apesar de tanta evidencia, Pingoleta hesitava com tortura e aneio.

— «Podia lá ser! O Gomes Tição, Tiçõesinho o Genio, em tal preparo! Sabido como estava que Gomes Tição era tão cuidadoso no vestir como meticuloso no escrever e que vincava a phrase sempre celebre como esticava as calças sempre novas! Podia lá ser!»

Porque esse Tição que Pingoleta defrontava, exhibia-se um desbragadissimo Tição. Tinha um morrião assyrio com pellos côr de oca na cabeça grisalha; uma jaqueta andalusa a espartilhar-lhe o busto grosso; umas cuecas de banho, azues e brancas, que lhe desciam do ventresinho bossudo ao terço superior das coxas pennugentas. Como se fôra um bronze de corrimão empunhava pomposamente um candelabro de três lumes com chammes de intensidade desigual e côr differente. E na convexidade typica das lunetas havia applicações legiveis: na direita, um barometro onde os amarellos faiscentes do

aneroide eram cortados por uma agulha gigantesca apontando o mysterioso distico: — *Variavel — Pede-se o favor de conservar o talão* —; e todo o olho esquerdo redondo e amplo como um pires, era bordado pelos signaes romanos das horas e outro esguio ponteiro, em forma de seta assentava sobre desusado conceito: — *Tres horas! Como ella tarda!*

Apezar, pois, da certissima physionomia do Tição, quem calcularia em tal estafermo o venerando espirito... corpo perfeito... intelligencia aguda... character de crystal?!

Roeu então Pingoleta as unhas e logo lhe occorreu cumprimentar o espantalho com o ar ingenuo de não fazer reparo na nudez repugnante das suas pernas morenas. Approximou-se-lhe, saudou-o com dois dedos, sorriu-lhe com reverencia:

— Ora viva...

E a voz do Tição, authentica, indubitavel, pausada como um discurso, aspera como uma matraca, rolou, como rola entre serras um trovão:

— Para traz... migalha! Suspende o atrevimento... particula! Aligeira-me em lépida corrida esse reles corpo sem linhagem, ou cahe, se queres, na humilissima genuflexão dos respeitosos! Venera em mim o Mestre! Vê bem, ó infimo! Vê bem! Ergo na minha dextra o pharol symbolico da Arte. São três as luzes que de mim brotam: a luz da intelligencia, a luz da lua, a luz do seculo; uma é rubra como o sangue, a outra pallida como um desmaio, a terceira verde como uma esperanza... Eh! eh! Achas ratão não é verdade!

E depois de cofiar o rolo do bigode, encostou, como um archeiro em descanso, o tocheiro a uma parede, estendeu com uma generosidade de patrão a manápula farta ao Pingoleta e continuou no ribombar da mesma voz.

— Vê bem. Vê bem... carissimo collega... se tens por ahi algum charuto bom...

E Pingoleta desculpando-se... «mas que os ia buscar, era um instantinho...» vio com espanto as indicações dos oculos mudadas. O barometro annunciava: — *Chuva. — E' favor limpar as botas ao capacho.* — A seta do relógio fazia ler na cercadura das horas: — *4 horas. Agua leva o ribeirinho.*

E mal acabára de ler o disparate, ouviu Pingoleta ao pé de si uma queda molle como de pella que resalta e logo surprehendeo o irreverente Pêgas, o Pêgas d'Almeida Junior, elle dum bloco, de chapeu de

palha e botas de verniz, a erguer-se do chão com a naturalidade corriqueira de quem se levanta dum sofá. De cabeça á banda, toda de lado, numa pesquisante olhadella de passaro, mirou alternadamente Pingoleta e o Tição e na sua insolencia de marreca grasnou afixando a phrase no rebolo da asperrima larynge:

— Venho do Chãos excellentissimos senhores (e dizia: *eiscellentissimos sinhores*). Ha lá apitos. Mas tem sempre um morbido travor tão felosa confusão! Muito character, filhos, ha lá fadistas! Caspité, Tiçõesinho, caspité! Estás feericamente gommoso! Muito talento, hein? Simplesmente deverías, rastaqueiro arganaz, cartonar com mais decencia o volume desenxabido do teu corpo, embora o povileu falho de gosto, na inquisição incanitante da sua cyclica miseria, desse em te ladrar ás frescas alpercatas... Uf! Sahiu-me linda mas algo tamaninha a phrase. Mas como vos ia contando, meus ricos filhos, venho do Chãos!... A vida, mesmo a de Jesus, que é do Renan, e a mocidade, a vulgarmente chamada mocidade, mesmo a de D. João V que é do Bernardes Branco só as podem realizar as raças fulvas. Lá contei isto ao Herculano que se poz a coçar os metatarsos, piscou-me o olho remeloso, amezendou os illiacos no fundo rôto dum cesto vindimo e titubeou: — «O azeite a desoito vintens! A desoito vintens o litro!... Saiba vossa senhoria, senhor Pêgas, que dá vontade de a gente se deixar ressuscitar!...» Está velho o Herculano, está velhote... á uma porque já morreu, e depois... sigam-me vocês o raciocinio...

Eis porém que Pingoleta, vê, cheio de terror, o Pêgas precipitar-se em infrene correria em poz da rodella de palha do chapéu que um turbilhão de vento fazia girar com uma impetuosidade de ventoinha.

Ia Pingoleta correr tambem, tambem tentar, por delicadeza, a captura da preciosa palha quando outro torvelinho arrasta o capacete do Tição, sopra como um maçarico os três lumes symbolicos da arte, sacode-lhe em dois farrapos as cuecas de riscas, empuxa-lhe os cabellos e arrepanha-os em bico de *clown*, faz-lhe vergar as pernas nuas, e vomitar num urro lancinante a enorme lingua.

E logo sinos entram de dobrar. Gente passa em cardume, açodadamente, de olhar desvairado e num tropel de cataclysmo.

No magote destrinçam-se creanças em cortante pranto, suspensas pelos pés como cabritos, e batendo cavamente nas costas curvas de mulheres e ao sabor do seu chouto tropego e afflicto. Ha baques surdos de ventres nas lages do caminho. Ossos estalam. Rebentam craneos como nozes que se triturassem, e um silvo agudo, agudo até á dôr, cruciante, continuo, apavora e augmenta o estolido mysterio como se ao longe, muitissimo ao longe, um pavoroso vento de cyclone se escoasse por um bisel de apito monstro.

Embebido num suor de estupôr, Pingoleta não ousa mover-se, e repara que a ventania nem sequer o roça. A medo esfrega os olhos e por um momento parece respirar melhor e uma alegria lhe rasga o tenebroso pensamento porque houve em tanto e horripilante queixume um fallar de paz, muito sumido:

— «Quem merca as couves!...»

A medo ainda apalpa-se, sente a pelle aspera, lanosa, fria. Cheira-lhe o mundo a petroleo, e com um calefrio de nausea outra vez mergulha no pavôr.

Continua então o perpassar dos fustigados, mas agora um ou outro consegue desangrar da multidão; e esse que foge tem sempre um segundo de tontura, sacode sempre as botas com o lenço, e apressadamente puxa dum bolso o relógio a ver as horas (succedendo que é sempre o mesmo relógio que sahe do bolso de todos) e entra a correr com o mesmo grito rouquenho, o mesmo sempre, na caverna da bocca:

— Oh! da guarda — oh! da guarda!

Um desses escapados está em frente de Pingoleta e segreda-lhe na sua voz extenuada de mulher:

— O vento da insania! Rompeu-se o Cháos. Vou ao jornal dar parte... Faltam bombas... O Pêgas fugio para o saguão...

Pingoleta reconhece a voz da Veleda e num arranco doloroso consegue tambem mover-se, andar, correr.

— Veleda... pist... Veleda, filha! Pára... ouve...

Mas Veleda parece não ouvir porque não pára. E quando a figura de Veleda é já como um ponto muitissimo ao longe, numa vereda sem fim, Pingoleta sente-se por sua vez perseguido. Então Pingoleta foge, corre mais, esqueceu mesmo a Veleda, tropeça, vae cahir de borco, metter a cabeça entre as proprias pernas, mas de novo um inedito terror o petrifica, volta-se, e dá comsigo, com elle mesmo, o mesmissimo Pingoleta arquejante e a suar que na sua propria voz indaga delle:

— Que diabo de precisão, tens tu, amigo Pingoleta, de fugir de ti proprio?

ARNALDO FONSECA.

A IDEIA

Não soffre a gestação obscura e demorada
Da gemma aureoreal no seio do mollusco ;
Tem qualquer coisa assim de inopinado e brusco
Como o tombar do raio ou lampejar da espada.

Ninguém rasga o mysterio — o cahos d'onde vem...
A verdade é que nasce, e toma n'um momento
Calor, e voz, e força, e fórma, e movimento,
E parte como a setta ao ignorado Além.

Depois — deixa-la ir ! Ninguém mais a detenha !
Ninguém tente abrandar a onda impetuosa !
Era oppor ao tufão a brisa murmurosa
Quando transpõe rugindo a crista da montanha.

Repara onde ella cai : ha treva ou deixou luz ;
Se é vil, hade ser lama, e alta, hade ser céu ;
Ou cristaliza em genio, é Dante ou Galiléu
Ou ergue no Calvario o corpo de Jesus.

M. CARDOSO MARTA.

DEFEZA D'UM CASTELLO MEDIEVAL

DEPOIMENTO D'UM COMBATENTE

Das fortificações que na Idade Media se levantaram em volta da Braga archiepiscopal era a cidadella a melhor e a mais completa sobrevivencia.

Reservaram-lhe os fados o bairro central da cidade, que a foi cercando e occultando a ponto de se tornar unicamente apercebivel a cortina occidental (1) entre dois torreões, e a cimalha dominante do altivo cubo de menagem, coroado d'ameias, e com a projecção dos *machicoulis* angulares a quebrar-lhe a severa austeridade dos perfis.

Dos quatro cubellos que se perfilavam nos vertices do quadrilatero, um desapareceu inteiramente, outro serve de base a um achavascado campanario, e os dois restantes, que permaneceram intactos na sua linha geral, o do noroeste acantonava-se no sordido casarão da cadeia civil e o do sudoeste empastava-se, pelas faces externas, com habitações modernas e com um *passo* encimado por um oratorio embutido na espessura da parede.

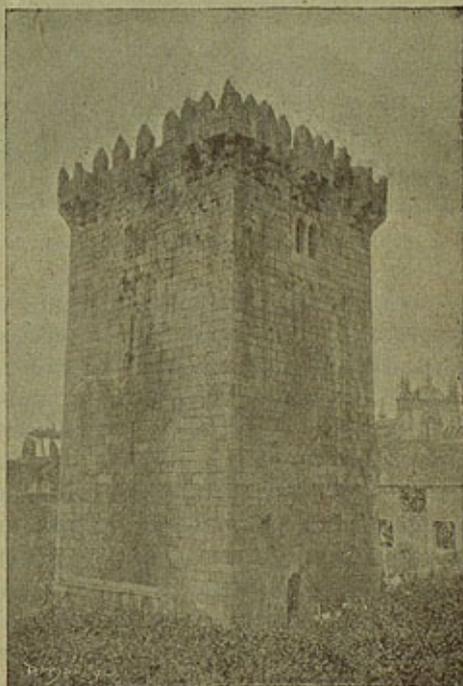


Fig. 1 — Torre de Menagem (faces de Leste e Sul)

(1) Já não se conservava no estado primitivo. Tinha sido muito alterada.

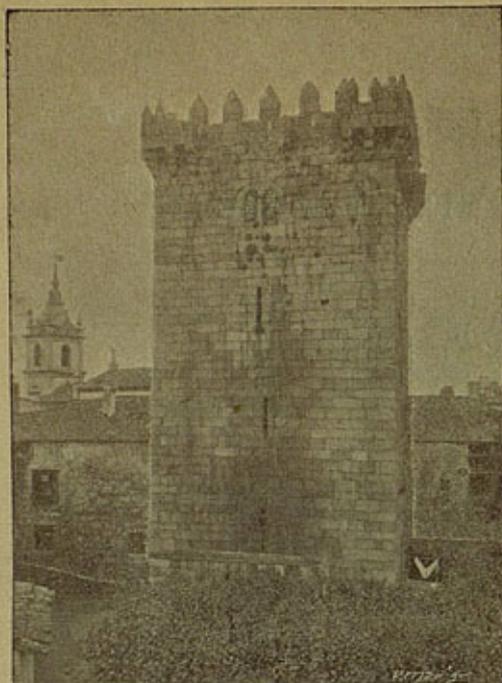


Fig. 2 — Torre de Menagem (lado Sul)

Era este o mais amplo e o mais perfeito, fenestrado, e que dava comunicação do reducto para o interior da cidade (1).

Os demais lanços dos muros, quasi integros serviam e servem de suporte posterior: o do norte á masmorra, o do nascente á Arcada para onde a bisbilhotice indigena quotidianamente converge, e o do sul a uma ala irregular de edificios urbanos, que assim como aquellas, sobem alem da linha ameçada e espreitam por janellorias e trapeiras para dentro do recinto em que se ergue a soberba torre de menagem com a porta afastada do solo (2) e aberta para leste sob o escudo egregio de D. Diniz. Este braço vale um documento.

Foi portanto o monarcha arguto e sabio (3) quem mandou erigir a arrogante sentinella, que apenas reconstruida no remate, presumivelmente no seculo XV, chegou até nós com a magestosa plenitude das suas linhas, sobrias e solidas, e somente envolvida na trigueira patine da velhice.

A sua silharia, as siglas que a marcam (4), affirmam a factura medieval que lhe deu a imperturbavel estabilidade e a resistencia intransigente ante as implacaveis sevicias do tempo. Na parte superior que soffreu a reconstrucção desaparecem os signaes dos obreiros, as setteiras esguias, e surgem as geminadas fenestras ogivaeas, ao levante e ao sul (fig. 1 e 2) e as janellas em simples ogiva nas outras fachadas (fig. 3 e 4). Ao nível do parapeito do eirado, emergem as atalaias defensivas, nas quinas e ao centro da frontaria de léste (5), que lhe dão

(1) Estão agora a descoberto as 4 portas de passagem desde que se arrancaram as sobreposições e o entulho com que o haviam atupido.

(2) Quatro metros.

(3) Além de tradicional sabe-se que ao fazer-se uma obra moderna juncto do castello em 1853 appareceram moedas de D. Diniz nas respectivas excavações.

(4) Muitas correspondem ás dos muros periphericos.

(5) Destinada a defender a porta. Esta porém não se abre mesmo ao meio da face da torre e foge portanto á verticalidade requerida pelo *machecouli*.

o caracter typico, indiscutivel e uniforme da maior parte das similares construcções medievas que ainda subsistem no paiz e frequentes no Minho e em Traz-os-Montes, como Leça do Balio, Pene-gate, Lapella, Montalegre, Chaves, Monforte, Villa-Real, etc., etc. (1).

Nobrememente erecta dentro do perimetro murado, com o seu tom gasto e macio, evoca n'uma funda suggestão o patriotico sentimento que a originou para vigia sollicita do aggregado citadino e para refugio acolhedor na hora angustiosa do derra-

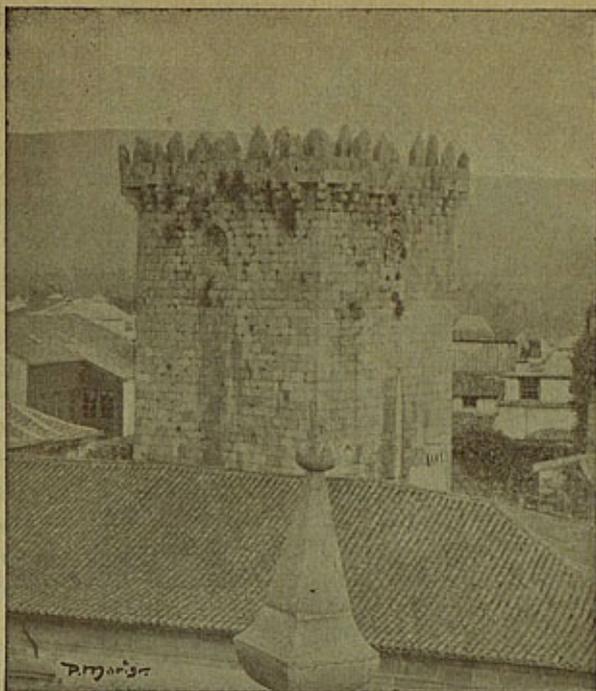


Fig. 3 — Torre de Menagem (faces do Norte e Poente)

deiro esforço, quando a sorte inimiga trouxesse a derrota ineluctavel.

No interior nada resta. As quatro fiadas de cachorros salientes indicam o numero de pavimentos que a dividiam desde a entrada.

Como additamentos ás primitivas construcções da cidadella apenas se haviam adossado internamente ao panno da muralha occidental, quando D. Affonso VI reinava, alguns presidios que determinaram a ruptura da sua rija cantaria para lucarnas e portas d'accessão.

Os cubellos que a extremavam, como já ficou dito, communicavam-se pelo adarve sobre que se apumava, n'um esbelto e gracioso recorte, a pequena sineira despojada do sino que precipitadamente soava a rebate (*cloche à ban*) no tumultuario momento do perigo collectivo e que, de resto, imperiosamente ordenaria a cerração e abertura das portas quando a noite descesse e o dia surgisse (fig. 4).

Em taes condições se achava o chamado Castello de Braga. N'um outro paiz, attenta a facilidade da sua realisacão, haveria empenho em o expurgar das superfetacões que o mascaravam reconduzindo-o tanto

(1) Não citamos outras de galba mais simples, ou com esta ou aquella differenciacão, mas que obedecem ao schema fundamental como Guimarães, Lanhoso, Melgaço, Bragança, etc.

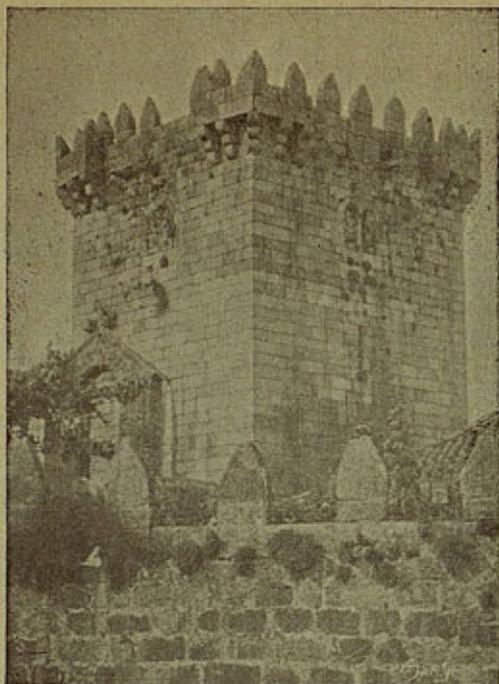


Fig. 4 — Muralha ocidental já demolida
Torre de Menagem (Sul e Poente)

quanto possível á pureza originaria. Mas, como entre nós se caminha sempre pela inversa não seria para descontentar a sua conservação em tal estado.

Nem isto, porém, o haviam de permittir os fados, como vae ver-se.

Maio corria, quando a Camara Municipal, realmente interessada pelos melhoramentos da terra, pediu auctorisação ao governo para arrasar a veneranda fortaleza, julgando-a sem valor, com o fim de aformosear e modernisar o local.

Mal vi o caso nas gazetas encetei a campanha n'um diário bracharense(1) combatendo o intento da edilidade em trez artigos, mais adeante condensados n'um outro publicado n' *O Primeiro de Janeiro*.

A minha prosa d'uma tão flagrante interferencia desagra-

dou asperamente aos edis e, sobretudo, aos partidarios do *progresso* que, em convencida hyperbole, se diziam a *cidade* (2).

E passado o pasmo causado pela minha audacia, a cidade começou a rugir e, olhando para as velharias, perguntava, de punhos cerrados, a importancia *d'aquillo*. A cidade, certamente, não me lêra. Se leu, não comprehendera!

Mas ainda não estava livre do azedume que eu lhe proporcionára, quando um conterraneo illustre (3) reforçou habilmente o meu protesto enveredando para a troça. Não fugi ao prazer de soprar tambem na tuba da ironia (4).

(1) *Noticias do Norte*, 31 de maio, 8 e 10 de junho de 1905. Estes artigos, devo dizer em homenagem á verdade, que são um tanto tumultuarios e indecisos pela falta de elementos, quando os escrevi em Coimbra. Visavam especialmente a dar o alarme.

(2) O emprego subsequente do termo deve tomar-se n'este sentido.

(3) Dr. José de Sousa Machado, notavel investigador que sob o pseudonymo de *Amigo do Progresso*, publicou trez artigos no *Noticias do Norte* de 11, 13 e 14 de junho de 1905.

(4) *Noticias do Norte*, junho de 1905.

A cidade então vociferou e se porventura me avista, n'esse periodo temeroso d'animos incendidos, eu seria hoje para a archeologia um saudoso martyr da sua causa. Felizmente, a cidade não me avistou.

N'esta altura apparece a pyrotechnia providencial a diluir esta cólera sombria e turva. Com effeito, uma das peças de fogo de mais realce, queimadas n'uma das noites da festa celebre e tradicional do S. João, foi um *castello* que dois brigões disputavam entre as fumaras e cambiantes das fulgurações.

Um esforçava-se por derrubar a torre enquanto que o outro procurava mantel-a.

Venceu o primeiro, a torre cahiu. Este symbolico augurio pyrotechnico dispoz bem a cidade, não só por lisongear o seu desejo, mas tambem por lhe provocar satisfatorios abalos nas enxundias com as risadas que a incomparavel facecia do fogueteiro d'engenho tão inesperadamente suscitara.

No dia seguinte apparecia no diario portuense o meu artigo, já alludido (1).

A excitação da cidade novamente subiu. A minha impertinencia tornava-se insupportavel. Deveria pois ficar impune tão obstinado e acintoso estorvo?

Nunca! Não o consentiriam os brios altivos da cidade. Então, segundo informações authenticas que me foram enviadas para a lusa acropole da sciencia, alguns membros do commercio — essa honrada força viva da nação — imaginando interpretar o sentir unanime dos seus concidadãos reuniram-se no Atheneu para decidir do destino da importuna e retrograda pleiade archeologica.

N'esse conclave, mercantilmente justiceiro e augusto, cujos membros se preparavam para um lance que não desdisse dos grandes acontecimentos historicos, ficou assente expulsar de Braga os antiquarios rebeldes (sic).

Não sei que benemerita e piedosa eloquencia se compadeceu de nós e correu a converter-lhes aquelles façanhudos e vindicativos arrebatamentos em pipas d'abnegação e clemencia. Se não fôra este respeitado patrocínio, tão amavel quanto desconhecido, Braga teria assistido ao lancinante espectaculo d'um exodo com resaibos de tragedia biblica! No entanto, apesar da amnistia com generosidade concedida, ainda medito no illogismo da civilização de taes propugnadores do progresso que, depois de volvido um seculo sobre a Revolução Franceza, ainda pretendiam resuscitar uma scena terrifica das proscipções de Sylla, ou das da Republica florentina, ou das dos odiosos tempos da Reforma... e, ao cabo, não atino sobre qual dos grupos fosse o mais *maduro* (2).

(1) *Primeiro de Janeiro* de 24 de junho de 1905.

(2) Por *maduros* principiaram a designar-se os archeologos e adeptos.

Seguiu-se um periodo de treguas apparentes, e eu regressei a penates. Era em julho. Mal appareci logo fui apontado em publico, como o porta-estandarte do retrocesso e a todos os instantes solicitado a esclarecer e a discutir. Por fauces indignadas sahiam de roldão os argumentos d'ataque: a inutilidade, a inaccessibilidade, a carencia de valor artistico e de notaveis factos historicos, a preponderancia dos melhoramentos sobre a phantasia dos archeologos...

Por nossa banda respondia-se firmemente, embora fosse o mesmo que malhar em ferro frio.

Pela obsessão que dominava, fruste foi, na verdade, toda a replica sobre a util adaptabilidade do castello a um Museu, como o Carmo em Lisboa, S. João de Alporão em Santarem, S. Domingos em Guimarães; sobre o seu merecimento como documentação preciosa do passado para o estudo da architectura militar sob os pontos de vista estrutural e estrategico; sobre a impossibilidade de até ahi se tornar accessivel em virtude de o terem convertido em presidio e portanto forçosamente sequestrado á livre frequencia do publico; sobre a inevitavel ausencia de labores artisticos n'uma obra de guerra em que se requer uma rude segurança, consistencia profunda e sagaz disposição; sobre a inconveniencia de n'elle ver unicamente rumas de pedras sobrepostas sem attender ao espirito das gerações extinctas ali condensado e á suggestiva atmospheria que em sua volta palpita constituindo n'estas velhas reliquias o elemento inspirador e emotivo das obras d'arte...

Mas a cidade alheia a leituras e a estheticas, n'um desconcerto penoso, exigia a enumeração dos factos historicos, como se um monumento valesse e fosse digno de perpetuar-se apenas pela retumbancia de acontecimentos assignalaveis!!!

E todavia a historia accusa alguma coisa de memoravel, como a étape da infeliz aventura de D. Fernando, o leviano reinante; a celebre traição do alcaide ao Mestre d'Aviz que recolheu no castello o arcebispo de Compostella com a sua hoste e proclamou a soberania do rei castelhana...

Mas a cidade, não contente, citava Paris, a capital por excellencia culta e civilisada que antepõe a utilidade material á historica ou artistica demolindo inestimaveis edificios sem attender a outras considerações que não sejam as do seu correcto engrandecimento e aperfeiçoada modernisação!

E isto era accentuado por fórma tão seria e persuasiva que logo avocava no bom senso o sorriso enternecido por tamanha ingenuidade misturada com tanta vesania de grandezas. Braga e Paris vistas com toda a semcerimonia pelo mesmo prisma!

A incommensuravel desproporcionalidade na valorisação do solo e a inexprimivel differença na exigencia de cada um dos meios não se

tomavam em linha de conta, assim como as reconstituições e arquivos que em Paris se realisam.

A cidade n'um ultimo esforço de controversia lembrava a destruição da Bastilha!

Obcecada por esta especie de megalomania lastimosamente mostrava não ter percebido o sagrado e humanitario movimento de 89...

Entretanto a nosso lado novos paladinos tinham surgido (1): Mas a cidade esmorecera no debate e, de resto, como este não tinha passado além dos limites da terra acabou por não ligar importancia ao assumpto.

N'isto, o *Diario de Noticias* e *As Novidades* n'uma local endiabrada deram o signal de campanha na imprensa da capital (2).

D'ahi a dias o sr. Leite de Vasconcellos de passagem pelo Norte enviava ao Presidente do Conselho dos Monumentos Nacionaes um officio (3) em que, a bem dizer, a titulo de protestar contra o desbarato da cidadella affrontava o publico, petulantemente, com as revelações das maravilhas que os seus olhos tinham visto na Grecia e em Roma.

Além d'isso exhortava Braga, em phrase jeremiaca, a que não manchasse os seus pergaminhos e, erudito e benevolo, n'um arranque de esganiçada eloquencia, prevenia-a de que «a Camara Municipal procurava traçar um risco de tinta negra no seu brazão no qual precisamente se vê, em duas torres uma allusão ao monumento ameaçado».

Estas affirmativas, salvo o devido respeito por tal abelha mestra da archeologia, são guinadas arripiantes na sua objurgatoria flatulenta. O sisudo archeologo falhou deploravelmente com esta interpretação de uma allegoria de Santa Catharina, correcta e augmentada. Sua ex.^a, sempre d'uma severa, embora frequentemente desleal honestidade scientifica, levanamente acceitou, como authentica, a reprodução moderna, divulgada por lampeões e mercados e que dá ao brazão um caracter guerreiro, quando o é exclusivamente ecclesiastico. As torres a que sua ex.^a allude são as da Sé primacial distinctamente exhibidas na verdadeira *Insignia fidelis et antiquae Bracharae*.

Mas a cidade irritou-se com a intervenção do sr. Leite de Vasconcellos e com a noticia que circulou nas gazetas sobre a nomeação de uma commissão que viria *in loco* estudar o objecto da contenda e dar o seu parecer ao governo.

(1) *Folha do Minho, Commercio do Minho, Jornal de Braga* em quasi todos os numeros, Correspondencia de Braga para o *Jornal de Noticias* do Porto onde assiduamente e com ardor se defendeu o Castello. Cumpre tambem citar um artigo caloroso do sr. commendador Vieira Marques in *Jornal de Braga* de 27-VIII-1905.

(2) Publicados a 8 de agosto de 1905.

(3) *Noticias do Norte* de 20-VIII-1905.

Na imprensa appareceram os campeões adversos dos *maduros*. Eram os *verdelhões* que esgrimiam em letra redonda contra o monumento em dois jornaes de feição politica avançada (1). A elles se aggregou um semanario, commedido na primeira carga, mas já audacioso na segunda brandindo um rombudo florete da chalaça (2).

Nas nossas fileiras appareceu mais um graduado (3), e o sr. Fuschini mostrara-se á pasmaceira bracharense farejando o castello. Emquanto a commissão nomeada (4) resolvia, inclinando-se aos *maduros*, a pugna azedava-se (5) não levando os *verdelhões* a melhor. A cidade aguardava o veredictum do governo como quem espera em afflictiva angustia a decisão d'um oraculo augusto.

O orgão da politica governamental (6) que mergulhara n'uma congeminiencia insondavel tirou-se d'essa mysteriosa abstracção para vir á justa. Não logrou entrar na liça poisque o governo decidia seguidamente apresentando trez propostas á sancção da Camara Municipal.

Esta desejando conciliar todos os interesses e considerando a muralha occidental de pouca ou nulla valia archeologica sacrificou com ella os cubellos que a extremavam poupando a torre de menagem.

A cidade rejubilou com tal opção e não obstante o seu desejo intenso de que desaparecesse tambem a sentinella altaneira felicitava-se pela acertada resolução da municipalidade; e com tal plenitude de contentamento se patenteava, que parecia nunca haver tido outro intuito que não fosse a conservação do grande cubo de granito.

Mas ainda mais. Foi ella que espontaneamente buscou a reconciliação dando o exemplo da virtuosa fraternidade evangelica, esquecendo os resentimentos e afirmando até affectos pelas ideias até então extravagantes da *madureza*.

Commovedora esta serodia effusão de sentimentos!

Proferida a sentença (7) liquidou-se a peleja.

Readquirida então a fria serenidade que se segue á vehemente confusão dos prelios e em que se procede ao exame retrospectivo das accções inquiriu-se com curiosidade da interferencia do Conselho dos Monumentos Nacionaes, até á data inédito. Que fizera, que fazia, que

(1) Correspondencias de Braga para a *Voç Publica* e para o *Norte* do Porto.

(2) *Opinião* de 27-VIII-1905 e 3-IX-1905.

(3) Albano Bellino que publicou um artigo no *Commercio do Minho* de 31-VIII-1905.

(4) Composta dos srs. Rosendo Carvalheira, Abel Botelho, Director das Obras Publicas do Districto de Braga e 2 engenheiros.

(5) Veja-se o *Noticias do Norte* de 22, 24, 29 e 30 de agosto de 1905. A este jornal pela sua indomavel tenacidade na defeza do Castello foram retiradas muitas assignaturas.

(6) *Correio do Minho* de 5 de setembro de 1905.

(7) 4 ou 5 de setembro de 1905.

faria? Oh! podiam percorrer-se todos os tempos do verbo fazer que o Conselho não se mexia.

Essa esphingica entidade casmurrava. Ninguem a perturbasse pois n'esse entorpecimento meditabundo que ella apezar de tudo haveria de pronunciar-se.

E pronunciou-se com effeito a sebastianica corporação.

Aos agrestes e melancolicos arrepios outomniços dos principios de novembro deu signal de vida reunindo-se. Que resultaria d'este esforçado movimento? Coisa simples: um terceto formado pelos srs. Leite de Vasconcellos, Abel Botelho e conselheiro Fuschini. O primeiro enalteceu os seus proprios serviços, como é seu costume, em favor da torre de menagem; o segundo explicou a sua conducta; o terceiro leu uma *Memoria*—o trabalho de maior folego que se publicou sobre o castello.

Agora se comprehendia a modorra pachidermica do Conselho dos Monumentos. Este não quizera descer á barafunda enfadonha de quebrar lanças pelo veneravel baluarte julgando mais proveitoso encaixar-se na cogitação e elucidar agora o paiz com este escripto sibyllino devido á penna do sr. Augusto Fuschini como fica dicto (1).

Pela auctoridade que o escreveu e pelo numero de ideias originaes que contem tal trabalho teria um valor inaudito se não foram uns pequenos senões... Assim, o phantastico restaurador da Sé de Lisbôa, diz: «que o monumento deve datar do seculo XIII, sendo aliás muito provavel que varias reconstrucções aproveitassem trabalhos romanos»!... «que a elegancia da torre (de menagem) e a sua excellente construcção fazem suppor a hypothese de uma obra romana, hypothese que não é prejudicada pela existencia das siglas visto que apparecem nas construcções romanas...»; e por fim resolutivo e impavido declara «... a velha torre romana...»

A reputação scientifica do sr. Fuschini amesquinha-se com esta miseranda penuria de conhecimentos que não lhe permite distinguir o apparelho da cantaria romana do da medieval o que era facil aprender mesmo dentro de Braga.

Mas áparte este puxo d'erudição que faz periclitar o seu prestigio d'archeologo, o magnate do Conselho dos Monumentos avança com penetrante originalidade: «Na muralha peripherica é natural que existissem varias portas...»

Sua ex.^a não diz o fim de tantos rasgões, mas desconfio que fosse o de arejar a cidadella.

E continuando a desvendar o passado pontifica, cheio de solemnidade: «Em regra as portas das cidades medievaes eram constituidas por duas torres...»

(1) Foi extractado n'O *Seculo* de 27 de novembro de 1905.

D'esta regra porém ficaram as de Braga excluidas pois que todas tinham apenas um cubello, como se pode verificar da gravura exactissima da obra de George Braun de 1594 — *Urbium Praecipuarum mundi theatrum* e ainda d'uma visita attenciosa á terra dos arcebispos.

Por ultimo, illuminando com o seu saber immenso a densa ignorancia, que á sua volta paira, prosegue facundo: «Das portas da cidade as duas principaes deviam ser a de *Souto* e a de *S. Francisco*, ambas no extremo oriental da cidade...» «... de que faziam parte as torres n.^{os} 2 e 3...»

Esta sabedoria burlesca e brejeira não se coaduna, porém, com a verdade.

A porta de S. Francisco, cujo local onde se levantava ainda conserva este nome (1), ficava a noroeste de Braga em situação diametralmente opposta á que o sr. Fuschini aponta (2).

Ora, peio facto de ter existido uma porta de S. Francisco e pela coincidência de ficar juncto d'um dos torreões alludidos o templo da Ordem Terceira, o sr. Fuschini impulsionado pelo exotismo contumaz da symetria transporta-a visionariamente das proximidades da rua dos Biscainhos para ailharga do Castello!

Pena foi que sua ex.^a ao gestar esta descabellada invenção não reparasse no gesto das armas de S. Francisco esculpidas ao lado da citada igreja.

Tal estudo fulgido e exuberante no desconchavo era illustrado com o *Projecto de restauração do Castello de Braga* segundo a portentosa imaginativa do sr. Fuschini. Este projecto abrange apenas a parte occidental, agora arrasada.

N'elle se depara com a funambulesca reconstituição da muralha com duas aberturas e mais duas portas nos extremos sendo cada uma d'ellas flanqueada por dois torreões.

Com a mania do *pendant* tantas entradas e cubos pespega no Castello que este mais parece uma gaiola desafogada feita por um habilitado que uma fortaleza.

Eis em resumo o substancioso trabalho do sr. conselheiro — emérito interprete do saber official do paiz — e que acaba de ser perfilhado incondicionalmente pelo sr. Leite de Vasconcellos (3) outro luminoso mestre incapaz de bastante folego para produzir originariamente tão bastos disparates.

Emquanto o sr. Fuschini se dispunha a apresentar ao governo essa choruda peça de pavorosas locubrações cerebrinas, iniciava-se official-

(1) Entrada da Rua de D. Fr. Caetano Brandão.

(2) Veja-se a gravura da obra de Braun onde tem o nome de *Porta Limpa*.

Numa reprodução feita por Forjaz de Sampaio in *Memorias do Bom Jesus* já se designa *Porta de S. Francisco*.

(3) O *Archeologo Portuguez*, n.^o 10 a 12, vol. X, pag.375-378.

mente a demolição projectada entre as mais festivas demonstrações do estylo (1).

A Torre de menagem ficou, mercê da campanha feita. Ao seu lado porém ergue-se também um campanario hediondo que os valerosos pioneiros dos ideaes avançados deixaram incolume não obstante constituir o mais nefando symbolo da reacção e retrocesso.

Era necessario frisar em remate a logica d'esses combatentes que por uma forma desconnexa e inverosimil se esforçaram por eliminar o venerando padrão d'um dom precioso que levamos perdido — o da liberdade, autonomia e independencia locaes.

Braga, 1 de março de 1906.

MANOEL MONTEIRO.

Nota. — Além dos jornaes citados que interferiram na campanha do Castello a favor da sua conservação praticaria um acto de injusta gratidão se não especialisasse *O Primeiro de Janeiro* que porfiadamente e por uma fórma arguta e subtil defendeu a velha fortaleza.

Já depois da demolição iniciada, ainda o sr. Silva Bastos se referiu ao vandalismo em dois artigos publicados n'*O Diario Illustrado* e que foram reproduzidos n'*A Construcção Moderna*.

M. M.



(1) 16-IX-1905.

LIVROS

SILVIO REBELLO — *O perigo da syphilis*. — França Amado, editor — Coimbra, 1905.

Talvez uma historia veridica, talvez uma observação profunda da alma humana a narrativa, que brevemente passarei a contar, indica quanto ainda é preciso combater tenazmente para, até ao amago, modificar a natureza humana que só por excepção não apresenta, como mobil primordial a todos os seus actos, a *perversidade*, na tão justa observação de Poë.

A perversidade talvez só não surja a impulsionar um acto qualquer quando da realisação d'elle possa provir mal ao individuo. Porque então ergue-se o egoismo que paira acima de todas as crenças e detem a ideia perversa de realisação.

O egoismo forma a parte maior da base sobre que assenta toda a caridade... dar a esmola para ganhar o reino do ceu ou outro qualquer raciocinio tem sempre na analyse exacta a mesma intima composição, a mesma futura intenção.

Pois este egoismo que nos leva a proteger todos os desgraçados, a desinfecar todas as infecções, e a fazer encarcerar dentro de rigorosos preceitos de prophylaxia os tuberculosos, é neutralizado, com respeito a syphilis, por não sei que considerações de difficil observação. E assim campea o espirito perverso sem barreira ou compressa que o faça diminuir de intensidade.

Segue a historia promettida:

Contou-me uma vez um rapaz que a sua familia composta d'uns poucos de membros fortes e sadios, vendendo saude como vulgarmente se diz, contava tambem um pobre doente que se ia esfacelando pouco a pouco sob a acção roedora de uma doença que lhe manchava a pelle na côr desmaiada das folhas outomnaes: era a terrivel lepra. Passeava as horas tristes da sua triste vida, melancholico, lembrando nostalgico o tempo quando a doença ainda não afflorára em signaes caracteristicos na sua desgraçada epiderme.

Tempos idos de descuido e bemaventurança: ninguem fugia d'elle e o seu contacto não affligia mortalmente como hoje. Bastava, agora, que elle roçasse ao de leve as bordas d'um copo com os seus labios amarellecidos para que logo fôsse lançado o copo ao desprezo e ninguem mais, como se em veneno se transformara, o tocasse.

Pois esta alma unica na familia, segundo o depoimento do rapaz, de bondade pouco vulgar, no desespero mortal da doença, espreitava anciosamente a hora a que a meza já disposta para a refeição (onde o seu logar era afastado e solitario) só esperava a familia para ser servida e elle então surrateiramente introduzia-se na sala e o coração contente, d'uma alegria infernal, á pressa, atabalhoadamente, com medo de ser apanhado, esfregava as suas mãos pustulentas pelos pratos dos outros commensaes.

Depois, pensava talvez, não haveria distincções, todos seriam eguaes n'uma igual desgraça.

E' esta uma ideia mais ou menos acalentada pelos individuos da especie humana, é a expressão do pensamento citado por Silvio Rebello por alguém com respeito á syphilis — «a sua impossivel diffusão por já existir na humanidade toda.»

E' este espirito perverso que o livro de Silvio Rebello procura combater. E para bem frisar e tornar mais patente a necessidade de todos luctarem (os ainda não contaminados, contra a invasão do mal, os já atacados procurando rete-la dentro da sua individualidade) que Silvio Rebello abre o seu livro com um capitulo *Prophylaxia natural* onde trata a degenerescencia. Procura concluir que quasi todos os factores degenerativos tendem a eliminar os elementos degenerados sem affectar o typo medio, que continua sempre em extensão, continuo em character, a sua marcha ascensional.

Os individuos eliminados pela degenerescencia são excedentes, por assim dizer, que pelo seu desaparecimento não affectam antes saneam o nucleo dos saos e normaes e que, apesar da constante laboração, se conserva inalteravelmente com os mesmos caracteres distinctivos.

E assim a propria natureza se encarrega de conservar a normalidade da especie garantida pela eliminação dos elementos improprios.

Estes elementos são, diz o auctor, em pequeno numero e oscillam em limites relativamente acanhados.

Mas, conclue, que para certos estados morbidos infecciosos e hereditarios como a syphilis não se pode contar com esta limitação expontanea e isto devido principalmente a facil transmissão de individuo para individuo. E é devido a isto que os typos extremos, em via de aniquilação, vão augmentando em proporções assustadoras com prejuizo do nucleo dos transmissôres das características da especie. E' portanto preciso limitar por todas as formas a invasão crescente da syphilis.

Nos outros quatro capitulos (1), que completam o livro, trata o auctor profissionalmente a materia.

A minha apreciação n'essa parte podia ser taxada de pedante não sendo eu um profissional e só conhecedor *dilettante* do assumpto.

E' um livro que merece a pena ser lido a mais não ser para a aquisição da util e necessaria ideia; de que «o crime não está em ter-se syphilis, mas sim em transmitti-la».

ALVARO DE CASTRO.

Tarde e a más horas, por motivos imperiosos aqui exarados, venho dar conta da minha interrompida tarefa critica sobre alguns livros que me foram gentilmente enviados. Aggrava portanto hoje os salientes defeitos d'estas apreciações a falta d'actualidade d'ellas. Inoportunas talvez para o publico, espero que, ao menos, estas atrazadas linhas que diligenciarei abreviar, assegurem aos auctores d'esses volumes que não é uso meu esquecer obras que me remettam e que o meu silencio obstinado apenas significou ausencia e nunca pouco caso.

(1) Prostituição, Origem da syphilis, Devastações da syphilis, A syphilis nos laboratorios.

Posto isto á guiza de desculpa, passo aos livros, que são :

M. TEIXEIRA GOMES — *Sabina Freire* (comedia em 3 actos). — Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira. Lisboa — 1905.

LOPES D'OLIVEIRA — A caminho da verdade — I — *A Justiça e o Homem*. — Empreza Editora d'O Ensino. Coimbra — 1905.

JOAQUIM MADUREIRA — *Impressões de Theatro* (cartas a um provinciano e notas sobre o joelho) — 1903-1904. — Ferreira & Oliveira. Limitada, editores. Lisboa — 1905.

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA — *Parábolas*. — Ferreira & Oliveira. Limitada, editores. Lisboa — 1905.

A *Sabina Freire* de Teixeira Gomes é uma nova maneira litteraria d'esse intenso temperamento fogoso d'artista ou, talvez diga melhor, é a applicação a um genero diverso da imaginosa e magnifica prosa que tão bello auctor sabe fazer como ninguem entre nós e que, entre as retalhadas colchas dos estylos em voga, tem toda a sadia belleza d'um tecido uno, sem adulteração e sem remendos.

Naturalmente que esse estylo cuidadissimo e ameno, cheio de scintillancia e frescôr, excede ás vezes, porque se lhe sobrepõe, a expressão dos personagens d'esta sua primeira peça.

De modo que esse trabalho theatral a que, por um capricho litterario, o auctor insistiu em chamar comedia, sendo legitimamente uma tragedia á moda das de G. d'Annunzio, pécca aqui e além, pela excessiva, desbordante imaginação do auctor que, creando em estheta scenas, para si e para alguns, de suprema belleza, engendra contra o dramaturgo situações pouco logicas.

Dominando, avultante e vincada com uma energia admiravel, traçou o auctor, dentro da mais possivel realidade, num vigôr profundo de analyse, o typo de D. Maria Freire que é uma das mais curiosas, imprevistas e verdadeiras figuras do moderno theatro portuguez.

Completamente observada, estrictamente definida, essa personagem, dada toda em grandes pinceladas naturalisticas, reivindica para si toda a luz e todo o valor da peça e as outras, em que ha, por vezes, soberbas satyras, tem de reconhecê-la superior como concepção de theatro.

E' esta velha D. Maria a mais nacional das figuras que Teixeira Gomes tem estampado em livros. Artisticamente costumado a notular paizagens estranhas e caracteres de fóra, elle concentrou nessa toda a sua poderosa observação de algarvio amavel; e esquecendo o cosmopolitismo, quasi o seu segredo d'arte, á vida, á provincia portugueza é que elle foi buscar-lhe o corpo e a alma. Ao lado d'essa primorosa victoria d'um artista as outras se escurecem e se aleijam.

Os typos de Sabina e de Julio Freire são, por exemplo, dois typos de viagem. Foi decerto em aventuras surprehendidas ou adivinhadas nos grandes labyrinthos da Europa, que Teixeira Gomes os agarrou. E se Sabina é um fructo facil da travessia das civilisações, Julio, por ter baptismo nacional, fica talvez isolado neste meio restricto em que, por bem ou mal, não se encontram com facilidade esses temperamentos

de esthetas abastados e *noceurs*, carregando para a terra e demais para a intimidade acatavel do lar materno, o famoso mas equivoco fardo d'uma estrangeira elegante e aventureira.

A propria sancção d'esse attentado encontra-se no terrivel, precipitado, desfecho venenoso. E a proposito d'estes dois frascos mortiferos, que Sabina herdou do pae num collar, eu direi que o proprio auctor achou tão abusivamente romantico esse destrambelho que, na nota que encerra o volume, riu elle proprio de que outros o podessem ter supposto convencido ao empregar tão fulminante agente.

Emfim é a *Sabina Freire* uma obra agradavel em toda a sua linha caprichosa ; valiosissima e pouco igualada na figura de D. Maria, e assignála no seu auctor, como todas as outras, uma das mais completas e vibrateis organisações de artista da sua epocha.

*

A Justiça e o Homem de Lopes d'Oliveira é um ligeirissimo e pretencioso trabalho academico que, entre uma pilha de universitarias dissertações, poderá merecer os lacinhos vermelhos mas, ao lado de outros estudos de Lopes d'Oliveira nada lhe augmenta os creditos. Feito com uma evidente precipitação, apoiando-se em passagens curtas, raciocinando apressado dentro d'uma vasta concepção que precisaria documentar-se, citando com convicção curiosa as poeticas e lapidadas mas controversissimas theorias de Junqueiro, é um livro inferior inteiramente aos bellos dotes criticos de Lopes d'Oliveira que, faço-lhe essa justiça, já o esqueceu e que portanto eu não tenho interesse nenhum em lembrar.

*

As *Impressões de Theatro* são, amenisadas por uma illustração abundantissima, as chronicas theatraes de Braz Burity n'*O Mundo*. Sabida é a paixão do sr. Madureira pelo theatro e a maneira especial da sua prosa arvezada que dá, de longe em longe, a ideia de um descarrilamento litterario.

Trata, com originalidade de vistas e vigor accentuado de pulso, toda a epocha theatral de 1903-1904 e ha nesse livro interessante, paginas vehementes e sinceras contra o constante mau gosto dos nossos emprezarios, a obsoleta carneirice das plateias e o proverbial desacerto de muitos interpretes.

É um livro *sui-generis* cujas opiniões podem, em certos pontos, como o melhor bacalhau, pôr-se de molho, mas em que é forçoso e agradavel elogiar a rizeja dos ataques e a desassombrada valentia das opiniões.

*

O Sr. Correia d'Oliveira — o commovido e simples auctor do *Auto do Fim do Dia* — é um caso curioso de poeta nos seus ultimos livros que se succedem com pontualidade.

Na crescente, intrincavel complicação de sensações modernas, no complexo de conhecimentos hoje em dia exigíveis a um homem d'arte — elle tomou o partido de se affastar litterariamente de todo esse movimento e como um pastor que sentado numa penha vae soprando deleitado notas sem nexo, numa flauta de canna, elle encarrapitou-se, dentro dos seus livros, numa penha rudissima de ignorancia do mundo e continua a fazer livros com tão insignificantes cantigas que todas as suas obras parecem estreias d'um imberbe poeta.

Nos seus livros elle é um poeta á margem da vida; querendo ser simples só consegue ser affectado; tentando cantar á moda do povo dá a patusca ideia d'um homem de chapéu alto a varejar azeitonas. Ha em toda a sua moderna obra um prurido accintoso de ignorar a arte, a vida, a poesia. Sendo um homem de cidade, privado portanto da pura inspiração dos seus primitivos livros, e desprezando completamente essa cidade em toda a sua febre moderna, esse antigo poeta só tem feito ultimamente coisas banalissimas sem sentimento nenhum para os que as lêem.

Demais o sr. Correia d'Oliveira chegou em arte, pelo que se surprehende dos seus livros, áquelle perigosissimo periodo em que um auctor se convence da excellencia de tudo quanto faz o que é quasi uma maneira de prodigalisar poesia por conta do lavrador...

É o caso das *Parabolas* em que se archivaram, com cuidados de trapeiro, todas as tentativas para uma quadra unica que se ambicionava e que se publicaram em feira. Assim a *Liberdade* (pag. 103) :

Liberdade, liberdade
Livro de boa doutrina
Mas quantos lêem por cima
O que ella tão fundo ensina...

Esta quadra modelada na popular trova das *Carvoeiras* :

Liberdade, liberdade
Quem a tem, chama-lhe sua.
.....

completã-se com outras parecidas em que o mesmo pensamento é expresso com pequenas variantes, onde se reconhecem as notas para uma quadra unica que as contivesse e que se não chegou a poder fazer.

A simplicidade em arte — toda a gente o sabe — não é fazer coisas como o povo ás faz porque não pode dar mais, é conseguir reduzir a complexidade a fórmas singelas. A maior simplificação é a mais completa das operações artisticas, pelo trabalho da eliminacão de todo o superfluo, da reduccão ao indispensavel; e nunca a escolha de banalismos foi simplicidade artistica.

Eu não conheço nada ultimamente publicado tão ridiculo como esse enyigma a *Consciencia* que remata uma serie de quadras, cuja primeira torna a lembrar as *Carvoeiras* :

Consciencia certa e bôa
Quem a tem chama-lhe sua.
.....

Sinto não poder alargar o artigo para documentar mais as minhas afirmações. Como o sr. Correia d'Oliveira é um poeta que nos seus livros faz garbo de ignorar tudo quanto cheira a litteratura e arte — e que, quero crêr, elle sendo um artista curioso como todos, de facto não desconhece — sendo elle, nos seus livros, o poeta a quem, estou certo, o maior elogio seria o de se lhe dizer como d'um saloio vulgar : não sabe nada, não leu nada, não aprendeu nada, faz tudo por intuição, eu, querendo fechar com uma citação, andei atraz d'um *simples* e como o Pires Ginão ou o *Borda d'Agua* nada me forneceram para o caso, ahi vae um conselho do collega Lafontaine que soube comprehender bastante melhor do que o sr. Correia d'Oliveira, que a simplicidade em arte só pôde ser apparente e fructo d'uma profundeza meditada. Ahi fica !

Loin d'épuiser une matière
On n'en doit prendre que la fleur.

Serviu de divisa, e não sei se ainda serve, ao *Almanach de Lembranças Luzo-Brazileiro...*

*

FERNANDO REIS — *Cidade Nova* (romance dos tempos modernos). — Livraria editora Viuva Tavares Cardoso. Lisboa — 1905.

Este livro que é a estreia em romance d'um critico conhecido com largo tirocinio, desenvolvendo um trecho bem observado mas discutivel, impõe-se entre a banalidade costumeira dos volumes congêneres pelo vivificante calôr da ideia que tem dentro e que nas ultimas paginas se vehementa numa forte commoção. Essa *cidade nova* em que os homens compenetrados e cumpridores d'uma maior solidariedade exaltem a vida á altura d'uma sincera confraternisação de bondade e d'amôr, essa cidade ideal a quem a heroína, transformada pela falta d'um perverso e pelos conselhos d'um honesto que morre, pretende criar no filho um habitante, essa cidade que é afinal o sonho eterno dos idealistas e dos reformadores, é a ideia capital do romance.

Servindo-se da sua tendencia raciocinadora, que bastante o prejudica no romance, Fernando Reis disserta amplamente sobre a these do livro que evidencia a toda a luz.

O argumento é nobre e digno, toda a força d'um ideal o auréola, mas o entreccho pecca, aqui e além, por essa necessidade quasi inevitavel de se vergarem as personagens á ideia que têm de exprimir. Assim aquella Judith fraca e ignorante transforma-se de repente numa discursante evangelisadora de ideias novas. Os dois homens que a conquistam, um pelo espirito depois de morto, outro pela astucia antes do abandono, são afinal dois typos unilateraes que quasi compromettem a ideia do auctor, pois será necessariamente da integração no organismo sadio do Matta das noções justiceiras de João de Souza que resultará biologicamente o triumpho dos novos, melhores seres que o auctor ardentemente prognostica.

Elogiada sem reservas a alta ideia do livro, annotadas as inconsequencias do entrecho, só me resta dizer que a fôrma foi o peor inimigo que Fernando Reis teve a vencer e nem sempre o conseguiu; realmente o seu estylo é duro e pesado, não evoca, nem suggestiona — antes insiste demasiado em pormenores enfadonhos.

Apenas, com uma saliente viveza de traço e poder de observação, com cuidado e pittoresco, fez o auctor o capítulo do Senhor da Serra que, em descriptivo não encontra egual no livro. De resto não se passa assim, sem as desculpaveis hesitações d'uma estreia, da aridez reflectida da prosa critica ao colorido evocador do estylo de romance e é por isso decerto que a *Cidade Nova* não é inteiramente um bello livro.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

ARCHER DE LIMA — *Vision du Calvaire* — Poëme dramatique, en vers — 1905.

Agradecemos ao Bureau Internationale de Littérature a remessa d'esta *plquette* e do livro de Manuel Verdugo, de que fallaremos mais adiante. O poema do sr. Archer de Lima é escripto em francez. E uma nota manuscripta e rubricada por esse senhor avisa-nos de que «*les vers signalés représentent les transcriptions européennes*» (sic). Com effeito, varias passagens da *Vision du Calvaire* estão sublinhadas a lapis azul. Como não duvido da affirmação do sr. Archer de Lima, antes acredito n'ella a olhos fechados, curvo-me reverentemente diante da opinião da Eurôpa, decerto mais importante do que a minha. E permitto-me apenas observar, com timidez, de que a lingua de que usa o sr. Archer de Lima sendo de certo um francez cosmopolita e internacional, não sôa bem aos ouvidos do admirador fanatico de Corneille, de Victor Hugo e de Anatole France que eu julgo ser.

Da concepção do poema — direi que é tão nebulosa, tão nebulosa que não posso resolver se a devo attribuir a um homem de genio ou ao sr. João Bezelga. Talvez a ambos... Mas a Europa decidirá! . .

MANUEL VERDUGO — *Hojas* — 1905.

Livro d'estreia, este feixe de poesias desprezenciosas tem todos os defeitos de uma obra de mocidade.

Ora romantica, ora symbolista, não nos deixa caracterisar nitidamente o talento do auctor. Mas aqui e alli apparecem imagens novas e originaes, como no «*Jardim Disierto*», na «*Tarde*», nos «*Contrastes*». Espero que um futuro livro de Manuel Verdugo me dê azo a saudar n'elle um poeta a mais na ala, já tão brilhante, dos modernos escriptores hespanhoes.

SILVA PASSOS — *O Evangelho Novo* — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso — 1905 — Lisboa.

Livro generoso e sincero, mas prejudicado por uma technica imperfeita e pelo desejo evidente de querer fazer um volume de 300 paginas; e, por isso mesmo, cheio de repetições inuteis e sem justificação. Não quer isto dizer que eu não reconheça um certo talento ao sr. Silva-Passos; queria-o ver, porem mais seguro da sua Arte e menos useiro e vezeiro em apostrophes insignificativas e em tiradas de rethorica. Siga o exemplo de Gomes Leal — nas suas obras perfectas — e o de Junqueiro, se quer vir a ser um bom poeta d'Indignação; esta não repudia nem a sobriedade nem a simplicidade; e os dois poetas citados mostram-n'o sobejamente.

Ao sr. Silva-Passos os nossos mais vivos agradecimentos pela sua amavel dedicatória.

A edição do *Evangelho Novo* é correcta e simples.

ANNA DE CASTRO OSORIO — *As Mulheres Portuguezas* — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso — 1905 — Lisboa.

A sr.^a D. Anna de Castro Osorio, reunindo em volume as suas opiniões sobre a actual situação da mulher portugueza, prestou-lhe um bom serviço. N'uma prosa corrente, mas d'agradavel leitura, trata de todas as questões que a podem interessar — do casamento, da educação dos filhos, da instrucção feminina, etc., etc. O que eu mais aprecio n'este livro é que a sua auctora, mesmo no capitulo *Feminismo*, nunca se esquece de que é mulher e de que deve ensinar as suas companheiras a sê-lo inteiramente e absolutamente; isto é, não as *desfeminisa*, não quer que ellas, conquistando os direitos que julga pertencerem-lhes, percam de vista os seus deveres naturaes, procurando imitar o homem em tudo e por tudo. Isto é muito interessante e muito para applaudir: o que faço com o maior prazer, recommendando a leitura d'este livro a todos quantos se preoccupam com o problema feminino em Portugal.

A edição é elegante e cuidada.

JOÃO DE BARROS.

Recebemos e por apremios de tempo e espaço deixamos de critica-los como alguns mereciam, os seguintes livros que agradecemos:

Eduardo de Noronha — *No Brazil*.

Alberto Campos — *O Livro de um jornalista*.

Alfredo Gallis — *Os Martyres da Virgindade*.

Cesar Porto — *Terra Virgem*.

Joaquim de Araujo — *O Fr. Luiz de Souza de Garret* — com um prefacio de Theophilo Braga.

CORREIO

Da Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 5, Largo de Camões, 6, Lisboa recebemos mais os seguintes livros, que muito agradecemos:

Anecdotes de Reis, Principes, etc. — compiladas por *Faustino da Fonseca*.

Leão Tolstoï — *Sebastopol* — novella — traducção de Joaquim Leitão.

C. Albin de Cigala — *Urbi et Orbi* — traducção de Joaquim Leitão.

Traducções :

Tolstoï — *A Morte* — trad. de Joaquim Leitão.

Harding — *A Porta do beijo* — trad. de Joaquim Leitão.

Rosny — *Vamiré* — trad. de Candido de Figueiredo.

Ultimas novidades litterarias editadas pela

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOÃO R. DE MOURA MARQUES

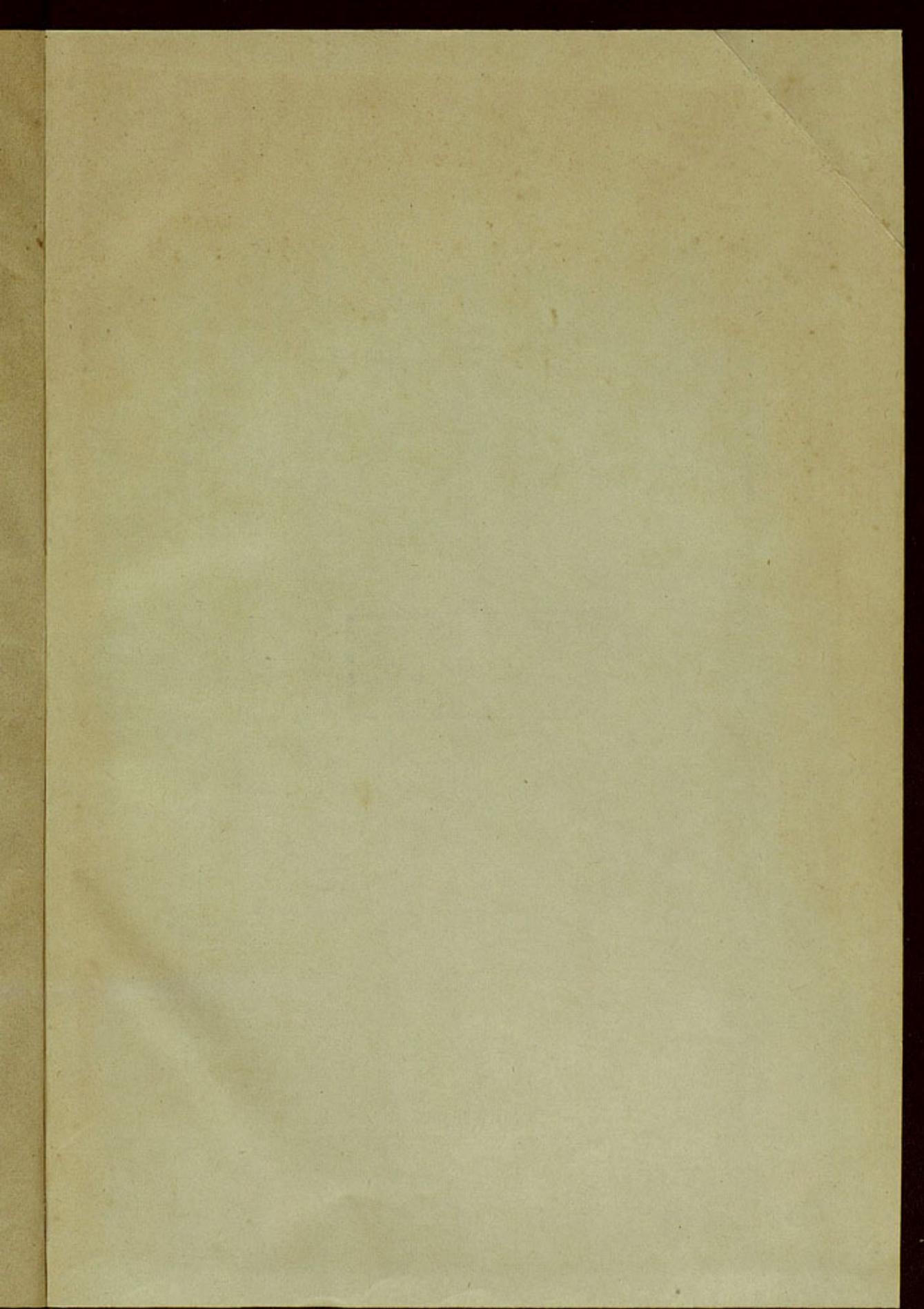
171, R. Ferreira Borges, 173 — COIMBRA

A. X. LOPES VIEIRA — Livro das mães, 1 vol. broch..	500 réis
MANOEL DE SOUSA PINTO — A unica verdade (drama em 2 actos) 1 vol. broch.	300 »
LADISLAU PATRICIO — Livro simples, 1 vol. broch. .	400 »
ALFREDO PRATT — O divino poeta, ensaio critico sobre Almeida Garrett, 1 vol..	300 »
MARIO MONTEIRO — Angelus	100 »
MARIO MONTEIRO — Alcacer Kibir	100 »
JOÃO AYRES D'AZEVEDO — Estudos feministas—I— A mulher, 1 vol.	500 »
MANUEL DA SILVA GAYO — Poesias escolhidas, 1 elegante vol.	500 »
EDUARDO D'ALMEIDA — Na lama, romance social, 1 vol.	500 »
FERREIRA AUGUSTO — Anotações á legislação penal mais importante e que não está codificada, 2 vol. grossos, in 8.º	27400 »

ACADEMIA DE CIENCIAS E LETRAS

MEMORIA DE ...

Alcázar



BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE

14 DEZ. 1973

COIMBRA

